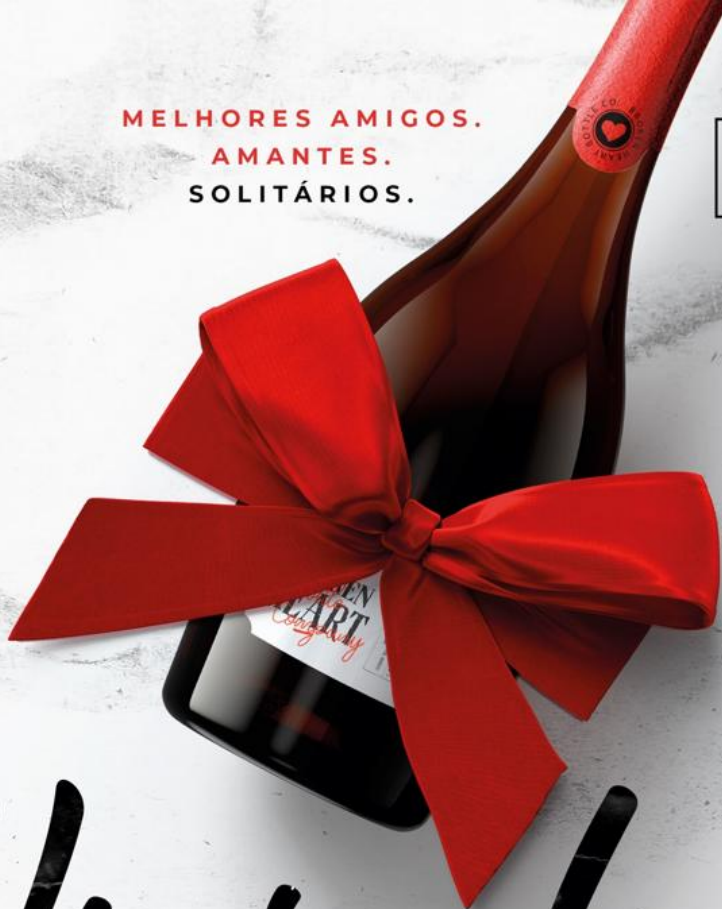


b
EDITORA

MELHORES AMIGOS.
AMANTES.
SOLITÁRIOS.

18+



Viciado

por enquanto

AUTORAS BESTSELLER DO NY TIMES
**KRISTA & BECCA
RITCHIE**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

b
EDITORA

MELHORES AMIGOS.
AMANTES.
SOLITÁRIOS.

18+



Viciado por enquanto

AUTORAS BESTSELLER DO NY TIMES
**KRISTA & BECCA
RITCHIE**

MELHORES AMIGOS.
AMANTES.
SOLITÁRIOS.

Viciado

por enquanto

AUTORAS BESTSELLER DO NY TIMES

KRISTA & BECCA
RITCHIE

VICIADO POR ENQUANTO

Copyright © 2013 K.B. Ritchie

Copyright © 2023 Editora Bezz

Título original: *Addicted for Now*

Tradução: Nany Hart

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Capa Original: Twin Cove Designs

Capa adaptada: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Ritchie, Krista & Becca

Viciado por Enquanto (série Addicted)/Krista & Becca Ritchie; Tradução: Nany Hart. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2023.

Sobre <i>trademark</i>TM: a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o direito de usar suas marcas e logotipos, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

AVISO DA EDITORA

Esta é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os das autoras e da editora. O livro pode servir de gatilho para pessoas sensíveis por conter *descrições eróticas explícitas; linguagem indevido; situações de angústia e ações de vícios em alto grau, e comportamento antiético de profissional da saúde*. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas.

Indicado para maiores de 18 anos.

AGRADECIMENTOS

A dúvida é o maior inimigo de um escritor e, sem o apoio e o incentivo da família, dos amigos e, principalmente, de nossos leitores, não teríamos reunido coragem para continuar, muito menos começar a derrotar este nosso maior adversário.

Somos gratas de coração a todos os leitores que divulgaram a série, que compartilharam o livro com outra pessoa, que simplesmente nos disseram algumas palavras gentis. Seu apoio é mais do que apreciado. Vamos nos lembrar disso cada vez que iniciarmos um novo capítulo e enfrentarmos um novo inimigo.

Por dar uma chance a Lily e Lo e acreditar que eles merecem um ‘felizes para sempre’, vocês são os super-heróis desta história. É preciso um leitor corajoso para ficar ao lado de Lily e Lo e se comprometer a ver sua jornada. Você ficou ao lado deste casal em alguns de seus pontos mais baixos e batalhas mais difíceis e, por isso, agradecemos.

PRIMEIRA PARTE

*As pessoas falam sobre você como se você fosse Jesus, mas você não é.
Você só faz os milagres para se salvar. O que meio faz de você o oposto de
Jesus, não?*

-Satânico (Julian Keller) X-Men: Legacy
Vol. 1 242

CAPÍTULO 1

Lily Calloway



De todos os dias do mês, tenho que ficar presa no trânsito naquele que significa mais para mim. Tento não importunar Nola, a motorista da minha família, em nossa estimativa de chegada para a casa que divido com Rose. Em vez disso, eu me mexo ansiosamente no assento de couro e rapidamente mando uma mensagem para minha irmã.

Ele já está aí? Por favor, diga que não, por favor, diga-me que não perdi o retorno dele. Devo esperar na varanda branca de nossa casa isolada em Princeton, Nova Jersey: muitos acres de terra exuberante, uma piscina azul cristalina, persianas pretas. A única coisa que falta é a cerca de piquete. Devo levá-lo para um *tour* pela aconchegante sala de estar e pela cozinha de granito, levando-o escada acima para os quartos, onde durmo. Ele não ficará em nenhum dos dois quartos. Não, ele vai ficar no meu pela primeira vez.

E talvez o constrangimento persista com a ideia de dividir uma cama e um banheiro dia e noite, com a ideia de coabitar além de uma cozinha. Nosso relacionamento será cem por cento real, e não haverá drinks de *bourbon* ou *whiskey*. Eu poderei dizer *para não fazer isso*. E ele será capaz de segurar meus pulsos, impedindo-me de chegar ao clímax compulsivamente até que eu desmaie.

Devemos ajudar um ao outro.

Nos últimos três meses, é isso que planejamos. E se eu não estiver lá para cumprimentá-lo, então já erreí de alguma forma. Depois de três meses inteiros separados fisicamente, pensei que seria capaz de fazer isso direito – a

celebração de seu retorno da reabilitação. Além de querer desesperadamente tocá-lo, que ele me segure em seus braços, sinto uma súbita onda de culpa. *Por favor, chegue atrasado como eu, é tudo que penso.*

O texto apita e abro a mensagem, um nó apertando meu estômago.

Rose: *Ele está desfazendo as malas.*

Meu rosto cai e um caroço sobe à minha garganta. Posso apenas imaginar sua expressão quando ele abriu a porta do carro, esperando que eu jogasse meus braços em volta dele e começasse a chorar em seu ombro com sua chegada. E eu não estou lá. *Ele estava chateado?* Retorno.

Mordo minhas unhas, meu mindinho começando a sangrar um pouco. O hábito fez meus dedos parecerem horríveis nos últimos noventa dias.

Rose: *Ele parecia bem. Quanto tempo mais você vai levar?*

Ela deve odiar ficar sozinha com ele. Eles nunca foram bons amigos desde que escolhi passar mais tempo com Lo do que com ela. Mas ela teve a gentileza de permitir que ele ficasse conosco.

Talvez dez minutos. Depois de enviar uma mensagem para ela, percorro meus contatos e chego a Lo. Hesito antes de digitar outra mensagem rápida: *Sinto muito. Estarei aí em breve.*

Cinco lentos minutos se passam sem resposta, e me contorci tanto no banco que Nola pergunta se ela precisa parar em algum lugar para que eu possa usar o banheiro. Recuso. Estou tão nervosa que minha bexiga provavelmente não funcionará corretamente, de qualquer forma.

Meu telefone vibra na minha mão, estourando meu coração na minha caixa torácica.

Lo: *Como foi no médico?*

Rose deve tê-lo informado sobre o motivo da minha ausência. Marquei minha consulta com a ginecologista há quatro meses porque ela está lotada, e eu teria cancelado se achasse que poderia marcar uma consulta em breve. Mas isso é duvidoso. E não ajudou em nada o fato de minha ginecologista ser perto da Universidade da Pensilvânia, em Filadélfia, nem mesmo perto de Princeton, onde moro agora. Ter que dirigir de volta consumiu todo o meu tempo.

Tive que esperar cerca de uma hora. Ela estava com o atendimento atrasado. Envio a mensagem.

Depois de um longo momento, uma nova mensagem pisca.

Lo: *Está tudo bem?*

Ah, era isso que ele estava perguntando. Estou tão obcecada por perder sua chegada que não pensei que ele estivesse preocupado. Eu digito de volta: *Sim, parece que estou bem.* Eu me encolho, imaginando se essa foi uma resposta estranha. Basicamente, acabei de dizer que minha vagina parece bem – o que é meio estranho.

Lo: *Até breve*

Ele sempre mandou mensagens breves e, agora, estou xingando-o por isso. Minha paranoia cresce e a pressão no meu peito não diminui. Agarro a maçaneta da porta, prestes a enfiar a cabeça para fora do veículo em movimento para vomitar. Dramático, percebo, mas com a nossa situação – um alcoólatra em recuperação e uma viciada em sexo em dificuldades – somos tudo, menos mundanos.

Noventa dias inteiros se passaram e eu permaneci fiel a Lo. Fui a uma terapeuta. Mas o sexo ainda consegue me fazer sentir melhor, mascarando outras emoções e preenchendo um vazio profundo. Estou tentando encontrar o tipo de sexo saudável e não o tipo de sexo compulsivo tenho-que-transar-todos-os-dias. Ainda me sinto desconfortável em falar sobre isso, mas pelo menos fiz progressos da mesma forma que Lo fez na reabilitação.

Minha mente gira até que Nola estaciona na minha garagem. Todos os pensamentos vão para outra dimensão, e aturdida, agradeço e saio do carro. Hortênsias roxas emolduram a casa de três andares, cadeiras de balanço enfileiradas na varanda e uma bandeira americana pendurada em um poste de metal perto de um salgueiro-chorão.

Tento inalar a tranquilidade e enterrar minha ansiedade, mas acabo me engasgando com o pólen da primavera, tossindo no braço. Por que a estação mais bonita também tem que ser a mais desagradável?

Eu não deveria hesitar no jardim da frente. Deveria correr para dentro e finalmente tocar o homem que atormenta minhas fantasias. Mas me pergunto

o quão diferente ele parecerá pessoalmente. Preocupo-me com o constrangimento de estarmos separados por tanto tempo. Será que vamos nos encaixar da mesma forma que costumávamos? Vou sentir o mesmo em seus braços? Ou tudo será irremediavelmente diferente?

Reúno um pouco de coragem para seguir em frente. E quando subo a varanda, a porta se abre. Congelo no degrau mais alto e vejo a porta de tela bater na lateral da casa. Então ele surge, vestindo jeans escuro, uma camiseta preta e um colar de ponta de flecha que dei a ele em seu aniversário de 21 anos.

Abro a boca para dizer alguma coisa, mas não consigo evitar que meus olhos passem por cada centímetro dele. A maneira como seu cabelo castanho-claro está penteado, cheio em cima, mais curto nas laterais. Suas maçãs do rosto afinadas, fazendo-o parecer mortal e lindo. A forma que ele estende a mão e esfrega os lábios, como se esperasse que eles tocassem os meus. Ele varre meu corpo com a mesma impaciência, e então sua cabeça se inclina para o lado, nossos olhos finalmente se encontrando.

— Oi — Ele diz, abrindo um sorriso de tirar o fôlego. Seu peito desce pesadamente, quase em sincronia com meu ritmo desigual.

— Oi — Sussurro. Uma grande distância nos separa, lembrando-me de quando ele partiu para a reabilitação. Dar um passo e diminuir a lacuna é como rastejar em um ângulo de noventa graus. Preciso dele para me ajudar a chegar ao topo.

Ele dá um passo para perto de mim, quebrando a tensão. Todas essas sensações explodem em minha barriga. Eu o amo tanto. Senti tanto a falta dele. Por três meses, senti a dor de estar separada do meu melhor amigo enquanto tentava lutar contra minhas compulsões sexuais. Eu precisava que ele me dissesse que tudo ficaria bem.

Precisava dele ao meu lado, mas nunca o tiraria da reabilitação para meu benefício, não quando isso prejudicaria sua recuperação. E quero que Lo seja saudável mais do que tudo. E quero que ele seja feliz.

— Estou de volta — Ele murmura.

Tento conter minhas lágrimas, mas elas fluem de má vontade, escorrendo das dobras dos meus olhos. Eu deveria estar saindo da porta para cumprimentá-lo, e ele deveria ser aquele que se demorava nas escadas da varanda. Por que estamos tão atrasados o tempo todo?

— Sinto muito — digo a ele, enxugando os olhos lentamente. — Eu deveria estar aqui há uma hora...

Ele balança a cabeça e franze as sobrancelhas querendo dizer: *não se preocupe com isso*.

Eu o encaro novamente com um aceno de cabeça mais confiante. — Você parece bem. — Não posso dizer que ele está sóbrio, exatamente. Ele não perdeu aquele olhar... aquele que parece beijar minha alma e me prender completamente. Mas não está derrotado, murcho ou magro. Na verdade, tem mais músculos, seus bíceps extremamente definidos. E depois de uma sessão do *Skype* há algum tempo, sei que todo o corpo dele combina com aqueles braços.

Espero que ele diga *você também*, mas seus olhos me acompanham mais uma vez, e observo como seu peito desmorona e seu rosto se contorce de dor.

Eu pisco. — O que é? — Olho para o meu corpo. Uso jeans e uma camisa em decote V folgada, nada fora do comum. Pergunto-me se derramei café no meu jeans ou algo assim, mas não consigo ver o que ele está notando.

Em vez de me dizer o que o preocupa, ele se aproxima, a dor profunda em seus olhos me assustando. O que eu fiz de errado? Eu me afasto para trás — uma reação que dificilmente teria previsto para hoje. Quase tropeço descendo as escadas, mas seu braço envolve minha cintura, puxando-me para seu peito, salvando-me de uma queda na grama abaixo.

Seu calor me prende, e agarro seus braços, com medo de soltá-lo. Ele olha intensamente antes de seu olhar descer para os meus braços... minhas mãos. Ele tira uma de seu bíceps, seus dedos deslizando sobre os meus, roubando o ar direto dos meus pulmões. Ele levanta minha mão entre nós e, em seguida, levanta meu cotovelo, dando-me uma boa visão do meu braço.

Meu peito afunda, percebendo a fonte de sua confusão e mágoa.

— Que diabos, Lil? — Ele diz.

Arranhei meu braço em carne viva durante a última sessão de terapia ontem, e um vergão vermelho feio provavelmente vai cicatrizar amanhã. Mesmo com unhas roídas e nojentas, consegui irritar minha pele.

Lo inspeciona minhas unhas, seu nariz queimando para conter ainda mais emoções.

— Estou bem. Eu estava apenas... ansiosa ontem. A terapia foi mais difícil. Você estava voltando para casa... — Não quero falar sobre isso agora. Quero

que ele me segure. Quero que nosso reencontro seja épico – digno de *Diário de uma Paixão*. E minha estúpida ansiedade e mau hábito arruinaram o resultado perfeito que imaginei. Recupero minha mão e toco seu queixo, forçando-o a parar de se concentrar em meus problemas. — Estou bem.

As palavras parecem um pouco falsas. Não estou cem por cento bem. Esses últimos três meses foram um teste no qual eu poderia facilmente ter falhado. Às vezes, pensei que desistir era melhor do que lutar. Mas eu consegui. Estou aqui.

Lo está aqui.

Isso é tudo que importa.

Seus braços de repente deslizam em volta das minhas costas, e ele funde meu corpo ao dele. Seus lábios roçam o topo da minha orelha, enviando arrepios em espiral pelo meu pescoço. Ele sussurra: — Por favor, não minta para mim.

Meu queixo cai. — Eu não... — Mas não consigo terminar porque as lágrimas começam a se acumular, queimando enquanto descem. Agarro seus ombros, segurando-o com mais força, com medo de que ele planeje se afastar e me deixar quebrada na varanda. — Sinto muito — Engasgo. — Não vá...

Ele recua, e eu me agarro com mais força, desesperada e com medo. Ele é uma tábua de salvação que não consigo quantificar ou articular. Dependendo dele mais do que qualquer garota deveria depender de um garoto, mas ele tem sido a espinha dorsal da minha vida. Sem ele, vou cair.

— Ei. — Ele segura meu rosto em suas mãos. Seus olhos vidrados me trazem de volta à realidade. Ao fato de que ele sente minha dor assim como eu sinto a dele. Esse é o problema. Machucamo-nos tanto um pelo outro que é difícil dizer não. É difícil tirar o vício que entorpece a agonia do dia. — Estou aqui — diz ele, uma lágrima silenciosa escorrendo por sua bochecha. — Vamos vencer isso juntos.

Sim. — Você pode me beijar? — Pergunto, imaginando se isso é permitido. Minha terapeuta me entregou um envelope branco com minhas limitações sexuais – o que devo e o que não devo fazer. Ela me aconselhou a não ler e, em vez disso, entregá-lo a Lo. Já que devo lutar pela intimidade, não pelo celibato, preciso abrir mão de meu controle na cama para ele. Ele definirá as diretrizes e me dirá quando parar.

Entreguei o envelope para Rose ontem e disse a ela para entregá-lo a Lo

caso eu me acovardasse. Por mais preocupada que Rose tenha estado com meu processo de recuperação, tenho certeza de que foi a primeira coisa que ela fez quando Lo entrou pela porta.

Não tenho ideia de quantas vezes posso beijá-lo. Quanto posso chegar ao clímax ou se posso fazer sexo em qualquer lugar que não seja um quarto. Sou tão compulsiva com relações sexuais e preliminares que é preciso estabelecer *limites*, mas segui-los será a parte mais difícil da minha jornada.

Seu polegar enxuga minhas lágrimas e eu limpo as dele. Espero sua resposta, meus olhos grudados em seus lábios que quero beijar até arderem e incharem. Sua testa abaixa, mergulhando em direção à minha, e fico tão consciente de como seus dedos pressionam meus quadris, da dureza de seu corpo. Preciso dele para diminuir esse espaço entre nós. Preciso dele para me preencher completamente.

Apressadamente, encontro meus lábios com os dele, esperando que ele me levante em torno de sua cintura, mergulhe sua língua em minha boca e bata minhas costas no revestimento.

Mas ele não cede aos meus desejos.

Ele se inclina para trás e quebra o beijo em questão de segundos. Meu estômago cai. Lo raramente me diz não quando se trata de sexo. Ele vai brincar com meus desejos até que eu esteja molhada e querendo. As coisas, eu percebo, estão prestes a realmente mudar. — Meus termos — Ele sussurra, sua voz rouca e profunda.

Todo o meu corpo já pulsa com sua proximidade. — Por favor — Imploro. — Não te toco há tanto tempo. — Quero passar minhas mãos sobre ele. Quero que ele me penetre até eu chorar. Imagino isso repetidamente, me torturando com esses pensamentos carnavais. Mas também quero ser forte e não me jogar nele como se fosse apenas um corpo que perdi. Ele significa muito mais para mim. Talvez ele esteja magoado com a minha persistência em beijá-lo? Talvez ele veja isso como um mau sinal? — Sinto muito — Peço desculpas novamente. — Não é que eu queira você para sexo... quero dizer, quero sexo, mas quero você porque sinto sua falta... e eu te amo, e preciso... — Balanço minha cabeça. Minhas palavras soam estúpidas e desesperadas.

— Lil — Ele diz lentamente. — Relaxa, OK? — Ele enfia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Você não acha que eu sei que isso é difícil para você? Eu sabia que iríamos nos deparar com esse momento. — Seus

olhos caem para os meus lábios. — Sabia que você ia querer me beijar e que eu a tomasse rápido e forte. Mas isso não vai acontecer hoje.

Concordo com a cabeça rapidamente, odiando essas palavras, mas tentando absorvê-las e aceitá-las. Lágrimas incontroláveis começam a fluir porque tenho medo de não ser capaz de conter minhas compulsões. Achei que ficar longe de Lo seria a parte difícil, mas aprender a ter um relacionamento saudável e íntimo com ele de repente parece impossível. Ele é o homem de quem quero aproveitar cada minuto do dia. Se não estou fazendo isso, então, fantasio sobre isso. Como posso parar?

Sua respiração fica rasa, como se minhas lágrimas estivessem dando nós em seu estômago. A minha já quebrou. Sinto-me totalmente destruída pela culpa, vergonha e desespero.

Seus dedos cavam com mais força nas minhas costas, como se me lembrassem que ele está aqui, me tocando. — O que vai acontecer — Ele respira — é que eu vou carregar você por esta porta. Vou prolongar cada momento até que você esteja exausta. E vou me mover tão devagar que três meses atrás parecem que foi ontem. E amanhã vai parecer como hoje, e ninguém nessa porra de universo será capaz de dizer seu nome sem dizer o meu.

E então ele me beija, com tanta urgência, com tanta paixão que meus pulmões sufocam. Sua língua desliza suavemente em minha boca, e eu saboreio cada movimento. Ele massageia a parte de trás da minha cabeça, agarrando meu cabelo, puxando e deixando meus nervos à flor da pele.

Suas mãos caem na minha bunda e ele me levanta sem esforço. Envolver minhas pernas em torno de sua cintura, apertando firmemente um dos ombros. Ele me guia para dentro, assim como prometeu. Engancho meus braços sob os dele e pressiono minha bochecha em seu peito duro, ouvindo a batida instável de seu coração. Estamos tão perto, mas ainda desejo estar mais perto. Minha respiração fica mais rasa por causa disso.

Ele beija o topo da minha cabeça e me carrega para o meu quarto no segundo andar. Bem, *nosso* quarto. Meu dossel de rede está puxado para trás, o edredom preto e branco com lençóis vermelhos. Lo descansa minhas costas contra o colchão, e estendo a mão para agarrar um punhado de sua camisa e puxá-la para cima de mim. Mas ele dá um passo para trás e balança a cabeça.

Devagar, eu me lembro. Certo.

Minhas pernas balançam para fora da borda e me apoio nos cotovelos enquanto ele fica na minha frente.

— Eu sou seu — Ele me diz. — Sempre serei seu, Lily. Mas agora é hora de você dizer isso.

Sento-me e meus olhos voam sobre ele. Em toda a nossa vida, ele nunca me disse, *você é minha*. Ele nunca transou comigo do jeito que eu transei com ele. Ele se *entregou* a mim. E percebo que é minha hora de consertar isso e me entregar a ele.

— Sou sua — Sussurro.

Os músculos de sua mandíbula se contraem, quase sorrindo. — Vou acreditar em você quando vir.

Aperto os olhos. — Então, por que você me mandou dizer isso?

Ele se inclina para frente, seus lábios tão perto dos meus. Suas palmas se colocam em ambos os lados do meu corpo, forçando-me a cair um pouco para trás. Hesito em beijá-lo. Ele está me testando, eu acho. — Porque eu amo essas palavras.

Meus lábios se separam. *Beije-me*, eu imploro. — Eu sou sua — Respiro.

Seus olhos caem para os meus, me observando, prolongando o momento. O ponto entre minhas pernas dói por ele. Eu quero a pressão de seu corpo — para roçar contra mim, para me preencher, para dizer meu nome mais e mais.

Me beija. — Eu sou sua — Engasgo, com os olhos arregalados em total suspense.

Então, ele chupa a ponta do meu lábio, morde provocativamente e afunda sua pélvis na minha. Eu empurro meus quadris para encontrá-lo e ele me deixa.

Lo agarra a bainha da camisa e a tira da cabeça, jogando-a para o lado. Antes de correr minhas mãos sobre seu peito duro e abdômen recém-definido, ele entrelaça seus dedos com os meus. Simultaneamente, coloca o joelho no colchão e me puxa para a cabeceira da cama, minha cabeça encontrando o travesseiro.

Ele sobe e mantém minhas mãos presas nas dele. Estica meus braços bem acima de mim, nossos dedos batendo na cabeceira.

Seu corpo paira sobre mim, não mais encostado. Eu me contorço sob o espaço que tanto odeio, meu coração batendo forte e furioso para estar ainda mais perto.

— Lo... — Não aguento mais. Minhas costas arqueiam um pouco enquanto tento encontrar seu corpo novamente, e ele inclina a cabeça, desaprovando.

Fico parada. Tento deixá-lo assumir o controle, já que preciso ir devagar. Seus lábios se abaixam, mas hesitam em tocar os meus. Ele mantém essa distância enquanto desabotoa minha calça jeans, soltando da minha mão. Ele usa a outra mão para guiar minha palma até o zíper. *Sim*. Leva apenas alguns segundos antes que eu o abra e desabotoe, puxando sua calça jeans com familiaridade. Tiro a minha e ele tira a camisa da minha cabeça, vestindo nada além de um sutiã de renda preta e a calcinha do conjunto. Eu sabia que ele estava voltando para casa hoje, afinal.

Ele absorve a curvatura do meu corpo com ânsia e começa a tirar sua última peça de roupa. — Olhos em mim — diz ele com voz rouca.

Eles estão permanentemente presos à protuberância em sua cueca boxer. — Eles estão — Murmuro. Tecnicamente, isso é *uma parte* dele.

— Meus olhos, amor, não meu pau — diz ele, com um sorriso por trás das palavras.

Levanto o olhar enquanto ele tira a cueca boxer. Observar a maneira como ele olha para mim quase me deixa em parafuso. Engulo em seco e não posso deixar de dar uma olhada. Oh, Deus, preciso dele agora. Ele está duro e tão desejoso quanto eu, mas, ainda assim, ele se contém.

Eu não.

Ele poderia facilmente tirar vantagem da minha ânsia, a maioria dos caras faria. Mas, para me ajudar, ele precisa controlar minha impaciência e minha compulsão de ir de novo. E de novo. Porque meu vício não é uma rua de mão única como o dele. Preciso do corpo dele para satisfazer esses desejos doentios.

Então, ele deve dizer *não* em algum momento. Só não quero que seja logo.

Ele se inclina para a frente novamente e seus lábios começam a descer do meu pescoço até o meu umbigo, sugando, mordiscando – provocando. Minhas mãos agarram suas costas enquanto seguro um gemido no fundo da minha garganta.

Ele beija meu quadril e gentilmente tira minha calcinha, o ar frio beliscando os lugares mais sensíveis. Espero que seus lábios aqueçam o local, mas ele sai de cima de mim e abre meu sutiã, deslizando as alças dos meus ombros muito, muito lentamente. O leve toque provoca meus nervos e minha

sanidade. Sua língua corre entre meus seios e então mergulha de volta em minha boca. E é aí que seus braços me envolvem e me levantam em um abraço apertado, meus seios se fundindo em seus músculos, meus membros quase emaranhados nos dele. Minhas pernas envolvem sua cintura, e eu desejo descer em seu pau. Mas ele mantém os braços em volta do meu peito, forçando-me acima de seu colo.

— Sente-se sobre as pernas — Ele me diz.

— Mas...

Ele me beija levemente e se afasta quando tento aprofundar. — Sente-se sobre as pernas, Lil. Ou eu farei isso por você.

Isso soa melhor. Ele vê o brilho nos meus olhos, pega minha perna direita e dobra meu joelho para que meu calcanhar fique embaixo da minha bunda. Quando ele vai para a esquerda, sua mão desliza para cima da minha coxa e para a dobra da minha bunda. Uau...

OK, estou sentada sobre os calcanhares agora, tentando não gozar antes que ele me penetre. E se minha terapeuta escreveu que só posso chegar ao clímax *uma vez*? Além de parecer tortura, espero fazer sexo com Lo hoje. Não vou estragar isso enlouquecendo com as preliminares.

Ainda estou sentada ereta e seu corpo não se afastou do meu. Seu coração bate contra o meu peito, e ele segura meu rosto em sua mão.

— Respira — Ele me diz. — Apenas lembre-se de respirar.

Então, com calma medida, ele gradualmente descansa minhas costas no meu edredom e lentamente começa a deslizar para dentro de mim. A posição permite uma entrada tão profunda que eu grito e agarro seu ombro para me apoiar.

Sua testa descansa perto da minha, e ele levanta meu queixo, beijando-me com força, do jeito que eu gosto, antes de começar a balançar agonizantemente lento. Cada movimento imita nossas respirações pesadas. Meus lábios entreabertos roçam os dele enquanto ele cava mais fundo. Eu choramingo, meus dedos dos pés já enrolando, minha mente já voando para fora do meu corpo.

Sua mão massageia meu peito, mas seus olhos nunca deixam os meus. Lágrimas quentes escorrem das dobras, a intensidade e a emoção me levando a um pico tão alto que toda vez que inspiro, ele expira, como se me mantivesse viva neste momento. Eu me derreto em seu movimento lento, a

maneira como ele desaparece dentro de mim e o ritmo que faz meu corpo pegar fogo.

— Não para... — Grito. — Lo... — Eu tremo, e seus braços deslizam em volta das minhas costas novamente, me segurando mais apertado.

Ele acelera um pouco e sinto o topo da colina. Vejo-nos escalar juntos.

Ele enfia e segura dentro de mim. Eu me movo e grito e arranho suas costas. Todo o meu corpo pulsando, meu coração palpitando – eu sou dele.

Caio de volta na cama, exausta demais para levantar um braço ou uma perna. Ele cuida de mim, dobrando meus joelhos e esticando minhas pernas desde a última posição. Ele descansa as mãos nos meus joelhos e se inclina para me beijar novamente. Provo o sal do nosso suor e levanto minha mão para agarrar a parte de trás de seu cabelo, minha ansiedade de repente substituindo o cansaço do nosso sexo emocional. Mas ele entrelaça seus dedos nos meus, me parando.

Franzo a testa. — Não? — *Apenas uma vez?*

Ele balança a cabeça e depois beija minha têmpora. — Te amo — Ele sussurra, sua respiração fazendo cócegas na minha orelha.

— Também te amo — digo a ele. Mas quero envolver minhas pernas firmemente em torno dele, não lhe dando escolha a não ser endurecer e me tomar novamente. Ele me examina de perto e deve ver minha impaciência para a segunda rodada.

Seus olhos se estreitam. — Agora não.

Mordo meu lábio. — Você vai me dizer o que há no envelope? — O que minha terapeuta restringiu? A resposta está me matando agora.

— Não — diz ele. — Você só vai querer ainda mais se souber que é proibido.

Olho para ele. — Você está ficando esperto demais.

Ele sorri. — Quando se trata de você, eu sou. — Ele beija em volta dos meus lábios. Adoro e odeio quando ele faz isso. — Só para você saber — Ele sussurra —, eu adoraria nada mais que preenchê-la novamente. Faria isso um milhão de vezes por dia, se pudesse.

— Eu sei — Murmuro.

Ele tira meu cabelo suado do meu rosto.

E respiro fundo. — Estou feliz que você esteja em casa. — Tenho Lo de volta. Isso é tudo que deveria importar agora. Não um *round* dois ou três, mas

apenas ele presente, no caminho para ser saudável e apaixonado por mim. Isso é tudo o que eu deveria precisar.

Mal posso esperar para chegar a esse lugar. Só espero que seja alcançável.

Ele relaxa ao meu lado, e descanso minha cabeça em seu peito, ouvindo seu batimento cardíaco enquanto ele passa a mão pelo meu cabelo. Isso é legal.

Quase caio no sono, mas o toque de um celular abre meus olhos. — De quem é?

Ele estende a mão para a minha cabeceira. — Meu. — Ele vira o celular na palma da mão e estico o pescoço por cima do ombro dele e vejo uma caixa de texto.

Desconhecido: *Sei o segredo da sua namorada.*

Levanto-me rápido, o medo me congelando. Li isso errado? Pego o telefone de sua mão e ele o pega de volta.

— Lil, acalme-se — diz ele, tentando proteger a tela de mim enquanto digita uma resposta.

— Quem é? — Eu tenho sido tão cuidadosa. Nunca disse a ninguém que tinha um vício em sexo além de Lo, e agora Rose, Connor e Ryke. Eles deixaram meu segredo escapar para outra pessoa?

Mordo minha unha e Lo aperta minha mão enquanto digita com a outra. Seus olhos piscam para mim, estreitando em desaprovação.

Quando o *ping* soa novamente, basicamente subo em cima de Lo para que ele não possa esconder a mensagem. Eu leio rapidamente.

Lo: *Quem diabos é você?*

Desconhecido: *Alguém que você odeia.*

OK, isso não diminui nada. Os inimigos de Lo da escola preparatória e da faculdade são numerosos e vastos. Aconteceu quando ele retaliou contra todas as pessoas que pensaram que poderiam intimidá-lo até a submissão.

Lo tenta me empurrar, mas estou com o braço em volta de seu pescoço, quase sufocando-o, ele me deixa em paz. Ainda estamos nus, mas estou muito frenética para ficar excitada.

Lo: *Vai se foder.*

— Essa é a sua resposta? — digo, de olhos arregalados. — Você está incitando a pessoa.

— Se você não gosta, então não deveria estar lendo minhas mensagens pessoais ou me agarrando como um coala.

Verdade.

Desconhecido: *E perder todo o dinheiro que os tabloides vão me pagar quando contar que Lily Calloway é uma viciada em sexo?... Nunca.*

Eu pisco. Releio a mensagem. E fico boquiaberta. *Não.*

— Lil — diz Lo, desligando o telefone. — Tudo bem. Isso não vai acontecer. Olhe para mim. — Ele segura meu rosto em suas mãos, forçando meus olhos nos dele. — Isso não vai acontecer. Não vou deixar. Vou contratar alguém para encontrar esse idiota. Vou pagar a ele mais do que ele receberá dos tabloides.

Ele está esquecendo alguma coisa. — Você está falido — digo. O pai dele tirou seu fundo fiduciário porque ele abandonou a faculdade. Lo não fala com ele desde que foi para a reabilitação. Ele está sozinho e pobre e todo o meu dinheiro está vinculado à minha família. E eles também não sabem sobre o meu vício. Prefiro não contar a eles. Nunca.

Sua feição escurece, lembrando. — Vou pensar em outra coisa então.

A vergonha que minha família sentirá se descobrir — a mágoa e a decepção — não suporto nem *pensar* nisso. Uma mulher viciada em sexo? Uma vagabunda. Um homem viciado em sexo? Um herói. Quanto vou manchar a empresa do meu pai com a notícia? Claro, poucas pessoas fora do nosso círculo social sabem meu nome ou quem sou, mas isso poderia virar manchete dos tabloides? Por que não? *Lily Calloway: filha do fundador da Fizzle, viciada em sexo e prostituta.*

É succulento o suficiente para saciar colunistas de fofocas em todos os lugares.

— Lo — digo enquanto as lágrimas ameaçam cair. — Estou assustada.

Ele me abraça, me puxando para perto. — Tudo vai ficar bem. Não vou a lugar nenhum.

Eu me seguro em suas palavras e as repito várias vezes, esperando que sejam realmente o suficiente.

CAPÍTULO 2

Loren Hale



Pego uma garrafa de vodca barata pelo gargalo. Não consigo pensar direito. Minhas emoções são sombrias. Meu coração está quase lá também. Meu passo largo está cheio de ódio deplorável. Não corro. Ando rapidamente pela entrada íngreme, o álcool preso em minha mão, uma casa de um milhão de dólares olhando de volta para mim.

A porta. Tudo o que vejo é aquela porta preta e a aldrava de bronze.

Bato meu punho contra ela, fazendo soar. Ninguém responde. Nem ouço passos. — Abre! — Grito. Bato de novo e de novo. *Caralho*.

Pego a garrafa e jogo. O vidro quebra. O conteúdo se estilhaça, o líquido escorre pela aldrava de bronze, arrastando-se pela madeira negra e escorrendo sob minhas solas.

— Puta merda — Ryke amaldiçoa atrás de mim. — Isso era necessário?

A porta se abre.

— Sim.

Disse a Ryke para esperar no carro e mencionei que a única maneira de Aaron Wells escapar da casa de seus pais (como o rato que ele é) é se eu começar a foder com suas coisas. Começando por aquela porta. Eu estava preparado para a *BMW* dele – um caco de vidro para decorar o capô. Agora, não preciso ir tão longe.

Mas não estou surpreso que Ryke tenha estacionado no meio-fio e me seguido morro acima. Ele gosta de fazer isso – acompanhar e garantir que não

estou prestes a me autodestruir. Esse geralmente é o trabalho de Lily, e eu a escolheria em vez dele em qualquer dia da semana. Mas não agora.

Não quando um antigo idiota da escola preparatória está a um metro e meio na minha frente.

Ele tem cabelos loiros (praticamente castanhos), olhos azuis e aquele sorriso presunçoso da Academia Dalton que me lembro tão bem. Ele é o primeiro cara que veio à mente quando recebemos as mensagens. O que fiz com ele na escola preparatória foi uma merda, mas nossa rivalidade nunca deveria ter incluído Lily. E ele não deveria estar atormentando-a agora.

Aaron avalia o vidro quebrado. — Eu não deveria estar surpreso. O fedor cheira exatamente como você.

Ryke está prestes a dar um passo à frente e agarro seu braço para detê-lo. Não vamos socar Wells, tanto quanto gostaria. Não é esse tipo de luta.

— Eu já te encontrei antes — diz Aaron, analisando Ryke de seu cabelo escuro aos seus músculos magros que quase combinam com os meus. — Onde foi? — Ele finge confusão.

Ryke olha fixamente. — Eu deveria ter esmagado a porra da sua cara.

Quando soube o que aconteceu enquanto eu estava fora, eu realmente gostaria que Ryke tivesse feito.

A mãe de Lily a juntou com Aaron em uma festa da empresa, e ele ameaçou Lily o tempo todo, basicamente dizendo a ela que iria foder com ela para chegar até mim. (Por quê? Porque ele me odeia. Não há outra razão para isso.) E eu só tive que ouvir as notícias na reabilitação sem fazer nada. Agora que ele mudou para o Nível 2 – de alguma forma descobrindo sobre seu vício em sexo e querendo dinheiro – estou aqui, pronto para foder com ele da mesma forma que ele fodeu com ela.

— Ah, certo — Aaron diz sem perder o ritmo — Eu era o *par* de Lily para um evento Fizzle, e você apareceu como o cavaleiro branco dela enquanto este estava na reabilitação. — Ele inclina a cabeça para mim. E eu internamente faço uma careta ao lembrar que Ryke estava lá para Lily nos últimos três meses. Eu não estava.

Mas é por isso que sei que Aaron enviou aquelas mensagens. Recentemente, ele deixou claro que quer brincar comigo passando por cima de Lily, atijando nossa velha rivalidade.

Dois podem jogar esse jogo.

— Obrigado por acompanhá-la — digo a ele. — Ela disse que foi doloroso olhar para sua cara feia a noite toda, mas acho que todos nós sabemos que você não estava lá para *agradá-la*. — Minhas palavras sarcásticas até me fazem estremecer. Não gosto de pensar em nenhum outro cara agradando Lily. Não antes de nos tornarmos um casal de verdade. E, definitivamente, não depois.

Meu coração bate rápido pra caralho. Dou um passo em direção a ele, o vidro triturando.

Ele endurece, e espero para ver se ele tem coragem de me empurrar de volta.

Não. Eu me arrisco e me espremo entre o batente da porta e seu corpo imobilizado. Ele olha diretamente para mim. Olho no olho. E me convido a entrar.

— Uau, este lugar não mudou — digo, caminhando mais para dentro. Olho para os altos tetos abobadados e os pisos de mármore. Ryke me segue, e Aaron fecha a porta, com os lábios curvados. Aponto para a porta do porão perto da cozinha. — Devemos abrir uma garrafa de vinho?

Seus olhos brilham mortalmente.

— Talvez não.

Ryke fica para trás, mas se Aaron levantar o punho, ele estará bem ao meu lado. Esse tipo de apoio é bom. Nunca tive isso. Crescendo, sempre levava uma surra ou fugia. As lutas sempre foram eu contra um milhão. Ninguém estava do meu lado. Eu não deixava Lily se envolver, e se ela fosse, eram caras como Aaron que a envolviam de forma tortuosa, sabendo que ela era minha melhor amiga.

Eles foderiam com ela só para me alcançar.

E isso não vai acontecer.

Aaron me observa atentamente.

— Quem está em casa? — Pergunto-lhe.

— Ninguém — diz ele, com o rosto em branco.

Não acredito nele. — Seus pais estão em Barbados no fim de semana. — Obrigado, Connor Cobalt, com suas grandes habilidades em tecnologia.

Aaron solta uma risada seca. — Seu pai descobriu isso para você?

Ah, sim, Ryke não foi o único a deter Aaron no evento Fizzle. Enquanto Lily tentava se esquivar de Aaron a noite toda, ela me disse que meu pai veio

e a salvou. Deixe meu pai injetar medo debilitante em alguém. Lily disse que Aaron fugiu do evento depois disso. Não voltando mais. — Meu pai não me ajudou a descobrir quem está na sua casa — digo —, mas eu deveria ligar para ele, agradecê-lo por molestar você com suas palavras.

— Você é um cara doente pra caralho — Aaron diz —, você sabe disso?

Estou apenas começando. — Julie! — Grito. — Julie, apareça!

Ryke oscila atrás de mim. Ele já me viu assim. Eu costumava atacá-lo. Eu ainda o faço. Muitas vezes. Mas isso é diferente. Sou alimentado por um ódio tão profundo que mal consigo respirar.

Aaron olha hesitante para a varanda acima da escada dupla. Sua casa era usada para bailes de debutantes apenas por causa dessa entrada.

— JULIE! — Grito.

Aaron dá um passo em minha direção, sua mão nivelada como se ele viesse em paz. — Ei, eu disse ao seu pai que dispensaria Lily, OK? Fizemos um acordo. Cumpri minha parte. Eu não fiz nada com ela desde o evento.

— JULIE!

A porta bate lá em cima.

Aaron fala mais rápido — Eu estava *puto* naquela noite. Candidatei-me a um emprego e negaram a minha candidatura. Nem consegui uma entrevista por sua causa.

— Você vai me culpar? — Olho com ódio. Ele deveria. Com a ajuda de meu pai, liguei para a faculdade dos seus sonhos e pedi ao reitor que desse uma segunda olhada em Wells. A próxima coisa que você sabe é que ele foi para uma escola qualquer, nem mesmo na lista de espera para o lugar que pensava já estar certo de ir. Reencaminhamos o futuro dele.

— Não posso competir com os graduados de uma das Ivy. Agora tenho que trabalhar para o meu pai.

Passos no segundo andar.

— Não faça isso — Aaron zomba, mas ele está implorando. — Só assustei um pouco a Lily. Eu não iria forçá-la nem nada. Juro. — Ele nunca fez sexo com ela, graças a Deus. Se eu encontrasse um de seus antigos ficantes, não sei qual seria minha reação.

— É o que você sempre faz, não? — digo. — Você a assusta. Bem, pegue um cartão de membro, Aaron. Você está prestes a ficar apavorado.

Bem na hora, uma garota com o mesmo cabelo loiro-escuro agarra a grade

da varanda, inclinando-se para olhar para mim aqui embaixo. — Loren Hale.

— Julie, volta para o seu quarto — Aaron diz a ela, o medo aumentando sua voz.

— O que eu sou, uma criança de quatro anos? — Ela solta. Usa batom escuro e uma tonelada de delineador. Ela é sua irmã gêmea. E uma garota que talvez eu tenha fodido uma ou duas vezes quando tinha dezesseis anos, dependendo do dia. A diferença entre Lily e eu é que na verdade namorei Julie (por duas semanas inteiras) em uma época em que não estava em um relacionamento falso com minha melhor amiga.

Lily, no entanto, fode uma vez e depois segue em frente.

E depois de uma longa, longa luta, finalmente me tornei sua única exceção.

— Oi, Julie — digo. — Você pode vir aqui por um segundo?

— Isso é sobre o quê? — Ela olha entre Aaron e eu, percebendo a postura rígida de Aaron. — Aaron, faz anos desde que estive com Lo. Sério, supere isso. — Mas ela está errada. Nossa briga não começou porque eu a namorei. Ela era apenas uma bala na minha arma. Uma das coisas que usei para machucá-lo. Foder a irmã – esse é o truque mais fácil do livro. Algo que meu pai teria feito. Algo que eu odeio ter feito. Eu mal consigo digerir a memória.

Só agradeço a Deus que Julie é tão deplorável quanto seu irmão e eu. Ela me usou tanto quanto eu a usei, querendo se vingar do ex-namorado. Ele não se importava tanto quanto ela desejava.

— Julie — Solto —, vem aqui. Agora. — Não vou ser agressivo. *Bem, eu meio que vou.* Mas você deveria ver o rosto de Aaron. Ele está prestes a cagar nas calças. Ele não tem ideia do que vou fazer. Inferno, também não tenho ideia do que pretendo fazer. Só sei que a família é o ponto fraco dele, assim como Lily é o meu.

Ela desce as escadas, descalça. Seu olhar curioso permanece em Ryke.

— Você é gostoso.

— Julie — Aaron se encolhe.

— Posso ver seu telefone? — Pergunto a Aaron. Agora que Julie está aqui, ele estará mais disposto a entregá-lo. Ela é uma distração e um aviso.

Suas sobrancelhas franzem. — Para quê?

— Apenas me dê.

Julie suspira pesadamente como se isso a estivesse entediando. — Só dá o telefone a ele, Aaron.

Aaron tira o telefone do bolso e o entrega para mim. Percorro suas mensagens anteriores, tentando encontrar meu número armazenado em algum lugar. Mas a coisa toda está em branco.

— Por que você apagou todas as suas mensagens?

— Sempre apago — diz Aaron. — Minha mãe gosta de checar meu telefone.

— Você tem vinte e dois anos. — Ele não é um adolescente que precisa de aprovação para dormir na casa de um amigo. É um adulto.

— Sim? Isso não a impede de ser intrometida.

Eu ainda não acredito nele. Não posso.

— Qual o seu nome? — Julie pergunta a Ryke, mordendo o lábio como se isso fosse deixá-lo de joelhos.

— Ryke — diz ele.

— Ryke, como você conhece Loren?

— Ele é meu irmão.

Suas sobrancelhas se erguem. — Uau, não sabia que ele tinha um irmão.

— Nem eu — digo, empurrando o telefone de volta na palma da mão de Aaron. — Você usou um telefone falso? Descartável?

— Do que diabos você está falando? — Aaron diz, com os olhos arregalados. — Não fiz nada contra você ou Lily. Disse a você, seu pai...

— Eu não acredito em você — digo, não muito certo no que acredito. Ele pode estar mentindo. De todos que conheço, ele é o mais propenso a ameaçar Lily. Se puder acabar com tudo aqui e agora, é o que farei.

— Você está louco! — Aaron grita.

Ryke avança em minha defesa. — Diz o cara que passou duas horas perseguindo uma garota em um salão de baile, aterrorizando-a além das palavras.

— Uau — diz Julie —, você fica sexy quando está com raiva.

— Julie! — Aaron grita. — Sai agora. Dá o fora daqui.

Julie revira os olhos e fica em pé direito, como se Aaron tivesse tirado seu entretenimento. Ela acena para mim. — É bom ver você de novo, Loren. Lamento que meu irmão não consiga superar nosso relacionamento.

— Sim, ele tem problemas para deixar as coisas para trás. — Se eu fosse ele, ainda estaria cheio de ressentimentos. Não o culpo de forma alguma. Só que odeio tê-lo levado a essa situação — a um ponto onde ele poderia atacar

Lily enquanto eu estava na reabilitação. Eu era uma porra de uma criança estúpida. Ainda sou às vezes.

Posso estar fazendo isso da maneira errada agora. Mas é a única coisa que sei fazer. E funciona. Uso minhas palavras. Ameaçar o cara que está me ameaçando.

Julie vai até a cozinha, bem à vista. Principalmente para que Ryke possa vê-la curvar-se enquanto pega uma panela do armário. Ela olha para trás para ter certeza de que ele viu sua bunda. Ele não viu. Seus olhos não deixaram Aaron. Mas enquanto a observo, Aaron está a segundos de explodir, cair de joelhos e me dar o que eu quero. Não posso levar o crédito por isso. Acho que, em parte, as ameaças anteriores de meu pai já foram absorvidas.

— Onde está seu telefone descartável? — Pergunto novamente.

Ryke põe a mão no meu braço e sussurra: — Acho que não foi ele.

Não quero acreditar nisso. Porque, então, vou ficar sem resposta.

Não faço ideia de quem mais poderia ser.

Aaron levanta as mãos em defesa. — Não sei o que aconteceu, mas não sou o único cara que te odeia, Loren. Então, o que quer que esteja acontecendo, talvez você deva pensar em quem mais você irritou todos esses anos. Não consigo imaginar que a faculdade tenha sido tão agradável para você.

Sim... posso estar fodido.

Assinto para mim mesmo. Mas se ele é o cara que me mandou aquelas mensagens, não vou sair daqui sem ter certeza de que ele não fará de novo. Tenho que ter a última palavra. Então, inclino-me e digo: — Se você assustar minha namorada de novo, vai desejar que tudo com o que se preocupar seja trabalhar para a porra do seu pai. — Meus olhos piscam para Julie uma vez. — E você deveria começar a comer a maquiagem da sua irmã. Suas entranhas são feias pra caralho.

Ele poderia facilmente dizer: *igual as suas*. Mas nada sai de sua boca. Ele está solidificado em uma mistura de ódio e medo – emoções que estão flutuando por toda a casa agora.

Eu não espero que ele se recomponha.

Saio.

E no caminho para o carro, Ryke diz: — Você não me disse que tinha fodido a irmã dele.

— Isso importa?

Ele olha para a frente, seus olhos sombrios.

— Ela estava dando em cima de você, Ryke — digo a ele. — Estava a dois segundos de abaixar sua calça e subir em seu pau.

— Como Lily? — Ele responde de volta.

— Vai se foder. — Abro a porta do carro. Não é a mesma coisa. Lily, ela é minha melhor amiga. Não sou uma conquista dela. Se isso fosse verdade, ela não estaria mais comigo. Eu não seria capaz de satisfazê-la por tanto tempo.

— Desculpe — Ryke mal se desculpa, seu tom áspero nunca suavizando. — Só não quero ver outra garota ser pega na porra do fogo cruzado de suas rixas.

— Não vou machucá-la. Ele só tem que pensar que vou.

Ryke me encara por um longo momento. — Nosso pai te ensinou isso?

— Sim — digo. — Ele também me ensinou a entrar em um carro e dirigir.

Ryke assente. — Fico feliz em saber que você ainda é um idiota, mesmo sem a bebida.

— Deve ser genético.

Ryke sorri, e nós dois entramos em seu *Infinity*. Não me sinto melhor depois disso. Porque nem me lembro de algumas das pessoas que irritei.

Afoguei a maioria delas em uma névoa de *whiskey* e *bourbon*.

Sumiram da minha mente para sempre.

CAPÍTULO 3

Lily Calloway



— Isso é um interrogatório ou uma reunião? — Ryke pergunta asperamente. Ele está relaxado em nossa cadeira azul-marinho Queen Anne com uma carranca profunda, manchas de suor escorrendo por uma camisa de corrida da Penn.

Existem apenas *três* pessoas que poderiam ter revelado meu segredo. E o cara no topo da minha lista de suspeitos ainda não desmoronou. Embora muito pouco atinja Ryke Meadows.

E aqui está ele sentado – superior, todo linha dura, seus olhos perpetuamente estreitados e seu comportamento arrogante e autoconfiante. Ele conseguiu se tornar parte da vida de Lo. Infiltrou-se em nosso grupo e nunca fez nenhum movimento para sair. Ou ele se preocupa tanto com seu irmão que está disposto a suportar quase tudo ou está tramando algo maior, algo que poderia virar meu mundo inteiro.

Então é verdade que tenho martelado Ryke com perguntas, e estou a um passo de lançar uma luz ofuscante em seu rosto para ficar realmente sério. Mas tenho o direito de surtar. Minha vida está a segundos de desmoronar.

Lo passa uma garrafa d'água para Ryke.

Olho para Lo com olhos arregalados. Ele não deveria estar lhe dando sustento até que tenhamos respostas. Essa poderia ter sido nossa única moeda de troca.

— Quem disse que ele merece água? — Deixo escapar.

Suas sobrancelhas enrugam como se eu tivesse perdido algumas células

cerebrais. OK, então estou sendo irracional. O que mais tem de novo?

Ryke levanta a mão. — Sinto muito, mas há mais alguém preocupado com a minha segurança aqui?

Lo ignora o irmão e segura minha mão, puxando-me para o sofá. Minha perna toca a dele, mas a proximidade não me acalma. Desde que li a mensagem, o pânico dominou minha chance de ser íntegra e sã.

Não quero agir assim, mas minha única outra maneira de lidar com situações de alto estresse envolve masturbação e clímax, e tudo o que não posso fazer.

Os saltos de Rose batem no corredor. — Connor deve estar aqui a qualquer minuto. — Ela se senta na namoradeira amarelo-claro ao lado do sofá, cruzando os tornozelos. Com uma saia pregueada preta e uma blusa de seda de gola alta, ela parece muito mais elegante do que qualquer outra pessoa na sala.

— Ótimo, então você pode direcionar esse interrogatório para outra pessoa — Ryke diz, me olhando com um pouco de desprezo. Mas no caso de Ryke Meadows, provavelmente há uma pitada de amor ali. Pelo menos espero que tenhamos feito algum progresso enquanto Lo estava na reabilitação. Claro, tivemos três meses difíceis, mas Lo sempre foi nosso terreno comum.

Mas se ele estiver por trás de algum plano maior para arruinar a vida de Lo — e consequentemente a minha — nunca vou perdô-lo.

Lo passa a mão na minha perna que não para de mexer, tentando acalmar meus nervos. — Eu vou cuidar disso, Lil — diz ele suavemente.

E com meu interrogatório de lado, Ryke dá a ele um olhar sombrio e furtivo. Já vi isso antes. É do tipo que você compartilha com alguém quando tem um segredo.

Eu suspiro. — Você fez algo sem mim?

Lo balança a cabeça. — Não. — Ele não encontra meus olhos.

Bato em seu peito. — Você é um mentiroso, e devemos ser honestos.

— Bem... — Ele prolonga a palavra — Se o cara continuar nos mandando mensagens, podemos ou não conseguir riscar Aaron Wells de nossa lista de suspeitos.

— Pode ou não pode? — Rose diz. — Isso soa como nenhum progresso.

— Fiz o que fiz. Eu não vou voltar atrás. — Sua voz é afiada.

Tudo o que ouço é *Aaron Wells*, e fico gelada. — O que você fez? —

Aaron não é alguém que eu queira ver novamente.

Rose murmura algo que soa como *vandalismo*.

— Acabei de falar com ele — diz Lo.

Olho para Ryke para verificação. Claramente ele fazia parte dessa trama, o que só me deixa mais nervosa.

— Sim, acabamos de conversar — diz Ryke. — Todas as mensagens de Aaron foram excluídas, o que era suspeito.

Lo acena com a cabeça em concordância, e então se aproxima e beija minha bochecha. — OK? — Ele sussurra para mim.

Acho que essa não é a palavra certa. Olho para o tapete com um olhar distante.

— E Ryke? — Rose pergunta. Ela segura uma pequena xícara de chá entre os dedos apertados. Ofereceu-me uma xícara mais cedo, mas recusei. Não tenho certeza se meu corpo aguenta ingerir qualquer outra coisa hoje. Já estou inchada de medo.

— Isso de novo não.

— Você sabe sobre o vício em sexo de Lily. Você poderia ter contado a alguém.

Ryke olha fixamente. — Você também.

— Cai na real. Ela é minha *irmã*. Não vou apunhalá-la pelas costas.

— E ela é a namorada do meu irmão — Ele responde. — Por que você não foca sua atenção no cara que poderia facilmente espalhar essa informação por uma porra de preço?

— Não se atreva. — Rose aponta um dedo de advertência para ele.

— Por quê? Connor entrou em cena na mesma época que eu. Ele soube sobre o vício em sexo dela ao mesmo tempo que nós, e tem mais a ganhar do que nós. E ele tem menos a perder.

— Ele me perderia — Retruca Rose.

Nunca quis acreditar que Connor pudesse se voltar contra mim assim. Ainda não vou entreter o pensamento por mais de um segundo. Ele é muito legal (à sua maneira). Mas Ryke...

Lo examina seu irmão por um longo momento. — Talvez Rose tenha razão.

— O quê? — Ryke se inclina para frente. — Você não pode estar falando sério.

— Você pode ser meu meio-irmão, mas também é um mentiroso. Acho que estabelecemos isso no momento em que nos conhecemos.

— Ah, qual é.

— Vamos voltar alguns meses. Você entrou na minha vida, me disse que era um estudante querendo fazer um projeto falso sobre herdeiros de empresas bilionárias...

— Lily inventou essa mentira — Ryke interrompe.

Fico boquiaberta. Querendo colocar a culpa em mim! Mas já contei a Lo sobre isso, então só há um pouco de vergonha.

Lo revira os olhos. — Seja como for, você sabia o tempo todo que eu era seu irmão e, no entanto, nunca disse uma palavra a *nenhum* de nós.

— Você só pode estar me sacaneando — diz Ryke. Eles devem ter tido essa discussão várias vezes enquanto Lo estava na reabilitação. Eu não tinha permissão para visitá-lo, mas sob algumas diretrizes estranhas, Ryke tinha. Fico um pouco confusa sobre como o relacionamento deles se desenvolveu desde que fiquei longe de Lo — mas claramente a amargura infeccionou.

Lo solta uma risada estranha. — Sou o *bastardo*. Destruí o casamento de seus pais quando nasci. Você deveria me odiar. *Eu* me odiaria. — Ele suspira. — E, então, construiria um esquema elaborado para me derrubar. Peça por peça. Começando com Lily. Então, perdoe-me se estou tendo dificuldade em confiar em você cento e dez por cento.

Não sei dizer se Ryke está zangado ou chateado com a declaração de Lo, mas sei que isso vai além da minha acusação idiota. Uma dor profunda preenche as palavras de Lo.

— É isso? Mesmo depois de tudo que fiz enquanto você estava na reabilitação? — Ryke pergunta.

— Você quer dizer manter seu pau longe da minha namorada. Sim, obrigado.

Meus olhos esbugalham. Eu me afastaria de Lo se a mão dele não estivesse pressionada com tanta força em meu quadril. Algo está errado. Posso sentir. Lidamos com o estresse de maneira diferente. Eu fodo e ele bebe. Agora que não podemos fazer nenhum dos dois, estamos tentando aprender a lidar com isso de maneira saudável. *Tentando* é a palavra-chave aqui.

— Você sabe que não é isso — Ryke refuta.

— Claro.

Essa única palavra faz Ryke parecer mais lívido do que as últimas vinte, e acho *que é isso*. Ryke está prestes a levantar as mãos e sair. Lo fica tenso ao meu lado, provavelmente esperando a mesma coisa. Nós alienamos as pessoas. É nisso que somos bons.

— Se eu quisesse te machucar criando uma trama elaborada, já teria fodido Lily. E com certeza não ia me incomodar em passar um tempo com você.

Quero confiar em Ryke, principalmente porque ele é a única família que Lo tem para apoio, mas ele é um bom mentiroso, como Lo disse. Ele até me enganou.

Lo exhibe seu habitual sorriso amargo, normalmente acompanhado pelo brinde de seu *bourbon*. Não consigo entender onde estão seus pensamentos.

Antes que eu possa sussurrar em seu ouvido para perguntar, a porta da frente se abre e o silêncio se instala como um peso. Os mocassins de Connor batem na madeira, o barulho aumentando a tensão.

Ele aparece no *hall* de entrada, seu cabelo castanho ondulado e espesso penteado perfeitamente, como se estivesse pronto para um discurso no Congresso a qualquer momento. Ele enfia o celular na calça preta, a camisa branca enfiada no cós. De longe, ele inspeciona a postura rígida de Ryke na cadeira Queen Anne e a pegada mortal de Lo no braço do sofá.

— Perdi alguma coisa — Afirma Connor. — Foi bom? — Olha para Rose.

— Só se você gostar dos murmúrios inteligíveis dos neandertais. — Seu tom é puro gelo.

— Boa, Rose — Lo diz categoricamente.

Mas Connor esfrega os lábios para não sorrir ainda mais. E quando Connor sorri para minha irmã, eu instantaneamente me endireito e me inclino para a frente como se duas estrelas em órbita estivessem prestes a se tocar e se beijar. Quero estar presente quando o fizerem.

Lo aperta meu quadril enquanto Connor se senta ao lado de Rose, deslizando o braço pelas costas da almofada atrás dela.

— Você é minha namorada — Lo sussurra com voz rouca em meu ouvido, me provocando para ficar do lado dele nas coisas. Mas em um jogo de raciocínio, devo escolher a opção inteligente e ir com minha irmã. Ou Connor. Lo é uma batalha perdida.

— Você é meu namorado — digo o óbvio. Ele se aproxima mais, e meu coração bate forte, seus lábios *bem lá. Me beija. Me beija. Me beija.*

Ele recua.

Droga. Eu gostaria de ter o poder do Professor Xavier, mas, novamente, não gostaria de forçar Lo a me beijar. Eu gostaria que ele *desejasse* tanto quanto eu o desejo.

Connor gesticula com a mão entre Ryke e Lo. — Estou sentindo a tensão aqui.

— Lo estava apenas me agradecendo por não foder Lily — diz Ryke.

— Exatamente — Lo responde, sua voz igualmente seca.

Connor nem pisca. — Deve ser coisa de irmão. — Ele casualmente se vira para Rose, sussurra algo em seu ouvido e pressiona um leve beijo em sua bochecha. Não posso acreditar que estou com inveja de um beijo agora. Mas realmente estou. Quero aquele beijo. Não de Connor! Só para ficar claro. De Lo. Quero o beijo de *Lo*. Minhas bochechas ficam vermelhas apenas acidentalmente pensando na coisa errada. *Eita*.

— Você está bem? — Lo sussurra.

Concordo com a cabeça, me contorço um pouco e descanso minha bochecha na curva de seu braço, segura em seu abraço. Seu corpo musculoso supera meu corpo excessivamente magro. Estou trabalhando para ser mais saudável também. Toda pele e ossos não é uma boa aparência.

Rose coloca as mãos no peito de Connor, impedindo-o de chegar mais perto. — Uma coisa de irmão? O que está acontecendo aqui não é normal entre *irmãos*. Você não vê Greg Brady agradecendo a Peter por não ter feito sexo com Marsha.

— Não, porque isso seria incesto — diz Connor.

Ela lhe lança um olhar. — Não é *incesto* porque Marsha é apenas a meia-irmã.

— Verdade. — Seus olhos voam para os lábios dela e de volta para seu olhar penetrante. — E estou surpreso que você tenha usado a palavra 'normal'. Achei que tínhamos concordado na semana passada que é arbitrário e muito subjetivo para ter qualquer mérito real.

Ela me dá um olhar como *por que estou com ele mesmo?*

Sorrio e quero muito dizer: *Porque vocês são duas estrelas nerds, orbitando e destinadas a se beijar*. Mas isso não fará sentido para ninguém além de mim.

Rose e Connor tiveram três meses estranhos juntos, constantemente

terminando por causa de disputas intelectuais como essa e voltando apenas uma semana depois. O relacionamento deles é algo que não consigo quantificar ou realmente entender. Acho que talvez você deva ter um QI mais alto ou algo assim. Mas adoro vê-los, tipo, Lo e eu assistindo a desenhos animados japoneses. Não podemos compreender o que eles dizem, mas ainda é divertido sintonizar todas as semanas.

Rose aponta um dedo bem cuidado para o peito dele. — Você não pode descartar uma palavra inteira só porque acha que não tem mérito, Richard. — *Ooh*, ela usou o primeiro nome dele. — Você está basicamente dizendo que todos os estudos sociológicos de Foucault eram inúteis.

Minha cabeça dói tentando ouvi-los, mas estou estranhamente encantada.

— Ei — Lo interrompe, batendo palmas. Ambos olham para nós como se tivéssemos acabado de aparecer na sala. — Vocês dois podem discutir sobre pessoas normais e Faulkner mais tarde.

— Foucault — Rose o corrige.

— O quê?

— É *Foucault*. Não Faulkner.

— Seja como for, os dois começam com *F* — Retruca Lo. — Você sabe o que mais começa com *F*?

— Foda-se — Connor chega antes dele. Ele também diz isso tão casualmente – como se estivesse tentando responder a uma pergunta do Academic Bowl. Não posso deixar de abrir um sorriso.

Lo me pega sorrindo e me dá uma olhada. Pressiono meus lábios para tentar contê-lo, mas é muito difícil e provavelmente pareço pateta em vez disso. O canto de sua boca se curva. Meu coração palpita porque, pela primeira vez em três meses, posso ver essas reações.

Ele se aproxima e coloca um leve beijo no meu nariz. Nem precisei cantarolar *beije-me* para ele fazer isso. Mordo meu lábio inferior, vertigem substituída por pensamentos perigosos. De puxar Lo para o quarto, colocando-o no colchão, montando em sua cintura e deslizando meus dedos sobre cada saliência em seu abdômen. E seu meio-sorriso se estenderá por todo o rosto, sorriso suficiente para iluminar meu corpo.

Poderia resmungar alguma desculpa esfarrapada para sair da reunião, mas minha garganta apertada e a culpa infecciona, embora eu não tenha dado um passo em direção ao meu quarto ainda. Planejar os eventos me faz sentir um

fracasso. Por que isso?

— A propósito, você parece bem — Connor diz a Lo.

— Obrigado.

Esqueci que eles não se viam desde a passagem de Lo na reabilitação. Olho para Connor e o coloco no meu pedestal de suspeitos. Talvez Ryke esteja certo. Em troca da informação sobre meu vício em sexo, Connor poderia subornar para entrar na Wharton – a prestigiosa escola de pós-graduação em Penn, onde ele planeja fazer um MBA.

Connor encontra meu olhar, e sua sobrançelha se arqueia como se ele soubesse que o estou incriminando ilegalmente.

Ele pode ver através de mim.

Minhas bochechas ficam vermelhas e eu imediatamente descarto meus julgamentos precipitados. Não há como Connor me trair. Ele acha trapacear muito fácil e tem mais moral do que 99% do círculo social de nossa família. Então, sobra Ryke. E Rose. Mas é mais provável que Rose queime toda a sua linha de moda – Calloway Couture – do que me jogar na mídia canibal. E ela ama sua coleção como uma mãe ama um bebê.

Lo não é tão rápido em deixar Connor livre. — Você contou a alguém? — Ele pergunta.

— Ninguém — diz ele calmamente.

Lo coça a nuca. — Passamos *anos* sem que ninguém soubesse do segredo de Lily. Daí, ela conta a vocês e, alguns meses depois, ela está sendo ameaçada por isso. Posso ter abandonado a faculdade, mas consigo juntar essas peças.

Connor olha para ele uma vez. — Você foi expulso da faculdade, mas é bom saber que está assumindo a responsabilidade.

De alguma forma, esse insulto não parecia tão ruim. É tudo verdade.

Penn expulsou Lo depois que ele parou de aparecer nas aulas, e ele poderia ter frequentado outra faculdade, mas decidiu ir para a reabilitação e trabalhar para ficar sóbrio.

Lo suspira pesadamente, frustrado. Ele só quer respostas. Acho que todos nós.

— Você está esquecendo algo — Connor diz a ele.

Lo fica tenso e um pouco de esperança surge através de mim. Se alguém pode descobrir esse mistério, será Connor Cobalt. E provavelmente Rose

também.

— Lily começou a ver uma terapeuta sexual especializado em vícios.

— Você acha que alguém a viu entrar no consultório? — Lo pergunta.

— É provável. Por que você não tenta rastrear o número?

— É desconhecido.

— Então?

— Desculpe. *Hackear* números de telefone simplesmente não está no meu repertório. Lily, você? — Ele olha para mim, e eu balanço minha cabeça. — Desconfiei que não.

— Oh, não — Connor diz rapidamente — Eu sei que você não pode fazer algo tão difícil. Só pensei que talvez você conhecesse alguém que pudesse.

Ryke interrompe: — Você está realmente admitindo que não pode fazer alguma coisa, Cobalt? — Ele parece prestes a pular da Queen Anne e chamar a imprensa. Oh, espere, ele é a imprensa. Talvez escreva um artigo sobre isso amanhã no *The Philadelphia Chronicle* com o título: “Connor Cobalt não sabe tudo!”

— Não seja ridículo — diz Connor, com cara de blefe. — *Sei* como fazer isso. Mas não vou. É ilegal.

Ryke revira os olhos e segura sua garrafa d’água com mais força. Acho que esse artigo não vai acontecer.

Rose toma um gole delicado de seu chá e diz: — Ainda é ilegal se você pagar alguém para fazer por você.

— E se você for esperto, não será pego.

Aquela coisa que eu disse sobre Connor ser moralista? Risque isso. Ele mascara tanto suas emoções que não vi seus modos astutos. Ainda assim, não acho que ele arriscaria perder Rose por uma vaga na Wharton. Pelo menos, espero que não.

— Lo e eu já discutimos o rastreamento do número — Falo. — Todos os meus contatos conhecem minha família. Meus pais começariam a fazer perguntas se eu contratasse um investigador particular. E todo o objetivo é mantê-los no escuro o maior tempo possível. Estou pensando que *para sempre* é uma boa quantidade de tempo.

Lo assente. — Também não queremos envolver terceiros não confiáveis. Eu não quero ser ferrado por eles.

Eu me animei ao pensar em um exemplo. — Como um *hacker* que mora

no porão dos pais.

— Sim — Lo diz. — Não vejo isso indo muito bem.

— Tenho um investigador confiável que posso contratar — diz Connor. — Isso não é um problema.

Rose sorri em seu último gole de chá.

— Vou pagar de volta — digo a Connor.

— Prefiro favores.

OK, isso soa sexual. Quando penso em favores, imagino boquetes.

Meu rosto esquenta imediatamente e tento desviar o olhar, mas todos já estão olhando para mim. Estou ferrada.

— Lily! — Ouço três vozes em tons variados me castigando. Lo põe o braço sobre meu ombro e me contenho para não me esconder em seu bíceps. Não vou me acovardar.

Aponto para Connor acusadoramente. — Ele disse isso, não eu!

— Não estava falando sobre favores *sexuais* — Connor refuta calmamente.

Eu aponto para o meu peito agora. — Viciada em sexo, aqui. Meu cérebro tem uma configuração automática. Não vou pensar em favores *inconsequentes*.

Mencionar as palavras *viciada em sexo* foi uma má ideia, e me arrependo assim que Ryke diz: — Falando em ser uma viciada em sexo — Eu poderia socá-lo. —, como vai funcionar sua recuperação agora que Lo está de volta? Vocês dois podem fazer sexo juntos?

— É complicado — Murmuro. — E não acho que deveria estar discutindo isso com você.

— Ela pode ter um pouco de sexo — Esclarece Lo, aparentemente descomplicando.

Quero me desintegrar um pouco.

— O que é *um pouco* de sexo? — Ryke pergunta.

OK, muito – quero me desintegrar muito, muito.

— Não posso falar sobre isso — diz Lo evasivamente. Mas na verdade ele quer dizer: *não posso falar sobre isso na frente de Lily*. Porque também não tenho ideia do que significa ‘um pouco’. Isso vai me deixar louca.

Também não gosto que Lo seja tão rápido em compartilhar detalhes íntimos de nossas vidas particulares, mas acho que ele está tentando ser melhor em se abrir. E deve ser mais fácil focar no meu vício do que no dele.

— O que acontece se você começar a facilitar a recaída dela? — Rose pergunta, colocando sua xícara de chá na mesa.

— Eu não vou — diz Lo com um olhar contundente.

Eu gostaria de poder vencer meu vício sozinha, mas minha terapeuta já explicou que a abstinência não é a resposta, pois o sexo é uma parte natural da vida, ao contrário do álcool. Uma pessoa pode ficar para sempre sem provar bebida alcoólica, mas quase todo mundo faz sexo quando chega a uma certa idade. E o sexo envolve duas pessoas.

Então, tenho que aprender a ter uma vida sexual saudável com Lo, em vez daquela em que ele alimenta minhas compulsões. E posso trabalhar para ser mais autossuficiente sem recorrer à autossatisfação.

Eu suspiro. É tudo tão complicado. Tudo parece tão difícil.

— Isso não é o mesmo que Lily te dar um copo de *whiskey*, Loren — Rose diz. — Todos nós seremos capazes de dizer se você beber, mas nenhum de nós terá a menor ideia se você a estiver permitindo. — Porque isso significa que ele vai me deixar transar com ele exatamente como eu quero, quando eu quero. Estarei tão chapada e tão cheia de Loren Hale que nunca mais vou querer sair do quarto e conhecer a vida real.

Soa muito melhor do que deveria.

— Você não soube que eu era alcoólatra por anos — Refuta Lo. — Acredite em mim, você não vai saber se eu cair da carroça uma vez. É a mesma coisa.

— Eu poderei dizer — diz Ryke.

— E eu — Acrescenta Connor. — Eu não tinha ideia de que Lily era viciada em sexo, mas não demorou mais do que um dia para eu descobrir que você tinha um problema com álcool.

Ryke coça sua mandíbula dura, cortada como pedra. — Você sabia que ele era viciado e bebeu *cerveja* com ele? Na verdade, eu vi você comprando *Fat Tire* para ele em um bar.

— Ele é um amigo de verdade — diz Lo com um sorriso amargo. Ele diz coisas só para agitar as pessoas, eu juro.

Ryke parece querer se levantar e lhe dar um tapa na nuca.

Rose gira para Connor, e ele não se acovarda sob seu olhar penetrante. — Você sabia e bebeu *cerveja* com ele?

— Eu tinha acabado de conhecê-lo. Não estava planejando revolucionar a

vida dele.

— Você quer dizer que viu o que o deixava feliz e o seduziu alegremente com isso para se tornar seu amigo.

Lo interrompe: — Você está agindo como se ele tivesse injetado heroína em mim.

— Ele pode muito bem ter feito — Retruca Ryke.

OK, quando essa reunião se tornou uma plataforma para atacar Connor?

— Apenas parem com isso — Lo dispara.

Connor fica quieto e Rose não parece estar pronta para perdoá-lo tão facilmente. Tenho certeza de que eles terão toda uma discussão filosófica sobre isso mais tarde.

E, infelizmente, ela se lembra da fonte de nossa discussão.

— Seu vício, Lo, não é igual ao de Lily — diz ela. — Quando você não estava aqui, apoiar Lily era simples. Agora que você voltou, sinto que você é a única pessoa que pode se envolver no processo de recuperação dela. E até que ponto isso é saudável? Você acabou de sair da reabilitação.

Eu deveria estar aqui para esta conversa? Parece que não é comigo, mesmo que eles estejam falando *sobre* mim.

Sua voz suaviza consideravelmente, perdendo o tom usual. — Não sei o que você quer que eu faça. Sou o namorado dela. Ela é uma viciada em sexo. Claro que vou estar mais envolvido em deixá-la saudável. Sei o que vocês estão dizendo. Sei o que *todos* vocês estão dizendo. — Ele olha para Ryke e Connor. — Não posso dizer para vocês apenas confiarem em mim, não quando tenho vinte e um anos sendo uma pessoa de merda no meu histórico. Mas esta situação é estranha e não convencional e muito, muito fodida. E nós vamos ter que descobrir como fazer isso.

Encaro minhas mãos, um pouco desconfortável, mas também um pouco grata por eles não estarem falando pelas minhas costas.

— Tudo o que quero — Rose diz a ele — é que você não nos afaste. Se você achar que está fazendo algo errado ou não conseguir lidar com isso, não ignore. Você tem que contar a alguém, e não precisa ser eu. Se você se sentir mais à vontade, converse com Ryke ou Connor, ou mesmo com a terapeuta, quem quer que seja. Só não quero que Lily sofra porque você não pode estender a mão.

Entendo seus medos. Nós nos isolamos por tanto tempo que afastar todos

seria uma regressão natural. Eu realmente nunca pensei sobre isso abertamente.

— Eu prometo.

Ela parece um pouco surpresa com a facilidade com que ele cedeu.

— Nós dois queremos a mesma coisa — Lo a lembra.

Pela primeira vez, Lo e Rose parecem concordar em algo, mas isso apenas coloca uma pressão insana em mim. Eles podem pensar que Lo vai facilitar minha recaída. Mas tenho medo de estragar tudo sozinha.

CAPÍTULO 4

Lily Calloway



Ryke e Connor vão embora depois que estabelecemos um plano para rastrear o desconhecido. Connor ligará para seu investigador particular e depois o resto de nós começará a fazer uma lista dos inimigos de Lo. Só espero não ver meu rosto na capa da *People* amanhã.

Lo já está na cama quando fecho a porta do banheiro. A lâmpada o banha com uma luz quente e ele parece contente enquanto rabisca em um diário. A mesa de cabeceira parece tão vazia sem o copo de *whiskey*. Nós dois estamos passando por uma mudança monumental e nem sequer discutimos nosso futuro ou qualquer coisa séria desde que ele voltou. As mensagens meio que nos colocaram em parafuso.

Seu olhar se ergue de seu diário e ele me estuda enquanto estou no meio do quarto, sem saber o que fazer. De volta à Penn, depois que nos tornamos um casal oficial, eu dormia na cama dele quase todas as noites. Mas não nos abraçávamos. Ele não sussurrava nada doce em meu ouvido até que eu dormisse. Fodíamos até eu desmaiar, e então, ele terminava sua bebida e fazia o mesmo.

Aguentei três meses sem sexo, mas também não o tive aqui, na cama comigo. O equivalente para Lo seria se aconchegar com uma garrafa de *Jack Daniel's*. Abraçar meu próprio vício parece perigoso, mas não posso ficar abstinente para sempre. Tenho que descobrir como fazer isso da maneira certa.

— Qual o problema? — Ele pergunta e fecha seu diário, a caneta entre as

páginas.

— Nós não vamos fazer sexo hoje à noite? — Pergunto pela terceira vez hoje.

— Não, amor, não esta noite.

Tento deixar as palavras afundarem novamente, mas elas machucam e meu peito aperta de volta. Parece rejeição, embora não devesse. — Talvez eu devesse dormir no sofá — digo calmamente. — Até me acostumar com sua volta. — *Até que eu consiga parar de pensar em você dentro de mim.*

— Posso lidar com você, Lil. Não vou deixar você quebrar seus votos.

Meus votos. As quatro regras pessoais que estabeleci para mim, ao contrário da lista horrorosa que minha terapeuta estabeleceu para mim.

Sem pornografia.

Sem masturbação.

Menos compulsividade durante o sexo.

E nunca, nunca trair Loren Hale.

Como quatro tarefas simples podem parecer tão fora do meu controle? Principalmente a terceira. Ouço o que ele está dizendo, ouço. Mas em algum lugar entre seus lábios e meus ouvidos, tudo se distorce e minhas inseguranças vencem.

— Posso ser muito persuasiva — Murmuro.

Seus lábios se erguem. — Acho que vou sobreviver.

— Você é um cara — Lembro-o – como se isso mudasse *tudo*.

Ele sorri abertamente. — Estou ciente.

Minha ansiedade aumenta, incapaz até mesmo de apreciar seu sorriso sexy. — Mas se eu estiver no sofá, não serei tentada. E... e quando estou na cama com você, sei que vou tentar fazer sexo com você, mesmo quando sei que não devo.

— Lily...

— E não quero ser fraca e implorar, mas é inevitável, certo? Você é como meu crack.

— Lil...

— Essa sou eu: a garota patética e excitada que ataca o namorado e continua fazendo isso quando ele diz *não*. — Suspiro. — Oh, meu Deus. Sou como uma estupradora. Vou tentar estuprar você todas as noites.

Ele toca minhas bochechas e recuo instantaneamente.

— Uau! Quando você chegou aqui? — Meu coração bate tão forte que parece um tambor em meus ouvidos.

Ele não se afasta, suas mãos seguram meu rosto com ternura, seus olhos cheios de preocupação crua.

— Você conseguiu um superpoder na reabilitação? — Pergunto em voz baixa, já sabendo a verdade. Eu me apavorei em um novo grau, nem mesmo percebendo que ele saiu da cama.

— Sim — Ele sussurra, tão perto de mim agora. — Apenas não o que você pensa. — Ele enxuga uma lágrima que escapou com o polegar. — Você está doente.

Inalo uma respiração tensa. As palavras de seus lábios são esmagadoras, mesmo que sejam verdadeiras. Tento me afastar, mas a mão dele desliza pela minha nuca. A outra no meu ombro me mantém enraizada aqui.

— Também estou doente — diz ele —, e haverá momentos em que estaremos fracos. Nos quais imploramos pelas coisas que não podemos ter. Mas você não pode ter medo disso, Lil. Você não pode viver sua vida dormindo em um sofá por causa disso. Você só precisa acreditar que será forte o suficiente no final. Mesmo que o meio esteja todo fodido.

Nenhuma distorção de suas palavras desta vez. Eu o entendo. Diminuo a distância entre nós e enterro minha cabeça em seu peito.

Ele me segura e beija o topo da minha cabeça. — E você não é uma estupradora. — Posso senti-lo sorrindo. — Você é minha namorada que não consegue controlar suas compulsões.

— Gosto mais disso — Murmuro. Ficamos parados por um tempo, e eu o deixo esfregar a parte de trás da minha cabeça até que meu pulso diminui para um ritmo moderado. Por que algo tão pequeno, como dormir em uma cama, tem que ser um desafio?

Separo-me de seu corpo quente e subo na cama, deslizando sob os lençóis macios.

Ele me observa enquanto construo uma barricada de almofadas entre o meu lado e o dele. Tenho certeza de que vou destruí-la mais tarde. Olho para cima quando termino. — Pare de sorrir — digo.

— Sem carinho?

— Não essa noite.

— Essa é a minha fala.

Sento-me enquanto ele guarda seu diário na gaveta da mesa de cabeceira. — Você aprendeu muito na reabilitação, hein? — Uma parte de mim acha que perdi um segredo para vencer o vício. Lo parece saber mais do que eu, ou pelo menos seu nível de confiança supera o meu. Mas não pude ir para a reabilitação. Não sem revelar meu segredo para minha família e, de qualquer maneira, a terapia de grupo não parece o caminho certo para mim.

Agora que estamos em casa, Lo decidiu não comparecer às reuniões do AA. Até Ryke disse que ele não deveria ir. Não entendo por que isso acontece. E Lo não compartilha muito sobre sua recuperação, mas disse que ainda vai ver seu terapeuta regularmente — um que mora em Nova York. Alguns dias tenho que me beliscar para acreditar que ele foi para a reabilitação a apenas uma hora de Princeton. Estou feliz por não saber. Provavelmente teria encontrado uma maneira de vê-lo quando não deveria.

— Aprendi o suficiente lá — Ele me diz, deslizando as pernas sob as cobertas. — E pretendo ensinar a você tudo o que sei.

Eu sorrio. Isso soa bem. Deito-me enquanto ele se inclina e desliga a lâmpada, cobrindo o quarto com a escuridão.

Há algo revigorante na calada da noite. Como, logo antes de você dormir, sua mente desperta. Meus pensamentos inundam de uma só vez. Entre as mensagens de texto ameaçadoras e minhas notas mal-passadas em Princeton, estou transbordando de ansiedade. Sem falar que com Lo de volta, os problemas dele parecem se tornar meus. Ele está falido, desempregado e largou a faculdade. A relação dele com o pai já era complicada, agora, nem sei se ele vai ter alguma.

Tenho mais problemas do que posso resolver em uma noite. Fecho os olhos, desejando dormir. Mas me sinto solitária. Ótimo, consegui *ir* para a cama, mas agora não consigo nem dormir.

Rolo para o lado e puxo o travesseiro de cima da minha barreira de travesseiros. É o suficiente para ver o rosto de Lo. Ele se vira um pouco e, com meus olhos ajustados ao escuro, posso vê-lo com bastante clareza. — Aprendeu um truque para adormecer? — Sussurro.

— Não pense em nada.

— Isso é impossível.

— Então, tente imaginar uma televisão difusa.

— Você não se lembra de *O Anel*? Se tentar isso, uma garota vai sair da

TV imaginária e massacrar meu subconsciente.

Espero que ele ria, mas sua voz fica séria. — Como você adormecia quando eu não estava aqui?

Fico quieta. Variava todas as noites. Algumas eram gastas chorando até dormir, outras, me masturbei até desmaiar. Quando desistia da autossatisfação, levava horas para cochilar da maneira certa e, no final, renunciava às fantasias para me distrair em um sono leve.

— Normalmente — Acabo dizendo, mesmo que a palavra me lembre da discussão de Connor e Rose antes. — Só demorava um pouco. Vou tentar o truque da televisão difusa. Talvez não seja tão assustador.

Nós rolamos para longe um do outro novamente, e fecho meus olhos. Não consigo imaginar a TV por tempo suficiente para parar meus pensamentos. Lembro-me de como é fácil adormecer depois de um pouco de autossatisfação. É a melhor pílula natural para dormir do mundo.

Minha mão descansa na minha barriga, e abaixo meus dedos até tocar a bainha do meu short de pijama. O impulso me morde e se contorce em minha barriga. Ouço aquela vozinha me dizendo que vai ficar tudo bem. Que posso fazer isso uma vez e Lo nem vai saber. Vou deslizar furtivamente meus dedos em minha calcinha e apenas esfregar meu clitóris até que tudo pareça melhor. Chegar ao clímax e depois adormecer.

Os passos preparados para mim são tão fáceis de seguir. Meus dedos deslizam por baixo do meu short de algodão e por cima da minha calcinha. Passo meus dedos para cima e para baixo fora deles, tentando ganhar coragem para ir mais longe... ou parar. Mas de alguma forma sempre permaneço no purgatório, lutando por um lado ou por outro.

Isto é errado. Sei que isso é errado.

— Lo — digo muito suavemente, pensando que talvez ele ainda esteja acordado. Talvez seja o destino.

— Lil, você disse alguma coisa? — Ele sussurra de volta.

Não movo minha mão. Inferno, nem sequer pisco. As palavras caem na minha cabeça como uma máquina de bingo e não consigo conectá-las para formar frases.

Devo hesitar muito porque ele acende as luzes e meus olhos se fecham rapidamente. Eu congelo, esperando que ele não perceba nada debaixo das cobertas. Afinal, ele não pode ver minha mão no meu short. Assim que ele

voltar a dormir, vou me impedir de ir mais longe. Vou fazer isso direito. Só não quero que ele pense que não conquistei nada enquanto ele esteve fora. Eu era forte, caramba. Parei de ver pornografia. Parei com a masturbação e nunca o traí. Mas ele só verá *isso*. E não posso consertar as suposições imediatas. Que não sou melhor do que era quando ele partiu.

O silêncio sangra em minha cabeça e quase acho que consegui. E então o ar frio pinica minha pele, a coberta sai do meu corpo. Ah, merda.

Meus olhos se abrem. Lo invadiu meu território, derrubando a barreira de travesseiros e agarrando minhas cobertas. Seus olhos miram minha metade inferior, onde minha mão desaparece em meu short. Isso não é bom.

CAPÍTULO 5

Loren Hale



Aqui está a coisa sobre Lily Calloway. Ela é obcecada por se masturbar. Não o tipo de auto-prazer do tipo eu-adoro-gozar-antes-de-dormir ou bater-uma-no-chuveiro. Ela fode para gozar, e se isso significa foder a si mesma a cada minuto do dia, então ela consegue.

Lamentavelmente, eu até facilitei seu hábito. Achava que cada vídeo que comprava para ela era um pau a menos que ela montava. Um risco a menos de doença e culpa. Eu era tão estúpido.

Agarro seu pulso com força. Quando ela me disse que parou de se masturbar por um mês inteiro, foi difícil de acreditar. Eu a observava se esconder em um quarto por horas a fio apenas para agradar a si mesma. Desistir parece ser a maior conquista que ela já teve. Agora, não tenho tanta certeza de que seja verdade, mesmo que Rose ateste seu progresso.

Eu lentamente movo a bainha de seu short de pijama. Meus ombros caem em alívio. A palma da mão repousa sobre a calcinha. Talvez Rose estivesse certa. Talvez ela tenha parado de se masturbar, mas obviamente é mais difícil para Lily quando estou aqui.

Sou a droga dela, seu meio para atingir o ápice. Mas vejo a vida que ela vai levar se eu for embora – realmente ir e nunca mais voltar. Ela vai voltar para estranhos, fazer sexo com homens aleatórios. Ela pode até se aventurar no lado perigoso de seu vício – salas de bate-papo e sexo anônimo. Não posso deixá-la ir por esse caminho.

Recupero sua mão e entrelaço seus dedos com os meus, não gentilmente.

Minha mão aperta a dela como se ela estivesse pendurada em um penhasco. Ela bem pode estar.

— Não fiz nada — Defende-se.

— Você ia, Lil. — Não sei se isso é verdade, mas é um medo que mexe tanto com o meu coração quanto com o dela.

Ela suga uma respiração. — Isso é muito difícil — diz ela. — Sinto que não consigo escapar do meu vício. Se estou com você, quero fazer sexo com você. Se estou sozinha, quero me foder. Nenhum lugar é seguro.

Cristo.

Minhas mãos deslizam para seus pulsos e a puxo para meus braços. Nosso abraço não é suave. Não sou um ursinho de pelúcia que as garotas podem agarrar. Sou afiado e duro, a coisa que prende uma garota na cama, aquele que a segura com força e sussurra com uma voz rouca e afiada. Sou tão áspero por fora quanto sombrio por dentro.

Segurar Lily geralmente resolve nossos problemas, mas ela luta comigo desta vez. Batendo seus pequenos punhos em meu peito duro, tentando me afastar. — Você não está me ouvindo? — diz, empurrando meu bíceps. — Não consigo dormir ao seu lado.

Eu a mantenho em meus braços facilmente, meus músculos flexionando enquanto os envolvo em torno dela. — Lil, shh — digo, meus lábios encontrando seu ouvido.

— Não posso! — Ela grita, as lágrimas começando a se acumular.

— Lil, você pode — Sussurro profundamente. — Shh. — Travo seus braços juntos por um minuto, seu corpo preso entre minhas pernas. Esta noite será a mais difícil, eu me lembro. É confuso para ela. Ela quer ficar comigo, mas minha mera presença a tenta. Não quero que ela acredite que ficar sozinha, separada, é a solução.

Não é.

Ela precisa de mim tanto quanto eu preciso dela. Nós apenas temos que encontrar nosso equilíbrio nesse relacionamento. E isso leva tempo.

Ela fica inquieta, então rolo em cima dela, prendendo suas pernas com as minhas, prendendo seu pequeno corpo. Ela parece se acalmar, mas seu peito sobe e desce pesadamente, o medo nadando em seus olhos.

— Em quem você confia mais, em mim ou em você? — Pergunto.

— Você. — Ela nem hesita.

— Então é assim que vamos dormir.

Ela franze a testa. — Não tenho certeza se consigo aguentar seu peso.

Eu sorrio. É por isso que a amo, porque gosto do fato de que vou acordar ao lado dela, meus braços envolvendo seu corpo delicado. Ela é adorável pra caralho.

— Não, assim...

Eu deslizo de Lily e me reajusto facilmente. Puxo-a para mais perto, e meu braço segura sua pequena cintura contra mim. Estamos de conchinha, ela de costas para o meu peito. Agora, onde está essa maldita mão? Encontro sua mão direita enrolada sob o seio e a pego na minha. Entrelaço meus dedos com os dela, prendendo-os com força determinada. *Chega de se masturbar, Lil.*

Estou prestes a estabelecer oficialmente nossa nova posição de dormir, mas sua bunda pressiona mais forte em meu pau. Ela está fugindo, de propósito ou inconscientemente, não tenho ideia. Ainda é meio fofo, mas não ajuda.

Inclino-me para trás e pego um pequeno travesseiro, e o coloco entre meu pau e sua bunda. — Melhorou?

— Depende para quem você está perguntando – Lily Puta ou Lily Boazinha?

Adoro as duas. Pressiono meus lábios em seu ouvido. — Te amo.

— Não tenho muito amor por mim mesma no momento — Ela murmura. Posso vê-la encolhendo internamente, sua autoestima caindo cada vez mais pela culpa.

— Ei, eu já estaria desmaiado se tivesse que dormir na mesma cama com uma garrafa de bebida. Você está indo bem. E isso é novo para nós dois, Lil. Vai ser muita tentativa e erro. Agora sabemos que temos que dormir *assim*. OK?

— Vamos fazer sexo de manhã?

A pergunta não me incomoda. Ainda assim, não estou acostumado a dizer não a ela. Geralmente sou eu que a provoco até que ela fique com calor e incomodada. Mas não posso fazer porra nenhuma. Porque isso seria *incitar a recaída*.

Então digo: — Vamos ver.

Ela afunda de volta em mim – e naquele maldito travesseiro – enquanto a observo cair no sono. Quando sei que ela está segura no recôndito do sono, permito-me o mesmo luxo.

CAPÍTULO 6

Loren Hale



Meu coração bate descontroladamente, meus músculos queimam e minhas pernas bombeiam. Eu corro. Dou voltas e voltas. Não há fim.

Se parar logo, vou começar a gritar. Os tendões das minhas panturrilhas se esticam com cada passo na pista de cimento. E me concentro na minha respiração. Dentro e fora. Inalar, exalar. Um, dois, três...

Sempre fui bom em correr. Mesmo quando estragava tudo, fiz um trabalho decente fugindo dos policiais, dos caras da escola preparatória querendo esmagar minha cara, do meu pai e dos meus problemas.

Correr me manteve vivo.

E se aprendi alguma coisa com a reabilitação, são maneiras de me manter ocupado. Mas meus pensamentos conflitantes só me fazem querer beber. Mesmo mencionando meu pai, a faculdade, as mensagens de texto que ameaçam Lily – qualquer merda, meu peito desmorona, e eu conheço a solução que vai consertar tudo. *Whiskey, bourbon* – um copo âmbar derreterá toda a dor.

Ontem, quase entrei em um bar.

Perco meu ritmo constante na pista, minha respiração cambaleante. Um, dois...

Cada pé parece mais pesado do que antes. Quero ser leve como uma maldita pena. Quero flutuar para fora daqui. Mas continuo *pensando* nisso.

Um bar enfumaçado estava do outro lado do cruzamento movimentado enquanto eu esperava que Ryke me pegasse na terapia. Trânsito, táxis

buzinando e mensageiros de bicicleta nunca me pararam antes. Por que eles deveriam então? O pôster de *Jack Daniel's* na janela da frente me chamava como uma sereia cantando sua serenata mortal na beira de uma doca.

E quase me afoguei naquele mar de *bourbon*.

Estúpido filho da puta.

Eu expiro profundamente, o que só atrapalha meu ritmo novamente. Ryke corre ao meu lado, e seus olhos piscam brevemente para mim. Ele propositalmente diminui seu passo rápido. Agora, ele poderia correr voltas ao meu redor. Mas ele escolheu estar aqui. Eu deveria estar feliz por ele querer malhar comigo, mas odeio que ele não corra o mais longe que pode. Eu odeio estar segurando-o.

Eu quero gritar.

Então, pressiono mais e corro na frente dele.

Não muito tempo depois, Ryke alcança meu lado novamente, e então bate no meu ombro e sai da pista do colégio em direção às arquibancadas. Eu o sigo, tentando evitar os outros atletas com camisas da Penn enquanto correm pelas pistas.

Eu provavelmente não deveria ter dirigido todo o caminho até a Penn para correr em um maldito círculo com Ryke, visto que fui expulso e ele não é minha pessoa favorita no momento. Não acredito que ele seja o cara que está ameaçando revelar o segredo de Lily aos tabloides. Há desconfiança em nosso relacionamento, claro, mas ele passa muito tempo me levando à terapia e saindo comigo para ter algum motivo oculto. Ele poderia me deixar ir sozinho para Nova York e me dar folga suficiente para me enforcar.

Ele poderia ser indiferente.

Mas Ryke Meadows é muitas coisas – indiferente definitivamente não é uma delas.

Eu o incomodei com as mensagens porque sou um idiota e uma grande parte em mim se ressentiu dele por coisas que mal consigo processar. Cada vez que tento entender sua infância onde ele me conheceu e teve contato com meu pai, minhas mãos tremem para um gole de algo forte.

Abro minha garrafa d'água e duas garotas se aproximam de nós, uma morena, a outra loira. Ambas usam camisas *cross-country*. Estou cercado por atletas agora – Ryke sendo um deles.

— Ei, Ryke — A loira diz. — Quem é seu amigo? — Ela me olha da

cabeça aos pés.

Tento mostrar desinteresse, bebendo minha água, vasculhando minha bolsa de ginástica, qualquer coisa.

— Meu irmão — Ryke diz tão facilmente. Mal posso admitir que ele é meu meio-irmão para Lily. Dizer que somos parentes é tão fácil para ele. Mas tenho que me lembrar que ele sabia sobre mim há anos. Nunca expressou a verdade até três meses atrás.

— Ah, sim, vejo a semelhança — Ela diz, seus olhos azuis piscando entre nós.

— Sim, nós dois temos cabelo castanho — digo. — Chocante, não? Ela poderia até ser nossa irmã, pelo que sei. — Aponto para a morena pendurada ao lado da loira. Meu tom não é nem de perto amigável. E não posso evitar. É assim que normalmente digo *oi* para as pessoas. Minhas maneiras morreram por volta do meu décimo primeiro aniversário.

A loira solta uma risadinha, tentando ignorar minha grosseria.

Ryke põe a mão no meu ombro e sussurra: — Faça-me um favor e não fale.

Se ele quiser ficar com uma delas, por favor. Pegue. Não vou ser seu braço direito nisso. Tenho uma garota me esperando em casa. Olho para meu relógio. Sim, ela deveria estar de volta da aula agora. Prefiro estar lá a aqui. Prefiro segurá-la em meus braços, mesmo que tenha que dizer *não* a ela no final.

Ela é a única coisa boa na minha vida.

— Esta é Laura — A loira diz, apresentando sua amiga para Ryke. — Ela é caloura. Pensei em apresentá-la ao capitão da equipe de atletismo.

Ryke a verifica com uma lenta olhada. A garota é quase tão magra quanto Lily, mas os músculos cobrem suas pernas e braços – eles são magros como a maioria dos corredores. — O que você achou de Penn até agora? — Ryke pergunta.

A garota dá de ombros, passando o peso de uma perna para a outra. — Ah, você sabe.

Ryke faz isso com as mulheres, eu notei. Ele as deixa paralizadas com seu domínio ou elas começam a cuspir frases idiotas que não fazem sentido.

Eu ainda não vi uma garota que pudesse acompanhá-lo.

— Bom assim, hein? — Ryke diz, tentando ser legal, mas isso só faz com

que seu rosto fique vermelho.

— Tem sido bom. — Laura assente.

Isso é apenas estranho e um pouco doloroso. Não posso mais ver a garota ser debilitada pelo constrangimento e pelo nervosismo. Ryke está tirando o *Band-aid* devagarzinho. Vou arrancar de vez para ela.

— Ei, Laura — digo. — Você e sua amiga estão no time de *cross-country*, certo?

Laura assente novamente.

— Sou Maggie — A loira diz, se animando agora que mostrei um pouco de interesse.

— Oh, ótimo — digo. — Então, você e Laura não terão problemas em correr para lá. — Aponto para o outro lado da pista.

O rosto de Maggie cai.

Abro um sorriso. — Tchau.

— Idiota — Ela amaldiçoa. — Vamos, Laura. — Ela agarra sua mão e lança um olhar para Ryke, culpado por associação. Quando desaparecem, Ryke se vira para mim com um olhar furioso.

— Desculpe — digo a ele secamente. —, não consegui me lembrar quanto tempo você me disse para ficar de boca fechada. Ela se abriu de novo, não consegui parar.

Ryke joga sua toalha suada em meu rosto.

Eu a agarro e jogo de volta. — Ei, aquela morena estava a dois segundos de desmaiar. Fiz um favor a vocês dois.

Ryke balança a cabeça. — Você fez um favor a si mesmo. Não finja que insultá-las foi para mim. Já conheço seus motivos.

— Sim, e quais são?

— Isole o máximo de pessoas que puder. Expulse todo mundo. — Ele fecha sua bolsa de ginástica. — Não vai acontecer comigo, nem mesmo se você espantar todas as garotas com quem eu entrar em contato.

Toco meu peito. — Você se absteria de sexo apenas para ser meu irmão? Uau. Isso é generoso, Ryke. — Meu humor seco mal escurece seus olhos. Estou procurando uma reação diferente, que venha com um soco na cara, mas Ryke nunca chega lá, mesmo que queira.

— Sou seu irmão mais velho, não importa o que aconteça — Ele refuta. — Coloque isso na porra da sua cabeça e talvez eu não precise repetir isso o

tempo todo.

— Você pode dizer isso de novo? Não consegui te ouvir — Brinco.

Ele revira os olhos, e então nós dois compartilhamos um sorriso.

Olho para o meu relógio inconscientemente.

— Ela está bem — Ryke me assegura.

— Olha, você pode fingir que sabe tudo sobre mim, mas não pode entender Lily do jeito que eu entendo. — Eu a vi chorar e tremer em um banheiro porque ansiava por sexo – porque ela não podia ter. E ela não me pediria ajuda naquela época. Agora que estamos juntos, devo ter o poder de acabar com a dor dela. Mas não tenho. Porque ela está tentando controlar esses impulsos. E estou de volta onde comecei, observando-a tremer, observando seus olhos crescerem e se arregalarem, implorando por algo mais. E tenho que negar a ela esse prazer. De novo e de novo.

— Você esquece que eu estava aqui enquanto você estava na reabilitação — diz Ryke. — Eu a vi deprimida.

Não, nunca me esqueço disso. — Ótimo.

— Você prefere estar lá com ela, eu sei disso. Mas Rose não te disse...

— Entendi — Solto. Nosso relacionamento precisa de espaço para respirar – Rose colocou isso de forma muito incisiva outro dia. Estou tentando dar mais espaço a Lily. Estou fazendo um esforço consciente para mudar nosso relacionamento codependente.

Isso não significa que não seja uma merda.

Mas não tenho outro lugar para estar senão aqui. Nenhum outro convite de amigos (não tenho nenhum) ou família (meu pai praticamente me deserdou). Sem trabalho. Sem escola. Sou um pedaço de merda sem valor. Faço uma careta e transformo isso em um meio-sorriso, balançando a cabeça. Bebo metade da minha água para afogar esses pensamentos estúpidos.

— Você já começou a tomar *Antabuse*? — Ryke pergunta.

Os médicos da reabilitação me prescreveram um remédio para minha recuperação e esqueci que contei a Ryke sobre isso. Se tomar os remédios, terei dores de estômago e náuseas fortes. Supõe-se que impeça os alcoólatras a cair em tentação. E mesmo tendo decidido não frequentar as reuniões do AA, ainda preciso seguir os passos certos para ficar saudável.

Não contei a Lily por que não vou para o AA. O motivo vai fazê-la pensar que estou ainda mais fodido. Sou uma pessoa difícil de conviver e, quando

estava na reabilitação, forcei dois adictos em recuperação a beber e quebrar sua breve sobriedade.

Sempre digo as coisas erradas.

E a administração do lugar me proibiu de ir às reuniões do grupo porque eu estava ‘afetando adversamente meus colegas’. Eles também aconselharam fortemente que eu não participasse das reuniões do AA com medo de ser o mesmo idiota lá.

Ryke concordou com eles.

Então, aqui estou.

— Ainda não comprei — digo a Ryke. — Acho que vou começar amanhã.
— Ouvi histórias de horror sobre pessoas ficando violentamente doentes apenas com um gole de cerveja. Queria ter alguns dias sem esse medo sufocante antes de começar.

— Você deveria tomar agora. Você o tem com você? — Ryke pergunta.
Ele é uma porra de um chato.

— Não — Solto. Ele não me ouve, já pegando minha bolsa e vasculhando-a. — O que é isso, checagem de malas para viagem? Deixe minha merda em paz, Ryke. — Ele encontra o zíper interno facilmente e segura um frasco laranja. Suas sobrancelhas se elevam acusadoramente. Meus dentes doem enquanto eu mordo. — Uau, você encontrou meu frasco de comprimidos. Parabéns. Agora, coloque de volta.

Espero que ele grite comigo por mentir. Eu me preparo para o ataque verbal com olhos estreitos, pronto para lutar ou fugir.

Mas ele não coloca. Em vez disso, ele abre o frasco e coloca uma pílula na palma da mão. — Pega — diz rudemente. — Se você está esperando foder com tudo, então pode muito bem foder com tudo enquanto toma isso. Tenho certeza de que vomitar a noite toda, depois de uma dose de *whiskey* vai fazer um pouco de bem.

Ele tem razão.

Odeio que ele esteja certo.

Tiro a pílula dele e a engulo de volta com um pouco de água. Parece oficial. É isso. Sem álcool. Para sempre.

Para sempre.

Deus.

Tenho um impulso repentino de correr para o banheiro e enfiar o dedo na

garganta. De alguma forma, meus tênis *Nike* me pesam na grama aparada, e aperto minha garrafa d'água enquanto tomo outro gole grande.

Ryke começa a fazer alongamento, puxando o braço sobre o peito. — Você já falou com Jonathan?

— Não. — Deixo assim, não querendo ser investigado sobre meu pai. Ninguém realmente entende meu relacionamento com ele. Nem Lily. Definitivamente não Ryke.

E é mais complicado do que apenas *ódio* e *antipatia*. É o que deixa minha mente louca. É o que me faz querer seriamente acabar com aquele abusador e tomar uma cerveja.

Mas lembro-me de Lily e imediatamente digo a mim mesmo *não*. Sem álcool. Nunca. Uma lembrança me manteve fundamentado por um tempo, surdo a quaisquer argumentos atraentes do diabo no meu ombro. Foi o que me impediu de ir para o bar ontem.

Na minha memória nebulosa, acordo, apático e meio delirante para as pessoas da minha cozinha. Rose, Connor e Ryke acamparam na minha sala como a gangue *Scooby*. E os três me disseram os eventos da noite – embora eu nem estivesse lá. Meu corpo estava, mas minha cabeça estava flutuando em outra dimensão.

E Ryke foi o único que conseguiu proferir as palavras. — Você teve a porra de um desmaio enquanto um cara atacava Lily.

E ‘ataque’ era um eufemismo. Algo poderia ter acontecido naquela noite. Mas não aconteceu. Ryke e Connor pararam o cara quando deveria ter sido eu. Toda a minha vida, tinha a porra de um trabalho. Proteger Lily. Certificar-me de que o vício dela não levasse a melhor sobre ela. Certificar-me de que ela não se machucasse. Ela fez o mesmo por mim. E falhei com ela. Em algum ponto, fodi com tudo.

Nunca mais.

Ryke estende os braços como: *que diabos*, e eu me lembro do que ele me perguntou. *Você falou com Jonathan?*

— Eu disse não — digo a ele novamente, como se a resposta não estivesse registrada em sua cabeça.

— *Não*, é isso? — Ryke quer mais. Todo mundo quer mais.

Mas sinto que estou dando tudo o que tenho.

— Achei que era uma pergunta de sim ou não. O que mais pode ter? —

Muito. Mas nada que eu possa suportar dizer em voz alta. Meu pai me deixou algumas mensagens no meu telefone na semana passada.

Quero almoçar, Loren.

Nós precisamos conversar.

Não me tire da sua vida por causa de algo tão estúpido.

Me ligue de volta.

Eu o ignorei até agora, mas não posso para sempre. Haverá um ponto em que terei que enfrentar meu pai. Não será por dinheiro, mas o fascínio de uma esmola sempre estará lá. Porque é fácil pra caralho. Beber, isso é fácil. Pegar o dinheiro dele é mais fácil.

As coisas difíceis são as coisas certas, aprendi. Mas não sou Connor Cobalt – construído com a capacidade infalível de ir além, de fazer o trabalho extra. Eu sou o tipo de cara que sempre para.

Mas eu tenho um plano para algum dinheiro. O único problema – envolve uma conversa com Rose Calloway.

— Ele vai tentar comprar você de volta — Ryke me diz. — Isso é a porra que ele faz, e você vai ter que dizer não. Ele é a porra do seu gatilho, Lo. Você não deveria ficar perto dele enquanto está se recuperando.

— Vou manter isso em mente — digo, carregando minha bolsa no ombro. Na maioria dos dias, me arrependo de ter pedido a Ryke para ser meu padrinho. Mesmo que ele seja muito bom nisso. Gatilho ou não, Jonathan Hale é *meu* pai. Ryke não o entende como eu.

Ele não é de todo ruim.

CAPÍTULO 7

Lily Calloway



Minha segunda pontuação no teste voltou na semana passada, e foi um grande e gordo F. Eu sabia que a transferência de uma Ivy League para outra não era a cura para minhas notas baixas, mas esperava que Princeton chutasse minha bunda preguiçosa para a ação. Com Rose passeando pelo mesmo campus que eu, eu deveria estar mais motivada. Além disso, minhas horas não são mais desperdiçadas com pornografia e autossatisfação. Mas não previ que meu tempo seria consumido pela terapia em Nova York e tentando reconstruir meu relacionamento com minhas irmãs. Ficar saudável e fazer as pazes é um problema quase tão grande quanto chafurdar no meu vício.

Tenho tantos problemas para lidar que a escola é a última coisa em minha mente, quando provavelmente deveria ser a primeira. Lo pode estar de volta, mas o tempo não para para nós, também não posso reprovar nas aulas em Princeton. Já estou atrasada.

É por isso que um tutor se senta ao meu lado, embora ele não esteja dando muitas ‘tutorias’.

Nos últimos trinta minutos, eu o observei navegando no *Rich Kids* do *Instagram*, um *site* que boicoto e acho geralmente revoltante. Eu o cutuco para me ajudar duas vezes, e ele aponta para o meu livro. — Resolva outro problema — diz sem tirar os olhos do telefone.

Sinto falta dos dias em que Connor Cobalt me dava cento e dez por cento de sua atenção como tutor, chegando até a me fazer *flashcards*.

Sebastian Ross pode ser apenas o pior tutor vivo.

Ele invade meu espaço pessoal por um segundo, e acho que pode estar me mostrando como resolver um problema de Estatística.

Enfia o telefone embaixo do meu nariz. — O relógio de quem você mais gosta? — Ele estende o pulso e o segura perto da tela, a pulseira dourada e a engenhoca tão complexa que meus olhos doem. O da foto não é mais simples. Um adolescente está do lado de fora de sua mansão de tijolos cinza, com os punhos levantados como se estivesse se preparando para lutar boxe.

— Nenhum dos dois.

— Me agrade.

Agradar a *ele*? Que tal *me* agradar! Sou eu quem deveria ser agraciada com números e palavras. Connor saberia como tornar o estudo divertido.

Eu tento não encarar. — Gosto do meu relógio.

Uma *única* sobancelha de Sebastian se arqueia, tão bajuladora e elitista que tenho que elogiá-lo por dominar a técnica. Ele agarra meu pulso para inspecionar o dispositivo. Ele bufa.

— Você está usando um brinquedo. — Ele bate no mostrador de plástico, quase fazendo com que os ponteiros do relógio parem.

— Ei — digo, retraindo meu braço e segurando meu pulso no meu peito.

— Esse é o Wolverine, você sabe. — A faixa amarela e azul se prende em meu pulso ossudo, e o herói dos *X-Men* está impresso dentro do mostrador do relógio.

Ele parece levemente interessado agora. — É um item de coleção?

— Talvez.

Ele reprime a vontade de revirar os olhos. — Onde você conseguiu isso?

— Ele pergunta. — Na seção infantil na *Target*?

Minhas bochechas ficam vermelhas, embora não deversem. — Não — Retruco. — Lo ganhou em uma máquina de venda automática. Você sabe, aquelas em que você coloca uma moeda e cai o pequeno ovo. Tínhamos 75% de chance de conseguir Super-Homem ou Batman, então, quando Wolverine apareceu, parecia o destino. Nós fomos facilmente distraídos.

Sebastian faz uma careta. Ele também faz uma cara de desgosto muito boa.

— Você curte essas coisas? — Ele volta para o próprio telefone, rolando a tela. — Às vezes me pergunto como você é parente de sua irmã.

Às vezes me pergunto por que ela é sua amiga.

Eu trocaria Sebastian por um modelo melhor, mas não quando Rose pediu

a ele, seu melhor amigo, para me ensinar. Antes de Connor entrar em cena, Sebastian escoltava Rose para todas as funções sociais, seu braço direito.

Ele se recosta no sofá, vestindo calça cáqui, *blazer* e óculos de armação larga e aros finos. Suspeito que ele seja alguém que só usa óculos para se exibir, não para funcionar. E seu cabelo loiro-mel está bem penteado e repartido de lado, bem estiloso.

Mesmo que ele não tenha tempo para se arrumar, Sebastian é o tipo de pessoa que nasceu para ser bonito.

Normalmente ficaria tentada. Mas eu tenho Loren Hale.

E Sebastian é gay. É isso.

Quando ele bufa alto, pego um vislumbre de seu celular. Há uma foto de um cara sentado em uma banheira de hidromassagem em um iate de um milhão de dólares, cercado por caras garrafas de champanhe.

Agora reviro os olhos. Eu realmente quero pegar o telefone da mão dele e jogá-lo do outro lado da sala. — Você já fez Estat? — Pergunto.

— *Estats*.

— O quê?

— Chama-se Estatística, mas no diminutivo fica com S no final — diz ele, sibilando o ‘s’ para dar mais ênfase. Seu olhar permanece fixo naquele telefone estúpido.

— Você já fez *Estatsssssss* — Sibilo de volta.

— Sim, é um requisito abaixo do nível para graduação de Economia em Princeton — diz ele bruscamente. — Obviamente, Penn tem padrões diferentes.

Ser insultado pelo meu tutor não é novidade para mim, mas não vou aceitar *seus* golpes com facilidade. Talvez porque ele pareça mais interessado em fotos de garotos ricos exibindo suas *Ferraris* e bebendo muito.

— Sabe, Rose alegou que você é uma espécie de tutor importante no campus – que você ainda tem uma lista de espera — Retruco.

— Eu sou. E eu tenho.

— As pessoas realmente pagam para você ignorá-las? — Fechei meu livro. Conheço Sebastian desde os dez anos, mas passei mais tempo na residência Hale do que na minha, então, conhecer é realmente motivo de debate. Ele sempre gostou de aparências, principalmente de roupas (que como estilista, Rose valoriza em um amigo), e sua ostentação não é novidade.

Mas não sabia que ele era um idiota tão profundo.

Ele está realmente *olhando* para mim neste momento. — Eles me pagam para outras coisas.

Como coisas *sexuais*? Franzo a testa. Não, isso não pode estar certo.

Pode?

Ele vê minhas sobrancelhas franzidas em confusão.

— Tenho uma lista de espera — diz ele —, mas não para aulas particulares.

Isso não esclarece nada. Um Sebastian nu aparece na minha cabeça, sendo proposto para sexo como um gigolô. Contenho a vontade de perguntar se ele é um garoto de programa. Embora esteja lá, ameaçando ser revelado.

— E daí? — Murmuro. Uau, isso exigiu muito autocontrole.

Sua perna cai do joelho e ele se inclina para pegar sua maleta de couro. E se ele vender brinquedos sexuais? OK, duvidoso, mas ele aumentaria dez pontos em simpatia por mim.

Ele puxa algo pesado e o coloca em meu livro antes de fechar o zíper de sua pasta.

Estes não são consolos ou vibradores ou bolas *Ben Wa*.

É papel. Pilhas de *papel* grampeado com marcações vermelhas ao longo da margem.

São exames antigos.

Este é um daqueles momentos em que alguém lhe entrega um baseado e você tem que escolher entre entregá-lo ou dar uma tragada.

— Isso não é trapaça? — Pergunto, sem tocar nos papéis no meu colo. Sequer tocar em um pode me corromper.

Sebastian tira um maço de cigarros do bolso e bate o maço na palma da mão. — Não rabisque as respostas na mão — diz ele. — Memorize-as. Isso não pode ser muito difícil para você, pode?

Ele gira um cigarro entre dois dedos.

— Rose não vai gostar se você fumar aqui.

Sebastian arqueia aquela sobrancelha novamente e me dá um olhar tipo *conheço Rose melhor do que você*. Ele acende o cigarro.

Certo. Rose fará um trabalho melhor compreendendo-o, de qualquer maneira. Folheio os exames antigos, a maioria deles marcados com A. — E se as perguntas forem diferentes?

— Você está com o Dr. Harris — diz Sebastian. — Ele sempre recicla as questões das provas. Apenas certifique-se de memorizar todas elas.

Folheio a pilha. — Deve haver cinquenta exames aqui. — Como posso memorizar *todos* eles?

— Eles datam de dez anos atrás. Então, sim, há muito.

Hesito em usá-los como uma ferramenta de estudo, mesmo que não seja uma trapaça total. — E você não pode realmente me ensinar?

Ele sopra uma linha de fumaça em direção ao teto. — Você não falhou apenas nos dois primeiros exames, Lily. Você *tomou bomba*. A maioria dos alunos estaria chorando em um canto e, se tivesse a mim como recurso, estaria montando meu...

— OK — Eu o interrompo. E então percebo que parece que eu realmente quero montar o... — Quero dizer, deixa pra lá. — Balanço a cabeça, ficando vermelha da testa para baixo.

Ele tem um sorriso torto enquanto coloca o cigarro nos lábios. — Para passar na matéria, você tem que tirar A nas duas últimas provas e na final. Não sou um milagreiro.

— Connor Cobalt é — Murmuro.

Ele deve ouvir porque diz: — Connor acha que ele mija arco-íris, mas ele não é tão bom assim. E, definitivamente, não é melhor do que eu. — Ele se inclina para a frente e joga cinzas em meu copo de plástico – cheio de Fizz Life, o novo refrigerante da Fizzle, zero calorias e sem aspartame. Eu encaro a bebida suja por um longo tempo, tentando processar o que ele acabou de fazer.

Mas quando me viro, vejo-o batendo mais cinzas no vaso de porcelana na mesa de canto que uma amiga de Rose lhe deu de presente de Praga. — Rose vai te esfolar vivo.

Ele sorri aquele sorriso bajulador novamente. — Ela só resmunga.

Não tenho tanta certeza disso. Quando éramos crianças em um resort de praia, ela viu um garoto sardento implicando com uma garota perto de um toboágua. Ele chamou a jovem de gorda e apontava para seu maiô. Rose interveio e usou uma linguagem que faria corar crianças de oito anos. Quando o menino gorducho não respondeu como ela esperava, ela agarrou seu calção de banho e puxou-o até os tornozelos.

Depois disso, fiquei feliz por ter minha irmã ao meu lado. *Nunca* quis

contrariá-la. E mesmo enquanto penso nessa história, percebo que ela *me* mataria se soubesse que eu estava colando.

Mas o que é pior, ouvir sua ira depois que eu fiz os testes ou ver seu desapontamento ao ser reprovada em Princeton? A decepção pode me paralisar. Portanto, o primeiro é definitivamente mais atraente.

— Olha, Lily — diz Sebastian. — Faculdade é vencer o sistema, e as pessoas mais inteligentes são aquelas que descobrem isso. Você quer ser inteligente, não?

Pela primeira vez em muito tempo, tenho uma chance de lutar bem. — OK.

— Então você guarda isso e memoriza bastante. Tenho cópias deles, é claro. — Ele se levanta e abotoa o *blazer* azul-marinho. Ele vagueia pela sala, entediado. — E não mencione isso para Rose. Eu a amo, mas ela é moralista demais. É meio irritante, na verdade.

Ignoro seu último insulto. Não acredito que tenho que mentir para Rose, mas esse parece ser o caminho certo. Não posso reprovar em mais aulas. Estarei na faculdade até os quarenta anos.

Coloquei os exames antigos ao lado de uma pilha alta de tabloides na mesa de centro. Saí esta manhã e comprei todas as revistas de fofoca do posto de gasolina. Procurei minha foto, qualquer artigo, qualquer breve menção ao meu vício. Rose até pesquisou no jornal e nas postagens *online*, mas nós duas não encontramos nada. Ou o chantagista está protelando ou esperando outro momento oportuno para atacar.

Ainda nem sabemos o que ele quer. Ele só continua *ameaçando*.

— Então... — Paro enquanto observo Sebastian pegar uma bailarina de porcelana na lareira, verificando o lado de baixo pelo *designer* ou a autenticidade. — Se Rose acredita que você está realmente me ensinando, o que eu digo a ela quando você não estiver aqui na quinta?

— Estarei aqui, fingindo. Posso até trazer provas mais antigas para suas outras aulas. — Ele coloca a estatueta de volta. — Mas, você faz cópia delas e farei da sua vida um inferno. — Sua voz blasé torna o aviso pior, de alguma forma.

Meu telefone apita, e o pego para verificar a mensagem. O som interessa a Sebastian o suficiente para passear e se jogar ao meu lado novamente.

Connor: *Rose está em casa?*

Ainda não. Eu respondo.

Sebastian pega a conversa por cima do meu ombro. Ele leva o cigarro aos lábios, esperando a resposta, mas não há. Estou prestes a enfiar o telefone no bolso, mas Sebastian diz: — Me dê isso aqui. — E ele rouba o celular das minhas mãos.

Eu deveria protestar e lutar, mas a frase dele *vou fazer da sua vida um inferno* está ecoando na minha cabeça. Ele é meio assustador.

Sebastian digita rapidamente e manda: *Por que você quer saber?* Ele é muito curioso, intrometido e entediado.

Connor: *Deixei algo para ela no portão. Eu queria saber se ela já viu.*

Sebastian bufa. — Isso é simplesmente patético.

Franzo a testa. — Por quê? Ele comprou alguma coisa para ela. Presentes são doces, não patéticos.

— Ele está tentando reconquistá-la — diz Sebastian. — Eles brigaram e ele quer ver se seu presente a animou.

— Seja o que for que eles estejam brigando, ela vai perdoá-lo com o tempo — digo com um aceno de cabeça.

Sebastian joga meu telefone de volta. — Não, ela não vai.

— Você não pode saber disso — digo, defendendo um casal que considero destinado e bonito. Eles pertencem um ao outro da mesma forma que os livros cabem em uma biblioteca. Quando precisei de ajuda, os dois dedicaram horas a pesquisar o vício em sexo. Connor até acompanhou Rose a terapeutas, e eles fingiram ser Lo e eu para encontrar um perfeito. Quem faria isso, além de pessoas que me amam e pessoas que se amam?

Ele se levanta. — Ela ouve meus conselhos desde que éramos crianças. Ela vai perceber que estou certo sobre Connor, e vai jogá-lo de lado como se ela tivesse uma aventura de curto prazo.

Eu olho. — Esse é o *namorado* dela. — Connor não é um *caso*. Esse é o primeiro relacionamento real de Rose. Sebastian deveria querer que ela fosse feliz.

— E não gosto dele — Ele diz simplesmente. Sebastian é egocêntrico, autocentrado e egoísta. Suponho que Connor assumiu seu lugar na vida de Rose. Sebastian não consegue mais comparecer a todas as festas luxuosas organizadas pelos Calloways e parceiros. Ela leva Connor em seu lugar.

— O relacionamento deles não é sobre o que você quer — digo.

Sebastian larga o cigarro em uma revista. — Rose é minha melhor amiga. Estou apenas salvando-a do desgosto. — Ele acende outro. Mas suas palavras soam incrivelmente falsas. Não acredito nem um pouco nele.

— Por que você está me contando isso? — Pergunto, cruzando os braços. Quero avisar a Connor sobre a determinação de Sebastian em separá-los. Inferno, vou dizer a Rose que amigo horrível ela tem. E ela acreditaria em mim. Sou a irmã dela.

— Você não pode dizer uma palavra — diz ele com naturalidade.

— Sim, eu posso.

Ele balança a cabeça, bate um pouco de cinza no tapete. — Não, você não pode. — Ele acena para a pilha de papéis no meu livro. — Rose não tolerará suas novas táticas de estudo. E Connor Cobalt ficaria ainda mais descontente. — Ele traga o cigarro.

Ah, merda.

Ele me encurralou tão rapidamente. Caio para trás, sem fôlego como se ele tivesse me enfiado numa máquina de lavar.

Não posso contar à minha irmã que o amigo dela está planejando arruinar a vida dela. Deveria fazer a coisa certa e confessar, não ser um ser humano horrível.

Mas *preciso* dessas provas.

E Rose pode cuidar de si mesma. Ela é a garota mais forte que conheço.

Mas quando Sebastian joga aquela estatueta de bailarina em sua mão, eu me pergunto como ela foi cegada por alguém como ele por todos esses anos. Isso pode acontecer novamente.

Minha única esperança está em Connor.

Ele terá que frustrar os planos de Sebastian. Ele terá que provar a Rose que é o melhor homem para ela. Não posso avisá-lo, mas se tivesse que apostar dinheiro em uma partida entre esses dois, sempre apostaria em Connor Cobalt.

CAPÍTULO 8

Loren Hale



Depois de passar o almoço com meu irmão, acabo na *Escalade* de Rose Calloway. Ela apareceu convenientemente no Café. Eles ficaram surpresos com isso – como se ela tivesse acabado de nos identificar, passando pela *Deli de Rocco* a caminho de casa.

Mas descobri rapidamente que Ryke a chamou para me levar para nossa casa enquanto ele voltava para Filadélfia para a faculdade. Como se eu tivesse que estar equipado com uma babá vinte e quatro por sete, como se não pudesse confiar em um táxi ou em um breve passeio pela calçada sozinho. Sou o equivalente a uma senhora de noventa anos que precisa de uma pessoa como muleta para atravessar a rua.

É ridículo. E mesmo que queira conversar com Rose sobre meu plano de ganhar dinheiro – nunca me voluntariaria para ficar sozinho com a garota. Ela me odeia. E Lily pode não ver assim, mas Rose e eu entendemos que nunca seremos melhores amigos. Nós nos aturamos por Lily, e isso tem que ser suficiente. Crescendo, Lily me escolheu – um garoto – em vez de Rose, sua irmã, e esse tipo de ciúme se acumula ao longo dos anos em algo profundo e cru. Nenhum pedido de desculpas vai importar.

E entendo. Ficaria ressentido também. Nunca quis que Rose me desse uma folga, e deve ser porque eu cutuco os carvões, mexo as chamas e provooco seu temperamento. Mereço todo olhar frio, todo comentário cortante. Mereço aquela porra de dor.

Entendo.

— Você parece tão divertida hoje, Rose — digo enquanto ela aperta o volante, a espinha reta e os olhos focados na rua. Deveria ser uma boa pessoa e perguntar o que a está incomodando, mas não posso formar as palavras. Cuidar – isso é coisa de Ryke.

— Olhe-se no espelho — diz ela gelada.

Olho. Só para agradá-la. E o que me encara é uma carranca que pode quebrar o reflexo. Queixo afiado e olheiras escuras sob meus olhos âmbar, mostrando a todos o quão cansado eu realmente estou.

Não há sono para os perversos.

— Fica mais bonito com a idade. Deve ser o álcool.

— Isso nem é um pouco divertido.

— Talvez porque você tenha perdido seu lado engraçado na sua bolsa *Gucci*.

Ela olha e depois dirige até o nosso portão.

Meu telefone vibra e verifico a mensagem com a palma da mão sobre a tela para que Rose não dê uma olhada.

Desconhecido: *Sua namorada é uma puta.*

Cerro os dentes, minhas entranhas queimando. Quero encontrar esse bastardo mais do que tudo, mas estou ficando sem opções. Não posso bater na porta de todos os inimigos de que me lembro. Existem muitos. E já cutuquei um carvão em brasa que pode estar fervendo. Desde que o ameacei, Aaron Wells pode ter revigorado para vir atrás de mim ainda mais – ou ele pode estar pronto para enterrar a cabeça em um buraco. Essa é a chance que corri ao visitar a casa dele e presumir que ele era o desconhecido. (Ele ainda pode ser, pelo que sei.)

Mas não tenho certeza se é sensato fazer a mesma coisa com caras que não falam comigo há anos.

Rastrear as mensagens – essa é a melhor chance que tenho, mas odeio que esteja fora de minhas mãos. Pergunto-me quanto tempo vai demorar antes de eu ficar completamente desequilibrado.

Estou prestes a colocar o telefone de volta no bolso, mas outra mensagem toca.

Desconhecido: *Quantos caras transaram com sua namorada? Você acha*

que as notícias vão nos dizer o número?

— Tudo certo? — Rose pergunta enquanto o carro diminui a velocidade no portão.

— Sim — Minto, digitando rapidamente.

O que você quer? Respondo.

Se for dinheiro, darei um jeito de pagá-lo. Posso pedir um empréstimo ao meu pai. Vou dobrar a quantia que os tabloides estão oferecendo a ele. Só não quero que o segredo de Lily chegue aos ouvidos de sua família. Assim que seus pais descobrirem que ela é uma viciada em sexo – não tenho certeza se Lily será capaz de lidar com essa vergonha. Acho que ela não está pronta para isso.

Desconhecido: *Satisfação.*

Que porra isso significa? *Sobre o quê?* Envio uma mensagem.

Minha perna sacode enquanto espero pela resposta. Percebo que Rose estacionou seu *Escalade*, esperando no teclado do portão. Ela abaixa a janela, mas me observa atentamente antes de digitar o código.

— Não — Retruco para ela. Eu realmente não quero ouvir suas ideias ou pensamentos sobre o assunto. Ela provavelmente tem muitas opiniões sobre como eu deveria responder a esse cara, e tenho certeza de que ela lidaria com isso de maneira diferente.

— Você não deveria provocá-lo.

— Eu não faria isso. — *Sim, eu meio que gostaria.* É o que eu faço, mesmo sem querer.

Seus lábios se contraem. — Por favor. Eu te conheço.

Meu telefone vibra na minha perna.

Desconhecido: *Quero a satisfação de te machucar do jeito que você me machucou.*

Uma pressão aperta minhas entranhas. Não se trata de dinheiro. É vingança por tudo o que fiz. Não sou um santo e nem começaria a me defender. Só nunca quis acreditar que Lily seria a única destruída por minha causa. Então, mando uma mensagem: *Não vá atrás dela. Você pode fazer o que diabos quiser comigo. Apenas deixe-a fora disso.* E hesito antes de

apertar enviar.

Estou choramingando. Estou dando a esse cara exatamente o que ele precisa. Munição para usar contra mim. Meu pai nunca mostraria a ele uma fraqueza assim. E o que o cara vai dizer em resposta? *Oh, sinto muito, Lo. Não sabia que ela significava tanto para você.* Não, ele vai me dizer para ir me foder e ver minha namorada queimar.

Esta não é a maneira de vencer uma luta.

Então, apago essa mensagem e reescrevo: *vou te encontrar, seu filho da puta. Nunca duvide disso.* Envio.

Coloco meu telefone no bolso e encontro o olhar mal-humorado de Rose.

— O quê? — digo.

— Você fez exatamente o que eu disse para não fazer, não?

— Sim.

Ela murmura, balançando a cabeça. E quando se inclina para fora da janela para digitar o código-chave, seus olhos caem em algo lá embaixo. Fico feliz pela distração. O telefone parece menos pesado no meu jeans. Começo a arquivar as mensagens no fundo da minha mente. Em um dia normal, eu simplesmente pegaria uma garrafa de *Macallan* e encerraria a noite.

— Deixou cair uma pulseira? — Pergunto.

Seus lábios se apertam.

— Pior que uma pulseira? Droga, estamos em um DEFCON 1 então. Melhor se preparar para uma guerra nuclear.

Ela realmente parece impressionada. — Você sabe o que DEFCON significa?

— Sim. Eu também sei soletrar 'duh' e 'apresse-se.' — Não acrescento que *X-Men* usa uma versão do termo para uma crise mutante iminente. Como eu aprendi os fatos não deveria importar, de qualquer maneira.

Ela me lança o olhar característico de Rose Calloway – aquele que parece que ela está a dois segundos de comer sua alma. Eu encaro de volta, mas internamente, eu quero fugir. Não sei como Connor sorri quando ela olha para ele daquele jeito. Ela não está blefando. Aposto que ela come o coração de todo mulherengo só por isso.

Ela escancara a porta. — Espere aqui.

Sim, para onde mais eu vou?

Ela vasculha fora de vista por um minuto, e a curiosidade leva a melhor

sobre mim. Eu tiro o cinto e me movo para o banco do motorista, olhando pela janela.

Rose agachou-se no chão ao lado das hortênsias roxas, a hera subindo o portão de ferro ao lado das flores robustas. Pétalas brancas se agitam ao seu lado, mas seu traseiro bloqueia o que está na frente dela.

— O que você está fazendo? — Pergunto como se ela estivesse louca. Acho que pode haver um parafuso solto em todas as garotas Calloway. Bem, talvez exceto Daisy. Ela parece bastante normal.

— Ele não pode simplesmente me enviar coisas e esperar ser perdoado — diz ela em um bufo. — Não funciona assim. — Ela grunhe um pouco, e mais pétalas se soltam.

E então ela se levanta e se vira. Agarra as hastes do que *era* um buquê de rosas brancas, mas elas parecem patéticas em seu punho apertado. Cada pétala se soltou e caiu na grama abaixo.

— Você acabou de despedaçar uma planta — digo categoricamente. Há algo perturbador nisso e, no entanto, não posso deixar de rir.

Ela olha mais forte. — Segure isso. — Ela enfia um vaso de vidro pela janela.

— Você não vai quebrar? — Pergunto. — Tudo em nome do amor? Para o seu coração partido?

— Meu coração não está partido.

— Esqueci, você é feita de aço. A mulher biônica e insensível. Connor deve amar abraçar suas porcas e parafusos. — Deslizo de volta para o meu assento.

Ela bate a porta do carro, nem mesmo desperdiçando outro olhar sobre mim. Ainda não foi para o pior olhar eu-vou-castrar-você. Acho que ela deve estar reservando para Connor. Estou tão feliz por não ser ele.

— O que ele fez? — Pergunto. — Soletrou errado sua palavra favorita? Venceu você em um jogo de Palavras-Cruzadas?

Ela não diz nada. Apenas redigita o código e passa a marcha quando o portão geme. Quando o carro rola ao longo da garagem em direção à casa colonial, caio em mim.

— Você não pode estar falando sério. Você ainda está com raiva dele porque ele me deu uma cerveja meses atrás, quando eu nem estava planejando ficar sóbrio? — Não quero arruinar o relacionamento de mais ninguém. É por

isso que Lily e eu nos fechamos para as pessoas – assim, ninguém mais tem que se machucar por causa de nossos erros.

Ela entra na garagem e desliga a ignição. — Você não entenderia. — Ela está prestes a sair do carro, mas eu me inclino sobre ela e ligo a fechadura, prendendo-a no *Escalade*.

Connor me disse para não o defender. Logo depois que eles brigaram em nossa sala, ele me levou de lado e disse para ficar fora disso. Mas não posso deixá-lo ser atacado por isso. Ele estava apenas sendo um amigo em uma época em que eu não deixaria ninguém na minha vida.

— Dê um tempo ao cara — digo. — Ele dá cambalhotas por você.

Rose me encara por um longo momento, parecendo morder as gengivas. E, então, ela tenta destrancar o carro novamente, mas eu bato o botão antes dela, apertando-o mais rápido do que ela.

— Loren — Ela avisa.

— Apenas diga — Retruco. — Diga o que você quer dizer. — Ela não acha que eu posso lidar com isso, mas eu posso.

— Você não entende — Ela solta. — Connor sabia que você era viciado e lhe deu cerveja. E você acha que está tudo bem. Você está sentado aí, me dizendo que está tudo bem quando não está. Você vê como isso é errado?

— Rose, ele não fez nada de errado. — Faço uma careta assim que me ouço. E entendo imediatamente por que Connor me disse para não dizer uma palavra em sua defesa. Porque estou defendendo muito bem por que ele não deveria ter me dado um pinga de bebida. Eu sou o alcoólatra – aquele que acreditou que poderia viver uma vida bebendo cada minuto de cada maldito dia. Ficar do lado de Connor o faz parecer culpado. E talvez ele seja, até certo ponto.

— O que ele fez foi horrível — diz ela — e não me importo se foi apenas um meio de ser seu amigo.

Passo a mão trêmula pelo cabelo e, quando olho para ela, ela empalidece um pouco. — Não, estou bem — digo. — Sinceramente, não vou correr para uma loja de bebidas depois dessa conversa, OK?

Ela assente, rígida e imóvel.

— Rose. Não estou tentando defender o cara, mas... — Isso é difícil de dizer. Eu até limpo minha garganta, as palavras se acomodando por um segundo. — Não sei se estaria aqui se ele não encontrasse uma maneira de

entrar na minha vida e na de Lily. Ele foi a primeira pessoa sem julgamento que eu poderia suportar estar por perto. Ele nunca olhou para mim como se eu estivesse fodido, mesmo que ele provavelmente estivesse pensando isso. Gostava de tê-lo como amigo. Ainda gosto.

Entrego o vaso a ela e ela não parece mais disposta a jogá-lo na parede.

— Ele é humano — Lembro-a. — Ele não é perfeito. Ninguém é.

Seus lábios se contraem. — Palavras sábias de Loren Hale. Você deve ter plagiado de um biscoito da sorte.

Deixei escapar uma risada fraca, na verdade sorrindo para isso. Ela é boa. Destranco o carro. Pela porta da garagem dos fundos, entramos na casa, pela cozinha de granito.

Lily deve ter ouvido a garagem porque ela atravessa o arco com uma mochila com zíper. Ela a coloca em uma cadeira e espera pacientemente que eu me aproxime dela no banco do bar. Ela está indo bem, e então percebo como ela mexe com os dedos, como aperta as coxas com força.

Diminuo o espaço entre nós e deslizo meus braços ao redor de seus ombros. Ela descansa a bochecha no meu peito, mas seu corpo não cede de alívio. Não, aperta na ânsia. Lily não abraça. Ela fode até desmaiar.

E eu quero tanto consertá-la, mas só posso ajudar. A verdadeira reparação – esse deve ser o trabalho dela, sua luta, sua batalha. Não posso vencer esta por ela, assim como ela não pode derrotar meus demônios.

Sapatos batem ao longo da madeira, e espero ver Connor Cobalt no topo do arco. Em vez disso, encontro Sebastian Ross.

Ele ainda está aqui depois de ensinar Lil? Gemo internamente. Sua arrogância autoconfiante me incomoda. Sempre incomodou. Ele exibe um sorriso presunçoso noventa e nove por cento do tempo e garante que sabe o que está acontecendo na vida de todos. Sebastian e eu nunca concordamos. Talvez porque eu digo mais comentários maldosos para Rose do que bons. Ele acha que eu sou um idiota.

Eu sou.

E ele tem todo o direito de não gostar de mim. Eu darei isso a ele.

Guio Lily até uma pequena mesa de café da manhã e me sento na cadeira, trazendo-a para o meu colo. Ela abre a boca, provavelmente prestes a perguntar quando vamos fazer sexo, mas fecha-a e cora.

Antes da reabilitação, era quando eu a provocava. Deslizo minha mão por

sua coxa e observo sua respiração. É preciso toda a força para negar com a cabeça. Seus olhos se arregalam com um leve horror, mas eu pressiono um beijo em sua têmpora.

Quero distraí-la do sexo, então pergunto: — Alguma coisa boa na TV?

— Eu gravei *Avengers Assemble* enquanto você estava na reabilitação — Ela diz suavemente. — É muito bom, mas eles fazem o Capitão América parecer meio fraco.

Sorrio. — Alerta de spoiler?

— Não, ele se acovarda no primeiro episódio. — Ela parece relaxar, o que me faz relaxar.

— Como foi a reunião? — Sebastian pergunta a Rose, um cigarro aceso queimando entre dois dedos.

— A reunião foi boa — diz ela. — A coleção de moda masculina acabou de ser enviada, então todo mundo estava animado. — Quando ela se vira para ele, vê o cigarro entre os dedos dele, estreitando os olhos. Com o vaso de Connor ainda seguro em sua mão, ela arranca o cigarro de Sebastian. — Só lá fora. — Ela joga na pia e não faz nenhum outro comentário sobre isso.

Ele se safa de mais merda do que qualquer outro cara na vida de Rose.

Lily se recoloca no meu colo, montando em mim na cadeira de repente. Porra.

É meio-dia. Não devemos fazer sexo. Não é considerado a norma. Lembro-me de todas as razões pelas quais isso não pode acontecer. Sem mencionar que Rose e Sebastian estão do outro lado da cozinha.

— Como estão indo as aulas? — Rose se vira para Lily. Ela está tentando atrasar o que eu acho que é inevitável – meu pau em Lily, seu corpo e mente apaziguados, vindo com uma euforia feliz.

Lily aponta para o peito, corada. — Oh, eu?

Rose dá a ela um olhar que diz a ela para realocar seu bom senso. Lily enfia o cabelo atrás da orelha e se senta um pouco longe do meu peito. Progresso, sim. Mas não consigo tirar as mãos de suas coxas. Tenho medo de que ela surte com a falta de contato.

— Descobri por que as pessoas chamam a matéria de *Estats* e não *Estat* agora. — Ela dá um sorriso tenso, esperando que seja o suficiente para Rose.

— Ela está indo muito bem — diz Sebastian com indiferença. Mas seu olhar desce para o vaso entre os dedos de Rose. Ele pega o vidro transparente.

— Isso é cristal?

— Sim — Rose diz cansada. Ela puxa seu cabelo castanho brilhante em um rabo de cavalo elegante.

Sebastian faz uma pausa por um segundo, e percebo que Lily está presa na cena, observando com mais interesse do que normalmente teria.

Aperto sua perna e me inclino para sussurrar em seu ouvido: — O que está acontecendo?

Mas Sebastian fala, cortando qualquer chance de Lily responder. — Onde estão as flores?

— Mortas.

Sebastian abre um armário e puxa a lixeira.

— O que você está fazendo? — Rose pergunta, seu tom aumentando.

— Ele realmente espera reconquistar você com *flores*. Vamos, Rose. — Ahn, estou surpreso que Rose se sentiu confortável o suficiente para compartilhar detalhes íntimos de sua briga com *Sebastian*. Só não achei que ela abrisse seus portões gelados para alguém.

Rose olha interrogativamente para o vaso na mão de Sebastian, pensando em destruir o presente de Connor.

Ah, caralho. — É cristal — Lembro-a.

— Sim — Acrescenta Lily.

Sebastian parece imperturbável com as vozes dissidentes e apoia um cotovelo no balcão. Ele passa o vaso para Rose, mas ela hesita ao lado da lixeira.

— É Lalique — Ela diz baixinho, os dedos correndo pelo lado liso. O vaso é cortado como um quadrado e o fundo tem um desenho de nó intrincado.

— O que isso significa? — Lily pergunta.

— Ele tem bom gosto — diz Rose.

Sebastian faz questão de revirar os olhos.

Rose aperta o vaso contra o peito. — É a minha marca favorita.

Somente Rose teria um tipo favorito de cristal aos vinte e dois anos. Mas, mais do que isso, Connor *sabia* exatamente do que ela gostava. Esse detalhe tem que contar para alguma coisa. Eu nem sou tão perspicaz.

Sebastian bate no balcão, observando Rose de perto. — Você pode ficar com ele, mas que tipo de mensagem isso realmente transmite? A cada briga ele tentará comprar você de volta. Pessoalmente, eu ficaria bem com esse tipo

de relacionamento. Eu tenho um par de sapatos de couro de crocodilo de Max no meu armário, mas conheço você, Rose. Depois da quinta joia, você vai se cansar dele.

Rose parece em conflito.

— Connor está tentando pedir desculpas — Lily fala.

Sebastian parece incomodado com a interjeição de Lily. Ele inclina a cabeça, seus olhos piscando para a mochila dela. Estou perdendo algo importante. Não é preciso ser um gênio como Connor para descobrir isso.

Lily hesita e se encolhe em meu peito. Envolver meus braços em torno dela e ataco Sebastian com meu olhar furioso. É assim que é a vida no mundo da primeira classe – uma série de olhares, meio-sorrisos e carrancas. Cada um é letal, cada um como a porra de uma navalha. E aprendi todos eles com os melhores. Não Rose Calloway. Meu pai poderia destruí-la com seu olhar penetrante de vá-para-a-porra-do-inferno.

Inferno, ele quase me destruiu com isso

Rose coloca o vaso no balcão ao lado da cafeteira, incerta. — Tenho uma caixa que preciso pegar no carro. Volto já. — Em parte, acho que ela está saindo para esconder o quão confusa ficou. Quando ela sai pela porta dos fundos, Sebastian se endireita e pega o vaso do balcão.

A espinha de Lily fica ereta como um gato surpreso. — O que você está fazendo?

— O que Rose não pode. Ela vai me agradecer mais tarde. — Ele joga o vaso na lixeira.

— Não! — Lily salta do meu colo. Eu a sigo, só porque não gosto do olhar de Sebastian. É o tipo que vi em muitos garotos ricos – aquele em que eles pensam que são invencíveis. Que ninguém pode tocá-los.

Provavelmente já o usei de vez em quando.

Sebastian fecha o armário com um chute e estende os braços sobre o balcão atrás dele, bloqueando Lily da lixeira. Ela se agacha para passar por suas pernas para alcançá-lo, mas Sebastian segura o pé. — Lembre-se do que está em jogo, pequena Calloway — Ele diz casualmente, uma voz tão suave que quero rasgá-la em pedaços. A minha não é nada disso. É bem afiada, grossa e severa.

Lily congela e lentamente se levanta. Eu coloco minhas mãos em seus ombros, confuso como sempre.

— Você está chantageando-a? — Pergunto.

Lily balança a cabeça primeiro. — Está tudo bem — Ela diz para mim. Coloca as palmas das mãos no meu peito e começa a me empurrar para longe dos balcões e em direção à mesa do café da manhã novamente. Não está bem. Que porra está acontecendo?!

A porta se abre. Rose entra com uma caixa enfeitada assinalada *Coleção Masculina Primavera/Verão*.

— Então você está realmente fazendo moda masculina? — Lily pergunta, sua mão escorregando na minha. Ela aperta uma vez, um sinal de que ela explicará as coisas de Sebastian mais tarde. Tenho que confiar nela.

Rose assente e pega um casaco esportivo masculino azul e o passa para Sebastian.

— Gosto do bolso — diz ele e inspeciona o forro de seda. — Estou feliz que você tenha escolhido esta impressão.

— Eu também. Os quadriculados eram demais. — Ela se vira para Lily. — Sebastian tem me ajudado com a coleção.

Lily me disse que Rose está nervosa com a ideia de diversificar, já que a Calloway Couture é estritamente para mulheres.

— Sei que este é provavelmente um momento conturbado — Rose diz para Lily, pegando o casaco de Sebastian e dobrando-o com precisão —, mas eu poderia usar sua ajuda no escritório. Você se importaria de trabalhar mais horas?

Desde a minha estadia na reabilitação, Lily tem ocupado seu tempo como assistente de Rose, mesmo que duas outras garotas trabalhem na Calloway Couture para mídia social, vendas *online* e o que quer que Rose precise delas. Lily me disse que ela é a cadelinha número um de Rose – e ela disse tudo com um floreio de orgulho, o que eu achei adorável.

— Claro — Lily concorda com um aceno firme. Mas ela aperta minha mão com mais força e então deixa escapar: — Mas, e os modelos masculinos? — E então seus olhos se voltam para Sebastian e ela empalidece, esquecendo sua presença.

— Ah, sim — Sebastian diz —, são lindos. Talvez Rose possa encontrar alguém melhor para você do que aquele ali. — Ele aponta para mim.

— E talvez ela encontre alguém para substituí-lo. — Faço uma pausa zombeteira. — Oh, espere, ela já fez isso. — Onde está Connor Cobalt

quando você precisa dele?

O canto da boca de Sebastian estremece. Bom.

Rose coloca o casaco esportivo de volta na caixa. — Sebastian, acho que é hora de você ir. Te ligo amanhã.

— Claro. — Ele beija a bochecha dela e acena para Lily. — Estude bastante.

— Eu vou — diz ela tensa.

Com isso, ele sai, e quando a porta bate, Rose coloca as mãos nos quadris e encara Lily. — Nunca vou agendar os modelos masculinos para provas quando você estiver no escritório, prometo.

— Só estou com medo — Admite Lily. Ela não consegue nem olhar para mim.

Eu tento segurar um estremecimento. Deveria confiar mais nela – que ela não vai me trair, mas passei anos a ouvindo transar com outros caras através das paredes. Ser monogâmica não é natural para ela, e estou sinceramente chocado por ela ter aguentado tanto tempo só comigo. Espero o dia em que não serei o suficiente, especialmente agora que não posso alimentar seus desejos. Não posso dar a ela o que ela pode receber tão facilmente de algum outro babaca.

— Não vou colocar você nessa posição — Rose diz a ela. — Prometo. — E se meu plano funcionar, Lily não deve se preocupar. Mas assim que reúno coragem para perguntar a Rose, a porta se abre e todos nós enrijecemos.

Sebastian está de volta.

Mas os sapatos na madeira soam diferentes, mais confiantes, mais rápidos e determinados.

Connor caminha pelo arco com uma pilha de pizzas de pão francês. Ele as desliza sobre o balcão assim que a tensão diminui. Bem, tecnicamente apenas Lily e eu relaxamos. Os ombros de Rose travam como se ela estivesse se preparando para esmagar alguém com o calcanhar. — Quem você pensou que eu era? — Ele nos pergunta. Ele deve notar a mudança na sala.

— Sebastian — diz Lily.

— Estávamos conversando sobre sexo — Esclareço.

Ele balança a cabeça, entendendo agora. — Como foram as aulas particulares? — Ele pergunta, prestes a se aproximar de Rose e beijá-la, mas ela olha para a parede, não para ele. *Vamos, Rose, deixe o cara entrar.*

Connor apenas a estuda, mais determinado a conquistar seu afeto. Ele se inclina contra o balcão e então dá toda a atenção a Lily.

— Foi bom. Acho que Sebastian vai ajudar muito.

Verdade? Sempre afirmei que mudaria de *whiskey* para alvejante se tivesse que falar com ele por mais de dez minutos. Obviamente, há algo acontecendo entre Sebastian e Lily, mas não quero tocar no assunto agora.

— Isso é bom — diz Connor. — Sinto muito por não poder ser seu tutor. Se eu tivesse mais tempo nesse semestre, você sabe que eu seria.

— Está tudo bem, sério. — Ela continua dizendo isso, e acho que todos nós sabemos que não está bem.

Connor abre uma das caixas e Rose espia por cima de seu ombro, arriscando o toque de seu braço.

— Alcachofra e cogumelos? — Ela pergunta.

Ele puxa a segunda caixa e a encara. Mas ele segura a pizza. — E queijo feta.

Lily murmura para mim: — *A favorita dela.*

Ele está calmo. E Lily está sorrindo tanto, vendo sua irmã e Connor se reunirem. Todo o rosto dela brilha. Foda-se. Eu deslizo meus braços em volta de sua cintura, e a puxo para meu peito, seu corpo quente faz meu pau latejar. Ela solta um suspiro audível, mas Connor e Rose estão perdidos em seu próprio mundo intelectual.

Rose espera que Connor passe a caixa, mas ele não vai deixá-la comer a pizza tão facilmente. Às vezes esqueço que ele está disposto a testá-la tanto quanto ela a ele.

— Você quebrou o vaso, não? — Ele deve ter visto as rosas brancas despedaçadas no portão. Se ele está magoado com o fato, não sei dizer. Rose e outros tipos de gênio devem ser os únicos capazes de lê-lo.

— O quê? Não, eu... — Ela olha por cima do ombro para a pia, onde ela havia colocado o vaso anteriormente. Mas não está mais lá graças ao seu ‘melhor’ amigo. Seu olhar se desvia para o armário com a lixeira deslizante.

Connor segue os olhos dela, abre o armário e tira o cristal caro, com uma fissura na lateral. Rachado, quebrado. Ele o coloca na pia e passa a pizza para ela.

— Eu não fiz isso — Rose diz imediatamente. Seus olhos brilham com fogo. — Vou matá-lo. — Eu a ouvi dizer isso sobre Sebastian muitas vezes

para levar a ameaça a sério.

— Sebastian? — Connor pergunta.

Rose assente concisamente. Ela larga a pizza, sem mais vontade de comer, e inspeciona o vaso com mãos delicadas. Seus ombros caem. Ele vem atrás dela e sussurra em seu ouvido. Quando sua voz aumenta, percebo as sílabas, mas não entendo as palavras.

Ele está falando com ela em francês.

Ela responde na língua estrangeira, fluente. Ele beija a cabeça dela, e então ela gira e beija seus lábios, ficando na ponta dos pés.

Lily se vira para mim com isso, e seus olhos ficam arregalados e ansiosos. *Eu quero, Lili. Deus, eu quero.* Agora é a melhor hora para falar com Rose. Mesmo que isso atrapalhe seu momento com o namorado, vai me salvar de rejeitar Lily novamente.

— Rose — digo.

Ela se endireita, mas Conner mantém a mão emaranhada em seu cabelo, intoxicado pelos movimentos de comando de Rose. Ela o possui, mas ele é igualmente possessivo com ela, o que ainda acho estranho. Eu tinha certeza de que Rose devoraria qualquer homem que tocasse, mas eles têm essa relação simbiótica em vez da parasitária que compartilho com Lily.

— Sim? — Ela pergunta.

Minha garganta incha com o pensamento de pedir ajuda a ela. Mesmo com as palavras na minha língua, dizê-las é difícil pra caralho. Então me viro para Connor. — Você ouviu alguma coisa do investigador particular?

— Ele está trabalhando para rastrear as mensagens. Vamos ver se podemos encontrar alguma pista. — Depois da onda de mensagens no carro, não era exatamente essa a notícia que eu queria ouvir. Não gosto de esperar. Só tenho paciência no que diz respeito a Lily. Esperar que ela me escolhesse em vez de uma transa rápida – isso foi difícil, mas eu aguentei. Esperar que esse cara destruía nossas vidas – isso eu não estou aceitando muito bem.

— Lo — Rose solta. Sua mão voa de volta para o quadril. Ela percebeu que eu estava me esquivando. — Desembucha.

Eu inalo. — Como você sabe... — Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço, o calor queimando meu corpo de repente. Não estou acostumado com isso. — Não tenho um diploma universitário, então, conseguir um emprego que pague mais do que o salário mínimo será um desafio.

O silêncio persiste, esperando que eu continue, três pares de olhos me perfurando com curiosidade e hesitação. Eles acham que estou prestes a desistir, jogar minhas mãos para o ar e dizer que não posso fazer trabalho braçal duro. Não consigo virar hambúrgueres. Não posso ser um cara normal de classe baixa que tem que trabalhar para ganhar dinheiro. *Nunca* tive que fazer isso, mas isso não significa que eu não tentaria. Eles pensam menos de mim e não lhes dei motivos para acreditar no contrário.

— Eu não teria nenhum problema em virar hambúrgueres — Explico —, mas devo a Ryke quarenta mil pela reabilitação que gostaria de pagar em um período de tempo razoável... mais, você sabe, aluguel. — Faço uma nova pausa, meio que esperando que Rose me pague a fiança e diga, *você não precisa pagar aluguel, Lo, você é praticamente da família*. Mas esqueço quem ela é por um breve segundo. Talvez seu pequeno colapso por causa de um vaso tenha me enganado, mas ela permanece resoluta, forte, sem vontade de me deixar seguir o caminho mais fácil.

Bom.

Ainda assim, eu olho. Hábito. — Você vai me fazer pedir, não? — digo.

Ela sorri friamente. — No ano passado, nas Ilhas Cayman, você disse que nem o abominável homem das neves iria querer me foder.

Lily se engasga — Você não disse.

— Disse.

Ela dá um soco no meu braço. Eu zombo, estremeendo. Sim, eu mereci isso.

Connor permanece completamente impassível. Mas ele segura Rose mais perto, como se silenciosamente dissesse que estou errado. Claramente caras com QIs insanamente altos querem transar com ela.

Deixei escapar um suspiro profundo. Aqui vai. — Já fui procurado por agências de modelos antes. Você seria uma idiota se não me usasse em sua campanha de moda masculina. — *Muito bem, Loren. Chame-a de idiota. Essa é definitivamente a maneira de conseguir um emprego. Jesus Cristo, não é de admirar que você nunca tenha tido um.*

— Eu me lembro disso — diz Rose rigidamente.

— Como é que você nunca foi modelo se foi abordado? — Connor pergunta.

— Talvez eu tenha entrado na entrevista bebendo direto de uma garrafa de

Jack Daniel's. — Eu estava fodendo com a agência, desperdiçando o tempo das pessoas e o meu. Eu realmente não queria modelar. Ainda não, mas será dinheiro rápido. E esta é uma chance para eu refazer meus erros do passado. Posso consertar as coisas.

Connor solta um longo assobio. — Impressionante.

— Eu também acho.

Rose parece pronta para reacender a velha discussão, mas Connor se inclina e sussurra em seu ouvido novamente. Francês. Não consigo entender a porra de uma palavra. Ela alivia consideravelmente.

— Preciso de um tradutor — Lily sussurra para mim.

— Ou um intérprete. — De preferência, não um intérprete do sexo *masculino*. Eu posso apenas imaginar Lily ficando excitada e corada por um cara francês. Mesmo essa fantasia proposta me faz estremecer. Ciúme é a única coisa que nunca quero para nos separar. Mas está lá. Como uma infecção.

Rose finalmente fixa seus olhos em mim. — Ser modelo é difícil — diz, com a voz muito mais suave. — Não se trata apenas de ter um corpo bonito ou um rosto bonito. Pergunte a Daisy.

— Eu sei — digo. — Mas, Rose, isso não vai ser uma carreira para mim. Só preciso ganhar dinheiro suficiente para pagar minhas dívidas e me virar sozinho. É isso. — Olho para Lily por um segundo. — E você não terá que bagunçar sua agenda para Lil. Estarei lá enquanto os outros modelos estiverem. Vai ser melhor.

Lily segura o cós da minha calça jeans e diz: — E o que você vai fazer depois de modelar?

Não faço ideia. A névoa do meu futuro é muito densa para ser dissipada. — Um passo de cada vez — digo. Ela assente, compreendendo.

Rose pondera sobre minha proposta por um minuto. E então ela diz: — Tudo bem.

Abro um sorriso completo.

E acrescenta: — Mas só para deixar as coisas claras, estou fazendo isso por pena.

Meu sorriso desaparece. — Você poderia ter parado no ‘tudo bem’.

É a vez dela de sorrir. — Eu sei.

CAPÍTULO 9

Lily Calloway



Dois dias se passaram e eu ainda não fiz sexo. E, além disso, esquivei-me de contar ao Lo sobre os testes antigos. Mas pretendo. Eu só preciso... formular corretamente para que ele fique no meu lado imoral das coisas. E Connor ainda não encontrou nenhuma evidência sobre o chamado chantagista (ou o que quer que ele seja – considerando que ele ainda não pediu nada em troca).

— E quanto a Patrick Bomer? — Sento-me com as pernas cruzadas na cama, um velho anuário azul-marinho da Dalton Academy no colo. Grandes círculos pretos contornam certos rostos e em outros desenhei Xs... e bigodes.

Levanto minha cabeça e pego a carranca de Lo através do espelho circular montado acima de nossa cômoda. Ele passou vinte minutos sólidos se vestindo esta manhã e outros dez minutos em seu cabelo. É seu primeiro trabalho na Calloway Couture. Inferno, é seu *primeiro* trabalho, e ele está enlouquecendo com isso.

— Por que Patrick me odiaria? — Ele pergunta, despenteando as mechas mais grossas de seu cabelo de propósito.

— Você ganhou o primeiro lugar nos projetos de fim de ano da nossa aula de Artes. — Lo fez um vídeo de cinco minutos de uma sacola plástica balançando ao vento, o que foi além de chato e nada original, visto que a *American Beauty* fez isso primeiro.

Ele se vira para olhar para mim. — O quê? Não é minha culpa. Meu projeto foi muito bom.

— A classe inteira dormiu — Lembro-o. E Patrick fez uma escultura de bronze de Apolo, mas dificilmente foi apreciada pelo Sr. Adams.

— Então, ele deveria estar chateado com o professor, não comigo.

Não refuto porque ele está certo. Os professores davam a Lo um tratamento especial, chegando a conceder a seu vídeo de baixa qualidade o prêmio mais alto porque ele é um Hale. Porque seu pai é um multimilionário com conexões tão intrincadas que uma aranha teria ciúmes da teia que Jonathan Hale tece.

Olho para a tela do meu computador na cama. — Talvez ele não esteja mais com raiva — Acrescento. — Ele está na Carnegie Mellon para estudar Arte agora.

— Como você sabe disso?

— *Facebook*.

Lo geme. — Por favor, diga-me que você não se inscreveu. — Tínhamos uma regra de mídia antissocial desde o Ensino Médio. Gostamos muito de privacidade para desperdiçá-la no ciberespaço.

— Eu não. Inscrevi você.

Seus olhos ficam sombrios.

— Do meu ponto de vista — digo rapidamente —, é que se alguém te odeia, provavelmente começará a caluniá-lo aqui. — Aponto para a tela. — É como uma armadilha de mosca para suspeitos.

Surpreendentemente, ele arrisca sua calça cáqui, sem rugas, prensada a vapor, para sentar-se na cama ao meu lado. A tela do nosso dossel enlaça na sua perna, e ele amaldiçoa baixinho, retirando o tecido com raiva. — Juro que vou cortar essa coisa estúpida.

— Gosto disso. — Mesmo quando sou presa na tela como um manto orador como aconteceu na noite passada. Às vezes rolo quando durmo. Acontece.

— Não estamos em uma selva tentando afastar os insetos.

— Rose projetou o quarto — Lembro-o. Ela o decorou enquanto Lo estava fora na reabilitação. — Ela ficará chateada se eu mudar por sua causa.

— Melhor ainda — diz ele. Duvido que acredite nisso.

— Vou esquecer o que você acabou de dizer — Murmuro e giro a tela do computador para ele.

Lo fica boquiaberto. — Você tinha que usar essa foto como minha foto de

perfil?

Abro um sorriso largo e não consigo parar de olhar para a foto. Ele não tem camisa, exceto por uma calça de pijama do Homem-Aranha. Parece sexy e legal.

O *site* consome sua atenção e ele percorre os perfis de estudantes antigos.

— Casado, grávida, morta, noiva, grávida, casada — Ele lista. — Alguém ficou na casa dos vinte anos após o Ensino Médio ou todo mundo está no mesmo jogo de plano de aposentadoria e fraldas?

— Talvez eles estejam apaixonados — Defendo.

— Nós estamos apaixonados. Você não nos vê casando ou tendo bebês.

Franzo a testa, não sei por que isso me machuca um pouco. O casamento não é realmente um plano meu, pelo menos não até que esteja mais velha e passe por esse estágio estranho e confuso da vida. Mas a maneira como Lo disse essas palavras – bem, elas fazem o casamento parecer inexistente. Como, em vez de *talvez*, ele esteja dizendo *nunca*.

— Você não quer se casar? — Pergunto suavemente. Mal posso encontrar o olhar dele. Tenho vinte anos, apenas saindo da adolescência. Não deveria me preocupar com casamento e bebês, especialmente quando estamos lutando para sermos saudáveis.

Ele hesita. — Não sei. Não estou fechando a porta. Simplesmente não consigo pensar nisso. — Ele faz uma pausa. — Você... pensa nisso? — Ele franze a testa profundamente, preocupado com o fato de não estarmos na mesma sintonia. Normalmente, estamos, e é meio aterrorizante vê-lo se desviar sem mim.

— Não muito — digo. — Antes de estar com você, nunca pensei que me casaria. — Dormia com caras aleatórios. Pensei que a monogamia não era um estilo de vida com o qual poderia me conformar. Agora que estou começando a encontrar um bom ritmo, começo a fantasiar sobre a normalidade.

— Mas agora você pensa? — Ele pergunta.

Dou de ombros. — Eu acho, mas definitivamente não tão cedo. Quero passar pela casa dos vinte primeiro. — Eu aceno minha mão. — Não vamos falar sobre casamento ou filhos. É estúpido, de qualquer maneira. Temos coisas mais importantes com que lidar.

Não pensei que fosse possível, mas seu rosto se contorce mais, ainda mais grave do que antes. — Você quer filhos?

Oh... posso dizer pelo jeito que ele fala que não os quer. Um carço sobe à minha garganta, e sinto que isso vai ser uma pergunta capciosa. Olho por cima do meu ombro para a resposta certa, mas não está escondida lá. — Hmm... — Murmuro. — Não sei.

Ele pisca, observando-me enquanto eu o observo. As respostas parecem brotar do nosso silêncio.

— Talvez — Deixo escapar, incapaz de me conter por mais tempo. — Quando eu for mais velha, mas não muito velha, acho. Meus óvulos têm relógio biológico. — Concordo com a cabeça e depois faço uma careta. — Quero dizer, você sabe... — Estou a dois segundos de me enterrar debaixo do edredom e nunca mais sair. *Esconda-se, Lily, esconda-se!* Meu rosto está em chamas. Gostaria muito que meus sentimentos não fossem tão visíveis.

— Lil — Lo respira, seus olhos suavizando consideravelmente. Sou uma daquelas embarcações que balançam no oceano antes de serem atingidas por uma onda. — Você... e eu... — Lá vem. — Provavelmente não deveríamos ter filhos.

Olho fixamente para o edredom preto e branco, organizando meus pensamentos. Nunca me permiti sonhar tão longe, construir uma realidade onde Lo e eu formássemos uma família juntos. Talvez porque no fundo do meu coração, sabia que não existe.

Suas palavras pintam a escuridão do meu futuro em uma imagem mais clara. E é uma imagem que quero devolver à loja. Uma vida onde não temos filhos. Onde nossa família consiste em mim e ele. E é isso.

Entendo de onde isso vem. Somos ambos viciados e, mesmo que pudéssemos criar um filho, o alcoolismo ainda é hereditário. Lo não desejaria seus problemas para ninguém, especialmente para seu próprio filho.

— Eu sei — digo com um aceno mais triste. — Só não quero pensar nisso.

Ele distrai meu humor taciturno apontando para uma foto no anuário. — Você botou um bigode em Jacqueline Kinney. Isso é simplesmente cruel.

Meus lábios se erguem lentamente e olho para a cabeça dele. Seu cabelo aponta para direções diferentes. E tenho certeza de que ele acha que é assim que o cabelo de um supermodelo se parece, mas Rose não vai gostar.

Eu me aproximo, empurrando o *laptop* para longe, e corro meus dedos por seus cabelos, penteando seus cabelos castanhos grossos em cima. Ele recua quase instantaneamente.

— Gastei um tempo valioso nisso. — Ele agarra meu pulso.

— Acho que todo esse tempo foi gasto olhando para si mesmo — Refuto.

— Deixe-me consertar. — Mas meu olhar se desvia de seu cabelo, pousando em seus lábios rosados que pairam tão perto dos meus. Imagino como eles vão se sentir nos meus macios. E desejo me pressionar contra eles.

Seus lábios começam a se mover, mas não ouço as palavras deles. Estou paralisada e, quando eles param, um aperto magnético me impulsiona para sua boca.

Toco seus lábios com os meus, e ele retribui o beijo primeiro, suave e doce. Um gemido rouco faz cócegas na minha garganta, e rastejo em sua cintura, montando nele, pronta para algo mais. Só preciso dele... Passo meus dedos em seu cabelo e aperto minhas coxas.

Ele se afasta.

Não. Respiro pesadamente como se estivesse correndo uma meia maratona. Estou começando a subir aquela ladeira íngreme e ele me parou no meio do caminho.

— Lily...

Minhas mãos mergulham abaixo de sua camisa, e eu traço os gomos em seu abdômen, deslizando cada dedo ao longo de seu peito nu. Inconscientemente cavo minha pélvis, balançando um pouco, precisando dele cada vez mais.

Um gemido escapa de *seus* lábios desta vez, e ele tem que agarrar meus pulsos.

Não quero parar. Parece que não o toco há muito tempo. É tão insuportável. Lembro-me da alegria e explosão de gozar. Quero que essa sensação ondule através de mim. Quero que meu corpo vibre até que não consiga enxergar direito. Sinto muita falta disso.

Mas quando encontro seus olhos duros, vejo a resposta. *Não. Não. Não.* Mas eu quero ouvir sim, apenas uma vez. Quero suspirar de alívio com a palavra.

— Não faço sexo há dias — digo como se fosse uma conquista. — Pensei que seria recompensada por bom comportamento.

Sua boca se curva em um sorriso genuíno. Ganhei, eu acho. É isso. Aperto minhas pernas em volta de sua cintura novamente, sua dureza me levando a novos níveis de ansiedade.

— Uau — Ele protesta, levantando-me debaixo dos meus braços. Ele me coloca de joelhos. Sem graça. — Que tal eu fazer um acordo com você?

— Gosto de acordos — digo, meu olhar à deriva para seu pau.

— Olhos em mim, Lil.

Eu tento. Estou tentando. Estou. — Mas os acordos não são contra as regras?

— Esse não.

Agora estou curiosa. Ele esfrega minha perna, meio aberta em seu colo. Acho que isso é melhor do que ser jogada fora dele completamente. O movimento chama minha atenção, e desejo desesperadamente que seus dedos subam mais, até o ponto que lateja tão desesperadamente por seu toque.

— Você pode escolher uma coisa para fazer agora. Posso beijar você até ficar sem fôlego. — Ele se inclina para frente e coloca um beijo pequeno e fugaz em meus lábios antes de sua respiração fazer cócegas em minha orelha. — Ou posso colocar meus dedos dentro de você e fazer você se sentir satisfeita. — *Sim*. — Ou... — Há outra opção? Oh, caramba. Eu corro para frente, mesmo contra sua vontade, e agarro sua camiseta entre meus dedos. Posso praticamente senti-lo pulsando embaixo de mim. Ou talvez seja apenas minha necessidade crescendo fora de controle. — Posso passar a mão nas sua calça e fazer você gozar. — *Duplo sim*. — Mas...

Meus ombros caem ao perceber que há uma contrapartida. Acho que é por isso que se chama um acordo e não um vale-tudo... ou um vale-Lily. — Não gosto de *mas*... — Paro porque percebo que gosto quando é de adição, frente e trás.

— Você está ficando vermelha — Observa Lo. — Você está pensando na minha bunda?

Eu bebo em seus ricos olhos âmbar. — Mais como *minha* bunda e seu...

Ele cobre minha boca com a mão e sussurra em meu ouvido novamente: — Meu pau não vai chegar nem perto da sua bunda, Lily Calloway, mas fico feliz em colocá-lo em outro lugar. — Ele sussurra alguns lugares, e percebo que me agarrei em seu colo como uma macaca, segurando-me com tanta força que já estou molhada e pronta.

— *Mas?* — digo, lembrando-o de que havia um grande e gordo bloqueio que ele construiu.

— Você só pode escolher uma opção. Ou você pode abrir mão de todas

elas e optar por esperar até esta noite, e faremos sexo. Você decide. — Tudo o que ouço é que *vamos fazer sexo*. Mas eu tenho que esperar por isso. E agora, esperar oito minutos é uma tortura que não quero suportar. Como posso esperar oito *horas*?

— Não gosto desse acordo.

— Nem eu, mas temos que praticar o autocontrole. Nós dois. — *Oh*.

Pondero as opções e percebo que se escolher algo agora, ele não terá nenhum tipo de prazer. — Eu escolho a cabeça. Para te fazer um *boquete*, quero dizer — digo uma das frases mais grosseiras que já usei, mas a última coisa que me importa agora é a sofisticação. E por um breve momento, eu me pergunto como Connor e Rose estão na cama – eles falam partes anatômicas ou falam em uma bela prosa? Eu perguntaria a Rose, mas ela é reservada sobre essas coisas. E tenho certeza de que sua vida sexual é inexistente, pois ela tem problemas de intimidade. E espero que ela me diga se perdeu a virgindade.

— Deixe meu pau fora disso — diz Lo, igualmente elegante.

— Por quê? — Franzo a testa e meus olhos se arregalam. — Boquetes estão na lista proibida? — Ainda não fizemos terapia juntos, mas imagino que vou implorar à minha terapeuta pelos detalhes dessa lista na próxima vez que a vir.

Ele cobre minha boca novamente. — Pare... de falar — diz ele com firmeza. Ele se mexe um pouco embaixo de mim, e estou prestes a olhar para baixo, mas ele levanta meu queixo antes que eu veja sua dureza.

Obviamente, não sou a única com hormônios em fúria. Eu poderia sorrir, mas também me sinto culpada por ele sofrer por causa do meu vício.

Meus olhos piscam para seus lábios, e há uma parte em mim que quer ceder e escolher o beijo. Mas beijar sempre leva a mais coisa comigo, e ser negada será mais difícil do que não ter Lo.

Agarro seu pulso e puxo sua mão da minha boca. Ele me dá um olhar de advertência para não mencionar as partes de seu corpo. Mas é exatamente por isso que estou escolhendo esta noite, a única opção que também oferece algum tipo de prazer a ele.

— Podemos esperar — digo baixinho e lentamente. A contragosto, deslizo de seu colo e da cama. Fecho meu *laptop* e vou endireitar minha camisa na frente do espelho. A pior parte – não poderei liberar minha frustração

reprimida agora. A pulsação entre minhas pernas terá que ficar. Porque não me comprometi com a autossatisfação. Depois que começo a trilhar esse caminho, não há como parar. Voltarei a ser uma fera compulsiva e não quero que Lo me veja assim.

— Tem certeza? — Lo fala da cama.

Ele está tão surpreso quanto eu. Normalmente aceitaria uma das gratificações imediatas, mesmo que fosse passageira. Vou me arrepender da minha decisão em algumas horas, mas pelo menos estou fazendo a escolha mais inteligente agora.

Encontro seus olhos, e juro que estão iluminados, como se ele estivesse orgulhoso de mim.

— Positivo.

Em retrospecto, eu deveria ter ido para a parte de carícias sobre as roupas. Teria gozado e tudo ficaria bem. Mesmo depois de um banho, sento-me atrás de minha mesa no escritório da Calloway Couture com uma tensão tão louca que, por reflexo, esfrego minha parte inferior contra a cadeira. Meu rosto queima quando me pego e olho para cima, me perguntando se Trish e Katie notaram.

Mas as duas loiras digitam atrás de suas mesas brancas, o local de trabalho mais parecido com um loft, sem cubículos. Prateleiras com roupas protegem as paredes. Rose tem um escritório de vidro com vista para o resto de nós e, neste momento, sinto falta de suas espiadas constantes pela sala, seu olhar repreensivo indo da tela do computador para a minha mesa.

Sua cadeira está vazia, e continuo olhando para seu escritório, querendo que ela me lembre por que não devo entrar no banheiro e fazer algo perverso e simplesmente errado.

Mas vai ser tão gostoso.

Estou a dois segundos de bater com a testa na mesa. Mas me concentro no meu computador e na planilha do *Excel*. Tento não imaginar Lo nu, que já apareceu na minha cabeça três vezes. Fantasio muito com ele, mas agradeço que nenhum outro cara se infiltre em meus pensamentos. A falta dele por três meses me curou temporariamente. Era como se meu cérebro pudesse

processar apenas uma imagem: Loren Hale. Durante todo o dia, todos os dias.

Mas estando sozinha – cercada por roupas e duas assistentes ocupadas, com os olhos grudados nos computadores –, não consigo impedir que as imagens pecaminosas se infiltrem.

Elas começam com Lo caminhando em minha direção, ainda no escritório. Ele empurra tudo para fora da minha mesa branca e me levanta bruscamente, nenhum de seus movimentos suave ou lento. E nessa fantasia em particular estou usando um vestido.

E tudo o que ele precisa fazer é mexer um pouco na minha calcinha, e então, ele puxa minhas pernas para que elas se envolvam em torno dele, minhas costas frias contra a mesa. E tudo vibra tanto. Ele rasga a parte de cima do meu vestido, seus lábios encontram meu seio, chupando, e então ele empurra...

OK, preciso parar.

Contorço-me na cadeira, o ponto entre minhas pernas agora pulsando, de verdade. Não há dúvida sobre isso.

Talvez eu possa entrar em um *site* pornô e, assim que olhar as fotos, tudo ficará bem. Vou percorrer as fotos impertinentes do *Tumblr* e ninguém saberá. Vou atingir o ponto alto que desejo e tudo ficará bem novamente.

É uma coceira, um pulso subconsciente. Desta vez, bato minha testa no teclado, batendo minha frustração até meu computador soltar um guincho. Merda.

Rolo para trás um pouco, expiro profundamente. E então uma campainha toca. Trish se levanta, suas botas de camurça cinza fazendo a curta caminhada até a porta.

Rose provavelmente está aqui. Minha ansiedade começa a diminuir. A presença dela certamente me manterá na linha. Concentro-me na planilha do *Excel* que detalha o estoque atual da coleção. Temos que enviar mais algumas peças para a *H&M* porque baguncei o pedido. Acidentalmente coloquei um maxi-vestido na coleção de primavera, e Rose tem colocado mais detalhes na maioria de suas roupas porque elas são mais lisonjeiras para a garota comum.

Meu telefone toca assim que Trish abre a porta. Verifico a mensagem.

Desconhecido: *Piranha*

Meu coração explode.

Ele tem meu número. Ele não está mais enviando mensagens para Lo. E se não for a mesma pessoa que mandou uma mensagem para ele? Nunca pensei que fosse possível que houvesse *várias* pessoas envolvidas nas ameaças de mensagens.

Rapidamente entro no mecanismo de busca e digito meu nome, me perguntando se meu segredo já foi revelado. Meus dedos tremem enquanto percorro uma lista de Lily Calloways. A maioria dos artigos sobre mim discute meu envolvimento com a Fizzle. Alguns até me chamam de ‘herdeira do refrigerante’, que é um título mais legal do que acho que mereço. Nenhuma manchete inútil aparece. Nada sobre vício em sexo.

Solto um breve suspiro de alívio, mesmo que a palavra ‘piranha’ ainda esteja no meu celular. Responder pode apenas incentivá-lo a fazer algo drástico – como ligar para os tabloides –, então paro a busca.

— Entrem — Trish diz. — Apenas fiquem perto da parede dos fundos perto da janela. É escurecida, então vocês não precisam se preocupar. Vou trazer as roupas masculinas dos nossos bastidores. Sirvam-se de café e água na mesa.

O quê? Achei que os modelos masculinos viriam mais tarde hoje. Tipo, em duas horas. Verifico meu relógio no meu telefone. Oh... o tempo realmente voa quando você está presa dentro de sua cabeça.

Os caras entram em fila. Um por um. Cada um deles tão marcante quanto o outro. É difícil não olhar, já que é para isso que eles estão aqui. Tento me lembrar de Daisy. Não gostaria que ninguém ficasse boquiaberto com minha irmã como estou fazendo com esses caras, mas, ainda assim, não consigo parar.

Conto os modelos na minha cabeça. Um, dois, três... e quando chego em nove, a porta se fecha. Espere. Onde está Lo? E Rose? Rose e Lo. Preciso dos dois aqui. E Lo *deve* ser o décimo modelo. Rose iria trazê-lo ao escritório, já que ela tinha que fazer algumas coisas e estaria aqui durante a prova. Mas, ainda assim, ela não está aqui.

Trish sai para a sala dos fundos e Katie se levanta, conduzindo os caras até minha mesa, onde eles ficarão. Sento-me perto da janela com vista para a cidade e, à minha direita, há uma mesa com muffins recém-assados, café e garrafas de *Evian*.

Eu surto.

Não sei mais como chamar. Assim que Katie começa a olhar em minha direção, ajo como se tivesse deixado cair uma caneta e me agacho para pegá-la. Então, corro para debaixo da minha mesa, me escondendo, e rapidamente disco o número de Lo. Felizmente ninguém pode me ver, mas tenho certeza de que todos estão se perguntando para onde a assistente maluca desapareceu.

Talvez eles pensem que acabei de me teletransportar. Tento me convencer da noção ridícula e impossível. Mas pelo menos não consigo vê-los. Suas vozes profundas e risadas baixas me deixam mais paranoica do que excitada. Só não quero ficar olhando para eles por muito tempo e começar a fantasiar. Porque às vezes tento transformar essas fantasias em realidade. E não vou trair Loren Hale.

Por nada.

Pressiono meu telefone no meu ouvido, o toque incessante. — Atende, atende — Murmuro. Abraço meus joelhos no meu peito, praticamente em uma bolinha assustada.

— *Ei, é Lo.*

— Lo...

— *Deixe uma mensagem, e eu posso ligar de volta para você. Mas, sério, você deveria me ligar de novo. E se não for importante, não se preocupe em ligar. BIP.*

— Odeio que você não tenha trocado sua secretária eletrônica estúpida — Sussurro com raiva. — Isso me engana toda vez. E não é legal.

Um jeans pousa perto da minha mesa. Eu salto, meus olhos arregalados. Eles estão despidos. Um deles está sem calça. Oh. Meu. Deus...

Desligo o telefone e ligo novamente. Secretária eletrônica. Engulo em seco e digo baixinho: — Hum, Lo, onde você está? Tchau. — Desligo rapidamente e ligo para minha sensata irmã. A linha toca duas vezes antes de ela atender.

— *Você está bem?* — Rose pergunta.

— Por que Lo não está respondendo? — Pergunto, roendo minhas unhas.

— *Ele deixou o telefone em casa.* — Sua voz abafa quando ela puxa o fone de seus lábios. — *OK, OK, Lo, entendo. Calma aí.* — Ela bufa e diz mais alto: — *Os modelos já estão aí?*

— Sim — digo, vislumbrando um par de tornozelos e pernas nus – o que significa que ele pode me ver enrolada aqui. Mas não ousou me mover. — Todos os nove Capitães Américas se apresentaram para o serviço. Onde você

está? — Não é típico de Rose se atrasar.

— *Presa no trânsito* — Rose me diz. — *Disse a Connor que iria buscar sua lavanderia a seco e havia uma longa fila.*

— Você poderia ter dito a Harold para fazer isso — digo com calma. Os tornozelos nus estão se aproximando! Fecho meus olhos. *Vai embora. Vai embora.*

— *Prefiro não usar o mordomo de nossa mãe, obrigada.* — Sim, suponho que isso venha com algum tipo de estipulação. Como passar alguns jantares extras em Villanova, e Rose já se compromete com as reuniões de domingo.

— Mmm-hmm. — As pernas param, muito próximas agora.

— *Lily...* — Rose segue. — *Se você estiver desconfortável, pode esperar no meu escritório, OK? Você não precisa estar perto desses modelos.*

Acho que é tarde demais para isso.

O modelo masculino se agacha e me deparo com lindos olhos castanhos, pele bronzada e cabelos escuros cheios, penteados de maneira perfeita. Ele tem aquele charme italiano em seu sorriso deslumbrante. Ele inclina a cabeça.

— O que você está fazendo aí embaixo?

— Trabalho aqui — Deixo escapar. Estou vermelha da cabeça aos pés.

Ele dá uma risada rouca.

— *Lily.* — Estremeço ao som da voz de Lo e olho por cima do ombro, encontrando a parte de trás da mesa branca. Certo, tenho o telefone pressionado no meu ouvido.

— Sou Julian — diz o modelo, estendendo a mão.

Minha palma está muito suada. Ele vai pensar que sou esquisita se apertar uma mão escorregadia, então, aponto para o meu telefone e dou a ele um sorriso nervoso. — Coisas de trabalho — digo.

— *O que está acontecendo?* — Lo pergunta pelo telefone. — *Você está bem, Lil?* — Seu tom preocupado dá um nó no meu estômago. Não quero que ele se preocupe com a possibilidade de traição. Sei que é um medo válido, mas gostaria que ele pudesse confiar em mim cem por cento. Mas ele só pode fazer isso quando eu começar a confiar em mim.

Julian diz: — Quando terminar, você deve sair daí. Seu escritório tem uma ótima vista.

Sei que ele está apenas tentando ser legal, já que sou o monstro antissocial escondido embaixo da mesa. Ele não está dando em cima de mim, mas não

consigo parar de olhar para seus lindos cílios.

Ele se levanta e tento focar meus pensamentos no telefonema. — Lo? — Eu questiono se ele desligou.

— *Lil* — Ele diz lentamente —, *você está me assustando pra caralho.*

— Desculpe, estou bem.

— *Onde você está?*

— Na minha mesa. — Isso não é mentira, certo? Tecnicamente estou aqui. — Eu só... pensei que você estaria na sala também. — Não quero traí-lo. Não quero nem dar à minha mente a capacidade de contemplar o pensamento — divagar e fantasiar. Isso vai me matar. É melhor mantê-los fora de vista, embora não seja saudável evitar o sexo oposto quando Lo não está por perto.

Assim que eu conseguir controlar as coisas que me tentam, será melhor. Hoje não é um bom dia. Estou excessivamente excitada.

— *Você não precisa falar com eles* — Ele me lembra.

Tarde demais.

— *Pensei que você disse estar em sua mesa.*

— Estou.

— *Então, como é que não te vejo?*

Ele está aqui? Não consigo mais sair de baixo da mesa, nem mesmo para cumprimentar Lo e Rose. Porque todo mundo perto dos muffins vai rir e me olhar engraçado por estar aqui embaixo. Só quero ficar escondida até que todos eles saiam.

— Talvez — digo — porque seu superpoder é me tornar invisível.

Ele faz uma pausa. — *É um poder horrível. Retire o que disse.*

— Certo, tudo bem. Posso estar aqui. Mas não estou aqui na minha cadeira — Susurro.

E então vejo um par de *Vans* surrados. Ele se inclina na minha frente da mesma forma que Julian fez, mas seu rosto não está cheio de diversão. Seus olhos escurecem e suas sobrancelhas se juntam em preocupação.

— Seja modelo ou experimente roupas ou, você sabe, faça o que você faz — digo a ele. — Não se preocupe comigo. Estou trabalhando em algo aqui.

— Como o quê?

Uhhh... — Um relatório... coisas.

— Tudo bem — diz ele, e eu relaxo, feliz por ele estar me deixando fora de perigo. — Posso dar um abraço antes de ir?

Rastejo um pouco para a frente, ainda bloqueada pelas laterais da mesa, e envolvo meus braços em torno dele. Ele cheira bem. Como sabonete de menta e um toque de colônia cítrica. Pouco antes de soltar, os braços de Lo apertam minha cintura e ele começa a me puxar para fora do meu santuário.

— Lo — Sussurro ferozmente. Empurro seu peito, tentando escapar e rastejar de volta para minha toca.

Mas ele me traz para a luz, e enterro meu rosto na curva de seu braço, sem vontade de enfrentar os olhares zombeteiros dos outros modelos. Não quero que as pessoas olhem para mim como se eu fosse uma garota estranha e anormal.

Lo acaricia a parte de trás da minha cabeça e seus lábios roçam minha orelha. — Ei, você está bem. Lil, ninguém se importa.

— Eu me importo — Murmuro.

E então, ele aperta meu rosto e antes que eu possa ter espasmos, seus lábios tocam os meus. Ele beija profundamente, sua língua deslizando em minha boca. Meus pensamentos, minhas inseguranças – eles saem da minha cabeça e toda a minha tensão acumulada começa a aumentar novamente.

A distração funciona muito bem. Porque quando ele se afasta, alguns dos modelos batem palmas e assobiam em tom de brincadeira. Lo balança a cabeça para mim enquanto meus cotovelos ficam vermelhos.

— Não dê ouvidos a eles. — Ele puxa minha cadeira e me guia até que eu esteja sentada atrás da minha mesa mais uma vez. E ele se pendura na parte de trás, com a cabeça abaixada quando encontra minha orelha. — Apenas pense em terminar aquele beijo esta noite.

Viro minha cabeça uma fração para ver suas feições afiadas, todo gelo. — E se eu não puder esperar?

— Você pode — Ele me assegura, mas seus músculos flexionam, preocupados com minha afirmação repentina.

— Você está certo. Eu posso. — Concordo com a cabeça, sabendo que preciso. Tenho que esperar nesta cadeira, de costas para dez modelos masculinos, e tenho que terminar de checar minha planilha. Aceno de novo, tentando construir confiança.

Ele beija minha têmpora uma última vez, deixando-me completamente dolorida. E de vez em quando, minha excitação se transforma em constrangimento e vergonha. Pergunto-me se algum desses modelos pode ler

meus pensamentos pecaminosos ou se eles apenas pensam que sou uma garota bizarra. Eu não deveria me importar com o último, mas ser lembrada de que não sou normal me faz sentir... errada e suja.

Depois que Rose atribui as roupas dos modelos, ela para na minha mesa.

— Você parece corada.

Dou de ombros timidamente. O que mais há para dizer sobre isso?

— Você não precisa estar aqui, Lily — diz ela. — Você pode ir para casa mais cedo.

— Preciso terminar isso. — Toco minha tela. — E quero ir para casa com Lo.

— Você está desconfortável — diz ela.

Estou, mas estou tentando desesperadamente fazer a coisa certa aqui. Estou tentando ser melhor. — Tudo bem.

Ela dá um tapinha no meu ombro. — Se mudar de ideia, me avise. Não vou ficar chateada com isso. — Ela volta para os modelos e reúne Katie e Trish, certificando-se de que estão fazendo bem o trabalho.

Depois de dez minutos, me arrependo de ter bebido dois mochos esta manhã. Tenho muita vontade de fazer xixi, e isso significa passar um tempo sozinha no banheiro. E olá, também estou excitada, e o fascínio da autossatisfação é avassalador como uma droga.

Não consigo mais me contorcer em meu assento. Não quero atrair mais atenção desnecessária para mim. Então, me levanto e caminho hesitante até o banheiro, passando pelas estações de trabalho de Trish e Katie. Olho por cima do ombro apenas uma vez e vejo todos os modelos vestindo casacos esportivos, camisas de botão, camisas de colarinho e shorts de golfe, todas as roupas sob medida e chiques.

Lo encontra meu olhar. Ele está cheio de perguntas. Gesticulo *banheiro* com minha boca. Ele acena com a cabeça, mas deve ver a necessidade rastejando sobre mim como um câncer, porque sua preocupação nunca desaparece. Mas posso esperar para fazer sexo. Vou ficar bem, tento me convencer.

Fecho a porta, e depois que termino de ir ao banheiro, toco minha calcinha, prestes a levantá-la em torno de minhas coxas. Mas hesito por um segundo forte. Porque o lugar entre minhas pernas lateja muito, e me lembro da sensação de felicidade, se eu tocar apenas uma vez estarei flutuando. Desejo

isso.

Fecho os olhos e passo muito tempo em uma batalha mental. Acabo puxando minha calcinha, mas meu jeans fica em volta dos meus tornozelos. Fecho a tampa do vaso sanitário e me sento na cobertura de camurça marrom. O banheiro cheira a pinho e cranberries, um jarro de vidro com *pot-pourri* emitindo o aroma.

Torna a saída dez vezes mais difícil.

E então a porta se abre. *Esqueci de trancá-la!* Eu grito internamente. Eu luto com meu jeans. — Tem gente! — Grito, mas o corpo desliza para dentro mesmo assim.

De costas para mim, Lo tranca a porta e então se vira, me pegando congelada – com meu jeans no meio das minhas pernas, com a tampa do vaso sanitário fechada.

— Eu não fiz...— Começo. Ele acredita em mim?

Eu não acreditaria. Fui pega com as calças na mão.

Parece que nem tentei esperar. Parece que desisti.

CAPÍTULO 10

Loren Hale



Esfrego meus lábios, sem saber o que fazer com Lily sentada na tampa do vaso sanitário com seu jeans até a metade dos tornozelos. Preocupo-me com sua respiração pesada e o tremor de suas mãos. Ela é uma viciada que precisa de sua próxima dose.

— Lo, eu não fiz — diz ela novamente.

E acredito nela desta vez. Lágrimas ameaçam escorrer por seu rosto, e eu corro para ela antes que ela tenha um colapso maior. Agacho-me para igualar sua altura e coloco minhas mãos em seus joelhos. — Ei, shh. — Seguro seu rosto e esfrego uma lágrima caída, com o polegar. — Você está bem.

Ela balança a cabeça.

— Você pode esperar? — Pergunto a ela. — Você tem mais cinco horas.

Ela estremece.

Não posso vê-la desmoronar assim. Meus pulmões se contraem, todo o meu peito aperta.

— Você deveria voltar — diz ela. — Você está trabalhando.

Já mudei das roupas da Calloway Couture e visto minha camisa preta normal e jeans. — Eles estão anotando as alterações para os outros modelos. Tenho tempo. — Eu deveria estar vestindo minha segunda roupa, mas Rose está preocupada com medições e fotos de teste. Ela não vai sentir minha falta por muito tempo.

Lily olha para as mãos no colo, mal encontrando meus olhos. — Posso esperar — Ela diz baixinho, tão mansa que eu não acredito nela por um

segundo.

— Pode? — Pergunto.

Ela balança a cabeça e limpa o nariz com as costas da mão. Coloco seu cabelo atrás da orelha, querendo tanto puxá-la em meus braços e fazer tudo melhorar. Mas não é assim que este novo capítulo de nossas vidas deve acontecer, é?

— Não fiz sexo por três meses inteiros — Ela diz com calma. — O que são cinco horas?

— Isso é diferente.

— Por quê? — Pergunta, seu queixo tremendo. Ela quer tanto me agarrar. Posso ver na forma como seus olhos voam sobre o meu corpo por um breve momento. Ela se segura e olha para o chão.

— Porque eu não estava lá — digo a ela. — Você não teve a oportunidade de me tocar. Foi mais fácil. — Imagino que três meses sem mim foi como ficar trancada em casa sem bebida. Se não há nada para beber, você não vai ficar bêbado. Mas sempre há lojas de bebidas. Da mesma forma que sempre tem outros caras para transar. Ela também tinha a opção de se tocar, mas eliminou isso completamente. Ela manteve seus votos.

E sei que se deixá-la assim, ela vai quebrar um, se masturbando. Ela não pode durar cinco horas e não vai me pedir para fazer sexo com ela. Então, ela será atraída para a próxima melhor coisa, pensando que a autossatisfação é a solução certa. Ela não vai me trair. Só vai trair a si mesma.

Enquanto ela funga e enxuga as lágrimas, vasculho minha mente para aquela maldita lista com as regras da terapeuta. Minha cabeça está confusa, distraída pelo tremor constante de Lily e pela maneira como seus joelhos começam a se encostar.

— Lo — Ela grita. — Acho que você deveria ir embora.

Meu peito cai. — Não vou a lugar nenhum.

E antes que ela possa refutar, eu a beijo. Separo seus lábios com a língua e ela aperta minha camisa, seus gemidos suaves como *agradecimentos*. Cada um me impulsiona mais forte, e meus movimentos se tornam tão famintos quanto os dela. Eu a levanto em meus braços, suas pernas instintivamente envolvendo minha cintura. E eu a empurro contra a parede. Sua voz se perde na base do meu pescoço, sua testa pressionando meu ombro.

— Eu preciso de você — Ela sussurra, em pânico. — Por favor... — O

medo em sua voz abre uma nova cicatriz.

— Shh, amor. — Esfrego minha mão na parte de trás de seu cabelo e mordo sua orelha com meus dentes. Ela estremece contra mim. Quero que ela solte, mas sinto que não há como vencer este. Se deixá-la ir, ela vai se masturbar. Se eu transar com ela, ela vai se odiar. Se a fizer gozar, ela ainda estará cheia de vergonha e culpa por não ter durado cinco horas.

Não existe resposta certa, nem pausa. E assim, cada golpe contra sua carne é marcado com tensão e uma dor forte, meu coração batendo como uma britadeira no cimento.

E eu a beijo novamente, meus lábios inchando sob sua ânsia, sua insistência para empurrar mais fundo, para ir mais longe. Ela corre suas unhas roídas nas minhas costas, não afiadas o suficiente para tirar sangue, nem mesmo longas o suficiente para arranhar de verdade, mas ela crava os dedos na minha pele. Ela me agarra com tanta força, como se eu estivesse a dois segundos de soltá-la. De dizer não.

Meu cérebro clica e a lista não está mais nebulosa. *Não podemos fazer isso.* Retiro meus lábios dela e não encontro seus olhos.

Eu fodi com tudo.

Quero socar a parede. Quero gritar. Mais do que tudo, quero me sentar em um bar e esquecer a estrada que estava prestes a derrubar Lily. Que porra há de errado comigo?

— Lo...

Eu a coloco de pé, e ela cambaleia instável. Mantenho a mão em sua cintura, mas há uma distância considerável entre nós.

— O que eu fiz...? — Sua voz aguda revira meu estômago.

— Nada — digo, colocando outra mecha de cabelo atrás da orelha.

— Então podemos fazer alguma coisa... — Ela agarra minha camisa novamente, apertando o tecido entre punhos apertados.

Retiro seus dedos de mim. — Não podemos fazer sexo aqui e não posso tocar em você aqui. — Mas ela não pode esperar até esta noite.

Ela assente rapidamente. E quando a notícia chega a ela, ela levanta os ombros para trás como eu já vi Rose fazer com frequência. Ela empina o queixo, tentando ser forte. Cristo, quero beijá-la por isso e me desculpar por tentá-la ainda mais. Eu deveria tê-la levado para nossa casa, onde podemos fazer sexo. Na verdade, é isso que vamos fazer agora.

— Pegue suas coisas — digo a ela. — Vamos para casa, e vou fazer você gozar lá. — Meu tom não é sexy. É clínico. Só quero que ela possa esperar até chegarmos ao nosso quarto.

Encontro seu jeans no chão e a ajudo a colocar suas pernas em cada buraco da calça.

— Espere — diz ela.

Não quero dar a ela a chance de me convencer a fazer sexo com ela no banheiro. Isso não está acontecendo. Já estraguei tudo excitando-a mais – não preciso quebrar nada dessa lista.

Sexo público – sim, isso não é permitido.

Fecho o zíper de sua calça jeans e abotoo, elevando-me sobre ela com domínio que a faz se contorcer. Eu quero beijá-la. Deus, eu só quero abraçá-la. Mas em vez de me aproximar de Lily, tenho que recuar.

— Espera — Ela diz novamente, mais enérgica desta vez. Ela agarra meu pulso para me impedir. — Você não vai para casa.

— Não vou deixar você — digo. Não acrescento que não confio nela. Seus dedos podem escorregar para dentro da calcinha; ela pode dar a si mesma o que eu neguei.

— Você está *trabalhando* — Ela me lembra, as lágrimas crescendo novamente. — Não vou arruinar seu primeiro emprego. — Ela respira fundo e acrescenta: — Vou ficar na minha mesa e, quando você terminar de trabalhar, podemos ir.

Eu hesito.

— Você só deve demorar mais uma hora. Posso esperar esse tempo.

— Além da ida para casa — Lembro-a.

Ela acena com a cabeça rapidamente. — Sim, sim.

Gosto desta opção. Principalmente porque Lily teve a ideia, e isso diminuirá qualquer culpa que ela sinta por não poder esperar esta noite. — OK. — Beijo sua bochecha. E ela suspira, mas enquanto caminha até a porta, a tensão se torna aparente na forma como suas coxas se juntam.

Eu a levo para fora do banheiro e entramos no sótão onde Trish e Katie jogam roupas uma na outra, arrumando as roupas nos modelos rapidamente. Olho em volta procurando por Rose, mas ela não está à vista.

Lily mantém os olhos fixos na mesa e em nenhum outro lugar. — Vou ficar bem — diz ela, mais para si mesma do que para mim.

— Sei que vai.

Eu a observo fazer o curto trajeto até sua mesa. Ela desliza em sua cadeira e estuda a tela do computador, focada e concentrada. Talvez seja tudo uma fachada. Mas sei que ela está se esforçando muito.

Preciso encontrar Rose para dizer a ela que vou embora logo depois de terminar a prova. Não há muitos lugares onde ela poderia estar. Além de seu escritório de vidro, há apenas a sala dos fundos. Ando pelo corredor curto, meus ombros rígidos. Enfio os punhos nos bolsos para que parem de tremer. Sinto-me nervoso de medo e preocupação, minha adrenalina aumentou muito. Só preciso de uma bebida.

Sua voz gelada ecoa de uma porta aberta. Descanso o braço na moldura, meus olhos percorrendo a área mal iluminada que está cheia de caixas marcadas, prateleiras de roupas e tubos de plástico transparente. Rose está de costas para mim, um telefone pressionado contra o ouvido.

— Não quero ter essa conversa com você agora. Temos uma sessão de fotos na próxima semana e um desfile em dois meses...

— *É precisamente por isso que eu liguei.* — Eu reconheceria a voz cortante de Samantha Calloway da porra da lua. Não estou surpreso que ela tenha ligado para a filha. Ela está envolvida com a empresa de Rose desde o seu nascimento.

— Não comece — Rose a avisa. — Isso não vai acabar bem, mãe.

— *Você tem razão. Não vai acabar bem para você. Ajudei seu pai a comercializar a Fizzle por vinte anos. O que você está fazendo vai arruinar a Calloway Couture.*

— Ele é apenas um modelo! — Rose grita. — Não é o rosto da empresa. Eu congelo.

— *Ele é alcoólatra* — Retruca Samantha. — *E seu rosto estará estampado em revistas e outdoors ao lado de sua marca. Sua empresa vai sofrer por isso.*

De repente, parece quente aqui. Puxo a gola da minha camisa. Por que está tão quente?

— E quem vê Loren Hale e imediatamente pensa em alguém *alcoólatra*? Seus amigos? Porque eu com certeza não conheço mais ninguém nesta porra de país que daria a mínima. — O ódio cobre as palavras de Rose.

— *Não fale comigo desse jeito. Sou sua mãe e é meu trabalho aconselhá-la.*

— Eu ouvi isso — diz Rose. — Seu conselho, embora eu saiba que você tem boas intenções, é crítico e frio. Loren será modelo na campanha. Ele estará em fotos, desfiles e comerciais, então, se você tiver algum problema com isso, desligue a televisão, desvie os olhos, mas não me repreenda.

Samantha Calloway suspira. — *Existe alguma coisa que pode mudar sua mente, Rose? Você está cometendo um grande erro.*

— Nada — diz ela.

— *Bem, então, vejo você no domingo.* — Ela faz uma pausa. — *Me desculpe por ter gritado.*

Rose suspira com a mesma intensidade. — Eu também. — Ambas desligam, e quando Rose se vira, ela pula para trás, com a mão no peito em surpresa. — Ei, eu...

— Não — digo com um sorriso amargo que se transforma em uma careta. — Olha, não sabia que meu papel na sua empresa teria um impacto negativo em você...

— Não tem — intervém. — Ela é simplesmente dramática demais.

Todos esses sentimentos queimam minhas entranhas e, se eu não falar o que penso agora, serei levado pela rua para um lugar que não deveria ir. — Sua mãe está certa — digo a ela, as palavras afundando. — E não vou estragar sua carreira só porque preciso de algum dinheiro. Vou encontrar outra maneira.

— Não — Rose me diz agora. Ela aponta um dedo bem cuidado diretamente para o meu rosto. — *Você fica.*

— Não fico. — Não posso ficar. Não posso foder com a vida de outra Calloway com meus problemas. Lily está tão perto de mim que não há como me desvencilhar dela agora, mas Rose, não vou prendê-la dentro do meu vício. Não vou conduzi-la por este caminho escuro em que ando.

Viro-me para sair, e Rose agarra meu braço. — Você precisa desse emprego.

Saio do seu aperto. — Aprecio sua ajuda, agradeço, mas você tem que me deixar ir.

— Não posso — diz ela com tanta determinação. — Prometi a você este trabalho, e você ainda estaria aqui se não fosse por aquele telefonema.

Dou de ombros. — Sim? Merdas acontecem, Rose. Um dia eu era filho único e, no dia seguinte, tenho um irmão e uma conta bancária vazia. Aprendi

a lidar. — Estou prestes a atravessar a porta, mas ela desliza na minha frente, bloqueando minha saída.

— Não vou implorar para você ficar — Ela me diz.

— Ótimo. Então temos um entendimento. — Vou passar por ela, mas ela estende o braço, me prendendo. — Rose.

— Você nem tentou, Loren. Você está desistindo.

As veias pulsam no meu pescoço e me inclino para baixo. — Rose — Zombo —, para uma garota que não aguenta um bebê chorando, que não seria capaz de simpatizar com uma criança se ela puxasse sua maldita manga, você *realmente* deveria parar de tentar entender a raça humana. — Minhas palavras cortam profundamente. Rose tem uma mente incrivelmente aberta desde que soube do vício de Lily. Ela esteve presente a cada minuto do dia, e sei que desistiria de toda a sua agenda se eu pedisse.

Mas eu só preciso que ela me deixe ir – para perceber que ela perdeu esta batalha. Para uma garota que sempre ganha, isso é difícil de engolir.

Rose franze os lábios e então cede, saindo pela porta. — Se você mudar de ideia...

— Não vou. — Não posso nem agradecer a ela. Percebo que estou de volta à estaca zero. Desempregado e sem um plano real.

— Vou fazer um cheque pelo seu tempo hoje.

Concordo. — Só não pague demais. Sei quanto deve ser. — Se alguém vai distribuir acidentalmente mais dinheiro, serão Rose e Connor. Mas não quero aceitar a caridade deles. Não porque seja muito orgulhoso. Só quero provar a mim mesmo que posso fazer isso sozinho.

Seus olhos ficam sombrios, então sei que é exatamente o que ela planejava fazer. Dou um tapinha em seu ombro empinado e volto para a sala principal. A testa de Lily está quase pressionada contra o computador. Ando até ela, notando que seu nariz toca a tela.

Sorrio. Deus, não acredito que estou *sorrindo* depois de tudo o que aconteceu. O fato de que essa garota pode levantar meus lábios depois de um dia tão ruim me faz querer nunca mais deixá-la ir. — Você está planejando comer sua planilha? — Pergunto a ela. — Ou você está tentando desaparecer no ciberespaço?

Suas bochechas se avermelham e ela se inclina para trás. — Estava me certificando de que meus números estavam certos. — Seus olhos seguem meu

corpo. — Você não deveria estar com uma camisa de colarinho?

— Não. Não é meu estilo. — Estendo a mão e seguro a dela. — Venha, vamos.

Ela franze a testa. — Mas você ainda não terminou o trabalho.

— Me demiti — digo a ela.

Seu rosto se contorce em tantas emoções. — Não... não por mim, certo? Olha, você não pode. — Ela aponta para os muffins. — Volte.

— Lil — digo com calma, colocando-a de pé, minhas mãos em sua cintura. — Vou explicar tudo no carro. Mas você tem que confiar em mim que nada disso é por sua causa, OK? É escolha minha.

— Rose...? — Ela olha por cima do meu ombro, pronta para correr em direção à irmã e convencê-la de que eu deveria ficar. Mas desiste.

— Rose me quer aqui. Eu não quero ficar.

Lily processa as palavras. — OK... OK, então vamos?

Concordo.

— Você promete que vai me dizer por quê? E você não vai mentir para mim?

— Sem mentiras — Asseguro-lhe. Temos que ser honestos. É a única coisa em que precisamos ser bons.

Ela se inclina sobre o teclado, fecha o *Excel* e desliga o computador.

Conforme Lily dá um passo à frente, ela vira a cabeça de um lado para o outro, paranoica que alguém possa ver através dela – que eles possam dizer o quão excitada ela está. Eles não podem. Mas eu com certeza posso.

Mergulho atrás dela, minhas mãos plantadas em sua cintura, e meus lábios roçam sua orelha. — Quer uma carona?

Ela se ilumina quase imediatamente. Não espero que ela diga sim. Agachome um pouco na frente dela e a levanto nas costas. Ela segura meu pescoço com força, e eu mantenho meus braços sob suas pernas, disposto a carregá-la o mais longe que ela precisar, como quando éramos crianças.

Algumas coisas nunca mudam.

Termino de contar a Lily sobre o telefonema entre Rose e a mãe delas na mesma hora em que chegamos ao estacionamento. Lil ainda se agarra às minhas costas como um coala em uma árvore, e gostaria de não ter que

colocá-la no chão. Mas a coloco de pé enquanto procuro em meus bolsos as chaves de seu carro.

— Estou feliz que você me disse — diz ela, sem julgamento em seus olhos, apenas compreensão completa. Estou prestes a beijá-la, mas lembro que ela está excitada, seus olhos vidrados para algo mais do que apenas um beijo na bochecha.

Ela segura meu cinto com dois dedos, silenciosamente me puxando para seu corpo. Nem acho que ela percebe que está fazendo isso.

Assim que pego as chaves e destranco as portas, ela solta um suspiro agudo e sai correndo pelas minhas costas.

— Me esconda — Ela sussurra, agarrando a bainha da minha camisa e usando meu corpo como escudo.

— O quê? —Franzo a testa e examino o estacionamento escuro.

— Essa é Lily Calloway? — Um cara diz, a menos de seis metros de nós. Ele apenas abriu a porta do *Jeep* e saiu, alguns espaços à direita do veículo de Lily. Ele caminha em nossa direção, e vejo um adesivo de futebol da Penn em sua tampa do tanque.

O cara parece vagamente familiar. Tem pele bronzada, mais espanhol do que italiano, e seu corpo esguio combina com jogadores de futebol. Mas não consigo localizá-lo. Ainda não. Ele está nadando em uma névoa.

Lily se revela agora que foi avistada. — Oi...

— Você se lembra de mim? — Ele pergunta, seus olhos piscando brevemente para mim e depois de volta para Lil. Eu sei, só pelo jeito que ele está olhando para ela, que eles transaram.

Se eu estava tenso antes, estou mais ainda agora, meus músculos se contraindo em fios tensos. Estou acostumado a ser aquele que bate na porta de Lily pela manhã e acompanho seus ficantes de uma noite para fora de nosso apartamento. Eu até pegaria uma xícara de café para o pobre rapaz. Mas ele não é um rosto que eu me lembre de ter sido caridoso. Acho que ele nunca pisou em nosso antigo apartamento.

— Sim — diz Lily, pegando minha mão. Ela segura com força, e seguro mais ainda. Envolver meu braço em torno de seus ombros. Ela relaxa apenas um pouco, e o cara – bem, ele age alheio ao meu direito sobre ela. Eu realmente preciso balançar uma bandeira gigante que diz NAMORADO na cara dele?

Ele concorda. — Eu estava pensando em você outro dia. — Seus olhos percorrem seu corpo. Ele está falando sério? Estou bem *aqui*. Eu o encaro com tanta força que meus olhos começam a arder.

— Lo — diz Lily —, este é Mason Nix. Lembra daquela festa da fraternidade a que fomos no primeiro ano? — Fomos a muitas festas quando tínhamos dezoito anos. Sinto que guardei essa memória tão longe que vai levar uma hora para encontrá-la.

— Certo — digo vagamente, ainda perfurando Mason. Ele encontra meu olhar, mas parece completamente indiferente ao meu aviso. Qual é o problema desse cara?

— De qualquer forma, é engraçado que eu esteja encontrando você, Lily. Eu ia ligar para você ontem...

— Você tem o número dela? — Pergunto.

— Sim — diz ele, seus lábios subindo. — E eu tenho o seu. Loren Hale, certo? Ela me deu seu número também, disse algo sobre como ela sempre perde o telefone de vista.

Ela devia estar bêbada. Lil não costuma dar o número dela ou o meu. Ela disse que ‘promove a perseguição’ – o que claramente parece ser o caso.

Meu sangue congela e minha mão no ombro de Lily de repente parece um peso. Então, ele tem o número dela e o meu. Ele tem a capacidade de nos enviar mensagens de texto, mas dificilmente parece vingativo para mim, definitivamente não o suficiente para ameaçar Lily.

Ele lambe os lábios e acena para ela. — Então, eu estava pensando se você gostaria de sair comigo mais tarde. — *O quê?* — Talvez amanhã, por volta das oito. Mesma fraternidade, mesmo lugar. Se você quer ser fodida com força, sou seu cara.

Lily hesita. — Eu...

— Não — Zombo. — Ela é minha namorada, seu idiota.

Mason solta uma risada curta. — Isso é engraçado. — Ele olha para Lily, esperando por sua resposta.

Estou invisível? Não estou falando claramente? Eu não entendo, porra?! Eu passo na frente de Lily, soltando sua mão. — Ela é minha *namorada*. Você *nunca* vai fodê-la.

— *Já fodi* — Ele retruca.

Minha mandíbula trava, e cerro meus dedos em um punho.

— Então, o que você diz, Lily? Se eu não for o suficiente para você, posso ligar para alguns de meus amigos. Sei que você gosta disso.

A memória me atinge de uma só vez — aquela que eu tentei suprimir. E tenho uma vontade repentina de vomitar até desmaiar. Não posso nem falar sobre isso. Não posso mencionar o que aconteceu, senão acho que vou explodir. Posso bater nele até que ele não consiga ficar de pé sobre duas pernas. E não é culpa dele pelo que aconteceu. Na verdade. É minha por não impedir Lily.

Por não a segurar em meus braços e dizer-lhe que a amava de verdade. Que eu seria o suficiente e pararia de beber para que ela parasse de foder outros caras. Isso é tudo que eu tinha que fazer. Escolhê-la antes do álcool. E escolhi errado por tantos anos.

Ele tenta se aproximar dela, e coloco a mão em seu peito, empurrando-o para trás. As coisas mudaram. — Ela está comigo. Ela não vai foder você. Se você não consegue entender isso, então, vá ler um maldito livro para entender meu idioma.

— E ela era sua namorada há dois anos. Isso não a impediu antes. Na verdade, você acenou para ela em minha direção.

Quero estrangular meu pescoço bêbado do passado. Nosso relacionamento falso está voltando para me assombrar. — Isso foi diferente. Ela não está saindo com mais ninguém além de mim agora. Então, vá se foder.

Mason solta outra risada. — Não tem como essa garota estar só com você. — Ele sabe. Ele sabe que ela tem um problema. E me pergunto se ele enviou aquelas mensagens. Ele estava pensando nela recentemente, não disse isso?

— Você estava realmente pensando em Lily outro dia, ou estava apenas jogando verde?

Ele sorri como se eu tivesse lhe dado permissão para persegui-la. Sobre a porra do meu cadáver morto. — Eu a mencionei para meus amigos algumas semanas atrás. Estávamos conversando sobre as garotas da Penn que pagam o melhor boquete. Todos concordaram que ela era a melhor filha da puta do campus.

E eu não posso evitar.

Eu o soco. Bem na cara.

Não me senti bem. Meus dedos estão pegando fogo, e Mason toca seu lábio cortado, chocado.

Lily vem atrás de mim e começa a puxar meu braço, tentando me levar até nosso carro.

Eu a sigo, andando para trás para que ele não quebre meu olhar afiado.

E então ele diz: — Eu sabia.

Paro. Meu rosto cai por causa do olhar que ele usa — é cheio de ódio, mas é o tipo de ódio que está lá há algum tempo, acumulado ao longo dos anos. Ele deveria estar chateado com aquele soco no queixo, não algo tão profundo.

— Foi você quem cortou nossos pneus porque nós transamos com sua namorada. — *Nós*. Eu me encolho, nunca mais querendo ouvir isso de novo. *Nós*. Não *eu*. Vários caras.

E posso ter furado um ou dois pneus. Estava bêbado. Tinha dezoito anos. E estava chateado e ressentido, mais comigo mesmo do que com qualquer outra pessoa. Mas descontei nesse cara. E enterrei a memória.

— Você tem me mandado mensagens? — Eu olho.

Mason cerra os dentes.

Lily tenta me arrastar de novo, mas mantenho meu curso.

— Você mandou?! — Grito. O que eu fiz foi há dois anos. Mas há algumas coisas que nenhum cara pode deixar de lado. Este é provavelmente um deles.

— Tchau, Lily — Mason diz, seus olhos apenas plantados em mim. — Vamos nos encontrar em breve, certo? E talvez eu não conte a mais ninguém que você é uma boa vadia.

Livro-me de Lily e fico louco. Agarro ele pelo rosto, pressionando suas bochechas juntas com uma mão furiosa, e empurro suas costas sobre o capô do carro de Lil.

Ele se esforça para se levantar, mas eu o prendo, minha rótula pressionando seu pau.

— Você a toca, você até *pensa* nela, e vou ter você no chão antes que possa dizer *obrigado*, *Loren Hale*. Você vai à mídia, à imprensa, e vou acabar com você, começando pela sua carreira no futebol. Você nem sabe quem sou, seu filho da puta.

Ele cospe na minha cara e eu o jogo para fora do carro no cimento.

Acho que ele está prestes a voltar e me derrubar, mas ele se levanta cambaleando.

Não dou a ele a última palavra. Lily me empurra fisicamente para o banco do passageiro, sabendo que estou louco demais para dirigir agora. E ela fecha

a janela enquanto Mason começa a gritar novamente. Não podemos ouvi-lo no carro, mas ele bate em nosso capô com os dois punhos quando saímos.

Partimos, seu dedo médio no espelho retrovisor.

Minhas mãos tremem e meu coração bate a mil por hora.

Lily não diz nada. Ela olha distante para a estrada, o silêncio cobrindo o carro. Preciso de uma bebida. Preciso de uma maldita bebida agora. Passo minha mão pelo cabelo, e então eu olho para ela, verificando seu estado de espírito... e corpo.

Seus olhos estão vidrados, mas seus joelhos estão travados juntos e sua perna pula. Porra. Esqueci. Estamos a caminho de casa para fazer sexo. Inclino-me para trás, batendo no encosto de cabeça com um suspiro exasperado. Tudo está tão longe do meu controle.

Quando estamos presos no trânsito, para-choque contra para-choque, Lily finalmente quebra o silêncio. — Você cortou os pneus deles?

Esfrego minha boca. — Talvez... — Foi há muito tempo. Tínhamos acabado de entrar na faculdade. Havia mais caras para ela foder. Ela saía quase todas as noites e eu me preocupava se ela acordaria chorando ou não. Se eu a encontraria machucada e destruída. Era horrível.

Ela acena com a cabeça para si mesma, deixando isso afundar. — E se ele não for o cara que nos mandou a mensagem? — Ela pergunta. — Você só o deixou mais irritado.

— Sim... eu vejo isso. — Não pensei que cruzar com seus casos de uma noite seria tão difícil. Também não acho que eles pediriam para dormir com ela enquanto eu estivesse presente. Isso era péssimo.

Lily respira pesadamente.

— Ei — digo, inclinando-me para ela. Coloco minha mão em sua perna. — Tudo bem. Nós vamos ficar bem.

Ela balança a cabeça, tentando acreditar tanto quanto eu. Se eu não encontrar esse cara logo, vou perder a cabeça. Acho que estou quase lá.

Ela liga o rádio, e ouvimos música durante todo o caminho para casa, nossas respirações diminuindo juntas. Algum tempo depois, finalmente chegamos em casa e entramos na garagem. Lily tira o cinto e se vira para mim.

— Não preciso mais fazer sexo. Estou bem agora. — Suas palavras soam decoradas, como se ela as estivesse recitando em sua cabeça na última hora.

— Não acredito em você — digo.

Seu rosto empalidece. — Não, realmente Lo, estou bem.

Meus olhos caem para suas pernas, suas coxas pressionadas firmemente juntas. — Então, se não vamos mais fazer sexo, o que você vai fazer?

Ela encolhe os ombros, os ombros tensos e travados. Ela está excitada pra caralho. *Apenas admita, Lily*. — Talvez... tomar um banho.

— E se masturbar?

Seus olhos se arregalam. — Não, não — Ela gagueja. — Não, só tomar banho.

Inclino-me para frente e coloco o dedo no botão em seu jeans.

— O que... o que você está fazendo? — Ela pergunta. Seu peito desmorona com uma respiração inebriante, algo que faz minha necessidade crescer.

— Estou checando.

— Para quê? — Ela pergunta em voz baixa.

Abro o zíper dela e vejo seus olhos pousar em minha mão enquanto desce por sua calça e por baixo de sua calcinha. Ela agarra meu pulso enquanto deslizo meus dedos dentro dela. E ela se contrai ao redor deles, molhada e ansiosa e tão pronta.

— Você não está excitada? — Pergunto novamente.

Sua cabeça se inclina para trás, seus olhos fechados, sua mão segurando meu pulso para que eu não me mova. — Não — Ela respira.

— Você é um pouco mentirosa.

— Não sou. — Ela se engasga quando enfio mais fundo, dentro e fora. — Lo — Ela grita. Suas costas começam a arquear, tentando conduzir meus dedos mais para dentro.

Precisamos subir. Eu me desembaraço de sua mão apertada e deslizo meus dedos para fora. — Vá para cima — digo a ela. — Tire toda a sua roupa, deite-se imóvel na cama e farei você se sentir melhor.

Ela balança a cabeça freneticamente, querendo nada mais do que eu fazê-la esquecer do que acabou de acontecer. Ela abre a porta e depois hesita. — Você não vem comigo?

— Eu estarei lá em um segundo.

— Lo...

— Só preciso de um minuto.

Ela olha para a pele ferida em meus dedos, e então assente novamente e se

dirige para a casa. Quando a porta se fecha, pego meu telefone e disco um número.

A linha clica após o terceiro toque. — *Ei. Como foi o primeiro dia de trabalho?*

Não posso falar. Não deveria ter ligado para ele. Estou prestes a desligar.

— *Lo?* — A voz de Ryke fica séria. — *Ei, fala comigo.*

Deixo escapar um suspiro. — Diga-me por que eu não deveria. — Belisco meus olhos. Quero que isso acabe. Este tormento. Esses sentimentos. Quero ajudar Lily sem precisar de algo para afogar meus próprios pensamentos.

— *Porque um gole não vale o que você vai sentir pela manhã.*

— Isso não é bom o suficiente.

— *Você vai vomitar* — Ele me lembra. É isso mesmo, estou no *Antabuse*. Um gole de álcool e eu vou vomitar.

Faço uma pausa, me perguntando se ainda posso testá-lo. Talvez eu possa. Faço uma careta. Talvez não possa.

— *Porque você ama Lily mais do que isso.*

E isso me atinge. Estou aqui. Na porra do carro. Debatendo sobre um estúpido copo de álcool quando Lily está esperando por mim lá em cima, lutando contra suas compulsões, provavelmente a segundos de se tocar. E eu deveria estar lá para ajudá-la a dizer não. Para detê-la. Sou o cara que está cuidando dela da mesma forma que Ryke está comigo.

Rose confiava que eu seria capaz de ficar sóbrio e ajudar Lily. E esta é a única coisa que quero fazer direito.

— Eu tenho que ir — digo.

— *Espere.* — Sua voz aumenta. — *Preciso ir aí? Você está bem?*

— Sim, não venha.

— *Tem certeza?*

— Ryke, a menos que você queira me pegar fodendo minha namorada, você precisa ficar em casa.

Há uma longa pausa e, em seguida: — *Vejo você amanhã?*

— Sim. — Nós dois desligamos.

E saio do carro.

Pronto para ajudar Lily. Pronto para estar lá.

Pronto para mudar.

CAPÍTULO 11

Lily Calloway



Ando de um lado para o outro na cozinha. Sou um novelo de barbante que precisa ser desenrolado, uma bagunça ansiosa e uma aberração compulsiva. Não segui as ordens de Lo de subir para o nosso quarto e tirar minha roupa.

Fico bem ao lado da porta dos fundos, encostando o ouvido de vez em quando na madeira, esperando por ele, desejando e rezando para que ele não esteja fazendo algo ruim e perigoso. Roo minhas unhas, ouvindo atentamente o som de passos arrastados.

No carro, parecia que ele queria afundar e se afogar no fundo de um oceano frio e escuro. E não posso deixá-lo fazer isso. Não posso deixá-lo ir.

A porta do carro bate.

Afasto minha orelha e corro para trás, não rápido o suficiente. A porta se abre e Lo me pega bem aqui na cozinha, desobedecendo suas ordens. Uma parte horrível e insana em mim se pergunta se ele vai odiar que eu me importe com ele, se ele vai me repreender por isso.

Deixo escapar: — Sinto muito. Só estava preocupada, e você parecia chateado... — Paro enquanto ele fica parado perto da parede, suas maçãs do rosto se afinando. E imagino o que poderia ter acontecido se ele bebesse, se fizesse algo pior naquela garagem. Se me deixasse.

De verdade desta vez.

A parte mais profunda e verdadeira em mim de repente fala.

— Não sei viver sem você. — E balanço minha cabeça rapidamente enquanto as lágrimas se acumulam. — E não quero saber como. Não quero

descobrir.

Ele é minha respiração. Minha alma. Minha força vital. Passei uma eternidade com ele. Estar separado é o sentimento mais antinatural do mundo. Três meses – eu poderia lidar com isso como uma coceira ruim. Para sempre *sem* ele?

Apenas me mate agora.

Ele lentamente caminha até mim, e sua mão roça minha bochecha, seus olhos nunca suavizando, seu comportamento afiado nunca mudando. Ele é Loren Hale. Gelo e *whiskey*. Poderoso e inebriante.

Ele é meu melhor amigo.

Sua testa pressiona a minha, seus lábios tão próximos. Em um sussurro, ele diz: — Você nunca terá que descobrir, Lil.

Anseio por beijá-lo, para solidificar essas palavras como verdade.

Seus lábios quase roçam os meus, mas ele brinca, uma lasca de espaço me tentando e causando tensão entre nós. Seus olhos âmbar piscam para mim.

— Eu nunca vou aprender a viver sem você. Não poderia suportar a porra disso.

Agarro seus braços, mantendo-o perto. Isso parece imaginado, como parte das minhas fantasias. Mas estou tocando nele, alisando músculos, suas pernas contra as minhas. Deixo escapar um suspiro. — E se todo mundo disser que não devemos ficar juntos – que não está certo? — Cada pessoa tem que aprender a viver sozinha em algum momento de sua vida. *Por que nós?* Eu sempre me pergunto. *Porque é certo*, diz minha consciência. *Mas eu o amo*. Mas você é codependente. *Mas eu o amo*. Mas não está tudo bem.

Eu quero que nosso amor seja certo.

Por que não pode ser certo?

— Não — Ele diz imediatamente, segurando meu rosto com as duas mãos grandes. — Se o mundo inteiro disser que viver um sem o outro é o que devemos fazer, então este será o último erro que cometerei.

Sim.

Nós nos conectamos totalmente, seus lábios tocando os meus em um desespero apaixonado, como se duas pessoas estivessem literalmente tentando nos separar, como se estivéssemos mostrando o dedo do meio para elas, mandando-as se foder.

Sai para lá. Eu amo Loren Hale. Não posso viver sem ele. Por mais bobo

que isso possa ser, é a verdade imorredoura. Mesmo que ele estivesse com outra garota. Mesmo que nunca pudéssemos nos tocar. Eu não poderia viver sem Lo. Ele faz parte de mim tanto quanto o sol faz parte do céu, como a terra faz parte do universo.

Eu preciso dele para acordar de manhã.

Eu preciso que ele se sinta completo.

Ele agarra meu cabelo, o longo beijo roubando minha respiração. E sem avisar, ele me pega e me joga por cima do ombro. Oh, Deus. Sua mão agarra minha bunda enquanto ele me carrega para fora da cozinha e sobe as escadas.

Meu coração viaja para minha garganta.

No segundo andar, ele abre a porta do quarto e me joga bruscamente no colchão.

Esforço-me para reter o ar que escapa dos meus pulmões e, quando o faço, apoio meu corpo nos cotovelos e o observo me olhando.

Ele abre o zíper de sua calça jeans, nunca quebrando meu olhar. Sua camisa sai em seguida, revelando seus músculos definidos que me convidam a tocar. Eu me dispo com a mesma eficiência dominada, respirando tão pesadamente que minhas costelas se projetam para fora e para dentro em rápida sucessão.

Neste momento, não tenho desejo de me tocar. Quero ele sobre mim. Em mim. Posso esperar por suas mãos, por seu corpo, por sua respiração.

Então, eu o observo enquanto ele caminha até a mesa de cabeceira, apenas em cueca boxer preta enquanto fico completamente nua. Ele abre a gaveta.

Sento-me de joelhos, meus olhos arregalados em antecipação encantada.

Quando ele fecha, minha boca cai um pouco. — Eu pensei... — *que você estava apenas pegando uma camisinha.* — São...? — Estou imaginando-as. Isso tem que ser uma fantasia. — Onde você encontrou isso? — Se tivesse visto algemas de prata em nosso quarto! Eu teria pulado de alegria e desfilado com elas como se fossem um saco de galeões.

Ele sobe na cama, de joelhos na minha frente, elevando-se sobre o meu pequeno corpo. Seus lábios se erguem em um sorriso diabólico. — Uma caixinha preta — Ele me diz.

— Preciso começar a abrir mais caixas — digo em um sussurro ofegante. — Você vai me algemar a você?

Seu sorriso ilumina todo o seu rosto. — Não, amor. — Ele me levanta pela

cintura e me coloca mais perto de nossos travesseiros. Ele prende uma algema em volta do meu pulso e depois a outra em uma barra na cabeceira da cama.

Ahhh... meu...

— Não se mexa — Ele instrui enquanto tira sua cueca boxer. Quando ele abaixa seu corpo contra o meu, eu instintivamente passo minha mão livre em seu ombro, seu bíceps, deslizando meus dedos ao longo de seu abdômen em direção ao seu pênis.

Ele agarra minha mão antes que eu alcance o melhor lugar. Balança a cabeça para mim uma vez em desaprovação, mas seus lábios o traem, subindo enquanto ele absorve meu olhar ansioso.

— Sem tocar — diz ele, sua voz forte. Ele *sai* da cama, deixando-me com frio e sozinha no colchão.

— Espere, eu não vou... prometo. — *Volta*.

Ele desaparece no armário e me pergunto se este é um teste que minha terapeuta inventou. Ele deveria me deixar desejando e ansiando? Devo dominar esse demônio compulsivo enquanto estou em necessidade desesperada?

Vou falhar.

Eu já sei disso.

Mordo meu lábio, o peso batendo em mim. Eu fico completamente imóvel, esperando Lo sair completamente vestido, dar adeus e ir encontrar Ryke em algum lugar. Isso tudo foi um jogo para me levar a este ponto, presa na minha cama com apenas uma das mãos para usar.

E então ele sai.

Mas está nu, como antes.

Ele segura um *scarf* e mal consigo processar o que isso significa. Minha cabeça flutua enquanto a cama balança, enquanto ele se aproxima de mim, levanta minha outra mão e amarra meu pulso livre na cabeceira.

Não estou tão animada quanto antes, principalmente porque simplesmente surto.

Quando Lo olha de volta para mim, seu sorriso se transforma em uma preocupação sombria. — Ei, Lil... — Seu polegar roça minha bochecha. — Você está bem. — Ele deve reconhecer o medo em meus olhos. — Nunca vou te abandonar, amor. Nem por um maldito momento. Você é minha para cuidar, entendeu?

Suas palavras instantaneamente enchem meu coração. Assinto rapidamente.

— Sim.

— Agora, vou cuidar de você. Vou enchê-la tão profundamente que você vai desejar poder me tocar, mas não pode. — *Sim.* — Você vai gozar toda vez que eu entrar. — *Sim.* — Você vai me pedir para parar para recuperar o fôlego. — *Sim.* — Eu não vou.

Por favor.

Sua mão desce até o ponto entre minhas pernas, molhada e pronta. Ele abre minhas pernas com os joelhos e seus dedos pulsam dentro de mim. Eu me contorço e me esforço para tentar encontrá-lo. Mas ele me contém no colchão; ele suaviza meus movimentos irregulares e impacientes com a mão no meu quadril.

Tento estender a mão e correr meus dedos por seu cabelo, mas o lenço de seda me impede, e a algema dura crava em meu outro pulso. Ele dita a posição, a velocidade, o ritmo do nosso amor.

Ele substitui seus dedos por seu pau longo e grosso, tão grande para mim, e eu grito, empurrando contra a restrição. Ele mantém minhas pernas abertas e dobra meus joelhos. Quando se inclina para me beijar, todo o seu pau mergulha lentamente em mim, sem espaço para respirar.

Deixo escapar um gemido escalonado que se torna agudo e necessitado. Seus lábios pairam sobre os meus entreabertos, e ele esfrega o cabelo suado do meu rosto.

Em voz baixa e rouca, ele sussurra: — Cada centímetro meu está dentro de você.

— Lo — Grito. Quero tocá-lo. Quero envolver meus braços em torno de seus ombros e nunca mais soltá-lo.

Ele não sai ou balança ainda. Ele permanece profundo, minha necessidade crescendo ferozmente. Ele respira tão forte quanto eu, quase beijando, quase se mexendo, mas permanece nessa posição única e provocadora que me deixa nervosa.

— Diga a primeira coisa que vier à sua cabeça — diz ele.

Em um sussurro dolorido, eu digo: — Te amo.

Seus olhos me perseguem com puro desejo. — O quanto você me ama?

— Muito.

— O quanto você me quer?

— Demais — digo com um suspiro curto. — Por favor.

— Como se sente comigo dentro de você?

Eu me esforço para formar palavras, meus dedos dos pés começando a se enrolar, meus músculos se estirando.

— Lily? — Ele diz com força.

— Bem. — Consigo soltar.

— O quanto?

Eu balanço minha cabeça. Não posso descrever. — Você é diferente de todos... — Ele é meu melhor amigo. Meu melhor amigo está dentro de mim. Se eu pensar em anos atrás, quando não me permitia nem fantasiar sobre esse momento, teria morrido e gozaria ali mesmo.

Ele desliza lentamente para trás e, em seguida, desliza lentamente para dentro. Estremeço assim que ele me preenche novamente. — Como foi? — Ele pergunta com um sorriso crescente. Ele sabe exatamente como foi.

— Não posso...

— Você não pode o quê?

— Respirar. — Posso respirar, é claro – estou falando. Mas parece que meus pulmões estão prestes a explodir.

— Eu não vou parar — Ele me lembra. *Por favor, jamais.* Ele sai da mesma forma pela segunda vez, e quando se encaixa completamente dentro de mim, meus gritos devem romper as paredes do nosso quarto.

— Lo, Lo, Lo! — Repito em sucessão apressada. Eu me aperto em torno dele uma vez e depois duas.

Ele solta um gemido profundo, sua boca se abrindo como a minha, incapaz de me provocar com um beijo demorado por mais tempo. — Lil — diz ele, saindo do meu corpo para ver a maneira como ele desaparece entre as minhas pernas. Eu quero ver isso também, mas Lo se move ainda mais para a frente e eu me contraio novamente. Santo...

Minhas costas arqueiam, e puxo a algema e o *scarf*, o metal cavando em minha pele, a nitidez me lembrando de Lo, acendendo algo intenso dentro de mim.

Mesmo quando gozo, eu me preparo para ele sair e dizer *basta*. Uma gozada é tudo que você consegue, Lily.

Mas ele continua com essa rotina de zombaria. Escorregando muito

lentamente. Deslizando muito lentamente. Parando, esperando, me observando.

E gozo de novo.

Ele está estourando cada nervo do meu corpo. Está fazendo meu mundo girar.

E posso ver o quanto ele está esperando por sua liberação, como seu próprio ápice se aproxima e como ele se contém para não gozar, para acabar com isso. Cada vez que aperto em torno de seu pênis, ele geme e encontra uma maneira de manter a sanidade, de se segurar para me ajudar. Para me permitir chegar a este lugar muitas e muitas vezes.

Ele está preenchendo todas as minhas necessidades.

Ele está cuidando de mim.

Apenas Lo pode satisfazer cada parte da minha alma que tudo consome.

Ele é realmente meu tudo.

CAPÍTULO 12

Loren Hale



O consultório da terapeuta fica no coração da cidade de Nova York e, no caminho até aqui, Lily não consegue evitar que suas pernas pulem. Passei três meses desabafando com médicos e psicólogos; uma terapeuta sexual não vai me assustar. Eu só queria poder acabar com o nervosismo de Lily. Disse a ela que não seria estranho – que esta senhora provavelmente ouviu algumas coisas malucas – mas não foi o suficiente para impedir sua cabeça de virar para a porta como se estivesse pronta para se jogar para fora.

Pego sua mão, entrelaçando seus dedos com os meus. Seus ombros relaxam e ela se vira para olhar para mim, soltando um suspiro gigante ao mesmo tempo. Não posso deixar de sorrir. Ela é fofa, mesmo quando não quer ser.

Depois de pagar o táxi, uma viagem tensa de elevador e uma curta caminhada pelo corredor, esperamos em uma pequena área que mais parece uma sala de estar moderna: prateleiras de vidro e luz fluindo através de janelas compridas. A porta do consultório se abre e a terapeuta nos faz entrar. Um sofá de couro fica ao longo da parede cor de café. E uma robusta cadeira de couro preto fica do outro lado.

Enquanto ela se senta com um caderninho na mão, incorporo sua aparência em minha mente. Não tenho certeza de como imaginei a terapeuta sexual de Lily, mas ela definitivamente não era de meia-idade com um cabelo preto curto. A mulher é ainda menor do que Lily, provavelmente não mais do que um metro e meio.

— Você deve ser Loren. — Ela estende a mão antes de eu me sentar no sofá. — Eu ouvi muito sobre você.

Aperto a dela e me sento ao lado de Lily, meu braço envolvendo sua cintura. E fico observando a terapeuta, vendo se ela percebe o toque e se vai me criticar por isso. Ela não diz uma palavra, mas seus olhos captam nosso abraço.

— Na verdade é Lo — Eu a corrijo. — Obviamente Lily não te contou tudo. — Minhas palavras têm um gosto desagradável na minha boca e soam ainda piores.

E, no entanto, a terapeuta sorri bem-humorada.

Não sei por que isso me irrita. Eu gostaria que ela me atacasse como Rose faz por ser rude e insolente.

Olho pela janela. Sua vasta visão da cidade provavelmente custa uma tonelada de merda – especialmente com um parque à vista.

Claro que Rose escolheu a terapeuta mais cara em um raio de 160 quilômetros. Não que o dinheiro signifique alguma coisa para Lily. Mas eu não teria condições de comer um biscoito com... Li o nome dela na placa da mesa de carvalho. *Dra. Allison Banning*.

Lily nunca a menciona pelo primeiro nome, sempre se referindo a ela como ‘Dra. Banning’, mas se eu tiver que expor meus sentimentos pessoais a alguém, não quero agir como se ela fosse uma completa estranha.

— Então, Allison... — Eu a vejo cruzar os tornozelos e concentrar toda a sua atenção em mim. Não é de admirar que Rose goste dela. — Você recebe muitos viciados em sexo, casais alcoólatras?

— Você é meu primeiro.

— Chocante.

Lily me dá uma cotovelada na lateral, e não sei dizer se é por causa do meu sarcasmo ou porque a chamei de Allison. A terapeuta permanece sem piscar, já dominando aquele rosto complacente e exterior frio. Ela poderia competir com facilidade com Connor Cobalt.

— Por que você não me conta como tem sido desde que você se mudou para casa? — Allison me pergunta.

— Sobre sexo ou em geral?

Lily fica com um tom brilhante de vermelho e escorrega em seu assento. Fico mais à vontade falando sobre trepar, não porque tenho um pau ou porque

ela é tímida – mesmo que ela meio que seja – mas porque não sou o viciado em sexo. Não sinto vergonha de sexo. Ela sente.

Levanto meu braço até seus ombros, e ela se acomoda um pouco em meu corpo, relaxando mais.

— Qualquer um — Allison me diz. Seus olhos piscam entre mim e Lily com muita atenção agora. Ela definitivamente vai categorizar cada movimento que fizermos. — Você decide.

Lily abre a boca, mas eu a interrompo de propósito. Não quero que ela fuja do assunto. — Fizemos sexo há alguns dias — Confesso. Explicar minha incapacidade de estar com Lily sem excitá-la – bem, é como caminhar em areia movediça. E assim, propositadamente, me mantenho curto, direto, no ponto. Ela não precisa saber os detalhes confusos.

Tipo, ela não poder esperar até a noite. Como, depois de uma hora, tive que me desvencilhar dela para parar. Ela estava satisfeita, mas com Lily é uma satisfação momentânea. Para no segundo em que ela deseja sentir o clímax novamente. Queria transar com ela tanto quanto ela queria ser fodida, mas tive que ver seu rosto desmoronar quando ela percebeu que era isso.

Pela primeira vez, estou olhando para o quadro maior – o futuro – mas, Cristo, ninguém nunca mencionou como eu teria que suportar a dor preliminar para chegar lá.

— Você fez sexo há alguns dias — Repete Allison. — O que exatamente aconteceu?

— Coloquei meu pênis na vagina dela. — Constrangimento e remorso nadam com o alcatrão preto em meu peito. Meu filtro – está permanentemente em frangalhos. Acho que meu pai deve ter quebrado-o alguma noite. Mas não com os punhos. Ele é civilizado demais para isso.

Lily solta uma risada, o que me faz sentir um pouco melhor.

— Não anatomicamente — Esclarece Allison. — Foi só papai e mamãe? Quanto tempo durou? Que hora do dia? E como acabou? Quais foram seus sentimentos depois?

Tantas perguntas fodidas, mas eu as respondo uma de cada vez. — Só papai e mamãe. Eram cerca de sete horas.

Lily imediatamente fica vermelha da hora do dia.

Meus olhos se estreitam, sabendo muito bem que acabei de ser pego pela habilidade de Lil de se transformar em uma cereja.

— É melhor você não mentir — Allison me diz.

— Foi por volta das três — digo com um encolher de ombros. — Ela não podia esperar até mais tarde, mas aguentou até chegarmos em casa.

Allison assente. — Isso é muito bom, Lily.

Ela se anima um pouco com o elogio e aperto seu ombro, percebendo que minhas palavras não têm o mesmo poder de sua terapeuta. Ouvir um profissional dizer: ‘Você está indo bem’, deve ser um alívio.

Eu não saberia, realmente. Embora tenha aprendido muito, a maioria das pessoas na reabilitação queria que eu saísse de lá. E meu terapeuta olhava para mim como se eu fosse um merda de classe mundial. E Ryke – bem, elogios dele não valem muito. Ele está tentando se redimir por estar ausente da minha vida, por me deixar sozinho com um pai que ele sabia que tinha uma classificação baixa na lista de Melhor Pai do Mundo.

— E o que aconteceu depois? — Allison pergunta.

— Eu me afastei dela — digo —, mas ela tentou continuar. Acabei apenas segurando-a em meus braços até que ela adormecesse.

A breve felicidade nos olhos de Lily começa a desaparecer, substituída por uma humilhação silenciosa mais uma vez.

— Você não dormiu com ela?

Eu franzo a testa. — O que importa se dormi ou não? — Não entendo como isso se aplica a Lily. Eu me mexo no meu assento, e Lily volta sua atenção para mim. Não gosto disso.

— Você também tem um problema — diz Allison — e seu vício vai afetá-la. Já afetou.

Eu a interrompo. — Entendo. Eu deveria ficar longe dela. Deveria dizer adeus e deixá-la ter uma chance de lutar.

Os olhos de Lily se arregalam e ela aperta minha camisa entre os dedos pálidos.

Até mesmo pensar em deixá-la ir, coloca uma dor tão profunda na minha barriga. Ninguém me conhece como Lily Calloway. Ela é minha melhor amiga, e sem ela... Deus, qual é o sentido?

— Não — Allison diz categoricamente. — Eu ia dizer que estou aqui por você também, Lo. Sua recuperação é compatível com a de Lily. Para que ela seja saudável, você também precisa ser. — Ela faz uma pausa, olhando apenas uma vez para o caderno. — Não acho que a separação seja a ação certa aqui.

Sem um relacionamento monogâmico, Lily pode voltar à sua antiga rotina, e é melhor fortalecer a que já existe, não a destruir.

Eu assinto, aceitando lentamente suas palavras. Espero pelo alívio, mas ele mal me atinge. Acho que toda a minha felicidade está enterrada sob o tormento do que está por vir.

— Então — Ela começa novamente —, por que você não dormiu com ela?

Eu lambo meus lábios, mais disposto a clarear meus pensamentos agora que sei que ela está do nosso lado. — Dormir tem sido muito difícil para mim ultimamente. Demoro mais do que Lily. — Minha perna balança um pouco, e Lily é quem pressiona a mão no meu joelho, para me dar o conforto necessário, embora prefira ser sua rocha agora. — Todas as noites, durante anos, eu bebia até desmaiar. Álcool — esse era meu remédio para dormir. — Era exatamente isso que interrompia meus pensamentos inquietos e me colocava na cama. Sem isso, estou constantemente exausto.

Allison me pergunta por que isso acontece, e explico minha dependência de álcool. Embora dê a ela breves detalhes, não querendo focar toda a sessão em mim. Fico feliz quando Allison dirige sua próxima pergunta a Lil.

— Como você se sentiu quando ele lhe disse para parar?

Uma longa pausa força o ar.

Lily está pensando a verdade com a mentira. É o que fazemos. Construímos uma história agradável para mascarar a dor, para amenizar a dor. Nós dois somos tão bons nisso que às vezes até começamos a acreditar nas mentiras. Estou com medo de viajar por esse caminho novamente, mas é fácil de seguir.

Ela abre a boca e depois a fecha, insegura.

— Está tudo bem — Eu incentivo. Mesmo que a verdade seja feia e fria, quero ouvi-la. Estou pronto para colocarmos tudo para fora até que estejamos completamente nus e expostos. Não sei de que outra forma fazer isso funcionar.

Allison reformula a pergunta, suavizando sua existência. — Não será a primeira nem a última vez que ele vai dizer para você parar. Agora é um bom momento para falar sobre sua reação à situação. Então, como você se sentiu, Lily?

Ela só hesita um segundo. — Não é bom. — Seus olhos pousam em seus joelhos e seus ombros se curvam para frente. Ela parece pequena e triste e com o coração muito, muito partido.

Uma onda de emoções bate em mim, e tenho dificuldade em separar cada uma delas.

— E eu só... — Ela gagueja. — Não quero ser *aquela* garota. Aquela que implora por algo que sabe que não pode conseguir. É como se estivesse convidando um garoto de quem gosto para sair e ele dissesse que não, mas eu não escuto, e continuo perguntando e perguntando como se a resposta fosse diferente. Me sinto... patética.

Jamais iria querer fazê-la se sentir assim.

— Você não é patética, Lil — Consigo dizer, minha garganta inchada. Eu a puxo em meus braços e beijo o topo de sua cabeça. Quero acabar com a dor dela, mas a ironia é que fui eu que causei isso.

— Eu acho, Lily — Allison diz —, que você vai ter que começar a entender que quando Lo diz para você parar, não é rejeição. É uma forma de amor. Sei que é difícil de entender, especialmente porque vocês dois fizeram coisas completamente opostas.

Lily deixa escapar um aceno curto. Não será fácil para ela simplesmente acreditar no conselho da Dra. Banning. Tenho o mesmo problema. Nossos cérebros são conectados de maneira um pouco diferente de todos os outros. Mas estou disposto a andar nessa montanha-russa com ela – até que ambos estejamos livres da miséria.

— Agora, vamos falar sobre suas restrições e a carta que enviei para casa com você — diz Allison.

— Nós chamamos isso de lista sinistra — Lily diz a ela. — Mas eu não li. Dei para minha irmã dar para Lo, e concordamos que é melhor eu não saber. Agora... estou começando a me arrepender disso. — Ela se vira para mim. — Você acha que eu deveria ler?

Allison chega antes de mim. — Na verdade, Lily, acho uma ótima ideia você não ter lido. Isso mostra apoio da parte de Lo e confiança da sua. Também lhe dá a chance de relaxar sobre as limitações.

— Como posso relaxar quando tudo em que consigo pensar é o que está na lista das proibições?

— Se você ler, ainda não estaria pensando sobre quais atividades sexuais foram proibidas?

O rosto de Lily cai. — Eu acho.

— Por que você não tenta dessa maneira por um tempo, então? — Allison

sugere. Ela olha para o relógio. — A última coisa que quero discutir são os medos. Esse relacionamento é novo para vocês dois, e acho que seria útil se vocês dissessem um ao outro um de seus medos sobre isso.

Os lábios de Lily se fecham, então, aproveito a oportunidade para falar primeiro. Para ela.

— Bem... — digo e rapidamente percebo que não pensei sobre isso. Meus medos? Tenho muitos. Lily traindo. Eu, bebendo. Nós dois fodendo até não podermos ver direito. — Tenho medo que...

Lily se vira para mim, e por um minuto me perco em seus olhos. De repente, percebo que tenho medo de tudo. De perder a única garota que já amei. De ter seu segredo exposto para o mundo inteiro e vê-la se desintegrar com as repercussões. Ela já é tão pequena e frágil, algo assim vai matá-la, eu acho.

Mas Lily e eu decidimos não contar a Allison sobre as mensagens ameaçadoras. É muito perigoso quando não sabemos quem as está enviando. E, em parte, a situação parece nova e crua, e falar sobre isso é como pressionar uma ferida infectada.

— Lo — Allison insiste no meu silêncio.

— Estou com medo — Recomeço — que chegue um ponto em que você fique com raiva, amarga e ressentida toda vez que eu disser para parar, que você perceba que outra pessoa a pode dar o que você quer.

A cabeça de Lily balança de um lado para o outro, como se eu estivesse errado. Esse tipo de reação é bom.

— Ninguém mais poderia me dar o que eu quero — Ela respira. — Só quero você.

Seguro as palavras, mesmo que nós dois saibamos que não são completamente verdadeiras. Ela quer foder. Quer o clímax da mesma forma que eu quero me afogar em uma garrafa de *whiskey*. Quero a pressa, a descarga e a ida e volta ao purgatório. Não somos os primeiros desejos e necessidades um do outro. Sou o segundo para ela. E ela é a segunda para mim.

Eu quero que isso mude.

Pego sua mão e beijo seus dedos, mas ela não sorri porque sabe que é a vez dela.

— Lily? — Allison pergunta.

Lil mantém os olhos em mim, e dou a ela um sorriso encorajador. — Estou com medo — diz ela — que você odeie estar em algum tipo de horário sexual e odeie ser impedido de ter seu próprio prazer. Não é justo com você, e você encontrará alguém que fará você se sentir melhor do que eu.

Minha boca se abre em surpresa. Nunca pensei que ela estava preocupada com isso. Nem acreditava que poderia ser uma opção. Eu a amo além do grande sexo.

— Lil...

Ela interrompe rapidamente, levantando as mãos. — E se eu nunca puder te dar um boquete? — Ela pergunta, um pouco histérica agora. — Quero dizer, e se isso estiver na lista sinistra? Isso não está certo, Lo! Você também tem necessidades!

Estou sorrindo e tentando tanto não rir. Provavelmente é uma merda que meu sorriso tenha se espalhado para novas proporções, mas não posso evitar. Não quando ela está pirando com *isso*.

— Isso não é engraçado! — Ela grita, mas seus lábios começam a subir, imitando os meus. — Para. Estou falando sério.

— Desculpe. — Não consigo nem fingir que estou pedindo desculpas, nem consigo parar de sorrir. — É simplesmente fofo. — Ela cora, e isso só me faz querer pegá-la em meus braços e prendê-la contra o sofá. E tomá-la ali mesmo. Ela adoraria isso.

— OK, bem... vou pagar um boquete em você depois disso — Ela exige.

Isso *quase* me deixa duro. Tenho que pensar em outra coisa. Como o fato de Allison estar sentada aqui. — Que tal eu avisar quando eu quiser um — Reformulo. Eu li a lista sinistra e, embora não exclua boquetes, ela tem certas estipulações. Na verdade, acho que Lily ficaria genuinamente surpresa com o que realmente diz.

Lil estreita os olhos. — Você vai continuar me dizendo *mais tarde* até que se torne um ano.

— Dentro de uma semana — digo, meus olhos brilhando. Apenas com minha namorada eu tenho que basicamente negociar para não me pagar um boquete.

Sua testa enrugua, como acontece quando ela está pensando muito. Depois de um momento, ela olha para mim e acena com a cabeça. — Fechado.

Allison se intromete. — Isso é bom, muito bom. Vocês dois estão se

comunicando muito bem e deixando suas vozes serem ouvidas. O que quero que vocês dois trabalhem é levar suas vidas sexuais a um ponto em que elas não interfiram nos relacionamentos, na escola, no trabalho ou mesmo nas atividades diárias. Sei que no passado vocês dois tinham uma rotina sexual muito ativa.

Ativa não descreve o que estávamos fazendo. Quando nós dois estávamos no fundo do poço, raramente saíamos do quarto. Era um caso que consumia tudo. Acordar. Beber. Foder. Dormir. Comer de vez em quando. Foi o melhor e o pior momento da minha vida.

— Acho que cada um de vocês está pronto para fazer uma mudança — Continua Allison. — E isso começa agora.

CAPÍTULO 13

Lily Calloway



Depois do meu exame de Estatística, recebo outra mensagem explosiva. Dessa vez, o desconhecido foi um pouco mais criativo e me chamou de vagabunda e boqueteira. É um pouco irônico que eu tenha implorado a Lo na terapia para me deixar pagar um boquete. Mas fora isso, essas mensagens estão começando a me afetar. Quem disse que paus e pedras quebram ossos, mas palavras nunca machucam, obviamente nunca foi provocado ou insultado.

Vamos nos encontrar com Connor hoje para falar sobre as descobertas do investigador particular. Planejei mostrar as novas mensagens a Lo e Connor, mas depois do incidente com Mason no estacionamento, não acho que revelar minhas mensagens fará nada além de enfurecer Lo. E não quero que ele dê uma de “Hulk Esmague” em nada ou o induza a beber. Espero que Connor tenha uma pista melhor sobre o cara e possamos descobrir o que ele quer.

Jogo minha mochila na minha cama e corro para o banheiro, precisando pelo menos arrumar meu cabelo antes de sairmos. Quando abro a porta, encontro Lo perto da pia, girando a tampa de um frasco de comprimidos. Deve ser *Antabuse*. Ele me disse que estava tomando remédios que o deixariam doente se bebesse álcool. Estou mais orgulhosa dele do que ele imagina.

— Está pronto? — Pergunto, tentando não fazer das pílulas um grande problema. Olho-me no espelho e quase morro com meu cabelo. Fiquei acordada a noite toda memorizando aquelas velhas questões do exame. Tomar

banho caiu na minha lista de prioridades. Meu cabelo está oleoso e liso e parece meio nojento.

— Quase. — Lo abre o armário de remédios e pega um desodorante. Tomo uma decisão ousada e abro a torneira da pia. Então, me inclino sobre a borda de mármore, tentando o meu melhor para enfiar minha cabeça na cuba e debaixo da água.

— Que diabos está fazendo? — Lo pergunta enquanto rola simultaneamente o bastão sob as axilas. Ele está sem camisa, e eu realmente não posso olhar por muito tempo.

— Lavando meu cabelo — digo a ele. Puxo algumas mechas molhadas entre os dedos e estou prestes a esguichar um pouco de sabonete na palma da mão.

— Isso não é shampoo — Lo diz rapidamente.

— O que você é, a polícia do sabão? Vai funcionar. — Pego o frasco novamente.

— Espera — diz ele. Levanto minha cabeça um pouco e tiro alguns fios encharcados do meu rosto. Ele se atrapalha no chuveiro e depois fecha a porta de vidro ao sair, com um frasco de *Herbal Essence* na mão. Estendo minha mão enquanto torço meu pescoço para evitar pingar em todo o balcão.

— Você vai criar um tsunami aqui — diz ele, me empurrando de volta à pia. Minha barriga atinge a borda do balcão, e me inclino novamente, perdendo de vista para a parede de cabelos. Então, sinto suas mãos na minha cabeça, esfregando o shampoo no meu couro cabeludo. Oh.

Isso é bom.

Seus dedos esfregam, correndo para cima e para baixo e até pressionando contra a parte de trás do meu pescoço. Nunca pensei que uma massagem na cabeça pudesse parecer tão boa.

Sufoco um gemido, mas o barulho agradável escapa assim que ele diminui o espaço entre nós. Seu corpo se funde contra a minha bunda. Não fizemos nada, exceto papai e mamãe desde que ele voltou da reabilitação e estou começando a me tornar paranoica que o anal está nessa lista sinistra. Quero isso. Agora, eu acho. Provavelmente estou entre a minoria de meninas que gosta dessa posição. Mas gosto do aperto. É um tipo diferente de clímax, e não posso negar o quanto quero que isso aconteça.

— Lo. — Minha voz sai rouca e desejosa.

Ele se afasta de mim, o ar substituindo seu corpo. A rejeição dói, mas tento me lembrar do que falamos na terapia. Preciso entender.

— Como foi a sua prova? — Lo pergunta, provavelmente tentando me distrair.

— Nada mal. — Ainda tenho que limpar a minha barra sobre Sebastian me fornecer exames antigos. Não acho que Lo se importaria de eu ser semi-trapaceira, mas acho que ele não aprovaria que Sebastian esteja me incorporando de maneiras intransigentes. É melhor evitar essa conversa.

— Então Sebastian está realmente ajudando? — Ele pergunta em descrença. Ele retorna seu corpo logo atrás de mim novamente, e a pressão na minha bunda acende pensamentos selvagens.

— Sim — Murmuro. Não posso pedir sexo a ele. Ele dirá não. Tenho que tentar relaxar para que ele não se afaste, para que eu possa me divertir com o fato de que isso – ele atrás de mim – é bom demais para ser falado. Tenho que acreditar que isso é suficiente... que não preciso de mais.

— Então, você acha que passou?

— Hmmm ... — *foco*. — Acho que tirei um A.

Ele para de massagear minha cabeça, mas não tira o corpo do meu. — Você colou?

— O quê? — Pergunto rápido. Estou prestes a levantar a cabeça, mas ele coloca a mão nas minhas costas e me empurra para baixo para não pingar a água por todo o chão.

— Você fez isso. Você colou. — Seu choque supera todos os outros sentimentos.

— Não! — Me defendo.

— Espera. — Lo pega um copo e o enche de água. — Fecha seus olhos.

Fecho com força quando ele começa a lavar a espuma do shampoo, tensão crescente entre nós. Não ajuda que sua área frontal agora esteja se movendo contra a minha bunda.

— Então, o que ele queria em troca de ajudá-la a colar? — Lo pergunta.

Mal consigo processar essa pergunta. Sou uma péssima multitarefa e, no momento, faço malabarismos com meus pensamentos nefastos esfregando sabão nos olhos. Não há espaço para respondê-lo adequadamente. — Hum? — Abro minhas pernas, não o suficiente para que ele perceba.

Pelo menos, não acho que ele perceberia.

Ele engancha meu tornozelo com o pé e prende minhas pernas juntas como se não fosse nada, como se essa fosse nossa nova rotina. — Sebastian iria querer algo em troca — Lo diz, sua voz áspera enquanto ele imagina uma barganha não tão inocente.

— Ele não está me ajudando a colar — digo novamente. Ele joga mais água na minha cabeça e cuspo um bocado de sabão.

— Desculpa, amor. — Sua doçura dura apenas um segundo quando abro minhas pernas novamente e ele as junta. — Se ele não ajudou você a colar, o que ele fez? — Lo faz uma pausa enquanto torce meu cabelo. — Você percebe que ter outra pessoa fazendo o exame para você constitui uma trapaça.

— Eu sei — Solto. Ele pega uma toalha e começa a massagear meu couro cabeludo novamente. Fecho meus olhos para aproveitar a sensação. *Ugh*, não posso nem o odiar enquanto ele faz isso.

Ele tira a toalha e eu finalmente me endireito, meu cabelo bagunçado e molhado em volta do meu rosto. Mas pelo menos está limpo. Lo ainda está pressionado contra mim, e suas mãos ainda descansam ao longo dos meus quadris. Nossos olhos se encontram através do espelho e vejo a força neles. — Não podemos — diz ele. — Adoraria transar com você agora, mas temos que sair logo para a reunião.

Concordo. Não é um momento saudável, pelo menos não para mim.

Eu me viro para encará-lo completamente, e ele se afasta de mim. O suficiente para que meus olhos caiam para suas calças. — Como você não está duro agora? — Pergunto acusadoramente.

— Estava apenas lavando seu cabelo — Ele diz como se eu estivesse sendo boba, como se aquela tarefa simples não fosse nada sexual. FRANZO a testa. Não foi? Ou a coisa toda estava na minha mente pervertida?

Ele inclina meu queixo com o dedo, e olho de volta em seus olhos. — Passei três anos como seu namorado falso — diz ele. — Tenho prática em resistir a você.

Ohhhh. Eu gosto mais dessa resposta. Acho que ele também. Lo se inclina e me beija profundamente, enchendo meus pulmões com sua respiração. Agarro sua nuca e retribuo totalmente. Ficamos assim por pelo menos um minuto, mas ele se retrai antes que possamos prosseguir.

Meus olhos estão grudados em seus lábios rosados e úmidos. Meu cérebro

está computando apenas uma coisa: *beijo. Beijo. Beijo.*

— Como você tirou um A? Ou *acha* que tirou um A? — Ele pergunta, retirando-me dos meus pensamentos felizes.

— Huh? — Posso me fazer de boba? Deve ser mais fácil para mim, considerando que estou relativamente na média na escala inteligente. Lo não acredita nisso. Ele me dá uma olhada e desmorono sob seu olhar penetrante. — Você não pode contar a Rose.

— Então você *está* colando. — Ele percebe que Rose não se importaria como eu iria no exame, a menos que me aventurasse no lado sombrio da academia.

— Não tecnicamente...

Suas sobrançelas saltam. — E daí... você trapaceou pela metade? Afinal, o que isso quer dizer? Você trapaceou na primeira página, mas não na última?

Levanto minhas mãos. — Uau, posso explicar?

— Por favor.

— Sebastian me deu provas antigas e eu apenas memorizei todas as respostas. Não levei os testes para a aula nem copiei as respostas na minha mão. Estou apenas derrotando o sistema. Não há mal nenhum nisso.

Lo leva um momento para processar isso e, quando penso que ele vai gritar comigo, ele pergunta: — Quanto você tirou nas outras provas antes de fazer isso?

— 44 e 29. — Duas notas horríveis que eu não achava humanamente possíveis. Na verdade, isso é mentira, já tirei 7 em um teste antes – e acho que o professor da Penn também estava sendo legal sobre isso. Reli minha prova e parecia que um alienígena planetário fez o teste e escreveu em um idioma diferente. Honestamente, o professor me perguntou se eu era disléxica. Eu realmente não poderia dizer a verdade a ele. *Estou tão exausta de tanto sexo louco que ando fazendo que mal consigo processar as palavras, muito menos as frases. Você tem sorte de eu ter aparecido nesta aula, senhor.*

Lo ainda está pensando, então acrescento: — Tenho tirado C nas outras matérias. *Estats* é a mais difícil para mim.

— Você tem razão. Não é realmente cola — diz ele. Não posso evitar meu sorriso, meu rosto se enchendo de alegria. — Mas... — Não gosto de *mas...* risque isso, eu lembro que gosto muito mais de “mais”. Como minha bunda + seu pênis.

Lo acena com a mão na frente do meu rosto. — Escutou?

— Não escutei além do *mas*.

— Jesus, você realmente quer sexo anal — Ele diz com um sorriso. Abro minha boca para pedir a ele, e ele rapidamente diz: — Não, amor. Não agora. — Buu.

Lo continua sem perder o ritmo: — Então, Sebastian deu a você exames antigos. O que você deu a ele?

— Nada — digo com um encolher de ombros. — Ele disse que estava fazendo isso porque eu sou irmã de Rose e... — Eu termino, sabendo que é aqui que Lo vai ficar chateado.

— E ... — Lo cutuca.

— E ele me disse que não gosta de Connor e Rose juntos, e acho que ele pode tentar terminar o relacionamento deles. Enfim... — Limpo minha garganta. — Não posso avisá-la sobre Sebastian, ou então...

— Ele vai ficar com os exames — Lo finaliza e entende.

Uma vergonha ardente me enche, e isso nem tem nada a ver com sexo.

Lo não diz mais nada. Ele demora muito para processar tudo internamente.

Meus nervos se concentram em seu silêncio. — Eu preciso desses exames, Lo. Você sabe que eu preciso deles. O que eu deveria fazer?

— Não sei — Lo murmura. Ele esfrega a nuca.

Eu me mexo inquieta. — Connor é o primeiro amigo de verdade que já tivemos, e estou no Time Sebastian... sem querer.

— Vamos ter que pensar nisso. — Ele olha fixamente para o chão, planejando. — Por enquanto, vamos apenas manter isso entre nós.

— Tem certeza?

Lo encontra meu olhar, reconhecendo o brilho de culpa em meus olhos. Ele me puxa para mais perto de seu peito e passa a mão na minha nuca para me confortar. — Sua prioridade é passar nessa aula. Tente não pensar em mais nada.

— Connor...

— Ele vai ficar bem por enquanto. Ele é o cara mais confiante e seguro de si do mundo. Pode lidar com Sebastian sem nenhum de nós.

Acho que ele está certo, mas nós dois também sabemos que não é o caminho moral – aquele que bons amigos seguem. Estar sóbrio não é nosso único desafio. Tornar-se humano, pessoas funcionais neste grande e vasto

mundo significa fazer amizades e manter as poucas que já temos.

Não existe curso universitário para ‘ser um amigo melhor’ ou ‘ser um ser humano menos merda’. Ou, então, eu estaria inscrita em ambos.

Somos egoístas, em todos os sentidos da palavra.

Só não quero acabar com nossas amizades por causa disso.

CAPÍTULO 14

Lily Calloway



A parte mais difícil de estar em um relacionamento sério com Lo não é perder o sexo com estranhos. É perder aquele momento em que me torno outra pessoa. Onde a tímida e insegura Lily se transforma em uma megera confiante. Onde estou completa e totalmente no controle, e enquanto minha conquista olha para mim com um olhar de pálpebras pesadas, ele também sabe disso. Eu era outra pessoa naqueles momentos. Alguém melhor, talvez.

Quanto mais tempo sou monogâmica, mais esqueço como é ser *aquela* Lily confiante e descarada. É como se separar de um melhor amigo por tanto tempo que seu rosto se torna uma névoa embaçada. Não sinto falta dela o suficiente para trair Lo. Só me pergunto se algum dia a verei novamente.

Mas sei quem nunca quis conhecer.

Sadie.

O malvado gato malhado laranja de Connor me encara do outro lado da sala de seu apartamento. Todos aqueles gatinhos mal-humorados no *Tumblr* não são apenas *photoshopados*. Sadie é a prova de que os felinos podem contorcer o rosto com tanta malícia temperamental.

Lo e eu nos sentamos no sofá de couro verde-escuro de Connor, seu apartamento decorado como um apartamento de solteiro. Em vez de copos *Solo* vermelhos alinhados no bar, ele tem uma variedade de licores caros trancados em um armário de vidro. Lo olhou para eles uma ou duas vezes, e Connor nos conduziu a um assento onde nossas costas estavam voltadas para o álcool. Isso irritou Lo um pouco. Ele não quer ser mimado.

A luz da tarde entra pelas janelas que preenchem toda a parede dos fundos e a adjacente. Do chão ao teto, Connor tem uma visão perfeita da antiga arquitetura de tijolos da Filadélfia. Como a maioria dos apartamentos de solteiro caros, Connor tem uma decoração artística que faz muito pouco sentido para mim.

Há apenas uma bola de porcelana posicionada onde deveria estar uma cadeira. Não sei dizer se é um vaso para colocar flores, vazio, ou apenas ornamentação. Não há buraco para lírios² – OK, isso ficou estranho. Mas realmente, parece bobagem ter uma bola só ocupando espaço. Acho que é por isso que chamam de arte não funcional.

O chão é de concreto, mas na sala de estar ele tem um belo tapete creme que Sadie aparentemente adora. Porque ela ainda não saiu de lá. Ela desfila na frente do sofá, de um lado ao outro, seu rabo branco abanando maliciosamente.

Estou de olho em você, digo com um olhar estreitado.

Apesar de me sentir violada por Sadie, estou relativamente esperançosa hoje. Quero tudo resolvido com esse chantagista, malandro, ou o que diabos ele seja. Quero seguir em frente e me concentrar em ficar saudável.

A campainha toca e Connor abre a porta. — Você está atrasado — diz ele categoricamente, em um tom Connor Cobalt *não-gosto-de-você* que raramente se apresenta.

A mandíbula de Ryke endurece. — Sou o capitão da equipe de atletismo — diz ele. — Não posso ser o primeiro a deixar o treino.

— Não, eu não esperaria que você fizesse nada primeiro — Retruca Connor.

Lo e eu trocamos hesitações. Algo me diz que Connor não é o fã número um de Ryke Meadows. E normalmente suspeitaria que talvez Connor saiba que Ryke está por trás de tudo isso – que o irmão de Lo é aquele de quem devemos ter cuidado. Mas seus olhares acalorados começaram na época em que Ryke insultou Connor em público. Não foi um evento único. Foram muitas coisas. Como Ryke chamando Connor de puxa-saco na frente de seus amigos de corrida. Ryke pode dizer essas coisas em particular, na nossa frente, e Connor apenas dá de ombros, mas ferir sua reputação em público passou dos limites.

Ryke parece prestes a passar pela porta.

Mas Connor o conduz antes que o irmão de Lo parta para o físico. Connor se senta em uma cadeira com botões, de couro sintético, à nossa frente, mas Ryke se senta ao lado de Lo no sofá. E lembro-me de que minha irmã não está aqui para fazer parte do meu time. A agenda dela é muito agitada para ir até Filadélfia, então, infelizmente, terei que continuar sem ela.

Não percebi o quanto dependia de seu apoio até sentir aquele pavor desconfortável quando ela me disse que não poderia vir.

Sadie circunda a mesa de centro, mas seu olhar severo nunca sai de mim.

— Connor — digo —, acho que sua gata me odeia.

Connor a pega nos braços. — Ela não te odeia.

Que bom. É um inimigo a menos.

— Ela simplesmente odeia mulheres.

Ou talvez não.

Ryke solta um bufo furioso. — Pensei que Rose estava inventando essa merda.

— Quando você junta palavrões, fico um pouco surdo do ouvido direito — Connor diz a ele. — O que é que foi isso?

Lo está se esforçando muito para não rir, e mordo meu lábio para reprimir um sorriso. É muito fácil implicar com Ryke, especialmente porque o cara leva tudo a sério.

Ryke o ignora, murmura mais palavrões e se recosta na cadeira. — Vamos continuar com isso.

Connor acaricia Sadie, e mesmo que ela ronrone, ela ainda usa uma máscara de maldade dirigida a mim.

— Tenho más notícias — diz Connor, confirmando que ele é de fato o vilão que acaricia o gato neste cenário. — Meu investigador particular rastreou o número de telefone. Era descartável, então, não temos como saber a identidade da pessoa do outro lado da linha.

Lo geme em suas mãos, curvando-se para a frente com os cotovelos nas pernas.

Sigo o caminho oposto, recostando-me no sofá como se um maremoto tivesse acabado de atingir meu peito. O que fazemos agora?

— Então, devo me preparar para estar nos tabloides em breve? — Minha voz sai muito suave. Até mesmo o pensamento envia meu coração para um padrão de depressão. Não consigo pensar nisso sem chorar. A vergonha que

trarei para minha família...

Lo se endireita e entrelaça seus dedos nos meus. — Tem que haver algo mais que possamos fazer.

— Claro — diz Connor. — Mas preciso que vocês dois se abram sobre coisas que não estão dispostos a compartilhar. Preciso de seus principais suspeitos que vocês acreditam que podem estar ameaçando você. Posso entregá-los ao meu investigador e ele os examinará.

— Isso não deve ser muito difícil — diz Ryke.

Lo olha para o tapete. Sim, levei horas apenas para examinar nosso anuário e circular os rostos – apenas para decidir que mais da metade do corpo docente odiava Lo. E isso foi apenas a escola preparatória. Nós nem incluímos a *faculdade* na equação.

— Sério? — As sobrancelhas de Ryke se erguem. — Quantas pessoas você irritou, Lo?

— Eu não era muito querido — Ele retruca. — Nem todos podemos ser capitão de time esportivo.

Ryke revira os olhos.

— Você não pode estar tão surpreso — Interrompo. — Você nos conheceu quando Lo estava sendo encurralado por quatro caras querendo bater em seu traseiro.

— As pessoas ficam chateadas com as coisas mais estúpidas — diz Lo, defendendo-se.

Connor inclina a cabeça. — Você não roubou uma garrafa de álcool que custava quarenta mil?

— Não roubei — diz Lo. — Bebi da garrafa e coloquei de volta. E era meu aniversário.

— Como seu aniversário fortalece seu argumento? — Connor pergunta. — A menos que eles soubessem que era seu aniversário. Eles sabiam? — Ele sabe que não.

Lo fala. — Cale a boca. — Suas palavras saem suaves e elas realmente fazem Connor sorrir.

— E aqueles caras na festa de Halloween? — Pergunto a Ryke. — Você acha que eles ainda podem estar com raiva de Lo?

— Sim, qual é o nome do cara que estava realmente chateado? — Lo pergunta.

— Matt — diz Ryke. Todos nós ficamos em silêncio, lembrando do momento em que Matt ordenou a seus primos que perseguissem a limusine de Connor pela rua enquanto acelerávamos. Ele também está na equipe de atletismo com Ryke. — Não sei se ele ainda está com raiva ou não.

— Como você pode não saber? — Lo dispara. — Você é o capitão. Você os vê quase todos os dias. Caralho, você *acabou* de correr com eles.

Connor se esforça muito para não sorrir, mas se ele quisesse esconder totalmente o sorriso, tenho certeza de que conseguiria. Ele definitivamente está se regozijando com a miséria de Ryke. Eu meio que gosto disso.

— Você *corre* comigo — Ryke retruca, esquivando-se da acusação.

— Só porque você pede. Se dependesse de mim, estaria correndo pela rua, sozinho. — Mas há bares ao longo da calçada e Ryke teme que ele seja tentado a entrar.

O olhar estreito de Lo perfura Ryke, e ambos falam através de suas feições duras. Lo está incitando Ryke a dizer as piores coisas para ele – para trazer à tona seu vício. Mas Ryke não está disposto a isso.

— Olha — diz Ryke —, os caras da equipe não vão me dizer se desprezam meu meio-irmão que acabou de passar três meses na reabilitação.

Oh. Ele tem razão.

— Devo colocá-lo na lista? — Connor pergunta, percorrendo seu *tablet* eletrônico. Sadie tenta se sentar nele, não gostando de sua atenção dividida, mas ele move o tablet para o apoio de braço e ela se enrosca em seu colo.

Lo desvia o olhar de Ryke. — Sim, claro. — Acho que ele quer alguém para culpá-lo novamente por aquele erro – gritar e fazê-lo sentir aquela dor, como se ele merecesse o ataque. Seu pai faria exatamente isso. Mas Lo precisa perceber que essa não é a maneira certa de lidar com as coisas. Ele não deveria ser punido todos os dias por algo que aconteceu meses atrás. Ninguém morreu. Ninguém se machucou.

— Vamos começar com as pessoas que têm mais rancor contra vocês dois e partir daí — Aconselha Connor.

Lo está olhando para o chão novamente, sua mente vagando em mil lugares diferentes. Fui eu quem pesquisou o anuário, então, sei melhor do que ele neste momento.

— Aaron Wells — Eu começo. Ryke e Lo enrijecem. Eles fizeram algo com Aaron, claramente, mas tento não pensar nisso. — E talvez Mason Nix...

— Depois do fiasco do estacionamento, acho que há muito mais ressentimento lá do que imaginávamos.

— Tenho que dar motivos ao meu IP para colocar os nomes. Então, você vai ter que me dar alguns detalhes.

Lo suspira pesadamente. Ele se vira para mim, sua mão subindo na minha coxa. É um pouco perturbador, e posso dizer que o movimento é um reflexo subconsciente. Ele não percebe o quanto estou obcecada com a maneira como seus dedos pressionam meu jeans, a apenas um momento de respiração do ponto entre minhas pernas.

— Você quer contar as histórias? — Lo me pergunta. — Eu posso, se você não quiser. — Mas por sua mandíbula afiada, posso dizer que ele quer compartilhar tanto quanto eu.

— Que tal oportunidade igual — digo. — Falo sobre Wells.

Lo perdeu um pouco de cor nas bochechas. Ele acena com a cabeça novamente, e agora me arrependo da minha escolha.

— Não importa, posso falar sobre Mason...

— Não, você fala sobre os Wells.

Eu paro. — OK — digo em voz baixa. Eu me sinto mal. Como se eu pudesse escorregar para o sofá e não voltar.

— Aaron Wells — Connor diz, seus olhos brilhando em reconhecimento ao nome. — Ele participou do evento Fizzle em janeiro?

— Sim — digo. Sem Lo para me acompanhar, minha mãe chamou Aaron Wells para ser meu acompanhante (não do tipo prostituta). Ela não sabia que ele odiava Lo ou que estava determinado a tornar meu tempo na festa miserável.

Lo vira pedra ao meu lado, não pode mais ser abraçado. Ele está chateado por não estar lá para mim, mas eu nunca iria querer que ele saísse da reabilitação por minha causa.

Começo a história da melhor maneira que posso.

Aaron Wells. Alto, deus de cabelos castanhos (quase loiros) e olhos azuis, do time de lacrosse da Dalton Academy. Todo metidinho, do tipo sangue azul, cagando ouro. Mesmo na nona série, ele era muito estimado, um atleta natural que agradaria nossa escola com seu primeiro Campeonato Estadual de Lacrosse. Os caras queriam ser ele e as garotas queriam transar com ele. Mas Lo era o único cara que não se importava em ser envolvido no círculo de

popularidade de Aaron.

Na nona série, Lo e eu negamos nossos problemas a nós mesmos e um ao outro. Mesmo depois de termos feito sexo pela primeira vez, apenas fingimos que nunca aconteceu. Tínhamos quatorze anos – ingênuos e perdidos e tentando nos sentir melhor.

Lembro-me muito bem do dia seguinte. Enfiei meus livros no armário, e a proximidade de Lo fez meu peito apertar. Essa parte foi normal. Ele me esperava com o braço forte apoiado no armário azul-escuro, afrouxando o colarinho da gravata na camisa branca de botão. Ele odiava aquele uniforme da escola preparatória, mesmo que parecesse sexy nele. Ficava ao meu lado, querendo me levar para a aula. Cheirava a *whiskey* e usava óculos escuro dentro de casa para ajudar com seus olhos. Naquela época, antes da faculdade, ele sentia mais os efeitos de uma noite de farra.

— Você fez aquela tarefa de poesia para Lit? — Lo perguntou.

— O quê? — Meus olhos se arregalaram. Devo ter esquecido. Não é incomum. No entanto, os professores geralmente tinham pena de mim. Depois de serem agraciados com o cérebro supremo de Rose, eles pensaram que eu era a estúpida garota Calloway.

— Está tudo bem, te cubro — disse Lo. Estreitei meus olhos para ele, cética. Sem chance. — Rosas são vermelhas. Violetas são azuis... — *Ótimo. Vou errar.* — E se um atleta perguntar, não deixe ele te foder. — Ele terminou o poema enquanto seus olhos vagavam à frente. Um grupo de jogadores de lacrosse passa por nós, Aaron liderando o pelotão.

— Conselhos em um poema? — digo com um sorriso. — Você está se superando, Loren Hale. — Minha diversão durou pouco. Aaron se separa do grupo e se aproximou de nós. Lo enrijeceu e tentei ignorar o cara enquanto ele se elevava sobre mim.

— Você deve ser Loren — Aaron diz. — Não nos conhecemos, mas já ouvi falar de você.

— É Lo — Ele esclareceu.

Aaron mal piscou e continuou falando como se Lo não tivesse pronunciado uma palavra. — Estou organizando uma festa de pré-temporada em minha casa.

— Isso é fofo — Lo disse com um sorriso irônico —, não são muitas as pessoas que dão festas para comemorar a primavera³.

— A temporada de *lacrosse* — Aaron brinca, olhos frios.

— Os meteorologistas estão inventando novas estações agora? Isso é impressionante.

Eu deveria ter previsto isso, considerando que Lo não estava de bom humor. Não depois que fizemos sexo e ignoramos o evento. Não depois que ele bebeu *whiskey* direto de sua garrafa no caminho até aqui.

Aaron manteve a compostura. — Você pode trazer sua namorada, se quiser.

— Ela não é minha namorada — disse Lo.

Na admissão, eu me virei do meu armário, livros em meus braços. Aaron me avaliou, não grosseiramente, e quando seus olhos pousaram nos meus, ele olhou para mim com uma pena tão intensa. Como se sentisse mal por eu ter que suportar Lo.

Aaron não nos entendia. Ninguém entendia.

— Você está definitivamente convidada — Aaron disse diretamente para mim. — E posso apresentá-la a alguns *caras legais*.

— Sim, ela não está procurando por um cara legal — disse Lo. Ele estava certo. Se quisesse alguém que me levasse para um encontro, me tratasse bem e ligasse na manhã seguinte, namoraria alguém da Dalton. Mas eu queria o leigo. O tipo de cara que poderia dormir comigo e esquecer assim que saíssemos do quarto. Eu queria fácil. Caras legais eram complicados.

Falei antes que Aaron pudesse. — Tudo bem. Não vou a festas. — Quero dizer, festas de Dalton. Regra número um: não faça sexo com garotos de Dalton. Caso contrário, todos teriam descoberto que eu dormia por aí.

Aaron franziu a testa. — Isso é meio estranho.

— *Obrigada?* — disse antes de me virar para Lo, pronta para sair.

— Vocês dois percebem que esta vai ser a festa do ano — Aaron disse confuso, seu orgulho finalmente começando a se agitar. *Sim, Aaron, estávamos falando sério sobre não querer ir.* No entanto, eu tinha certeza de que *seria* uma festa e tanto. Tigelas gigantes de ponche. Luzes de neon. Boas drogas. Talvez até um DJ famoso. Mas eu escolheria perder tudo apenas para evitar fofocas sobre a manhã seguinte.

Lo encontrou meu olhar, e eu pude vê-lo quebrando. Provavelmente sob a suposição de que haveria *boa bebida* também. Eu dei a ele um olhar. As festas de Dalton eram minha ruína. Toda a população estudantil se aglomerando,

então, eu teria que passar meu tempo no canto, tentando evitar olhares maliciosos e me certificando de que Lo não desmaiasse.

Ele me deu aqueles grandes olhos suplicantes, e percebi que ele iria à festa comigo ou sem mim. Então, apenas assenti.

Lo se virou para Aaron e deu um sorriso falso. — Nos vemos na sexta-feira.

Aaron mergulhou em sua própria felicidade fingida. — Perfeito.

Só que não tinha sido perfeito. Foi uma das piores festas da história das festas. Tão ruim, na verdade, que o evento nos excluiu de qualquer função social relacionada a Dalton. E eu nem compareci à estúpida explosão de Aaron.

Não fui eu quem abriu todas as bebidas caras de Wells. Não peguei um taco de lacrosse e tropecei, de alguma forma acabando na adega. Não descontei toda a minha frustração em garrafas de duzentos anos que quebraram. Não afoguei o porão e minha dor numa piscina de tinto.

Mas Lo com certeza fez.

E eu deveria estar lá. Às vezes me pergunto se isso teria mudado o resultado. Eu poderia ter parado Lo, e, talvez, Aaron e seus amigos não o odiassem tanto.

O desastre da adega deu início à rivalidade.

E cresceu rapidamente a partir daí. Primeiro, com coisas bobas, como arrancar os livros de Lo de suas mãos. Três deles encurralaram Lo, prestes a agarrar seus braços e pernas e enfiá-lo em um armário. Lo correu antes que eles pudessem tocá-lo. Ele era bom nisso. Fugir.

Lo admitiu para mim, e somente para mim, que foi culpa dele que toda a rivalidade começou, em primeiro lugar, mas ele simplesmente não sabia como encerrá-la depois que começou. Como dominós que continuavam caindo, caindo e caindo. Ele não era maduro o suficiente para se afastar, para recuar. Ele tinha levado muita merda em casa para deixar alguém atropelá-lo.

Nos quatro anos seguintes na escola, eles se odiaram passivamente e às vezes a passividade se transformava em punhos, mas Lo era rápido em se esquivar de todos os ataques. Não foi até o nosso último ano que tudo mudou. Acho que, em parte, Aaron estava cansado de como os professores bajulavam Lo e como ele parecia ter um tratamento especial que se estendia além dos atletas.

Eu tinha dezessete anos e estava em um relacionamento falso com Lo. Pela primeira vez, Aaron percebeu que havia uma maneira de chegar a Lo sem que ele fugisse.

Ele poderia mexer comigo.

Aaron começou a me seguir para a aula e, uma semana depois, ele me bloqueou contra uma parede, muito casualmente, com seus amigos jogadores de lacrosse a reboque. Para todos os outros, eles provavelmente pareciam estar ali para uma conversa rápida, mas sempre que eu encontrava os olhos de Aaron, eu via apenas ódio.

Na quarta vez que ele me encurralou, eu estava na biblioteca, tentando desesperadamente encontrar um livro sobre Arte Renascentista. Isolada no fundo, entre duas estantes de livros, peguei uma lombada vermelha e estava pronta para ir almoçar. Quando olhei para cima, minha saída havia sido obstruída por um cara de um metro e oitenta com músculos atléticos e sobrancelhas juntas.

O ódio é um animal que você alimenta, e imaginei que, depois de quatro anos, o de Aaron estava gordo e inchado. O cara aparentemente legal que me convidou para uma festa no meu primeiro ano de escola preparatória, se tornou frio e mau. Pelo menos em relação a mim.

Seus olhos estavam sombrios, e ele deu um passo à frente. Meu coração batia contra meu peito enquanto eu tropeçava para trás. Ele continuou seu passo e minhas costas bateram na parede.

— Eu tenho que ir almoçar — disse em voz baixa. Não sabia o que ele ia fazer. Ele já havia dado um soco em Lo. (Ele pegou uma semana de suspensão e Lo pegou uma detenção na sexta-feira), então, pensei que talvez ele estivesse se preparando para me bater... ou pelo menos me assustar.

Missão cumprida. Eu estava apavorada.

Ele se aproximou, sem dizer uma palavra. Acho que essa foi a pior parte, o silêncio e a insensibilidade de tudo.

Ele levantou os braços, colocando as mãos em um cartaz de eleição estudantil ao lado da minha cabeça, me aprisionando. Seu hálito quente queimou meu pescoço, e foi então, naquele momento, que tive o impulso. Eu queria sair. Para longe. Sumir. Abaixei-me, um pouco e rápido o suficiente para deslizar abaixo de seu braço. Saí correndo da biblioteca e logo da escola.

Não queria contar a Lo o que havia acontecido, mas os avanços de Aaron

só pioraram. Um dia, quando estava voltando para casa, ele me seguiu com seus amigos da lacrosse. Dirigi direto para a casa de Lo e eles dispararam. Mantive minha boca fechada, mas passei a maior parte do dia na escola colada ao lado de Lo. Ninguém me assediava quando ele estava por perto.

Eu geralmente tentava faltar quando ele faltava. Mas um dia anormal, dormi na minha própria casa, e ele não me disse que iria se atrasar.

Tentei me concentrar na tarefa em mãos. *Pegue seus livros. Vá para a aula. Pronto.* Puxei meu livro de História Mundial do armário e a lombada de capa dura inclinou o espelho na porta interna.

E então senti duas mãos na minha cintura.

Eu pulei: pés e coração. Então virei-me e os olhos de Lo estavam arregalados.

— Ei, *namorada* — Ele enfatizou, vindo como estávamos em nosso relacionamento de mentira.

Eu queria sorrir, mas mal conseguia recuperar o fôlego.

Seu rosto caiu em uma onda de preocupação, e ele colocou as mãos no meu rosto. — Ei, ei, ei — disse ele rapidamente. — Respira fundo, Lil.

Lágrimas picaram meus olhos. Eu não sabia que Aaron tinha me desvendado até aquele ponto. *Jogo. Set. Match*, pensei. Ele ganhou.

Mas eu tinha esquecido quem era meu namorado ‘falso’.

— Lil, o que há de errado? — Sua voz estava forte e séria.

Enterrei minha cabeça em sua camisa e ele me segurou lá por um longo momento. Matamos aula para que eu pudesse contar a verdade a ele, e isso fluiu de mim como uma inundação.

— Vou resolver isso — disse Lo.

Eu também acreditei. Ele ligou para Aaron e ameaçou sua carreira universitária se ele não parasse de me assediar. Com o nome Hale, Lo tinha muitos contatos e um telefonema dele ou de seu pai, e a carreira universitária de Aaron estaria encerrada.

Aaron chamou de blefe. E, então, Lo ligou para a faculdade.

Então Aaron Wells foi reduzido à sua escola de segunda opção, perdendo o estrelato da lacrosse.

Ele parou de me seguir depois disso...

Bem, até a festa do Fizzle bem recentemente (onde ele tentou me assustar de novo). E não logo depois, recebemos essas mensagens. Talvez apenas

alguns meses separando os dois eventos.

A expressão plácida normal de Connor foi ligeiramente superada por uma testa enrugada e a mão cobrindo sua boca. Nunca pensei que poderia chocar Connor Cobalt – ou que ele me deixaria ver sua surpresa.

— Em defesa — diz Lo —, Aaron Wells e eu nos odiamos desde a nona série. Isso é como uma era de ódio. Nenhum dos outros é assim.

— Só podemos esperar — diz Connor.

— E nosso pai ajudou você a destruir o futuro desse garoto? — Ryke pergunta.

— O que posso dizer — Lo diz com um sorriso amargo —, é como nos unimos.

CAPÍTULO 15

Loren Hale



Eu não podia falar sobre Mason. Nem Lily. Acho que aquele era muito novo para nós. Mencionei brevemente o que aconteceu com Ryke por telefone um dia – sobre o estacionamento e um pouco sobre o passado – então, disse a ele para apenas informar Connor e foi isso.

Minha cabeça pesa uma tonelada e eu poderia fazer bom uso de um copo de *whiskey*. Inferno, eu me contentaria com uma cerveja neste momento.

Mas voltamos direto para Princeton depois. Algumas vezes, paro em um posto de gasolina, dizendo a Lily que preciso fazer xixi. Evito pegar qualquer embalagem de cerveja nas geladeiras de vidro embaçado, mas, na segunda vez que estaciono o carro, Lily percebe e me segue até a loja de conveniência. Ela me encontra olhando questionavelmente para uma caixa de *Samuel Adams*. Lily me acalma por uns bons dez minutos, me dizendo que a cerveja tem um gosto nojento, que quebrar minha sobriedade não vale a pequena e insignificante agitação. Ela está certa, mas eu só quero esquecer tudo por um longo momento.

Quero que todas as memórias se apaguem para que eu possa dormir. Mas tudo o que fiz, cada erro, cada palavra fodida que saiu dos meus lábios, se repete. E não posso retirar. Mas tenho o poder de abafar tudo.

Voltamos à estrada. Em direção à casa. E esqueço a bebida. Tento me concentrar em coisas que posso fazer que não envolvam álcool. — Talvez devesse ligar para Aaron — digo para Lily. Minhas mãos apertam o volante. — Pedir desculpas ou algo assim. — E se ele não fez nada? E se eu piorasse

as coisas indo até a casa dele e o ameaçando? A maneira de meu pai fazer as coisas pode estar errada. É tudo o que sei. E é o que me colocou neste lugar, para começar.

Tenho tantos arrependimentos. Não acredito em quem diz que não. Como você pode viver a vida cometendo erros e nunca desejar voltar atrás?

Eu destruí a *adega* do cara. Se uma pessoa fizesse isso comigo, não ficaria apenas um pouco irritado. Eu o *desprezaria*. E não tenho muita desculpa. Eu estava apenas... estava sofrendo, e senti como se estivesse gritando e ninguém pudesse me ouvir. Estava errado, entendo, mas minhas ações nunca lhe deram permissão para aterrorizar Lily. Por isso, simplesmente não consigo perdôá-lo.

Lily passa os dedos pela minha mão que segura o câmbio. — Não tenho certeza se isso vai ajudar. Ele pode não aceitar.

Se Aaron é o cara que está nos ameaçando, podemos estar ferrados.

Chegamos ao nosso portão e digito o número de segurança no teclado. Entramos, estacionando na garagem vazia. Rose está atrasada, o que não surpreende com o quanto ela faz malabarismos. Quando entramos em casa, acendo as luzes, meio que esperando que Lily se vire e me pergunte se podemos foder.

Ela geralmente faz.

Esta noite é diferente. Talvez porque confessei abertamente que estava pensando em beber. Talvez ela não queira me colocar em uma posição em que eu tenha que dizer não a ela.

Lily se joga no sofá como se fosse normal ela estar mais interessada na televisão do que no quarto. — Acho que está passando *Thor* na *HBO* — diz ela, inclinando-se para pegar o controle remoto. Meus olhos caem para os joelhos dela, espremidos juntos. Sim, ela está lutando.

Depois de passar por todas essas memórias, nós dois merecemos uma libertação. Eu arquivo mentalmente através da lista sinistra da terapeuta. Reli tantas vezes que cada palavra está gravada na minha cabeça.

Sem masturbação.

Sem pornografia.

Nada de sexo público.

Pare quando seu parceiro parar. Dicas úteis: Comece cronometrando suas sessões e defina uma hora dedicada ao sexo. Nos primeiros meses, mantenha-se em posições que não provoquem maior excitação após o clímax.

(Isso é subjetivo e você terá que experimentar para descobrir o que te motiva a continuar.)

Só faça sexo quando você e seu parceiro quiserem. Dica útil: deixe seu parceiro escolher o horário.

Quantidades saudáveis – o sexo não pode interferir nas rotinas diárias. Dica útil: mantenha os horários da manhã e da noite.

Sei que Lily acha que há estipulações como proibir boquetes e sexo anal. Tive longas conversas ao telefone com Allison, discutindo até onde devo levar Lily. Ainda temos que ser íntimos, e proibir posições sexuais não vai ajudar nisso. Então, Allison e eu concordamos que o objetivo é levar Lily a um ponto em que ela não espere sexo.

Não me pedir sexo é um bom primeiro passo, e quero recompensá-la por isso. Mas também temo que ela descubra isso. Com o tempo, ela pode fingir estar desinteressada para dar uma trepada. O objetivo é fazê-la parar de pensar e querer sexo – não de inventar estratégias para conseguir.

Considerando que minha mente gira em busca de uma garrafa de algo alcoólico, entendo que não é uma tarefa simples.

— Ah, sim! — Lily diz animadamente. — Não perdemos a parte com Sif. — Seus olhos piscam para mim brevemente antes de voltarem para a TV. — Você acha que devemos ir à *Comic-Con* este ano? Podemos nos vestir de Thor e Sif.

Sento-me ao lado dela no sofá, dando-lhe uma almofada de distância. Percebo a carranca instantânea em seus olhos, mas desaparece quando ela se concentra no filme.

— Acho que eu não ficaria bem de loiro — digo a ela.

Ela avalia meu cabelo e, em seguida, seus olhos caem, demorando-se enquanto observa minhas outras características. Ela me encarou com tanta intensidade nas últimas duas semanas que tenho quase certeza de que em um ano ela poderia se lembrar de cada sarda. Sua garganta balança enquanto ela engole. — Eu... sim, hmm... loiro... não — Ela gagueja antes de voltar para o filme.

— Que tal irmos como Loki e Sif? — Sugiro.

Ela hesita um momento antes de balançar a cabeça. Seus olhos encontram os meus novamente, e desta vez eles ficam bem ali. — Que tal Satânico e X-23?

Ela nunca quer se vestir com a fantasia de X-23. É um couro preto curto que expõe toda a sua barriga, e eu praticamente tenho que implorar para ela fazer o *cosplay* do meu casal mutante favorito. Ela está oferecendo isso para mim e, por algum motivo, tenho uma vontade repentina de fodê-la aqui mesmo.

Então eu faço.

Acabo com a distância entre nós e meus lábios encontram os dela.

Sua surpresa enrijece seus ombros e congela seus braços, e abro sua boca, deslizando minha língua para dentro. Ela acorda, suas mãos mergulhando em volta do meu pescoço. Sorrio contra seus lábios macios. Minha namorada é como uma Bela Adormecida atrevida, reanimada por um beijo profundo.

Passo a língua pela base de seu pescoço e ela começa a se contorcer embaixo de mim. Ela é diferente de qualquer garota com quem já estive. Pequenas coisas a excitam como se seu corpo fosse feito de mil nervos. Ela responde a cada toque e lambida como se fossem o pico que ela deseja alcançar.

Suas mãos voam para minha calça, e tenho que agarrá-la antes que ela faça qualquer coisa. Um gemido escapa de seus lábios e sua coluna se curva, seu corpo arqueando em minha direção. Eu a levanto sob seus braços, e suas pernas instantaneamente envolvem minha cintura. Pressiono um beijo forte em seus lábios, inalando o cheiro de baunilha de seu cabelo.

Mesmo no meio do caminho no ar, ela começa a se esfregar contra mim. Ela deve sentir que estou duro, mas preciso que ela mantenha as mãos longe. Eu tenho autocontrole, mas ele desaparece sempre que ela começa a se esfregar no meu pau.

Coloco-a no tapete, o sofá à nossa esquerda. Meus lábios roçam lentamente o topo de sua orelha, meus dentes mal roçando a maciez de sua pele. Ela solta um suspiro agudo.

— Calma, amor — Respiro. Ela se acomoda novamente e eu começo, bem devagar, a despi-la. O leve toque do tecido a desanima enquanto a camisa roça em sua barriga e sobre sua cabeça. Enquanto eu vou no seu jeans, ela tenta se sentar e me tocar, mas coloco minha mão em seu ombro, forçando-a de volta ao chão e dando-lhe um olhar de desaprovação.

Ela respira pesadamente, e espero para desabotoá-la até que ela assente, aceitando que ela deve ficar parada.

Quando fica, pesco o botão no buraco e lentamente abro o zíper. Enquanto deslizo seu jeans abaixo de seus quadris, descendo por suas coxas, bebo seu corpo e a maneira como ela responde a mim. Os gritos baixos, as contrações de suas pernas e o movimento dos dedos dos pés. Cada movimento é preenchido com uma beleza que ela nunca entenderá. Isso me deixa ciente de como ela está viva.

Depois de jogar sua calça jeans para o lado, beijo o topo de seus seios e ela estremece contra mim. Corro meus dentes de brincadeira sobre as alças de seu sutiã, e seu peito sobe e desce em rápida sucessão, ansioso e desejoso.

— Lo — Ela geme.

Sufoco um gemido na minha garganta e solto seu sutiã, libertando-a da roupa. Então, eu gentilmente deslizo sua calcinha para baixo e para fora de seus tornozelos. Enquanto faço isso, passo meus dedos levemente pela mancha molhada entre suas pernas, tão breve e poderoso que a sensação imediatamente sacode seu corpo. Tenho que lembrá-la de ficar parada novamente.

— Lo, por favor — diz ela, sua voz crua e rouca.

Beijo aqueles lábios avermelhados, e então fico de pé, deixando-a nua no chão da sala. Seus olhos se arregalam de horror, pensando que não vou mais transar com ela.

— Já volto, amor — digo rapidamente, querendo que aquele olhar desapareça de seu rosto. — Tenho que pegar uma camisinha... e lubrificante. — Sorrio com isso e espero um segundo para ver sua expressão mudar.

Todo o seu rosto se ilumina de prazer. — Mas... eu pensei... — Ela começa.

Já estou me afastando em direção ao quarto. Meu pau parece que pode explodir a qualquer minuto, e não posso esperar muito mais tempo para obter a porra da minha própria liberação. O medo me atravessa por um breve segundo, percebendo que a estou deixando nua, com tesão e sozinha.

No meio da escada, ela ainda está me observando, mas suas mãos estão cada vez mais próximas da parte interna de suas coxas. — Não se toque — digo asperamente. — Ou então eu não vou te foder. — É uma ameaça que não gosto de fazer, considerando que minha própria excitação quase atingiu o pico. Quero enfiar meu pau dentro dela agora.

Ela assente ansiosamente, e eu aceito, tentando desesperadamente colocar

fé nela. Só preciso que ela seja forte, mas sei que a masturbação é uma de suas compulsões.

Depois de chegar ao segundo andar, entro no quarto escuro e rapidamente vasculho a gaveta da escrivaninha, pegando um pacote de preservativos e lubrificante. Não usei nenhum deles em duas semanas, o que deve ser um recorde para nós.

Quando volto para a sala, encontro Lily ainda deitada no tapete, mas ela cobre o rosto com as mãos. Ela está se concentrando muito para me ouvir entrar, e aproveito para tirar minha calça e minha camisa. Eu me deito ao lado dela e esfrego o topo de sua cabeça com facilidade. Suas mãos deslizam para baixo, expondo seu rosto e seus olhos e o olhar que diz, *foda-me agora*.

— Lo, quase me toquei.

Beijo sua testa e pego uma de suas mãos na minha. — Mas você não se tocou.

Ela balança a cabeça. — Mas eu quero... tanto — Ela admite. — Não consigo lembrar como me sinto. Isso não é estranho? Isso é estranho, certo? Quer dizer, é o meu corpo, mas não tenho permissão para tocá-lo, e eu... eu...

Jesus Cristo. Eu a pego em meus braços e ela enterra a cabeça em meu peito, quase chorando. Isso não está indo como planejado e sinto que em parte é minha culpa. Não deveria tê-la deixado sozinha e dado a ela a oportunidade de rastejar dentro de sua cabeça. Talvez possa consertar isso.

— Está tudo bem, Lil — Sussurro. — Se você quiser se tocar, é só me pedir.

Com sua mão na minha, eu a guio para baixo em sua barriga, passando por seu umbigo e entre suas pernas. Ela engasga quando eu esfrego seus dedos sobre seu clitóris e, em seguida, mais para baixo, deixando-a sentir o quão molhada ela ficou.

— Melhorou? — Pergunto, puxando sua mão e os dedos brilhantes de volta ao seu peito.

Ela balança a cabeça, relaxando os ombros, e eu beijo a base de seu pescoço.

Eu a viro de lado e a deito contra suas costas. Quase posso vê-la começar a sorrir.

Rasgo a embalagem da camisinha.

— Posso colocar em você? — Ela pergunta esperançosa, ouvindo o papel

rasgar.

— Se você puder fazer isso rapidamente — digo a ela, querendo estar dentro dela mais do que ela provavelmente imagina. Ela se vira para me encarar e eu entrego a camisinha para ela. Seus olhos caem para o meu pau e eu vejo toda a sua expressão praticamente brilhar. Sua felicidade é fácil de trazer, o que suponho ser o problema, mas gosto de enviar seu corpo em ondas de choque e ver seu rosto iluminado como a cidade.

Sem me ouvir, ela gentil e *lentamente* rola a camisinha no meu pau. Deixo escapar um suspiro pesado e então gemo. Querido Deus. — Mais rápido, Lil — Exijo.

Seus olhos piscam, surpreendentemente, já que ela precisa de um grande esforço para olhar para qualquer lugar, menos para o meu pau, às vezes. Ela me dá um olhar de olhos de corça e não posso deixar de sorrir, mas não desisto. — *Mais rápido* — Repito, esticando as sílabas.

Ela termina de enrolar a camisinha no meu eixo e pega o lubrificante. Eu agarro seu pulso e faço sinal para que ela se vire. Sei que ela quer estar no controle. Sei que ela sente falta disso. Mas ela tem que me fazer acreditar que ela pode estar por cima e não se deixar levar. No momento, ela não está nem perto de conseguir lidar com esse tipo de posição sem enlouquecer.

Antes de se virar, ela se abaixa e dá um beijo suave na cabeça do meu pau. Então, ela rola para o lado, esticando a bunda para mim.

Eu esfrego um pouco de lubrificante, e ela se contorce um pouco, mas a seguro firme. Meu pau lateja e sei que não posso aguentar indo bem e devagar. Quando eu a tenho pronta, enfio dentro dela o mais rápido e profundo possível, sem machucá-la.

Ela solta um gemido longo e agradável e começa a se contorcer novamente. Mas eu a seguro com força, um braço em volta do pescoço e o outro ao redor da cintura, agarrando o peito dela quando começo a bombear dentro dela. Todo impulso envia ondas de êxtase colidindo com meu pau e é bom demais para parar por um segundo. Eu aceito meu ritmo, seus gemidos e meio escaldos perpetuando minha velocidade.

Dentro de mais alguns minutos, eu posso senti-la atingir seu ápice. Eu me movo mais rápido e mais forte, fechando os olhos enquanto tento não liberar. E depois que minha mão desce entre as pernas, seu corpo convulsiona em ondas de prazer. Ela balança com cada tremor intenso, e então a respiração sai

irregular e pesada.

Retiro-me, ainda duro e dolorido, e tiro o preservativo. Seus olhos estão pesados, mas ela me acompanha. Rapidamente, eu a rolo de costas e agarro a perna dela, trazendo-a por cima do meu ombro. A nova posição revigora sua energia e seus olhos atingem os meus. Com um movimento rápido, estou dentro de sua boceta encharcada e ela está subindo seus quadris.

Começo a enfiar com mais força, enchendo-a profundamente. Meu pau dói por liberar, mas continuo pulsando, continuo alimentando suas necessidades. Minha mão livre pega o queixo e me inclino, nossos lábios se conectam. Eu a beijo enquanto entro e saio, dentro e fora. Bato em algo e ela se afasta da minha boca, sorrindo. Sorrio de volta e depois pressiono meu nariz contra a bochecha dela enquanto enfio mais, meus lábios se separando fazendo um barulho. Meu hálito quente no pescoço dela, minha mão nos lábios dela, abafando seus sons e aumentando sua excitação.

Tudo o que sempre quis, está aqui em meus braços. Gostaria de poder ficar assim para sempre, mas eventualmente nos unimos – em uma onda de felicidade e desejo.

Estamos no chão, enrolados em dois cobertores jogados e alguns travesseiros. Lily adormeceu em meus braços, sua respiração firme aquecendo meu peito nu.

Ela nunca me perguntou por que eu posso foder melhor do que o desleixado aos quatorze anos. É verdade que nossa primeira vez juntos foi na verdade a *minha* primeira. Mas sempre soube que acabaria tendo-a de volta em meus braços. Prometi ser melhor do que todas as outras conquistas. Manter Lily Calloway significava que eu teria que ser capaz de saciar todas as necessidades dela.

Então pratiquei. Namorei garotas por uma semana ou mais, nada muito sério, mas me certifiquei de que o sexo sempre fosse sobre seus desejos, seu prazer, nunca meu. Isso ajudou a descobrir o que funcionaria para Lil – o que mais desencadeia as mulheres. E acho que me tornei bom nisso. Então, de muitas maneiras, eu consegui.

Quero dizer, posso satisfazer minha namorada viciada em sexo de vinte anos, pelo amor de Deus.

O que não consigo fazer é adormecer, mas pelo menos abraça-la distrai minha mente de encontrar uma bebida. Tipo isso.

De repente, ouço a porta dos fundos se abrir e a luz da cozinha acender.

Merda. Merda. Merda.

Esqueci que Rose mora aqui. Como diabos eu esqueci isso?

Olho para Lily, completamente nua como eu. Oh, sim. Seu seio esquerdo está exposto, seu mamilo vermelho e inchado de todas as vezes que o chupei. Cubro-a com o cobertor e conto as batidas dos saltos de Rose no mármore da cozinha, esperando aquela bomba explodir.

Talvez ela não nos veja.

— Loren — Ela diz friamente, em sua oitava normal.

Levanto minha cabeça. Rose me dá um olhar mortal que tenho certeza de que levou crianças às lágrimas. Suas mãos descansam arrogantemente em seus quadris, e sua boca está virada para baixo em uma carranca perpétua. Ela está prestes a reclamar, mas eu coloco meu dedo em meus lábios e aceno para Lily.

Ela está dormindo, finalmente. Horas costumam passar antes que ela relaxe, mas depois que ela gozou pela segunda vez, cochilou imediatamente. Eu poderia ter corrido pela sala e dado socos no ar. Claro, sexo – seu vício – a ajudava a dormir. Não é exatamente uma vitória triunfante. Mas, ainda assim, é uma pequena vitória.

Os olhos de Rose piscam entre nós. Ela aponta para mim e aponta o dedo para a cozinha. Eu balbucio, *OK* e, em seguida, manobro cuidadosamente debaixo de Lily sem acordá-la. Ela mal se mexe, e reajusto o cobertor para que ela fique completamente coberta.

— Loren! — Rose sibila para mim.

Franzo a testa e olho para cima para vê-la cobrindo os olhos. Oh, certo, estou nu.

Tento não sorrir enquanto pego minha cueca boxer. Não, não consigo encontrá-la. Pego uma manta do sofá e a amarro na cintura. Entro na cozinha e ela imediatamente me agride com sua bolsa de couro.

— OK, OK — Sussurro, bloqueando os golpes com meus braços. — Esqueci que você morava aqui, minhas desculpas.

Ela coloca a porra da arma no coldre e usa seu olhar mortal novamente. — Você não pode fazer sexo na sala, Loren. Você quebrou uma regra.

— O quê? — Sem chance. Conheço essa lista de ponta a ponta... mas Rose também.

— *Sem sexo público* — Ela me lembra.

— A sala de estar não é pública.

— É, agora que você mora comigo. É um espaço público. — Ela faz movimentos ao seu redor. — Como a cozinha, a garagem e tudo que não é compartilhado apenas por você e Lily. Achei que não precisava explicar isso para você.

Uma dor dispara em meu peito e eu afundo no banquinho do bar mais próximo. — Eu não... eu... — Franzo a testa. Puta merda. Eu sou um maldito idiota.

E a vontade de vomitar aumenta.

— Loren — Rose diz, sua voz de alguma forma suave. Encontro seus olhos e eles parecem incrivelmente simpáticos. — Foi um erro. Não vai acontecer de novo. — Sua voz é fria, mas seu otimismo ajuda um pouco.

— Não vai.

Ela solta um pequeno suspiro. — Como ela se saiu esta noite?

É como se Lily tivesse um teste que ela precisava passar, e acho que em parte é assim que o sexo vai ser para ela de agora em diante – um teste para ver se ela escolhe alimentar as compulsões ou não.

— Melhor do que o normal — digo. — Ela me ouviu mais e adormeceu depois da hora. Mas acho que pode ser porque finalmente a peguei por trás.

Rose fala sobre sexo como se estivéssemos em uma aula de psicologia, nada mais do que ciência, saúde e anatomia humana, o que torna assustadoramente mais fácil de discutir. — Vocês dois faziam sexo anal com frequência?

Soltei uma risada baixa. — Diariamente.

Ouçõ a porta da garagem abrindo ou fechando, e imediatamente fico de pé.

Rose levanta a mão. — É apenas Connor.

— Ele vai dormir aqui? — Eu digo em descrença e então meus lábios se erguem. — Você está finalmente abrindo mão da cereja, Srta. Rose Calloway?

Ela parece prestes a arrancar minhas cordas vocais. Meu sorriso só cresce.

— Ele tem uma reunião cedo em Nova York — diz. Deve ser para a

Cobalt Inc., a empresa de tintas e ímãs de sua família, que é quase tão lucrativa quanto os produtos para bebês da Hale Co., mas não exatamente. — Foi no último minuto, então eu disse a ele que seria mais fácil se ele dormisse aqui... no sofá. — Oh. Porra.

Faço uma careta, incapaz de olhar para o sofá, da cozinha. Mas, através do arco, imagino travesseiros perdidos no chão e uma das almofadas perigosamente pendurada na borda. Basicamente, deixei a sala um desastre com Lily enrolada em um cobertor. Um espectador presumiria que transamos no sofá, embora eu fosse atencioso o suficiente para movê-la para o tapete.

— Há dois quartos — digo. — Por que o sofá?

— Ele não queria bagunça depois que saísse — diz Rose. Seu eu neurótico teria que reorganizar todos os travesseiros da cama, lavar os lençóis e provavelmente passar as cortinas só para ter certeza de que ele não as tocou também.

Connor entra pela porta, uma pequena mochila pendurada no ombro e a mão ocupada digitando mensagens no celular.

Quando ele olha para cima, seus olhos encontram os meus e então se desviam para o meu corpo quase nu, parando no meu cobertor, e então voltando para cima.

— Ei, lindo — digo com um sorriso.

Ele mal pisca. — As calças foram inventadas neste século. — Ele caminha mais longe na cozinha para dar a Rose um beijo leve na bochecha. Ele deve acrescentar o fato de que estou me cobrindo com algo da *sala de estar* porque diz: — Pensei que você não tinha permissão para fazer sexo público.

É claro que Rose contou a ele sobre a lista. Ela se esforçará para garantir que Lily se mantenha na linha em sua recuperação.

— Ninguém estava aqui. Pareceu-me privado o suficiente.

Não consigo ler a expressão calma de Connor, mas ele parece Rose. Ela já balança a cabeça – como ela sabe exatamente o que ele está prestes a dizer. — Eu disse que você deveria ter esclarecido para eles — Connor.

— *Eu te disse?* O que você é? Tem um ano de idade? — Rose diz, mas ela está com raiva, estava errada e ele estava certo.

— A maioria das crianças de um ano mal consegue falar, muito menos proferir uma frase inteira como *eu te disse*.

Parece que ela quer dar um tapa nele. — Por que estamos namorando?

— Porque eu te pedi para sair e você disse que sim — Ele diz a ela com um sorriso crescente. — E você está loucamente apaixonada por mim.

— Nunca disse tal coisa.

Ele responde em francês e nem consigo processar as palavras.

Ela bate no braço dele, e ele sussurra mais fundo em seu ouvido, o braço que se espalhava pela cintura dela enquanto ele a puxa para o peito. Acho que nunca vi Rose tão corada antes.

Ela coloca a mão no botão preto dele, certificando-se de que haja espaço entre eles. Ele a beija na cabeça e mantém o braço em volta dela, mas ele se vira para mim. — O sofá não está vago então. — Seus olhos caem para Rose, esperando que ela ofereça outra solução. Como sua cama, mas ela se solidificou como pedra.

Ela não está cem por cento pronta para compartilhar uma cama com um cara, o que não é uma coisa ruim. Orgulho-me fazê-la ficar com raiva, mas causando-lhe esse tipo de medo – mesmo sem querer – me faz sentir horrível.

Rose diz: — O quarto no porão está livre. Coloquei lençóis limpos na cama outro dia.

Connor assente, aceitando a oferta e, se estiver decepcionado, não sei dizer.

Deixo Connor e Lily falando em silêncio entre si, e levanto cuidadosamente Lily em meus braços. Levo-a para a cama sem acordá-la. Ela suspira, sonhando pacificamente enquanto a coloco no colchão e a cubro com o edredon.

— Lo — Ela diz com uma voz sonolenta e rola em um travesseiro, abraçando-o firmemente. Nunca tive tanto ciúme de um travesseiro maldito.

Mas me deixei sorrir.

Há um ano, teria sido outro homem em seus braços.

Oh, até onde chegamos.

CAPÍTULO 16

Loren Hale



Fizemos um acordo para não nos colocarmos em situações estressantes. Como o almoço de domingo com os pais de Lily. Como qualquer comunicação com meu pai.

Hoje estou quebrando esse acordo.

Lily está ocupada com Sebastian, fingindo ser ensinada. Disse a ela que ia malhar com Ryke na academia da Penn, mas quando dirijo para Filadélfia, faço a curva para Villanova. Algumas das casas têm hectares e hectares de gramados aparados, fontes decorativas jorrando no jardim da frente e reluzentes *Lamborghinis* estacionados na entrada da garagem – um lugar mais adequado para Beverly Hills do que para os subúrbios de Filadélfia. Meus nervos ricocheteiam a cada quilômetro na estrada.

Antes de falar com Connor ontem à noite, não tinha intenção de ver meu pai. Mas perguntei a ele a probabilidade de encontrar o chantagista antes que a informação vazasse. Ele me disse que eu tinha a mesma chance de o sol explodir em menos de um bilhão de anos. Pesquisei e, aparentemente, o sol não vai explodir por mais quatro ou cinco bilhões, ou seja, nas palavras de Connor Cobalt – estou fodido.

O telefone de Lily vibra na mesinha de cabeceira. Ela estava no chuveiro, atendi. Um número desconhecido mandou uma mensagem para ela. A palavra martelando na minha cabeça. *Vagabunda*. Parecia que alguém me deu um soco nas costelas e, pouco antes de entrar no banheiro para falar com ela, tive um súbito impulso de verificar suas outras mensagens.

Setenta e cinco delas.

Foi quantas vezes ela recebeu mensagens com insultos – algumas mais pitorescas do que outras. Não estou chateado por ela não ter me contado. Mas agora ela não pode ficar chateada quando eu falar com meu pai. Isso já foi longe demais. E estou sem opções. Meu pai tem mais poder no mindinho direito do que eu em todo o corpo. E se isso é necessário para garantir a segurança de Lily, que assim seja.

Passo pelos portões e estaciono o carro na entrada circular. Levo um momento para reunir coragem para tocar a campainha. Posso ouvir o barulho reverberando por toda a casa.

Depois de alguns minutos, a porta se abre e espero o empregado de pé do outro lado, me conduzindo para ver meu pai. Talvez o assistente de Jonathan. Talvez o zelador, que às vezes faz seu trabalho dentro de casa.

Mas meu pai fez o impossível e atendeu sua própria porta. Sua postura enérgica preenche o portal, quase me incitando a descer a escada de pedra e plantar meus pés na calçada em derrota. De alguma forma, mantenho minha posição.

Ele usa uma expressão de lábios cerrados, olhos escurecidos pela bebida e alma sombria pelo ódio. Concentro-me nas rugas nos vincos de seus olhos, desgastados desde a última vez que o vi. Acho que, neste momento, devo ter um ressentimento súbito e inegável em relação a este homem. Ele cuspiu em mim quando pedi ajuda. Tirou meu fundo fiduciário quando eu disse a ele que estava indo para a reabilitação. Mentiu para mim por vinte e um anos.

Minhas emoções se misturam e, no entanto, a amargura está muito longe do que sinto. A pena está mais perto da superfície. Percebo que poderia ter me tornado ele. Inferno, ainda posso ir nessa direção e ficar sozinho em uma mansão, bebendo meus problemas e desejando afastar os ‘poderia-ter-sido’ com os ‘agora’. Por mais que odeie acreditar, ele sou eu, sem Lily. Sem Ryke ou Connor. Ele é meu futuro se eu beber de novo.

Não digo nada, em parte porque ele deveria me levar para dentro sem que eu pedisse. Ele não pode fingir que nunca enviou todas aquelas mensagens sobre querer se encontrar ou almoçar. Ele quer me ver, mesmo que negue, mesmo que mal tenha se afastado um centímetro da porta.

— Você está na porra da minha porta — Ele finalmente diz. — Gostaria de explicar o motivo ou está esperando um convite?

Prendo a respiração tensa. — Eu queria conversar.

Acho que talvez ele diga algo afiado como *me ligar de volta teria bastado*. Mas ele abre mais a porta e entra em casa, elegante em seu terno cor de carvão. Eu o sigo, fechando a porta, sigo pelo longo corredor em direção ao pátio externo.

A casa parece diferente. Eu cresci aqui. Corri pelos corredores e deslizei na madeira encerada, quase quebrando meu braço. No entanto, estar aqui sóbrio, mais claro, faz com que todas essas memórias pareçam sombrias e nebulosas.

No pátio de pedra, sento-me à mesa de ferro preto, com vista para o pequeno lago que fica em extensos hectares de terra. Dois patos nadam nas águas turvas, evitando os nenúfares que flutuam ao lado deles. Meu pai prepara uma bebida para si no bar de granito preto, os copos tilintando em uma melodia familiar.

Fecho os olhos, ouvindo os sons reverentes: o chilrear dos pássaros, o gotejar da fonte, o tilintar dos sinos dos ventos. Às vezes acho que uma parte de mim foi arrancada. Sei que não sou completamente a mesma pessoa sóbria de quando bebia. Mas, e se a parte de mim que mudou fosse um pedaço da minha alma — um bom pedaço? Ou talvez eu esteja apenas inventando desculpas para beber de novo. Esse é o problema, não é? Decidir o que é certo e o que é errado na minha cabeça. Sinto-me tão confuso o tempo todo.

Abro os olhos no momento em que meu pai chega com dois copos vazios e uma garrafa com um líquido escuro. Ele coloca o copo de cristal na minha frente e eu me concentro em seus movimentos lentos.

Num impulso, coloco minha mão bem em cima do copo antes que ele possa derramar qualquer coisa nele. Meu coração bate alto no meu peito.

Seus olhos escurecem. — Então você não pode nem tomar a porra de uma bebida comigo agora?

Minha garganta parece chumbo, mas consigo encontrar minhas palavras muito bem. — Isso vai me deixar doente. Estou tomando remédios. — Graças a Deus tomei minha pílula esta manhã.

Sua mandíbula apertada com força, e ele desiste, servindo-se de um copo e afundando na cadeira em frente à minha. Tiro minha mão do cristal e o viro.

— Você está aqui por dinheiro? — Ele pergunta, indo direto ao ponto.

Olho para a mesa e organizo meus pensamentos. Por que estou aqui? Por duas coisas, nenhuma das quais gira em torno de finanças ou da falta delas.

Ele continua diante do meu silêncio, de qualquer maneira, e eu deixo.

— Sei o que eu disse antes de você ir embora...

— Sabe? — Disparo.

— Sim, *Loren*. E talvez se você me desse algum tempo para processar tudo, as coisas teriam acontecido de maneira diferente. — Não tenho certeza de que tipo de diferente ele quer dizer. Não ir para a reabilitação? Ter um relacionamento com ele? Ele tirou meu fundo fiduciário por impulso? Mas se isso fosse verdade, ele teria me dado dinheiro quando eu voltasse para a Filadélfia. Ele teria feito um esforço melhor para consertar as coisas.

Meus olhos se estreitam na mesa em profunda reflexão. Ele *tentou* me ligar. Ele estava estendendo a mão. Fui eu quem o afastou – porque Ryke me disse para fazer isso. Ele disse que eu não deveria abrir aquela porta de novo, mas talvez ele estivesse errado. Talvez meu pai estivesse certo o tempo todo.

Ele balança sua bebida antes de engoli-la de um só gole.

Minha garganta fica seca.

— Você é meu filho — Ele diz definitivamente — e não vou deixar você se dar mal porque toma decisões erradas.

— A reabilitação não foi uma má decisão.

— Foi uma porra de perda de tempo — Refuta. — Beber não é um problema, e você fará isso de novo. Não se engane. — Antes que eu abra minha boca para responder, ele diz: — Mas isso não vem ao caso. — Ele puxa seu talão de cheques. — Quero ajudá-lo a se levantar novamente.

— Não quero o seu dinheiro — digo, embora saiba que é uma escolha estúpida. Porque, realmente, o que eu vou fazer? Não posso continuar vivendo da herança de Lily. Mais cedo ou mais tarde, vou ter que descobrir no que sou bom e ganhar a vida sem rastejar de volta para o meu pai para pagar o aluguel.

— Não é hora de começar a ser humilde — Ele me diz. — Você não pode tentar ficar sóbrio e trabalhar ao mesmo tempo.

— O que você acha que as pessoas normais fazem? Nem todo mundo tem pais ricos a quem recorrer.

— Você tem — diz ele. — E por que diabos você acha que eu trabalho tanto?

— Você não tem nada melhor para fazer.

Ele olha. — Faço isso para que você não tenha que lutar assim. Então, pare de ser um idiota de merda e pegue o maldito dinheiro.

Acredito nele, embora Ryke provavelmente me diga que não deveria – que Jonathan Hale passa horas em seu escritório porque ele é miserável e sozinho e gosta de todas as riquezas que pode comprar. Há uma estipulação anexada a esse cheque também. Estarei em dívida com ele de alguma forma. É por isso que ele tirou meu fundo fiduciário, em primeiro lugar. É mais do que apenas ele querer que eu me matricule na faculdade novamente. Ele quer esse poder sobre a minha vida – para me dizer o que fazer, para me moldar como o filho que ele sempre sonhou que eu seria. Mas sou apenas uma grande decepção.

— Não é para isso que estou aqui — digo, com um peso no peito.

Ele suspira e fecha o talão de cheques. Serve outro copo. — Então o que é? — Ele está mais intrigado do que deixa transparecer. A curiosidade brilha em seus olhos escuros.

Respiro fundo, olhando para o copo virado e vazio na minha frente. A bebida ajudaria, mas tenho que fazer isso sozinho. — Eu quero o nome dela.

— Quem? — Sua voz tem uma intensidade, me dizendo que ele sabe exatamente a quem estou me referindo.

— Minha verdadeira mãe. — A mulher com quem ele teve um caso. A razão pela qual ele se separou de Sara Hale, a mãe de Ryke.

— Ela não quer ver você — Ele diz friamente.

— E não acredito em você.

Ele solta uma risada baixa e bate na mesa com o isqueiro, uma caixa de charutos não muito longe. — Eu sabia que você iria querer respostas. Onde ela morava, como ela era, mas isso só vai te chatear. E não queria ver seu rosto amargurado.

— Do que você está falando?

— Ela não queria *você*, Loren. Estou lhe dizendo para não perder a porra do seu tempo.

Como posso acreditar nele depois de todos esses anos mentindo para mim? Mas uma parte em mim digere essa informação como verdade.

— Aí está. — Ele leva o copo aos lábios. Percebo que meu rosto se contorceu em uma infinidade de emoções. Ferido, a mais forte delas.

— Você está errado — digo baixinho, só para que possa voltar a ser tão duro e frio quanto ele. — Quero o nome dela. Depois de todos esses anos que você me disse que Sara era minha mãe, eu, menos do que tudo, mereço ter um vislumbre da porra da verdade.

Ele revira os olhos dramaticamente e, para minha surpresa, rasga um cheque e o vira. Eu o observo rabiscar no papel e então desliza para mim. — Eu não sou o cara mau aqui — diz. — Estou apenas protegendo você de sentir mais dor. Só isso.

Eu encaro o cheque.

Emily Moore.

— Você a amou? — Não *onde ela está?* Ou, *por que ela desistiu de mim?* Tenho que fazer a pergunta mais estúpida e sem sentido que existe — porque meu pai não acredita no amor.

— Por quinze minutos, claro — diz ele secamente. — Agora que você tem o que quer, podemos seguir em frente com toda essa besteira? — Ele quer voltar a ser como as coisas eram, mas nem tenho certeza se isso é possível.

— Preciso de outra coisa — digo a ele enquanto embolso o cheque. — E isso requer discrição.

Ele ri ironicamente e se levanta para encher o copo. — Por que não estou surpreso? Que porra você fez desta vez?

Eu ignoro o insulto. — Não é inteiramente sobre mim. Envolve Lily.

Ele se senta, a mão segurando um copo cheio de *whiskey*. Tento não focar muito nisso. — Jogo golfe com Greg e almoço com ele todos os dias, então esse é o tipo de discrição que exige que eu minta para o pai dela?

Oh, sim. — Vai arruinar os Calloways.

Meu pai se endireita, suas feições endurecendo. Na verdade, ele se parece um pouco com Ryke. — Que porra está acontecendo?

— Você tem que prometer, e quero isso por escrito.

Ele me dá uma olhada. — Não seja um merdinha.

Eu olho. — Eu não estou sendo *um merdinha*. Você diz que já fez tudo isso... — Movo minha mão ao meu redor. — A mentira sobre meu irmão e minha verdadeira mãe, porque você estava tentando me proteger. Agora, entenda que estou tentando proteger a garota que amo. E faria qualquer coisa para isso. Se você não assinar alguma coisa dizendo que não vai abrir a boca, vou embora. — Levanto-me, meu peito subindo e descendo com raiva repentina.

— Senta, porra.

Não me sento.

— *Senta* — Meu pai zomba. — Vou pegar um pedaço de papel. Acho que

não posso escrever um contrato no verso de um cheque.

Afundo na minha cadeira e vejo meu pai sair do pátio, resmungando palavrões baixinho. Mas ganhei. Desta vez.

Ele acaba digitando em seu laptop. Depois de uma hora, temos um contrato escrito e assinado, não permitindo que ele diga direta ou indiretamente aos Calloways. Se o fizer, ele perderá a Hale Co. para Ryke. A princípio havíamos concordado que eu adquiriria a empresa, mas ele parecia um pouco satisfeito demais com a ideia de eu herdar seu negócio. Agora, linhas de estresse enrugam seus lábios ao pensar que seu filho — que o despreza — poderia obter seu legado. Pelo menos sei que ele me ama mais, mas realmente, isso não é uma conquista muito grande.

Meu pai acabou de encher o copo de *whiskey* e estamos sentados no pátio de novo. Seu contrato em seu escritório, o meu sobre a mesa.

— Agora, o que é tão sério que eu não posso nem contar ao meu melhor amigo? — Ele pergunta.

— Quando voltei da reabilitação, recebi uma mensagem de um número desconhecido — digo. — Ele disse que me odiava e basicamente ameaçou expor o segredo de Lily por vingança. Então, não acho que ele esteja nos chantageando. Ele não está pedindo dinheiro, mas mencionou isso uma vez. Ele disse que poderia receber muito dinheiro dos tabloides se contasse o segredo de Lily. — As palavras fluem antes que eu tenha tempo de parar e avaliar cada uma. Estou com medo, e se meu pai não viu isso antes, ele vê agora. Eu me sinto como uma criança chorando sobre um valentão na escola.

— Devagar, caralho — diz ele com firmeza. — Vamos levar isso peça por peça.

Repito tudo, sendo vago sobre o envolvimento de Lily e até entrando em mais detalhes sobre o número desconhecido e como o detetive particular de Connor o rastreou até um telefone descartável.

Meu pai escuta bastante bem e, quando termino, posso vê-lo cambaleando sobre a peça do quebra-cabeça que evitei de propósito.

— A menos que Lily seja a líder de um cartel de drogas, duvido muito que seja alguma coisa para colocar Fizzle em uma crise financeira. Realmente, os tabloides têm coisas melhores para fazer do que fofocar sobre herdeiros e

herdeiras. Olhe para você indo para a reabilitação, você nem conseguiu entrar no *The Enquirer*.

Meu vício e o dela não são proporcionais. Não se comparam. Sou outro ponto na história triste do garoto rico que se vicia em álcool ou drogas. Lily, uma garota, é viciada em sexo. Mesmo que aconteça, as pessoas não falam sobre isso, mas vão falar dessa vez.

— Digamos que as pessoas a considerem interessante, e não de um jeito bom. O que então? Você acha que poderia encontrar esse cara?

— Eu poderia tentar — diz, os olhos brilhando de interesse. — O que é?
E eu apenas deixei escapar. — Ela é viciada em sexo.

Eu o vejo franzir a testa e então rapidamente a descrença se transforma em humor. Ele ri tanto que seu punho subconscientemente bate na mesa, um pimenteiro vira e tilinta no ferro. Acho difícil acreditar que a garota que ele conhece, tímida e um pouco desajeitada, tenha esse tipo de vício.

— Você me pegou. Vou admitir isso — diz, recostando-se na cadeira com um sorriso.

Minha expressão nunca vacila. Não posso rir com ele ou brincar sobre o problema de Lily. Não quando sei o quão perigoso tem sido. Antes de estarmos juntos, eu a peguei navegando no *Craigslist* para um encontro. Existem níveis de vício em sexo que me assustam pra caralho.

Meu pai observa minhas feições inabaláveis e seu sorriso desaparece. — Você está falando sério?

— Ela é viciada em sexo. Ela é desde... não sei, desde que perdeu o controle. — Encolho-me, nunca querendo falar com meu pai sobre isso.

Ele esfrega a boca, conectando tudo. — Oh... — Seus olhos crescem. — Ah... *caralho*. — Ele olha para o meu contrato como se estivesse a um segundo de pegar o papel e atear fogo.

Guardo o contrato, e seus olhos se levantam para os meus. — Temos um acordo — Lembro-o.

— Vício em sexo. Você tem certeza? — Ele pergunta. — Essa é uma acusação séria, algo que precisaria de *prova*.

— Ela está vendo uma terapeuta sexual — digo a ele — e não que isso seja da sua conta, mas ela costumava contratar garotos de programa, então sim, ela tinha um problema do caralho.

— Tinha? Passado?

— Estamos trabalhando nisso.

Ele solta uma risada baixa que gela meus ossos. — Você tem deixado sua namorada transar com outros homens? — Ele balança a cabeça, e posso praticamente ouvir seus pensamentos: *esse não pode ser a porra do meu filho*. Ele se levanta para se servir de outra bebida. Normalmente não percebo com que frequência ele reabastece, mas deve ser a terceira ou quarta vez – uma quantidade que deixaria a maioria das pessoas enlouquecida. Mas ele é um alcoólatra funcional. Vinte e quatro por sete bêbado. Ninguém pode realmente dizer. Está lá em seus olhos rígidos, prontos para atacar a qualquer momento. Ele está apenas pegando aquela onda, o limite de seu lixo de vida.

E sei que se eu tomasse um gole, seria exatamente da mesma maneira. Talvez não fosse tão ruim. Não sou agressivo, mas às vezes sou beligerante. Tenho que garantir que isso não aconteça. Ficarei tranquilo.

Tenho o súbito desejo de virar meu copo e pedir álcool. Vou ficar doente, lembro a mim mesmo. É literalmente o único argumento em que consigo pensar agora.

Tento me concentrar nos olhos de meu pai e não no copo em sua mão.

— Não a deixei transar com ninguém quando estávamos juntos. Nós só começamos a namorar há sete meses. — Explico rapidamente sobre nosso relacionamento falso, me xingando por tudo ter se tornado tão complicado que também tenho que revelar isso.

Meu pai ainda não se sentou. — Vocês agiram como se estivessem juntos só para que eu não o mandasse para uma academia militar?

— Sim — digo. — Você estava pronto para me despachar, não estava? — Eu tinha fodido e vandalizado a casa de um cara por mexer com Lily. Ele enviou a ela um coelho morto depois que sua namorada descobriu que ele transou com outra garota, e ele culpou Lily, embora ele fosse o bastardo traidor.

Revidei molhando a porta dele com sangue de porco. Foi um dos meus feitos mais criativos. E estava completamente bêbado. Sinceramente, lembro-me muito pouco de todo o calvário. Mas consigo me lembrar de tudo depois – como meu pai me agarrou pelo pescoço e gritou na minha cara. *O que você ganhou com isso, Loren? Isso fez você se sentir melhor? Você gosta de ser a porra de um doente?*

Meu pai estava preparado para me expulsar depois que arrastei seu nome

na lama. Eu era o degenerado, o *bad boy* residente que iria para outro distrito escolar só para mexer com alguém. Eu estava suspenso. Era um garoto estúpido que queria fazer Lily se sentir melhor, que queria mudar cada coisa horrível. Mas eu simplesmente não sabia como.

Meu pai queria se orgulhar de mim, mas eu não lhe dei nada do que se orgulhar.

— Talvez eu tivesse despachado você — diz, agitando o gelo no *whiskey*.
— Estava louco como o inferno naquela época. Seu relacionamento com ela foi a única coisa redentora. Então, *talvez*.

Assinto. Sim, é por isso que ele me deixou ficar. Talvez ele também sentisse minha falta. Mas ele nunca vai admitir isso.

— Então, se vocês dois não estavam realmente juntos, que diabos eram aqueles barulhos vindos do seu quarto?

Franzo a testa e então o reconhecimento me atinge. Eu enterro meu rosto em minhas mãos, mortificado. — Você ouvia?

— Você não era o único morando aqui — Ele retruca — e vocês dois eram barulhentos. — Não. *Ela* era barulhenta. — Não é como se eu estivesse tentando ouvir. Acredite em mim.

Isso é tão foda. Eu esfrego a ponta do meu nariz, querendo tanto acordar. *Acorde, porra.*

Ele finalmente se acomoda em sua cadeira. — Não me diga que você a deixou foder outra pessoa na sua cama.

Deixo cair minha mão e faço uma careta. — Vamos esclarecer uma coisa: você não tem permissão para falar sobre ela transar com ninguém. Nem comigo, nem com outra pessoa, nem com ninguém. Entendido?

Ele revira os olhos. — Você acabou de me dizer que ela é viciada em sexo...

— Não dou a mínima — digo friamente. — Ela ainda é minha namorada. Ela ainda é Lily. E não estou nem um pouco confortável falando sobre isso com você.

— Talvez ela seja apenas uma puta — Meu pai diz, claramente me ignorando. — Já pensou nisso?

Eu poderia socá-lo. Acho que poderia. Mas não soco. Uso minhas palavras, assim como ele me ensinou. — Vou dizer isso uma vez, e então você *nunca mais* vai chamá-la assim de novo. Nem teremos essa discussão. —

Estou de pé agora. — Ela tem um problema. Chora até dormir porque não consegue parar de pensar nisso. Eu a seguro em meus malditos braços, tentando fazê-la desistir. Sexo é a droga dela. — Aponto para o meu peito, meus braços tremendo. — Entendo. Eu entendo, e você também deveria se pensar por um maldito minuto o quanto você depende *disso*. — Aponto para sua bebida e ele endurece. — E se alguém é puta, é *você*. — Ele desfilou tantas mulheres dentro e fora de casa que eu poderia facilmente obter algum complexo. Meu peito sobe e desce pesadamente quando termino de falar.

Sua voz suaviza consideravelmente. — Isso ainda não explica o que ouvi em seu quarto. Se vocês dois não estavam juntos...

Eu faço uma careta. Ele ainda está nisso? — Eu costumava deixá-la se masturbar na minha cama.

Seus olhos se arregalam e ele abre a boca para falar. Interrompo. — De jeito nenhum. Você não pode fazer perguntas sobre isso. Nosso relacionamento — mesmo fodido — é entre nós. Não tem nada a ver com esta situação. — Isso é mentira, mas não vou discutir essa merda com meu pai, não importa se nosso próprio relacionamento também é complicado.

Ele mantém os lábios apertados e depois dá um gole em seu copo.

— Se os tabloides descobrissem... — Começo, mas é a vez dele de me interromper.

— Lily estaria nos tabloides, sendo chamada de nomes que você não gosta.

— E a Fizzle?

— Iria sofrer, e porque você está ligado a ela, o mesmo aconteceria com a Hale Co. — Ele se levanta da cadeira. — Vamos encontrar o bastardo.

SEGUNDA PARTE

Todos temos segredos; os que guardamos e os que são guardados de nós.

– Peter Parker, O Espetacular Homem-Aranha

CAPÍTULO 17

Lily Calloway



Odeio voar.

Não como o Super-Homem voando. Mas avião voando – presa em um tubo de metal no ar.

Acrescente meu medo de altura e a perspectiva de ficar em um espaço pequeno e confinado por um longo período, e começo a surtar um pouco. Preciso da opção de correr para um quarto e me esconder debaixo das cobertas, para me esconder de todos e escapar para o meu santuário.

Privacidade, esse é o meu pão com manteiga (além da pornografia).

E agora que estou no caminho da recuperação, não posso nem entrar no clube da milha. Já deveria estar no prestigioso clã do sexo durante o voo. Ser negada pela enésima vez me irrita e aumenta minha já intolerável frustração sexual.

Lo não se sai muito melhor. Ele adorava voar por causa das minigarrafas de vodca. Agora, parece que alguém roubou seu brinquedo favorito.

A única vantagem é que estamos voando para algum lugar divertido para as férias de primavera. Inicialmente, eu não queria ir a lugar nenhum. Viajar para um local de festa durante a semana mais louca do ano parecia uma zona de desastre para um alcoólatra em recuperação, mas Lo basicamente me forçou a ceder. Ele disse que quer se testar, e não há lugar melhor do que Cancun – com Ryke acompanhando. Porque todos sabemos que seu meio-irmão entraria na frente de um ônibus antes de deixar Lo beber.

Eu também. Mas ainda não fui colocada nesse tipo de situação.

O jato particular de meu pai lembra mais uma sala de estar presidencial do que um avião comercial. Sento-me em um longo sofá macio com almofadas azuis. Uma televisão está montada na parede e exibe um novo filme de suspense com Nicholas Cage.

Lo está esparramado, com a cabeça no meu colo enquanto faço uma massagem medíocre na cabeça. Ele lê uma história em quadrinhos em seu *tablet*, folheando as páginas com o dedo de vez em quando.

Em poltronas reclináveis de couro, Rose desliza sua torre sobre um tabuleiro de xadrez. Connor se inclina para frente com o punho nos lábios em contemplação antes de fazer um movimento com seu mísero peão preto. A pequena alcova é agradável para quatro pessoas. E há outro conjunto de cadeiras e uma mesa à nossa direita.

Meus olhos se desviam do filme para o banheiro, escondido atrás da mesma parede que a televisão ocupa. — Ela está lá há muito tempo — digo a Lo com uma voz suave. Estou com inveja de todos naquele banheiro. Só quero arrastar Lo pelo braço e deixá-lo fazer o que quiser comigo lá dentro. De preferência algo que faça minhas costas arquearem.

Lo expande um painel de sua história em quadrinhos, sua atenção absorvida por mutantes perseguidos. Paro de esfregar suas têmporas, e então ele segue meu olhar. — Talvez ela tenha mesmo que usar o banheiro.

— Verdade. — Uma parte insensível em mim pensava que jogadores de vôlei altos e atléticos são imunes às funções corporais naturais.

Faço uma pausa e olho por cima do ombro, esperando encontrar Ryke no conjunto certo de cadeiras. Mas aquela alcova está vazia, apenas algumas garrafas de água e revistas espalhadas. Meus olhos se arregalam em compreensão. Eu suspiro. — Ryke está desaparecido. — Aponto para a porta do banheiro. — Eles estão transando.

Lo se senta, levantando-se do meu colo. Percebo que terminei de fazer uma terrível massagem na cabeça dele. Estou surpresa que ele não tenha me dispensado antes.

— Eles estão namorando — Lo me lembra, desligando o *tablet* e jogando-o na almofada.

Ryke trouxe sua namorada – tipo – de férias conosco. Na verdade, Ryke não tem namoradas de verdade. Ele apenas ‘encontra’, que é um termo vago para ver alguém e fazer sexo por um curto período. Pelo menos, foi assim que

ele me explicou quando Melissa estava no aeroporto com sua mala de rodinhas a tiracolo.

Realmente, se eu pensar sobre isso, é o que Lo costumava fazer antes de nos tornarmos um casal oficial.

Aperto os olhos para a porta do banheiro, imaginando quando minha visão de raio-X vai funcionar.

Não funciona.

— Por que tenho o súbito desejo de colocar meu ouvido naquela porta? — Meus olhos ficam grandes. Acabei de dizer isso em voz alta?

— Você vai ficar no sofá. — Lo me puxa para seu colo e me beija levemente no pescoço. Eu sorrio em nosso próximo beijo, sua boca encontrando a minha, mas ele recua antes que eu possa aprofundar. Droga.

Meus olhos voltam para o banheiro. — Nós podemos? Mais tarde?

Ele balança a cabeça. — Sinto muito, amor. — Ele coloca um beijo fraco na borda dos meus lábios.

A porta do banheiro se abre, e observo enquanto Melissa sai primeiro, passando os dedos pelo cabelo loiro-mel na altura dos ombros. Salto dos braços de Lo e corro para o banheiro como se tivesse que fazer xixi.

Não tenho.

Quero muito pegar Ryke em flagrante. Acho que Lo e eu podemos concordar que é muito divertido tentar deixar seu irmão desconfortável. Ainda não tive sucesso. Mas um dia, vou descobrir o que faz Ryke Meadows se contorcer.

Quando olho pelo batente da porta, encontro Ryke na pia, lavando as mãos. Ele nem mesmo recua de surpresa.

— Você foi pego no flagra — digo. — Acabei de ver Melissa saindo daqui. — Eu balanço minhas sobrancelhas para obter mais efeito, mas ele continua sem piscar. Pegar alguém em um ato incriminador não é tão divertido quando eles não agem como se tivessem sido pegos. Minha missão: fazer Ryke vacilar pela primeira vez.

— Então? — Ele seca as mãos em uma toalha de algodão.

Ser um policial não pode ser tão irritante.

Ele diz: — Tenho certeza de que você passou muito tempo no banheiro de um avião com outra pessoa. — Eu tentei. Nenhum foi bem-sucedido. Mas esse não é o ponto... certo?

— Temos uma política de proibição de sexo neste voo.

— Para você. — Ele me dá um olhar severo, e então seus olhos flutuam sobre meu ombro.

— Você está deixando-a paranoica — Lo diz do sofá. — Espere até aterrissarmos.

Minhas bochechas ficam vermelhas. Talvez confrontar Ryke não fosse a ideia mais inteligente. Mas pelo menos Melissa colocou fones de ouvido e folheou uma revista, acomodando-se em sua cadeira entre a alcova vazia.

Balanço minha cabeça para os caras. — Não, está bem. Ryke, você pode foder Melissa o quanto quiser. Faça isso no banheiro. No sofá, bem, não *no* sofá, estou sentada lá. O ponto é... — Respiro fundo. — Não me deixe te parar. — Porque, na verdade, é minha única distração agora. Ou talvez eu realmente queira ouvir ou algo assim. *Não, eu não quero*. OK, eu sinto muita falta da pornografia.

Ryke me encara por um longo momento, e me pergunto se ele sente meu desejo por pornografia também. Então Lo diz: — A menos que você queira começar a estar nas fantasias dela.

Ryke faz uma careta. — Não vai acontecer de novo.

Ele sai do banheiro, eu volto para o sofá e dou um tapa de leve no braço de Lo. Não há como Ryke preencher minhas fantasias, desesperadas ou não.

Só quando meu olhar se desvia é que percebo que o sofá é mais baixo do que as cadeiras onde Ryke, Melissa, Connor e Rose estão sentados. Posso ver claramente suas pernas debaixo da mesa. E enquanto os joelhos de Connor batem nos de Rose, seus tornozelos estão modestamente cruzados.

Melissa e Ryke são uma história diferente. É como os anjos do meu lado esquerdo e os demônios do meu lado direito. Eu deveria assistir ao torneio de xadrez de Connor e Rose. Connor ganhou dois jogos e Rose ganhou três. Pelos lábios franzidos de Rose, posso dizer que ela está perdendo a rodada atual.

Mas não posso negar o chamado do mal.

Melissa pode pensar que ela é furtiva, mas sua mão sobe pela perna de Ryke até a parte interna de sua coxa. Eu até a pego abrindo o zíper da calça jeans dele. Eles se sentam lado a lado, e tenho uma visão pior de Ryke, mas suas mãos também não estão sobre a mesa, se é que você me entende.

Uma súbita explosão de inveja se infiltra em mim. Porque ela pode fazer

sexo no avião. Duas vezes. Ou três vezes. Ela pode até apalpar seu namorado, e ele pode comandar as bases com ela.

— Tente não pensar nisso — diz Lo. — E isso provavelmente começa com não olhar para ele.

Viro-me para encontrá-lo, e ele me dá um sorriso simpático. Mas ele parece tão incomodado quanto eu. — Como você está? — Pergunto.

— Eu me sentiria melhor se soubesse que você está bem.

— Quando pousarmos, você acha que podemos...?

Ele não me responde. Apenas me puxa para seu peito e acaricia minha nuca, seus dedos perdidos em meu cabelo. Ele encontra o controle remoto e aumenta o volume da televisão. Tomo seu silêncio como uma resposta, de qualquer maneira.

Vou ter que esperar.

O lobby ornamentado com ouro tem piso verde-escuro e grandes estátuas maias ao longo das paredes de azulejos. Decorado com quatro piscinas, mais de uma dúzia de restaurantes e ainda mais clubes, o resort é muito mais sofisticado do que eu sinto.

Melissa espera comigo perto de uma fonte de totem enquanto os outros entram na fila para os balcões da frente, na esperança de nos registrar em nossos quartos em um horário razoável. A quase namorada de Ryke passa os dedos pelos cabelos loiros novamente. Ela não usa maquiagem, o que me lembra um pouco minha irmã mais nova. Daisy consegue ter aquele visual novo, mas ainda ser bonita o suficiente para posar para uma revista. Melissa parece preparada para a capa da *Sports Illustrated* – braços perfeitamente tonificados e tez clara. Beleza e força.

Ainda estou tentando acertar a parte da beleza e, com minhas pernas de franga, não acho que teria chance de alcançar a parte dos músculos.

— Você tem uma escova? — Ela pergunta. — Meu cabelo sempre fica emaranhado na umidade. — Ela abre um sorriso extrovertido, e de repente me sinto mal por nunca ter iniciado uma única conversa antes.

Lo e eu ficamos praticamente sozinhos no avião. Eu torci por Rose em um ponto – isso foi antes de ela perder o torneio de xadrez e derrubar o rei de

Connor em frustração. Connor tentou não se vangloriar, mas até mesmo o vislumbre de um sorriso irritou Rose. Ela pediu uma revanche nas Palavras-Cruzadas, que venceu. Então, nas épicas palavras finais de Harry Potter, ‘tudo estava bem’.

Mas mesmo em um espaço apertado, Lo e eu bloqueamos o resto do mundo e sussurramos para nós mesmos. Temos que trabalhar nisso. Então, a partir deste momento, tenho como objetivo ser uma amiga melhor... ou pessoa... seja lá como você chama alguém que precisa trabalhar em suas habilidades sociais.

E isso começa com uma escova – que eu não tenho. Estremeço. — Desculpe, eu não trouxe. — Ela viu meu cabelo? — Tenho certeza de que Rose tem.

Melissa dá de ombros. — Posso esperar. — Ela tira uma faixa azul do pulso e prende o cabelo em um pequeno coque na base do pescoço.

— Então... como você conheceu Ryke?

— Na Academia. Uma das máquinas não estava funcionando e ele me ajudou.

— Parece Ryke — digo com um aceno de cabeça. Ele é um consertador.

— Ele deu um soco na máquina até a submissão também?

Ela franze a testa e imediatamente me arrependo de minhas palavras. Oh, meu Deus. Sou uma idiota. — Quero dizer, porque ele é meio agressivo... — Estremeço novamente. O que há de errado comigo? — Não do jeito que bate em mulher. Acho que ele nunca faria isso. Ele apenas, você sabe, soca primeiro e faz perguntas depois. — *Lili, cala a boca!*

Ela parece levemente assustada, o que não é tão ruim. Ela poderia ficar horrorizada a ponto de fugir. — Não estamos saindo há muito tempo, mas nunca o vi bater em ninguém.

— Ah, sim, eu também — Minto, tentando encontrar uma saída para essa situação. Ela franze a testa novamente, porque obviamente não estou fazendo sentido. Mas é melhor que agora ela me ache louca, e não Ryke.

Vi Ryke dar um soco. Primeiro, para me proteger quando um cara não entendeu a palavra não, e depois para proteger Daisy em uma festa de Réveillon fora de controle. Na verdade, a única vez que o vi ser agressivo é quando as mulheres são maltratadas. Mas não digo isso a Melissa. Já cavei um buraco grande o suficiente.

— O que está acontecendo lá? — Melissa acena para a recepção. Uma longa fila serpenteia pelo saguão, o lugar lotado das festividades das férias de primavera. Três funcionários do hotel com camisas verdes deixaram seus postos para falar com nosso grupo, e as mãos de Rose estão se movendo loucamente no ar.

Algo está definitivamente errado.

Pago um dos carregadores para vigiar nossa bagagem, e Melissa e eu vamos até a recepção, entrando e saindo de olhares zangados que pensam que estamos furando a fila.

— Desculpe — Peço desculpas algumas vezes.

Não me atrevo a chegar perto de Rose, que está tendo algum tipo de batalha verbal com os funcionários do hotel, Connor bem ao lado dela com um olhar estreito. Em vez disso, deslizo ao lado de Lo e Ryke, que ficam de lado. — O que está acontecendo? — Pergunto a Lo.

Ele passa as mãos pelo cabelo como se estivesse arrumando, mas acho que ele está mais ansioso do que qualquer coisa. — Há um problema com o quarto — diz ele casualmente. — Isso deve ser resolvido em breve, ou assim eles dizem.

— Que tipo de problema? — Melissa pergunta.

— Eles reservaram em duplicidade — diz Ryke, apoiando o cotovelo no balcão.

— Existe outro quarto? — Pergunto.

— Isso é o que Connor e Rose estão tentando descobrir.

Assim que ele diz isso, Rose pega seu telefone e caminha em direção à saída. Eu franzo a testa. Onde diabos ela está indo?

Connor passa por hordas de turistas suados que só querem as chaves de seus quartos e para na nossa frente. Ele parece cerca de dez vezes menos estressado do que minha irmã. — Notícias bem ruins. A suíte de três quartos que reservamos não está disponível devido a problemas de agendamento. Rose vai ligar para outros resorts, mas a probabilidade de conseguir uma suíte de última hora durante as férias de primavera da faculdade é praticamente nula. Este resort, no entanto, tem um quarto disponível. Duas camas *queen size* e um sofá-cama, então acomoda seis.

Seus olhos piscam para Lo e para mim enquanto ele fala a última linha.

O fundo do meu estômago cai para baixo e para baixo e para baixo.

Não vou poder fazer sexo.

Eu odeio, odeio, odeio estar mais preocupada com *isso*. Odeio que Connor e provavelmente minha irmã estejam preocupadas com meus desejos sexuais. Não quero fazer disso um grande problema.

— Tudo bem — digo rapidamente, acrescentando um aceno seguro. Mesmo que eu brinque com os dedos e me concentre em *não* roer as unhas.

Os lábios de Melissa se contraem. Aposto que ela está irritada com a mudança de planos. Ela diz: — Bem, isso é uma merda. — Sim, eu sabia.

As feições de Ryke endurecem. — Você percebe que, se fosse com seu time de vôlei para a Cidade do Panamá, estaria dormindo um em cima do outro em algum quarto de motel sujo, de qualquer maneira.

— Acabei de me classificar para as Olimpíadas — Ela o lembra. — Tenho certeza de que posso alugar um apartamento na Flórida.

Ryke a puxa em seus braços e então sussurra algo suave (e eu imagino sexy) em seu ouvido. Ela suspira exasperada, mas seus ombros relaxam.

Connor leva Lo e eu para longe deles e para a fonte do totem. Sua voz diminui. — Rose está tentando o seu melhor, mas sério, podemos ir a qualquer outro lugar. Os Alpes. Canadá. Bermudas. Não precisamos ficar aqui se isso deixar vocês dois desconfortáveis.

Fugir dessa situação parece atraente. Nunca estive em um acampamento de verão. E como uma garota que gosta de privacidade e evita interação social, não gosto da ideia de dormir em *um* quarto com outras *cinco* pessoas por uma semana inteira. Acrescente meu status de vício em sexo e tudo se torna uma grande pilha de: *isso vai dar merda*.

Lo estende a mão e pega minha mão trêmula na dele. Seu olhar me diz para ser forte. — Você decide.

Não quero correr. Não quero colocar outras pessoas para fora por causa do meu vício estúpido. É hora de resolver isso em vez de fugir como um esquilo preso no trânsito. — Devemos ficar.

— Tem certeza? — Lo coloca a mão no meu pescoço e uma respiração falha em meus pulmões. Talvez possamos fazer sexo no banheiro ou... na praia à noite. Podemos encontrar algum lugar para fazê-lo, com certeza. Não será tão ruim. Eu apenas assinto repetidamente enquanto tento me convencer.

— Lily — Connor interrompe —, onde você deixou a bagagem?

— Com o carregador... — Viro-me para olhar para onde eu estava. Que

seria *bem aqui* perto da Fonte do Sr. Totem.

— Que carregador?

— Hum... aquele que paguei para vigiar. — Meu coração afunda e minhas palmas ficam úmidas.

— Você quer dizer o cara que você pagou para roubá-la.

Oh, não.

CAPÍTULO 18

Lily Calloway



Depois de duas horas e um relatório policial, chegamos à conclusão de que nossas malas estão oficialmente perdidas – ou melhor, *roubadas*.

Lo, Ryke, Melissa e eu temos que passar um de nossos dias de férias na Embaixada dos EUA para substituir nossos passaportes antes de podermos voltar para casa. Não é por acaso que as duas únicas pessoas responsáveis o suficiente para manter seus passaportes com eles foram Rose e Connor.

Perder nossas malas é apenas mais uma dor de cabeça, e já me desculpei tanto que minha garganta começou a doer. Rose está principalmente chateada por não ter mais todas as suas roupas e produtos e tudo o que a faz se sentir confortável longe de casa. Para piorar, nosso quarto nem tem sofá-cama com cama.

É um sofá normal.

E para corrigir a situação, Connor ligou para o serviço de quarto para trazer uma cama. Ryke se ofereceu para dormir com Melissa no sofá. Mas ela usava a expressão ‘eu odeio isso’ que ela tinha no saguão. Ela não queria ser oferecida para o sofá e a cama. Ela planejava abraçar seu namorado, e isso é impossível se eles estiverem em camas separadas.

Posso entender totalmente a frustração dela agora. Mesmo tendo a sorte de conseguir uma cama, a *queen-size* de Connor e Rose fica a menos de um metro e meio da nossa. Não é como se eu pudesse dar uma rapidinha sem que eles percebessem. E Melissa também nos pegaria. O sofá fica de frente para as camas e Ryke de alguma forma encaixou a cama dobrável entre os dois.

É como se Ryke Meadows estivesse dormindo ao pé do nosso colchão. Um pensamento tão perturbador.

O nosso lado positivo tem que ser Rose e Connor. Durante situações de desastre, eles são as duas pessoas que você deseja em seu esquadrão – capazes de pensar sob fogo. Os dois foram à loja de presentes e compraram itens essenciais, como pasta e escova de dente. Para os pijamas, Rose escolheu camisas neon extragrandes que dizem EU AMO CANCUN.

Quando ela me mostrou, lembrei-me imediatamente de como esta semana deveria ser um grande passo em seu relacionamento com Connor. Ela pediu que ele dormisse na mesma cama que ela e, quando tivéssemos a suíte de três quartos, seu plano não pareceria tão assustador. Mas agora que os arranjos de dormir mudaram drasticamente e todos estarão à vista de suas camas, ela está mais nervosa. Lidar com esse nível de relacionamento na frente de outras pessoas não é algo que ela havia imaginado.

Mesmo na casa dos vinte, ainda acho que dormir na cama com um cara é uma espécie de caso íntimo. Talvez porque geralmente coincida com sexo para mim, mas acho que Rose pode concordar que o ato não é tão amigável.

A escuridão cobre o quarto, mas ainda posso distinguir o contorno dos corpos. Rose e Connor estão deitados debaixo de seu edredom marrom, um de frente para o outro, mas sem se tocar. Eles estavam sussurrando antes, mas suas vozes se acalmaram, deixando o quarto em um silêncio desconfortável.

Viro-me para Lo, seu braço em volta da minha cintura.

Seus olhos já estão abertos, e seu pé desliza contra a nudez do meu tornozelo. O silêncio nos envolve e me deixa hiperconsciente de cada pequeno ruído, minha respiração muito alta no silêncio. Tenho certeza de que Ryke acredita que todos os meus pequenos movimentos coincidem com minha tentativa de transar com Lo.

Mas eu simplesmente... não consigo dormir.

A ansiedade rasteja sob minha pele como um percevejo de cama. Começo a imaginar cenários em que o sexo é negado repetidamente. Onde não posso fazer nada por uma semana inteira. Onde não posso fugir para um quarto para desaparecer de outras pessoas por cinco minutos. Estou cercada. Sufocando.

— Lo — Sussurro, tentando ser o mais silenciosa que posso. Mas minha voz soa como um megafone no silêncio.

Ele me puxa para mais perto, e suas mãos descem para meus quadris e

depois para baixo. Ele segura minha bunda com uma palma e esfrega minhas costas em movimentos circulares com a outra.

Ele tenta ficar quieto, mesmo enquanto beija meus lábios suavemente, encorajando-me a relaxar com cada um. Mas seus beijos carinhosos fazem o oposto, construindo uma necessidade tão profunda dentro de mim. E uma parte horrível do meu cérebro obscurece o lado razoável. Jogo minha perna sobre sua cintura, e então seus lábios imediatamente se afastam dos meus. Pergunto-me se algum dia poderei tocá-los novamente.

Depois de alguns minutos com Lo acariciando meu cabelo e observando minha respiração começar a se acalmar, meus olhos ficam pesados e acho que finalmente estou prestes a cair no sono.

Meu telefone brilha e vibra no travesseiro que abandonei para ficar mais perto de Lo. Rolo para longe dele, e ele apoia um cotovelo no colchão, preocupado comigo.

— Estou bem — Sussurro e seguro meu telefone em duas mãos em pânico. Desbloqueio o meu celular e me deparo com uma nova mensagem de texto.

Desconhecido: *Divirta-se chupando pau em Cancun.*

Pisco algumas vezes, o brilho da tela machucando meus olhos. A bile sobe à minha garganta enquanto releio as palavras. Sou menos afetada pela parte de ‘chupar pau’ do que pela parte de ‘Cancun’.

Ele sabe onde estou...

Rapidamente, desligo e balanço minhas pernas para fora da cama. Meu coração bate forte no meu peito, e eu realmente só preciso pensar por um segundo. Tento navegar pelo quarto no escuro, mas acabo tropeçando na ponta da cama e caio de joelhos.

— Porra — Ryke geme. — Aquele era o meu pé.

— Desculpe. — Minha voz treme e eu me levanto de volta, tropeçando para o banheiro. Sinto uma mão nas minhas costas assim que entro.

Lo fecha a porta e acendo as luzes. Ele semicerra os olhos por causa da fluorescência cegante, e jogo um pouco de água no rosto. O moletom Cancun azul-neon brilhante vai até as minhas coxas e parece tão quente no meu corpo agora.

— O que há de errado? — Preocupação encobre sua voz. Não contei a ele sobre as mensagens. Pretendia, mas toda vez que estou prestes a mencionar,

surge outra coisa.

Lágrimas picam meus olhos, e consigo entregar a ele meu telefone, de qualquer maneira. Viro para o espelho e a pia, não querendo ver seu rosto enquanto ele as lê. Isso já parece tão fora do meu controle. Cada respiração cai pesada contra o meu peito. Eu só quero ser livre dessa ansiedade. Isso é de todo possível?

Sim, é, diz a parte ruim em mim.

Não estou usando calça ou short, e minha mão parece se direcionar naturalmente para minha calcinha. Eu deslizo meus dedos abaixo da bainha enquanto tenho um cotovelo plantado no balcão, curvado com minha testa enterrada em meu braço. Tudo parece tão, tão, tão errado e fora do meu controle e eu só quero me sentir bem novamente.

— Lil — Lo diz atrás de mim. Ele deixa cair meu telefone, o celular fazendo barulho no chão. Ele instintivamente agarra meu braço e pressiona seu peito com força contra minhas costas. — Shh, você está bem, amor.

Eu quero ouvir a voz dele, mas estou mais focada *nessa* sensação, minha bunda esfregando contra ele. Ele remove meus dedos da minha calcinha e deixo que ele coloque minhas duas mãos debaixo da água morna. Ele as lava silenciosamente.

Fungo um pouco, as emoções borbulhando, coisas que eu realmente esperava não sentir nesta viagem. Culpa, vergonha – fracasso. Ele enxuga as lágrimas do meu rosto e finalmente ouço sua voz.

— Vamos encontrar esse cara. Você não precisa se preocupar com isso, Lil.

— Ele sabe que estamos em Cancun... — Minha voz sai em um sussurro.

Lo me gira depois de secar minhas mãos. Ele segura minhas bochechas e inclina minha cabeça um pouco para encontrar seus olhos. — Ninguém vai te machucar. Prometo.

Adoro, mais do que tudo, que ele não mencione o fato de que acabei de me tocar. Que estraguei tudo de uma forma minúscula e imensurável. Ele ignora, segue em frente e me faz sentir como eu deveria também.

CAPÍTULO 19

Loren Hale



— Só beba mais água.

Esse é o brilhante conselho de Ryke sempre que digo a ele que me sinto como se um carro tivesse passado por cima de mim. Esta manhã não é diferente. Estou no pátio, as praias azuis cristalinas no horizonte, mas logo abaixo fica a piscina congestionada. Estudantes universitários encharcados mergulham nas águas límpidas ao som de algum remix de techno rap. Os amplificadores ficam sob um dossel branco esticado, protegidos do sol perigosamente quente. Às vezes, um DJ chega para alimentar a embriaguez da multidão, mas agora a estação está vazia. O DJ de pele de couro bebe doses de tequila no bar tiki com duas garotas em biquínis fio dental.

Definitivamente, estamos nas férias da primavera.

Bebo mais água, mas não cura a dor de cabeça latejante ou a exaustão que dói em meus músculos. Quando Lily e eu voltamos para a cama, já eram quase três da manhã, e eu não conseguia parar de pensar na mensagem e ligar para meu pai. Repassei uma conversa inteira sobre o que eu iria perguntar a ele. Como eu enquadraria minhas palavras... apenas para checar o andamento de tudo.

— Você está bem? — Ryke pergunta.

Se disser sim, ele saberá que estou mentindo. Então, não sei por que ele me pergunta. — Tive ressacas que me fizeram sentir melhor do que isso. — Estico os braços e as pernas, relaxando as articulações.

Ryke se senta na cadeira do pátio e passa *cream cheese* no *bagel* que pediu

ao serviço de quarto. — Mas esse tipo de dor não é acompanhado por lembranças horríveis de embriaguez. Considere-se sortudo pra caralho.

— Sim, estou me sentindo extremamente sortudo agora — Retruco amargamente.

— Nós vamos encontrar aquele cara — Ryke me diz. Mostrei a ele as mensagens esta manhã, antes de Lily acordar. — E então, eu vou colocar meu punho na porra da cara dele.

— EI! TERCEIRO ANDAR!!

Apoio o braço no corrimão da sacada e vejo duas americanas de biquíni fio dental, com os seios mal contidos. Assim como as nativas, elas têm procurado adotar o visual biquínis mínimos, bunda totalmente exposta. As duas garotas seguram copos de plástico de cores vivas, os cabelos trançados sobre os ombros.

Ryke se levanta e apoia os antebraços no corrimão, observando a vista. Ele morde seu *bagel* com indiferença, observando enquanto a garota de biquíni verde acena para nós.

— Venha nadar conosco!! — Ela grita com um sorriso.

— Lembre-me por que vim com uma garota — diz Ryke com um olhar comprido. Ele verifica a bunda dela, e a garota apenas sorri ainda mais.

— Porque você não queria ser vela. — Sorrio com sua angústia.

Um grito ecoa da sala, e nós dois rapidamente nos afastamos da varanda e corremos para dentro. Sem muito espaço, bato direto nas costas de Connor. Ele quase tropeça na cama que bloqueia o corredor, mas se agarra à cômoda antes de cair.

— O que está acontecendo? — Pergunto, tentando contornar a cama dobrável.

Ryke fica tão irritado que chuta tudo. Ela bate na parede e de alguma forma eficiente abre espaço para nós andarmos.

— Daisy está aqui — diz Connor.

— O quê? — Ryke fica rígido. Provavelmente pensando o mesmo que eu — isso foi um grito *feliz*?

Franzo a testa e procuro pela sala com um olhar hesitante. Mas só vejo Melissa no sofá, comendo um *bagel* e digitando no celular. Seus lábios estão virados para baixo, não se divertindo tanto quanto ela provavelmente imaginou.

— Elas estão no banheiro — Explica Connor. — Rose quer se maquiar e usar a prancha de Daisy. Ela está realmente animada, mas o luxo de produtos de cabelo de marca provavelmente vai acabar quando ela perceber que sua irmã de dezesseis anos acabou de chegar a Cancun durante as férias de primavera da *faculdade*.

— Então ninguém sabia que ela estava vindo? — Pergunto.

Connor balança a cabeça. — Ela queria surpreender as irmãs.

— Ela não pode ficar — Ryke diz asperamente. — Quase morri tentando acompanhar seus doces dezesseis anos em Acapulco.

Eu ouvi a história de Lily, que também acompanhou o aniversário de Daisy. Aparentemente, a destemida Calloway pulou de um penhasco no oceano e Ryke sentiu a necessidade de pular atrás dela.

— Não vou deixá-la pular de nada — digo a ele. — Acontece que sou um ótimo acompanhante.

Ele olha. — Você não poderia acompanhar a porra de uma preguiça. E isso requer habilidades corretivas, como se sentar e assistir.

Atiro nele um olhar sério. Sinceramente, não me importo se Daisy fica ou não. Mais uma pessoa em um quarto já lotado não vai mudar nada. — Daisy se mistura. Você nem vai notar que ela está aqui.

Suas sobranceiras se juntam e sua mandíbula se fecha, igualmente firme.

— Quando foi a última vez que você a viu, porra?

Quero dizer na *semana passada*, mas tenho certeza de que está errado. Esforço minha mente. Acho que não a vejo desde que voltei da reabilitação. Na verdade, acho que não a encontrei no baile de Natal beneficente do ano passado. Admito, eu não fiquei muito tempo. A última vez que a vi deve ter sido durante a viagem de iate para as Bahamas, quando Lily e eu nos tornamos um casal de verdade. Jesus.

Isso foi há muito tempo.

— Daisy não se mistura — diz Connor.

— Quando você a viu? — Solto acusadoramente. Não gosto que esses dois caras tenham passado mais tempo com a irmã da minha namorada do que eu. Estou com os Calloways há mais tempo. Conheço Daisy desde que ela era criança. Eu deveria ser a figura interina do ‘irmão mais velho’. No entanto, fiz um trabalho de merda até agora.

— Eu vou aos almoços de domingo dos Calloway com Rose — Connor

me diz. Oh. Merda.

Se eu me casar com Lily, facilmente serei o pior genro.

E então eu empalideço com a ideia de Connor e Rose.

Connor Cobalt não pode se casar com a irmã de Lily. Ele estabelecerá padrões inatingíveis que nunca poderei cumprir.

Gritos altos e felizes ressoam do banheiro. Relaxo só de pensar que Lily está sorrindo. Ontem à noite ela estava quase chorando, e qualquer coisa que possa mudar seu humor é algo que eu aprovo de todo o coração. — Vou dar uma olhada nelas — digo.

Ryke se senta na beirada da cama, olhando carrancudo para o carpete. Ele parece imerso em pensamentos. Sobre o quê – não tenho ideia. Pode ser Daisy. Pode ser Melissa. Poderia ser eu.

Ao passar, aponto para ele: — Sabe o que faria você se sentir melhor? — Abro a boca para terminar, mas ele me interrompe.

— Estou bem. — E então ele cruza os braços.

— Claro. — Dou uma olhada nele. Ele provavelmente está chateado por estar preso com Melissa. A garota mostra impaciência como se fosse o trabalho dela. — Uma cerveja.

— Uma o quê?

— Uma cerveja faria você se sentir melhor.

Ele olha. — Isso não é engraçado.

— Não foi uma piada.

— É melhor você ir ao banheiro antes que eu dê um soco em você, o que vai me fazer sentir melhor.

Zombo abrindo minha boca. — Mas eu pensei que você estava bem.

Ele realmente se levanta da cama. Eu não o atormento mais. Mas, Cristo, seu aborrecimento *me* fez sentir melhor. Sem cerveja e tudo. Com um sorriso largo, vou até o banheiro. As risadas aumentam uma oitava, e eu bato meus dedos contra a porta.

— Quem é? — Rose grita de dentro.

— Lo. — Olho por cima do ombro. Ryke e Connor me observam com curiosidade pelas portas da varanda, sem tentar se infiltrar no clube exclusivo que as garotas Calloway têm. Pela primeira vez, estou um pouco nervoso porque as meninas não vão me convidar para entrar. Sempre tive permissão para ficar com elas. Eu sou a outra metade de Lily.

Mas as coisas mudaram, percebo. Rose tem namorado. Eu tenho um irmão. Mais dois caras foram adicionados à nossa dinâmica e eu poderia facilmente ser agrupado com eles.

Então, quando a porta se abre e Lily agarra minha camisa, puxando-me para dentro, não posso deixar de sorrir. Sinto-me especial pra caralho. Eu a beijo quase imediatamente e enquanto minha língua desliza em sua boca, ela fecha a porta com o pé.

Rose pigarreia e eu me afasto, envolvendo meus braços em volta da cintura de Lily. Ela se inclina para trás em mim com uma respiração profunda, e eu finalmente observo o cômodo. Produtos de cabelo e maquiagem explodiram no balcão. Rose está sentada na borda da banheira com uma prancha em uma das mãos e um tubo de brilho labial na outra.

— *A Saks Fifth Avenue* vomitou em nosso banheiro? — Pergunto.

Todas riem, e Rose fica feliz demais para retrucar com seu gelo de sempre. Ela parece que alguém a salvou de uma ilha deserta. Quando Lily se desvencilha dos meus braços e se ajoelha sobre uma mala enorme, vejo Daisy pela primeira vez.

Ela se senta do outro lado da mala, onde roupas e mais roupas se acumulam, a pilha ameaçando tombar. As sacolas de compras são esmagadas nos cantos disponíveis da bagagem.

— Ei, Lo — Daisy me cumprimenta com um sorriso caloroso.

E quando eu realmente olho para ela, meu rosto cai lentamente. Tudo o que consigo dizer é: — Você está... loira... — Um milhão de outros pensamentos passam pela minha cabeça. A maioria deles gira em torno de uma coisa: eu, alertando Daisy para ficar longe de *todos* os caras da porra do planeta. E tenho um *flash* de ter que bater em alguém nesta viagem, apenas para proteger uma garota que facilmente parece tão velha quanto suas duas irmãs. Ela pode se encaixar no nosso grupo de crianças em idade universitária. E ela não deveria. Ela tem *dezesseis* anos, apesar de ser uma modelo de alta moda.

Ótimo. Agora sei exatamente por que Ryke estava carrancudo. Ele sabia que ela ia ser um problema. Não por causa de sua personalidade. Mas porque... ela é linda e jovem demais para estar aqui.

Daisy passa os dedos pelos cabelos insanamente longos. — A agência de modelos queria loira. — Ela solta os fios e eles se espalham além de seus

seios. *Caralho*. Odeio estar olhando para lá. Em vez disso, fixo meu olhar em Lily.

Ela tira os maiôs da sacola de compras. Ela parece estar cavando na China através das roupas. É adorável.

— Então, o que você está fazendo aqui, Dais? — Pergunto, meus olhos fixos em Lily. Isso ajuda a manter minha mente longe de arrastar Daisy para o aeroporto mais próximo. Só quero ter certeza de que ela está segura. Três anos atrás, não tenho certeza se teria me importado. Estar sóbrio definitivamente muda minhas prioridades.

— Bem — diz ela, inclinando-se contra o balcão da pia. —, eu sempre perco as férias de primavera com Lily e Rose. Vendo como este é a última oficial da faculdade de Rose, pensei em apenas acompanhá-la. Mas não se preocupe, você nem vai saber que estou aqui. Prometo.

Devo estar olhando porque ela sorri novamente com sinceridade. Eu acredito nela. Não é com isso que estou preocupado.

— E quanto ao Ensino Médio? — Pergunto.

— Os professores me deram extensões em todas as tarefas, como fazem quando tenho uma sessão de fotos fora do país. — Antes que eu possa protestar, ela acrescenta: — E Rose me mandou uma mensagem ontem à noite sobre a bagagem roubada, então, tive tempo de parar no shopping e pegar algumas roupas para todos. — Ela pega uma sacola de compras da *Macy's* e a entrega para mim. — Escolhi alguns trajes de banho para Connor, Ryke e você. Não achei que vocês iriam querer sofrer com as compras no primeiro dia na praia.

— Simmm! — Lily aplaude do chão.

Todos se viram para vê-la levantando um maiô como se fosse o bebê Simba.

— Pensei que você gostaria disso — diz Daisy. — É *Billabong*.

— Você precisa de sol — Rose diz categoricamente. Ela bate a prancha em Lily. — Larga. O. Maiô.

Lily aperta o maiô preto contra o peito, metade do traje multicolorido com camadas de padrões de diamantes, como uma estampa psicodélica nativa americana. — Eu tenho Daisy do meu lado — Lily a lembra. — Ela vai atacar você.

Daisy acena com confiança. — Eu vou.

Rose está de tão bom humor que cede. — Certo. — Seus olhos piscam para o maiô que Lily cobiça. — É fofo em um rato de praia, tipo 'vou surfar porque não sei ler'.

Vasculho a sacola da *Macy's* que Daisy me deu e faço uma pausa.

Há cinco roupas de banho, todos em cores neon brilhantes diferentes, mas com o mesmo estilo. Um manquini.

— Uh... Daisy. — Levanto minhas sobancelhas. Eu seguro a roupa com estampa de banana na ponta de um dedo.

Daisy tenta não sorrir muito, mas está gostando disso. — O balconista da loja disse que esses eram os mais populares.

— Para crianças, talvez. Não tenho certeza se meu pau cabe aqui. — E imediatamente estremeço com minha escolha de palavra. — Quero dizer, minhas coisas.

Lily está distraída o suficiente para deixar cair o maiô, seus olhos brilhando entre minha virilha e o maiô. A imaginação dela é muito vasta. Eu não consigo acompanhar.

Daisy olha para mim como se eu fosse o esquisito. — Tudo bem xingar na minha frente. Não vou dedurar você. — Sim, ela definitivamente me faz sentir estúpido por tentar não distorcer sua mente jovem e frágil. Mas ela é modelo. Não consigo nem começar a entender o que acontece depois de uma sessão de fotos, durante ou antes. Tenho certeza de que eles falam sobre paus e seios e um monte de outras merdas que seriam inapropriadas perto de crianças facilmente influenciáveis.

Ela não tem doze anos, Lo, eu me lembro. Ela tem dezesseis anos. Há uma diferença. Ela está no Ensino Médio. Inferno, provavelmente fez sexo.

Eu me paro. Há algumas coisas que simplesmente não quero saber.

Giro o traje e me concentro em Lily. Eu jogo para ela e ela pega o mankini em suas mãos.

— Sim — Ela diz, distante com seus pensamentos perversos que eu definitivamente gostaria de poder ouvir. — Não acho que ele vai caber. — Ela cora como se não quisesse dizer isso em voz alta. Eu só quero beijá-la.

— Informações desnecessárias — diz Rose.

— Na verdade, isso foi necessário — digo. — Se não consigo caber, preciso de outra sunga.

Daisy se abaixa e começa a vasculhar a mala ao lado de Lily. Enquanto ela

vasculha, lembro que ela não deveria estar aqui, em primeiro lugar.

— Então ela vai ficar? — Eu olho entre Rose e Lily, esperando que uma delas seja a irmã mais velha madura e estabeleça diretrizes, regras, o que quer que seja e mande Daisy de volta para casa.

Mas a garota mais responsável – talvez em todo o universo – me dá o pior tipo de repreensão e diz: — Ela pode ficar.

Acho que elas enlouqueceram. Elas obviamente não entendem a aparência de Daisy ou percebem sua idade e o fato de que do lado de fora da nossa janela estão centenas de caras com tesão. — Posso falar com você e você — Aponto para Lily e Rose — em particular. Obrigado.

Da mala, Daisy olha para mim. — Sinto muito pelos trajes de banho. Foi só uma brincadeira, honestamente. Toma. — Ela joga uma nova sacola de compras para mim, e eu hesito, principalmente porque vejo o quanto Daisy quer que eu fique bem com ela aqui. Ela não quer incomodar ninguém, já que está basicamente invadindo nossas férias de primavera. E acho que se dissesse a ela que ela não é bem-vinda, ela embarcaria no próximo voo sem discutir.

Antes de procurar no saco plástico, mantenho meu olhar fixo em Rose, que tem mais influência sobre se Daisy ficará ou não em Cancun. — O que acontece quando um cara oferecer uma bebida a ela?

— Vou recusar — Responde Daisy. Ela balança na ponta dos pés, preparada para responder a mais perguntas.

— Você vai beber? — Pergunto a ela.

— Se te incomoda, então não.

Meus músculos se contraem. Não gosto da ideia de as pessoas ficarem sóbrias só porque eu estou. Isso é ridículo. — Isso não me incomoda, mas você é menor de idade, Daisy, mesmo no México.

— Desde meus quatorze anos, minha mãe sempre me deixou beber durante as férias. Pergunte a Rose.

Rose desliga a prancha e escova o cabelo brilhante. — Apenas as bebidas frutadas — diz. — E só porque mamãe confiou em você para não enlouquecer.

— Eu não vou — diz Daisy. — E se isso faz você se sentir melhor, não vou beber nada.

Balanço minha cabeça e mostro uma carranca profunda. Não tenho certeza de qual é a chamada certa. Sei que a maioria das crianças bebe aos dezesseis

anos. E não gostaria de mimá-la só porque sou alcoólatra. Mas vinte e um anos é a idade mágica segura ou algo assim? Não sei.

Eu gemo internamente. Ela pode não ficar aqui, então isso nem importa. — O que acontece se ela sair do nosso grupo, Rose?

— Ela não vai — Retruca Rose. — Não vou deixar Daisy sozinha em um país estrangeiro. Embora a rotina do irmão mais velho seja lisonjeira, Loren, ela tem duas irmãs em Cancun que cuidam dela tanto quanto, se não mais. Ela está segura conosco.

Observo Lily olhar entre mim e Daisy, e vejo a preocupação tão aparente em seu rosto. Ela quer sua irmãzinha aqui tanto quanto Rose. Talvez queiram passar um tempo com ela, para se reconectar de uma forma que não faziam há muito, muito tempo. E se Daisy puder colocar um sorriso no rosto de Lily, talvez o aborrecimento valha a pena.

— OK — Assinto.

— Tem certeza? — Pergunta Daisy. — Se você está chateado, então eu posso ir...

— Não — Rose interrompe.

Olho para ela. — Tão feliz em saber que você considera meus sentimentos, Rose. Agora sabemos quem é a irmã mais legal.

— Pensei que era eu — Lily canta com um sorriso tímido.

— Você é a melhor em tudo, amor, isso é implícito e verdadeiro.

Ela morde o lábio, e eu praticamente posso ouvi-la cantando para eu ir até lá e beijá-la. Eu gostaria, mas Rose está abrindo buracos na minha testa.

— E quanto a Connor e Ryke? — Daisy pergunta hesitante.

— Connor não vai se importar — Rose diz a ela.

Ryke vai. Eu lanço a ela um sorriso reconfortante que parece um pouco falso para mim. Só espero não estar fazendo careta. — Se Ryke não for bom para você, então, eu vou cuidar dele. — Na verdade, recorro a Rose em busca de aprovação, sem saber por que a aprovação dela significa tanto para mim. Mas ela assente em agradecimento, ou o mais próximo possível do sentimento que aquela garota pode ter.

— Obrigada, Lo — diz Daisy.

Lily se levanta e se aproxima de mim. Eu envolvo um braço frouxamente em torno de seus ombros enquanto ela afunda em meu corpo. Este é um abraço que deveria se transformar em algo mais. Posso senti-la ansiando por

isso enquanto seus dedos cavam mais fundo na minha cintura. Mas ela não pode. Só espero que aguentem uma semana sem sexo. Ela precisará se satisfazer com beijos. Enquanto as pessoas normais tomam um beijo como afeto real, Lily vê isso como nada mais do que uma provocação se não for o meio para uma boa foda.

Esfrego suas costas enquanto vasculho o saco plástico com uma mão. Encontro três trajes de banho masculinos apropriados em preto e azul-marinho. — Essas são as únicas outras sungas que você comprou? — Pergunto a Daisy, um pensamento perverso cruzando minha mente.

— Sim. São ruins? — Ela vem para o meu lado e espia dentro da sacola. — Essas da *Ralph Lauren* devem servir.

— Eu sei. Só estou pensando que você só comprou duas delas... para mim e para Connor. — Todas elas percebem meu estratagema.

Rose balança a cabeça repetidamente, mas Lily está balançando a cabeça ferozmente. Os lábios de Daisy se abrem em um sorriso tortuoso, definitivamente pronta para um pouco de diversão inofensiva.

Se Ryke e eu vamos ser irmãos, posso começar a colher os benefícios. E começa com uma brincadeira.

CAPÍTULO 20

Loren Hale



Demos um passo para a praia e pensei que meus olhos iam explodir. O sol era inevitável, quente demais até para respirar direito. E todas os guarda-sóis são servidos por ordem de chegada, então temos que acordar mais cedo para pegar um amanhã. Acabamos encontrando sete espreguiçadeiras ao redor da piscina lotada. Na descida do elevador, Daisy me perguntou novamente se estava tudo bem se ela bebesse perto de mim. Pessoalmente, sinto-me pior se as pessoas pararem de se divertir por minha causa. Já forcei Connor a pedir vinho, ‘sua bebida preferida’, em diversas ocasiões.

Mas achei que seria um pouco mais criativo em minha resposta a Daisy, já que ela tem dezesseis anos e ainda estou tentando entender o que é apropriado para adolescentes. Eu disse a ela que não me importava se ela bebesse, mas ela não deveria beber mais do que Rose. Na verdade, ela deveria tentar soltar Rose esta semana. Se há algo que eu pagaria para ver, é Rose Calloway bêbada.

Daisy concordou facilmente. Ela parece querer agradar outras pessoas, e eu me pergunto quanto de sua vida foi dedicada a apaziguar sua mãe.

Daisy e Rose nadam na piscina com *piña* coladas nas mãos. Uma envolvente fonte de pedra inunda uma alcova circular onde fica um bar ao lado da piscina, mas estamos a uma boa distância dessa área lotada.

Ryke sai da piscina e acena para o resto de nós que estamos parados na água. Lily é a única em terra firme.

Ela está deitada sozinha em uma espreguiçadeira, não querendo se juntar a

nós. Entendo. Ela se tocou na primeira noite, e tenho dito repetidamente a ela que ela não vai fazer sexo esta semana. Agora, estamos em uma piscina com caras *seminus*, eu *seminu*.

Consigo identificar vários casais tateando debaixo dos guarda-sóis, e até mesmo alguns juntos na água, se agarrando, a língua do cara no fundo da garganta da garota. Também não há vergonha nisso. E acho que ela provavelmente está com inveja disso também.

Ela anseia muito por sexo, e eu entendo querer adormecer com a música e tirar uma soneca ao sol. Então, deixo-a ter seu espaço e tento conversar com nossos amigos.

— Vou comprar alguns tacos — diz Ryke. — Se você quiser comer um, é melhor vir comigo. — Ele está confiante em seu manquín *rosa-choque*. Quando eu disse a ele que era a única roupa que restava, ele literalmente deu de ombros e o vestiu. Pele bronzeada, abdômen sarado e estiloso — ele instantaneamente parecia legal mesmo usando aquela maldita coisa. E as garotas que jogavam vôlei aquático até olhavam boquiabertas para a bunda dele.

Essa não é exatamente a reação que eu estava procurando.

Melissa nada até a borda e sai, sempre ligada a Ryke de alguma forma. E sempre que ela é forçada a se desvencilhar dele, seu humor muda. Uma parte em mim se pergunta se é assim que Lily e eu parecemos quando estamos na companhia de outra pessoa — entediados e irritados. Provavelmente. Acho que é algo em que estamos trabalhando.

— Preparado? — Ela pergunta, enganchando o mindinho com os dedos dele.

Ele solta a mão dela e acena para a piscina novamente. — Calloway — Ele chama. Todas as três garotas se viram para olhar para ele, até mesmo Lily na cadeira. Ele revira os olhos e aponta para a loira alta. — Daisy. Você vem?

Ela balança a cabeça e chupa o canudo de sua *piña* colada. No almoço, todos nós comemos pizza artesanal, mas Daisy escolheu uma salada. Acho que é um sucesso ela estar tomando uma bebida de frutas que contém uma tonelada de calorias, mas conhecendo Ryke, ele sem dúvida acredita que o álcool é o equivalente a casca em uma pirâmide alimentar.

— Vamos — Ele cutuca, gesticulando para que ela o siga. — Você vai gostar do taco, eu prometo.

— Provavelmente vou — diz ela, —, mas isso ainda não significa que eu deva comê-lo.

Melissa agarra a mão de Ryke e começa a puxá-lo para a grade externa atrás de um conjunto de palmeiras. — Ela não quer um taco — diz ela, puxando-o como uma criança faria com um pai. — Vamos.

A mandíbula de Ryke trava, e acho que ele tentaria convencer Daisy até que ela cedesse, mas não com Melissa puxando seu braço. Então, ele sai com esse fracasso. Ryke se intrometer nos problemas dos outros não é novidade. Não me surpreende que ele se interesse pela dieta de Daisy, que ela mantém apenas para agradecer a mãe – sei disso desde que ela começou a modelar.

Connor segura um mojito na mão e observa Melissa desaparecer atrás das palmeiras com Ryke. — Ele vai se arrepender de trazê-la.

— Ele já se arrependeu — digo. Não pensei que estar perto do álcool me afetaria tanto. Minha atenção se concentra no copo de plástico e preciso de muita energia para me concentrar em outras coisas. Como a vida sexual do meu irmão, não que eu me importe muito com isso.

— O que você fez no ano passado nas férias de primavera? — Connor pergunta.

Eu esforço minha mente e balanço minha cabeça. — Não consigo me lembrar. — Tenho certeza de que passei minhas noites em um bar enquanto Lily transava com outros caras. Nossa velha rotina. É tudo tão nebuloso que até mesmo tentar rastejar de volta pelas memórias é como caminhar pela névoa. — Provavelmente algo estúpido — Murmuro.

Connor entende a dica e não insiste. — Se isso faz você se sentir melhor, minhas últimas três férias de primavera foram no Japão tentando convencer investidores-anjo a capitalizar na Cobalt Inc.

Soltei uma risada curta. — Agora eu me sinto como um perdedor fracassado.

— Eu tentei — diz ele com um sorriso casual.

Rose nada até nós e me dá uma cotovelada nas costelas.

— Olá, Rose — digo com uma careta.

Ela aponta para nossas espreguiçadeiras onde Lily está deitada.

— Você vê o que ela está lendo? — Rose me pergunta, ainda sem falar nada.

Eu franzo a testa e estudo Lily. Com certeza, em suas mãos está uma

revista *Cosmo*. — Onde ela conseguiu isso?

— Daisy provavelmente comprou no aeroporto.

— Ela não tem permissão para ler revistas inúteis? — Connor pergunta.

Rose inclina a cabeça como se ele tivesse feito uma pergunta estúpida. — Não aquelas que descrevem posições sexuais e têm histórias de romance por trás.

Levanto meus olhos para ele. — Você nunca leu *Cosmo* antes?

— Nunca precisei conhecer as cinquenta melhores maneiras de dar prazer a um homem.

Eu jogo água nele, e ele solta uma risada, e eu realmente sorrio. Nado até a borda, sabendo muito bem que se eu tivesse *whiskey* hoje, nada teria me impedido de proferir uma resposta mordaz. E pela primeira vez, eu realmente sinto que consegui algo.

Pulo para fora da piscina. Lily nem me vê chegando, muito imersa em uma revista devassa.

CAPÍTULO 21

Lily Calloway



Cinco brinquedos sexuais perfeitos para viajar. Meu pequeno vibrador bala sobreviveu ao ladrão-imitador-carregador desde que o guardei na bolsa, mas há uma pequena chance de usá-lo a qualquer momento esta semana.

A calcinha vibratória até entrou na lista. Eu também as tenho (em casa), mas nunca experimentei. Eu viro a página e caio nas dicas de sexo dos caras. Algumas me fazem rir, enquanto outras são realmente úteis. Folheio a lista e sorrio com o conselho de Brett, 24. *Molhe seus lábios. Então me diga que mal pode esperar para me provar.* Obrigado, Brett, por fazer parecer que as garotas têm que fazer boquetes para agradar um cara. Não é verdade. Na verdade, se eu não gostasse de pagar boquete a Lo, não o faria.

— Ei.

Dou um pulinho com a voz e pressiono a revista no meu peito, corando em um tom rosado. Relaxo quando vejo que é Lo, pingando em sua sunga. Eu tento me concentrar em seu rosto e não em seu corpo, mas até mesmo a mandíbula marcante e o cabelo escuro e molhado parecem extremamente sexies agora.

Eu lambo meu lábio inferior e digo: — Mal posso esperar para provar você.

Ele estreita os olhos, sem graça, e pega a revista de mim. Meus ombros relaxam quando seus olhos voam sobre a página. Eles rolam dramaticamente quando ele lê o conselho de Brett. Lo dobra a revista na mão e se senta no pé

da poltrona. Percebo que provavelmente não vou conseguir aquela *Cosmo* de volta.

— Não é pornô — Defendo imediatamente.

— Você ainda não deveria ler. Você está tentando passar um dia sem pensar em sexo, e folhear uma revista que destaca as dez melhores maneiras de transar com alguém não vai ajudar.

Eu apenas assinto, e então meus olhos se desviam para Ryke, que caminha de volta para a nossa área com um taco embrulhado em papel alumínio. Ele lambe os dedos, então presumo que já tenha comido um no caminho para cá. Melissa diz algo e sai do lado dele, voltando para o quarto do hotel. É estranho que ela o tenha abandonado quando deixou claro que ele é a única razão pela qual ela aguenta o resto de nós.

Meu olhar se desvia para o manquín rosa brilhante que não deixa nada para a imaginação. Ele preenche muito bem. Um movimento errado e tudo pode simplesmente aparecer. — Esse tipo de tiro saiu pela culatra, não? — digo a Lo com um sorriso.

Lo coloca a mão na minha panturrilha nua, o que provoca arrepios na minha espinha. Mesmo o toque mais simples agora, eu cobiço. — Como poderia saber que ele ficaria tão confortável usando uma tanga? — Lo diz alto o suficiente para Ryke ouvir quando ele se aproxima. — Só somos irmãos há quatro meses.

— Somos irmãos há vinte e um anos — Refuta Ryke. Ele se senta na borda da piscina ao lado da nossa cadeira, enfiando os pés na água. — Você só soube sobre mim há quatro meses.

— E isso deveria me fazer gostar mais de você?

Ryke dá um sorriso seco e acena com a cabeça para a revista na mão de Lo. — Leitura de praia?

Lo joga a revista no cimento molhado ao lado de Ryke. — Aqui, talvez você possa aprender a chupar Melissa. Ela parece incrivelmente descontente com você.

— Eu posso lambê-la muito bem. Não é por isso que ela está brava.

Afasto os olhos da mão que Lo mantém plantada em meu tornozelo. Eu gostaria muito que seus dedos corressem até minha coxa. Especialmente depois de toda essa conversa sobre sexo. — Por que ela está chateada?

— Pelo mesmo motivo que você.

— Ela é uma viciada em sexo também? — Eu digo brilhantemente. Não sou a única. Uau, isso é bom.

— Não, ela é apenas uma garota normal com tesão.

Oh, maldito. Meus ombros caem.

Lo começa a esfregar minha panturrilha. *Isso* é ainda melhor. Eu afundo contra o encosto da cadeira, relaxando. Lo mexe no celular por um momento, e observo Ryke fazer gestos para Daisy na piscina sem chamar o nome dela.

Ela nada até ele na parede da piscina e, como ele se senta fora d'água, se eleva a ela e se curva ligeiramente para olhar para Daisy. Ele estende o taco para ela.

Ela coloca o copo vazio ao lado da revista ensopada. — Eu pensei que você disse que eu só poderia comer um taco se eu fosse com você.

— Estou abrindo uma exceção.

Seus olhos piscam entre o taco e Ryke, e eu não gosto de onde isso está indo. Isso me lembra da vez em que ele a tentou com um pedaço de bolo de chocolate. Ela comeu, mas só depois de uma série de eventos inapropriados. Lo não viu isso. E ele está muito concentrado em seu telefone para olhar para cima e assistir Daisy e Ryke.

Mas talvez... talvez esteja tudo na minha cabeça. Quero dizer, meus pensamentos giram em torno de sexo o tempo todo. Talvez nesses últimos três meses sem Lo, o tempo que passaram juntos tenha sido inocente e não tão ruim quanto eu acreditava. E quero que Daisy coma aquele taco.

— O que você vai fazer por mim se eu comer isso? — Daisy pergunta, um sorriso intrigante levantando seus lábios.

— Estamos negociando agora?

Ela nada um pouco mais perto dele, os ombros na mesma altura dos joelhos dele. — É justo. Você quer que eu faça alguma coisa. Então, acho que devo receber algo em troca.

— Você obtém os nutrientes dessa porra de taco — Ele diz a ela. — Isso é uma vitória para todos.

Ela se esforça para não sorrir e apenas balança a cabeça. Oh, ela aprendeu a jogar seus jogos desde a última vez. Eu deveria acabar com isso, acho. Mas estou hipnotizada por suas brincadeiras fáceis.

— O que você quer? — Ele pergunta.

Cutuco Lo com meu pé. Ele precisa ver isso! Eles estão prestes a fechar

um acordo que não vai ser bonito. Eu tento encontrar Rose e Connor também, mas eles foram para o bar ao lado da piscina.

Lo relutantemente afasta seu telefone e segue meu olhar, observando minha irmã e seu irmão.

E então o sorriso malicioso de Daisy vacila. — Não sei o que quero — Ela percebe.

— Bem, isso é um problema.

Lo me dá um olhar tipo, *por isso que você está enlouquecendo?* Realmente? Está tudo na minha cabeça, não?

— E eu não tenho tempo para você descobrir isso — Ryke diz a ela. — O taco estará frio até lá. — Ele retira a folha de alumínio e estende a ponta para ela. — Vamos, só uma mordida. — Seu tom não é gentil ou suave. É áspero e forte, algo com o qual Daisy não está acostumada, eu acho. Sua curiosidade brilha em seus olhos.

Daisy olha para Ryke por um longo momento. — Por que você quer tanto que eu coma isso?

— Porque seu corpo precisa de algo mais do que uma mistura de rum, gelo e *piña* colada.

— Minha agência discordaria.

— Sua agência é uma merda — diz ele.

— Você tentaria fazer todas as modelos comerem bolo, não?

Ele não nega.

Ela sorri. — Você sabe que elas simplesmente vomitariam depois.

— É melhor não...

— Não sou bulímica — diz ela. — Nem sou anoréxica. Só sei o que devo e o que não devo comer. E acredite em mim, quando não estou contando os dias para uma sessão de fotos, vou me esbaldar. Mas eu tenho uma passarela em três semanas. Todo mundo vai beliscar minha gordura, e você não vai estar lá para ver seus olhares desapontados e descontentes. Eu vou.

— Eu acho — Ryke diz lentamente, tentando processar as palavras — que você precisa perceber que este taco não vai adicionar um centímetro na sua cintura. Se você tem tanta força de vontade quanto diz, comer isso não fará com que você coma amanhã.

Eu meio que quero bater palmas. Na verdade, ele faz todo o sentido, e Daisy contempla toda a sua declaração com grande consideração. E então ela

acena em aceitação.

— OK — diz ela. — Mas só uma mordida.

— A menos que você adore.

— Como eu disse...

— *Você gosta de muitas coisas, isso não significa que você deva comê-las*

— Finaliza. — Eu te ouvi.

— Você escuta — diz ela zombeteiramente. — Que tipo de cara você é?

— O tipo raro.

Meus ombros ficam tensos. Eles estão flertando? Lo vê isso? Ele está observando, mas não consigo ler sua expressão. Seus músculos, no entanto, se contraem.

— Tudo bem — diz Daisy, olhando para o taco. — Eu vou comer.

— Pare de falar sobre isso e faça — diz ele.

Ela coloca uma mão em sua perna e a outra em seu pulso enquanto ele estende o taco. Ela se inclina para frente para dar uma mordida, e eu juro, seus olhos se conectam com os dele o tempo todo. Há algo incrivelmente sujo sobre isso – eu vejo, mais alguém?

Lo não diz nada.

Quando ela dá uma mordida, seus olhos se fecham e ela solta um gemido audível. — Oh, meu Deus — Ela murmura, mastigando.

Ryke mostra um sorriso satisfeito, como se tivesse ganhado o prêmio de melhor, vendo-a feliz (ou fazendo um barulho de orgasmo, não faço ideia). Molho escorre em seu queixo, mas sua cabeça está inclinada para trás, muito absorta na felicidade da comida para perceber. Ele usa o polegar para limpar o molho logo abaixo do lábio dela.

— Bom, concorda?

Ela engole. — O melhor.

OK, talvez eu seja a única processando o evento de maneira fálica. Ryke e Daisy agem como completamente inocentes sobre toda a provação. Talvez eles nem percebam como tudo era sexual. (Pelo menos não era um cachorro-quente.)

— Aqui. — Ele estende o resto do taco.

Surpreendentemente, Daisy aceita a comida, tirando o papel alumínio de suas mãos. — Obrigada — diz ela em apreciação genuína. E então ela nada em direção a Connor e Rose.

Lo abre a boca e me pergunto se ele está prestes a castigar Ryke. Mas como ele pode quando Daisy comeu algo saudável pela primeira vez? Isso tem que ser uma vitória, certo? Antes que Lo diga alguma coisa, Melissa volta e todos nós ficamos quietos. Bem, tecnicamente Lo e eu já estávamos quietos, mas o ar se estica de uma forma desconfortável.

Melissa se senta ao lado de Ryke no cimento, e ela inclina um ombro para ele. Ele envolve seu braço em torno dela.

— As empregadas terminaram com o nosso quarto — Ela diz a ele, praticamente piscando.

Foi para lá que ela foi, para verificar a situação do *nosso* quarto? Se não posso fazer sexo lá, por que ela pode? Eu olho para Lo em busca de respostas, mas seu olhar está permanentemente fixo em Ryke.

— Já falei com você sobre isso — Ryke diz calmamente.

— Sim, mas os banheiros públicos são tão nojentos. — Ela olha para Lo e para mim. — Vocês não se importam se ficarmos brincando por alguns minutos na sala, certo? Vamos ficar com a cama.

— Daisy vai dormir na cama esta noite — Eu a lembro. Daisy se ofereceu para dormir no chão, não querendo estragar nossos arranjos com sua chegada inesperada, mas Ryke se recusou a deixá-la cair no chão. Ele foi bom o suficiente para pegar o pior lugar.

— Então vamos usar o sofá — Ela diz com um encolher de ombros. — Vocês dois são livres para voltar e se divertir quando quiserem. Sério, isso não me incomoda. — A esperança surge através de mim. Esta é a minha oportunidade de fazer sexo ainda esta semana. Bem quando estou prestes a dizer a ela para ir direto para o quarto, Ryke tem que falar.

— Incomoda Rose e Connor.

Seu rosto cai. — Oh.

Um silêncio constrangedor encharca o ar, e Daisy nada para cortá-lo. — Rose e Connor estão brigando — Ela exclama. Ela levanta o corpo para fora da piscina e se senta na cadeira ao meu lado. — É meio assustador. Não entendo metade das palavras que saem de suas bocas. — Seu cabelo parece quase castanho agora que está molhado. Ela o torce nas mãos.

Eu olho para o bar ao lado da piscina. Com certeza, Rose e Connor se enfrentam, suas bocas se movendo em uma sucessão tão rápida que parecem estar em uma equipe de debate. As pessoas ao seu redor assistem com

diversão e até admiração.

— Alguém quer um refil? — Melissa pergunta. Ela se levanta e acena com o copo vazio.

— Eu poderia tomar um daiquiri — diz Daisy.

— Virgem, certo?

Daisy nem pisca. — Não, estou bebendo rum.

— Eu realmente não tolero o consumo de álcool por menores de idade. Você tem o quê, dezessete anos?

— Dezesesseis — diz, ainda não afetada pelas palavras ousadas de Melissa.

— Em alguns países, tenho idade suficiente para me casar e ser vendida para a prostituição, então, ei, acho que algumas bebidas não vão necessariamente me matar.

— Bem, a vida é diferente aqui. Estamos na América.

— Na verdade, estamos no México.

A garganta de Melissa balança, mas ela tenta afastar sua confusão com um encolher de ombros. — Sim, tanto faz.

Ryke dificilmente reprime seu sorriso, e quando ele encontra o olhar de Daisy, ela olha para ele tipo, *you are going to be in trouble*.

Ryke não se importa com o que alguém pensa dele, até mesmo sua namorada.

Melissa coloca a mão no quadril. — Quer alguma coisa, *querido*? — Ela pergunta a Ryke com um pouco de força.

Ele não bebe. Todos nós sabemos disso e, portanto, seu movimento de poder é completamente óbvio.

— Não, estou bem — diz. Quando ela desfila em seu biquíni preto, Daisy inclina a cabeça, observando a bunda de Melissa quicar por todo o caminho até a cabana tiki. — Ela tem uma bunda bonita.

— Sim? — Ryke diz casualmente, olhando para Daisy enquanto ela observa Melissa.

— Ah, sim — diz Daisy. — Mas eu colocaria minha bunda na disputa também. — Acho que ela está testando Ryke.

Lo fica rígido ao meu lado e espera para ver como seu irmão vai reagir. *Pare com isso, Ryke* – posso ouvir Lo recitar em sua cabeça. Ou gostaria de *pensar* que posso ouvi-lo. Ainda não desenvolvi esse superpoder.

— A bunda dela é melhor. Desculpe — Ele diz, mas ele nunca olha para

Melissa. Daisy roubou sua atenção.

Ela dá de ombros. — Você provavelmente está certo, mas se eu tivesse que classificar as bundas, a de Rose seria a número um. Ela tem o melhor cabelo também.

— Seu cabelo é bonito — Lo diz a ela.

— Não — Ryke o avisa com um aceno de cabeça. Se Daisy está insegura com alguma coisa, é o cabelo que ela não pode cortar ou pintar, de acordo com as regras de sua agência.

O rosto de Lo se aguça, ressentido por Ryke saber mais do que ele. Estar fora do circuito por três meses tem sido uma desvantagem. Ryke viu exatamente o que aconteceu quando Lo estava na reabilitação. Lo não.

Eu corro para o pé da cadeira e descanso minha cabeça na curva de seu ombro. Ele me puxa para seus braços. Mas minha presença não é suficiente. Não posso devolvê-lo todos aqueles dias que ele perdeu.

— Meu cabelo é bom — diz Daisy. Mas ela o trança inconscientemente. Então ela se levanta e põe os pés na beira da piscina. Ela espirra na água e, surpreendentemente, Ryke se junta a ela, caindo. Ele emerge e passa a mão pelo cabelo molhado. Ambos se agarram à parede, de frente para nós.

— Ela é boa de cama? — Daisy pergunta a ele.

Meus olhos se arregalam como pires.

— Por que, você quer transar com ela? — Ele pergunta.

— Claro, por que não? — diz Daisy. Mal posso dizer que ela é sarcástica, e Lo range um pouco os dentes. Ryke, no entanto, acha isso muito divertido.

— Então pegue ela, Daisy. Ela é toda sua.

— Você simplesmente abandonaria sua namorada assim — Daisy diz com um estalar de língua.

— Ela não é minha namorada. Estou apenas de passagem.

— Uau — diz Daisy categoricamente. — Espero, para o bem dela, que ela saiba disso.

— Ela sabe, mas eu posso ter prometido a ela uma semana de sexo alucinante em troca de abandonar seu time de vôlei. — Não é de admirar que ela esteja tão grudenta.

— É melhor você encontrar uma maneira de cumprir sua parte no acordo

— Daisy diz, seu olhar além de nossas cadeiras. Viro minha cabeça e vejo Melissa vindo com duas bebidas.

— Por que isso? — Ryke pergunta.

— Se é assim que ela parece irritada agora, imagine como ela estará no sétimo dia de abstinência. — Por alguma razão, só vejo meu rosto angustiado, e maníaco olhando para mim. — Estou feliz por não ser você — Daisy diz a ele com uma risada.

Ele lhe dá um sorriso amargo e então coloca a mão na cabeça dela, submergindo-a na água. Ela espirra por baixo, tentando emergir.

Lo balança a cabeça para ele.

— O quê? — Ele diz.

— Você está andando em uma porra de linha fina.

— Sempre estou, irmãozinho. — E então ele solta Daisy para que ela possa respirar. Quando sua cabeça rompe a superfície, ela cospe um bocado de água bem no rosto de Ryke.

Ele joga água nas costas dela e, debaixo d'água, Daisy deve enganchar o tornozelo no dele porque ele quase escorrega para trás. Em vez disso, ele a agarra para ficar acima da água.

— Ei — Melissa diz. Pequenos guarda-chuvas colocados em ambas as *piña* coladas. Ela examina Ryke e Daisy, do jeito que Ryke basicamente a abraça na água, mas é realmente acidental. Ou então eu continuo dizendo a mim mesma. Isso me faz sentir melhor sobre a situação.

Ryke se afasta de Daisy e ela nada até a beirada onde nos sentamos. Ambos parecem completamente inocentes novamente, como se nenhum flerte tivesse acabado de acontecer. Talvez não. Talvez eu seja apenas a pervertida, pensando demais com meu andar de baixo.

Sim, deve ser isso.

Daisy estende a mão para a bebida.

— É um daiquiri virgem — diz Melissa, passando-lhe a mistura branca e pastosa.

— Oh. — Daisy segura o copo de plástico transparente. — Por que isso?

— Eles não me entenderam quando fiz meu pedido. Estamos em um país estrangeiro. — Não sei dizer se isso é um estratagema para manter Daisy sóbria, mas não vejo o que ela teria a ganhar com isso.

Daisy caminha com seu corpo para fora da água e fica de pé na borda, encharcada. Ela está pingando água no pé da minha cadeira e olha para Ryke.

— Como se diz em espanhol, *sem bebidas virgens*?

Melissa franze a testa. — Como ele saberia?

— Ele é fluente — diz Daisy. Ela descobriu isso durante seus doces dezesseis anos em Acapulco. Ryke tem proficiência em espanhol devido à sua educação na escola preparatória.

Ele sai da piscina e pega o copo dela. — Vou pedir uma porra de uma bebida. Espere aqui. — Ele sai, e seja lá o que Melissa esperava que acontecesse, não era isso. Ela faz beicinho, o que é uma combinação assustadora.

Embora adore o fato de não ser a única que ficará sexualmente frustrada esta semana, Melissa é como uma tempestade esperando para cair. E com Lo sendo cercado por bebidas intermináveis e a ameaça do chantagista ainda persistente, esta viagem oscila à beira do caos.

Minha única esperança é que Rose e Connor, as duas pessoas sensatas do nosso grupo, possam nos manter à tona. Meu olhar atinge a piscina novamente. Eles ainda estão brigando.

Deus nos ajude.

CAPÍTULO 22

Lily Calloway



O sono odeia viciados. Pelo menos essa é a minha teoria sobre o assunto. Enquanto todos estão bem descansados e partindo para explorar o México, Lo e eu temos que nos arrastar para fora da cama.

Meus músculos congelados mal se movem quando uma explosão de água me encharca no chuveiro morno. Eu levanto meus braços meio adormecidos para esfregar o shampoo no meu cabelo, e me pego apoiando um quadril contra a frieza da parede de azulejos para apoio extra.

Dormir até tarde significa ter o quarto só para nós. Não fizemos sexo (e não planejamos), mas a privacidade é boa por um tempo.

Enquanto enxágua o shampoo, a porta do banheiro se abre com um rangido. Mesmo sabendo que Lo é o único que ainda está no hotel, eu me agarro à parede de azulejos, me perguntando se a névoa esconderá magicamente meu corpo nu.

Vejo Lo através da porta de vidro do chuveiro, não há névoa suficiente para me esconder. E se posso vê-lo, certamente ele pode *me* ver. Até tenho um vislumbre de suas maçãs do rosto afiadas e sorriso diabólico, seus olhos voando até os meus por um breve momento. Então ele se vira para a pia.

Minha mente muda para o modo imaginação. Pensando em todas as maneiras que ele pode me ter.

— Bom dia, amor — diz, olhando-me através do espelho. Ele passa as mãos pelos cabelos castanhos desgrehados.

Isso não está ajudando.

— Você poderia ter batido — digo enquanto ele tira a camiseta. Seus músculos ondulam em seu peito, e ele ainda tem aquelas saliências definidas que levam até seu pênis. — Ou, você sabe, anunciar sua entrada como eles fazem em *Downton Abbey*.

Ele tira sua calça de cordão, agora completamente nu. Ele caminha em direção à porta de vidro do chuveiro e para. E então ele bate na porta.

Fico petrificada na parede de azulejos.

— É Loren Hale — Ele diz, um sorriso se espalhando em seus lábios. — Posso entrar?

— Não podemos... — Eu hesito. *Não. Não quero terminar essa frase.*

— Não podemos tomar banho juntos? — Ele diz incrédulo. — Quem disse? — *Ninguém. Definitivamente não foi eu.*

— Você pode entrar, mas devo avisá-lo que a água está sendo teimosa. Há momentos em que fica fria, apesar das minhas exigências.

Ele abre a porta de vidro. *Não olhe, Lily.* Meus olhos despencam contra sua nudez, e uma vez que estou olhando, não consigo parar. Lugares cheios de sensibilidade pulsam enquanto o imagino dentro de mim. Seus dedos pressionam contra meu queixo, levantando meu olhar.

— Se for preciso, tomo banho de sunga — diz.

Balanço minha cabeça ferozmente. — Tudo bem. Não vou olhar. Mas mesmo enquanto digo as palavras, impulsivamente olho para baixo. *Merda.* A força magnética puxa e meus olhos me traem por uma fração de segundo. Eu olho para cima e jogo minhas mãos no ar. — Essa é a última vez! Juro!

Seus lábios se erguem em diversão antes que ele dê um passo para o lado para pegar a toalha e o sabão da borda. Agora, tenho uma visão perfeita de sua bunda.

— O mesmo vale para a minha bunda — diz ele com uma risada tímida, ainda de costas para mim. A leveza e o humor em sua voz relaxam meus ombros.

— Gosto da sua bunda — digo a ele enquanto ele se vira para me encarar, com uma toalha na mão.

— Eu sei que gosta — Ele murmura. Ele entrelaça seus dedos com os meus e me puxa para seu corpo. Minha coxa roça em seu pau e a respiração fica presa na minha garganta. — Você está bem, Lil — Ele sussurra. Não é assim que parece.

Ele passa o pano pelos meus braços e entre meus dedos, ensaboando minha pele. Estou hipnotizada pelos movimentos lentos e demorados. O pano desce até minha barriga e sobe até meus seios, envolvendo cada um deles com cuidado meticuloso. Eu cambaleio um pouco para a frente e agarro seu braço.

— Calma — Ele respira. — Pense nisso como um teste.

— Tomar banho com você? — Meus olhos se arregalam.

— Tomar banho comigo — Ele confirma com um aceno de cabeça —, sem sexo no final. Eu vou lavar você e depois você pode me lavar, OK?

Não sei o que dá em mim. Eu só... não acho que isso seja real. Então, eu estendo a mão e belisco seu braço.

Ele se encolhe. — Que diabos? — E ele retrai as mãos. Não, volte!

— E-eu estava me certificando de que não era um sonho — Explico. — Desculpe! — Eu me inclino e dou dois beijos suaves na pele avermelhada.

Seu peito sobe e desce com gargalhadas. — Você deveria se beliscar, idiota — Ele me diz.

Oh, certo. Aperto a pele acima do meu cotovelo. Ai, *isso* dói.

Ele me puxa de volta para seu peito, e suas mãos deslizam lentamente pelos meus braços, iluminando cada parte em mim. Seus olhos piscam para os meus. — Eu sou real o suficiente para você?

Querido Deus, sim.

Ele fala com facilidade enquanto volta a ensaboar meu corpo, como se não tivesse apenas me coberto com a sedução de Loren Hale. — Hoje podemos fazer coisas turísticas sozinhos juntos. O que você quiser.

São nossas primeiras férias em que Lo está sóbrio e eu, em recuperação. Em nossa última viagem sozinhos, passamos o final de semana em Praga. Nunca chegamos a um museu ou ao Castelo de Praga. Lo não me deixava vagar pelas ruas sozinha, então nosso tempo era gasto no bar do hotel, onde eu podia pegar um cara e ele podia beber sem que morrêssemos no processo. Agora, a memória parece triste. Perdemos todos os aspectos bons de viajar.

— Deveríamos ver as ruínas maias — digo, a excitação borbulhando em meu estômago. — Ah, e tartarugas! Quero ver tartarugas.

— Parece um encontro.

Um encontro. Um encontro em um país estrangeiro com meu namorado. Um encontro em um país estrangeiro com meu namorado *sóbrio*. Parece incrível.

Ele então a toalha desce e todos os meus pensamentos voam direto do cérebro. Eu seguro os braços de Lo enquanto ele esfrega o pano no local entre minhas pernas. Dói por um toque mais profundo, por meu corpo explodir com aquela euforia familiar. Mas eu me lembro de algo: Isto. É. Um teste.

Pretendo passar. Não importa o quão difícil seja. Concentro-me em seus olhos e não em suas mãos. — Ei, namorado — digo facilmente, testando a palavra. Eu raramente digo isso em voz alta na cara dele. Talvez isso me distraia.

— Ei, namorada — Ele responde. — Você está bem? — Suas sobrancelhas se erguem, um pouco provocante. Acho que às vezes ele entende meu estado físico melhor do que eu.

A toalha sobe, deixando minha carne macia, e eu aceno em resposta, as palavras escapando da minha cabeça. A água permeia nossa pele e nos acaricia com seu calor, me provocando a levá-lo para todos os lados. Mas não vou. Minha vida sexual está nas mãos dele. Não vou pular nele. Não vou colocar uma perna em volta da cintura dele. Estou me contendo. De boa vontade.

Sinto-me um pouco bem com o fato.

O chuveiro escolhe ter um episódio maníaco, a água jorrando em jatos gelados.

Putá merda!

Eu grito e raspo o corpo de Lo para evitar o jato frio. *Tanto para não pular nele.*

Seus pés escorregam nos ladrilhos molhados e ele quase cai. Mas ele recupera o equilíbrio e se endireita, seus braços envolvendo meus quadris para me impedir de cair.

Eu apenas percebo que meus braços estão em volta de seus ombros e minha perna está definitivamente no meio de sua cintura. A posição não é tão inocente. Mas qualquer excitação é sufocada por Lo. Ele está rindo pra caramba, sua voz ecoando no chuveiro.

Ele não pode parar. Sério.

— Não é engraçado. Este chuveiro é um demônio — digo.

Ele tenta esconder o sorriso, mas não consegue. — Se você tem medo de um pouco de água fria, como vai acariciar tartarugas?

— Eu não vou *acariciar tartarugas* — digo, abaixando minha perna no

chão. — Eu só quero acariciar as fofas.

Ele me passa um frasco de shampoo da borda. — Oh, então as feias não recebem nenhum amor de você? Elas são deixadas sozinhas, com frio, sem mimos?

Franzo a testa profundamente. Ele tem razão. Eu deveria acariciar todas elas. Mesmo as assustadoras. — OK, vou acariciar as tartarugas mordedoras, mas apenas se alguém segurar o focinho. — Antes de correr meus dedos por seu cabelo, ensaboo seu abdômen com o pano e sigo as linhas tensas de seu corpo, sendo metódica, mas não muito focada em onde isso pode levar — que não é a lugar nenhum. Em vez disso, sintonizo nossa conversa.

— Acho que as tartarugas não têm focinhos — diz ele com outra risada.

— Focinhos? — Eu pergunto, um pouco confusa agora. Como você *chama* o nariz de uma tartaruga?

— Isso é um porco. — Debatermos a existência de um nariz de tartaruga e a diferença entre as ruínas maias e astecas enquanto terminamos de nos lavar, daí, nós dois saímos do chuveiro e nos secamos. Depois de um longo momento, percebo que estou bem. Que estou mais animada para passar o dia com ele do que para fazer sexo.

Não sei se vou me sentir assim amanhã.

Mas hoje... está bom.

CAPÍTULO 23

Loren Hale



Minhas solas *Nike* afundam na areia, cravando-se com força na superfície irregular enquanto corro. O sol bate contra meu peito nu e espero ter borrifado bastante loção para evitar uma queimadura feia.

Mesmo no calor escaldante, Ryke corre ao meu lado, acompanhando meu passo largo. Tento correr todas as manhãs. Ajuda com meus desejos, especialmente em Cancun. Não consigo dar um passo para fora do nosso quarto de hotel sem ver um estudante universitário bêbado ou uma garrafa de cerveja. Dezessete bares estão neste resort apenas. Eu sabia que vir aqui me testaria até o limite, mas nunca imaginei como me sentiria.

Ontem com Lily foi literalmente o único dia em que o álcool nunca passou pela minha cabeça. Nem uma vez. Mergulhamos com as tartarugas e subimos ao topo de uma ruína maia. Ela não me pediu sexo e eu não desejei uma gota de *whiskey*. Mas aquele foi um bom dia entre muitos dias de merda. Quero melhorar nossas estatísticas, diminuir todos os dias ruins até que não passem de um sonho.

Corro com mais força, o ar úmido apertando meus pulmões. Suor escorre pela minha pele, e a dor que percorre meus músculos parece melhor do que meus pensamentos irritantes. Então, continuo indo mais longe. Continuo dobrando meus joelhos e bombeando para frente. E Ryke nunca sai do meu lado.

Sei que se não me importasse tanto com Lily – ou tivesse Ryke aqui para me encarar – já teria quebrado minha sobriedade. E Connor me faz querer ser

uma pessoa melhor, por mais idiota que pareça.

Mas hoje nós todos nos separamos.

Lily está fazendo compras com Rose e Connor, o que lhe dá uma pausa na obsessão por fazer sexo. Cercar-nos de outras pessoas ainda é novo para nós e meio cansativo, mas estamos fazendo funcionar.

Olho por cima do ombro e diminuimos a velocidade para uma corrida quase imediatamente. Melissa e Daisy são apenas um pontinho à distância. Elas foram as únicas que quiseram se juntar a nós em uma corrida. Não é de surpreender, já que Lily parece o Lobo Mau bufando depois de um minuto correndo, e nunca vi Rose usar tênis em sua vida. Connor teria vindo, mas não queria deixar Rose e Lily fazendo compras sozinhas no México.

Nossos pés desaceleram até parar completamente. — O investigador de Connor ainda não descobriu nada de novo? — Ryke pergunta, enxugando a testa com as costas da mão, sem camisa, como eu.

— Connor diz que está investigando o mais rápido possível. — E se seus contatos não derem certo, espero que meu pai tenha mais sorte. Mas eu não diria a Ryke que estou falando com Jonathan Hale. Nada de bom pode vir disso.

— Digamos, na pior das hipóteses, que vaze que Lily é uma viciada em sexo — diz Ryke, abrindo sua garrafa d'água enquanto esperamos que as garotas nos alcancem. — O que acontece depois?

Meu estômago revira com o pensamento. — Não quero nem pensar na ideia. — Tudo o que imagino é Lily soluçando e incapaz de ser consolada. Observá-la naquele tipo de agonia me mataria, mas se formos por esse caminho, não posso recorrer à bebida. Pela primeira vez, tenho que estar lá para ela. Ela é a porra da minha melhor amiga. E ela merece o tipo de cara que pode fazê-la se sentir melhor, não pior.

Se não posso fazer isso, então, realmente não deveríamos estar juntos.

Ryke me estuda. — Você ainda está tomando *Antabuse*?

Dou-lhe um sorriso amargo. — Uma pílula por dia mantém os demônios afastados.

— Você não me respondeu.

— Sim, pai. — Estico meus músculos, puxando meu braço sobre meu peito, tentando aliviar essa pressão acumulada. Se o frasco de comprimidos não estivesse no meu bolso – se eu o tivesse deixado na minha mala com as

outras bagagens roubadas – teria mais tentações de beber. Tive sorte pela primeira vez.

Também odeio falar sobre esse medicamento. Falar me faz pensar, e pensar me dá vontade de beber.

— Gostaria que você tivesse me contado sobre Mason Nix antes — Ryke admite, mudando de assunto mais uma vez, desta vez para um de nossos principais suspeitos. Ryke é bom nisso – conversando e girando em torno de diferentes tópicos. Eu me pego pensando em algo, sendo imerso por suas discussões indiretas como um redemoinho.

— Por quê?

— Dividimos a porra da academia na Penn. Eu o vejo quase todos os dias. Se soubesse o que ele fez, não o teria... tolerado.

— Então, como seria você não o tolerar? — Pergunto com as sobrançelas franzidas. Imagino-o batendo com o punho no rosto presunçoso de Mason Nix. Na verdade, eu já fiz isso.

— Talvez tivéssemos conversado — diz Ryke.

Ainda imagino uma briga.

— Sabe — Murmuro, olhando para minha garrafa d'água —, por muito tempo depois do nosso primeiro ano, fiquei pensando que estava errado. Eu não posso nem te dizer quantos pneus cortei. E Lily me disse que não esperava o que aconteceu naquela noite, mas também não se importou. — Balanço a cabeça, pensando em nosso primeiro ano na Penn. Nós dois fomos a uma festa de fraternidade, com a presença de todo o time de futebol. A maior parte ainda é um borrão gigante. Mas me lembro de ouvir caras perto da cozinha discutindo sobre uma garota no segundo andar. Alguém chamado Mason convenceu uma caloura a transar com cada cara do time de futebol.

Um após o outro.

Não precisava que me dissessem que era ela. Eu apenas sabia.

Peguei uma garrafa de *Jim Beam*, tirei minha faca de caça serrilhada e andei loucamente pelo estacionamento. Enfiei em qualquer carro com a porra de um adesivo de futebol, distintivo, identificação, o que quer que fosse. Eles teriam que encontrar outra carona para casa.

Naquela manhã, ela estava atordoada e de ressaca, mas de alguma forma eu puxei a verdade dela. Mason Nix perguntou se ela queria ter a noite de sua vida e ela concordou, desde que ninguém a visse. Contanto que cada cara

entrasse e saísse como uma linha de fábrica.

Era uma de suas fantasias, ela me disse. E deu certo, mas vi quanta vergonha a consumiu depois disso. Ela se encolheu e esperou que eu olhasse para ela como se ela fosse nojenta e suja. Mas só queria abraçá-la e dizer que ela valia muito mais do que qualquer coisa que ela estivesse procurando.

Mas eu era um idiota egoísta naquela época. Não estava disposto a mudar nossa dinâmica ainda. Eu pensei que se ela superasse seu vício, ela me faria superar o meu.

E agora isso é tudo que quero para nós.

— Lembro-me de como você explicou — diz Ryke. — Mas, caralho, Lo. Não conhecia Lily antes de vocês dois se tornarem um casal, mas não importa se ela queria ou não. Nenhum homem que se preze ofereceria algo assim a uma garota, especialmente uma bêbada. Você tinha todo o direito de ficar chateado e ir atrás do idiota.

— Sim, talvez. — Mas agora Mason Nix pode ser quem está aterrorizando Lily.

Melissa salta em uma corrida constante, nem um pouco sem fôlego. Ela está cada vez mais perto de nós, mas Daisy não corre ao lado dela. Meu estômago dá um nó e examino a praia rapidamente. Não poderia ter perdido a irmã de Lily. Mal se passou uma hora.

— Ryke... — Dou um tapa em seu braço e aponto para Melissa, que está sozinha.

Ryke procura a praia com um olhar sério, em alerta. Mas não demonstramos pânico. Nós dois parecemos estar prontos para entrar em uma luta do UFC, músculos flexionados, endireitamento da coluna. Deve ser uma coisa Hale.

Ele bate no meu ombro e aponta para um ponto na praia onde as ondas batem na areia. Mal consigo distinguir a cabeça de uma loira alta, conversando com dois caras locais que carregam colares em seus braços.

Merda.

Antes que possa mover um pé, Ryke decolou. Sigo logo atrás, esperando que ele não antagonize os habitantes locais. Aquela imagem que eu tinha de proteger Daisy – sim, pensei que a luta seria entre caras bêbados e estúpidos. Mas esses dois provavelmente não se importariam em sacar uma faca se as coisas esquentassem. Não quero ser jogado na prisão em um país estrangeiro

sem a porra de um passaporte.

Por sorte, Ryke diminui a velocidade assim que os alcançamos, seus olhos fixos em Daisy, não nos caras.

Junto-me a eles enquanto Daisy segura dois colares de corrente com moedas maias de prata nas pontas. — Estes são supostamente feitos à mão. Mas não tenho certeza. — Ela dá de ombros. — Acho que vou acreditar na palavra de Pablo.

Meu olhar se volta para os dois mexicanos, parados passivamente com suas mochilas e colares, a pele escura e desgastada por andar para cima e para baixo na praia. Eles parecem inofensivos e suspeito que Daisy os abordou primeiro. Ela é um pouco mais selvagem do que eu me lembrava. Louca, mesmo. Eu perdi tanto desde a reabilitação – ou talvez ela sempre tenha sido assim e eu estava bêbado demais para realmente perceber.

— Você não pode fugir e falar com estranhos — digo a ela. Parece estúpido e paternal – nada que eu normalmente diria. Quando me tornei uma pessoa que dá sermões sobre responsabilidade a outra pessoa? Caralho, estou me transformando em Rose.

— Não somos estranhos — diz Daisy rapidamente. — Esse é Pablo e... — Ela semicerra os olhos, pensativa. — Ernesto... acho.

O cara maior acena com a cabeça e estende um saco plástico para Daisy, cheio de mais pingentes e pedras. — Ônix. Rubis. Safiras.

Estreito meu olhar. — Você também tem um tijolo de ouro?

Ryke pega o pulso de Daisy e a puxa para o lado dele. Ela se livra do aperto de Ryke e seus olhos piscam atrás dela. — Melissa está olhando para você.

Ryke nem mesmo olha por cima do ombro. — Não se preocupe com ela. — Melissa está a cerca de seis metros de distância, os braços cruzados sobre o peito, esperando que Ryke se junte a ela. Mas ele abandonou a namorada para me ajudar nessa situação. Não vou admitir em voz alta, mas estou muito agradecido.

— Só estou tentando não causar problemas para você — Daisy diz a ele.

— Eu posso cuidar de mim mesmo. — Seus olhos perfuram os dela.

Interrompo: — Daisy, vamos embora.

— Espere — diz ela, levantando a mão para mostrar os dois colares. — Qual deles você acha que Lily gostaria? — E agora me sinto um idiota. Ela só

queria comprar joias para sua irmã.

Lily não usa colares com frequência, e o fato de eu saber disso em vez de Daisy me faz sentir bem. Mas uma inquietação revira minha barriga – porque isso significa que nosso isolamento prejudicou seu relacionamento com as irmãs. E preciso me lembrar de que esta viagem é para reconstruir tudo o que ignoramos.

Acho que Lil gostaria de qualquer coisa que viesse de Daisy. Examino os dois colares, um com corda preta e outro com corrente.

Daisy escova o dedo ao longo do colar de corda. — Este pingente tem um cara mostrando a língua. Eu pensei que ela adoraria.

— Definitivamente — digo.

Daisy gira de volta para Ernesto e entrega-lhe o colar de corrente. — Apenas este. — Ela segura o colar de corda para comprar. — Quanto?

— Duzentos e sessenta — diz ele com um sotaque espesso.

Ela fica boquiaberta. — O quê?

— Pesos. Pesos. Pesos — diz ele rapidamente, com medo de perder uma venda. — Vinte dólares. Duzentos e sessenta pesos.

— Ohhh. — Os olhos de Daisy se iluminam. Ela ri como se não soubesse, mas passou a manhã toda ajudando Lily a entender a conversão do peso-dólar antes de ir às compras. Daisy disse que se tornou especialista em cálculos de moeda na Europa durante as sessões e a semana de moda.

— Daisy — Aviso. E aqui pensei que Ryke iria causar problemas.

Ryke bate a cabeça para mim, as sobranceiras levantadas tipo, *eu te disse*. Sim, ele me disse que ela pulou de um penhasco, eu não achava que isso equivalia a conversar com nativo na praia.

Daisy me acena. — Um minuto, querido.

Ryke endurece e eu apenas franzo a testa. O que diabos está acontecendo?

— Eu só tenho... — Ela pega um maço de dinheiro de seu top de biquíni como se não fosse nada, como se os olhos de Ernesto não tivessem apenas focado nos seios. Ela conta as cédulas uma a uma, bem lentamente. — Duzentos pesos. — Seus grandes olhos verdes se elevam inocentemente para Ernesto, mas ele ainda está olhando para os peitos dela.

Eu passo em frente, irritado além da crença. — Ei. — Estalo meus dedos para ele. — Duzentos pesos?

Ernesto finalmente me olha e começa a balançar a cabeça.

— Oh, não — diz Daisy rapidamente. Ela envolve o braço em volta da minha cintura e pressiona a cabeça no meu peito. Fico imobilizado. — Estamos em nossa lua de mel, você vê, e prometi à minha irmã que traria alguma coisa. Ela adoraria isso. Eu sei disso. Você poderia fazer uma exceção apenas uma vez, por favor?

Meus olhos se arregalam para Ryke, mas ele está apenas olhando, e quando quero dizer gritante, quero dizer que ele tem toda a rotina de monstro de Frankenstein. Mandíbulas cerradas, punhos fechados, ombros para trás e lábios apertados. Ele parece pronto para uma briga. Mas não tenho certeza de quem ele quer bater.

— Não. Dois sessenta — Repete Ernesto.

Os ombros de Daisy encolhem e ela se vira para mim, as mãos no meu peito. — Você tem algum peso contigo, querido?

— Não, então talvez devêssemos desistir, *querida*.

— Me dá seu dinheiro — diz Ryke, estendendo a mão para ela.

Seu rosto se ilumina e ela felizmente se afasta e retorna para Ryke, fora do alcance da voz dos habitantes locais. Sigo logo atrás. — Você vai pechinchar em espanhol? — Ela pergunta a ele, deslizando as notas na palma da mão.

— Claro — diz ele. — Primeiro me dê o resto do seu dinheiro.

— Está tudo na sua mão.

— Está nos seus seios.

Faço uma careta, não querendo que ele diga nada sobre seus peitos. *Nunca*. Ela é Daisy Calloway.

Daisy olha para os seios com uma careta, e viro minha careta para o céu. Estou culpando você por esta situação, Deus. Por permitir que as irmãzinhas tivessem seios.

— Não vejo nada aqui dentro.

— Eu verificaria sozinho, mas estou com uma garota aqui — diz Ryke secamente.

OK. Não. Se há uma coisa em que sou bom, é falar o que penso. — Na verdade, há um milhão de outras razões pelas quais você não deveria — digo friamente, meu sangue virando gelo.

Daisy apenas me ignora e diz: — Melissa saiu há três minutos quando você se recusou a ir para o lado dela. Qual é a sua desculpa agora?

Ela o desafia.

E ele é o tipo de cara disposto a aceitar.

Fico entre eles antes que Ryke possa responder. Levanto minhas sobrancelhas para Ryke em descrença. Eu seriamente pensei que estava sonhando com o que aconteceu na piscina. Não era porra nenhuma, disse a mim mesmo. Ele estava sendo legal, incitando-a a comer um taco, embora devesse ter passado para ela em vez de deixá-la morder de sua mão. Ele não deveria ter esfregado o molho do queixo dela. Ele não deveria ter brincado com ela sobre transar com Melissa. Há tantas coisas que ele não deve fazer. Mas me permito acreditar que ele é apenas um idiota. Ele não entende limites. Esse é o maior problema de Ryke.

Mas agora, como explicar *isso*.

— O quê? — Ryke rosna em defesa para mim. — Estou tentando nos tirar dessa porra de situação. — Ele fixa os olhos em Daisy novamente e dá um passo à frente para tentar alcançá-la. Coloco minha mão em seu peito para detê-lo, e então me viro rapidamente para Daisy.

— Me dê o resto do seu dinheiro.

— Eu não...

— Agora. — Não consigo nem ouvir minha própria voz ou como ela soa maldosa. Tudo o que ouço é meu meio-irmão se oferecendo para apalpar a irmãzinha da minha namorada. Nem me importo se foi uma piada ou sarcasmo ou porra de qualquer coisa. Acho que vou matá-lo mais tarde.

O sorriso de Daisy desaparece instantaneamente e ela enfia a mão na parte de cima do biquíni novamente. Olho para a areia, para o céu, para qualquer lugar menos para seus seios, até que ela põe o dinheiro na minha mão. Pego o resto do dinheiro de Ryke e começo a contar duzentos e sessenta pesos.

— Eu só estava tentando me divertir — Ela diz calmamente, sua voz cheia de culpa. — Desculpa.

Ela se desculpou, e sei que deveria desistir. Mas estou furioso. — Existem outras maneiras de se divertir. — Entrego o dinheiro a Ernesto. Ambos acenam com a cabeça em agradecimento e caminham em direção ao resort perto da fileira de cabanas de palha e cabanas brancas. Olho para trás, para Daisy, e meus nervos ainda não se acalmaram. — Você é a porra da filha de um magnata multibilionário. Barganhar com um homem que ganha mil vezes menos do que você é o mesmo que roubar.

Seus olhos ficam grandes, redondos e um pouco vidrados, e dói saber que estou causando sua angústia. A dor no meu peito só aumenta porque não consigo parar de falar. Não sei como. — Da próxima vez, alugue a porra de um jet ski.

— Só queria fazer algo normal.

— Você não é normal. Nenhum de nós é.

— Lo — Ryke diz, seu tom de advertência. Mas sua voz envia lâminas de barbear nas minhas costas.

— Você não fala comigo, porra — Retruco. Eu o odeio agora. Eu me odeio, acima de tudo. Odeio ter acabado de reclamar de Daisy, que realmente não fez nada de errado. Pelo menos, nada que justificasse minhas palavras duras. O remorso tem gosto de ácido, e costumo afogá-lo com *whiskey*.

Minha próxima respiração sai irregular e Ryke se concentra em mim por um longo momento. Mas quando Daisy inala fortemente, olhando para a areia com lágrimas transbordando, tentando reprimir suas emoções, ele volta seu olhar para ela. Eu vejo seu rosto mudar. Se ele estava preocupado comigo, nem sei como chamar a expressão que ele tem para ela.

O que diabos eu perdi quando estava na reabilitação?

— Tenho que sair daqui. — Eu me encolho quando percebo que disse isso em voz alta. Começo a andar.

Ryke acorda e me segue. — Onde diabos você está indo?

Sua raiva me alimenta e paro de repente. Ele quase bate no meu peito. — Que porra há de errado com você? — Assobio. — Ela tem dezesseis anos. — Vejo Daisy pelo meu lado periférico, parada de lado, olhando, mas sem querer interromper.

— Não estou fazendo nada — Ryke refuta.

Minha testa dói de tanto franzir a testa. Ele não pode estar falando sério, mas acho que ele acredita que está. Isso é assustador pra caralho. — Não seja estúpido.

Ryke coloca as mãos na cabeça por um segundo. Nunca o vi desmoronar, e posso dizer que ele está se esforçando para não o fazer. — Sou contundente e abrasivo — diz ele. Mas ele sabe que essa não é a resposta que eu quero ouvir. — Não posso desligar isso.

— Você vai desligar perto dela — Zombo. — E quer saber, convidei você para Cancun e posso desconvidar.

— Você está me desconvidando?

— Não, mas não quero falar com você ou ficar perto de você agora.

Ele agarra meu braço antes de eu me virar. — Espere.

— O quê? Você vai culpar tudo pelo fato de ser franco? Quando Connor quer ser, ele é tão honesto quanto você e nunca diria as coisas que você diz.

— Porque sou um idiota do caralho — diz Ryke.

— Isso não é bom o suficiente.

As narinas de Ryke se dilatam e ele aponta para o peito. — Fui criado por uma mãe solteira, Lo...

— Assim como Connor — Retruco. Exijo bastante de Ryke. Eu o faço pular as paredes mais altas, e ele fez cada teste sem reclamar, mas posso dizer que este o está dilacerando por dentro. E uma pequena parte em mim gosta que ele finalmente esteja desmoronando. A outra parte odeia que eu sinta prazer na dor de outra pessoa.

— Pare de me comparar com ele — Ryke zomba. — A mãe dele era chefe de uma corporação. Minha mãe ficava sentada o dia todo planejando maneiras de ferrar com meu pai. Passei anos dividido entre os dois, tendo que escolher um lado, e a escolhi. — Ele aponta para o peito novamente, seus olhos brilhando com calor. — Fizeram-me acreditar que ela era uma santa e ele, o pecador, quando ambos são culpados de coisas que mal consigo engolir. Você sabe o que é isso – defender alguém com tanta veemência por amor e depois perceber que eles não eram mais inocentes do que o homem que você odiava? É uma merda.

Meu peito está tão apertado que cada respiração exige força.

Ryke dá um passo à frente. — *Adoro* as mulheres e me preocupo com elas mais do que você imagina, Lo. Mas vi minha mãe ficar insensível com o divórcio. Digo coisas que não deveria porque parei de me importar com o que as pessoas pensam de mim. Parei de tentar bancar o filho amoroso – o *papel* que aquela garota está fazendo agora. E está me matando ver isso acontecer.

Sou assaltado por tantas emoções que quase não consigo ver direito. Continuo balançando a cabeça, tentando entender o ponto de vista dele, tentando entendê-lo. — Preciso de um pouco de espaço... — *para pensar*.

— Não posso deixar você sozinho assim. — Ryke respira pesadamente e hesita em colocar a mão no meu ombro. Se ele colocar um dedo no meu corpo, vou me afastar. Estou tão cheio de ódio, ressentimento e escuridão –

tudo que normalmente me leva direto para um bar.

— Vou voltar para o quarto com Daisy — digo. — Você vai encontrar Melissa. Você sabe, aquela garota com quem você veio aqui. — Não quero mais matá-lo, mas é tão fácil cortar as pessoas, especialmente meu irmão.

Ryke recebe o golpe, sem se mover um centímetro. — Você quase fez Daisy chorar. Você realmente quer passar um tempo sozinho com ela?

— Isso vai me dar uma chance de me desculpar — digo. — Ou você aceita esse cenário ou vou sair daqui sozinho. — Minhas mãos tremem e eu as cerro em punhos. Ryke nunca me deixaria sozinho agora. Quero relaxar. Para sentar em um bar e apenas flutuar.

Ryke acena para Daisy, e ela corre. Quando para ao lado dele, ele diz: — Não deixe ele beber.

— OK.

Ele hesita antes de ir mais longe na praia. Caminhamos em direção ao balneário em um silêncio pesado que pesa em meu peito.

— Sinto muito — Acabo murmurando enquanto esperamos o elevador.

— Não, não sinta — diz Daisy. — Você estava certo. O que eu fiz – foi errado. Às vezes eu simplesmente esqueço do dinheiro. Vou tentar ser melhor sobre isso.

— Sim, mas às vezes também faço isso. E não sou seu pai. Não deveria estar dando sermões para você. Ou qualquer um.

Ela sorri. — É bom saber que você se importa.

Paramos no nosso andar e ela caminha na minha frente, deixando-me pensando nisso.

Eu me importo. É porque estou sóbrio ou é só porque as coisas mudaram? Gostaria de saber.

Daisy espera na porta e de repente empalidece de preocupação. — Você vai contar para Lily?

Ela vai me perguntar o que há de errado assim que eu entrar. Já estivemos juntos o suficiente para aprender a linguagem corporal, e a minha diz que estou perdendo a cabeça. Não pretendia mentir para ela. — Sim — digo —, mas eu não acho que ela vai ficar brava.

— Verdade? Porque acho que nunca vi Lily no modo animal, como o cenário eterno de Rose, e sempre tive um pouco de medo de ver isso.

Eu sorrio enquanto tento me lembrar de uma Lily furiosa. Ela parece um

monstrinho, mas acho isso mais adorável do que assustador. — Você vai ficar bem.

Não sei se Daisy pensa que estou tão chateado só por causa da barganha, ou se ela percebe que a peguei flertando com Ryke, ambos culpados, eu acredito. Mas nunca terei essa conversa com ela. Lily pode lidar com sua irmã, e vou lidar com meu irmão.

Daisy solta um suspiro de alívio antes de sair do caminho. Deslizo o cartão-chave e entramos na sala.

Rose redobra as roupas na cama mais próxima enquanto Connor organiza várias sacolas que cercam o quarto. Entre o que Daisy trouxe e agora o que Rose comprou, acho que vestimos oficialmente sete pessoas para a semana.

— Como foi a corrida? — Connor pergunta.

— Quente — diz Daisy.

Examino o quarto em busca de Lily, incapaz de encontrá-la, e então olho pela porta de vidro para o pátio. Ela está encolhida em uma cadeira, com as pernas no peito, observando os pássaros ou algo assim.

Eu me movo em direção à porta, e Connor de repente bloqueia minha saída como se quisesse ter uma conversa. Tudo o que realmente quero fazer é falar com Lily. Preciso saber se ela sabia sobre Ryke e Daisy... Jesus, nem sei como chamar isso.

— O quê? — Disparo.

Daisy se concentra em nós, cheia de curiosidade, e isso faz com que Rose dê um tapinha em seu colchão. — Daisy, venha me ajudar a dobrar — Ela insiste.

Daisy atende a chamada de sua irmã, lembrando-me do que Ryke disse sobre ela. E me encolho um pouco, não querendo que Daisy seja afetada por sua mãe. Todas essas garotas têm complexos, e posso ver como a maioria das pessoas teria um só com a liberdade de nosso estilo de vida e a pressão para mantê-lo. Sinto que estamos todos um pouco fodidos em nosso próprio direito.

Connor me leva até a parede mais distante das garotas. E eu instantaneamente entendo o que está acontecendo. Ele está me afastando de Daisy para que ela não possa ouvir. O que quer que Connor queira me dizer, é sobre Lily.

O pior pensamento passa pela minha cabeça.

Ela traiu.

Ela dormiu com um caixa da *Bloomingdales*.

Ela fodeu outro cara.

Sinto a cor sumir do meu rosto.

Eu sinto meu estômago revirar sobre si mesmo.

Meu mundo lentamente começa a desabar. Eu deveria estar com ela. Tento passar por Connor e chegar ao pátio, querendo falar com ela, querendo consertar isso, querendo ficar sozinho novamente.

Connor para na minha frente mais uma vez e coloca a mão no meu ombro. Ele lê o pânico em meu rosto e diz: — Nada aconteceu, não desse jeito. — Não conheço Connor bem o suficiente para saber o que *isso* implica e isso só aumenta meus nervos.

— *O que* aconteceu? — Pergunto baixinho.

Ele permanece resoluto, calmo e, por alguma estranha razão, isso me alimenta. Sua atitude casual me faz acreditar que não é tão ruim, e me pergunto se este é um presente de Connor Cobalt. Para pacificar as pessoas com seu comportamento, em vez de palavras.

— Olha — Ele diz facilmente, — Rose não queria te contar, mas eu a convenci, acho. — Ele se permite sorrir com a realização. — Ela quer que Lily lide com essas coisas sozinha. Na perspectiva de uma feminista, acho que quando você ajuda Lily, você não dá a ela a chance de ser forte sozinha.

Parece que ele me esfaqueou, embora essas sejam as palavras de Rose. — Eu não sou a porra da cura dela, sei disso — digo, tentando imitar o tom fácil de Connor, mas minha voz sai tensa e afiada. Deixei Lily ter sucesso sozinha, mas sou a pessoa que faz sexo com ela. Tudo o que posso fazer é dizer a ela para parar, guiá-la. Ela é a única a fazer a escolha de me pedir para fazer sexo, querer fazer sexo, ceder aos desejos o suficiente para deixá-los controlar seus pensamentos. Isso é com ela.

— Eu sei, e Lily nunca estará completamente sozinha. Foi o que eu disse a Rose. Você está dormindo com ela e o vício em sexo é um processo de recuperação de duas pessoas. Ela ficou do meu lado nessa. — Acho que ele continua se vangloriando de adiar a notícia.

— Connor. Apenas me diga.

Ele concorda. — Percebi que Lily às vezes pode perder o foco — diz ele —, e na verdade achei que ela era um pouco lenta. Mas então descobri que ela

era viciada em sexo e sei que fantasiar pode ser um grande problema com o vício.

Sei para onde isso está indo e não deveria estar aliviado. Mas uma pressão sai do meu peito. — E?

— E foi bom. Ela se desconectou algumas vezes e Rose voltou a envolvê-la nas conversas. Então, Rose teve que experimentar praticamente todos os saltos de seu tamanho, e nós dois nos esquecemos de Lily... até ouvi-la.

O quê? Ela não se masturbava em público. Isso está além do que ela já fez. Meu peito começa a doer novamente. — A ouviu? Ela estava se masturbando?

— Não — Connor diz rapidamente. — Não. De jeito nenhum.

Bom.

— Mas nós ouvimos o orgasmo dela.

O quê? — Não entendo. Como isso é possível?

— Existem numerosos estudos sobre o orgasmo feminino. Não é totalmente compreendido, mas muitos cientistas mostraram que pode ser causado apenas pelo pensamento.

Ela fantasiou e teve um orgasmo. Alto. Em uma porra de loja. Sei o quão envergonhada ela deve se sentir e isso me inunda, tirando minha capacidade de formar palavras agora.

Connor considera meu silêncio uma oportunidade de continuar falando. — Rose a fez ligar para a terapeuta.

Concordo com a cabeça, mas meus pés estão colados ao chão. Quero sair e ficar com ela, mas as palavras de Rose... ou a reiteração de Connor me assombram. Quero que Lily seja forte por conta própria. Posso vê-la através das persianas, escondida em seu corpo, e não parece mais que ela está olhando para os pássaros.

Ela está procurando uma saída.

Viro-me para Connor, de repente tão aliviado por ele estar aqui. Que tenho alguém a quem posso perguntar: — Devo ir lá? — Quero que alguém me diga o que é certo. Para me colocar no caminho certo. Não quero continuar tomando más decisões.

— Ela precisa de você — Ele me diz em uma única respiração. — Só não faça sexo com ela. Bem fácil, certo?

— Sim, provavelmente seria difícil naquela cadeira — digo, tentando

sorrir, tentando diminuir o quanto eu simpatizo com sua dor.

— Não para vocês dois. — Ele bate no meu ombro, descongelando-me do meu estado e me vejo seguindo em frente. Em direção à porta. Em direção a ela.

CAPÍTULO 24

Lily Calloway



A porta se abre e não me mexo, não respiro, não falo. Quero desaparecer desta cadeira, deste país, deste planeta.

Lo caminha na frente da minha visão da borda da varanda, onde eu literalmente considerei testar minha habilidade de voar. Ele está sem camisa, mas nem mesmo a curva de seu abdômen poderia me atrair agora. Ele permanece a poucos metros de mim, não diminuindo a distância que atrai tensão como um buraco negro.

Finalmente olho para cima para encontrar seu olhar, meu corpo entorpecido.

Seus olhos ficam vidrados e ele se agarra ao corrimão atrás de si para se apoiar. Em uma ocasião normal, antes da reabilitação e antes da recuperação, ele estaria me levantando em seus braços. Eu envolveria minhas pernas em volta de sua cintura e desejaria sexo para tirar minha humilhação, para me lembrar de que sou boa em alguma coisa. Não sou inútil ou sozinha. Com cada estocada e cada clímax, eu iria embora.

Mas agora, a ideia de fazer isso crava um martelo no meu coração. Sei com certeza que é errado. Eu me pergunto se ele está mantendo distância, com medo desse caminho que eu possa escolher para nós.

Não quero.

Então digo: — Não quero sexo. — Lágrimas se acumulam em meus olhos.
— Só quero que você me abrace.

São palavras mágicas.

Em um movimento rápido, ele está na minha frente e, então, estou em seus braços e em seu colo. Ele me cobre com seu corpo, envolvendo seus braços em volta do meu pequeno corpo. Enterro minha cabeça em seu peito, as lágrimas se acumulando enquanto ele esfrega a parte de trás da minha cabeça. Sinto-me segura aqui.

Ficamos sentados assim por um bom tempo, até que seu coração se estabilize e minha respiração se acalme. O que aconteceu parece um fracasso da minha parte. Estraguei tudo e deixei meu vício vencer.

— Sinto muito — digo baixinho, quebrando o silêncio pacífico.

— Você não precisa se desculpar comigo, Lil.

— Sinto que te decepcionei... nos decepcionei — Admito. — Deveríamos estar melhorando.

— E haverá obstáculos e contratempos — Ele me diz — Só porque você cometeu um, não significa que me decepcionou. Na verdade, estou orgulhoso de você por lidar com isso dessa maneira.

— Porque a alternativa é eu atacar seu corpo.

Ele sorri. — Algo assim, sim. — Ele enfia uma mecha de cabelo que escapou, atrás da minha orelha. — O que sua terapeuta disse?

Connor deve ter contado a ele mais do que eu pensava. Estou feliz. Isso me poupa de reiterar o momento mais embaraçoso da minha vida.

— Ela disse que preciso começar a pensar em maneiras de me impedir de fantasiar. Como focar no dever de casa ou nos presidentes americanos.

— Basicamente o que todo adolescente faz para evitar uma ereção.

Franzo a testa. Não pensei sobre isso assim. — Eu acho... — Então balanço minha cabeça. — Mas não parece tão simples. Entendo como me impedir de ver pornografia e autossatisfação, mas como me impedir de pensar. Como alguém controla isso?

— Pratique — Lo diz. — Também estou tentando. Acredite em mim.

Concordo com a cabeça, sabendo que não deve ser muito mais fácil para ele. Pelo menos pensar em bebida não leva a um orgasmo involuntário. Ruborizo com a memória e gemo em minhas mãos.

— Talvez apenas me lembre do olhar no rosto de Connor e Rose. Acho que isso vai me impedir de fantasiar sobre qualquer coisa pelos próximos duzentos anos.

Ele me puxa para mais perto, esfregando minhas costas suavemente, e

então ele beija meus lábios em um segundo rápido, testando-o.

Somos piores juntos quando as coisas fogem do controle, e nesses momentos temos que ter cuidado. Seria tão fácil permitir um ao outro apenas para nos sentirmos melhor novamente, mas ser um casal também significa ser íntimo. Confortar alguém normalmente envolve toque – um abraço, um beijo, uma mão na perna – coisas que me deixam no fundo do poço. Só temos que encontrar um equilíbrio.

— Como foi? — Ele pergunta.

Parecia simples e certo. — Bom.

— Tenho uma pergunta e quero que você saiba que não ficarei ofendido se a resposta não for o que eu quero que seja. Eu só... eu gostaria da verdade.

— OK.

Ele toma uma respiração rápida e, em seguida, seus olhos caem para os meus lábios novamente. Ele planta outro beijo suave, mais longo desta vez. Eu não me movo ou forço outra coisa. Deixo que ele assuma a liderança e não desejo mais nada. O que ele me dá é o suficiente.

Ele se afasta e olha do meu corpo para os meus lábios e olhos, observando cada detalhe. — Você está bem?

Eu assinto novamente. — Apenas esperando sua pergunta.

— Certo. — Ele toma outra respiração treinada. — Suas fantasias – quem estava nelas?

— Eu — digo. — e você.

— Você respondeu tão rapidamente — diz ele, preocupado.

— Isso não significa que eu menti. Não fantasiei com ninguém além de você desde que partiu para a reabilitação. Você é como... o melhor que já tive.

Seu rosto parece brilhar na última linha, tomando isso como verdade e fato. Como isso é. Sua mão desliza para o meu pescoço, acariciando-me suavemente. Pela primeira vez, sinto um estado de espírito diferente quando ele me toca. Em parte, tem a ver com minha conversa com a Dra. Banning. Perguntei a ela o que eu deveria esperar quando visse Lo, e ela me disse que ele gostaria de me tocar, para me confortar. E é assim que devo aceitá-lo. Nem todo toque leva ao prazer.

Um abraço é apenas um abraço, não o caminho para o sexo.

Este tipo é novo para mim porque nunca me deixei tocar desta forma, pelo menos não sem o desejo de progredir para outras coisas.

Acho que gosto.

Seus lábios pressionam contra a pele macia abaixo da minha orelha, e posso sentir a hesitação em seu corpo quando ele se afasta. — Como foi?

— Bom.

— Você não quer mais nada?

— Não — digo sinceramente —, não a menos que você queira.

Ele beija meus lábios novamente, mas desta vez os separa um pouco dos dele. Eu não o aprofundo. Eu espero, e ele mesmo aprofunda, sua língua deslizando suavemente para dentro. Seu polegar acaricia minha nuca. Quando ele interrompe o beijo, ele lentamente esfrega meu lábio inferior molhado com o dedo. Eu nem estremeço.

Estou deixando-o me confortar sem fazer sexo, sem medo de me permitir. Estamos tentando ser um casal melhor e acho que é assim que se sente o progresso.

Seus olhos brilham com possibilidades. — Este é o seu novo superpoder, Lily Calloway? — Ele me pergunta docemente. — Posso tocar em você agora sem me sentir culpado?

— Pode não durar para sempre.

— Então vou aproveitar por enquanto.

Por enquanto.

Gosto disso também.

CAPÍTULO 25

Lily Calloway



Permanecemos no pátio para assistir ao pôr do sol. A única vez que alguém nos incomoda é quando Rose sai para perguntar se queremos alguma coisa do serviço de quarto para o jantar. Temo que eles só estejam comendo porque estão nervosos para nos deixar em paz, mas não a questiono sobre isso. Em vez disso, digo a ela para pedir alguns hambúrgueres para nós, e então ela volta para dentro.

Lo ainda está com os braços em volta de mim enquanto me sento em seu colo. O sol se desvanece em diferentes tons de laranja e amarelo. A opulência deve despertar minha memória. — Esqueci de perguntar como foi sua corrida — digo.

— Oh, aquilo. — Seu tom é seco e cortante, nada do que eu esperava.

Viro-me um pouco para poder ver seu rosto. Ele está olhando para o céu. O lindo céu. Isso não pode ser bom. — O que aconteceu?

Ele faz uma careta. — Eu sinto que se eu disser em voz alta, isso se tornará realidade. Você pode tentar herdar alguma telepatia nos próximos cinco minutos?

— Posso tentar adivinhar.

— Isso também não parece um jogo divertido.

Estreito meus olhos para ele e tento juntar as peças. Ele estava correndo, uma corrida perfeitamente normal, com Ryke, Melissa e... oh, merda.

— Daisy. O que ela fez? — Minha irmãzinha tem o hábito de procurar o perigo. Eu sei que cheguei à resposta certa porque pequenas rugas de estresse

marcam sua testa. Ele leva um minuto para me contar sobre a barganha na praia, mas, quando termina, não parece aliviado. — Tem mais alguma coisa, não tem?

— Sim, e é a parte que me faz querer pular desta sacada. — Ele para antes de estragar a notícia, o que só me deixa curiosa e nervosa.

— Você vai me contar?

Ele solta um longo suspiro e esfrega os olhos em leve aflição. — Nem sei como chamar isso, Lil. Há tantas palavras para isso, mas nenhuma delas realmente descreve a situação. Mas inapropriado e fodido são minhas favoritas.

Franzo a testa. — Ainda estamos falando sobre Daisy?

— E Ryke.

Seus olhos piscam para os meus, observando minha reação enquanto ele deixa isso afundar.

— Espere, o quê? — Não pode ser o que eu penso. Isso estava tudo na minha cabeça, não estava?

— Daisy tinha dinheiro na parte de cima do biquíni — diz Lo. — Ryke fez algum comentário improvisado sobre isso e isso levou a... outros comentários. — Sua mandíbula aperta com a memória e então seus olhos pousam em mim. — Por que diabos você está sorrindo? Acabei de lhe dizer que meu meio-irmão estava flertando com sua irmãzinha.

Aperto os lábios, tentando esconder, mas logo me rendo ao fato de que estou feliz. — Você sabe quanto tempo eu pensei que estava tudo na minha cabeça?

Isso não o diverte. Na verdade, ele se endireita como se estivesse pronto para atacar seu irmão. — *Quanto tempo?*

Coloco minha mão em seu peito para acalmá-lo. — Janeiro... mas não queria te preocupar se não fosse verdade.

Ele solta um suspiro irritado.

— Você sabe quantas vezes Ryke me chamou de pervertida? — Continuo. — Achei que era apenas mais uma ilusão da minha mente suja, como se eu estivesse interpretando algo do nada e inventando tudo.

— Você não está. Agora supere essa conquista e rebaixe-se ao meu nível. — Ele vira o corpo um pouco mais, de modo que estamos olhando um para o outro. — Meu irmão de vinte e dois anos está flertando, aparentemente não

deliberadamente – nem tenho certeza de como isso acontece – com sua irmã de dezesseis anos. — Ele espera que penetre.

— Merda.

— Sim, merda. Então, o que vamos fazer? Estou preocupado que sua irmã goste dele de uma maneira ruim. Quero dizer, a maioria das garotas é como idiota tagarelando perto de Ryke. O fato de ela não ser... nem consigo. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Tudo o que estou dizendo é que Ryke é inteligente o suficiente para não fazer nada sobre ela, mas Daisy provavelmente não sabe de nada.

— Já conversei com ela. — Em várias ocasiões, mas ela continua dizendo a mesma coisa para mim. — Ela sabe que não pode fazer nada com ele. E... — Estalo meus dedos ao perceber. — Ryke trouxe Melissa aqui, então, ele está claramente adiando os sinais certos. — Aparecer de férias com uma garota grita ‘tem dono’ e deve avisar a Daisy para não agir de acordo com seus sentimentos, se ela tiver algum que se estenda além de uma amizade.

Eu meio que espero que estejamos exagerando e que nenhuma química realmente exista lá. Porque eles precisam saber que nada pode acontecer.

Nossa mãe ficaria mais do que furiosa se soubesse que Daisy tinha uma queda por Ryke Meadows. Por um lado, sua idade. E dois, ele é o filho de Sara Hale. Após a separação entre Jonathan e Sara, meus pais escolheram um lado – Time Jonathan o tempo todo. E com os padrões incrivelmente altos de nossa mãe, posso vê-la querendo algo mais para Daisy. Algo melhor.

Alguém tão rico quanto Connor Cobalt ou Loren Hale. Alguém que tem mais a oferecer do que um fundo fiduciário herdado de um divórcio tranquilo e sentimentos feridos.

Lo inclina meu queixo para que eu encontre seus olhos e volte ao presente, puxado direto de meus pensamentos. — Então Ryke precisa parar de trocar Melissa por Daisy — Lo me diz. — Vou ter outra conversa com ele... quando não estiver imaginando arrancar a cabeça dele dos ombros. — Sua mandíbula trava com outro pensamento. — Ele é mais velho. Tem que ser o único a assumir a responsabilidade.

— Você pode culpá-lo? — As palavras saem da minha boca antes que eu possa pegá-las. Não estou acostumada a defender Ryke Meadows, mas estar em sua companhia por três meses talvez tenha me aberto a seus caminhos.

Meus olhos se arregalam, e Lo parece igualmente chocado com as

palavras. — Explique — Ele diz.

— Bem, é só... — Tropeço. — Daisy é uma modelo de alta moda. Ela está sempre perto de pessoas mais velhas e não parece ter dezesseis anos. Ela tem uma carreira. Ganha dinheiro e viaja pelo mundo. Às vezes age de acordo com sua idade, claro, mas na maioria das vezes ela tem basicamente vinte anos. — Há momentos em que até me sinto mais jovem do que ela. Sou menos mundana, menos culta e menos experiente (não sexualmente, mas para todo o resto, claro). — Posso entender como isso pode ser confuso para alguém que se sente atraído por ela.

Lo pressiona as mãos no rosto, mais angustiado do que eu já o vi em muito tempo, pelo menos em momentos que não envolvem desejo de bebida. — Essa palavra, não diga essa palavra.

— Qual?

— *Atraído*.

Oh. — Acho que meu medo é que, quanto mais continuarmos dizendo para eles pararem, mais eles farão isso apenas para nos irritar — E se não houver nada além de amizade e involuntariamente os empurrarmos juntos. —, como dois adolescentes rebeldes ou algo assim.

Ele geme. — Ela é uma *adolescente*. — Ele abaixa as mãos e solta outro suspiro. — Isso é tão fodido.

Sorrio com isso e cutuco seu lado. — Não é bom não ser o único?

Ele encontra meu olhar com uma inclinação de cabeça, e seus lábios se esforçam para não subir. — Não, gosto de ficar sozinho na *porra* da ilha com você. — Ele enfia o nariz na curva do meu pescoço. Eu rio, um som que não pensei ser possível uma hora atrás, e responde com dois beijos leves na minha clavícula.

— Então, o que fazemos? — Ele me pergunta, entrelaçando seus dedos com os meus. Avalio nossas mãos por um momento, tentando bolar um plano.

— Talvez... talvez apenas os mantenhamos separados pelo resto das férias. Ou tentamos.

— Mas, e quando formos para casa? O que fazemos com eles então?

— Quantas vezes eles estão realmente juntos? — Daisy tem escola e ser modelo ocupa a maior parte de seu tempo. Sem ela saber do meu vício em sexo, ela é cada vez menos convidada para sair com o nosso grupo. Às vezes me imagino contando a ela, mas não acho que isso vá melhorar nosso

relacionamento. E é isso que estou tentando consertar.

— Então temos um plano.

Ele estende a palma da mão como se estivéssemos fechando um negócio. Quando vou para o aperto, deixa cair a mão e planta um beijo surpresa em meus lábios. Isso me pega de surpresa, mas envia pequenos tremores de felicidade em meu estômago. O beijo dura mais do que os outros enquanto segura a parte de trás da minha cabeça e gentilmente abre minha boca com a dele. Eu sinto o roçar de sua língua e mais asas voando enchem minha barriga.

Ele recua depois de um momento e eu me enrolo em seus braços. Uma coisa é certa.

Beijos-surpresa são os melhores.

CAPÍTULO 26

Loren Hale



Quatro dias de piscina e praia me deixaram um pouco queimado de sol, bronzado e cansado. Lily e eu conseguimos separar Ryke e Daisy durante a maior parte da viagem, pelo menos o suficiente para que eles não tivessem nenhuma oportunidade de realmente conversar.

Hoje à noite vamos todos comer em um autêntico restaurante mexicano da cidade. Batatas fritas e molhos transbordam da mesa, e o barulho se concentra em um palco, que fica próximo ao bar. Recuo com a ameaça de Daisy de nos obrigar a fazer karaokê mais tarde esta noite. Isso não vai acontecer, mesmo que a garota Calloway mais jovem possa ser altamente persuasiva. Ela parece piscar, dar-nos aqueles grandes olhos verdes de cachorrinho e todos caem sob seu feitiço. A parte assustadora, acho que ela sabe que também tem esse poder.

Se eu fosse Greg Calloway, comeria a bunda dela no próximo voo para casa. Mas conheço o pai dela: um *workaholic* que dedica seu tempo aos negócios, que acredita que o amor equivale a dinheiro e ao luxo que ele pode oferecer à família. Eu observei Lily aceitar esse tipo de amor e seguir em frente, como fiz de certa forma. Meu pai nem sempre estava por perto. Você não consegue esse estilo de vida sem sacrificar alguma coisa.

Pergunto a Daisy o que sua mãe acha de ela estar em Cancun. Lily confirmou que tem permissão, mas gostaria de ouvir isso da boca de Daisy.

Ela não tocou em uma única batata. Suas mãos se ocupam em dobrar um guardanapo de papel em forma de flor. A única desvantagem de separar Daisy

e Ryke, ela parece menos inclinada a dar mordidas na comida sem a pressão dele. Sua persistência é útil às vezes. E tentei fazer o mesmo ‘coma isso’, mas ela me olha como se eu fosse louco por sugerir um abacate, e então se esquia de mim com jogos de palavras que giram minha cabeça. Ryke pode acompanhar. Não posso. Minha linguagem é claramente destinada a viciados em sexo, não viciados em adrenalina.

— Bem, você sabe... — Daisy começa e para como se eu não tivesse feito uma pergunta. Ela olha em volta e dá um tapinha nas costas de um garçom. — Ei, podemos ter uma jarra de margarita?

Ele a encara sem expressão e, com Ryke no banheiro, Connor assume a liderança e traduz para ela. Aparentemente, sou o único cara que dormiu na aula de espanhol.

— Daisy — digo. — Você não respondeu à pergunta.

Sentamo-nos em uma mesa redonda, então não é preciso muito esforço para que Daisy se volte para mim. — Oh, desculpe, qual? — Ela pergunta inocentemente.

— Samantha, sua mãe — digo secamente, já sabendo para onde isso está indo. — Ela não se importa de você estar aqui a semana toda? — Os caminhos de Samantha sempre me iludiram. Ela cerca a filha de Poppy, a linha de moda de Rose e a carreira de modelagem de Daisy, mas deixa Lily sozinha. É estranho e algo que eu não conseguia compreender antes da reabilitação. Estando perto deles, estou começando a entender ainda mais.

Daisy está prestes a responder quando Ryke e Melissa retornam do banheiro. Sem vergonha em seus rostos. Muito menos culpados do que Lily e eu jamais fomos quando ferramos durante uma refeição. Melissa senta-se em sua cadeira e pega um guardanapo, enxugando os lábios.

Daisy senta-se entre suas irmãs, e ela basicamente olha direto para Melissa e Ryke através da mesa circular. Tento ler a expressão dela, mas ela permanece guardada e cutuca seu arroz com o garfo.

Ryke move para a mesa repentinamente silenciosa enquanto ele se senta ao meu lado. — Não nos deixe interromper — Ele se encaixa. Seus olhos pousam em Daisy, que olha fixamente para o arroz dela, muito interessada em uma ervilha que ela abre. É a primeira vez que Ryke demonstra interesse em Melissa com Daisy presente. Geralmente Melissa apenas está por perto.

— Daisy — digo, pedindo novamente a responder à pergunta. Meu braço

desliza em torno dos ombros de Lily ao meu lado, e ela surpreendentemente mantém as mãos para si mesma. Normalmente, ela me deixaria desconectado neste momento. Sim, mesmo em um restaurante. Sua restrição é admirável, mas não posso negar que uma parte horrível (principalmente excitada) em mim deseja.

Daisy pisca algumas vezes. — Certo. E não, minha mãe não se importa. Ela estava muito feliz por eu ter uma semana inteira para me relacionar com minhas irmãs. Só tenho que cumprir minhas regras normais. — Ela encolhe os ombros no último pedaço e bate palmas. — Devemos começar o karaokê mais cedo? — Ela começa a se levantar da cadeira, mas Lily e Rose colocam as mãos na cadeira para detê-la. Rose a empurra de volta.

— Sobre o que estamos conversando? Que regras? — Melissa pergunta. Ela alcança a cesta de batatas fritas.

Lily se encolhe ao meu lado, e posso ver o comportamento gelado de Rose se tornar ainda mais gelado no assunto.

Daisy olhe as batatas ansiosamente antes de colocar outro sorriso. — Não é nada.

Ryke está relaxado, recostando-se em apenas duas pernas da cadeira. Ele parece um idiota. — Você começou isso — Ele a lembra. — Então, claramente você quer falar sobre isso.

Melissa esfrega a coxa, sorrindo agora que ele tomou o lado dela, para variar. Eu deveria me sentir bem com isso também, mas, por algum motivo, me sinto muito horrível.

— Eu falei sobre isso — Ela assente para si mesma. E então encolhe os ombros. — Acho que as regras são simples. Você sabe, *sem engordar. Sem arruinar seu cabelo. Sem ficar muito bronzada. E sem tatuagens.* — Seus lábios se contorcem. — Então, uma boa notícia é – estou livre para pegar uma DST.

— Jesus Cristo — diz Ryke, apenas alto o suficiente para mim e Melissa ouvir.

— Isso não é engraçado — Rose diz a ela —, e nossa mãe pode não matar você, mas eu mataria.

— Só brincadeira — diz Daisy, exibindo uma cara pateta antes de se virar para Lily. — Como está a escola?

Trazer Lily para qualquer conversa geralmente desvia a atenção, e é como

assistir a um pequeno gênio perspicaz trabalhando. Daisy é boa, e eu me pergunto quem mais percebeu seus truques. É por isso que olho para Connor.

Ele olha em silêncio, observando tudo como um analista pronto para digitar a dinâmica social em uma planilha. Ele provavelmente sabe mais do que deixa transparecer. Pergunto-me se ele previu o resultado de tudo, se nossas vidas estão perfeitamente mapeadas em sua cabeça com probabilidades e estatísticas. Então, novamente, ele não descobriu que Lily era uma viciada em sexo.

Independentemente disso, acho que estar dentro da cabeça de Connor Cobalt seria assustador e estranho, e, ainda assim, o passeio de diversão mais caro que existe.

Lily começa a contar uma história sobre um professor com gravata borboleta e problemas de fala, tentando evitar qualquer tópico sobre Estatística e suas notas nos exames.

— Então ele era velho.

— Isso não é uma história — Rose diz a ela incisivamente.

— É. Só não é boa.

— Como você está indo nas aulas, em termos de notas? — Connor levanta o assunto. — Sebastian ainda está ensinando você. — Ele não pergunta mais, pois confirma o que todos já sabem.

Os olhos de Lily disparam para um homem carregando uma enorme garrafa de bebida. — Tequila! — Ela exclama.

Ele se vira para a mesa.

— Você não bebe — Ryke a lembra, quase rosnando, embora o álcool fosse, obviamente, uma distração. Não acho que ela queira, mas estou me sentindo um pouco na defensiva hoje.

Olho insisivamente para ele. — Ela pode tomar uma, se quiser. — Não quero que ela pense que precisa ficar sóbria por minha causa. Eu não pediria a ela para fazer isso.

— Não — diz ela, com os olhos arregalados. O garçom se aproxima e ela o empurra fisicamente.

Eu agarro seus braços. — Mantenha suas mãos para si mesma — digo a ela facilmente, não querendo que ela tenha problemas.

— Você está tomando *Antabuse*, certo? — Melissa me pergunta. — Minha madrastra tomou isso por um tempo. Ela não conseguia nem beijar meu pai

quando ele tomava uma taça de vinho. Isso a deixou tão doente. — Ela acena para Lily. — É por isso que você não bebe?

— O quê? Não — Lily diz rudemente, ofendida. — Nunca gostei de beber, na verdade. Mas se bebesse, não me importaria se não pudesse beijá-lo. — Ela se encolhe. — Quero dizer, beijar não importa para mim. Em geral. Não apenas com Lo. Então, sim. Eu poderia desistir de beijar.

— Acho que ela entendeu — digo a ela com um sorriso. Ela fica vermelha brilhante e pega minha mão na dela. Eu me inclino e sussurro: — Estou feliz por poder beijar você. — Dou outro beijo na sua têmpora. Desde seu clímax involuntário em público, ela tem me permitido tocá-la sem desejar mais. Nós até dormimos na cama sem um travesseiro preso entre meu pau e a bunda dela. Ela não mexe comigo nem pede mais. É só dormir. De certa forma, algo incrível saiu de algo terrível.

O garçom começa a anotar os pedidos de todos e, quando coloco o meu para os tacos de peixe, mal ouço as palavras de Daisy.

— Eu acho que beijar é superestimado.

Oh, não.

Ryke fica tenso ao meu lado, e espero que ele esteja ouvindo a porra da minha voz furiosa em sua cabeça agora.

— Como assim? — Melissa morde a isca.

Rose se engasga com um pedaço de arroz. Ela limpa a garganta e leva a mão ao peito. — Esta não é uma conversa apropriada para o jantar. — Rose não é uma puritana completa. Ela xinga e fala sujo como o resto de nós. Eu a ouvi xingar um *redneck* de cento e trinta quilos por dar um tapa na bunda de uma garota. Sua linguagem era vulgar e meio hilária. Rose apenas sabe que isso está indo para um lugar ruim.

Melissa revira os olhos, não sendo a maior fã de Rose, considerando que Ryke culpou ela e Connor por fechar o quarto para sexo. — Eu, por exemplo, adoraria a perspectiva de uma garota de dezesseis anos — diz Melissa, voltando-se para Daisy. — Quero saber como a geração mais jovem se sente.

— Totalmente — diz Daisy com um aceno de cabeça. — Então, minha teoria sobre beijar...

— Existe uma teoria?

— Oh, sim. E minha teoria é que *não* beijar é mais sexy do que beijar de verdade. — Ela levanta as mãos. — Só acompanhe meu raciocínio. Digamos

que você esteja com um cara e perceba que ele está interessado. Há algumas carícias pesadas, algumas carícias sob o sutiã.

— Nós entendemos — Solto.

— E então — Ela continua sem perder o ritmo —, ele vai para o beijo. Você se afasta, recusa a ele um pedaço íntimo de você. A tensão aumenta, e cada toque, carne contra carne, parece ilícito e inebriante.

— Então você é uma provocadora — diz Ryke.

Estou prestes a xingá-lo, mas Daisy me interrompe. — Não, acabamos fazendo sexo.

Ryke nem se mexe. — Se não estou enganado — diz ele —, você mencionou que o sexo também é superestimado. — Quando?! *Reabilitação*. Eu odeio a porra da reabilitação. Eu perdi tudo.

— Isso foi até eu seguir seu conselho.

Este é um trem que não posso parar, e egoisticamente quero as informações que perdi mais do que tentar detê-lo. — Que conselho? — Pergunto, minha voz afiada.

Lily bate na minha perna repetidamente com medo. Ela sabe, mas não quero esperar até mais tarde para ouvir.

Daisy abre a boca e Ryke interrompe, vendo minha raiva começar a ferver.

— Não precisamos falar sobre isso.

É mau. O que quer que ele tenha dito a Daisy envolvia sexo, e minha mente já está girando. — Não, eu gostaria de ouvir — digo, fazendo sinal para que Daisy continue.

— Eu também — Acrescenta Melissa, lançando um olhar de soslaio para Ryke.

Lily enterra a cabeça nas mãos. Ela é a única que sabe o que eles disseram um ao outro. Ela foi a única que foi a Acapulco, além das amigas de Daisy.

Daisy hesita agora e tenta recuar. — Só para que todos saibam, minha experiência sexual antes era menos do que estelar, e eu tinha planejado afastar totalmente a espécie masculina antes de Ryke falar comigo.

— Isso é reconfortante — diz Connor categoricamente. Ele tem um dedo em sua bochecha em contemplação, mas seu olhar está direcionado para Ryke, não para Daisy.

Dirijo-me ao meu meio-irmão. — Graças a Deus por seu conselho, Ryke. — Abro um sorriso amargo e dou um tapa forte nas costas dele.

Ele se inclina para a frente e quase derruba o copo d'água, mas o agarra antes que derrame.

— Honestamente, o conselho dele funcionou — Continua Daisy, tentando tirá-lo de um buraco, mas ele está enterrado fundo demais. — Então, sério, você não pode culpá-lo por dizer isso, se isso me ajudou no final.

— Sério — digo entre os dentes cerrados —, se você não me contar o que ele disse, eu vou virar a mesa.

Ryke estremece e gesticula para Daisy. — Diz logo.

Ele lhe deu permissão, mas ela ainda está cautelosa. Lenta e cautelosamente, ela diz: — Você não deve deixar nenhum cara te foder até que ele te faça gozar pelo menos duas vezes.

A mesa praticamente silencia com Rose dando a Ryke um olhar mortal incomparável.

Ryke e Daisy estão errados. Eu sei disso, mas estou colocando toda a minha frustração em Ryke. Nem sei o que fazer ou dizer, mas se eu olhar para ele, acho que vou enlouquecer.

Melissa quebra o silêncio. — Que grande instrução para um jovem de dezesseis anos. — Ela cruza os braços sobre o peito.

Ryke solta um suspiro. — O que posso dizer? Eu dou bons conselhos.

Melissa dá um tapa no rosto dele, o som parece um tiro, e a maior parte do restaurante fica quieto.

Ryke põe as pernas da cadeira no chão, com o rosto vermelho. Isso tinha que doer como o inferno.

— Preciso falar com você — diz Ryke. A princípio, acho que ele está falando com Melissa. — Lo.

Balanço minha cabeça, incapaz de encontrar seus olhos.

Melissa solta uma risada baixa. — Verdade? — Ela se levanta e joga o guardanapo no chão. — Estou voltando para o hotel, não que você se importe.

— Espera... — Ryke se levanta, mas ele olha para mim e vacila.

— Vou falar com ela — diz Daisy, levantando-se da mesa. Melissa odeia Rose. Ela também não gosta muito de Lily, mas tenho certeza de que é Daisy que ela despreza. E não posso dizer uma palavra. Sento-me na cadeira, repetindo o conselho de Ryke para Daisy. Não me importo se isso a ajudou ou se foi bom – há uma linha aí que acho que ele sabe que ultrapassou. Como ele me disse antes, ele simplesmente não dá a mínima.

— Você não vai conseguir — Ryke diz a ela. — Apenas deixe-a ir. Falo com ela quando voltarmos para o hotel.

Daisy balança a cabeça, não aceitando isso como uma resposta. Ela corre atrás de Melissa.

— Porra — Ryke amaldiçoa, passando as mãos pelos cabelos. Ele se vira para mim. — Por favor, só me dê um minutinho, Lo.

Estou prestes a xingá-lo quando Lily diz: — Vá em frente. — Ela cutuca meu lado, e me pego levantando do assento e seguindo Ryke até o banheiro.

Quando a porta se fecha, ele se vira para mim e abre a boca. Mas por alguma razão, eu tenho que ser o idiota que tem a primeira palavra.

— Você poderia ter me contado aquela história sobre o seu conselho estúpido na praia quando estávamos tendo uma porra de uma conversa sincera — Solto, puto da cara.

— Claramente não foi estúpido se a ajudou, e não achei que você aceitaria bem, obviamente.

— Estou *tão* perto de socar você, e posso prometer que vai doer muito mais do que o tapa da cadela da Melissa.

Ele levanta as mãos em paz, o que não acalma meu temperamento.

— Vamos ouvir suas desculpas — digo.

Ele olha. — Eu não ia me desculpar.

Vou em direção à porta, *foda-se essa merda*, e ele dá um passo na minha frente. — Você não pode estar tão bravo comigo. Não sobre isso — Ele diz friamente. — Ela não é sua irmãzinha. Você não poderia nem mesmo me contar dez fatos sobre Daisy se tentasse.

— Vai se foder — Atiro de volta. — Ela é a irmã mais nova de Lily. Eu me lembro dela de fraldas, então, não tente se defender com base em uma maldita árvore genealógica.

Ryke está farto, seus punhos cerrados e ele parece pronto para lutar comigo. Em vez disso, ele realmente usa suas palavras.

— Não me transforme no vilão porque você está chateado por ter perdido a porra de um relacionamento humano com ela — Ryke quase grita, apontando para a porta. — Culpe a bebida, culpe nosso pai, mas nunca coloque a porra da culpa em mim.

Mantenho minha posição, fervendo. Ele tem razão. Estou parcialmente chateado com tudo o que perdi bebendo, e talvez eu esteja sendo muito duro

com ele. Mas não posso impedir o que acontece a seguir.

— Você quer transar com ela?

Ele não hesita e seu tom é mais suave, menos defensivo. — Não. Eu não quero — diz ele. — Ela é a última pessoa... de todos os tempos. Eu juro, Lo.

É aqui que devo confiar nele.

— Posso explicar pelo menos? — Ryke pergunta. — Há uma razão pela qual eu disse essas coisas para ela.

Passo a língua na base dos dentes e balanço a cabeça, com uma risada presa na garganta. — Desde quando você tem que ter um motivo?

— Normalmente, não tenho — Ele concorda. —, mas dessa vez, tive. Então posso falar agora ou serei assassinado?

Sinalizo para ele continuar.

— Era o doce dezesseis anos de Daisy e estávamos no barco. As amigas dela estavam discutindo sobre sexo, e eu não fazia parte dessa conversa, acredite. Elas amarraram Lily nisso, e ela parecia prestes a se jogar para fora do iate. Quero dizer, ela é a porra de um oxímoro ambulante: uma viciada em sexo que se sente desconfortável em falar sobre sexo.

— Ela está trabalhando nisso.

— Foi o que pensei também, mas ela fugiu das meninas. E quando Daisy a confrontou para falar sobre sexo, ela ficou confusa novamente. Eu só estava tentando mostrar a ela que está tudo bem. Que as pessoas podem se sentir confortáveis com isso. Sabia que ia passar dos limites, mas achei que valeria a pena. Para Lily... e um pouco para Daisy também. — Ele faz uma pausa. — Aconteceu, Lo. Não posso voltar atrás e, honestamente, não o faria.

Acho que esse deveria ser o lema de Ryke. *Simplesmente aconteceu*. Ou melhor ainda, jogue sua palavra favorita. *Simplesmente aconteceu, porra*.

Estou estranhamente mais calmo, principalmente porque posso imaginar Lily ficando em um tom de vermelho, rastejando para dentro de si mesma com todas as discussões sobre sexo. Até com a irmã.

— Estamos bem? — Pergunta hesitante.

Dizer sim parece uma derrota completa, então, apenas assinto com a cabeça.

Quando voltamos para a mesa, todos se foram. Os pratos estão raspados e

as cadeiras, vazias. Saímos do restaurante e avistamos Rose e Lily em um táxi que acompanha o meio-fio. Eles seguram caixas de isopor para viagem e esperam por nós. Connor abriu a porta do passageiro, falando com o motorista por cima do assento.

Daisy sai do táxi, com os olhos fixos em nós. Ela corre para alcançar nossos lados. — Então Connor não conseguiu que o serviço de limusine viesse nos buscar mais cedo — diz ela, recuperando o fôlego. — Eles estavam todos reservados, mas eu chamei um táxi...

— Por que todos foram embora? — Ryke pergunta.

Daisy dá a ele um olhar severo. — Não íamos deixar Melissa ir para casa sozinha. Estamos no *México*.

Não posso evitar o que digo. Estou tão chateado com tudo e todos. — Que engraçado, da última vez que você esteve no México, você não teve nenhum problema em deixar Lily e seus amigos para pular de um penhasco.

Ryke me lança um olhar para deixar pra lá.

— Aquilo foi diferente — Ela me diz. — Eu não estava saindo com raiva. E já me desculpei... não queria chatear ninguém.

— Está tudo bem — Ryke diz a ela. — Onde está Melissa?

— No fundo do táxi, esperando por você — diz Daisy — Eu a acalmei um pouco. Ela não está mais procurando voos para voltar para casa, e acho que se você ficar com ela, ela vai te perdoar.

Ryke revira os olhos. — Você está falando sério?

— Ela quer saber que você se importa.

— Eu me importo! — Ele grita, frustrado.

— Você não age assim — diz Daisy. — As meninas querem ser o único foco de sua atenção. Eles querem ser tudo o que você pensa, tudo o que você olha e vê. Você tem mais fixação por tacos de frango do que por Melissa. — Ela faz uma pausa. — Mas se você está cansado dela, você sabe, não precisa fazer nada. Ela simplesmente vai embora...

Ryke olha para Daisy por um longo momento, suas feições endurecendo.

Acho que ele quer que Melissa vá embora, mas isso dará a Daisy a impressão errada de que ele está se despedindo de Melissa *pela* caçula Calloway. E eu não acho que seja isso. Acho que Melissa é chata pra caramba, e ele prefere ficar sozinho a lidar com ela por mais tempo.

Ele encontra meu olhar quente. Ele só tem uma escolha, e o fato de estar

pensando em enganar Daisy me dá vontade de voltar ao banheiro e estrangulá-lo.

— Fantástico pra caralho — Ele diz baixinho e passa por nós dois em direção ao táxi.

Daisy balança a cabeça repetidamente, mas ela olha para as costas de Ryke, seus olhos fixos no local, mesmo depois que ele entra no táxi. Talvez Lily esteja certa – quanto mais você afasta duas pessoas, mais elas se aproximam.

Quando chegamos ao táxi, beijo Lily na bochecha e pego a caixa dela.

— Salvei seus tacos de peixe — diz.

Estou feliz porque não tinha *nada* para comer. Estava mais concentrado em um drama desnecessário do que na minha comida. Ela mantém as mãos em concha na frente dela, mas eu gostaria de nada mais do que envolvê-la em meus braços e beijá-la por um longo e prolongado momento.

Ela morde o lábio inferior, o que me deixa sem fôlego e bate meu coração. Toda a minha raiva de repente se esgota quando imagino o que posso fazer com ela. Como eu poderia tomá-la com tanta força e tão rápido que ela choraria de prazer tão intenso.

Estou acostumado a fazer sexo com ela todos os dias. E sei que ela teme que eu fique ressentido com ela por não fazer sexo, mas a nova frequência só torna a próxima vez que fodemos ainda mais inebriante.

Eu a puxo para o meu peito e inclino minha cabeça para baixo, meus lábios roçando sua orelha. Quero sussurrar como ela me faz sentir e como pretendo fodê-la de tantas maneiras diferentes. Mas não posso prometer a ela coisas que não vão acontecer. Não posso nem a levar à praia para transar porque isso seria considerado sexo público.

Então, apenas chego à verdade — Eu te amo — Sussurro.

Ela fica na ponta dos pés e me beija docemente nos lábios. Passo minha mão por seu cabelo e, em seguida, mordo seu ombro de brincadeira antes de dar um beijo igualmente casto em seu pescoço. Ela estremece em meus braços, e eu não a provoico mais. Temo que um beijo possa levá-la a querer mais. Não mudou desde sua humilhação pública, mas sei que pode ser muito fácil voltar lá.

Entramos no táxi, Lily e eu no banco do meio, e Daisy se espremendo ao lado da irmã. Rose e Connor ficam na frente, e Ryke e Melissa estão

alegremente aconchegados atrás.

Ryke prendeu Melissa no encosto do assento. Eu mal posso vê-la atrás de seus ombros largos. Sentando-se, as pernas dela envolvem a cintura dele e o corpo dele se funde ao dela. A mão dele desaparece por baixo da camisa dela, e seus lábios devoram os dela avidamente. Ela não consegue conter uma respiração afiada enquanto ele chupa seu pescoço.

Ela agarra suas costas, perdida em suas mãos e sua língua. Lily vai ficar com inveja. Porra, *eu estou* com inveja. Enquanto Melissa está com os olhos fechados, os de Ryke estão abertos, e ele encontra meu olhar enquanto morde seu lábio inferior. E ele olha para mim, basicamente dizendo, *odeio ter que fazer isso*. Mas é a coisa certa a fazer. E, francamente, não me importo que ele esteja chateado com isso. Motivar Melissa – tudo bem (tudo o que ela quer é sexo, de qualquer maneira). Motivar Daisy – isso não está certo.

Viro as costas para ele no momento em que Daisy se inclina para fechar a porta. Se ela percebe a sessão de amassos de Ryke e Melissa, ela não diz uma palavra sobre isso.

O táxi sacoleja ao longo da rua irregular, a rua iluminada na escuridão, as placas dos clubes piscando. Constantemente me chamando.

Abro a caixa para viagem e pego um taco de peixe, dando uma mordida enquanto Lily descansa a cabeça no meu ombro.

Connor se vira em seu assento para nos encarar. — Você conseguiu sua pontuação no teste de volta? — Ele pergunta a Lily.

Ela se senta imediatamente. E eu o amaldiçoo por fazê-la se afastar de mim. Mesmo que Lily seja tecnicamente a trapaceira aqui, estudando provas antigas. — Estou indo bem — diz ela vagamente.

— Isso não é realmente o que eu perguntei.

Suas bochechas ficam vermelhas. — Sim, consegui a nota de volta.

— Ruim assim, hein? — Ele se vira para Rose. — Eu disse a você que Sebastian não é tão inteligente. Ele comprou sua entrada para Princeton. Você deveria ter deixado Joseph Kim ensiná-la.

— Sebastian é inteligente — Refuta Rose. — Você não o conhece como eu.

Connor tem um rosto inexpressivo, mas se ele mostrasse emoção verdadeira, acho que ficaria chateado com isso.

— Na verdade, eu me saí bem — diz Lily.

Connor não consegue esconder sua carranca. — O que é *bem*? Um 75?

Interrompo, odiando rodeios, mas Lily está nervosa demais para dizer isso.

— Ela tirou 95 no exame de *Estats* — Antes que Connor abra a boca, acrescento: — Ela não queria ferir seus sentimentos de tutor.

Rose sorri e inclina a cabeça para Connor. — O que você estava dizendo sobre Sebastian?

— Espere... — Connor coloca a mão no rosto dela. Os olhos de Rose crescem, indignados pela mão. Acho que ela vai morder os dedos dele. — Havia um parâmetro?

— Não — diz Lily.

Rose agarra a mão de Connor. — Por que você não acredita que Sebastian é um bom tutor? — Ela pergunta.

Ele cobre a boca dela com a outra palma, sem terminar de interrogar Lily. — Você tomou *Adderall*?

Rose bate com a bolsa no peito de Connor, batendo nele com a maldita bolsinha até que ele tire a mão de sua boca. — Isso foi desnecessário. — Ela aponta o dedo para ele.

E juro, ele tenta não sorrir. Eu acho que ele gostaria de nada mais do que agarrá-la no assento e beijá-la tanto quanto Ryke está fazendo com Melissa. — Rose, querida — Ele sussurra. — Não vamos tirar conclusões precipitadas por preconceito pessoal. Não conheço Sebastian como você.

— Exatamente — diz ela como se tivesse vencido.

Ele ignora isso e acena de volta para Lily. Acho que ele pode ser um pouco mais esperto do que Rose. Se dissesse isso a ela, ela provavelmente arrancaria meus pulmões.

— Lily, você tomou *Adderall*? — Connor pergunta novamente.

Ela balança a cabeça rapidamente. — Não, não, não — Ela murmura. — Eu estudei, Connor. A maneira normal e natural como você me ensinou.

— E Sebastian claramente ajudou — Acrescenta Rose.

Connor balança a cabeça. — Não... algo não está certo.

Rose cutuca seu braço. — Você não pode admitir que está errado. Esse é o problema.

— Sei quando estou errado, Rose, e não acho que estou agora.

— Quantas vezes você já falou com Sebastian?

— Algumas — diz Connor. — Ele sai correndo pela porta no minuto em

que entro e mal me olha nos olhos. Apenas mentirosos e trapaceiros não podem me encarar.

Lily afunda mais em seu assento.

— Lily não colou — Rose responde, seu olhar ficando sombrio.

Eu interrompo, com medo de que de repente tenhamos rompido o relacionamento deles — Lily não é tão estúpida quanto você pensa. Isso é realmente tão difícil de acreditar?

— Sim — diz Connor. — Passei meses ensinando Lily, e ela nunca passou de C.

— Talvez eu seja apenas boa em *Estats* — Lily dá de ombros.

— Você foi mal nas duas primeiras provas.

Rose levanta a mão para interromper como se estivéssemos na aula. — Ou, talvez — diz ela, lançando sua voz fria de volta para Connor —, Sebastian seja apenas um tutor melhor do que você.

Connor inclina a cabeça para ela como se ela estivesse sendo tola. — Não, não pode ser isso.

Ela solta um grunhido exasperado. — Você é demais.

— Você me ama — diz ele com naturalidade.

Ela fica boquiaberta. — Eu nunca disse uma coisa tão estúpida. — Essa é a resposta dela. Mas ela ficou rosa brilhante.

Connor ergue as sobrancelhas para ela e então volta sua atenção para Lily. — Você colou?

Ah, merda.

Em vez de interromper, Rose espera que Lily responda desta vez. Lily precisa ficar forte aqui. Mesmo que estejamos inadvertidamente do lado de Sebastian em vez de Connor, esses testes são importantes para o futuro dela em Princeton. Passamos anos mentindo para as pessoas sobre nossos vícios. Somos bons nisso, mas me lembro de todas as vezes em que tive que acalmá-la, para aplacar sua ansiedade sobre mentir na frente de Rose e seus pais. A mentira a consome por dentro mais do que a mim.

Lily aperta minha mão com força e, com voz firme, diz: — Estou sendo honesta, Connor. Sem cola, sem drogas, sem nada. — Ela acena para si mesma. — As coisas mudaram. Só estou mais focada agora. — Seu tom é sincero, algo difícil de rejeitar.

Eu coloco meu braço em volta do ombro dela e observo Connor ficar

quieto. Mas ele não parece cem por cento satisfeito. Eu diria que ele está pelo menos quarenta por cento, o que é bom o suficiente por enquanto.

Antes que ele diga algo mais, Rose dá um tapa no braço de Connor e os dois começam a discutir em francês. Não consigo entender nada disso, mas tenho certeza de que eles estão lançando palavrões.

Lily se encolhe, observando os olhos de Rose perfurando Connor, suas palavras soando desagradáveis. E ele é rápido em responder. Lil se inclina para o meu lado e sussurra: — Não gosto de mentir para ela.

Eu aperto o braço dela. — Nós vamos consertar isso. — Eventualmente.

E então o táxi bate em um buraco e meu estômago começa a se contorcer, enviando uma dor lancinante através de mim. Toco meu abdômen conforme ele se intensifica. Retiro meu braço de Lily e seguro a maçaneta da porta do táxi. Que porra está acontecendo?

— Lo?

Abro a boca para falar, mas uma onda de náusea me invade.

— Ah?! — Sua voz aguda acalma o carro.

— Encosta — Ouço meu irmão dizer. — Encoste *agora*! — Minha cabeça é um borrão. Coloco minha mão sobre meus lábios, e assim que o táxi para e a porta se abre, eu estou na estrada com ânsia de vômito. Minha garganta arde e meus músculos queimam.

Tudo começa a surgir. Mas para cada ânsia, minha cabeça lateja, meu corpo dói, e acho que algum animal quer rastejar para fora do meu estômago. Ele arranha, arranha e rasga minhas entranhas.

— Ele bebeu? — A voz fria de Rose pica meus ouvidos ao fundo.

— Que porra você bebeu?! — Ryke grita comigo, sua voz mais alta.

Balanço minha cabeça e vomito de novo, os carros zunindo e buzinando como se eu fosse outro estudante universitário bêbado nas férias de primavera. Mas eu não tomei uma maldita cerveja. Nem uma gota de *whiskey*. Eu não entendo. Não entendo. Não fiz nada de errado.

Lil agarra meu braço, e eu brevemente encontro seus olhos, e a onda de decepção parece pior do que essa dor.

Não fiz *nada* de errado.

Mas não tenho voz para dizer isso.

Estou muito ocupado vomitando.

CAPÍTULO 27

Lily Calloway



Passo a noite inteira com Lo no banheiro do hotel, limpando sua testa úmida com um pano quente e certificando-se de que ele não está doente o suficiente para um hospital.

Eu acho que todos nós exageramos no táxi. Mas ficou claro que sua doença não era de intoxicação alimentar. Ele literalmente acabou de dar uma mordida no taco de peixe. A intoxicação alimentar não funciona tão rápido. Então, todos imaginamos que *Antabuse* era o culpado – o que significava uma coisa.

Ele tomou álcool.

Ryke gritou com Lo enquanto vomitava do lado da estrada, mas eu não acreditava que Lo pudesse estar secretamente voltando a tomar goles de *whiskey* ou alguma outra mistura. Não quando estávamos todos sentados à mesa. Ele não é tão estúpido.

Mas havia uma ideia de dúvida surgindo. O *e se* assumindo meu processo mental. Viciados mentiam. Eu nunca pensei que Lo começasse a mentir para mim também. Éramos uma unidade há tanto tempo que não percebi que poderia ser empurrada com tanta facilidade – e sem aviso prévio. Eu me perguntava, por um curto momento, que se ele pudesse mentir todo esse tempo sobre ficar sóbrio, ele poderia estar mantendo outros segredos de mim. E eu nem saberia.

Connor foi o único a calar as dúvidas de todos, incluindo a minha. Ele disse que havia uma alta probabilidade de que o peixe tivesse sido frito com cerveja, um detalhe que Lo poderia ter esquecido antes de pedir. Então Rose

ligou para o restaurante e, com certeza, o peixe não era apenas frito com cerveja, mas também tequila.

Lo se move como preguiça esta manhã, escovando os dentes, praticamente encurralados sobre a pia. Ele se parece um pouco com o que costumava antes de sua sobriedade – como se acordasse depois de uma noite de excessos.

— Você está bem? — Pergunto suavemente. — Podemos ficar aqui, se você quiser.

Um palco é montado na praia para um show ao ar livre nas férias de primavera, e todos devemos ir para lá em breve. Não consigo imaginar o caos e o barulho sendo agradáveis para ele.

Enquanto espero pela resposta dele, ando para a banheira para raspar minhas pernas, normalmente faria uma rápida raspada na pia, mas compartilhamos com outras cinco pessoas.

Ele cospe na pia. — Não — Ele diz e limpa a boca em uma toalha. — Quero ir e, honestamente, me sinto melhor do que na noite passada.

A porta do banheiro se abre e Ryke entra, já vestido com um manquínii azul-neon. Lo confessou sobre os trajes de banho alguns dias atrás, e estranhamente Ryke preferia usar os seminus do que os calções que Connor e Lo escolheram. Ele afirma que fica com um bronzado melhor, mas acho que gosta do jeito que todas as garotas olham para a bunda dele.

Pego um barbeador, focando em minhas panturrilhas espinhosas ao invés de sua... área.

— Como você está se sentindo? — Ryke pergunta enquanto Lo começa a aplicar protetor solar ao longo de seu abdômen.

— Como merda. Deve ter sido aquela garrafa de *whiskey* que bebi enquanto vocês estavam todos sentados ao meu redor — Ele estala. — Oh, espere, não, isso foi o que você me acusou.

— Já pedi desculpas. — Sua voz continua áspera e ele olha para mim, distraído. — Lily, o que diabos você está fazendo?

Lo segue seu olhar e revira os olhos. — Ela está apenas depilando as pernas.

— O que ele disse — digo, tentando me concentrar para não machucar minha rótula ou tornozelo. Esses são os pontos complicados. E como estou apenas ensaboando minhas pernas com uma barra de sabão, tenho menos espuma para trabalhar.

— Por que você não toma banho?

Deixei escapar um suspiro exasperado. — Isso dá muito mais trabalho.

— Você é tão preguiçosa quanto Lo.

Dou de ombros, não negando. Ryke volta a atenção para o irmão. — Você já tomou seu remédio?

— Sim. — Ele estende o frasco de protetor solar para mim. — Você pode fazer minhas costas quando terminar de se depilar?

— Farei isso agora mesmo. Acabei com esta perna. — Enxáguo minha perna direita e giro no parapeito de porcelana. Ele se senta ao meu lado para que eu não precise me levantar para alcançar sua altura. Eu esguicho um pouco de loção em minha mão e começo a esfregá-lo ao longo de suas costas nuas.

Um pensamento pecaminoso se insinua na minha cabeça – de Lo se virando e me tomando bem aqui na borda. Eu já monto nele, o ponto entre minhas pernas contra o frio da banheira. Isso é simplesmente ruim. Eu tento sufocar meu desejo e qualquer atração rapidamente. Sem sexo. Hoje não. Não essa semana. As palavras não me devastam tanto quanto antes.

Ryke mantém seu olhar em Lo, o ceticismo aparecendo em seus olhos. — Onde está o frasco de comprimidos?

Seus ombros ficam tensos. — Debaixo da pia.

Eu aliso as listras brancas ao longo da pele de Lo, meus dedos dançando ao longo de suas costas. Gostaria de poder tocá-lo em outros lugares, o que percebo ser problema meu. Não deveria querer fazer sexo quando estou apenas passando loção nas costas dele. Certo? Talvez não seja tão estranho, mas sei que minha persistência em ir cada vez mais longe está errada.

Não deveria *ir* de jeito nenhum.

O que é uma merda.

E não é uma boa merda, veja bem.

Não, isso é uma merda ruim, que eu não achava que pudesse existir. Mas funciona. Este é definitivamente um tipo ruim de merda.

Ryke se levanta do armário um segundo depois com o recipiente laranja na mão e então o abre, derramando os comprimidos no balcão.

— Que diabos está fazendo? — Lo pergunta.

Ryke os coloca em pequenas pilhas, e de repente percebo ‘o que diabos ele está fazendo’, contando.

Lo fica rígido quando o mesmo pensamento o atinge. Mas ele não deveria ter nada a temer. A menos que...

Ryke começa a balançar a cabeça e coloca os comprimidos de volta no frasco. — Por que você mente para mim?

— Quando você começou a contar meus comprimidos? — Lo pergunta, as sobrancelhas franzidas.

— Quando você os comprou.

— Você não tinha o direito.

— Tenho todo o direito. Você é um viciado, Lo. Você mente, trapaceia, fode com as regras para conseguir o que quer. Eu ajo pelas suas costas porque me importo, não porque estou tentando minar sua privacidade.

— Fala o que eu ainda não ouvi! — Lo grita. — Sou um trapaceiro. Eu sou um mentiroso. Entendo. E se isso te incomoda tanto, aí está a porra da porta.

Uh-oh. Eu deveria voltar a raspar minha perna. Mas não consigo parar de assistir.

O rosto de Ryke se transforma em pedra. Ele pega uma garrafa d'água na pia e entrega para Lo, junto com um comprimido. — Pega.

— Você não me ouviu? — Lo zomba. Ele empurra a mão de Ryke para trás. — Não quero isso.

Dói vê-lo negar algo que o ajuda. — Lo — digo suavemente. — Apenas pegue isso.

Ele pula da borda da banheira como se eu o tivesse eletrocutado, e então enfrenta Ryke e eu como se fôssemos os inimigos agora. — Vocês dois não entendem.

Eu me levanto, não me importando em raspar minha perna esquerda neste momento. — O que eu não entendo? — Pergunto, sufocando minha dor.

— Ontem à noite, vomitei minhas entranhas com tacos de peixe medíocres. Eu não conseguia nem provar a tequila ou a massa de cerveja ou o que diabos estava neles! Como diabos vou fazer isso acontecer acidentalmente de novo.

— Então leia a porra do menu da próxima vez — Ryke diz a ele. — Pergunte ao garçom, pergunte à porra do chef. Não dê desculpas.

— Não estou dando desculpas, mas ficar sóbrio não deveria dar tanto trabalho. Eu não deveria ter que definir um despertador para me lembrar de tomar um comprimido. Não deveria ter que passar cinco horas por semana em

terapia. — O peito de Lo sobe e desce pesadamente. — E você... não é justo que seja tão fácil para você. Beber sua água todos os dias, fazendo parecer que não é nada.

— Não sou você, Lo. Não tente nos comparar.

— Como não posso? — Lo diz, passando as duas mãos trêmulas pelo cabelo. — Você fica aí me dizendo o que fazer, o que é melhor para mim, como se você já tivesse passado por isso antes. Você nunca tomou *Antabuse*, Ryke. Você não sabe como é essa porra!

Não tenho certeza do que dizer ou fazer agora.

— Só estou tentando ajudar — diz Ryke. — Pare de me afastar.

Lo agarra a pia com força.

Concordo com Lo, ficar sóbrio dá mais trabalho do que qualquer um de nós pensou ser possível, e obviamente Lo e eu somos o tipo de pessoa que dá apenas dez por cento de nossa energia. Não sei se é porque sempre fomos preguiçosos ou se somos apenas apáticos. Mas agora, neste momento, eu me importo. Só espero que Lo também.

— Isso nem faz com que os desejos parem — diz Lo, apontando para o comprimido nas mãos de Ryke.

— Não, não — Ele concorda —, mas você apenas sente como é beber quando está bebendo, e tenho certeza de que isso é o suficiente para motivá-lo a evitar a bebida.

Lo hesita. — Caralho — Ele amaldiçoa, esfregando os olhos.

— Você deveria aceitar — digo a ele. — Se eu tivesse uma pílula mágica que me fizesse vomitar sempre que visse pornografia, provavelmente ajudaria.

Não sei se sou eu, ou Ryke, ou sua própria consciência em guerra, mas algo vence. Ele se vira e aceita o comprimido do irmão.

A música de rap remixada sangra na área lotada, estudantes universitários em trajes de banho levantando os punhos no ar e bebendo vodca direto de garrafas d'água. Eu tenho o melhor lugar na praia.

Bem nos ombros de Lo.

A altura me dá uma vantagem do calor sufocante do corpo e do fedor de suor. Também tenho uma visão privilegiada do palco, onde o rapper em tons

brilhantes passeia e pula em uníssono com a multidão irritada.

Lo não saiu do meu lado durante todo o show. Não para comprar uma cerveja, ir a um bar ou encontrar seu caminho para o álcool. Eu não fiz nenhum movimento com ele ou pedi sexo.

Estamos nos divertindo sem engodo.

A música termina e coloco meus dedos na boca, soltando um assobio alto enquanto todos batem palmas e gritam. Abaixo de mim, o resto do nosso grupo tenta permanecer junto e não ser empurrado para muito longe.

Rose veste um maiô preto com uma saída de praia e fica rígida no meio da multidão, petrificada pela proximidade de tantos corpos. Connor não poderia estar mais composto. Ele é como um camaleão, adaptando-se à atmosfera bêbada e festiva com facilidade. Ele a mantém perto, com as mãos nos quadris dela, e normalmente ela o empurraria. Mas acho que o medo de esbarrar em alguém e a cerveja ser derramada em sua saída de praia e corpo supera seu medo de intimidade com Connor.

Melissa praticamente perdoou Ryke. A sessão de amasso no táxi ajudou, mas a apalpação da parte de baixo da calcinha solidificou seus planos de ficar em Cancun. Eu teria ficado com mais inveja ontem à noite se Lo não estivesse doente. Mas sua pele úmida e sua tonalidade pálida literalmente redirecionaram toda a minha mente. Mesmo quando ouvi as risadinhas de Melissa no deck, escuro como breu lá fora, não me importei muito. Eu só queria que Lo se sentisse melhor.

Melissa está de bom humor agora. Ela se senta nos ombros de Ryke, batendo palmas ao meu lado quando a próxima música começa.

Uma rajada de fumaça sobe pelo meu nariz, e eu cheiro o ar salgado. Os baseados estão acesos por toda a praia, os cheiros são insuportáveis, mas este está tão perto que olho para baixo. Daisy está bem na frente de Ryke e Lo, um cigarro preso entre dois dedos. Pelo menos não é maconha. Então é isso.

Ela evita sem esforço que o cigarro queime ninguém próximo e levanta a cabeça para soprar a fumaça no ar, longe de outras pessoas. Exceto eu, claro.

Já deixei Daisy fumar várias vezes. Eu não sabia o meu lugar para dizer a outras pessoas para *pararem* quando mal consigo me conter. Odeio a ideia de ser hipócrita. Mas tenho a impressão de que Daisy só fuma por lazer. Imagino aquela recreação virando hábito, que vira vício. Simplesmente não suporto que Daisy passe pelo que estou passando.

Antes que possa dizer qualquer coisa, Ryke arranca o cigarro de seus dedos e o joga na areia.

Não vejo a reação dela porque o rapper parou de cantar e começou a falar, a música ainda tocando atrás dele. — Agora quero ver mais damas no ar! Nos ombros agora! Vamos! — As garotas começam a subir nos ombros de caras aleatórios, sendo erguidas no ar como Melissa e eu.

Connor nem pergunta a Rose, provavelmente sabendo que ela prefere manter os pés bem plantados no chão. Daisy bate em um cara de bandana na frente dela. Ele a examina longamente da cabeça aos seios – principalmente nos seios que cabem em um biquíni verde-neon, a franja acentuando seus seios de um pequeno B para um C.

— Eu sou leve — Ela diz a ele. E então ela sussurra em seu ouvido.

Melissa está observando Ryke com o maior escrutínio, mas ele não diz uma palavra.

O cara abre um grande sorriso estúpido, o que não é bom. Estou pensando em coisas sexuais – como Daisy sussurrando para ele que retribuiria o favor de sentar em seus ombros. Favores sexuais, é claro. Mas talvez seja apenas minha mente suja pregando peças em mim novamente.

Coloco minhas mãos na cabeça de Lo e olho para ele. Ele está *olhando* para o cara. Então... Talvez todo mundo seja tão sujo quanto eu. Eu sorrio com a ideia.

O cara da bandana se abaixa para deixá-la em seus ombros.

Quando ela está na minha altura, ela se vira um pouco e me dá um *high-five*, alheia aos caras superprotetores abaixo de mim.

— Garotas! Diga, *yeah!* — O rapper canta.

— *Yeah!* — Isso é divertido. Meu sorriso toma conta do meu rosto.

— Pessoal! Diga foda-se *yeah!*

— FODA-SE *YEAH!*

Ele continua uma parte de sua música, a batida bombando e minha visão oficialmente desaparecendo com a quantidade de garotas nos ombros.

— Agora, garotas! — Ele volta a falar. — São as férias de primavera! Vamos ver esses peitos!

Espere. O quê?

Fico imóvel enquanto as garotas ao meu redor respondem tirando a parte de cima do biquíni, como se o rapper tivesse dito uma palavra mágica.

Tudo o que ouvi foram peitos, o que tem o efeito oposto na minha vontade de expor as mamas. Todos gritam de excitação bêbada, olhos arregalados ao ver mamilos e partes elásticas.

Peitos de todos os tamanhos balançam e saltam ao meu redor. Estou dando um tapa no rosto de Lo, seu nariz, sua bochecha – *me abaixa*. Abaixa. Eu preciso ir para baixo. Agora.

Ao meu lado, Melissa já puxou o cordão da blusa. O que é legal. Ela tem seios bonitos. Ela deixa cair o top na cabeça de Ryke. Ele pega e olha para cima, exatamente o que ela queria.

Não tenho muito o que exibir e me envergonho facilmente. Claramente.

Eu vejo algumas outras garotas descendo do ar, não querendo participar disso também.

— Daisy! — Rose grita do chão.

Assim que Lo me põe de pé, estico o pescoço e vejo Daisy mexendo no fecho em suas costas.

— Daisy! — Grito com os olhos arregalados, tão mortificada quanto Rose. Não quero que ninguém veja os peitos da minha irmã de dezesseis anos. Se ela quiser arrancar a parte de cima do biquíni em dois anos, que seja – mas não agora.

Lo planta as mãos em meus ombros. — Jesus Cristo — Ele amaldiçoa, tentando desviar os olhos.

Daisy apenas olha para mim, sorrindo de orelha a orelha.

Rose está prestes a engolir sua ansiedade e passar por todos esses corpos para alcançar Daisy e torcer seu pescoço. Mas, então, Daisy solta a mão com uma risada.

— Assustei vocês? — Ela pergunta, balançando as sobranceiras.

Sim. Ela me assustou, mas pelo menos não tinha intenção de fazer isso. Isso tem que contar para alguma coisa.

Seus olhos piscam ao meu lado. Não para Lo, mas para Ryke. Suas feições normalmente duras estão ligeiramente escurecidas. E acho que ele está tentando muito, muito mesmo não chamar Daisy de provocadora, só para irritá-la e começar alguma coisa.

É o que ele faz.

Quanto mais ela olha para Ryke, mais seu sorriso desaparece. Ela vira as costas para nós, se inclina para a frente e diz algo para o cara da bandana. Ele

a abaixa até o chão, segura na terra, e antes que ela volte para o nosso grupo, ela continua conversando com ele, mesmo com a música alta.

Ela acena muito com a cabeça. Ele sorri ainda mais. Eu não gosto disso. Porque ele parece ter vinte e tantos anos e ela é apenas uma adolescente.

E então a mão dele descansa em seu quadril e começa a viajar para sua bunda.

— Estou em trinta segundos — Lo diz baixinho, seus olhos piscando para Ryke.

— Eu em quinze.

Franzo a testa. Para quê? Intervir?

Connor olha entre eles. — Vocês dois não podem estar falando sério.

Ryke olha para o relógio. — Cinco...

— Ela é uma garota esperta — Connor os lembra.

— Ela tem dezesseis anos — diz Lo.

— Três...

E então o cara dá um tapa na bunda dela, e Ryke está prestes a derrubar Melissa no chão. Mas Daisy apenas sorri e se despede do cara e vem até nós. Quando ela encontra nossos rostos, seu sorriso se contorce em uma carranca, confusa como eu. Agora, tenho certeza de que há muita testosterona bombeando nessa área.

— O que há com todos vocês? — Pergunta Daisy. — Lo, parece que você vai estourar um vaso sanguíneo. — Ele parece. Mas ela tenta dar de ombros. — Aquele cara me disse um bom lugar para nadar com tubarões. Alguém a fim?

Todo mundo fica quieto.

E ela pergunta novamente. — O quê? O que eu fiz?

— Aquele cara praticamente enfiou a mão no seu maiô — Ryke diz a ela — e você não se importou.

Melissa está com os braços cruzados sobre o peito. Seu humor está piorando lentamente.

Rose me lança um olhar severo e gesticula com a boca ‘hora das meninas’. Sim. Definitivamente.

Pego a mão de Daisy, querendo ar também, mas principalmente querendo Daisy fora de seus olhares de julgamento por um segundo.

— Espere, não fiz nada de errado — diz ela. — Ele estava apenas sendo

legal.

— Você é realmente tão ingênua? — Lo pergunta. — Porque se você for, devemos considerar mandá-la para casa antes que algo terrível aconteça.

— Não sou ingênua — diz ela. — Ele estava feliz.

Ryke se encolhe. — Você o deixou bater na sua bunda porque isso o deixaria *feliz*? — Sim, isso não parece certo.

— OK — Interrompo. — Estamos indo. Certo, Rose?

— Sim. — Ela lança um olhar sobre cada um dos caras.

Connor levanta as mãos. — Eu não disse uma palavra.

Os olhos dela se suavizam para ele. — Você está isento.

— Daisy — Ryke diz com tanta emoção ao nome que arrepios correm pelo meu braço. E está muito quente aqui fora. Acho que ele quer dizer um monte de coisas para ela – dar a ela algum tipo de conversa sobre como ela não precisa agradar outras pessoas para se sentir melhor – que isso vai machucá-la no final. Mas Melissa abaixa a cabeça e começa a sussurrar em seu ouvido, impedindo-o de falar o que pensa.

Então, Daisy diz: — Vejo vocês por aí. — E ela realmente me arrasta para um bar tiki que fica na praia. Rose corre atrás de nós, querendo sair da multidão também.

Descansamos os cotovelos no balcão e compro uma garrafa d'água enquanto Rose e Daisy esperam que o *barman* prepare suas margaritas.

Rose bate as unhas no balcão, impaciente como sempre. — Daisy — diz ela. — Você tem algo que precisa nos dizer?

Daisy está entre Rose e eu, e ela balança na ponta dos pés. — Eu não vou dormir com aquele cara — diz ela. — Eu não faria isso. Eu apenas disse a ele que o achava bonito e, depois, perguntei a ele sobre os tubarões.

Franzo a testa. — Verdade? — Aquele foi o limite? Talvez todos nós estejamos tão focados em sexo. Nós somos os brutos.

— Quero dizer, ele disse algumas coisas sugestivas, mas eu não estava tentando retribuir o flerte. Verdade. — Ela dá de ombros como se não fosse nada. — Estou acostumada com isso.

— Qual parte? — Rose pergunta friamente. — O toque ou o flerte? Porque se você estiver fazendo sessões de fotos onde a equipe está colocando a mão em você...

— Não, não — diz ela, arrastando a palavra como eu quando tento

encobrir uma mentira. — Isso nunca aconteceu. Mamãe vem comigo. Ela não deixaria ninguém me tocar de forma inadequada.

Rose acredita nela. Ela assente, mas eu encaro Daisy por um longo tempo, não tão confiante. Talvez porque tenha mentido por tanto tempo que posso ver através disso.

Daisy encontra meu olhar preocupado e ela envolve um braço em volta do meu ombro. — Estou bem, Lily.

Não sinto que ela esteja.

Lembro-me de ser jovem, tentando navegar o que está errado e o que está certo em um lugar onde as linhas se confundem com tanta frequência. Mas eu tinha Lo a quem recorrer – para ter certeza de que não cairia no fundo do poço e me afogaria.

Daisy é lançada neste mundo de modelagem sem todos nós lá para pegá-la. Ela está sozinha e confusa. E não tenho certeza de como consertar isso sem dizer a ela para sair. Mas ela nunca iria embora – não por causa do dinheiro, mas porque sua carreira está relacionada à felicidade de nossa mãe. E manter nossa mãe feliz deixa Daisy feliz.

Meu telefone vibra e verifico o identificador de chamadas. *Poppy*.

Desligo o telefone e coloco de volta no bolso do meu short jeans.

— Quem era? — Daisy pergunta, falando sobre o liquidificador alto.

— Poppy.

Rose olha para o *barman* por ser tão lento, e as rugas da testa de Daisy em confusão. — Por que você desligaria?

— Eu simplesmente não sinto vontade de falar. — É a verdade. De qualquer forma, meu relacionamento com Poppy é distanciado, na melhor das hipóteses. Ela é seis anos mais velha, então, quando entrei na nona série, ela já estava há dois anos na faculdade e noiva.

O telefone de Rose toca, e ela atende o celular no primeiro toque. — Olá, Poppy. — Ela me dá um olhar nítido, mas nada quase tão chateado quanto Daisy agora.

— É por isso que você não atende minhas ligações? — Daisy pergunta. — Você simplesmente não sente vontade de falar?

A acusação dói quando me lembro que Daisy é quatro anos mais nova que eu – cinco em agosto, quando completo vinte e um. Quase a mesma diferença de idade que Poppy e eu.

Mas qualquer capacidade de curar um relacionamento com minha irmã mais velha navegou há muito tempo. Ela é casada. Tem um bebê e começou uma família própria. Tenho a chance de ser irmã de Daisy e estou tentando muito.

— Não, não é isso, Dais.

— Sim, Poppy, estamos nos divertindo. Os mojitos são fracos, mas as margaritas geralmente são boas. — A visão de Rose ainda plantada naquele *barman* lento, levando anos para espremer limão no gelo triturado. — Sim, Lily está conosco. Ela não conseguia ouvir seu celular por causa de todo o barulho.

Daisy bate no meu braço. — Então, o que é? — Ela pergunta, esperando por uma desculpa viável. *É isso*, eu acho. Este é o momento em que deveria ser honesta e dizer a ela que tenho um vício em sexo, e que, no passado, preferia o sexo a qualquer outra coisa – mesmo conversar com ela.

Minha garganta se aperta por um minuto, e então digo: — Sou muito estranha ao telefone. Acho que prefiro enviar mensagens. — A mentira tem um gosto amargo e rola meu estômago.

Daisy olha para o bar, quieta, o que não tenho certeza de que é um bom ou mau sinal.

— O quê? — Rose diz por telefone, perplexa. — Você tem certeza de que foi endereçado a Lily?

— O que está acontecendo? — Pergunto.

— Espera, deixa eu perguntar. — Rose coloca uma mão para o receptor e me afasta do bar, separando-se um pouco de Daisy, mas ela se junta a nós, curiosa. Eu seria também se fosse ela. — Você enviou um pacote para a casa de Villanova? — Rose pergunta. Villanova... a casa dos meus pais? Por que...

— Por que faria isso?

Os ombros ósseos de Rose endurecem em ângulos nítidos.

— Qual pacote? — Daisy pergunta.

— Aqui, fala com ela. — Rose me entrega o telefone.

Pressiono o celular no meu ouvido, meus nervos à flor da pele. — Ei, Poppy. O que está acontecendo?

— *Lily, estou na casa Villanova para a festa de aniversário de Maria* — Ela explica em voz baixa, como se tivesse medo de que alguém ouvisse. — *Harold acabou de trazer a correspondência e há um pacote endereçado a*

você. É de um site chamado Kinkyme.net. Há literalmente X em toda a caixa. Ele ia dar para a mamãe, mas o impedi antes que ele pudesse.

— Não pedi isso — digo rapidamente, meu coração batendo forte no meu peito.

— *Tudo bem se você pediu* — Poppy diz gentilmente — *Só estou me perguntando por que você enviaria algo assim aqui. Mamãe teria sua cabeça.*

— Honestamente, eu não mandei.

Rose parece um pouco cética, e me pergunto se ela acha que enviei o pacote para lá para escondê-lo dela e de Lo ou algo assim. Ela confia em mim tanto quanto Ryke confia em Lo.

Tomo uma decisão repentina. — Poppy, você pode abrir e ver o que é?

Os olhos de Rose ficam selvagens, mas agora ela não pode acreditar que eu enviei o pacote.

— *Sim, espera* — diz. Eu a ouço se atrapalhar e, em seguida, o rasgar e rasgar a fita. Sua voz se reduz a um sussurro. — *É um vibrador.*

Faço uma careta.

— *Espere, há uma carta.* — Ela faz uma pausa e o silêncio é agonizante. — *Oh, meu Deus.*

— O q-que diz? — Gaguejo.

Rose bate o pé, irritada por não poder ouvir. Daisy pousa a mão no meu ombro, me confortando, embora não saiba a origem da minha angústia. A culpa começa a surgir quase imediatamente. *Eu deveria ter contado a ela.* Talvez não. *Sim.* Não... não sei. Minha cabeça dói.

Poppy lê baixinho: — *Querida Lily, aqui está algo para mantê-la satisfeita à noite.* — Ela faz uma pausa. — *Não tem assinatura. É de Loren?*

— Por que Lo compraria um vibrador para mim? — digo em voz alta, sem pensar.

— Vibrador? — A boca de Daisy se abre, conectando alguns dos pontos.

— *Quem mais enviaria algo assim para você?* — Poppy pergunta.

— Deve ser uma brincadeira estúpida — digo. Do chantagista. — Você pode jogá-lo fora antes que alguém o veja? E você pode dizer a Harold para não mencionar isso?

— *Claro* — diz Poppy. — *Se você está tendo problemas para fazer amigos na escola...*

— Não é escola preparatória, Poppy. É faculdade. Ninguém está roubando

meu dinheiro do almoço.

— *Então por que alguém faria isso?*

— Eles devem achar engraçado. Eu não sei — digo rapidamente. Minha garganta está começando a fechar com um caroco e minha voz ameaça tremer.

— Ei, você quer falar com Rose?

— *Claro.*

Entrego o celular para Rose e ela inicia uma conversa cordial.

— Ei. — Daisy aperta meu ombro em um abraço lateral. — Provavelmente é apenas algum perdedor da Penn que está chateado por você nunca ter se dedicado a ele ou algo assim.

Lágrimas picam meus olhos. Ela não poderia estar mais longe da verdade.

— Oh, não, por favor, não chora. — Daisy me gira e agarra minhas mãos, balançando meus braços como se ela pudesse dançar comigo a qualquer momento. — Estamos em Cancun. Férias de primavera. A melhor semana do ano. Não deixe que algum idiota tire o melhor de você.

Ela está certa, então fungo e enxugo os olhos. Ela me puxa para um abraço de verdade, e seus dedos passam pelo meu cabelo. Ela suspira com inveja. — Tão baixinha e bonita — diz ela com um sorriso.

Esfrego meu nariz enquanto nos separamos um pouco. — Está pegajoso.

Ela acena para mim e seus olhos vagam em direção ao palco. Eu sigo seu olhar e vejo os caras e Melissa se retirando da enorme multidão. Vou ter que contar a Lo o que aconteceu. O chantagista não apenas sabe que estou em Cancun, mas também sabe o endereço dos meus pais.

Ele está tentando me enervar.

Está meio que funcionando.

CAPÍTULO 28

Loren Hale



Na varanda, a música vem da piscina lá embaixo, mas pelo menos é mais privativa que o quarto. Todos vestem roupas bonitas para o clube esta noite – nosso último passeio em Cancun antes de viajarmos de volta ao mundo real com responsabilidades e compromissos.

Olho para a tela do meu telefone. Cinco chamadas perdidas do meu terapeuta. Deveria ligar de volta, mas falar com Brian me faz sentir um fracasso. Ele carrega esse tom hipersensível como se eu já tivesse fodido com tudo, e não consigo ouvir isso. Não quero ouvi-lo tentar me acalmar ou me dizer que devo ficar na minha cama em casa, onde o álcool não existe, onde meu vício não está me encarando.

Lily tem se esforçado mais para manter contato com sua terapeuta. Quando a vejo ao telefone, Allison geralmente está do outro lado da linha.

Sento-me na cadeira de plástico e abro uma mensagem de texto que meu pai enviou recentemente.

Emily Moore

789 Huntington Drive

Caribou, Maine 04736

É como se ele estivesse se sentindo particularmente generoso, próximo, gentil – ele espontaneamente me deu o endereço de minha mãe biológica. Pedi a ele apenas uma vez. Quando ele negou meu pedido, eu não estava prestes a rastejar por isso. Agora que sei onde ela mora, não sei o que fazer.

Vê-la abrirá novos portões que podem me derrubar.

Não tenho certeza se estou pronto para lidar com isso.

Minha mão treme e olho por cima do ombro. Ninguém me observa, mas se eu discar um número, eles vão acreditar que meu terapeuta está do outro lado da linha. Ninguém vai me perturbar. Essa é a minha esperança, pelo menos.

Digito um número familiar e, quando a linha clica, ele fala antes que eu tenha chance.

— *Chamadas de longa distância não são porras de baratas. Como você espera pagar por isso?*

As palavras de meu pai me perfuram, trazendo à tona uma insegurança com tanta facilidade. — Isso realmente não é da sua conta.

— *Greg Calloway dá uma mesada às filhas. Lily não pode se dar ao luxo de sustentar sua apatia para sempre.*

Eu aperto meu telefone com força na minha mão, tentando tanto me concentrar. Afinal, eu tinha um motivo para ligar para ele. — Bem, já que estou pagando por minuto, você pode parar de falar sobre dinheiro e me deixar falar?

— *Faça isso rápido, tenho que voltar para uma reunião.*

Ele saiu de sua reunião para atender minha ligação?

Isso é tudo que processa. Greg nunca teria interrompido uma reunião por causa de uma de suas filhas. Se Lily precisasse de seu pai, ele enviaria uma assistente e a encontraria depois que seu trabalho terminasse. Meu pai – ele largou tudo por mim enquanto crescia. Se eu ligasse para ele na escola, era ele quem entrava na sala do diretor. Mas eu só precisava dele quando estava com problemas, e ele gritava comigo por causa disso.

— Você encontrou o cara?

— *Essas coisas levam tempo, Loren* — diz ele secamente. — *As respostas não caem do céu.*

Belisco a ponta do meu nariz e respiro fundo. — Olha, outra coisa aconteceu — digo rapidamente. — Ele enviou um pacote para a casa dos Calloway.

Ouçó um farfalhar do lado dele, como se estivesse procurando papel e caneta. — *OK, me dê os detalhes.*

Eu explico o vibrador e a nota, tentando ser específico, embora tudo o que eu queira fazer seja encontrar esse cara e tornar a vida dele um inferno. Ele a

está torturando.

— *Ele não pediu nada? Nem um centavo?*

— Não.

— *Este doente de merda está deixando claro que não se importa ou não quer ser encontrado, mas vou tentar o meu melhor.* — Ele faz uma pausa. — *Como ela está?*

Rio amargamente. — Desde quando você se importa? — Ele não gostava de Lily quando éramos adolescentes. Ele acreditava que ter uma mulher como amiga era como repelente de garotas, e se ela não estava transando comigo, então eu deveria chutá-la para o meio-fio. Mas eu sabia que assim que comesse um relacionamento falso com Lily, ele ficaria satisfeito. E ficou. Só porque ela de repente se tornou útil para mim.

Eu nunca a vi assim – um objeto que eu poderia foder ou jogar fora. A percepção do meu pai sobre as mulheres é demente.

— *Por favor, ela é praticamente minha nora* — diz ele na defensiva. — *E se Greg e Samantha Calloway descobrirem que ela é viciada em sexo, não pense que eles não reagirão de acordo.*

— O que isto quer dizer?

— *Significa que quando vocês estiverem falidos e sem-teto, estarei aqui para juntar os cacos. Assim como sempre fiz com vocês dois. Limpando sua maldita bagunça.*

Estreito meus olhos para o chão. Essa é a maneira fodida dele de dizer que estará lá por mim quando tudo der errado.

— Apenas encontre esse cara — Retruco.

— *Claro.* — Vozes perfuram o outro lado e então ele diz: — *Tenho que ir. Os sócios estão ficando inquietos. Impacientes, caralho. Vejo você na próxima semana?*

Não sei para quê, mas acabei dizendo que sim. Desligamos e me sinto tão paranoico e ansioso quanto antes. Obviamente, isso não ajudou. Nenhuma conversa com meu pai realmente funciona.

CAPÍTULO 29

Loren Hale



A boate se transforma em um show ao vivo, completo com imitadores, dançarinos e trapezistas voadores. Um enorme bar em forma de quadrado preenche o piso central onde as meninas dançam e tomam *body shots*. Desde que passei mal com os tacos de peixe, nem me arrepio quando uma bebida passa. Não tenho vontade de ficar doente de novo.

As garotas Calloway fizeram uma meta de beber e dançar hoje à noite, que traduzi como: *Vamos ficar bêbadas*.

Connor, Ryke e eu prometemos a elas que poderiam enlouquecer e nós seríamos os responsáveis, aptos a cuidar delas. Pela primeira vez, estou do outro lado das coisas. E é muito bom.

Gosto de saber que tenho o poder de manter Lily segura. Antes, tudo isso se esvaía a cada *whiskey* que eu bebia. Então, sim, isso é novo. Mas é uma boa novidade.

A multidão não é tão grande quanto no show de ontem, e Connor comprou uma mesa na varanda para que possamos ficar de olho nas garotas. Estamos sentados no nível mais alto, e as luzes psicodélicas piscam ao nosso redor – bem, ao redor de Connor e de mim. Ryke ainda está no banheiro.

Tenho uma visão clara das três garotas Calloway, todas elas rondando o bar da praça. Rose carrega dois copos de alguma mistura rosa, entregando um para Daisy.

— Você já viu Rose bêbada? — Pergunto a Connor. O evento tem que ser como um eclipse lunar ou algo assim.

— Eu não acho que ela se permitiria ultrapassar seus limites.

Concordo com a cabeça. Eu nunca a vi além de bêbada. — Ela provavelmente está com muito medo de ficar bêbada e perder a virgindade com um cara com um QI menor que o dela.

Connor quebra sua expressão plácida de sempre, sua boca se abrindo em leve surpresa.

Ah, merda. — O que foi que eu disse?

Ele toma um pequeno gole de seu vinho e seu rosto retoma seu regime normal de compostura. — Não sabia que ela era virgem.

Merda. Caralho. Merda. Lily vai me matar. Inferno, Rose vai cortar minhas bolas primeiro. Eu deveria ter pensado melhor antes de abrir minha maldita boca.

— Sinto muito — digo lentamente. — Pensei que você soubesse. — Coço a parte de trás do meu pescoço.

Ele olha para o copo e balança a cabeça. Não posso nem começar a adivinhar o que ele está pensando. Então, tenho que perguntar. — Isso é uma coisa ruim? — Meu coração esmaga instantaneamente com o pensamento. Por mais que Rose e eu brigüemos, eu nunca iria querer arruinar o relacionamento dela. Especialmente com Connor, um cara que é perfeito para a garota.

Ele não diz nada, e toda a minha culpa de repente se transforma em raiva.

— Ei, ela é virgem, não a porra de uma leprosa. — Eu aponto um dedo para ele. — E se você terminar com ela por causa disso, então você é um idiota. Há um milhão de caras que ficariam felizes com Rose. Por alguma razão, você atendeu aos padrões incrivelmente altos dela, e se você a magoar porque ela não é experiente, eu juro por Deus, Connor, você vai desejar nunca ter me conhecido. — Termino meu discurso, surpreendendo a mim mesmo tanto quanto Connor.

Aprendi muito sobre estar sóbrio.

Acho que sou meio protetor com Lily, Daisy e até com Rose.

— Lo — Ele diz meu nome como se eu tivesse cinco anos e tivesse acabado de fazer uma birra. —, não me importo que ela seja virgem. Eu me importo que estamos namorando há seis meses e ela não me contou. Obviamente, superestimei o progresso em nosso relacionamento. — Seus olhos piscam para Rose enquanto ela balança ao som da música ao lado de Lily, e então ele olha de volta para mim. — E embora eu aprecie os

sentimentos por trás dessa ameaça, é realmente desnecessária. Não tenho intenção de machucar Rose.

Ele me acalma com algumas frases como se suas palavras fossem morfina líquida, mas ainda me sinto obrigado a defender Rose desde que divulguei seu segredo. — Ela gosta de você — digo rapidamente. — Ela é apenas... — Ela é Rose. Eu não sei como explicar isso.

— Eu sei.

Claro que sim. Ele sabe tudo.

— Quando ela tinha vinte anos, suspeitei que ela havia perdido a virgindade com alguém da equipe do Academic Bowl — Ele se abre, compartilhando informações que costuma guardar para si mesmo. — Ela costumava escapar dos abraços, mas deixava que ele descansasse um braço em volta de seu ombro. Eu até o vi beijá-la em um corredor. Ela não recuou. — Ele balança a cabeça, olhando para Rose de longe. — Acontece que ela estava brincando comigo.

— O que você quer dizer?

— Ela sabia que eu estava olhando. Sabia que eu poderia dizer o quão inexperiente ela era, então, ela engoliu qualquer repulsa que sentia pelo contato masculino — só para que eu tivesse a ideia de que ela não era mais virgem. — Ele bebe seu vinho. — Eu não deveria estar surpreso. Ela nunca teve vergonha disso quando adolescente, mas sempre que sua virgindade era levantada na minha frente, ela ficava na defensiva. Acho que ela presumiu que eu usaria isso contra ela.

Ele parece mais genuíno do que o normal. Pergunto-me se este é o verdadeiro Connor Cobalt, um cara que não se resguarda diante de investidores ou contatos futuros. Só ele.

— Você conheceu Rose quando ela era adolescente? — Pergunto.

Connor abaixa sua taça de vinho vazia. — Desde que ela tinha quatorze anos. Nós dois participamos do circuito de conferências acadêmicas com nossas escolas, *Model UN*, *Beta Club*, *National Honor's Society*. — Eu sinto que mal o conheço. Somos amigos há meses. Como eu poderia não saber disso? — Sou um ano mais velho que ela, aliás.

— Espere, o quê? — Franzo a testa. — Pensei que você tinha vinte e dois anos.

— Vinte e três.

— Você repetiu de ano quando criança ou algo assim?

— Quinto ano sênior — diz ele. — Peguei três graduações, então tive que ficar mais um ano na Penn para terminar meus cursos. — Ele mantém seu olhar em Rose.

— Por que você não me disse isso antes?

— Você nunca perguntou. E, realmente, é tão importante? — Estou começando a pensar que Connor Cobalt só permite que as pessoas entrem em sua vida no meio do caminho. Talvez ele seja mais parecido conosco do que eu acreditava.

Deixamos o assunto de lado quando Ryke volta do banheiro. Melissa se junta às meninas na pista de dança, o que ela não estava disposta a fazer quando chegamos. Ela estava agarrada a Ryke com muita força, então presumo que Ryke deu um trato nela no banheiro. Ela parece pelo menos apaziguada.

Quero mudar de assunto sobre a vida sexual de Rose, então, digo a primeira coisa que me vem à mente. — Que tipo de nome é Ryke?

Ele afunda no assento ao lado do meu, uma lata de Fizz Life na mão que tenho certeza de que não contém álcool.

— É um nome do meio — Ele diz como se eu não soubesse. Mas no ano passado, no baile de gala de caridade de Natal, quando ele admitiu ser meu irmão, fiz com que ele me mostrasse sua carteira de motorista. *Jonathan Ryke Prados*.

— Que tipo de nome do meio é Ryke? — Esclareço.

Ele emite um ruído agravado. — Que porra Jonathan deu a você como nome do *meio*?

— Eu não tenho um. Acho que ele percebeu que me colocar como Loren já era tortura suficiente. Meu nome era alvo de provocações na escola primária, apesar da grafia da versão masculina.

— Ryke — Connor reflete. — Do inglês médio, uma variante da palavra significaria *poder* ou *império*. Porém, sua ortografia está um pouco errada.

— Sim, meu pai é um babaca egoísta — diz ele asperamente. — Meu nome significa literalmente Império de Jonathan.

Não posso deixar de rir no meu próximo gole de água. Pela primeira vez, o meu não parece tão ruim.

— Não sei por que você está rindo. Você tem nome de menina e nenhum

nome do meio.

Mostro o dedo do meio a ele.

— Falando em nomes — Connor diz casualmente, e ainda assim, eu sinto sua travessura quando seus olhos se fixam em Ryke. — Você percebe que se você se casasse com uma das Calloways, ela teria um nome de estrela pornô.

— E qual Calloway seria essa? — Solto. — Poppy é casada, estou namorando Lily, você está namorando Rose e Daisy tem dezesseis anos.

— Hipoteticamente.

Não gosto de hipoteticamente, mas talvez isso impeça Ryke de pensar em um futuro possível. Então arrisco. — Daisy Meadows — digo, encolhendo-me por dentro com a ideia. — Parece alguém que sabe se virar em um...

— Nem termine essa frase. — Ryke olha fixamente.

— Eu ia dizer câmara. Por quê? O que você estava pensando? — Minha voz permanece afiada e fria.

As luzes piscam quando o show começa e nós dois nos sentamos, tentando nos acalmar. Sabemos como mexer um com o outro, e me pergunto se isso é coisa de irmão ou apenas porque ambos somos produtos de Jonathan Hale.

A sala escurece, exceto pelo palco e pelos garçons – os últimos andam com lanternas para anotar os pedidos de bebida. Um imitador de Elvis desfila no palco e começa a cantar com dançarinos girando ao lado dele. A música antiga é remixada para que ela bata com a atmosfera hipnótica.

Sento-me um pouco mais ereto, observando Lily, que dança em um pequeno espaço com suas irmãs e Melissa. As luzes piscam intensamente, iluminando a pista de dança em uma onda de cores.

Não demora muito para um cara se aproximar de Lily por trás. Eu endureço, mas permaneço no meu lugar, confiando nela como deveria. Suas mãos deslizam ao longo de seus quadris, e todas essas memórias de vê-la dançar com caras estranhos me inundam. Eu me acomodava no bar, mantendo um olho treinado em Lil para que ela não se machucasse, observando enquanto ela conduzia algum homem estúpido ao banheiro. E eu afogaria minha miséria em *Maker's Mark*.

Assim que as mãos dele pousam sobre ela, seus dedos deslizando por baixo da bainha de sua blusa e outra caindo em sua saia, ela se encolhe e dispara direto para o peito de Daisy. Eu não posso deixar de sorrir. Alguns meses atrás, ela teria se jogado em seus avanços. Finalmente, ela me escolheu.

Mas minha felicidade estala quando o cara se aproxima dela, sem entender a dica clara. Seu olhar semicerrado e caído causa preocupação em meu estômago. Ele está bêbado e definitivamente preparado para dançar na bunda de Lily novamente.

Estou prestes a me levantar e descer para a pista de dança, mas Daisy empurra o braço dele com força e aponta o dedo para o rosto dele – um movimento de Rose que eu não imaginaria ser possível na Calloway mais jovem.

Olho para Ryke, e ele esfrega os lábios, a curiosidade nadando em seus olhos. Ela o intriga tanto quanto suas ações o preocupam. A mistura não está boa e não preciso lembrá-lo disso. Ele me ouviu gritar em um aviso brutal.

Lily se esgueira por trás do corpo de Daisy e então se vira, olhando para cima e encontrando meu olhar. Ela me dá um pequeno aceno e então se volta para sua irmã. Daisy o move fisicamente para fora da área delas. Ele está com as mãos levantadas em paz, mas está olhando para os seios dela, que estão levantados em um vestido curto sem alças. Ele lambe o lábio inferior.

— Isso está me matando — Ryke diz baixinho.

— Você não pode bancar o herói para ela — Lembro-o. — Se ela estivesse com problemas, eu iria até lá. Você não pode.

Ele passa as mãos pelos cabelos e se senta para a frente com as mãos nas pernas, observando atentamente.

Daisy empurra o cara para trás novamente, e então ela gesticula para um grupo de garotas em vestidos de bandagem a cerca de três metros de distância. Ela sai do lado de Rose e Lily para trazê-lo até as garotas que pulam para cima e para baixo. Ele está bêbado demais para protestar, e não demora muito para que ele fique hipnotizado por mais quatro conjuntos de seios.

Ele se esquece de Daisy, e ela o deixa para voltar para suas irmãs facilmente.

Lily abraça Daisy em agradecimento e sussurra algo em seu ouvido. Ambas as meninas abrem um largo sorriso antes de rir.

— Você confia nela? — Connor me pergunta. Tenho certeza de que pareço pronto para pular lá e encarar qualquer cara que der em cima de Lily. Mas não quero ser aquele cara, aquele que é tão insanamente superprotetor que sufoca uma mulher. Há um meio-termo feliz em algum lugar. E isso vem com a confiança nela.

— Ela é uma viciada em sexo — Lembro-o.

— A correlação justifica a causalidade neste caso? — Connor pergunta.

— Traduza.

— Ser uma viciada em sexo automaticamente a torna indigna de confiança?

— Não sei — digo —, mas passei mais tempo vendo-a com outros caras do que estando com ela, então, acho que posso entender como pode ser natural – para ela – simplesmente cair de volta.

— Trair — Esclarece Ryke.

Eu dou a ele um olhar. — Sim — Retruco —, mas se acontecer, acontece, certo? — Mesmo o pensamento, porém, me devasta.

— Acho que não — diz Ryke.

Eu recuo em estado de choque. Ele nunca foi um defensor de Lily. — E por que isto?

— Porque acho que ela ama você mais do que ama sexo. E você a ama mais do que ama o álcool, mas vocês dois ainda não se permitiram acreditar nisso.

Talvez ele esteja certo, mas me permitir processar isso é mais difícil do que parece.

Garçonetes começam a carregar garrafas azuis brilhantes na pista de dança, lanternas presas embaixo do fundo para adicionar o efeito de luminosidade. Elas oferecem *shots* para garotos e garotas dispostos. Uma delas fica na frente de Rose e Daisy.

— Elas não estão... — digo com as sobrancelhas franzidas. Elas sabem o que estão prestes a beber? Pensei que queriam ficar loucas e divertidas, não do tipo ‘puta merda, o que é isso’. Mas elas precisam saber o que estão bebendo. Rose provavelmente tem o QI mais alto do clube, sem contar Connor. Se eu reconheço o álcool, ela também reconhecerá.

Eu observo Daisy acenar animadamente, e meu estômago revira quando ela se inclina contra o bar. Nós vamos ter um trabalho duro esta noite...

A garçonete despeja o líquido em sua boca e Daisy não derrama uma gota. Ela lambe os lábios e faz um gesto para Rose. Ela vai em seguida, sem muita insistência de Daisy. Talvez todas as luzes e música tenham distorcido sua mente.

Ela termina o primeiro *shot* e, surpreendentemente, se inclina para outro.

Um dos meus objetivos de curto prazo está se tornando realidade. Rose Calloway definitivamente vai ficar bêbada esta noite.

Não estou tão feliz com isso quanto pensei que ficaria.

— Que tipo de bebida é essa? — Connor pergunta. Meu rosto inteiro cai. Espere, se Connor não pode dizer...

— Olha quem não sabe de alguma coisa — Ryke fala, aproveitando a pergunta de Connor.

— Tipos de bebidas alcoólicas não estão no topo da minha lista de prioridades. Mas é muito gentil da sua parte, Ryke, pensar que sei tudo no mundo.

— Absinto — digo a Connor. — É absinto azul. — Como ele poderia não saber? Se não, qual é a probabilidade de Rose *saber*?

Assim que as palavras saem da minha boca, Connor está de pé, e ele não consegue esconder a preocupação em seu rosto desta vez.

— Você está preocupado, Cobalt? — Ryke fala, mas posso dizer que a compostura repentina de Connor está deixando Ryke igualmente alarmado. Porque Daisy é a outra garota que está bebendo – e ela não tem um namorado aqui para cuidar dela. Mas tem a mim.

Mesmo assim, meus olhos se fixam mais em Lily, esperando que ela não se junte às irmãs se não souber no que está se metendo.

— O absinto contém tujona — Connor diz a ele.

— Portanto, você não sabe como é, mas sabe quais são as substâncias químicas nele — diz Ryke.

— Geralmente é verde, também é proibido nos Estados Unidos porque a tujona tem propriedades alucinógenas.

— Sim — digo, levantando-me para agarrar seu braço para detê-lo. *Rose deve saber*, continuo dizendo a mim mesmo. Ela não beberia algo estranho para ela. — Tenho certeza de que Rose sabe o que há nele.

Sua preocupação não vacila. — A garrafa não está rotulada.

O quê? Eu olho de volta para as meninas, onde Daisy está tomando outra dose de absinto. A garrafa brilha com a luz embaixo dela e, com certeza, não há rótulo no vidro fino.

Elas não sabem que é absinto.

Merda.

CAPÍTULO 30

Lily Calloway



Daisy avança para outro *shot* e tropeça um pouco. Não quero que ela fique doente esta noite. Coloco minha mão em seu ombro e aceno *não* para o garçom.

— Estamos bem.

Daisy não briga comigo na decisão. Quando o garçom se afasta, pego o braço de Rose e ela *cambaleia* em seus saltos de dez centímetros.

Meus olhos esbugalham.

Só vi Rose diminuir o passo uma vez. Seu calcanhar ficou preso em uma grade de metal em Nova York, e ela queimou os sapatos depois para se livrar da zica ruim. Acho que se Connor soubesse que ela é realmente supersticiosa, ele a provocaria por um século inteiro.

Melissa se esgueira ao meu lado, e devo estar lançando um olhar aflito porque ela diz: — Suas irmãs estão bêbadas. — Falar o óbvio não ajuda.

A música muda para a música tema do Super-Homem e isso me desorienta totalmente. Eu me viro e os imitadores no palco agora estão vestidos como vários super-heróis. Super-Homem e Capitão América estão na varanda alta, um holofote brilhando sobre eles.

As pessoas começam a tentar se aproximar do palco, e alguém me esbarra por trás, quase perdendo meu controle sobre Rose. — Cuidado, amigo — Disparo para ele, mas realmente perde o efeito quando meu foco está nos super-heróis. É o que me atrai.

O ritmo começa a aumentar e, conforme o crescendo atinge, Super-

Homem e Capitão América saltam da varanda e voam para o bar quadrado a apenas alguns metros de nós.

Palhaçada.

Cap não pode voar.

Estou com tanta raiva que eles fizeram o Capitão América ter um superpoder que ele realmente não possui que não vejo o corpo chegando à minha direita. Seu braço bate no meu lado com tanta força que balanço, e os saltos de Rose escorregam debaixo dela. Ela cai completamente, me arrastando com ela. Nós duas estamos no chão antes que eu possa entender qualquer outra coisa.

Meu quadril ossudo afunda no chão de concreto duro e minha saia fica encharcada de álcool pegajoso. Não quero nem pensar no que mais poderia existir aqui embaixo. Sento-me e perco Rose de vista. Ela se levantou? Mas isso é improvável, considerando que ela mal conseguia ficar de pé.

Meu coração dispara. — Rose! — Eu chamo. Os corpos me enjaulam e, de repente, temo ser pisada e esmagada como um inseto. Mas, mais do que isso, temo que a mesma coisa aconteça com minha irmã embriagada. Antes de fazer um movimento, dois pares de mãos deslizam por baixo das minhas axilas e me levantam do chão como se eu pesasse tanto quanto um saco de maçãs.

Tem que ser um cara.

Um cara está me tocando.

Abortar. Abortar. Minha mente tem sinais piscando, imaginando algum flerte da parte dele assim que eu me virar. Afinal, ele me ajudou a levantar. Tenho certeza de que ele espera que a donzela em perigo o beije por seu cavalheirismo.

Penso em sair correndo, mas ele me vira e coloca as mãos no meu rosto. Afasto-me por impulso.

— Lil.

— Lo. — Respiro aliviada e deslizo de bom grado em seus braços, meu coração praticamente batendo no meu peito. Quando meus pensamentos se realinham, eu me afasto rapidamente. — Onde está Rose?

Assim que digo as palavras, confetes explodem de canhões, bloqueando minha visão e cobrindo o chão com papel liso. Dou um passo e escorrego de novo, Lo estende a mão e me segura antes que eu caia no chão.

Seus braços estão atrás das minhas costas, e as bombas de música e flâmulas voam. Eu sinto que é meia-noite na véspera de Ano Novo. Ele olha profundamente nos meus olhos e diz: — Você bebeu alguma coisa?

Balanço minha cabeça. Não. Porque então eu não seria capaz de fazer isso. Eu me inclino para frente e o beijo nos lábios. Ele me puxa para seu corpo e levanta minhas costas completamente retas, arrebatadas pela maneira como nossas línguas dançam juntas. Mas eu me afasto primeiro.

Embora adore Lo, embora não queira nada além de beijá-lo, minhas irmãs estão perdidas em algum lugar. E preciso encontrá-las.

Lo vê o pânico em meus olhos novamente e me olha, tipo, *não vou deixar nada acontecer com elas*. Eu acredito nele. Agora, mais do que nunca, acredito que ele está aqui por mim.

Ele agarra minha mão e me conduz pela área congestionada que está repleta de corpos. — Elas estão muito bêbadas — digo a Lo por cima da música.

Suas maçãs do rosto se afinam.

— O quê? — Minha pulsação acelera. — O que é?

Ele me puxa para a frente dele, com as mãos nos meus ombros enquanto nos movemos, e ele abaixa a cabeça para que seus lábios rocem minha orelha. — Elas estavam bebendo absinto.

O quê?! Acho que a garçonne não mencionou o que havia nas garrafas brilhantes. Rose nunca seria louca o suficiente para beber absinto, algo que é muito louco para a América.

No Halloween, aniversário de dezoito anos de Lo, pegamos um avião para Amsterdã só para comprar uma garrafa. Ele alegou que queria ficar bêbado com uma fada verde, pensando que teria alucinações. Ele acabou desmaiando em uma hora, deixando-me cuidando dele em nosso quarto de hotel.

Entro no modo irmã e ando mais rápido, meus olhos abertos e alertas para qualquer sinal da minha efervescente irmã loira e minha elegante irmã morena.

Encontramos Rose primeiro.

Ao lado de uma mesa alta repleta de copos e garrafas vazias, Connor a segura com força pela cintura enquanto ela pressiona duas mãos firmes em seus ombros, instáveis em seus saltos. Ele sussurra em seu ouvido, provavelmente tentando convencê-la a tirá-los.

Mas um tigre daria à luz um bebê lhama mais cedo do que Rose estaria descalça em um clube sujo.

Nós nos aproximamos deles, e seguro Lo como uma criança agarrada à parede em um ringue de patinação. — Ela está bem? — Pergunto.

— Estou bem, obrigada — diz Rose. — Mas precisamos entrar em contato com a equipe e limpar essa bagunça. O chão está imundo. — Ela aponta para o chão que está coberto de bebida pegajosa e agora pequenas tiras de confete. Seu nariz enruga na mesa mais próxima dela. O pessoal já começa a varrer as serpentinhas para gente não escorregar. — Ah, bem na hora. — Ela balança com um sorriso tolo, e então tropeça sem sequer dar um passo. Connor a endireita de volta.

Lo não consegue parar de sorrir.

— O que é tão engraçado? — Pergunto.

— Pela primeira vez, não sou eu.

Não posso deixar de sorrir também.

— Não... seja condescendente comigo, Loren! — Rose aponta o dedo para ele. — Vou ligar para meus advogados. Para você ser preso por... — Ela soluça. — indecência pública.

— Estou bastante decente agora, na verdade — diz Lo, ainda com um sorriso malicioso.

— Que tal dormir cedo? — Connor pergunta, com as mãos firmemente nos quadris dela. Ela nem parece se importar. Na verdade, ela se inclina para trás para ele. Este é provavelmente o mais próximo que eles já estiveram e, ainda assim, parece tão natural.

— Sim, temos que colocar você na cama — Ela diz a ele.

— Não, querida, eu vou colocar você na cama.

Ela solta uma lufada de ar. — Estou perfeitamente bem. Olha. — Ela estende uma mão e treme como se estivesse drogada. — Firme como uma rocha.

Connor olha para nós. — Vou levá-la para o carro.

— Connor Cobalt — Rose diz com um estalar de língua. — Isso é um nome inventado?

Ele passa o braço por baixo das costas dela e então, em um movimento, a levanta sem esforço em seus braços.

Ela planta a mão no peito dele, seus olhos se arregalando. — Uau.

Precisamos dizer ao gerente para desacelerar o carrossel.

Os lábios dele se erguem enquanto ela balança as pernas e inspeciona o estilo de seus botões. Observo-o carregá-la pela saída, só para ter certeza de que ela saiu em segurança.

Quando ela sai, giro novamente, examinando todas as garotas, mas nenhuma é loira ou alta o suficiente para ser minha irmã mais nova. — Onde está Daisy? — Pergunto a Lo. A última vez que me lembro de vê-la foi antes dos super-heróis subirem ao palco e me hipnotizarem.

Ele procura no clube com um olhar estreitado. — Eu não a vejo.

Vejo Ryke no bar, discutindo algo com Melissa.

E desta vez, gostaria que Melissa não estivesse aqui para distrair Ryke de Daisy. Porque ele teria ficado de olho na minha irmã durante aquela loucura de confete e a correria de pessoas subindo ao palco. Mas em vez disso, ele estava ocupado apaziguando sua namorada. Como pedimos que ele fizesse.

A culpa é nossa.

Estou frenética com sentimentos horríveis. Avanço até Ryke, e Lo me segura com a mão na cintura para que eu não escorregue novamente.

— Ei — Ryke diz, virando-se para nós quando chegamos. Seus olhos voam ao nosso redor muito rapidamente. — Onde está Daisy?

— Nós íamos perguntar se você a viu — digo, mais assustada agora. Ele nem foi procurar Daisy assim que desceu da sacada. Isso seria uma coisa Ryke a fazer. Nós realmente o assustamos tanto assim? Mordo minhas unhas. Fizemos uma pessoa que é tão *profundamente* atenciosa se tornar indiferença. Como isso é possível?! Vou enlouquecer. Só um pouco. — Eu pensei que você saberia onde ela estava. — Minha voz aguda faz seu rosto quebrar.

E então ele volta sua atenção para Lo. — Você disse que ia pegar Daisy.

Lo esfrega a nuca. — Lil caiu no chão. Tudo ficou uma loucura...

— *Caralho* — Ryke amaldiçoa, a palavra áspera em seus lábios. Seus músculos se contraem.

Lo fica esfregando o pescoço de ansiedade.

— Está tudo bem — digo a Lo antes que ele seja pego pela culpa. — Ninguém é culpado. — Nós a encontraremos. Espero.

Ele concorda.

E antes que possamos procurar por Daisy, Melissa entra na conversa, com uma expressão azeda. — Ela provavelmente está correndo por aqui em algum

lugar. Tenho certeza de que você e Lo podem encontrá-la sozinhos.

Não, precisamos de Ryke. Lo ficará tão preocupado comigo caindo de bunda que sua atenção ficará dividida. Preciso de alguém que esteja focado apenas em encontrá-la. E sou muito baixa para ver muita coisa na multidão.

— Vamos — Melissa diz, puxando Ryke para o palco para dançar.

Ele franze a testa sombriamente. — Se você não vai ajudar, pode ir para o carro.

Melissa abaixa as mãos. — Você está falando sério?

— Não vou deixar uma garota bêbada de dezesseis anos na porra de um clube! — Ele grita com ela como se ela não estivesse ouvindo.

— Eles podem cuidar dela! Ela não é sua irmã ou sua responsabilidade, Ryke!

— Você não me conhece — Ele zomba. — Você não entende porra nenhuma.

Ela se aproxima do rosto dele. — Não vim aqui para ser babá!

— Então se manda!

— *Vai se foder* — Ela rosna. Então, ela sai furiosa, empurrando a massa de pessoas com facilidade.

Meu coração está prestes a saltar do meu peito a cada segundo que perdemos. — Vamos.

— Espere. — Ryke olha entre Lo e eu. — Se eu ajudar, é isso. Vocês dois não podem mais me perseguir por causa dela. Vocês não podem ter a porra das duas coisas. Ou a estou ignorando ou sou amigo dela. É isso.

— Você é amigo dela! — Eu exclamo, praticamente jogando minhas mãos para o ar. Não quero perder mais tempo. — OK, vamos embora, por favor!

Ryke não se move. Seus olhos se fixam em Lo, esperando por sua resposta. Estou jogando adagas em seus olhos. Eu não tenho tempo para isso. Daisy pode não ter tempo para isso. Eu a imagino bêbada no banheiro sendo estuprada por outras pessoas bêbadas da fada verde (ou neste caso, azul). Eu não deveria tê-la perdido. Deveria tê-la mantido amarrada ao meu braço.

— Lo! — grito.

— Tudo bem — diz ele. — Tudo bem.

Ryke revive como se alguém o tivesse atingido com uma tocha quente. Ele se move mais rápido do que eu jamais poderia ter imaginado. Ele bate os corpos fora de seu caminho, em uma missão do inferno. *Obrigada, obrigada,*

obrigada, eu canto cada vez que ele abre um novo caminho para nós.

— Não solte minha mão! — Lo grita acima da música, seus dedos entrelaçados nos meus.

Nós serpenteamos entre as pessoas, seguindo Ryke até os banheiros, onde uma longa fila dá a volta. Ele caminha em direção ao banheiro masculino e ignora os olhares raivosos ao passar pela fila.

— Ei! — Um cara grita. — Estou esperando há quinze minutos!

Ryke olha fixamente. — Não vou mijar; estou à procura de alguém. — Ele chega à porta e o cara o agarra pelo braço. Ryke literalmente joga seu peso corporal nele, apenas para empurrá-lo. O cara cai para trás, dando a Ryke tempo suficiente para abrir a porta e desaparecer lá dentro.

— Vou dar uma olhada no banheiro feminino — digo a Lo, deixando-o no corredor. As garotas olham com raiva, seus lábios se curvando maliciosamente. Minha explicação é tão fácil quanto a de Ryke, mas ninguém me agride fisicamente.

Quando entro, a fila se estende até aqui, as garotas amontoadas em fila, esperando uma baia liberar. — Daisy! — Grito, verificando cada rosto. *Não, não, não*. Eu espio sob as portas, procurando por suas sandálias douradas.

Salto vermelhos.

Sapatilhas pretas.

Plataformas brilhantes.

Não, não, não.

Corro para fora ao mesmo tempo que Ryke sai do banheiro – sem Daisy em seu braço. Ele não hesita ou para. Ele nos guia até um corredor longo e estreito que parece reservado para funcionários.

— Devemos verificar lá fora — Lo diz a ele. — Ela pode ter encontrado a saída.

— Quero ter certeza de que ela não está aqui — diz Ryke.

Uma porta termina o corredor. E é literalmente com uma placa *apenas funcionários*. Lo agarra o braço de Ryke antes que ele corra para dentro.

— Seremos expulsos do clube e nunca mais a encontraremos.

Eu empalideço.

E os dois olham para mim. Percebo que gritei, um som petrificado escapando.

— Vocês dois fiquem aqui então — diz Ryke. — Vou entrar. Se alguém

me expulsar, então você corre pela porra do corredor e desaparece na multidão.

— Certo. — Mas ouço Lo resmungar: — Vou ter que pagar a fiança para tirar meu irmão da prisão mexicana.

Ryke gira a maçaneta e espia um pouco lá dentro. Seu peito sobe em uma inspiração forte, e ele faz um gesto para que entremos com ele.

Confiamos em Ryke o suficiente para ouvir, passando pela porta. E então paramos.

A porta se fecha.

Devemos estar em algum tipo de sala de descanso. Sofás vermelhos preenchem o grande espaço, uma televisão e uma máquina de pinball de um lado. Graffiti – ou obras de arte em cores neon realmente nojentas – são borrifadas nas paredes.

A sala está vazia, exceto por uma garota loira que está com os pés nas almofadas do sofá. Ela salta um pouco e dá um tapa na imagem grafitada de uma janela na parede.

Estou muito, muito feliz por ninguém estar nesta sala. E que todas as roupas dela estão postas.

Ryke se aproxima de minha irmã. — Daisy — diz ele lentamente.

Ela olha por cima do ombro e sorri fracamente. — Oi, Ryke. — Ela aponta para a janela pintada. — Você sabia que esta janela não funciona? — Ela tenta agarrar a imagem. — Não abre.

— Como você está se sentindo? — Ele pergunta.

Ela se joga no sofá e toca a cabeça como se estivesse girando. — Bem... — Ela engole em seco. — Descobri que a coisa azul era absinto... então... acho que posso estar chapada.

— Não me diga.

— Sim... — Ela pisca algumas vezes, tentando forçar a abertura de seus olhos pesados. — E aquela porta... aquela porta não era a saída. — Um pico de medo rompe sua voz. Ela sabe que não está completamente coerente e que estava sozinha.

Minha destemida e ousada irmã está com medo.

Porque esta não foi sua escolha.

Estou prestes a ir até ela, mas paro. Ryke já alcançou o sofá, e quando seu olhar foca nele completamente, seu rosto começa a se abrir em um alívio lento

e libertador.

— Ei — diz ele, avaliando seu estado.

— Ei. — Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Dais, está tudo bem. Você está bem. — Ele a põe de pé e suas pernas tremem.

Ela acena com a cabeça repetidamente, tentando acreditar em si mesma.

Lo solta um suspiro. — É estranho — Ele diz suavemente. — Pensei que Rose seria a pessoa assim.

Franzo a testa. — O que você quer dizer?

— Apavorada — Ele esclarece — por não estar no controle.

Daisy é naturalmente selvagem, mas não acho que ela esperava ficar tão bêbada. Não acho que ela queria isso, e isso era um tipo diferente de incógnita do que pular de um penhasco, casa ou avião.

Ryke segura seu rosto. — Ei, você está segura, Dais.

Ela acena com a cabeça novamente, mordendo o lábio inferior para impedi-lo de tremer.

E então Ryke se move inquieto. — Você não encontrou ninguém antes de chegar aqui, não é? — Oh, meu Deus, ele não acha... ninguém tocou nela, não é? Vou vomitar de preocupação.

Ela balança a cabeça, algumas lágrimas caindo. — Não sei. — Ela esfrega o rosto antes que mais lágrimas caiam.

Ryke está mais preocupado do que nunca, e isso inclui quando Lo estava vomitando na beira da estrada.

Daisy olha para sua mão como se ela conduzisse a um portal mágico. — Acho... acho que estou chapada — Ela repete o que já foi dito.

— Caralho — Ryke amaldiçoa baixinho. Ele gentilmente a leva para onde estamos. Ela olha para cima, e seu rosto se ilumina um pouco quando ela me vê. — Lily. Lo.

Eu a abraço instantaneamente, e ela se agarra a mim, sua mão desaparecendo no meu cabelo. — Uau! — Ela grita e recua contra o peito de Ryke.

— O quê? — Meus olhos se arregalam.

— O que há de errado com o seu rosto? — Daisy pergunta, em pânico. — Ryke, algo está errado com o rosto dela.

— Você está chapada — Ele a lembra.

— Oh, sim.

— Quanto mais cedo sairmos daqui, melhor — diz Lo.

Daisy respira pesadamente. — Não consigo sentir meus pés.

— Ótimo — Lo diz, uma mão nervosa penteando seu cabelo.

— Mais alguma coisa que você não consegue sentir? — Ryke pergunta.

Ela passa a língua lentamente sobre o lábio superior antes de dizer: — Meu rosto.

Ryke apoia a mão na coluna de Daisy. — Daisy, olha para mim.

Ela não consegue encontrar a fonte de sua voz. — Ryke? — Ele está bem na frente dela.

Ele belisca o queixo dela e vira o rosto dela para que ela encontre seus olhos.

— Vou te levar, OK?

— OK.

Ele a levanta em seus braços — um nas costas, o outro debaixo dos joelhos.

E ela agarra a camisa dele. — Não me deixe — Ela sussurra. — Não consigo encontrar a saída...

— Eu peguei você — Ele garante a ela.

Sáímos do clube e olho constantemente para trás, para Daisy, para ter certeza de que ela está bem e não doente. Ela enterra o rosto no peito de Ryke e, quando passamos pela soleira da boate, a salvo na calçada e longe da atmosfera nebulosa, podemos conversar com mais liberdade.

— Daisy — diz Lo. Vamos para o estacionamento, e Lo está com o braço em volta dos meus ombros.

Sua cabeça se ergue para olhar para Lo. Seus olhos estão vermelhos e a camisa de Ryke está molhada com suas lágrimas. Ela está chateada e me pergunto o quanto ela vai se lembrar de manhã.

Provavelmente nada.

Talvez isso seja bom.

Lo hesita em perguntar algo a ela.

— O quê? — Ela murmura.

Ele cede. — O que você pensou que estava bebendo se não sabia que era absinto?

— Curaçao.

Ryke reajusta seu domínio sobre ela, e ela descansa a bochecha em seu

braço. — Como diabos você sabe o que é isso? — Ele pergunta.

— Modelo do Brasil. — Suas pálpebras tremem um pouco, esperançosamente apenas do sono.

Ryke solta um suspiro baixo. — Ele soa como um vencedor.

— *Ela* era incrível — diz Daisy com tristeza. E então mais lágrimas silenciosas começam a rolar, seu olhar distante como se ela estivesse perdida em uma viagem muito ruim.

O rosto de Lo se contorce de culpa e mágoa. Eu aperto sua mão, preocupada que ele esteja possuído para beber agora. O álcool não é a resposta para resolver sua dor por não ter encontrado Daisy antes, mas tenho certeza de que ele está lutando contra a tentação.

Ryke olha entre seu irmão e minha irmã, e então seus olhos caem para mim, e acho que ele vê uma garota que pode ajudar seu irmão em vez de mandá-lo para aquele caminho escuro.

Não vou deixar Lo beber.

Estou aqui para ele, assim como ele está para mim. Então me viro para Lo e cutuco seu braço. — Você viu o Capitão América? — Pergunto.

E seu rosto se ilumina. Ele olha para mim enquanto caminhamos, e a culpa começa a desaparecer. — Sim, quem diabos pensa que ele pode voar?

Eu sorrio. Eu o amo. Mais do que sexo.

Mais do que qualquer coisa.

CAPÍTULO 31

Lily Calloway



Sete dias de abstinência, cercados por estudantes universitários bêbados e bebidas, e sobrevivemos. O jato particular nos leva de volta para a Filadélfia. Meu pânico e preocupação diminuíram bastante. Depois de suportar as férias de primavera em Cancun, os maiores obstáculos parecem pequenos.

Nem todos tiveram uma experiência agradável.

Melissa terminou oficialmente com Ryke. Eu secretamente acho que ela vai fazer dele um santuário de ódio assim que voltarmos para casa. Em parte, tenho certeza de que é porque ele falhou no acordo de dar a ela sexo alucinante. Mas ontem à noite no clube foi o que realmente cimentou seu status anti-Ryke. Ela deu a ele o ultimato clássico. Eu ou ela. E ele escolheu proteger minha irmã.

Então, ela se isola em uma cadeira de canto, folheando uma revista e usando fones de ouvido, desligando-se do resto de nós. Suspeito que ela chamará um táxi quando pousarmos, colocando uma distância considerável entre ela e Ryke.

A fonte de sua agitação fica perto da janela. Ryke joga pôquer com Daisy. Ela acordou esta manhã sem se lembrar de nada do clube, e ninguém teve coragem de lhe contar o que aconteceu, que Ryke teve que carregá-la para casa, que ela estava chorando. Acho que a verdade teria abalado seu espírito mais do que qualquer um de nós poderia suportar.

E depois da noite passada, Lo e eu não conseguimos decidir separar Ryke e Daisy sem nos transformarmos em monstros hipócritas. Tudo o que podemos

fazer é confiar neles neste momento – da mesma forma que eles tentaram confiar em nós com nossos vícios.

Rose está desmaiada na cama na cabine dos fundos, se recuperando de sua ressaca mortal. Connor entra no quarto de vez em quando para ver como ela está, mas agora ele digita em seu laptop em um assento e mesa. Ele está trabalhando em sua tese para se formar com honras.

Sua diligência me lembra que eu tenho que começar a memorizar velhas questões de exames para meu próximo teste de *Estats*. Uma tarefa que tenho evitado. Embora memorizar não seja tão difícil quanto estudar (ou escrever uma tese), ainda é um grande esforço para o meu pobre cérebro. No último exame, pensei que poderia explodir de tanta quantidade de números.

Passo sem rumo pelos canais da televisão, esparramada no sofá com Lo. Minha cabeça descansa em seu peito e um contentamento lento toma conta de mim. Nunca pensei que seria capaz de me sentir tão... calma. Ele enfia uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e sinto seu hálito quente na minha testa.

— Nós conseguimos — Ele murmura.

Sorrio quando ele planta um beijo na minha têmpora. Esta noite, estaremos em casa. Sozinhos de novo. Livres para fazer sexo.

Não quero que Lo pense que estou obcecada com isso, então não digo uma palavra sobre sexo. Mesmo que o pensamento tenha passado pela minha cabeça. Fantasiei um pouco no chuveiro esta manhã, mas tentei muito apenas me lavar e sair. Sem autossatisfação. E essa conquista parece boa, mas sei que sexo teria me feito sentir ainda melhor.

— Você sabe o que esta noite significa?

Ele está trazendo isso à tona?

— Lil.

— Huh? — Viro minha cabeça, meus olhos arregalados com antecipação. Se ele instigar essa conversa, terei prazer em participar dela.

— Hoje à noite — diz ele novamente. Seus olhos permanecem nos meus, nunca desviando. Não quebro nosso olhar, cheio de sete dias de necessidade, desejo e tensão. Recuso-me a olhar para seus lábios ou seu abdômen ou qualquer outra parte dele. Quero Loren Hale. O homem, o amante, o cara que me enche de felicidade e bem-aventurança. Não apenas o corpo.

Sua mão se estende e segura minha bochecha, seu polegar deslizando

lentamente sobre meus lábios. Eu me pergunto se ele está me testando.

Quero passar.

Seu polegar puxa suavemente meu lábio inferior, e solto um suspiro curto e irregular. Sua mão desliza para a parte de trás do meu pescoço antes de sussurrar: — Vou te foder. — Oh, Deus.

Agora? Não, isso não pode estar certo.

Ele deve sentir minha confusão porque seus lábios se curvam. — Esta noite, amor.

— Certo. — Assinto, corando com a presunção tola. Não acho que seria bom para todos se ele me fodesse aqui no sofá. Mesmo a imagem de Lo em cima de mim, de sua dureza pressionando tão profundamente dentro de mim rouba o ar direto dos meus pulmões.

Ele me aperta mais em seus braços e abaixa a cabeça para murmurar coisas sujas em meu ouvido. Minha excitação aumenta, e ele deve acreditar que tenho força para aguentar toda a viagem de avião e o trajeto até em casa. Então, ele está me tentando pouco a pouco. Meu pico esta noite será tão intenso quando finalmente fizemos sexo – as paredes não serão capazes de silenciar meus gritos.

Contorço-me um pouco, a tensão é um bom tipo de tensão, do tipo que sei que posso esperar para liberá-la. Meses atrás, acho que não poderia. Mas estou aprendendo a moderação.

Troco os canais enquanto Lo me segura em seu colo. Tento encontrar um filme que não me faça dormir ou um programa de televisão que não chame minha atenção de volta para o pau de Lo ou meus pensamentos nefastos.

Lo esfrega meu ombro e seu olhar se volta para seu meio-irmão. — Você está perdendo? — Lo pergunta, um sorriso com a ideia. Eu me animei um pouco com a mesma diversão.

Ryke olha para suas cartas com as sobrancelhas franzidas. Sobre a mesa está uma pilha de notas de cem dólares, o que parece ser o *Rolex* dele e a pulseira de cânhamo dela.

— Não — Ele dispara.

Lo ri baixinho. — Ei, *mano*, você foi reprovado em matemática corretiva? Aquele relógio vale cinco vezes mais que aquela pulseira.

— O pessoal da geral pode, por favor, calar a boca? — diz Ryke. — Estou tentando me concentrar aqui. — Ele acidentalmente mostra suas cartas para

Daisy.

Ela cobre os olhos rapidamente. — Não vi nada.

— Caralho — Ele amaldiçoa, atirando-nos outro olhar como se tivéssemos feito o desastre. Ele volta a se concentrar muito. O poder do cérebro deve machucar Ryke tanto quanto a mim.

Daisy coloca suas cartas nos lábios, tentando não sorrir muito. Ela olha para nós. — Há um diamante na minha pulseira, a propósito.

— Bem, então retiro o que eu disse — diz Lo. — Ryke é apenas metade do idiota que pensei que ele era.

Ryke o ignora.

Daisy diz: — Você deveria desistir.

Ele a encara por um longo momento. — Você está blefando.

— Não estou. Vi suas cartas, lembra?

— Você disse que não viu porra nenhuma.

— Eu menti. — Nossa, ela é boa. Eu não posso dizer se ela está blefando.

— Caralho. — Ryke tira um anel de ouro de seu dedo médio e o joga na pilha. — Isso vale dois mil.

Daisy empalidece um pouco. Ela tem que igualar ou desistir e então ele pega o que está em jogo.

— Deixe-me ver... espere um segundo. — Ela procura em sua bolsa próxima.

E Ryke parece um pouco preocupado. Ele pensou que ela ia desistir.

Mas seu rosto cai. — Não tenho nada que valha dois mil, *mas...* — Ela pega seu diário e rabisca algo em um pedaço de papel. Ela joga isso na pilha.

— Lo — Connor chama da parte de trás do avião, ainda olhando para seu laptop. — Você pode vir aqui?

— Em um segundo — diz Lo, entretido, como eu, no jogo de pôquer.

— Agora seria melhor. — A voz de Connor sai de seu tom constante habitual.

Lo suspira e desliza de mim. — Me atualiza quando eu voltar?

Concordo com a cabeça, e ele me beija ternamente nos lábios. Conforme ele se afasta, ele tem aquele brilho nos olhos tipo, *mais tarde*.

Sim.

Quando ele sai, fico de joelhos para tentar ver o papel na pilha de pôquer.

— Leia em voz alta — digo a Ryke.

— Ela está apostando suas duas *Ducati Superbikes*. — Sua sobrancelha se arqueia. — Já tenho uma moto, Dais.

— Elas são mais rápidas que a sua *Honda*. — Claramente eles já conversaram sobre ‘moto’ antes, se ela souber o que está do lado de fora do apartamento dele.

— Espera — Interrompo. Ryke disse que duas *superbikes dela*. Isso significa que ela já as tem. — Quando você comprou uma moto? E por que você compraria duas?

— Um cliente em uma sessão de fotos comprou para decorar o cenário e deu para mim.

— Ele simplesmente te deu?

Ryke apalpa o pedaço de papel.

— Foi o que eu disse. Foi um *agradecimento por fazer um bom trabalho*. Não acontece com frequência, mas aconteceu. E agora tenho duas motos implorando para serem pilotadas. Só levei a vermelha para a estrada, então, coloquei alguns quilômetros nela.

— Você ainda não tem carteira de moto — Ele diz a ela categoricamente.

— Sim, eu sei. Mas, para obter uma licença, tenho que praticar.

Ele solta o papel, e vejo em seu olhar uma espécie de desejo daquelas motos. Elas devem ser muito legais. — Você percebe que isso é muito mais do que o meu anel?

— Você não precisa se igualar a mim. Não estou tentando aumentar o lance, mas é realmente tudo o que tenho que você poderia querer.

Olho para a parte traseira do avião. As costas de Lo estão voltadas para mim, mas ele está curvado, com a mão nos olhos. Algo... algo está realmente errado. O que aconteceu? É o pai dele? Começo a me levantar, mas Connor encontra meu olhar e balança a cabeça, como se eu devesse me sentar novamente.

Sento. Ele tem algum tipo de poder em sua segurança. É como o controle da mente Jedi.

Mas quero ir confortar Lo. Meu peito dói só de olhar para as costas dele. Roo minhas unhas, caio em mim e solto minha mão.

— Que diabos, vamos terminar isso — diz Ryke.

Volto para o jogo de pôquer. Talvez isso mantenha minha mente longe de algo horrível. Mas estou tão impaciente que começo a coçar o braço. Eu me

pego fazendo isso também.

— Então as motos estão no páreo?

— Claro. Só não chore quando eu tirar de você.

Ela sorri. — OK. Vamos ver sua mão.

Ele vira duas cartas e as compara com as cartas viradas na mesa.

Minha atenção está dividida entre o jogo e Lo, e não quero mais focar nele.

Estou prestes a ir contra a vontade de Connor e disparar para o fundo do avião. Para me conter, mudo os canais de televisão para encontrar um programa que possa ocupar minha mente.

— Então você tem dois oitos — diz Daisy, com um sorriso nas palavras.

— Você me venceu, não?

— Dois valetes — diz ela.

— Você pegou dois malditos valetes?

— Você embaralhou.

Ele geme.

— Você pode ter o anel de volta, se quiser.

O Mundo é dos Jovens? Não. *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira?* Não.

Futebol? Definitivamente não.

— Não, você ganhou. É seu.

— Vou me sentir estranha se for uma herança de família ou algo assim. —

Ela tenta enfiar o anel na mão dele. Ele a mantém no ar.

— É de uma joalheria, e eu ia aposentar, de qualquer maneira.

— Por quê?

— É feio.

— Então, você me deu uma joia feia.

— Vale a porra de dois mil dólares.

Ela sorri ironicamente. — Oh, sim.

Ryke amassa o papel com as palavras da *Ducati*. Ele perdeu aquelas motos e há um pouco de decepção em seus olhos por não conseguir pegar uma. Pergunto-me se são raras.

— Que tal... — Daisy dobra o dinheiro e o enfia na carteira. — Deixo você ficar com a *Ducati* preta se você me ensinar a andar.

Law & Order? Não. *Desenho dos X-Men?* Possivelmente. Eu paio um pouco neste canal, assistindo Wolverine em seu spandex amarelo e azul original.

Ryke bate a caneta na mesa. — Não vou te ensinar a se matar.

— Isso é dramático.

Ele olha. — Conhecendo você, você jogaria a porra da moto em um maldito penhasco só por diversão.

Ela abre os braços. — Então me ensina como permanecer na estrada.

Ele balança a cabeça. — Não, se eu te mostrar como pilotar, você vai fazer uma besteira na interestadual.

Ela toca o peito. — Nunca.

Ele joga uma nota de cem dólares na cara dela. E flutua em seu colo antes de atingir seu nariz, não o efeito que ele estava procurando.

X-Men não está ajudando a tirar minha mente de Lo. Olho para ele novamente. Mesma posição curvada. A mesma tristeza. O que está acontecendo? Suspiro e troco de canal rapidamente.

— Não vou te matar — Ryke repete.

Seu sorriso desaparece. — Ryke — Ela diz —, vou descobrir como andar de moto com ou sem você. Só estava dando a você a oportunidade de ter uma das motos. Sei que você quer.

Ele olha para longe, imerso em pensamentos, e então balança a cabeça repetidamente, se encolhendo. — Caralho.

— O quê?

Ele cobre o rosto com a mão. — Não consigo parar de imaginar você virando a moto.

— Ainda não caí — Ela o lembra.

— Você já tentou fazer um cavalinho?

Ela fica quieta. — Não — Murmura.

— Jesus Cristo — diz ele, não acreditando nela nem um pouco. — Você vai se matar.

— Você continua dizendo isso.

— E não está processando na sua cabeça ou você simplesmente não dá a mínima?

Ela desenrola o pedaço de papel amassado lentamente. — Eu acho... que vou ficar bem — Ela evita a pergunta dele com mais confiança do que eu poderia possuir. — Mas se você mudar de ideia sobre a moto, aqui está o meu número. — Ela anota o celular no papel.

Pergunto-me se um canal premium está passando um filme da *Marvel*.

Antes de clicar na programação especial, chego a um feed de notícias.

Vejo a palavra sexo.

Huh.

É como uma grande luz piscando em meus olhos. Fico no canal por curiosidade. Talvez algum senador tenha tido um escândalo sexual.

— Lily, espere! — Lo grita.

Meu coração para enquanto minha mente gira, tentando digerir o programa e Lo. *Espera, espera, espera*. Lágrimas transbordam. Lo estava chateado.

E isso não é um senador.

Ele estava chateado por causa *disso*.

Sou eu na tela.

Eu me encolho como uma bola no sofá, meus joelhos dobrados no meu peito. Minhas mãos estão fixas na minha boca, meus olhos arregalados demais para fechar.

Acho... acho... não sei o que acho.

As estações de notícias estão reunidas fora da Penn, e na parte inferior da tela lê-se: *Herdeira da Fizzle tem mais de cinquenta parceiros sexuais e contando. Rumor viciada em sexo*.

Isso é notícia nacional? Como isso é uma questão nacional? O que diabos está acontecendo?

Não ouço Lo chamar meu nome de novo. Aumento a televisão e estou tremendo tanto que preciso segurar o controle remoto com as duas mãos.

A âncora do noticiário é uma loira baixinha com batom vermelho brilhante.

— *Acabamos de confirmar de uma fonte que Lily Calloway, filha do fundador da Fizzle, é viciada em sexo. Assim como os mais de cinquenta homens conhecidos com quem ela dormiu, ela também é conhecida por contratar garotos de programa.*

Minha garganta se fecha, mas mal consigo pronunciar uma palavra. Uma palavra. ‘Lo.’

Ele não vem até mim e não consigo tirar os olhos da televisão.

— Lily, o que está acontecendo? — Daisy pergunta, sua voz tensa.

Daisy, meus pais... Ai, meu Deus, meu pai? A empresa dele... a culpa passa por mim. Eles estão assistindo isso. Todo mundo está assistindo isso.

Melissa se mexe de seu canto, tirando os fones de ouvido e olhando para a

tela. O oxigênio me recusa. Balanço minha cabeça de novo e de novo como se isso fosse um sonho. Quero acordar. Isso não pode ser real. Mas as palavras na TV passam pela minha cabeça repetidamente. *Viciada em sexo. Viciada em sexo. Viciada em sexo.*

Isso não pode estar acontecendo.

Quanta vergonha eu trouxe para a minha família?

— Lo — digo um pouco mais alto, fixada na TV enquanto as lágrimas começam a escaldar minhas bochechas. — Lo! — Choro, apavorada com o que isso significa, enquanto eu processo o quanto isso vai machucar a todos.

Meu telefone vibra ao meu lado e a primeira mensagem envia uma facada no meu estômago.

Desconhecido: *Prostituta.*

Começa a explodir em uma onda rápida de mensagens inflamatórias. Meus olhos queimam e engasgo com uma respiração ou um soluço. — Lo!

— Estou bem aqui, Lil. — Há quanto tempo ele está no sofá? Ele me vira para que eu o encare, não mais absorvida pelo feed de notícias.

Suas mãos tocam meu rosto e ele tenta enxugar as lágrimas, mas não consigo parar de chorar. Meu peito se contrai e eu soluço nas palmas das mãos. Ele me puxa para seu peito.

— Você está bem — Ele diz, me balançando um pouco, mas há dor em sua voz.

O avião parece muito pequeno. Não tenho ar, espaço ou pulmões suficientes para combater esse tipo de aflição. Arruinei minha família. É tudo o que posso pensar. É tudo o que sinto. Passei anos mantendo meu vício em segredo para que eles não suportassem a humilhação e a desgraça. A filha deles é nojenta. Sou nojenta...

Minha mãe... como ela vai olhar para mim depois disso? Como vai Daisy?

— Lo, dói. — Tento respirar fundo, mas são esporádicos e cheios de tanto desespero. Só quero que isso acabe. Quero pilotar o avião de volta e começar de novo. Estávamos voltando para casa em triunfo. Derrotamos as Férias de Primavera sem ceder aos nossos vícios.

Esta noite deveria ser sobre Lo e eu juntos. E agora... isso...

Quero me desintegrar, flutuar para longe e nunca mais acordar.

— Você está bem — Lo diz, me puxando para seu colo. Seu braço envolve

minha cintura enquanto ele me segura firme contra seu peito. Não consigo olhar para outro lugar senão para minhas mãos. Elas parecem tão vazias de repente. E então ele as agarra e aperta com força. — Eu tenho você.

Mas estou caindo tão rapidamente.

Estou me afogando, Lo.

Acho que não quero subir para tomar ar desta vez.

Não tenho certeza se posso.

— *Temos um ex-capitão do time de futebol da Penn, Mason Nix, aqui para dar uma declaração sobre Lily Calloway.*

Isso não pode estar acontecendo.

— Desliga isso! — Lo grita.

Mas enquanto Lo e Ryke lutam para encontrar o controle remoto perdido nas profundezas das almofadas, ouço o passado sangrar em meus ouvidos.

— *Eu dormi com ela quando ela tinha dezoito anos. Toda a minha equipe dormiu. Ela não estava apenas disposta, ela queria.* — Esta é a sua vingança. Era ele que estava vazando? Ainda não sabemos. Esta declaração poderia ser apenas uma vingança por ter sido jogado sobre o capô do meu carro.

Mal consigo me mover. Uma única lágrima escorre pela bochecha de Lo. Ele a limpa rapidamente quando me pega observando. — Ei — Ele sussurra. — Está tudo bem, Lil.

Mas minhas lágrimas transbordam e queimam. — Você não pode ficar triste se for verdade — Sussurro de volta.

Ele permanece forte e estende a mão para tocar minha bochecha. Beija meus lábios, mas não sinto o poder neles que costumo sentir. Meu coração não palpita. Estou apenas afundando.

— *E ela estava namorando Loren Hale na época, o herdeiro da Hale Co.?* — A âncora do noticiário pergunta.

— Lily, vamos, amor — Lo implora, me beijando mais forte. — Eu estou bem aqui.

— *Sim* — diz Mason. — *Ela o traía o tempo todo.* — A âncora do noticiário tem um olhar de *pobre coitado. Sinto muito por ele.*

Viro minha cabeça de Lo, chorando, meus lábios se separando dos dele enquanto eu enterro minha cabeça em meus joelhos.

— Lily. — Sua voz falha.

O que eu fiz? Eu não sabia que meu vício iria prejudicá-lo se se tornasse

público. Ele agora é o idiota triste que foi fodido pela vagabunda. Por mim. Como faço isso certo? Não há como mudar isso. Como faço para apagar anos e anos de erros?

Quero voltar no tempo. Quero dizer a mim mesma que não preciso dormir por aí para satisfazer esse vazio em mim. Que o cara que eu amo está bem na frente dos meus olhos. Que ele pode ser mais que um amigo. Que não preciso de mais ninguém em todo o universo além de Loren Hale.

E se tivesse feito isso, tudo teria dado certo.

Eu não estaria sentada aqui ouvindo meus erros do passado. Teria passado quatro anos com Lo como estou fazendo agora. Empenhada. Realizada.

Feliz.

Minha voz é roubada e as palavras ficam no fundo da minha garganta. Mas consigo dizer algo.

— Sinto muito — digo a ele, abafada em meus joelhos e incoerente com meus soluços. *Porra, sinto muito, Lo.*

Ele esfrega minhas costas. — Lil, está tudo bem.

Não está bem.

Alguém encontra o controle remoto porque as vozes silenciam. Meu telefone vibra loucamente no chão, e eu cubro meus ouvidos com meus braços agora, uma bola que não pode ser desenrolada. O barulho me perfura, cada estrondo é outra *vagabunda* ou *prostituta* que ainda não li.

Só quero desaparecer. Quero que meus superpoderes entrem em ação, agora mesmo. Quero nunca, nunca mais existir. Quero que Lo viva em um mundo onde eu não o machuque. *Por favor, alguém faça isso se tornar realidade.*

Lo me solta um pouco. Beija minha testa e tenta me deixar agarrar a ele e não minhas pernas ossudas. Eu rastejo lentamente em seu colo e pressiono minha bochecha em seu peito, ouvindo seu batimento cardíaco instável. Permaneço escondida, não me desprendendo da segurança da camisa de Lo e evitando o olhar de mágoa e traição no rosto de Daisy que tenho certeza de que existe dez vezes.

Eu deveria ter contado a ela na praia.

E não sei o que me impulsiona a fazer isso – talvez pensando em uma coisa simples, talvez sentindo o arrependimento –, mas tiro minha cabeça da minha toca.

— Daisy? — Olho em volta e a encontro de pé ao lado de sua cadeira.

Ela está chorando.

E não tenho certeza se é porque estou ou porque ela está com raiva de mim.

— Sinto muito — digo a ela. — Queria dizer a você.

— É verdade? — Ela pergunta, enxugando o rosto rapidamente como Lo fez, não querendo que eu visse. É como se eles não pudessem chorar porque eu choro. Eu odeio isso. Não faz sentido e me leva a represar meu sistema hidráulico mais cedo ou mais tarde.

— Eu... — Não consigo dizer isso. *Por que* não posso simplesmente dizer isso? Minha irmã merece mais do que eu chorando e me escondendo. Limpo o nariz com as costas do braço e me sento direito. Deslizo do colo de Lo, mas ele entrelaça meus dedos nos dele. Isso ajuda. Isso me faz não querer tanto me afogar.

— Está tudo bem — Daisy diz o que Lo vem repetindo. Ela enxuga todas as suas lágrimas. — Está tudo bem, você não precisa explicar. — Daisy odeia ver as pessoas chateadas. Esqueci isso sobre ela. Ela só quer que todos sejam felizes.

Mas toda a dor que vai levar para admitir isso para minha irmã – preciso sentir isso. Contar para Rose foi a coisa mais difícil que já fiz, mas isso é pior. Porque disse a Rose por conta própria, mas neste caso, alguém me tirou a opção, me forçando a isso.

Não há compaixão em contar a ela meu segredo. É apenas... necessário.

Muito baixinho, eu digo: — Sou uma viciada em sexo.

Suas lágrimas secaram. E ela assente. Minha irmã forte e destemida. — E mamãe... ela sabe?

Balanço a cabeça uma vez.

— Pai?

— Não.

Daisy olha para Ryke. — Você sabia.

— É complicado.

Daisy assente novamente, tentando entender, eu acho. Seus olhos vão para Connor. — E você sabia.

— E Rose. Só nós — diz Connor.

Rose. Meus olhos se voltam para a porta da cabine dos fundos, onde fica a

cama. Queria que ela estivesse aqui. Ela é como uma cadeira de ferro espinhosa que resiste a qualquer batalha.

— Mas não Poppy? — Daisy me pergunta.

— Poppy não — digo —, e eu só disse a Rose seis meses atrás. Eu teria contado antes, mas eu estava... estou... estou envergonhada. — Lágrimas crescem novamente. — Você é minha irmãzinha. Não queria que você me visse com esse problema. — Sou a fodida. A destruída e patética agora. Não posso mais dar conselhos de irmã e esperar a mesma admiração em troca. Tudo irá mudar.

Suas sobrancelhas escuras se juntam, uma expressão tão feia para alguém tão bonita. — Você ainda é a mesma pessoa, Lily. Eu só... tenho que entender isso. — Seus olhos piscam para Lo. — Há quanto tempo você sabe?

Nós encontramos o olhar um do outro. Há quanto tempo ele sabe? Há quanto tempo eu sei? Definir uma data parece tentar definir quando um surto de crescimento começa e termina. Tempo imensurável.

Pensar nisso me lembra de todos os momentos que compartilhamos. Da infância à adolescência à idade adulta. Vivemos juntos, amamos juntos e fodemos juntos. Não tenho certeza se muitas pessoas podem realmente dizer isso sobre outra pessoa.

Seus olhos suavizam e ele se vira para Daisy. — Já há algum tempo.

Já há algum tempo. Isso parece certo.

Daisy abre a boca para fazer outra pergunta, mas uma música de Bob Dylan começa a tocar em seu bolso. Ela pega o telefone ao mesmo tempo em que algo vibra perto da minha perna. Lo pesca seu próprio celular.

Um toque e outra vibração soam e Connor e Ryke olham para eles. Devemos ter atingido uma área no céu com boa recepção de celular. Quem sabe há quanto tempo as pessoas estão ligando?

— É a mamãe — diz Daisy.

— Meu terapeuta — Lo me diz.

— Minha mãe — Acrescenta Ryke.

Todos nós olhamos para Connor. Seus olhos voam até os de Lo. — O investigador particular. Eu tenho que atender. — Ele se retira para a cabine dos fundos onde Rose dorme. Ainda não sabemos quem vazou a informação, mas talvez saibamos agora – não que isso importe. O que está feito está feito.

O telefone de Daisy continua tocando *Shelter from the Storm*, e todos se

sentem no limite, quanto mais eles ignoram suas ligações.

— Vai falar com eles — digo.

Daisy funga e olha para o telefone dela. — Gosto dessa música.

Ryke coloca a mão no ombro. — Rose deve falar com seus pais primeiro, de qualquer maneira.

Ela balança a cabeça. — Não, está tudo bem. — Ela clica no botão verde e coloca o receptor na orelha. Daisy corre o risco de ficar com Melissa, já que está isolada na alcova mais privada de todo o avião. (Além do banheiro) Melissa permanece congelada em seu assento, desconfortável e um pouco atordoada com tudo.

— Eu tenho que fazer xixi — Murmuro, prestes a me levantar. Eu posso imaginar o horror puro no rosto do meu pai. Na minha mãe. Acho que nunca posso enfrentá-los.

Lo agarra meu pulso antes de me levantar do sofá. — Você não deve estar sozinha agora.

— Eu só tenho que fazer xixi — digo a ele novamente, puxando a mão dele de mim.

Ele me olha tipo, *tem mesmo?*

Não, não tenho. Eu quero chorar em solidão. Acho que ele sabe disso e entendo o medo dele para evitar minhas emoções com autossatisfação como já fiz no passado.

É tentador.

Fico parada e enfio meu rosto em um travesseiro. As notícias repetem na minha cabeça novamente, e estou prestes a lágrimas mais uma vez.

— Ei, Lily. — Ryke vem e cutuca meu lado. — Não quero falar com minha mãe, então que tal jogarmos cartas? — Ele olha para Lo. — E você precisa conversar com seu terapeuta.

— Posso ficar aqui.

Ryke dá a ele um olhar firme.

Ele suspira, renunciando mais facilmente que o normal. Devo ter drenado a energia. Lo se levanta e desaparece no banheiro.

— Lily? Cartas? — Ele puxa o deck do bolso e se arrasta.

Abaixo meu travesseiro, sentindo suas táticas para me distrair. — Que tipo de jogo de cartas?

— O que você quiser.

— Vai pescar.

Parece que eu quase esfaqueei sua alma.

— Você disse o que eu quiser — Lembro-o, tentando enxugar lágrimas silenciosas que continuam caindo contra minha vontade. Eu preciso de tecidos permanentes presos nos meus dutos de lágrimas. Como quando você está arrumando um nariz ensanguentado. Funcionaria?

— Isso nem é um jogo de duas pessoas — diz Ryke.

— Mas ainda é possível jogar com duas pessoas. — Quero a distração sem ter que quebrar meu cérebro aprendendo um novo jogo.

— Tudo bem — diz ele, cedendo quando me sento no chão, já que não há mesa de centro. Ele distribui as cartas no tapete e eu tento não as encharcar com minhas lágrimas.

— Estamos sobrevoando a Geórgia agora — Ouço Daisy dizer. — Não devemos demorar. — Sua voz treme bastante. Eu não gosto que ela esteja falando com nossos pais primeiro.

O olhar preocupado de Ryke voa entre Daisy e suas cartas. — Você tem um rei?

— Vai pescar.

— Lily está tirando uma soneca — diz Daisy.

Ryke pega uma carta e chuta meu joelho. — Sua vez. — *Certo*.

— Você tem um... — Olho para as minhas cartas. — Um oito? — Eu olho para a porta do banheiro, sem ouvir um pio de Lo. Mas ele deixa a porta entreaberta, então sabemos que ele não está fazendo algo precipitado, como beber álcool ou... pior. Meu peito dói, como se alguém decidisse pisar no meu diafragma.

Ryke me entrega seu oito e resmunga baixinho sobre como este é o jogo mais estúpido do caralho. Mas ele está parcialmente concentrado em minha irmã no canto.

— Não consigo acordá-la — diz Daisy, sua voz ficando mais frenética e baixa. — Espere, por favor... eu não quero... *mãe*.

Ryke se levanta antes que eu possa encontrar forças para colocar peso em minhas pernas de gelatina. Ele vai até a alcova de quatro cadeiras. Ele tem que se inclinar sobre uma Melissa carrancuda para alcançar Daisy. — Me dá o telefone — Ele sussurra, mas ainda posso ouvir sua voz hostil.

— Mãe — diz Daisy. — Eu tenho que ir... Mas... eu... Espere... eu...

Ryke pega o telefone dela antes que ela tenha um colapso. E, ao mesmo tempo, Rose está no meio do corredor do avião, seus olhos fixos em mim com tanta confiança e poder que imediatamente desejo ser ela. Forte e construída como uma fortaleza – capaz de resistir a qualquer coisa que seja lançada contra mim.

Encontro seu olhar, mas aponto para Ryke, que agora agarra minha mãe – ou o telefone que contém minha mãe. Rose entende. Ela pega o celular de Daisy dele e imediatamente entra no modo de gerenciamento de crise.

— Mãe, acalme-se. Não. — Ela solta. — Não. — E isso é tudo que ouço enquanto ela volta para o quarto para conversar em particular. Ela disse a única palavra que Daisy não conseguiu.

Eu também não tenho certeza.

Daisy olha pela janela. Ryke sussurra algo para ela, e ela apenas balança a cabeça e gesticula para mim.

Ryke volta para o chão, recolhendo suas cartas e abanando-as em suas mãos. — É a minha vez, eu acho — diz ele. — Você tem um dez?

— Ryke?

— Sim?

— Aconteça o que acontecer, você vai cuidar dele, certo?

Ele fica rígido. — Não sei o que essa porra significa.

— Isso significa o que significa — Respiro. — Ele não tem ninguém além de você e eu. Só preciso saber que você estará lá.

— E você também — Ele retruca.

— Não se meus pais me obrigarem a ir para a reabilitação ou para o outro lado do país. — Minha mãe vai querer enterrar esse problema transportando-o para um fuso horário diferente.

— Você tem quase vinte e um anos. Você é uma adulta do caralho. Seus pais não podem obrigar você a fazer merda nenhuma, Lily.

— Eu devo a eles...

— Por manchar o nome Fizzle? Por criar você com dinheiro e luxo? — Ele continua balançando a cabeça. — Você e Lo estão tão distorcidos. Você acha que está em dívida com seus pais porque eles lhe deram tudo o que você tem. Mas eles não deram a você o que importava. Eles devem a *você*. Eles devem a você por não perguntar por que a filha deles não está em casa. Por que ela parece distante e triste. Por que ela se exilou na porra de um apartamento com

o namorado. Eles falharam com você, e se disserem para você entrar na porra de um avião ou ir para a reabilitação – onde todos nós sabemos que você não deveria estar – então, você precisa dizer a eles para irem para o inferno. E se você não fizer isso, Lo e eu faremos. Eu prometo isso a você.

As palavras certas ficam no fundo da minha garganta – *obrigada, Ryke*. É uma frase difícil de produzir, especialmente quando ele expressa suas opiniões com tanto fervor e força.

Encosto-me em algo duro.

— Vai pescar.

Ele solta uma risada curta enquanto estende a mão para o deck. — Você vai ficar bem, Calloway.

Pelo menos um de nós acredita nisso.

CAPÍTULO 32

Loren Hale



Inclino-me contra a parede do banheiro, olhando para meu rosto pálido e olhos fundos. Pareço um merda total. Sinto-me ainda pior. Minha mão esquerda continua tremendo, e tenho que fechar meus dedos em um punho só para fazê-la parar. Meu pai reclama na linha por ignorar suas ligações anteriores.

— Estou no maldito voo — Lembro-o secamente, mantendo minha voz baixa para que Ryke não ouça. — A menos que você queira que o sinal seja magicamente inventado sobre o oceano.

— *Ei, estou tão furioso quanto você.*

— Não acho que isso seja possível — digo, minha voz falhando ligeiramente. Não quero ficar falando com ele enquanto Lily está a um segundo de abrir a escotilha e pular do avião sem paraquedas. E toda vez que a imagino chorando daquele jeito, caramba, não posso começar. Eu esfrego meus olhos para afastar as emoções. Quero chutar a parede com tanta força que engulo um grito que precisa escapar.

— *Quem quer que seja esse filho da puta* — Meu pai diz —, *vou pessoalmente abrir outro buraco no traseiro dele, Loren. Está me ouvindo? Ele não vai se safar dessa merda.*

Eu tenho que perguntar. — Você fez isso? Você vazou? — Uma semana depois que contei a ele, a notícia explodiu em todo o mundo. É realmente tudo uma coincidência?

Há uma longa pausa. E então: — *Você só pode estar brincando comigo.*

Você não ouviu o que acabei de dizer? Fiz das tripas coração tentando encontrar esse filho da puta. — Ele rosna um pouco. Sim, não é ele.

— Então quem? — Pergunto. — Quem faria isso? O que eles possivelmente têm a ganhar?

— *Dinheiro* — Meu pai diz categoricamente. — *Ainda estamos trabalhando em algumas pistas.*

Coloco o telefone longe da boca e luto entre não gritar e gritar loucamente. Nenhum som escapa, mas me pego no espelho e pareço estar travando uma batalha invisível contra um inimigo sombrio. Pareço louco e torturado.

— *Tenho que ir* — Meu pai diz rapidamente. — *Greg está na outra linha. Eu falo com você em breve. Mantenha a cabeça erguida.* — Palavras de encorajamento do meu pai. Elas não vêm com frequência. Então aceito.

Desligamos ao mesmo tempo. Inclino-me sobre a pia e jogo um pouco de água no rosto. Tentando juntar minhas coisas.

Eu deveria ligar para Brian, o terapeuta com quem Ryke e Lily acreditam que estou falando sobre meus pensamentos profundos. Mas não posso falar sobre álcool. Até o pensamento faz meu estômago revirar. Porque Lily não deveria se preocupar se eu vou ter uma recaída. O mundo está desabando sobre seus ombros e não quero aumentar esse peso.

Deixei escapar um longo suspiro, suportando sua dor que parece tão parte de mim. Ficamos emaranhados, anos e anos de mentiras e memórias e histórias de infância, tudo embrulhado em um. Eu a conheço melhor do que suas irmãs. Eu a conheço às vezes melhor do que ela mesma. Sei o quanto isso a está matando por dentro.

E então um pensamento me perfura.

Estou aqui.

Eu poderia estar em um bar. Desmaiado.

Eu poderia estar na reabilitação. Longe dela.

Eu tenho a chance de estar ao lado dela em tudo isso.

Então vá, seu bastardo estúpido.

Isso é o que é preciso. Saio pela porta.

PRIMEIRA PARTE

Um dia, você terá que fazer uma escolha. Você tem que decidir que tipo de homem você quer ser quando crescer. Quem quer que seja esse homem, de bom ou mau caráter, vai mudar o mundo.

– Jonathan Kent, Homem de Aço

CAPÍTULO 33

Loren Hale



Ninguém fala no carro, desde o asfalto até a nossa casa em Princeton, Nova Jersey. Melissa chama um táxi para levá-la de volta a Penn, então pelo menos não precisamos lidar com isso.

A limusine preta de Connor nos dá muito espaço. Lily repousa a cabeça no meu colo, tentando jogar cama de gato com meu cadarço. Ela parou de chorar em algum momento entre o nosso quinto jogo de Vai Pescar e quando o avião pousou.

Quero que ela ligue para Allison, mas ela continua dizendo que não quer falar com ninguém. E acho que não tenho o direito de forçá-la a falar com o terapeuta dela quando evito o meu. Independentemente disso, pretendo ligar para Allison hoje à noite, se Lily ligar ou não. Tenho que perguntar sobre medicamentos para Lil.

Ninguém entende recaídas como um viciado. E temo que ela esteja prestes a surtar quando confrontar seus pais.

Ela segura o cadarço entrelaçado nos dedos. — Sua vez — diz. — Vá embaixo das minhas mãos e pegue.

— Eu vou estragar tudo.

— Não, você não vai — diz ela. — Apenas certifique-se de pegar os certos.

O problema é que não sei quais são os certos.

Rose fica rígida ao lado de Connor, sua celular preso fortemente na mão. Lily me disse que Rose está no ‘modo de controle de danos’ – ela até gritou

com um produtor de notícias respeitável por uma hora antes de Connor arrancar o telefone dos dedos dela. Ela está respondendo mensagens de texto e e-mails de revistas de fofoca e advogados desde que chegamos.

Rose não está lidando muito bem com o vazamento. Ela continua consertando o cabelo e alisando o vestido. Connor tem que agarrar suas mãos para detê-la. E olho entre as três garotas Calloway – Rose em modo fadiga, Daisy flutuando longe nas nuvens e Lil com uma voz triste e suave – consigo entender. Entendo o que Ryke vê e o que ele sente. Eu tenho esse desejo insano de fazer as coisas certas novamente, para preencher todas as rachaduras em nossas vidas – apenas pela pequena esperança de que essas garotas possam se levantar por conta própria para mais um dia.

Eu acho que nós seis – somos todos fortes. Cada um de nós é apenas um tipo diferente de força. Mas todos temos um tipo diferente de fraqueza também. E estou descobrindo como engarrafar minha fraqueza para ajudar a todos.

Não vou ser o vilão da minha própria história. Essa merda acabou.

O telefone de Rose vibra. Ela olha para a tela, Connor lendo a mensagem também.

— Temos um probleminha — diz.

As mãos de Lily caem em seu colo, emaranhando ela mesma o cadarço.

— O quê? — Sua preocupação quebra sua voz. Esfrego seu braço e ela segura meu bíceps para se apoiar.

— Nossos pais estão em nossa casa — diz Rose. — Eles estão esperando por você.

Lily se endireita rapidamente, balançando a cabeça ferozmente. — Não posso, Rose. Preciso de outro dia.

Gilligan, o motorista de Connor, permanece quieto ao volante, conduzindo-nos pela rua. A apenas alguns quarteirões de distância, vans de notícias se alinham no meio-fio, provavelmente acampadas perto do portão.

Daisy pressiona o nariz contra a janela. — Puta merda.

Os olhos de Lily se arregalam com a cena.

Ela não pode lidar com isso agora. Isso é certo. Olho para Ryke e ele apenas acena com a cabeça uma vez. — Gilligan — Chamo para a frente e toco na tela de privacidade. Ele abaixa para que eu possa ver sua cabeça careca. — Mudança de planos. Estamos indo para a Filadélfia.

O apartamento de Ryke fora do campus tem paredes de tijolos e piso de madeira, um pôster do *Philadelphia 76ers* pendurado na sala escura, com puffs de couro, uma televisão de tela grande e um sistema de som de tamanho decente. Estive aqui apenas algumas vezes antes e é difícil lembrar que este não é apenas mais um apartamento aleatório. É do meu irmão.

Depois de uma rápida ligação para Allison, consigo aprovação para dar um comprimido para dormir a Lily. Ela adormece no quarto de hóspedes, mais rápido do que eu pensava. Chorar já deve tê-la esgotado.

Quando volto para a sala, dou uma olhada rápida para fora. Nada de vans de notícias ou equipes de filmagem. Muitas pessoas não sabem que Ryke Meadows é meu parente e, neste caso, vem a calhar.

Connor e Rose conversam em sussurros no sofá, às vezes até mudando para o francês. Ele me disse que o investigador particular ainda está trabalhando para encontrar o vazamento. A mesma coisa que meu pai disse sobre suas conexões. Uma parte de mim se sente desesperada com a notícia – como se talvez nunca vamos saber. Outra parte de mim pensa que talvez eu não deva saber. Porque tenho uma queda por machucar as pessoas que machucam a Lily ou a mim. E não quero mais ser o cara que ameaça o futuro de outra pessoa. Não quero ser meu pai.

— Acabei de falar ao telefone com um amigo — diz Connor.

— Você tem outros amigos? — Pergunto com uma carranca. Por que, de tudo, isso me incomoda? Talvez eu esteja muito emocional agora. Esfrego os olhos, tentando me recompor.

— Conhecido, contato — Connor me diz —, como você quiser chamá-lo.

Ryke se aproxima e me entrega um copo de algo cor de âmbar. Eu endureço e dou-lhe um olhar. — Você está louco?

— É chá.

Eu mal relaxo, mas pego o copo, de qualquer maneira.

Connor continua: — Meu contato me disse que há câmeras do lado de fora do meu apartamento. Eu só queria que você soubesse que eles estão procurando todos os meios para obter informações. Até mesmo o namorado da irmã de Lily – um exagero.

Daisy está sentada no chão de madeira, com o controle remoto nas mãos enquanto olha para a televisão desligada. Posso ver sua curiosidade. Ela é a que ainda está meio no escuro, e todas as respostas estão naquela caixa. Ela se ofereceu para ser trazida de volta para sua casa, mas Lily e Rose recusaram. Seus pais estão tão sedentos de sangue quanto a mídia, e todos nós sabemos que eles afundariam suas garras em Daisy se a tivessem.

Então ela fica conosco por enquanto.

Fico olhando para o chão, tentando juntar uma aparência de um plano. Primeiras coisas. Viro-me para Connor, que relaxa no sofá. Seu braço fica em volta dos ombros de Rose, e percebo que ele está massageando sutilmente o pescoço dela para que ela fique mais à vontade.

Eu não queria arrastá-lo por tudo isso e, com sua expressão impassível de sempre, não sei dizer se o incomoda que os paparazzi tenham invadido seu prédio.

— Você não é parente de Lily ou meu. Se você quer sair, provavelmente deveria sair agora antes que as coisas piorem.

Espero que Rose cuspa em mim por desamarar seu próprio namorado desse assunto complicado. Porque isso significaria que Connor teria que deixá-la também. Mas ela está ocupada enviando mensagens em seu celular, inalando respirações afiadas de vez em quando que soam como facas cortando seus pulmões. Até a vi tomar algum tipo de medicamento.

— Rose já me mostrou onde fica a porta — diz Connor. — Sou bastante capaz de saber quando e como sair dela.

— A mídia pode piorar — Lembro-o, mas esqueço que Connor provavelmente pesou todas as possibilidades em sua cabeça, e talvez até tenha criado uma planilha mental dos prós e contras da situação.

— Sim, e você vai precisar de alguém que não pragueje a cada cinco palavras para lidar com a imprensa.

Ryke revira os olhos, a piada claramente se referindo a ele. — Especialista em Jornalismo — diz Ryke, apontando para o peito. — Conheço a imprensa melhor do que você, Cobalt.

— E você realmente planeja fazer alguma coisa com esse diploma?

Ryke não diz nada.

— Exatamente.

— E a empresa de sua mãe? — Eu pergunto a Connor.

— Cobalt Inc. não é um nome familiar. As pessoas não nos associam aos nossos produtos como fazem com a Hale Co. — seu nome está no rótulo de cada shampoo e embalagem de fraldas para bebês. Lidamos com fabricantes e subsidiárias. — Como MagNetic, eu me lembro. — Minha afiliação com você ou Lily não prejudicará a empresa e, por isso, minha mãe não se importará. E mais, se ela está fora do escândalo, ela gosta do drama de vez em quando. Isso mantém seus dias interessantes.

Pergunto-me se é assim que ele nos vê às vezes. Interessante. Entretenimento. Algo para tornar cada dia imprevisível.

Também não consigo imaginar a mulher que gerou alguém como Connor. Ela parece tão fabricada quanto um personagem de um dos meus quadrinhos.

— Como eu disse, Lo — Connor termina —, sei como usar a porta.

Ryke acena para mim. — Você vai me mostrar a saída também?

— Não, se eu estou caindo, você vai queimar comigo.

— Isso se qualifica como uma obrigação fraternal?

— Para mim, sim.

Daisy se atrapalha com o controle remoto e ele cai ruidosamente na madeira.

— Desculpe — Murmura e continua a olhar para a televisão preta.

Quero assistir ao noticiário e descobrir o quanto a mídia já sabe. Encontrar o vazamento tornou-se uma segunda prioridade. Nossa primeira tarefa é limpar qualquer reação que estamos prestes a receber. Suspeito que Greg Calloway, e possivelmente meu pai, já estejam trabalhando com uma equipe de advogados para conter a crise. Uma das muitas razões pelas quais eles vão querer falar conosco.

Não confio neles. Mas confio nas pessoas desta sala, e isso é o suficiente para me deixar à vontade no momento.

Percebo que Daisy ainda não sabe sobre muitas coisas. Não é justo com ela, especialmente porque agora falaremos livremente. — Você tem alguma pergunta, Daisy? — Pergunto, relaxando no sofá.

Ela coloca o controle remoto com cuidado na mesinha de centro e se senta no chão com as pernas cruzadas.

— Tenho um puff — diz Ryke.

— Estou vendo. — Mas ela abraça os joelhos frouxamente, sem fazer nenhum movimento. Seus olhos voam para mim. — Tenho centenas de

perguntas, mas posso esperar para perguntar a Lily. Não quero que ela fique chateada se você revelar algo que ela quer manter em segredo.

— Você vai ouvir na televisão ou nos tabloides, de qualquer maneira — digo a ela. — Ela preferiria que você soubesse a verdade por mim.

Ela hesita. — Posso perguntar qualquer coisa?

Qualquer coisa é uma palavra forte, mas estou confiante em minha capacidade de desviar das perguntas muito pessoais. Concordo com um aceno de cabeça.

— Se isso vai ser uma sessão de perguntas e respostas, também tenho algumas perguntas — diz Ryke.

Eu sorrio amargamente. — Claro que tem.

Daisy joga a almofada mais próxima nele. — Esta é a minha sessão de perguntas e respostas.

Ele pega a almofada. — Agora você está jogando minhas coisas, mas não quer se sentar no maldito puff?

— Você é insistente — alguém já lhe disse isso?

— Digo o tempo todo — digo. — Ele nunca escuta.

Ryke levanta as mãos tipo: *que diabos*. — Sinto muito se posso dizer que há uma garota desconfortável na porra do meu chão e sei como resolver o problema.

— Não — Eu o advirto. Não vamos abrir essas comportas nunca, nunca mais. Posso suportar que ele seja amigável com Daisy em pequenas doses microscópicas, mas quando ele começa a falar sobre garotas no chão e consertar coisas, fico nervoso.

Daisy faz a primeira pergunta, o que não diminui necessariamente a tensão na sala. Não tenho certeza se alguma coisa pode depois do vazamento. — Você e Lily tiveram um relacionamento aberto?

Gosto de me referir ao que tínhamos como um relacionamento ‘falso’, mas quando nos tornamos um casal de mentira, *éramos* um casal. Eu tinha tudo com ela que um namorado teria. Exceto o sexo. Mas quando penso em relacionamentos abertos, imagino *swingers* e pessoas que têm vários parceiros. Tenho certeza de que o termo é vago o suficiente para abranger uma variedade de situações. Só não o nosso.

Não tenho uma resposta sim ou não para Daisy, então, preciso explicar o que fizemos. Como mentimos para ela e para todos ao nosso redor. Como

nossa amizade se transformou em algo mais, mas ainda permaneceu algo menos.

— Uau — diz Daisy quando termino. — Tudo para esconder seus vícios? Você não poderia simplesmente, sei lá, ter se mudado para a Europa?

— Pensamos nisso.

Seu rosto cai. — Eu estava brincando.

Dou de ombros, indiferente sobre tudo isso. — Lily e eu nunca te ignoramos porque você é mais jovem. Os telefonemas que não atendemos, os almoços que cancelamos, tudo isso porque preferíamos beber e fazer sexo do que estar perto de pessoas. Especialmente aquelas para as quais teríamos que mentir.

— Isso é confuso — Daisy me diz.

— Foi o que me disseram.

— Na verdade, eu disse que era fodido — Ryke esclarece.

Daisy o ignora. — Por que ela é uma viciada em sexo? Existe algo que causou isso?

Minha garganta fica seca e meus olhos piscam para a porta do quarto.

Lily e eu não discutimos a causa de seu vício, mas sei que ela está tentando lidar com o passado, com Allison.

Lily se fecha quando se trata de sua infância, recusando-se a olhar para o relacionamento com sua família como ele realmente é. Posso tocar suas memórias dolorosas sem ser aterrorizado pela dor e, por sua vez, ela pode se concentrar nas minhas sem carregar a culpa. É uma simbiose que passei a reconhecer depois de horas e horas de terapia.

Quando nos permitimos abrir nossos próprios sentimentos – bem, isso é algo em que ambos estamos trabalhando.

Meu silêncio paira no ar enquanto tento me concentrar em uma resposta adequada.

Ryke fica inquieto com o silêncio. — Eu li que oitenta por cento dos viciados em sexo são abusados quando crianças. Lily...

— Não — Eu o corto, meu tom defensivo e cortante. Meus olhos carregam o mesmo calor, e me pergunto se é por isso que Ryke nunca me fez essa pergunta antes.

— Não sou o único que vai perguntar isso — Ele retruca. — Você vai ter que começar a ser menos sensível.

Olho com raiva para essa palavra... *sensível*. Isso me faz parecer fraco e frágil. É uma daquelas palavras no arsenal do meu pai. Eu não estava vivendo meu potencial quando fui reprovado em um teste de matemática da sexta série, quando tive que fazer um trabalho em grupo sozinho depois que ninguém me escolheu, quando perdi um jogo da liga infantil. Ele me disse que eu não valia nada e, quando criança, não sabia como conter as lágrimas. *Não seja tão sensível, Loren. Você está sendo muito sensível, Loren. Por que você é tão sensível, Loren?* Então, parei de chorar. Agora, eu só fico bravo.

Meus olhos estão em Ryke e minha boca se move antes que eu possa impedir.

— Eu não sou sensível — Falo inexpressivo. — Você é o único que se encolheu toda vez que chamei sua mãe de vadia. — Verdade, isso foi antes de eu saber que Sara Hale era sua mãe. Eu apenas pensei que ela era minha, aquela que me abandonou.

Na hora, Ryke se encolhe literalmente com o único palavrão que ele não suporta.

Observo a maneira como seu rosto muda de emoção e, em um segundo rápido, ele se concentra em uma: *culpa*.

Esperava raiva, uma batalha de palavras, algo para perpetuar o turbilhão girando em meu estômago. Nem seus olhos nublados de remorso, como se fosse ele quem caluniou maldosamente sua mãe.

Ele me conhece. Ele sabe o que eu estava pensando, por que digo as coisas que faço. Entre a atitude agressiva e a linguagem chula, muitas vezes esqueço que Ryke tem um cérebro, provavelmente um que funciona melhor que o meu.

— Não é sensível — diz ele suavemente, quase hesitante. — Acho que cauteloso e defensivo são palavras melhores.

Seus olhos se enchem de desculpas, não querendo me machucar como meu pai faz. Ryke não tem o mesmo medo que eu, aquele em que me transformo em Jonathan Hale. Mas por um momento, Ryke deve ter provado como era ser ele. Eu pessoalmente sei que não é agradável.

Depois de uma respiração profunda, digo: — Não posso evitar. Sempre estarei na defensiva quando se trata de Lily.

— Somos irmãs dela — Rose fala. — Todo mundo nesta sala ama Lily e você. Nós somos as últimas pessoas por perto de quem você deveria se

proteger.

Algo queima dentro de mim, palavras que doem para serem liberadas. Nunca conversei com nenhuma das irmãs de Lily sobre sua infância. Só sei o que vi e o que Lily me contou. Se alguém pode preencher os espaços em branco e me ajudar a responder à pergunta de Daisy, é Rose.

— Por que Lily foi autorizada a passar as noites na minha casa? — Eu pergunto.

— Você era amigo dela.

— Rose. Que amigos de doze, *treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete anos* passam a maior parte das noites na casa de outra pessoa?

Ela estreita os olhos. — Geralmente era no fim de semana.

Putá merda. Alguém jogou uma marreta no meu estômago.

Pela expressão em seu rosto, ela não tem ideia de quantas noites Lily dormiu na minha casa quando éramos crianças. Mas com quantas atividades a mãe de Rose a bombardeou? Balé, cavalgadas, piano, francês.

Fora do meu choque, Rose começa a balançar a cabeça ferozmente. — Eu saberia. Eu a teria visto entrar pela porta da frente de manhã... — O rosto dela cai, e Connor pega a mão dela enquanto ela olha fixamente para o lado, atordoada.

— Você nunca a viu de manhã — digo o que Rose está pensando. — O motorista do meu pai sempre nos levava da minha casa para a escola.

— Eu tinha reuniões do clube pela manhã. Eu saía cedo o tempo todo, então, pensei que ela estava dormindo. — Não era dever de Rose cuidar de Lily. Ela é apenas dois anos mais velha. — Quantas noites Lily dormiu na sua casa?

— No ginásio, cerca de quatro dias por semana, e então ela continuou vindo mais e mais até o Ensino Médio... — Balanço minha cabeça e estremeço. É minha culpa. Grande parte do que aconteceu, eu sei, eu causei. — No Ensino Médio, ela dormia quase todas as noites.

— Eu também não sabia disso — Admite Daisy. Não estou surpreso. Daisy é muito mais jovem e, quando completou onze anos, sua mãe começou a procurar agências de atuação e modelo para ela. E para a maior parte da pré-adolescência de Daisy, lembro-me de como ela sempre parecia exausta, com os olhos pesados e bocejando mais do que falando.

— Nossos pais não poderiam saber sobre suas noites de dormir — diz

Rose. — Eles nunca teriam permitido isso.

— Tem certeza? — Pergunto.

É aqui que meu peito se contrai, onde o ressentimento vil começa a martelar em minha cabeça. Eu não tinha esses sentimentos por Samantha e Greg Calloway até ir para a reabilitação. Antes disso, achava que eles eram os pais mais legais por deixarem sua filha, minha melhor amiga, passar um tempo exorbitante comigo. Ficar em terapia por três meses e ficar sóbrio limpou a poeira.

Estou começando a entender o que aconteceu.

A boca de Connor lentamente se abre em compreensão, deixando-me saber que ele juntou as peças. Por que Lily é do jeito que ela é.

Rose está obscurecida por seu próprio relacionamento com seus pais. Ela vê uma mãe que se insere na vida das filhas a ponto de a compaixão se transformar em sufocamento. Ela vê um pai que ama suas filhas, comprando coisas chiques para elas e enviando-as a lugares exóticos para mostrar seu afeto.

— Loren — Rose diz —, termine o que você tem a dizer.

— Todos os dias, Lily perguntava à mãe se ela poderia passar a noite na minha casa. A resposta era sempre a mesma. E então, quando Lily tinha quatorze ou quinze anos, Samantha finalmente nos disse para parar de pedir, que ela aprovaria, não importava o quê.

Lembro-me de Lily chorando no meu travesseiro naquela mesma noite. Ela nunca me disse diretamente, mas eu sabia que a única razão pela qual ela perguntava à mãe, em primeiro lugar, era porque ela queria ouvir a palavra *não*. Um único sinal de que sua mãe se importava com ela da mesma forma que ela se importava com Poppy, Rose e Daisy. Que ela não merecia o tempo e a atenção de sua mãe. Sua mãe adorava suas outras irmãs. Ela colocou todo o seu excesso de energia nelas, passando por cima de Lily como se ela não valesse aquele carinho.

E então, ela tentou encontrá-lo na rua. Comigo. E quando isso não bastou, ela tentou preenchê-lo com outros homens. Com sexo. Com uma alta e intensa explosão de emoção.

— Você sabe por que Lily foi permitida na minha casa à noite? — Pergunto a Rose, começando do início novamente.

Suas bochechas se contraem, suas costas ficam rígidas e um frio familiar

enche seus olhos. — Porque você é um Hale.

Foi o que pensei.

— O que essa porra significa? — Ryke pergunta.

— Lily não precisava ser boa em nada — digo a ele. — A mãe dela passou por cima dela porque ela era minha amiga. Eu era o futuro dela. — O herdeiro de um império multibilionário. Sua mãe se concentrou em Daisy, em Rose, que poderia ter mais sucesso em outras facetas. Mas Lily — seu valor centrado em um cara. Eu. E acho que, em algum lugar de sua cabeça, ela mesma acreditou. Que ela nunca seria nada além de agradar a outros homens. Que ela estava destinada a uma vida menor que a de sua irmã.

Daisy franze a testa. — Achei que Lily só tinha um passe já que ela era mediana em tudo. Sempre tive ciúmes da liberdade que ela tem.

Eu concordo. — Lily acha que ela deve ser grata pela liberdade também. — É por isso que ela tem dificuldade em admitir para si mesma que foi ferida por sua mãe. Ela poderia ter sido sufocada como suas irmãs. E não foi.

Mas deveria ter havido um meio feliz entre o que Lily tinha e o que Daisy está agora suportando.

Paro por um segundo, essas palavras algumas das mais difíceis de produzir. — Sua mãe amou vocês aparentemente, Daisy e você, Rose — digo olhando para cada uma das meninas. — Até Poppy foi banhada com esse tipo de afeto materno dominante. E Lily... A ela foi negado tudo isso. Ela era como a mais fraca da ninhada.

Os olhos de Rose brilham como se ela fosse chorar. Eu nunca testemunhei lágrimas nela. Sempre imaginei que fosse coberta de gelo. Sua voz, no entanto, é estranhamente estoica. — Eu não percebi... — Ela balança a cabeça. — Minha mãe queria que vocês dois se tornassem um casal. Eu sabia disso, mas te culpei mais por levar minha irmã para longe de mim. Não percebi que ela realmente não tinha mais para onde ir.

Bem, isso meio que me faz sentir um merda. Ela faz parecer que eu era a única opção de Lily. — Ela poderia ter ficado em casa.

— Ela estaria sozinha, Loren. Eu quase não estava por causa da escola e do balé.

E então uma onda de culpa apenas me aniquila. — Sim, bem, talvez ela devesse estar sozinha. Veja o que foi bom estar ao meu redor. — Eu balanço a cabeça, passando as mãos repetidamente através do meu cabelo. Minha perna

começa a balançar em ansiedade.

— Você não fez isso — Rose me diz. — Nossa mãe deveria ter dito a ela que a amava por algo mais do que estar com você. Ela poderia ter encontrado algo para fazer, algo para alcançar. — Um sonho, uma paixão, um *hobby*, um esporte. O sexo se tornou todas essas coisas para Lily. E eu nunca a parei. Nenhuma vez. Estava tão consumido com meu vício que não me importava com o que diabos ela fazia, desde que ela estivesse respirando no final da noite. Enquanto ela estava ao meu lado – minha melhor amiga.

— Você não entende — Murmuro. Eu a conduzi até aqui. Sem saber, eu a trouxe para este lugar em sua vida. Se eu nunca existisse, ela teria recebido esse amor de sua mãe que ela ansiava.

— Então explica.

— Você não entende.

— Loren...

— Ela dormiu na minha cama! — Eu grito, meus olhos brotando. Eles queimam tanto. — Eu a deixei dormir na mesma cama que eu. OK, isso não era *Dawson's Creek*. Eu nunca a expulsei depois que atingimos a puberdade.

Rose sussurra para Connor: — Não entendo a correlação.

— Dawson e Joey pararam de dormir juntos na mesma cama no primeiro episódio. Ela disse que ele tinha idade suficiente para ter uma ereção.

Rose olha para mim. — Você não fez sexo com ela todas as noites, não é?

— Não, mas...

— Você não pode comparar sua vida a um programa de televisão. — O fato de Rose estar me defendendo não ajuda muito. Estou acostumado com ela me derrubando, não me erguendo. Fico esperando que alguém me bata com suas palavras, com seus sentimentos. Com ódio. Eu mereço essa dor. É minha maldita culpa.

— Você não entende! — Estou de pé de alguma forma. — Eu poderia tê-la parado. Deveria tê-la levado por aquela estrada todas as noites. Deveria ter feito alguma coisa. Em vez disso, dei a ela uma cama para dormir, um lugar para preencher seu vício.

— Loren — Rose começa.

— Para — digo, colocando minhas mãos na minha cabeça, esses pensamentos me inundando em um maremoto, a culpa tão insuportável em meu peito. — Você deveria me odiar — digo a ela. — Eu mereço isso. —

Balanço a cabeça assentindo. — Eu estraguei sua irmã. — Meu rosto se contorce de dor, uma lágrima quente escapando. Eu quero socar alguma coisa. Ir correr até meu coração parar, até que a respiração me deixe frio e seco.

Ninguém diz nada. Eles esperam que eu me recomponha.

Minha respiração diminui, e esfrego meu rosto. Quando deixo cair minhas mãos, digo baixinho: — Gostaria de poder retirar tudo. — Quero reverter o tempo. Levar Lily para fora da minha casa, pela rua e até a porta do quarto dela. Eu diria a ela que está tudo bem se sua mãe não a ama porque suas irmãs amam. E ela não precisa evitar sua casa estando na minha — que ela não deve continuar procurando amor no sexo porque isso só a deixará vazia e miserável.

Eu deveria ter contado a ela todas essas coisas, mas não sabia de nenhuma delas naquela época. E estava bêbado demais para me importar.

— Não é sua culpa — diz Rose. — Você era uma criança. Todos nós éramos.

— E você tem um pai de merda — Acrescenta Ryke.

— E nenhuma mãe — diz Daisy.

— E você era alcoólatra — Conclui Connor.

É como se eles fossem minha consciência e, no entanto, são apenas meus amigos. Pela primeira vez, eu os tenho e sinto as lágrimas crescerem com as palavras que nunca pensei que ouviria.

Não é sua culpa. Sim, estou chegando lá. Posso acreditar nisso um dia, acho.

Resisti à resposta mais dolorosas. Posso gerenciar qualquer outra agora.

Eu olho para Daisy.

— Próxima pergunta.

CAPÍTULO 34

Lily Calloway



Uma semana inteira se passou. E não saí do apartamento de Ryke. A escola fica para depois, embora meu último teste seja em alguns dias. Vou apenas aparecer e passar e depois voltar ao meu estado recluso antes do início das finais. Não tenho intenção de ver meus pais e, se Lo e Ryke me deixassem, eu seria uma ermitã pelo resto da vida.

Mas Ryke não é o tipo de pessoa que mima, e Lo se recusa a me permitir mais. Então, eles me concederam um ‘período de graça’ de sete dias. Ou o que eles gostam de chamar de ‘o tempo que leva para me recompor para enfrentar meus pais’. Deus pode ter levado sete dias para criar o mundo, mas acho que preciso de mais tempo para entender direito. Eu não sou como Cristo. Quando mencionei isso a Lo, ele me disse que eu poderia ter um dia extra de simpatia. Acho que ele disse essa palavra de propósito – *simpatia*. Franzi o nariz e decidi tirar os sete dias.

Estou no sétimo dia. Dia do julgamento. Aquele em que terei que enfrentar minha mãe e meu pai.

A maioria das equipes de filmagem permanece em nossa casa em Princeton ou em Villanova. Rose e Daisy estão hospedadas na casa de Connor desde que as câmeras são esparsas em sua vizinhança. Além disso, ele tem mais espaço em seu apartamento de solteiro.

Meus pais optaram por ficar em silêncio quando se trata da mídia. Eles pagaram uma quantia alta a seus advogados apenas para pronunciar as palavras ‘sem comentários’. Haverá uma coletiva de imprensa em algum

momento, especialmente porque as ações da Fizzle and Hale Co. caíram consideravelmente.

Depois de visitas domiciliares e longos telefonemas com a Dra. Banning, concordamos que eu precisava ler e observar o que está sendo dito sobre mim. Suas palavras foram: — Não internalize seus sentimentos quando ouvir o que as pessoas estão dizendo. Se eles te chatearem, deixe sair. — Ela também me disse para minimizar todas as situações dolorosas – para descobrir um lado positivo e humor em tudo de ruim. Qualquer coisa para suavizar os golpes angustiantes.

Sento-me no sofá de couro e faço meu ritual matinal habitual. Ligar a televisão no noticiário da manhã e abrir meu laptop nos *sites* fofoqueiros dos tabloides.

— *Ainda não temos uma declaração oficial de Lily Calloway ou de sua família* — disse o âncora. — *Mas temos um psicólogo aqui hoje para falar sobre o vício em sexo e os perigos.* — Buu. Passo horas em terapia; não quero ouvir isso. Desligo a TV e me concentro no computador.

Digito meu nome no mecanismo de busca. Vários artigos intitulados *Viciada em Sexo* aparecem. Alguém até diz: *Viciada em sexo ou vagabunda?* E há um longo debate sobre se o vício em sexo é realmente um vício ou se sou uma prostituta disfarçada. Eu fico longe desse.

Banning diz que quanto mais eu ouço e vejo as duas palavras, mais eu me tornarei insensível a elas.

Ainda não aconteceu.

Estremeço quando clico em um novo *site*. *Filha de magnata da soda dorme com time de futebol.* Eu fecho rapidamente e entro em outra página da web.

Lily Calloway analisada por Princeton após alegações de contratação de garotos de programa.

Aparentemente, ser uma cliente frequente de um serviço de acompanhantes não é um bom presságio aos olhos de uma universidade. Estou tentando não me preocupar com isso até depois de falar com meus pais. Enfrente um problema de cada vez.

Cometo o erro de entrar no *Twitter* e digitar meu nome. Como faço para tirar sarro de alguém dizendo que minha vagina deve ser esticada e feia? Não verifiquei ultimamente, mas não acho que esteja tão ruim assim.

Além disso, quem fica olhando para aquela parte do corpo e pensa, *nossa, essa é a vagina mais linda que eu já vi?* Da mesma forma, os pênis não são tão bonitos. Posso apreciá-los, mas não vou tirar uma foto e decorar minha parede. Olhos são lindos. As partes sexuais são funcionais.

Meus dedos clicam e pousam no *Tumblr* – minha ruína. Estou prestes a procurar Lily Calloway, mas hesito acima do teclado. E por impulso digito algo ruim.

Gifs de sexo.

As palavras mágicas abrem a Caixa de Pandora e imagens animadas – em movimento – caem em cascata em uma rolagem infinita. Garotas e garotos estão emaranhados luxuriosamente, algumas posições mais sexies do que outras. E algumas imagens são *close-ups* puros de partes impertinentes. Eu não deveria estar folheando nada pornográfico, mas começo a relaxar na rotina familiar.

Fico numa foto em preto e branco com lindas sombras. A boca da garota forma um ‘O’ perfeito enquanto um pau empurra dentro dela. Não acredito que já se passaram duas semanas inteiras desde que fiz sexo. Tento me lembrar de que aguentei noventa dias sem Lo, sem sexo à vista. Mas isso parece diferente.

Depois que meu vício se tornou público, Lo hesitou em fazer sexo comigo. Ele optou por não alimentar nenhuma compulsão que pensou que surgiria. Ele acredita que vou me transformar em um monstro louco por sexo. Na verdade, essas são minhas palavras, mas quando eu as disse, ele nunca negou. O sexo tem sido um mecanismo de enfrentamento, a ferramenta que uso para lidar com situações difíceis. E pela primeira vez, tenho que enfrentar um problema contundente sem aumentar minha euforia natural.

Não é como se não tivéssemos feito *coisas*. Nós apenas não fizemos *isso*. Ele me ‘dedilhou’ outro dia, e ontem à noite, ele me deixou fazer um boquete nele. Então, isso foi legal.

Eu suspiro. Sinto uma inveja desesperada do orgasmo de uma garota bidimensional, digno de fogos de artifício, estrelinhas e bolo red velvet.

De repente, a fechadura da porta da frente estala e, como o apartamento de Ryke se parece com um flat (a sala ligada à cozinha), tenho uma visão direta de quem caminha em direção ao sofá. Rapidamente desligo o *Tumblr* e entro no *Hollywoodharlots.net*, um *site* que tem feito fofocas incríveis sobre meu

vício. Eles até tiraram uma foto borrada de Daisy saindo do apartamento de Connor e legendaram a foto: *Irmã mais nova de Lily Calloway: futura viciada em sexo?*

Isso faz meu estômago revirar.

— Ela não estava dando em cima de você — Lo diz enquanto a porta se abre.

— Tem certeza? — Ryke pergunta. Ele fecha a porta e coloca as chaves no bolso. — Parecia que ela sabia para onde estava indo.

— Ela estava definitivamente perdida.

Ambos sem camisa, apenas com short de corrida, o suor brilha em seus corpos tonificados. As corridas matinais relaxam Lo, e durante toda a semana tenho procurado minha atividade para reduzir a ansiedade. Mas essas posições engraçadas na ioga revertem minha mente para o sexo, e a meditação me faz fantasiar. Então, comecei a ver pornografia novamente, mas tenho sido econômica quanto ao meu uso. Não vou me deixar levar dessa vez.

Lo se joga no sofá ao meu lado, seus olhos piscando para a tela do meu computador. — Você leu alguma coisa interessante?

— Além do fato de que eu oficialmente estraguei a vida das minhas irmãs...

— Rose e Daisy podem lidar com isso — Lo me lembra. Mas o objetivo de fingir estar em um relacionamento falso por três anos, de manter esse segredo gigante, foi evitar que tudo isso acontecesse. Eu nunca quis machucar ninguém.

— Eu assisti novamente a sátira do *SNL* — Admito. — Acho que achei mais engraçado na segunda vez. — No sábado, um comediante se fez passar por mim. Ela bebeu tantas latas de Fizz que fingiu estar bêbada e tropeçou em um bordel. Algumas piadas bem-humoradas depois e eu me transformei suficientemente em uma caricatura.

— Você tem que admitir, a comediante acertou seu cabelo perfeitamente — Ryke diz com um sorriso.

— Sim, mas ela me deu um sotaque terrível. — Não tenho um sotaque regional, mas ela usou um sotaque rústico e desagradável da Filadélfia. Também me concentrei na coisa menos ofensiva de toda a sátira.

— Para crédito dela, ela provavelmente nunca ouviu você falar.

— Você está do lado de quem? — Pergunto a ele, mas já sei a resposta. Se

alguém tem facilitado a situação, são Ryke e Lo.

— Acho que seu primeiro comunicado à imprensa deveria ser com esse sotaque — Lo me diz. — Não seria engraçado se todos pensassem que você realmente fala assim?

Eu sorrio. Seria uma boa pegadinha.

Lo se inclina para pegar meu computador. — Deixe-me ver isso por um segundo — diz ele.

Minha guarda se eleva e o medo aumenta. Agarro o console como se estivesse tentando proteger um reino das fadas da invasão goblin. — O quê? Por quê?

Ele se afasta um pouco, os olhos estreitados com ceticismo. — Quero ver se meu pai já deu uma coletiva de imprensa. — Deve ser difícil ficar calado com o pai durante tudo isso, mas provavelmente é melhor que eles não se falem. Jonathan Hale sempre foi o gatilho de Lo para beber.

— Uh... eu posso verificar. — Digito rapidamente no mecanismo de busca. Não é que eu tenha algo incriminador aqui, mas temo *pop-ups* aleatórios de um *site* pornô que visitei ontem. Quando for a hora certa, pretendo contar a Lo que encontrei uma maneira de ser uma observadora saudável de pornografia. Definitivamente não agora, no entanto. — Não — digo a Lo depois de alguns minutos. — Ele nem sequer divulgou uma declaração. — Igual aos meus pais. Eu me pergunto se os dois estão esperando para falar com seus filhos primeiro.

E assim que me viro, o computador sai de minhas mãos. Lo coloca o aparelho na mesa de centro. Meu coração desacelera quando seus lábios tocam os meus, e então acelera novamente quando suas mãos mergulham na minha cintura. Eu me perco na maneira como sua língua desliza em minha boca e na maneira como ele suga meu lábio inferior. Com o canto do olho, vejo Ryke entrando na sala e se curvando na frente do meu computador.

Oh, não.

Eu fui enganada!

Eu me afasto abruptamente, meu lábio inferior preso entre os dentes de Lo. Eu me afasto e pulo do sofá, carregando meu laptop antes que Ryke o faça. Mas Lo me agarra pelos quadris e me joga por cima do ombro. Oh, cara.

— Ei! — Grito, levantando meu corpo de Lo pressionando minha mão em suas costas. — Isso é meu. — Ryke não parece se importar. Ele pega o laptop

casualmente e se recosta no sofá. — Ei, me coloca no chão!

Ele dá um tapinha na minha bunda. — Você não gosta daqui?

— Você está me levando para o quarto? — Pergunto, repensando minha aversão a pendurar de cabeça para baixo. Se terminar comigo em uma cama e fazendo sexo louco, então eu não reclamaria.

— Não, amor.

— Posso pagar um boquete — Ofereço.

— Ainda estou na sala, Lily — Ryke me lembra, seus olhos na tela do meu computador. Eu ruborizo apenas um pouco. Fiquei terrivelmente mais confortável em mencionar sexo perto de Ryke.

— Você não se importa, não? — Pergunto a Ryke, incitando-o um pouco. Afinal, ele está com meu computador.

— Eu me importo — Lo responde em vez disso. — É quase meio-dia.

— É por isso que eles chamam de meio do dia.

— Não, Lil.

Cerro os dentes, odiando que eu esteja fazendo ele dizer a palavra não repetidamente. Eu deveria estar melhor como estava em Cancun. Mas desde o vazamento, sinto que regredi um pouco. Eu só... preciso descobrir como voltar para onde estava, mas encontrar esse caminho se mostra mais difícil a cada dia.

Ryke toca no teclado, o click incessante enquanto seus olhos dançam pela tela. — Eu realmente não entendo por que você é tão obcecada por boquetes, de qualquer maneira. Você é uma viciado em sexo. O que diabos eles fazem por você?

— Ryke — Lo estala.

— O quê? É uma porra de uma pergunta honesta.

Não quero contar a verdade a Ryke. Que antes de namorar Lo, era apenas um meio para um fim. Preliminares. Deixar um cara duro. Puro e simples. Agora, como não posso nem ficar por cima (para não ficar muito compulsiva), pagar boquete é realmente a única coisa que me faz sentir no controle. E eu realmente gosto muito de fazer Lo gozar.

Eu sorrio com o pensamento.

— Você não vai me responder? — Ryke pergunta. — Pensei que agora fôssemos amigos.

Posso me sentir confortável dizendo *algumas* coisas na frente dele, mas

definitivamente isso não. — O que você está fazendo no meu computador, então? — Pergunto. — E por que estou sendo mantida como refém? — Tento me livrar do aperto de Lo.

Ele me coloca de pé e, antes de eu correr para o computador, seus braços deslizam em volta da minha cintura novamente, prendendo meu peito no dele. Ele olha além de mim, e desapontamento e pavor começam a encher seus olhos cor de âmbar.

O quê? Estico o pescoço por cima do ombro. Ryke faz uma careta para algo na tela. Meu coração dá cambalhotas e dá cambalhotas. — Qual o problema? — digo em voz baixa.

— Seu histórico está horrível — Ryke me diz em um tom sério.

Mas... isso é impossível. Limpo meu histórico. O tempo todo. Lo me solta, o frio substituindo seu calor, que dói mais. Eu fico congelada na mesa de centro, e ele se junta a Ryke no sofá, examinando a longa lista.

— Eu não entendo... — Murmuro.

— Verifiquei seu histórico ontem — diz Lo, seus olhos passando pela tela como os de Ryke. — Foi tudo apagado. Pensei que era suspeito. Então contei a Ryke esta manhã e ele disse que há um *backup* instalado em computadores caros para recuperá-lo. — Ele finalmente encontra meu olhar, e antes que ele fale desta vez, eu intervenho.

— Eu posso explicar — digo rapidamente. — Comecei a olhar para ele há alguns dias, mas apenas por alguns minutos de cada vez. Estou aprendendo a controlar as porções. Eu ia te contar depois de falar com meus pais. É uma coisa boa, na verdade. Eu posso assistir como uma pessoa normal agora. — Minha voz fica anormalmente alta.

Ryke, surpreendentemente, fica quieto e se vira para Lo.

Eu já estabeleci sua resposta. Ele não vai tolerar meu uso de pornografia, tenho certeza, mas vai me dizer que entende como é difícil para mim e que tenho que fazer melhor. Eu espero por suas palavras simpáticas.

— Espero que você tenha gostado — diz Lo com entusiasmo — porque essa foi sua última vez na internet.

Minha boca se abre, chocada demais para falar. Ele fecha meu computador e o pega do colo de Ryke. Eu o imagino jogando no lixo, e minha voz de repente reanima. — Espere, espere, espere! — Eu jogo minhas mãos para cima. — Eu tenho aula. Preciso escrever artigos e fazer pesquisas.

Lo vai até um armário e coloca meu laptop dentro. — Então, eu vou me sentar com você quando você fizer isso, mas obviamente você não é confiável com um computador agora. — Seus olhos encontraram os meus. — Você tem visto pornografia no seu telefone?

Olho para o armário em uma névoa. Não consigo acreditar que isso está acontecendo. Lo nunca agiu assim comigo. O único amor que conheço é o tipo doce ou o que me faz gozar.

— Lily!

Eu pisco. — Um pouco.

Seu peito sobe e desce pesadamente, ferido ou com raiva ou talvez um pouco dos dois. — Não há *um pouco* — diz ele asperamente. — É sim ou não.

Eu balanço minha cabeça. — Eu estava fazendo funcionar — Defendo-me.

— Pornografia não é como sexo. Você não tem permissão para olhar as fotos por uma hora e pronto.

— Por que não? — Pergunto. — Se eu não estou sendo compulsiva sobre isso...

— Você é *viciada*. Não parece uma compulsão agora. Mas dois dias depois, aquela hora no seu computador se transforma em três. Uma semana depois, você está perdendo o sono com o hábito. Então, em um mês, todo o seu tempo livre é consumido verificando seu telefone, acessando *sites*, adormecendo assistindo a filmes. Lily... — Ele se aproxima e segura meu rosto, limpando as lágrimas caídas dos meus olhos. — Eu vi a pornografia consumir seu tempo e sua vida. Não vou deixar isso acontecer de novo.

Antes que eu possa entender meus sentimentos, sua mão desliza para dentro do meu bolso de trás e ele pega meu celular. — No caminho para seus pais, vamos parar e comprar um *flip phone* para você. Um que não tem internet.

Ele desliza o celular em seu próprio bolso. Seus olhos caem nos meus, ainda sérios.

— Você anda se masturbando?

Eu sinto o calor do meu embaraço precipitado inundando meu rosto. Eu olho hesitante para Ryke, não querendo discutir nada disso com ele na sala. Eles se uniram e não posso negar que Ryke tornou Lo mais forte.

— Lily, você pediu para me pagar um boquete na frente dele — Lo me lembra. — Você não pode ficar envergonhada agora.

— Eu não estou... eu não tenho. — Não menciono como contemplei o ato e quase sucumbi à tentação (mais de uma vez) no chuveiro.

— Você jura? — Ele pergunta, ainda incrédulo. — Porque existem maneiras de verificar. Eu poderia sentir o cheiro de seus dedos agora ou mexer em sua caixa de brinquedos.

Franzo a testa. Meu estômago revira em uma mistura de raiva e mágoa. — Você não tem que fazer isso — digo. — Eu estou te dizendo a verdade.

— Isto... — Ele aponta de mim para ele. — *Nós*. Não podemos trabalhar a menos que sejamos honestos um com o outro. Você será capaz de dizer se eu beber, mas, Lil, não vou ter ideia se você teve uma recaída até que seja tarde demais. Não quero que haja desconfiança entre nós.

— Eu também não.

— Então fala comigo — Ele insiste. — Não chegue ao ponto de assistir pornografia ou se masturbar novamente para falar. Não está tudo bem, Lil.

Ele está certo, mas isso não torna mais fácil ouvir essas palavras dele. Talvez eu precise de um bom chute na bunda.

Ryke pigarreia do sofá e Lo revira os olhos dramaticamente. Ele pega a carteira da mesa e tira uma nota de vinte. Ryke sorri enquanto pega a nota.

— Você apostou em mim? — Eu pergunto, surpresa.

— Sim — diz Lo, descaradamente. Seus olhos caem nos meus. — E eu sempre vou apostar do seu lado.

Ele provavelmente suspeitava que eu também assistia pornografia o tempo todo. Eu deveria estar mais ofendida por eles apostarem no meu vício, mas isso alivia o clima e me ajuda a não me enrolar em uma bola de culpa.

— E aceitarei seu dinheiro com prazer — Ryke diz a ele.

Sem chance. A perspectiva de Ryke vencer meu fracasso me motiva a fazer melhor.

Eu abro minha boca, prestes a dizer a Ryke que ele nunca vai ganhar de novo, mas um brilho na janela me chama a atenção. Aproximo-me das vidraças e espio através delas.

Do outro lado da rua, uma van parou no meio-fio. *Flashes* de câmeras, as lentes direcionadas para a sala de estar de Ryke. Eu me abaixo até o chão. Como eles nos encontraram?

Lo me vê abraçada à madeira e se aproxima para olhar pela janela. Eu o enxoto com a mão. — Câmeras — digo.

Ele semicerra os olhos, confuso, e rapidamente pega o controle remoto. Ele liga a televisão enquanto Ryke pula sobre a mesa de centro e vem em meu auxílio. Ele fecha as persianas, e elas colocam o cômodo na escuridão da tarde.

Uma voz familiar ecoa pelo sistema de som, e minha cabeça vira para a tela plana.

— *Passei uma semana inteira com ela durante as férias de primavera.*

Oh. Meu. Deus.

Eu vou para o lado de Lo em transe e me jogo no sofá. Melissa fala abertamente com uma equipe de filmagem fora do que parece ser o complexo de apartamentos de Ryke.

— *E como ela era?* — A âncora do noticiário pergunta.

Melissa soltou uma risada curta. — *Selvagem.*

— Mentirosa! — Grito e pego a almofada do sofá, pronta para jogá-la contra a televisão.

Ryke aponta um dedo para mim. — Não quebre minha TV.

Aponto para Melissa e seu sorriso falso. — A única vez que eu nem fiz sexo, e estou sendo criticada por isso. Não é justo, porra.

— Ela não é a primeira pessoa que aparece na câmera mentindo sobre você — Lo me lembra. Ontem, um garoto da escola preparatória alegou que fiz sexo com ele e, como eu era exigente naquela época, posso me lembrar da maioria das minhas conquistas no Ensino Médio. Ele definitivamente não estava entre elas. Mas isso parece diferente. Melissa é a primeira pessoa que tem provas de que esteve em nossa companhia, e não só isso, ela está discutindo eventos que não aconteceram quatro anos atrás.

Aconteceu na última sexta-feira.

Tanto quanto eles sabem, ela não tem motivos para mentir.

A âncora do noticiário pede que ela elabore, e Melissa exhibe outro sorriso complacente. — *Bem, vamos apenas dizer que Lily e Loren Hale têm um relacionamento aberto.*

— *O que isso significa exatamente?*

— *Loren Hale tem um meio-irmão* — diz Melissa. Sim, a mídia revelou isso não muito tempo atrás, e Sara Hale foi finalmente pintada como a heroína, divorciada por adultério, que ela foi forçada a manter em segredo após o fim de seu casamento. Ela não é mais a garimpeira gananciosa que

minha própria mãe costumava chamá-la. Embora eu suspeite que minha mãe ainda soubesse a verdade sobre a traição de Jonathan o tempo todo, como meu pai.

— *Você sabe quem é o meio-irmão dele?* — A âncora pergunta.

A identidade de Ryke não foi confirmada. Por ninguém ainda.

— *Claro* — diz Melissa. — *Ele diz a quase todo mundo que é parente de Loren Hale. Acho que ele gosta de ser associado ao dinheiro.*

Ryke revira os olhos e se senta no braço do sofá ao lado de seu irmão.

Lo dá um tapinha em suas costas. — Nada como uma mulher desprezada, hein, mano?

— Caralho — Ryke diz levemente.

Lo sorri, mas seu sorriso desaparece assim que Melissa responde toda a pergunta da âncora.

— *O nome dele é Ryke Meadows.*

— E lá se vai meu anonimato — Murmura Ryke. Ele suspira e xinga baixinho enquanto Melissa discute o prédio de apartamentos, sua filiação à Penn e a equipe de atletismo... é muito para digerir.

— E lá se vão aquelas corridas matinais ao redor do quarteirão — Acrescenta Lo.

Melissa revela mais segredos, como os Cafés que frequenta, as academias que gosta. Ryke geme na sua mão.

A voz de Lo suaviza. — Você realmente irritou essa garota.

— Eu não queria. Honestamente.

Melissa olha diretamente para a câmera, entregando sua próxima mentira.

— *Lily Calloway gostava muito de fazer isso, mas principalmente com os dois.* — Ela faz uma pausa. — *Juntos.*

Nenhum de nós se mexe, nem um pouco esperando isso.

— Fantástico pra caralho — Ryke respira.

Posso lidar com caras mentindo sobre dormir comigo. Posso lidar com esquetes cômicos sobre meu vício em sexo. Posso lidar com as *vadias* e *prostitutas* que estão explodindo no meu caminho. Mas ter outra pessoa — alguém que apenas me ajudou — sendo arrastado para essas mentiras, bem, isso me irrita.

Eu corro em direção à porta, nem mesmo me importando que meu cabelo esteja sujo, que minhas roupas estejam amassadas por toda a preguiça e que

pareço a um segundo de me juntar ao lixo em uma lata de lixo. Eu sou uma garota com uma maldita missão.

— Uau! — Lo envolve seus braços em volta da minha cintura antes de eu chegar à porta. — Aonde você está indo, amor?

— Para a rua. Preciso esclarecer as coisas. Eles não podem pensar que dormi com Ryke. Eles não podem pensar que fiz sexo com Lo e seu irmão. Isso está além do errado.

Ryke me encara do sofá. — Então a porra da sua primeira declaração vai ser: *Melissa é uma grande mentirosa do caralho?*

— Você não pode apontar o dedo — Esclarece Lo.

— Não posso ficar quieta — digo. — Isso está ficando ruim.

— Você tem que falar com seus pais primeiro — Lo me lembra. — Eles têm dinheiro. Eles têm advogados.

Mas a cada segundo que a mentira de Melissa é aceita como verdade, é outro momento em que Ryke e Lo sofrem por minha causa.

Ryke me dá um olhar irritado. — Você honestamente acha que eu me importo com o que as pessoas dizem sobre mim? — Não, ele não se importaria, mas ainda me sinto horrível. — Estou mais chateado por ela ter contado à imprensa onde eu escalo.

Imagino as lentes o cercando enquanto ele agarra uma montanha com os dedos, e as câmeras o distraem enquanto piscam repetidamente, tanto que ele cai para a morte. Eu estremeço. — Desculpe.

— Eu não quero suas desculpas, Lily — Ryke refuta. — Eu só quero uma coisa.

— O quê?

— Quando seus pais disserem para você ir para a reabilitação, o que você dirá?

Conversamos sobre isso no avião. Eu não posso ir para a reabilitação. Isso implicaria deixar Lo e uma terapeuta brilhante, ambos os quais eu amo, e tudo isso seria substituído por sessões de grupo cheias de ansiedade. Eu não consigo formar as palavras que Ryke quer que eu faça até Lo entrelaçar seus dedos com os meus, a coragem me enchendo.

— Eu vou dizer... vão para o inferno.

Ryke inclina a cabeça para mim, avaliando meu tom. Eu disse as palavras certas, mas talvez não da maneira mais confiante. Ele se vira para Lo.

— Vamos trabalhar nisso — Lo me diz.

Concordo. Pelo menos eu tenho o apoio deles. Ryke e Lo, como uma equipe – por mais estranho que parecesse meses atrás – é a melhor coisa para mim.

Apenas não é um time sexual.

Puramente casto aqui.

OK, vou parar agora. Acho que a pornografia fritou meu cérebro. Eu culpo Melissa! Vou usar essa desculpa pelo resto do dia.

Eu me sinto um pouco melhor.

CAPÍTULO 35

Lily Calloway



Ainda não disse aos meus pais para ‘irem para o inferno’, mas isso é em parte porque eles realmente não falaram comigo. Quando chegamos à mansão Villanova, Lo e eu fomos conduzidos a um dos estúdios de trabalho. Meus pais estavam lá, junto com o pai dele, mas também quatro advogados que se espremiavam em um único sofá. Os advogados nos fizeram perguntas e tentei explicar tudo sem me tornar uma confusão emocional. Falhei várias vezes, chorando tanto que Lo teria que terminar de falar por mim.

Mas minha mãe e meu pai não disseram uma palavra e evitaram meu olhar o máximo possível. Eles poderiam muito bem estar ouvindo de outra sala. A parte mais difícil foi ver os videoclipes que muitos caras postaram e reivindicaram como fitas de sexo. Alguns fora de foco, eu não tinha certeza se eram eu ou não, mas outros eram claramente fabricados. Eu não tenho nenhuma sarda bonita na minha bunda.

Quatro horas depois, minha garganta inchou de tanto falar e encarar o máximo que pude da verdade. Nós até confessamos nosso relacionamento falso. Agora, Lo e eu esperamos na sala enquanto os advogados e nossos pais deliberam sobre os próximos passos. Rose e Ryke se ofereceram para vir aqui, mas nós dois queríamos fazer isso sozinhos.

— E se eles nunca mais falarem comigo? — digo, esfregando meus olhos inchados. Vejo Harold, nosso mordomo, passando rapidamente pela porta com a correspondência nas mãos. A equipe, a maioria dos quais conheço há anos, teve a mesma reação nervosa perto de mim. Como se eu fosse

contagiosa.

— Isso não seria uma grande mudança, seria? — Lo pergunta.

Meu coração torce um pouco com suas palavras. Eles não foram os participantes mais ativos da minha vida, mas sempre pensei que fosse obra minha. Eu me alienei propositalmente durante a faculdade. Mas, novamente, meu pai nunca estava por perto quando eu era criança, e minha mãe me afastou com bastante facilidade. Mas Rose disse que minha mãe comprou livros de autoajuda para aprender a se reconectar com seus filhos, então talvez... ela esteja tentando? Não acho que haja uma resposta em preto e branco. Acho que tenho nadado no estado cinzento das coisas por tanto tempo.

Eles ainda são meus pais. Eu os amo porque acredito que eles realmente me amam. Meu pai me deu tanto, e mesmo que Ryke diga o contrário, não posso simplesmente abandonar esta vida com minha família ou me afastar do que fiz. Não quero ser aquela criança insolente, pisando no sustento dos meus pais e, depois, mandando eles saírem. É minha culpa. Preciso assumir a responsabilidade.

Só espero não ter causado danos irreparáveis à empresa, à nossa família e ao meu relacionamento com eles.

— Vai ser estranho falar com eles por meio de advogados — Reformulo.
— Já é estranho.

— Sim, isso é meio que besteira — Ele concorda e pega minha mão na dele. — Aconteça o que acontecer, estamos nisso juntos. Você e eu.

— Lily e Lo — Falo com um sorriso fraco. Dói levantar meus lábios, mas tento o meu melhor. Há uma semana que evito esse dia, e cada minuto que estou aqui me lembra de todo o mal que causei.

Ele beija minha bochecha e as portas da sala se abrem. Os advogados e nossos pais saem em uma grande onda. Não consegui me desculpar nem com minha mãe nem com meu pai. Toda vez que tentava desviar das perguntas dos advogados, eles me colocavam de volta nos trilhos com um tom cortante. Temo que esta seja minha única chance.

Ando rapidamente ao redor do sofá, meus pais indo na direção oposta pelo corredor longo e estreito. — Mãe! — Chamo, passando por um dos advogados corpulentos de Jonathan.

Ela não olha para trás. — Mãe! — Chamo de novo, quase alcançando-a

enquanto ando mais rápido. Ela me ignora e descanso minha mão em seu ombro para detê-la.

Ela gira, meu pai avançando.

Seus olhos frios me perfuram, cheios mais de malícia do que qualquer outra coisa, e levo um momento para lembrar o que eu estava fazendo, em primeiro lugar.

Eu tropeço um pouco para trás. — Sinto muito — Engasgo. — Eu sinto muito.

— Você pode se desculpar o quanto quiser — diz ela com um calafrio. Ela toca suas pérolas em sua clavícula afiada. — Isso não vai reparar o dano que você causou a esta família. — Ela dá um passo à frente e eu dou um passo para trás para não batermos no peito. — Você tinha tudo que uma garota poderia querer, e você tinha que abrir as pernas para cada garoto que lhe dava um pingo de atenção. Não te criei para ser tão nojenta.

Lágrimas nublam meus olhos, desobedeço às ordens de minha terapeuta e internalizo tudo o que ela diz. Mereço o ódio dela. Arruinei tudo que meu pai já criou. Anos e anos de trabalho duro foram manchados por mim e minhas decisões estúpidas.

Seus olhos voam para Lo quando ele vem para o meu lado. O frio me cobre, e minha mão parece dormente na palma dele. Minha mãe olha para ele longamente antes de dizer: — Você poderia ter feito melhor.

Tento desvencilhar minha mão da dele, mas ele agarra ferozmente, segurando. Lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto me concentro em tirar cada um de seus dedos dos meus. Ele dirige sua atenção para minha mãe.

— Você não nos conhece — diz ele. — Se conhecesse, perceberia o quão culpada ela já se sente, então, pare de derrubá-la.

Balanço minha cabeça. Ele não entende. Quero ouvir sua raiva e decepção. Estou tão cansada de pessoas me dizendo que está tudo bem quando não está. Não está certo de que minha irmãzinha esteja sendo teorizada como uma futura viciada em sexo. Não é bom que a empresa do meu pai tenha perdido investidores. Não quero mais me trancar em um apartamento e fingir que está tudo bem.

Não há mais ninguém para culpar além de *mim*.

Lo aperta minha mão com força extra, impossibilitando-me de soltá-la.

Minha mãe franze os lábios. — Está tarde. Vocês dois precisam falar com

os advogados. — Ela gira e eles se aproximam pelo corredor.

Eu respiro em inalações esporádicas e irregulares, e minha cabeça gira tanto que minha visão começa a borrar. Lo pressiona suas mãos em meu rosto, segurando-o com uma força que não possuo. Meses atrás, ele provavelmente me deixaria em um banco no corredor para ir buscar garrafas no armário de bebidas. Agora que ele está aqui, tento absorver um pouco de seu poder para ficar de pé. Mas tudo o que vejo é um menino bom e completo e uma menina quebrada e fraca.

Quero ser ele.

Quero mesmo.

Mas esses são meus pais. E eles me odeiam.

Acho que me odeio mais.

— Lily — diz ele, muito suavemente. — Você vai ter um ataque de pânico se não diminuir a respiração.

Vou? Isso já não é um ataque de pânico?

— Lily — Ele fala rapidamente. — Respire. *Devagar.*

Eu tento ouvi-lo e me concentro em seu peito, a maneira como ele sobe e desce em um padrão estável. Quando meus pulmões parecem menos tensos e minha respiração se estabiliza, nós dois nos voltamos para a equipe de advogados que permanece no corredor. A exaustão faz seus olhos caírem, e cada um deles segura pilhas de papéis que vão vasculhar pelas próximas 48 horas.

O advogado principal, Arthur, detém a maior pilha. — Precisamos discutir o que deve acontecer nas próximas semanas.

Não sei o que meus pais decidiram fazer. Mandar-me para a reabilitação? Me levar para a Suíça? Eu deveria dizer a eles para irem para o inferno, mas depois de confrontar minha mãe, tudo que eu quero fazer é consertar isso.

E isso significa ceder ao que eles quiserem. O que eles precisarem. Vou reparar o dano que fiz.

Jonathan Hale dá um passo à frente, já segurando um copo de cristal com *whiskey*. Surpreendentemente, como meus pais, ele não disse uma palavra durante nosso *briefing* na sala. — Posso cuidar daqui, Arthur — Ele diz com facilidade. — Acho que Loren e Lily já tiveram o suficiente dessa besteira intermediária.

Arthur cambaleia, hesitante em sair.

— Você não precisa retransmitir informações — Rebate Jonathan. — Você precisa voltar para o seu escritório, fazer ligações e checar essas histórias. É hora de você ir. Agora.

Eles se dispersam rapidamente e Arthur entrega a Jonathan alguns arquivos antes de ele sair. Uma explosão de inveja surge em meu peito, e estou com medo de cobiçar o pai de Lo e querer trocar o meu pela versão de Jonathan Hale, desejando principalmente que meu pai pudesse me apoiar mais.

O mundo enlouqueceu.

Jonathan olha para nós. — Devemos fazer isso na minha casa. A equipe aqui está me dando nos nervos. — Entendendo a dica, um dos zeladores entra na casa pela porta dos fundos e sai correndo em outra direção. Jonathan murmura algo que soa como *filhos da puta ridículos*. Mas eu realmente não posso ter certeza.

Quanto mais longe eu estiver desta casa, melhor, mesmo que isso signifique que teremos que passar por multidões de equipes de filmagem novamente. Lo e eu subimos em meu carro, e antes que ele o coloque em movimento, ele me encara.

— Preciso te dizer uma coisa, e você provavelmente vai ficar brava.

Franzo a testa, sem ter ideia de onde isso poderia ir. Observo o carro de Jonathan sair pelos portões, as câmeras piscando e clicando, a luz refletindo nas janelas escuras.

— O que é? — Pergunto, minha voz mais baixa do que eu gostaria.

Ele lambe os lábios, a culpa marcando seu rosto. Hum, ah. — Esta não é a primeira vez que vejo meu pai desde a reabilitação.

A verdade me lava em uma onda de frio congelante. Eu estremeço e aceno com a cabeça, deixando isso afundar completamente. OK. Ele mentiu. Mas ele acabou de se abrir, então isso deve contar para alguma coisa, certo? Ainda assim, não importa o quanto eu dê desculpas para ele, não posso evitar a tristeza que se derrama em mim.

Levanto minhas pernas para o assento e enterro minha cabeça nos joelhos, me escondendo de *Lo*, não dos paparazzi.

— Lil — diz, com a mão pairando sobre a minha cabeça, hesitante em me tocar. — Fala alguma coisa.

Não consigo falar, as palavras se emaranham, formando um buraco no meio da minha garganta. Então, Lo começa a dirigir e passa pelas câmeras.

Ele explica suas conversas com o pai e como foi até ele especificamente para encontrar o chantagista e saber mais sobre sua mãe.

Quando chegamos à rua, longe dos paparazzi e das vans de notícias, ele acabou de revelar todos esses segredos. Depois de um longo silêncio tenso, ele pergunta: — Você está brava?

— Não — digo com calma, lágrimas silenciosas escorrendo pelo meu rosto. Não levanto a cabeça dos joelhos. *Estou apenas triste*. Eu deveria saber e confortá-lo, como ele fez comigo. Ele foi para a reabilitação e voltou um pouco mais forte do que antes. Eu não tive isso. Quando voltou, comecei desde o primeiro dia, tentando descobrir como lidar com meu vício e ele na mesma sala. E estou apenas percebendo o quanto ele é uma rocha para mim e o quanto posso tê-lo decepcionado se ele recaísse e eu não o impedisse antes.

— Lily, por favor, fala comigo. — Ele segue o carro de Jonathan e reduz a velocidade quando chegamos ao portão.

— Você bebeu? — Murmuro.

— Não, eu prometo, Lil. Quero dizer...

Meu peito desmorona. Não gosto do *quero dizer*.

— Pensei sobre isso, mas não bebi. Não podia. Estou tomando *Antabuse* — diz. — A ideia de vomitar me impediu mais de uma vez. Estar perto do meu pai me faz querer beber. Não posso negar isso. — Ele faz uma pausa — Mas estou em um ponto em que posso dizer não. — Pelo menos ele está sendo honesto agora.

Levanto minha cabeça, esfregando minhas bochechas na minha manga. — Você não me contou porque sabia que eu desaprovava.

Ele concorda. — Mas, Lil, ele é meu *pai*. Ele é a porra da minha família.

Não posso dizer a ele o que penso. Que mesmo que seu pai mostre coragem em um minuto, ele cortará Lo em pedaços no minuto seguinte. Eu vi Lo se afastar de si mesmo depois que seu pai gritou em seu rosto por meia hora.

Ele estaciona o carro e levanta minha mão. — Você também é minha família. — Ele beija meus dedos. — Sempre. — Enxuga uma lágrima perdida. — Por favor, não fique chateada com isso.

— Só não quero vê-lo machucar você — digo suavemente.

— Ele não vai.

Lo não é feito de armadura. Ele entra em todas as lutas sem proteção.

Permite que as pessoas o machuquem porque acredita que merece essa dor. É doentio. É algo com o qual acho que estou lidando agora.

Respiro pesadamente e apenas aceno. — OK. — Sinto-me tão perfurada. A adaga extra se encaixa perfeitamente junto das outras. Tenho que acreditar que Lo vai ficar bem diante de seu pai, que ele pode lidar com todos os ataques verbais e os súbitos comentários depreciativos. O: *por que você não está vivendo de acordo com o seu potencial? Por que você é uma porra de decepção?* Tenho que acreditar que ele é mais forte do que eu.

Acho que posso fazer isso.

Entramos na casa e eu derrapei até parar na grande escadaria, absorvendo uma casa onde passei a maior parte da minha infância. É mais silenciosa e escura do que a casa dos meus pais e carrega uma qualidade sombria. Talvez porque eu tenha mais memórias aqui. E nem todas são boas.

— Podemos fazer isso de manhã? — Pergunto. Adiar o inevitável soa bem. Eu poderia tomar outra pílula para dormir também, ou Lo poderia até cair em cima de mim esta noite. Eu não deveria estar pensando em sexo agora. Balanço a cabeça para tentar reiniciá-lo. Sou um ciclo giratório indo para trás.

Lo acaricia meu cabelo. — Meu pai está impaciente.

Oh, certo. Ele me leva ao escritório de seu pai, onde já estive muitas vezes antes. Jonathan já está se servindo de *whiskey* quando entramos. Eu me acomodo no sofá de couro marrom e Lo se aproxima de mim.

Lembro-me de beijar Lo neste sofá. Tínhamos essas sessões de amassos quentes e pesadas, completas com carícias por cima da roupa, apenas para sermos pegos por Jonathan ou pela equipe. Não estávamos realmente juntos, mas dávamos desculpas para nos beijarmos. Dizíamos que estávamos ‘reforçando nosso relacionamento’, mesmo que fosse apenas fingimento. Eu gostava das carícias e dos toques mais do que deveria. E Lo também, suponho. Ele simplesmente nunca declarou, abertamente, que queria ficar comigo.

Jonathan permanece no carrinho de bebidas, examinando suas garrafas. — Greg e eu concordamos em não falar durante o *briefing*. Se pareceu formal, é só porque não queríamos que durasse a porra da noite toda. — Ele levanta uma garrafa de cristal com um líquido de cor âmbar. — Você gostaria de um copo ou ainda está sendo desagradável?

— Não, obrigado — Lo diz, sua voz firme.

Jonathan devolve a garrafa e se joga na poltrona de couro atrás de sua mesa. Ele verifica os três arquivos ao longo de sua mesa enquanto toma um gole lento de seu copo.

— A partir de agora, o objetivo de vocês dois é reformar suas imagens. Vocês se tornarão indivíduos íntegros que podem usar com orgulho a porra dos seus sobrenomes. — Ele abre um arquivo e examina a página. — Vamos começar com Lily. A solução mais fácil seria negar todas as reivindicações, mas ninguém acreditaria que sessenta homens estavam mentindo.

Eu já sabia que não podia negar as acusações, e nem gostaria. A maioria é verdadeira. Aguardo a palavra, aquela que selará meu destino – *reabilitação*.

— Então, seus pais e os advogados elaboraram uma lista de coisas que você deve fazer. Isso ajudará a restaurar sua reputação e, de fato, a de nossas empresas. Simples, fácil, perfeito, etc e tal.

— E se ela não fizer isso? — Lo pergunta.

Jonathan lhe lança um olhar penetrante. — Eu estava chegando lá. Segure a porra da sua língua por um segundo. — Seus olhos caem em mim. — A partir de hoje, você não tem mais acesso ao seu fundo fiduciário. Quando você concluir todas as tarefas, sua herança será restaurada a você por completo.

Meu dinheiro acabou.

Estou dura. Assim como Lo.

Gostaria de poder falar com meus pais. Teria completado a lista deles sem colocar minha segurança financeira como garantia. A culpa me motiva bastante.

Jonathan olha para Lo, e sei que ele quer que ele peça seu próprio fundo fiduciário de volta, especialmente agora que nós dois estamos sem um tostão. Mas Lo continua resoluto e de boca fechada.

Seu pai volta sua atenção para mim. — Devo admitir que seu pai não gostou muito dessa ideia. Ele preferia que você mantivesse seu fundo fiduciário, mas sua mãe o convenceu do contrário. — Pergunto-me por que Jonathan me diz isso; talvez para ajudar seu melhor amigo. Eu não tenho certeza.

— O que está na lista? — Pergunto baixinho. — Tenho que ir embora?

Jonathan solta uma risada curta. — Fugir não resolve nada. Na verdade, isso faz você parecer culpada. Não, você vai ficar na cidade, de preferência em Princeton depois que os advogados lidarem com a universidade.

Não vou ser expulsa? A esperança surge em mim, apenas para ser sufocada pelas próximas palavras de Jonathan. — Você se desculpará publicamente durante uma coletiva de imprensa e começará a consultar um psiquiatra escolhido a dedo por seus pais. — Ele estreita os olhos para a lista. — Eles também querem que você pare de visitar bares e clubes, mas, na verdade, nós três nesta sala podemos concordar que você pode ir, apenas não seja vista. Trata-se da sua imagem, não de uma porra de caminho para a moralidade.

Ele bate com a caneta na pasta. — O último e mais importante item da lista... — Ele enfia a mão no paletó e revela uma pequena caixa preta. Eu não olho para Lo. Meus olhos se concentram na caixa quando Jonathan abre a tampa, com um anel de diamante brilhante dentro. — Parabéns — diz Jonathan, sua voz mais áspera do que entusiasmada. — Agora você está noiva e o casamento será realizado em um ano.

Minhas articulações não funcionam direito, embora todos os meus pensamentos gritem violentamente para eu pegar o anel. É um pequeno preço a pagar pelo que fiz. Mas transformar o que Lo e eu temos em isca para a mídia, barateando nosso amor, dói além das palavras.

Mais lágrimas se acumulam.

— Lil — Lo diz, apertando minha mão. — Podemos encontrar outra maneira.

Não podemos.

Isso é o que eles querem, e já fomos egoístas o suficiente. Balanço a cabeça, pego a caixa e tiro o anel que brilha enquanto o seguro entre os dedos. É maior e mais extravagante do que qualquer coisa que já quis. Tomo uma respiração fraca e deslizo para o meu dedo.

Ele se encaixa perfeitamente.

Não consigo parar de olhar para o jeito que brilha e diminui minha mão pequena. É berrante e parece frio e errado.

— Sinto muito — digo a Lo. Ele está obcecado com a joia tanto quanto eu, e já sei o que ele está pensando. Também não foi isso que ele imaginou para nós, uma proposta do pai em seu escritório.

Talvez... talvez não devêssemos ter um final feliz.

Talvez não mereçamos.

CAPÍTULO 36

Loren Hale



Quando eu estava na reabilitação, tinha muito tempo livre para deixar minha mente vagar. Estupidamente, comecei a pensar em como pediria Lily em casamento. Não tão cedo, mas quando estivéssemos saudáveis e felizes. Até imaginei o anel que compraria para ela – uma pequena safira rosa. Simples, não tradicional. Acho que ela teria gostado.

Agora, nunca saberei.

Eu encaro meu pai, odiando que ele tenha sequestrado minha proposta. Não é inteiramente culpa dele, mas se estamos sendo coagidos a nos casar, prefiro ter algo em meus termos. Ele poderia ter me avisado com um dia de antecedência. Qualquer coisa.

Em vez disso, vou arquivar essa memória com todas as minhas outras memórias sombrias e manchadas de alcatrão, arruinadas por algo maior e mais desagradável do que eu. Lily avalia silenciosamente o anel com olhos tristes. Gostaria de poder consertar isso, mas rejeitar os apelos de seus pais vai machucá-la ainda mais. A vergonha que ela causou está rasgando-a de dentro para fora, e não fazer nada para reparar o dano rasgaria sua alma.

— O casamento — digo, quebrando o silêncio tenso. — Você disse que será em um ano.

Meu pai balança a cabeça e toma um gole do seu *whiskey*.

Estou ansioso para prová-lo, mas me concentro mais em Lil, e qualquer desejo por álcool diminui. Pela primeira vez, sinto-me realmente forte para ajudá-la. — Ela tem que completar todas as tarefas antes que seu fundo

fiduciário seja devolvido. Isso significa que terá de novo quando concordar com o casamento?

— Ela recebe quando vocês estiverem casados.

Meu estômago revira. *Um ano?* Ela vai ficar sem dinheiro por um ano inteiro, mesmo que faça tudo o que eles dizem. Lily não consegue manter um emprego enquanto está em recuperação. Lembro-me de como a encontrei escondida debaixo da mesa no escritório de Rose, com medo dos modelos masculinos. Ela não está pronta para lidar com o estresse de um ambiente de trabalho com seu vício sob controle. Essa ansiedade é o que a faz enlouquecer.

— Vamos nos casar mais cedo — Ofereço. Por que prolongar a espera? Ela vai ter dinheiro. As câmeras vão parar de nos perseguir. Ela não será mais alvo de fofocas em blogs. Tudo ficará bem novamente.

— Verdade? — Lily pergunta, seus olhos grandes e vidrados.

Enxugo uma lágrima caída com o polegar. — Duas semanas ou um ano, não faz diferença para mim, Lil. Eu me casaria com você amanhã se isso te fizesse feliz.

Ela assente uma vez e me deixa abraçá-la.

— Na verdade, faz diferença — Meu pai interrompe, gelando meus ossos. — Não pode parecer um casamento forçado projetado para persuadir a mídia. Tem que parecer real. Um ano. Nem mais cedo, nem mais tarde.

Ele estrangulou minha única alternativa.

Meu pai fecha um arquivo e abre outro. — Agora, para você, Loren — diz ele, — A mídia o modelou como o namorado patético, traído e descartado. Você divulgará publicamente uma declaração sobre como você e Lily tiveram um relacionamento aberto, *new age*. Você tem dormido com outras mulheres e sabia que ela estava dormindo com outros homens. Mas desde o seu noivado *romântico*, vocês dois decidiram se comprometer totalmente um com o outro.

Lily prende a respiração, provavelmente acreditando que vou recusar essa estipulação. Ela quer que seja fácil, que a gente concorde e siga em frente. Estou acostumado com mentiras. Se esta ajudar, terei prazer em carregá-la. Concordo com a cabeça e meu pai fecha o arquivo.

— É isso? — Pergunto.

— Você não é viciado em sexo — Ele me lembra com um sorriso seco e levantando o copo. Ele toma um longo gole e minha mente volta para a

questão do dinheiro.

Eu tenho que perguntar a ele.

Por Lily.

Por mim.

Então temos um problema a menos para resolver. Para que possamos parar de receber esmolas de nossos irmãos.

— Sobre o meu fundo fiduciário...

Lily se arrepia ao meu lado. — Lo, você não tem que...

— Eu quero. — Quaisquer que sejam as repercussões, o que quer que eu tenha que fazer para agradar meu pai, vou dar um jeito. Uma parte de mim grita *fracasso*. Estou desistindo, rastejando de volta para este homem. Mas a outra parte diz que *este é o caminho certo*. E estou ouvindo esse lado do meu cérebro. Se é a porra do lado idiota – isso é o que vamos ver.

— E daí? — Ele gira o *whiskey* em seu copo, criando um pequeno redemoinho.

Ele vai me fazer perguntar. Implorar. Implore e rasteje. Não estou prestes a cair de joelhos, mas estou perto. Estou quase lá. — Você me disse que eu poderia tê-lo de volta — Lembro-o, mas não sou idiota. Eu sei que há amarras. — O que você quer que eu faça? — *Faculdade não. Faculdade não. Faculdade não.* Não posso voltar para a escola, cercado de bebida, cercado por caras de vinte e poucos anos em pleno funcionamento. Isso me leva a uma garrafa mais do que Lily sabe. É uma razão pela qual optei por não voltar.

Cada pessoa sã e feliz é como um reflexo do que eu poderia ter sido, como encontrar o Natal Futuro⁴ todos os dias. Não quero ser assombrado por meus problemas assim.

— O que eu quero que você faça — diz ele — é ser a porra de um homem.

Eu olho. — A última vez que verifiquei, eu era um.

— Ter um pau não faz de você um homem — Ele responde. — Você tem sido um garotinho irresponsável a vida toda. Eu te dou coisas e você caga nelas. Se você quer seu fundo fiduciário, precisa usar o dinheiro para fazer algo por si mesmo. Você não pode foder com isso.

— Não vou voltar para a faculdade.

— Eu disse alguma coisa sobre faculdade? Você nem está *me ouvindo*. — Ele joga o resto da bebida na boca e bate o copo na mesa.

Eu estremeço.

E ele fica em silêncio, não para divulgar os detalhes. Aparentemente, eu deveria saber o que realmente significa ser um homem. Na cabeça do meu pai, isso poderia significar qualquer coisa.

— OK — Aceito cegamente. Ele só quer que eu conheça meu potencial, não esbanje sua riqueza com apatia. Seus termos devem estar em meu poder. Esperançosamente.

Suas sobrancelhas saltam em rápida surpresa, mas lentamente desaparece, substituída por um sorriso verdadeiro e genuíno. Acho que acabei de fazer meu pai feliz.

Isso acontece... bem, quase nunca.

— Vou ligar para os advogados. Sua herança estará de volta amanhã de manhã — Ele diz —, e espero uma proposta de negócios na próxima semana.

— Uma o quê? — Meu estômago aperta.

Ele revira os olhos e sua boca se fecha. Aquele sorriso durou zero vírgula dois segundos. — Pelo amor de Deus, Loren. Uma *proposta de negócio*. Você não precisa estar envolvido na minha empresa, mas é melhor criar a sua. Eu nem me importo se for bem-sucedida. Apenas levante sua bunda preguiçosa. — Ele se levanta e paira sobre o carrinho de bebidas para encher seu copo vazio. — Está tarde. Vocês dois devem passar a noite aqui.

Não quero entrar no meu antigo quarto, um refúgio para lembranças ruins e erros de merda. Balanço minha cabeça. — Vamos ficar na casa de Ryke esta noite.

Ele endurece ao ouvir o nome. — Então vão. Tenho trabalho a fazer. — Enquanto caminhamos em direção às portas, ele diz: — E quando eu encontrar quem vazou, ele vai desejar nunca ter fodido com nossa família. Posso te prometer isso.

CAPÍTULO 37

Lily Calloway



Estamos todos de volta à casa de Princeton e não falo com Rose há três dias. Ela sai de casa cedo e volta tarde. E toda vez que ligo, a mensagem automática dela clica. Normalmente Rose atende no segundo toque.

A *H&M* e a *Macy's* retiraram a Calloway Couture de suas lojas, citando a ‘atenção negativa’ como motivo para retirar as roupas dos cabides e prateleiras. Pedi desculpas por mensagem e a peguei pessoalmente uma vez para dizer as palavras, mas ela me deu um tapinha no ombro, disse algo sobre uma reunião e entrou no carro.

Ela me mandou uma mensagem esta manhã.

Rose: *Estou apenas ocupada e sinto muito por não ter mais tempo para conversar. Não culpo você. Mantenha a cabeça erguida.*

Não estou me sentindo muito animada hoje, mas a mensagem ajuda a aliviar o peso no meu peito. Meu último teste é hoje, antes do início das provas finais na próxima semana, e marca a primeira vez que coloco os pés no campus desde o escândalo. Eu não deveria ir. Não estudei nem memorizei as respostas de provas antigas. Acabei de me jogar no sofá e assistir a reprises de *O Mundo é dos Jovens*.

Meus membros caem pesadamente, uma âncora que me prende à cama, ao chão, ao sofá. Manhã, tarde e noite. A vontade de desaparecer, um superpoder que sempre quis, me atinge com mais frequência. A Dra. Banning me diria

que estou deprimida, talvez até prescrevesse remédios para mim. Mas não falei com ela desde meu encontro com os advogados.

Não tenho permissão para vê-la. Agora, tenho um novo psiquiatra. Dr. Oliver Evans. Eu o encontrarei na próxima semana.

O chuveiro é minha única solidão: um lugar onde existe a autossatisfação, onde o vapor e meus nervos formigam e afastam a ansiedade. A culpa acompanha a alta. E *euseieuseieusei*. Tecnicamente não tenho permissão, mas estou monitorando quanto tempo passo me tocando. Isso não é a mesma coisa que pornografia. Não posso me masturbar em público. Nunca vou exagerar se apenas me restringir ao banho de autossatisfação.

E, de qualquer maneira, depois da tentativa de fazer sexo ontem à noite, Lo provavelmente vai ficar longe de mim por uns bons mil anos. Tudo começou bem. Eu estava ridiculamente animada para finalmente dormir com ele depois de duas semanas de abstinência. A hora passou, enganando minha mente fazendo-a acreditar que só brincamos por cinco minutos inteiros, não sessenta. Eu precisava de mais tempo.

Ele continuou me dizendo *não*. E até tentei arrastá-lo e prendê-lo em minha teia de sexo, o que (agora que penso nisso) não deve ter sido tão sexy. Transformei-me no monstro sexual compulsivo que ambos temíamos. Então, algo pior aconteceu.

Começo a chorar.

Portanto, não apenas reclamei por sexo, mas chorei quando não consegui. Estou envergonhada ao ponto de reclusão. Nunca mais quero mostrar meu rosto, para ninguém. Não culpo Lo se ele nunca mais quiser dormir na mesma cama comigo.

Olho para o relógio da cozinha. Lo e Ryke não podem mais correr na pista da Penn ou correr no quarteirão sem serem bombardeados por paparazzi ou estudantes intrometidos. Então, eles começaram a correr pelo terreno em nossa casa em Princeton. Pelo menos é fechado.

Mas eles não devem entrar nos próximos dez minutos. Meu cabelo úmido molha minha camisa. Acho que posso tomar mais um banho antes que eles entrem em casa. Desço do banco do bar e corro para o banheiro. Pego um saquinho de absorventes internos de um armário no caminho de volta. Entre todos eles estão numa bolsa com meu minivibrador à prova d'água. Eu o pego e empurro a bolsa de volta.

Chuveiro ou banheira?

Odeio que não tenhamos um cenário de combinação de banheira e chuveiro. Isso seria muito mais fácil então. A autossatisfação em pé não é a minha favorita, e é isso que tenho que fazer no chuveiro.

A banheira me chama. Bolhas. Eu posso ter bolhas também. Mas eu só tenho... dez minutos. Acho que posso fazer funcionar. As bolhas devem valer a pena.

Rapidamente, abro a torneira, testo a água para o calor perfeito e esguicho na mistura de bolhas (é claro) e jogo uma daquelas bolas de sabão rosas (não tenho certeza do que elas fazem). A água se transforma em um tom rosa pálido, e respiro o aroma floral, um perfume muito próximo dos lírios.

Então, acho que consegui.

Tiro minhas roupas e afundo na água, ofegando com a forma como o calor roça minhas coxas e sobe até meus seios. Seguro o vibrador em uma mão, antecipação e alegria me enchendo primeiro. Fecho os olhos, inclino-me para trás e deixo minha mente vagar enquanto minha mão se move.

Concentro-me em uma memória específica, uma com Lo durante nosso segundo ano de faculdade. Fomos obrigados a comparecer à festa de fim de ano de meus pais na mansão Villanova. Já que planejávamos passar a noite, nós dois decidimos nos embriagar com o eggnog. Minha mãe nos enxotou para o andar de cima para não atrapalhar nenhum dos outros convidados, e nos trancamos no meu quarto pelo resto da noite.

Parado ao pé da cama, ele beijou meu pescoço e lábios com um olhar inebriante, inalando cada parte de mim, um olhar que devorou meu corpo em um único segundo. Mesmo estando sozinhos, ele não parou.

Eu estava excitada. Ele estava bêbado. E ele me emprestou sua boca de bom grado, e eu aceitei (no início) porque minha mente estava a mil. Seus lábios pressionados contra minha clavícula, macios e profundos, sugando. Seus dedos deslizaram pela minha cintura, cada vez mais baixo.

— Lo. — Deixei escapar uma respiração irregular e tentei segurar sua camisa branca, tentando manter meu corpo ereto. Mas o mundo estava dançando, e eu não queria nada mais do que ser arrebatada por ele – de preferência com um impulso e uma gozada.

Ele se retraiu e segurou minhas bochechas, seus olhos âmbar carregando uma forte neblina, mas não o suficiente para ele ser completamente tomado

pela bebedeira. Ele ainda estava comigo. Aqui. Neste momento.

Eu tinha certeza de que parecia o bêbado desleixado entre nós dois.

— Lily. — Seus lábios se ergueram em um sorriso torto. — Como você está se sentindo?

— Trêmula — Admiti. — E com tesão. — O álcool reprimiu qualquer constrangimento porque acrescentei: — Muito tesão, na verdade. — Mas não consegui encontrar um ficante na *festa* íntima dos meus pais. Além do fato de que a maioria estava na casa dos cinquenta, os poucos jovens conheciam minha família muito bem. Eu não iria espalhar rumores de que traí Loren Hale. Afinal, ainda estávamos fingindo ser um casal.

Ele continuou sorrindo. — É assim que você deixa os caras duros? Sendo totalmente honesta?

Meus olhos imediatamente caíram para sua virilha. — Não parece estar funcionando em você — Respondi. Deslizei para fora de seus braços e encontrei seu *Macallan* clandestino na gaveta da minha mesa. Destampeí e tomei um gole rápido. Seu rosto ficou rígido e ele arrancou a garrafa de mim. Ele a levou aos lábios e bebeu um grande gole, sua garganta balançando três vezes.

Ele colocou a garrafa de volta na mesa. — Você está sempre com tesão. Eu teria uma ereção eterna se isso bastasse.

Minha mente começou a vagar por lugares pecaminosos, pensando no que exatamente tiraria Loren Hale do sério. Mas este era Lo. Meu melhor amigo. Um relacionamento que eu não poderia desvalorizar com uma transa rápida. Cruzamos a linha algumas vezes antes, mas eu estava determinada a nunca pular a linha final —aquela que termina com ele dentro de mim, com o clímax mais alto e brilhante.

— Eu normalmente não digo coisas — Admiti. — Eu apenas *faço* coisas.

Ele me deu um sorriso amargo. — Aposto que você faz um boquete espetacular.

Eu estava prestes a oferecer um, mas lembrei quem ele era e minha garganta ficou seca novamente. Estendi a mão para o *Macallan*. — Me bata — disse.

Ele riu enquanto pressionou a garrafa nos lábios novamente. — Bonitinho. — Ele tomou outro longo gole. Ele sempre foi tão territorial com sua bebida.

Voltei para a gaveta e peguei uma garrafa de vodca de avião.

Ele ergueu as sobranceiras. — Você não tem nada para acompanhar, algo bom.

Dei de ombros, tirei a tampa e joguei a bebida no fundo da minha garganta.

— Ei! — Ele gritou e correu para o meu lado, assim que o líquido ardeu o meu esôfago. Eu tossi aproximadamente. *Estou pegando fogo*, pensei. Ele levou a garrafa para longe de mim, mas oitenta por cento já estava invadindo meu estômago.

Meu nariz enrugado em nojo. — Por que você faz isso? — Perguntei. Eu o vi beber álcool direto. Esfreguei minha mão na minha língua, tentando livrar o sabor. *Ugh*.

Ele apenas riu e me deixou reclamar por alguns minutos, e então o álcool lentamente começou a me deformar, virando meus pensamentos lascivos sobre o excesso. Eu ansiava pelo *toque*. As mãos deslizarem para cima e para baixo nas minhas pernas e coxas.

Eu caí na beira da cama, meus olhos flutuando sobre Lo, indo na bunda dele enquanto ele olhava pela janela, hipnotizado pelas luzes de Natal cintilantes e pela vibração da neve.

Eu queria sexo.

Queria me sentir tão bem quanto ele estava sentindo. O álcool o deixava relaxado, à vontade, e eu ansiava por esse tipo de paz temperada.

— Lo — Respirei. — Ainda estamos fingindo?

Seus olhos encontraram os meus. — Vou dormir no seu quarto hoje à noite, porque deveríamos estar namorando. Então... sim.

— Posso fazer alguma coisa? — Minhas pálpebras se sentiram pesadas com a bebida e esperava que minha voz não estivesse tão arrastada.

Ele nem hesitou. — Claro — disse. — Posso esperar no estúdio de seu pai. Acho que não há ninguém lá.

Ele se moveu em direção à porta, prestes a me dar privacidade para a autossatisfação. Mas não era isso que eu queria. — Espere — Chamei, meu coração batendo rapidamente. Seus pés pararam no meio do caminho, e ele se virou, de frente para mim com a inclinação da cabeça.

— Você pode ficar — disse a ele. — Ali. Apenas... fique bem aí.

Deslizei embaixo das cobertas e tentei evitar o olhar dele enquanto me atrapalhava com meu vestido. Puxei o tecido sobre a cabeça e joguei no chão — junto com minha calcinha. Eu tinha senso suficiente para manter meu sutiã

sem alças, pelo menos. Não que estivesse cobrindo muito.

Agora posicionada, olhei para ele. Uma expressão divertida dançou em seu rosto. — Quão bêbada você está? — Ele perguntou.

Na verdade, eu esperava não me lembrar de ter feito isso, de manhã. Isso não acabou acontecendo. — O bastante — disse. *O suficiente para me tocar na sua frente.*

Ele lambeu o lábio inferior e levou a garrafa à boca. Ele esperou para ver se eu continuaria com isso. Meus dedos mergulharam entre minhas pernas, encontrando o ponto macio e úmido que doía por toque. Minha respiração se aprofundou assim que meus dedos pulsavam ao longo do meu clitóris, e me delicieei na maneira como iluminava meu núcleo.

Olhei ansiosamente para as calças dele, imaginando seu pau que nunca vi realmente durante nossos anos de faculdade. Eu nunca quis o pênis dele para ceder minhas tentações, então, evitava o contato visual com ele na maioria dos dias. Mas naquela noite, eu não me importava com nada disso. O sexo estava em minha mente, e eu queria algo *mais*.

Seus dedos viajaram para o botão em suas calças, e minha respiração engatou quando ele enfiou lentamente pelo buraco.

Olhei para ele interrogativamente. O que ele estava fazendo?

— Se você quiser me observar enquanto se diverte — disse ele — é melhor fazer do jeito certo, amor. — Ele abaixou a calça até os tornozelos e lentamente saiu dela. Minha boca estava aberta, e parei de mover meus próprios dedos em estado de choque.

Ele estava duro.

Não completamente, mas definitivamente mais duro do que antes. Sua cueca boxer preta apertada expunha cada músculo e curva e, claro, a protuberância em que eu me fixava.

— Continue — Ele insistiu.

Meus dedos reacenderam com suas palavras, e eu os movi mais rápido, meus quadris se contorcendo e bombeando em animação. Seu pênis cresceu lentamente. Eu estava acenando para mim, como se tivesse me tornado uma pequena encantadora de serpentes. Eu adorava aquele controle... aquele poder.

Dei uma olhada e peguei Lo bebendo em minhas feições, a maneira como meus lábios se separaram e meus olhos tremularam de volta. Mas quando trocamos olhares, perdi meu foco, sua mão desaparecendo sob a bainha de sua

cueca boxer.

Um gemido ficou preso na minha garganta enquanto eu o observava se esfregar sob o tecido. Eu não conseguia ver seu pau, não realmente, mas parecia ainda mais sexy. Mais pecaminoso e errado e quase certo.

Sua respiração pesada tornou-se profunda e áspera, tão irregular e desejosa quanto a minha. — Lily — Ele gemeu. Meu clímax chegou naquela corrida idílica, em um maremoto que me arrebatou em sucessões cambaleantes. Meu corpo tremeu e meus dedos dos pés se curvaram, minha ereção queimando-me de dentro para fora. Lo grunhiu, sua respiração afiada, e ele gozou junto comigo.

A vergonha usual foi absolvida pela bebida e o lembrete de que não havíamos quebrado nenhuma regra. Eu me convenci de que ele provavelmente me ouviu gozar no quarto ao lado milhares de vezes. Ver o ato não poderia ter sido muito diferente. E eu nunca tinha feito algo assim com nenhum outro cara antes.

Parecia especial.

Virei-me para perguntar se poderíamos fazer de novo. Uma vez nunca era o suficiente.

Ele viu o desespero antes que eu pronunciasse uma palavra.

— Se você fizer isso na minha frente de novo, vou ter que te foder — disse.

— Precisa ou quer? — Perguntei em confusão.

Ele sorriu facilmente, mas nunca me deu uma resposta clara. — Posso não ficar duro quando você me diz que está com tesão, mas ainda sou um cara. E você ainda tem regras. Das quais não vou tirar vantagem quando você estiver bêbada.

— Então, quando eu estiver sóbria?

Seu sorriso ficou travesso. — Vou tomar um banho.

Ele agarrou o gargalo do *Macallan*. Eu devo ter parecido ainda decepcionada porque ele foi ao meu armário em vez do banheiro. Pegou uma caixa de sapatos rosa da *Victoria's Secret* do fundo e a colocou suavemente na cama ao meu lado. Ele sabia que estava cheia de todos os meus brinquedos. O gesto foi gentil.

Ele enfiou uma mecha de cabelo perdido atrás da minha orelha e me beijou na testa. — Feliz Natal, Lil — disse e partiu para o banheiro.

Ele nunca voltou. Passei as quatro horas seguintes em coma de autossatisfação até desmaiar. De manhã, eu o encontrei dormindo no chão do banheiro, abraçando uma garrafa vazia. Nunca mais conversamos sobre isso. Enterrei a memória com minhas fantasias e sempre acreditei que ele perdeu a memória em sua bebida.

CAPÍTULO 38

Loren Hale



— Não acredito que você está noivo — Ryke me diz.

Nós nos alongamos pelo pequeno lago de carpas na borda de nossa propriedade, tentando o nosso melhor para correr sem nos aproximarmos dos portões de ferro forjado. Paparazzi acampam na rua, espiando pelo portão que pouco contribui em termos de privacidade. Rose já chamou um paisagista para plantar cercas vivas altas, mas elas só ficarão prontas em um mês.

— Em uma perspectiva de gerenciamento de escândalos, o casamento é a solução clara — diz Connor. Ele alonga os quadris no chão.

— Sim, porque agora as pessoas vão pensar que Lily é uma adúltera e não apenas traiu o namorado da faculdade — Retruca Ryke.

Connor o encara. — A sociedade acredita que o casamento mostra compromisso, um vínculo mais forte. — Ele fica de pé. — Sem mencionar que os fofoqueiros devoram uma boa história de amor. E o que é melhor do que o amor unindo um viciado em sexo e um alcoólatra?

— Você não deveria estar em Nova York agora? — Ryke rebate, desistindo da luta. Todo mundo tem uma opinião sobre o noivado, mas a única que importa para mim é a de Lily. — Eu pensei que Rose estava entrando em parafuso.

Todas as empresas de nossa família foram atingidas financeiramente pelo escândalo, mas, ao contrário da Fizzle e da Hale Co., a Calloway Couture é uma empresa jovem que já está em terreno instável. O golpe a derrubou. A linha de moda masculina na qual ela trabalha há meses – aquela para a qual

fui modelo por um breve período – está sendo revista para a *Fashion Week*. Até Connor disse que a probabilidade de a linhagem sobreviver é quase nula. Então, ela vai ser retirada do show, duas lojas de departamento acabaram de abandoná-la e ela teve que dispensar suas assistentes, incluindo Lily. Rose não usa seu fundo fiduciário para pagar seus funcionários e está perdendo dinheiro muito rapidamente para mantê-los.

— Ela ligou e me disse para não vir — Admite Connor. — Não quer que eu atrapalhe.

— Sebastian está lá? — Pergunto. Eu posso ver aquele filho da puta intrigante tentando sussurrar suas opiniões terríveis sobre Connor no ouvido de Rose. Com a lenta aniquilação de sua empresa pesando sobre ela, ela deve estar vulnerável.

— Ele tem ajudado-a com a linha. Tenho certeza de que ele está lá. Por que você pergunta?

Eu deveria dizer a Connor que Sebastian não gosta dele, mas ele provavelmente já captou esses sinais. *Certamente* deveria mencionar como Sebastian provavelmente está planejando uma maneira de eliminá-lo da vida de Rose. Mas Lily ainda precisa desses testes. — Por nada — digo com um encolher de ombros.

Ele me encara por um longo momento, incrédulo, mas não insiste. Começamos a caminhar de volta para casa, nossos tênis triturando as pedras do caminho.

— Falando em garotas Calloway — Connor diz —, li que Daisy vai fazer uma reportagem na *Vogue*. Isso é verdade? — Depois que Lily e eu conversamos com os advogados, Daisy voltou a ficar na casa dos pais. Sua carreira de modelo catapultou por causa do escândalo. Revistas e fotógrafos estão fazendo fila para contratá-la para páginas espelhadas de cinco páginas, rotulando-a como um ‘símbolo sexual’ em anúncios que transformam a garota de dezesseis anos na fantasia sexual de um homem. Eles a chamam de Brooke Shields jovem, mas compará-la com outro ícone adolescente não acalma meu estômago. E meu sangue está fervendo, com raiva de que alguém esteja disposto a explorar aquela garota.

O que é pior, sua própria mãe reservou os trabalhos para ela. Mas não é minha função defender Daisy. Muitas vezes me pergunto de quem é. Poppy se refugiou em sua pequena casa na Filadélfia, tentando proteger sua filha de três

anos dos paparazzi. Rose está cansada o suficiente com sua linha de moda, e Lily e eu estamos apenas tentando manter nossas cabeças no lugar.

Então, quem está protegendo Daisy?

Seus pais com certeza não estão.

— Não tenho certeza — Admito. — Faz tempo que não falo com ela.

— Ela vai fazer — diz Ryke. — Ela diz que é de bom gosto ou algo assim.

— Ele balança a cabeça, descontente com a situação. — Ela era uma modelo de alta moda e da noite para o dia ela se tornou a porra de uma supermodelo, e em vez de protegê-la da mídia, a porra de sua mãe a está empurrando para isso. Acho que odeio aquela mulher.

— Você e eu — digo — E desde quando você está falando com Daisy?

Ele me olha. — Não venha para cima de mim sobre essa merda — Solta.

— Ela precisa de um amigo.

— Sabe, ouvi sobre a recessão das garotas de dezesseis anos — diz Connor. — Deve ser difícil para ela encontrar um amigo de sua idade.

Eu sorrio e Ryke fica furioso. — Corta essa, Connor — Ele ruge. — Você sabe o que todas as amigas da escola preparatória dela estão fazendo? Continuam perguntando se ela também é viciada em sexo. Como se fosse genético. Ela precisa de alguém que conheça Lily, que entenda o que está acontecendo.

— Então, ela precisa de você — digo como se ele fosse um idiota.

Ryke levanta as mãos e para de andar. — Pelo amor de Deus — Exclama.

— Estou dando aulas de escalada para ela, não a levando para um encontro. Nós somos *amigos*. Os pervertidos que a encaram nas revistas podem esquecer que ela tem dezesseis anos, mas eu não. — Ele começa a abrir sua garrafa d'água. — Também pensei que tínhamos falado sobre me atormentar. Fizemos um maldito acordo em Cancun, lembra?

Não vou admitir, mas há uma parte em mim que está se sentindo culpado. Eu deveria ser o único a falar com Daisy e ser um amigo dela, mas estou atolado em minhas próprias besteiras. Se fosse uma pessoa melhor, provavelmente agradeceria a Ryke. Ela precisa de alguém para conversar, mesmo que esse alguém tenha que ser meu meio-irmão cabeça-quente.

Quando começamos a andar novamente, Ryke inicia uma conversa que pensei ter interrompido no início de nossa corrida. — Talvez você devesse abrir uma empresa para irritar as pessoas. Você pode chamá-la de *Bastards-R-*

Us.

Eu sabia que não deveria ter contado a ele sobre aceitar meu fundo fiduciário ou ser obrigado a construir uma empresa do zero, como se eu fosse uma criança brincando com *Legos*. Ryke é veementemente contra qualquer coisa que me coloque em contato com meu pai. Ele chegou a me oferecer metade de sua herança.

Eu me viro e ele caminha direto para o meu peito. Ele dá um passo para trás e me encara. — O quê? Você pode distribuir, mas não pode aceitar?

— Não vou pegar o seu maldito dinheiro — Zombo. — Para de trazer isso à tona.

— Crianças — diz Connor, quebrando nossa rixa. — Por mais divertido que seja, Lily não tem um exame de Estatística em meia hora?

Eu olho para o meu relógio e xingo. Deveríamos acompanhá-la até a aula, já que ela se recusou a aceitar o guarda-costas que seu pai queria contratar para ela. Foi uma oferta generosa que Poppy e Daisy aceitaram. Rose era muito teimosa, e Lily não queria ser ‘seguida por um cara grande e musculoso’, o que eu interpretei como significando que ela não quer ser tentada por alguém que não seja eu.

Corremos de volta para casa rapidamente, mas Lily não está na cozinha onde a deixei. Ela se tornou sedentária desde o vazamento, movendo-se a passos de tartaruga. Portanto, não consigo imaginar que ela tenha ido longe demais. Estou prestes a verificar a sala de estar quando ouço os canos rangendo nas paredes.

— Você ouviu isso? — Pergunto, virando-me para Connor e Ryke para esclarecimentos.

— Parece que alguém está tomando banho de *Jacuzzi* — Connor me diz. Isso não faz sentido. Lily tomou banho esta manhã. Por que ela precisaria tomar banho de novo?

Putá merda.

Meu primeiro pensamento: ela está se masturbando. Meu segundo: ela cortou os pulsos. O segundo pensamento me leva ao *hiperdrive*. Estou subindo a porra da escada antes que eu possa pensar em qualquer outra coisa. Devo parecer assustado porque Ryke e Connor estão bem atrás de mim. Talvez eles também tenham medo.

Gostaria de acreditar que Lily não poderia chegar a um ponto baixo assim,

mas eu estaria me enganando. Eu estive lá. Sei que ela também. É o que acontece quando você atinge um fundo do qual não consegue rastejar.

Empurro a porta, visualizando seu corpo frio e sem vida. Ela pula, e não tenho tempo para respirar de alívio. Porque se ela não está morta, significa que ela está se masturbando.

Não acredito que é assim que meu mundo funciona.

Bolhas cobrem seu corpo nu, mas não escondem suas bochechas que queimam de vermelho brilhante. Connor e Ryke tropeçam atrás de mim e então Connor gira de volta. — Desculpe.

Ryke bloqueia a porta para que Connor não possa sair.

— Sai! — Lily grita com eles.

Não me aproximei, mas ela está se banhando em culpa. Você não apenas toma banho e, quinze minutos depois, entra em um banho de espuma.

— Não, fiquem — digo a eles.

Eu a repreendi por causa da pornografia.

Implorei a ela para ser honesta comigo.

Obviamente, preciso encontrar métodos diferentes para fazê-la parar de fazer essa merda. Não quero envergonhá-la, mas de que outra forma ela vai parar?

Ryke abre os braços na porta, bloqueando suficientemente a saída de Connor.

— Verdade? — Connor ergue as sobrancelhas.

Ryke dá de ombros e Connor protege os olhos com a mão enquanto recua para o balcão.

Eu mantenho meu olhar em Lily.

Ela evita a mim e aos dois caras. — Faça-os sair — diz ela, olhando para qualquer lugar, menos aqui. — Tenho que me trocar. Que horas são? — Ela age como se nada estivesse errado. Como se ela fosse inocente em tudo isso.

— Por que você está tomando um banho de espuma? — Pergunto, me sentando na borda de porcelana.

Ela se encolhe e começa a descer, o queixo desaparecendo sob a espuma. — Deixei meu anel cair no lixo. E então, depois de pescá-lo, cheirei a nossa sobra de salsicha, que não é um fedor agradável. Resolvi então tomar um banho, mas acabei cochilando. Banhos fazem isso, você sabe. Eles são como sussurradores ou invocadores ou o que quer que seja.

— O chuveiro está quebrado?

Ela balança a cabeça. — Você conhece aquela bola de sabão rosa – eu a vi no balcão pouco antes de entrar no chuveiro. E a curiosidade meio que me ultrapassou. Esperava que isso tornasse essa coisa rosa. — Ela levanta a mão esquerda, mostrando o diamante. — Mas, infelizmente, os produtos químicos do sabão são inferiores à pedra brilhante. — Seus olhos piscam nervosamente para Ryke, que a encara, inabalável. — Isto é estranho.

— Não para mim — Ryke responde.

Ela aponta para Connor, que ainda cobre os olhos. — Você está deixando Connor desconfortável — Ela me diz. — Você fez o impossível.

— Não estou desconfortável, Lily — diz Connor. — Eu só não estou ansioso para a palestra de duas horas de sua irmã sobre a privacidade feminina. — Mas ele deve saber o que estou tentando fazer porque fica aqui e, quando abaixa a mão, acena para mim como se eu estivesse fazendo a coisa certa.

Lily empalidece um pouco, percebendo que Connor não vai a lugar nenhum. — Você não acha que pode me dar mais privacidade se for para o outro cômodo?

— Acredite em mim, você não quer saber o que eu penso agora.

Seus olhos voam ao redor do cômodo novamente. Ela sabe que foi pega, mas não vai admitir. Normalmente, eu gritaria, talvez diria algumas palavras encorajadoras, e então discaria o número de Allison para que ela pudesse dar um sermão adequado em Lily. Mas gritar não adianta nada, e Allison não é mais sua terapeuta.

Sei o que tenho que fazer.

— Você tem uma prova para fazer — Lembro-a. — Então, por que não termina o que começou e depois vamos embora?

Ela pisca algumas vezes. — Do que você está falando?

— Termine e depois vamos embora — Repito, sem querer esclarecer. Ela mesma tem que admitir.

— Terminei, então você pode me passar essa toalha?

— Você terminou?

— Sim.

— Tem certeza?

— Não cheiro mais a lixo, então, eu chamo isso de sucesso de banho.

— Talvez você tenha me entendido mal — digo secamente. — Termine de se foder. — Estou com mais raiva do que pensei. Na minha cabeça, queria dizer *termine de agradar* a si mesma, mas minha boca tinha uma agenda diferente.

Seus olhos se arregalam de horror, e eu me recuso a recuar. *Agente firme. Seja forte.* Ela não precisa mais de um abraço ou de ser mimada.

— Posso falar com você a sós? — Ela pergunta, recusando-se a olhar para os dois caras que tornam essa situação realmente desconfortável. Esse é o ponto. Isso não pode ser fácil para ela.

— Não — Solto. — Eu sei o que você estava fazendo. *Você* sabe o que estava fazendo. E Connor e Ryke também. Não é a porra de um segredo.

Seu nariz mergulha na água e, em segundos, ela está prestes a submergir para se esconder de nós. Estendo a mão e coloco minha mão debaixo do braço dela, segurando-a na posição vertical para enfrentar seu problema.

Ela olha confusa para as bolhas e uma parte de mim não quer nada mais do que entrar na banheira e puxá-la para os meus braços. Para abraçá-la e dizer-lhe que tudo vai ficar bem. Mas é assim que começa. Ela automedica sua tristeza e ansiedade com sexo, e eu a deixei fazer isso muitas vezes antes. Eu observei essa garota cair no ciclo do vício e ela está entrando nesses trilhos novamente.

— Não posso ficar perto de você 24 horas por dia — digo a ela. — Você tem que descobrir isso, Lil. Você não pode se masturbar. — Quantas vezes eu tenho que dizer as palavras para ela entender? Quantas vezes tive que ouvir *álcool nunca mais* para aceitá-lo totalmente? Nunca fica mais fácil. Esta será uma batalha de longo prazo. E estou preparado para estar lá para ela a cada maldito passo do caminho. Mesmo que ela queira se afogar nesta água, vou puxá-la de volta até que esteja saudável. Até que ela possa ficar de pé sozinha.

— Você não entende — Ela começa.

— Lo — Interrompe Connor. — Se não sairmos logo, ela vai se atrasar para o teste.

Concordo com a cabeça e, em seguida, pego a toalha de algodão preta do suporte. — Vire-se — digo a Ryke, já que Connor já mudou sua visão.

Quando Ryke está de frente para a parede, Lily se levanta e enrolo a toalha em volta dela. — Vista-se e converse — digo asperamente, lembrando a ela que ainda estou bravo.

Eu a levo para o quarto e olho para trás, para Connor e Ryke. — Vocês dois podem verificar se há pornografia e brinquedos no banheiro? — Peço a eles. — Destrua o cômodo se for preciso.

Ryke parece um pouco animado demais para foder com a minha merda.

Sigo Lily até o *closet*. — O que não entendo, Lil? — Pergunto enquanto me ajoelho e passo por seus sapatos, pegando uma grande caixa de metal preto.

— Isso me ajuda. Só precisava de um minuto. É isso... — Suas palavras se arrastam enquanto ela lentamente coloca sua calcinha e sutiã. É difícil não olhar. Seu corpo sempre foi pequeno e magro, algo que me atrai. Mas quando ela se vira para procurar a calça, tenho uma visão clara de suas costas nuas. Suas omoplatas se projetam e suas costelas são quase visíveis na cintura. Ela está perdendo peso novamente.

— Você tem se esquecido de comer? — Pergunto. Ela costumava fazer muito isso. Sexo ocupava sua mente mais do que coisas necessárias, como tomar banho e comer. Se eu não a obrigasse a tomar banho, ela cheiraria a sexo por uma semana inteira. Não é que ela não queira engordar. Acho que ela prefere ser mais curvilínea. Ela *literalmente* esquece.

Ela dá um passo para o lado para se olhar no espelho de corpo inteiro e seu rosto cai lentamente. — Oh... — Ela tenta espremer aquela polegada de gordura que estava tão orgulhosa de ter ganhado, mas mal consegue agarrar a pele tensa em sua barriga. — Merda.

Ela evita meu olhar enquanto fecha o zíper da calça jeans.

— Não é porque estou apaixonada por mim mesma de novo, prometo — Ela me diz. — Eu estraguei tudo para todos, e é a única coisa que me faz sentir melhor. Não tenho boas distrações como você. Não tenho nenhuma corrida matinal e não estou prestes a abrir uma empresa. A escola termina em uma semana e só preciso de algo para mim.

— Se você está tentando me convencer a deixar você se masturbar, não está funcionando — Retruco. — Isso não vai acontecer, Lil. — Fico de pé, a caixa preta em minhas mãos. Comprei para o aniversário dela no ano passado. Ela costumava guardar todos os seus brinquedos nesta velha caixa da *Victoria's Secret*. Na época, achei um ótimo presente, agora, estou pronto para colocar fogo.

Quando ela termina de se vestir, seus olhos caem no estojo em minhas

mãos. — O que você está fazendo com isso?

— Estou jogando fora.

Sua cabeça balança para frente e para trás, e ela tenta puxar o estojo de mim em desespero. — Você disse que ainda poderíamos usá-los — Ela implora. — Juntos, quero dizer. Não sozinha. Eu nunca vou usá-los sozinha. — É verdade que eu os guardei, com a intenção de usá-los nela quando ela estivesse pronta. Mas não sei se ela estará pronta, e deixá-los aqui por um *e se* não vale o risco.

— Eles não vão ficar.

Ela tenta levar a caixa até o peito, mas eu a seguro com firmeza e olho para ela. — Não somos crianças de cinco anos brigando por uma porra de história em quadrinhos — digo. — Se isso fosse uma garrafa de *Maker's Mark*, o que você gostaria que eu fizesse?

Seus olhos se arregalam com a comparação e de repente ela solta.

— Desculpe. — Parece mais um impulso do que algo sincero.

— Não aceito suas desculpas.

Sua boca cai, e eu aponto entre nós. — Eu e você — digo. — Estamos em uma batalha. E se você não começar a me ouvir, vamos ter sérios problemas, Lily. Estou me segurando. Eu não toquei em uma bebida. Você tem que começar a se segurar. — Embora eu saiba que é mais difícil de uma maneira diferente, mas a pornografia e a masturbação não devem ser seus grandes problemas. Deve ser o sexo real.

Ela me encara por um longo momento, e me pergunto o que ela realmente ouviu do meu discurso. — Estamos em uma batalha? — Ela pergunta, choque e mágoa cruzando seu rosto.

Eu sabia que não deveria ter começado com isso.

— Sim, como se sente? — Isso não acontece com frequência.

Ela parece em pânico e percebo que o medo de me perder... de *nos* perder é o que realmente a motiva. Ela aponta para a caixa. — Queime isto. Faça o que você precisa fazer. — Ela a empurra contra meu peito e tenta me empurrar porta afora. Eu me forço a não sorrir porque o ‘amor forte’ está realmente funcionando. Prefiro não estragar tudo com um sorriso momentâneo.

— Sem masturbação — digo a ela novamente.

Ela acena loucamente. — Eu sei. Nada. De jeito nenhum. Palavra de escoteiro. — Ela levanta três dedos. Não acredito nela completamente, mas

pelo menos ela desistiu de negar.

Agora só tenho que levá-la para o exame a tempo.

CAPÍTULO 39

Lily Calloway



Não tenho tempo para pensar na minha briga com Lo, em ser pega pelos três caras ou no fato de que os paparazzi surgiram como zumbis acordados assim que cheguei ao campus. Alguém vazou meu horário de aula para a imprensa e corri para dentro do prédio para evitá-los.

Vou reprovar no exame de qualquer maneira, mas Lo e Connor nunca me deixariam faltar. Deixo os caras esperando no saguão e subo correndo as escadas até o segundo andar. Meu plano é entrar no fundo do auditório antes que alguém possa me ver. Vou fazer o teste, entregá-lo e sair. Quão difícil isso pode ser?

Abro a porta e paro no topo da sala estilo auditório. Todos os trezentos alunos já estão aninhados em seus assentos, enquanto os auxiliares caminham pelos corredores para distribuir os exames.

Estou atrasada.

E não há lugar vago à vista. Oh, espere...

Vejo um no corredor do meio da fileira do meio. Não há muito espaço para passar pelas pessoas, e imagino incomodar todo mundo enquanto salto por cima de trinta corpos para chegar ao meu lugar. Não quero ser essa pessoa. Todo mundo sempre lança olhares mordazes de chegada atrasada e, desde que apareci no noticiário nas últimas semanas, não consigo imaginar os olhares sendo o tipo normal de mordaz. Eles estariam com uma pitada extra de malícia.

Minha garganta fica seca e minhas palmas ficam úmidas. Estou prestes a

sair correndo e inventar alguma desculpa esfarrapada para Lo, mas o professor percebe minha presença persistente.

— Senhorita Calloway — Ele chama.

Eu congelo e, como um tsunami, todos os trezentos corpos giram para fixar seus olhares inquisitivos em mim. Se é assim que é ser uma atriz, não quero fazer parte disso.

— Venha me ver aqui embaixo, por favor. — O professor acena para mim.

Respiro fundo e desço as escadas acarpetadas, tentando evitar todos os olhares. Nem na metade do caminho, um cara tosse em sua mão. Na segunda tosse, ouço ‘puta’.

Isso é original.

Mais dois passos e alguém me chama de vadia, dessa vez mais alto. Eu olho para o barulho e vejo uma garota dando uma cotovelada nas costelas do cara.

Mais cinco passos e as vozes começam a aumentar enquanto as pessoas conversam com seus amigos.

— Tudo bem, acalmem-se — diz o professor.

— Volte para Penn! — Um cara grita. Vozes aumentam e torcem em concordância.

— Melhor ainda, vá para Yale! Ouvi dizer que eles gostam de sujeira! — Não sei o que essa pessoa tem contra Yale, mas tento manter a calma. Estou quase no fundo do auditório e silenciosamente me xingo por ter entrado pelo segundo andar.

— Cale-se! — A voz de uma garota se sobrepõe à conversa. Huh... alguém está do meu lado? — Estamos tentando fazer um teste aqui! — Talvez não.

— Quietos! — O professor grita, com raiva agora. — Todos. A prova começou, e isso significa que a próxima pessoa que falar tira zero. — A sala fica silenciosa instantaneamente e eu finalmente chego ao meu destino.

O professor é de meia-idade e sempre usa uma bela camisa de botão com calça. Ele tira um envelope pardo de sua pasta e me entrega. Meu nome está rabiscado na frente.

— Falei com seus outros professores — Ele diz em voz baixa para que só eu possa ouvir —, nós concordamos que sua presença na semana de provas só vai incomodar os outros alunos. Seu exame de hoje e suas provas finais de todas as suas aulas estão nessa pasta. Você pode entregá-la em minha caixa de

correio até o último dia das finais.

— Então, eles são como testes para levar para casa? — Pergunto, um pouco confusa.

— Essencialmente, sim. Não há razão para você estar no campus por uma última semana. Você vai distrair todo mundo. Você já desperdiçou... — Ele olha para o relógio. — Cinco minutos do tempo deles. Para alguns, isso pode custar-lhes uma nota.

— Desculpe.

— Está tudo bem. Apenas devolva os exames a tempo e, se puder, saia por esta porta. — Ele aponta para a que está atrás dele, aquela onde não precisarei subir todas aquelas escadas.

Dou um rápido agradecimento e desapareço rapidamente pelas portas duplas. Eu espio dentro do envelope, todos os testes dentro. É generoso. Eles poderiam facilmente ter me reprovado. Mas também me lembra como minha vida está mudando. Não posso nem me sentar mais em uma sala de aula. Como será o próximo ano? O professor vai me dar todas as provas para levar para casa? Ou talvez eles esperem que eu seja expulsa de Princeton antes que isso aconteça.

Mas com os advogados do meu pai defendendo minha permanência aqui, sei que voltarei no ano que vem.

Andando pelo corredor, encontro Lo, Connor e Ryke sentados no saguão onde os deixei pela última vez, esperando por mim. Eles conversam baixinho entre si. Levanto minha mão para acenar e chamá-los, mas um corpo dá um passo na minha frente, bloqueando meu caminho.

— Ei, você não é a infame Lily Calloway?

Ele fala alto o suficiente para que eu veja a cabeça de Lo se levantar. Seus olhos encontram os meus e eles se enchem de preocupação.

— Você é surda? — O cara ri.

Encontro seus lindos olhos verdes e examino seu cabelo loiro, um cara de vinte e poucos anos, alto com braços musculosos. Ele usa uma camiseta preta e laranja de Princeton.

— Sou Lily — Confirmo. Meus olhos passam por seu corpo novamente. Lo está de pé, mas hesita em chegar ao meu lado.

Ele ainda está com raiva de mim?

Oh, caramba, ainda estamos em uma batalha, não estamos?

Meu coração bate loucamente, e concentro minha atenção de volta no loiro.

— Também vou embora. — Dou um passo para o lado e ele segue o exemplo, prendendo-me neste ponto do corredor.

Ouçó os sapatos de Lo no chão de ladrilhos e tento relaxar.

— Por que você gostaria de fazer isso? — O cara loiro pergunta. — Ouvi dizer que você adora foder e tenho algo aqui para você. — Ele agarra minha mão, e o medo balança minha garganta. Oh, meu Deus. Nunca pensei que isso pudesse acontecer em um corredor (um pouco vazio, embora) no meio do dia. Talvez ele ache que sou tão carente e fácil quanto dizem que sou no noticiário. Talvez ele acredite que não vou me importar ou lutar com ele. Deve ser isso.

Mas não sou aquela garota. Claro, posso ter aproveitado seus avanços há um ano, mas agora eles literalmente gelam meu estômago. Recuo e tento me desvencilhar de seu aperto forte, mas ele agarra minha mão e a coloca bem em sua calça.

O que quer que eu sinta, não dura muito porque Lo agarra seus ombros por trás e joga suas costas na parede.

Eu recuo, não acostumada com a agressão física de Lo, nem mesmo quando ele prendeu Mason contra o meu carro. E ele se livra do cara em um segundo, seus olhos pulsando com algo quente e preto.

— É por isso que a América inventou o registro de agressores sexuais, seu doente de merda — Lo cospe.

— Eu não toquei nela — O louro zomba, as veias de seu pescoço inchadas. — Sua namorada vadia estava em cima de mim.

— Não estava — digo, prestes a acusá-lo eu mesma. Não tenho unhas, mas posso dar um tapa.

Ryke me agarra e eu me contorço, tentando ir ajudar Lo. — Lily, pare — Ryke diz, me segurando mais forte.

— Você quer tanto que seu pau seja tocado, tudo bem — Lo rosna, e ele faz algo que me faz parar, ficando quieta e imóvel nos braços de Ryke.

Lo bate no cara novamente, suas costas afundando ainda mais na parede, e ele coloca a mão sobre a calça do cara. A sensação nojenta que tive por tocar no louro desaparece. Eu não sou a única que fez isso. No entanto, Lo ofereceu sua mão.

O louro se debate, e Lo deve segurar com força porque seu rosto se contorce em uma careta de dor. — Me solta.

— O quê? Você não gosta mais?

— Posso processar você por assédio.

— Vamos jogar essa porra de jogo — Lo responde. — Vamos ver quais advogados são melhores. Sou um maldito Hale. Minha família come merdas como você no *brunch*. Nunca mais se force a uma garota, nunca mais. — Lo afrouxa seu aperto e então se afasta dele. O louro hesita em retaliar, mas seus olhos vão de Lo, para Ryke, para Connor, e ele resmunga uma maldição e se retira pelo corredor.

Ryke parece pronto para correr atrás dele e dar um soco.

O peito de Lo sobe, suas mãos abrindo e fechando. Vejo Jonathan em suas palavras e ações e sei que a mesma comparação deve se infiltrar em sua cabeça. Lo sóbrio ainda significa coisas, e não tenho certeza de qual era a maneira certa de me proteger – ou o que eu poderia ter feito para ajudar. Mas percebo o quanto ele odeia até mesmo a ideia de se transformar em Jonathan Hale. E por sacrificar um grande pedaço de seu coração para vir em meu auxílio, estou muito, *muito* grata. O que ele acabou de fazer por mim – não foi fácil.

Seus olhos me encontram. Dou um passo à frente e coloco meus braços em volta dele, querendo segurá-lo e agradecê-lo de uma só vez.

Lo bêbado não estaria aqui.

Eu teria que ceder aos avanços desse cara, gritar por ajuda e esperar que um Ryke Meadows estivesse por perto, ou tentar encontrar uma maneira de lutar contra um cara de um metro e oitenta.

Lo beija o topo da minha cabeça e diz: — Tem certeza de que não quer um guarda-costas? Não posso estar sempre perto de você, Lil.

Eu pensei nisso. A ideia de um cara me seguindo é um pouco perturbadora, mas depois disso, é definitivamente mais seguro. — Só se você quiser.

— Podemos escolher alguém que seja realmente feio — Ele oferece com um pequeno sorriso. Isso o fará se sentir melhor, e isso é muito importante para mim.

Eu concordo. — OK.

Eu me separo de Lo e mostro a pasta parda para Connor, que está olhando para ela com curiosidade nos últimos minutos. — Todos os meus exames —

Explico. — Os professores não me querem mais no campus. — Por razões óbvias. E agora, também não quero ficar tanto tempo aqui.

Ser viciada em sexo não dá aos caras o direito de me tocar. Não pensei que isso seria um problema até agora. Este é um problema que persistirá pelo resto da minha vida? Ou algo que vai morrer quando a mídia perder o interesse por mim?

Só o tempo tem as respostas.

CAPÍTULO 40

Lily Calloway



— Isso seria muito mais rápido se você apenas me deixasse preencher os outros dois gabaritos de resposta enquanto você trabalha naquele — diz Sebastian. Ele se senta na cadeira Queen Anne fumando seu cigarro enquanto me observa curvada sobre pilhas de papéis e gabaritos. Estou basicamente copiando as respostas dos antigos exames de Sebastian para minhas provas finais, o que parece mais uma cola do que uma simples memorização.

Mas tenho quase certeza de que deixá-lo marcar as respostas seria cola. — Não colo. — Estremeço. — Eu não colo *totalmente*. Não me tente para o seu lado sinistro.

Ele sopra uma linha de fumaça. — Sua imagem angelical foi manchada muito antes de você aceitar minha ajuda. Você e eu não somos tão diferentes, Lily. Nós dois gostamos de uma quantidade nada saudável de go...

Jogo uma almofada nele e ele a pega com a mão livre, tentando proteger o cigarro. Algumas coisas não mudaram depois que fui declarada viciada em sexo. Sebastian ainda é Sebastian. E, aparentemente, ele já viu o suficiente da devassidão de garotos ricos para que meu segredo não fosse nada fascinante. Suas palavras.

Então, liguei para ele para trazer provas antigas para todas as minhas provas finais, e ele não me olhou de maneira diferente de antes do escândalo. O que é legal.

A porta da frente se abre.

Rapidamente embaralho os exames antigos em uma pilha. Minha cabeça

gira ao redor, tentando encontrar um bom esconderijo. Levanto a almofada do sofá e os coloco embaixo dela.

Quando encontro o olhar de Sebastian, parece que ele poderia arrancar minha jugular por colocar seus exames antigos com toda a poeira. *Oops*.

A voz de Connor ecoa na cozinha. — Podemos continuar fazendo *brainstorming*. Vamos inventar alguma coisa, Lo. — Eles devem estar discutindo sobre a empresa iniciante que Lo precisa apresentar ao pai. Ele tem alguns dias para escolher uma plataforma e contou com a experiência de Connor. Eles passaram a manhã toda em uma reunião para lançar ideias – e quando digo ‘reunião’, quero dizer que eles se sentaram na *Starbucks*.

Os dois vão para a sala de estar, Connor carregando uma bandeja com cafés e um pequeno bolo. — Achei que você poderia usar alguns incentivos para fazer o teste — Ele me diz. Oh, é por isso que amo Connor Cobalt como tutor. Sorrio, mas isso cai de repente ao perceber que estou (A) mentindo para ele. (B) Colando. (C) Time Sebastian. (D) Aceitar as guloseimas apesar de tudo o que foi dito acima.

Agradeço e pego o chantilly do café com o dedo. O pecado tem um sabor delicioso.

Lo fica de lado, ocupado enviando mensagens em seu telefone. Seis dias se passaram desde nossa briga no banheiro por causa da minha autossatisfação, e ele ainda não me perdoou completamente. Nossas brigas costumavam girar em torno de nossos vícios – às vezes simplesmente nos afogávamos neles por uma semana extensa, ignorando um ao outro. Mas esta é uma luta real e normal que dói mais do que eu jamais pensei que fosse.

— Lo, você teve alguma boa ideia para a empresa? — Pergunto. Eu me ofereci para ajudar, mas toda vez que sugeria algo, ele me dizia para focar na minha saúde. Pego o *croissant* recheado de chocolate na mesa e rasgo pedacinhos para comer. Mergulho uma porção no meu café.

Lo me reconhece e seus olhos se iluminam quando me vê comendo. — A melhor escolha é um *food truck* — Ele não parece entusiasmado com a ideia.

Tomo um gole do meu café. — Você tem mais tempo. Não acabou até que a gorda cante... — Estreito os olhos. Não, isso não está certo. — Bem, neste caso a senhora gorda seria seu pai.

Ele sorri, e deve ter captado o lapso momentâneo de felicidade em minha direção, porque seus lábios se curvam rapidamente. Ele encerra a conversa

com a mudança de seu corpo.

Ainda estamos brigando, aparentemente.

— Onde está Rose? — Sebastian pergunta, acendendo outro cigarro.

Connor olha para ele, deixando a irritação cruzar seu rosto, seu peito inflando com uma inspiração profunda. — Ela está fazendo uma prova final, e você não deveria estar fumando aqui.

— E ainda... — Sebastian sopra uma baforada curta. — Estou.

O celular de Lo toca e ele entra na cozinha para atender.

Connor dá um passo em direção a Sebastian, e meu tutor maligno de repente salta de sua cadeira, ambos os caras se mantendo firmes com superioridade. Cada um deles acredita que é melhor que o outro. Não estou acostumada a impasses intelectuais.

Sebastian avalia o cigarro entre os dedos. — Ela mal se importa se eu fumo, você sabe. Se você fizesse isso, ela largaria você como fez com o último namorado. Ela encontrou um maço de cigarros no bolso do casaco dele. No dia seguinte, ele se foi. Durou uma semana extremamente longa.

— Você plantou os cigarros nele, não foi?

Sebastian dá uma longa tragada e sopra a fumaça direto no rosto de Connor.

— Perceptivo.

Connor nem se mexe. — Talvez você devesse ser.

Sebastian solta uma risada. — Você não acha que eu sou? Sei que Rose não passou quase nenhum tempo com você desde que Calloway Couture sofreu. Eu sei que ela chorou no meu ombro duas noites atrás, não no seu. Sei que ela ligou para mim, não para você, para ajudar a arrumar o escritório.

Ela já começou a encaixotar seu local de trabalho?

— Você se sente ameaçado por mim — Afirma Connor, avançando para que apenas um pequeno espaço separe seu corpo do de Sebastian. Connor tem a vantagem da altura – geralmente tem.

— Por Connor Cobalt? Um cara que está disposto a trair qualquer um se o benefício pesar a seu favor. Não, não estou sendo ameaçado por você. Eu simplesmente odeio você. — Sebastian dá-lhe uma longa olhada. — Rose sempre odiou também. Não sei o que você disse que a fez mudar de ideia.

— Ela nunca me odiou — Connor diz casualmente.

— Ela reclamava de você o tempo todo na escola preparatória. Ela voltava

do *Model UN* e eu tinha que ouvi-la falar sobre como *Richard* fez um tratado contra os melhores interesses de seu país. Como *Richard* ganhou a maior honra por combater ações terroristas. — *Model UN* soa levemente intenso e levemente assustador.

— Para um cara tão inteligente, você realmente não sabe nada — Connor diz, sua voz calma. — Ela gosta de mim, Sebastian. Ela *reclamou* com você porque se sentiu atraída por *mim*, um cara que a irritou mais do que a acalmou, e isso a irritou. — Connor rouba o cigarro de seus dedos. — E se você realmente se importasse com aquela garota, perceberia que toda vez que fuma nesta casa, você desencadeia o TOC dela.

Os lábios de Sebastian se contraem.

— Você não sabia disso, sabia? — diz Connor. — Enquanto ela chora em seu ombro por causa de sua companhia, ontem ela passou a noite no *meu* apartamento. E passei quatro malditas horas acalmando-a porque *você* colocou ideias malucas na cabeça dela. Você fuma, mexe nas coisas dela e a devolve para mim inquieta. Ela anda de um lado para o outro, murmurando expressões que não fazem sentido, e eu tenho que descobrir como colocá-la de volta no lugar. Você não é amigo dela; você é um parasita.

Deixo a *croassaint* cair no meu colo.

Sebastian fica sem palavras, os lábios pressionados com força.

Connor venceu este *round*. Mas quando Rose entrar na briga, só espero que ele consiga vencer toda a batalha.

Depois que Connor apaga o cigarro em seu copo vazio, ele magistralmente reprime seu aborrecimento em relação a Sebastian e seus olhos caem para fichas de resposta espalhadas. — Você deve fazer isso em um ambiente de teste silencioso, de preferência em algum lugar limpo. — Ele recolhe as embalagens de chiclete e as revistas amassadas de Sebastian, jogando-as em uma lixeira próxima.

— Ela está bem — diz Sebastian, encontrando sua voz novamente.

— O que você está fazendo aqui? — Connor pergunta. — Se Lily está fazendo as provas finais, ela não precisa mais ser ensinada.

— Estou acompanhando os exames para ela não colar — Mente. Quero bufar, dado o fato de que minutos atrás ele se ofereceu para marcar meus cartões.

— Eu posso fazer isso — diz Connor. — Vá propagar o câncer em outro

lugar. — Ele se senta ao meu lado – bem na mesma almofada onde escondi os testes.

Ouç o *rangido* e o *crepitar* dos papéis, abafados, mas ainda distinguíveis. Fecho os olhos e conto até cinco mentalmente. Isso não pode estar acontecendo.

— Lily — diz Connor tenso —, sentei em pornografia?

O quê?! Abro um olho e encontro o olhar de Connor. Espero que ele fique calmo do jeito normal de eu-sou-Connor-Cobalt-e-não-mostro-emoções-reais. Em vez disso, ele coloca uma expressão de desapontamento muito boa. Este é o momento em que posso me assumir como um trapaceira ou levar o golpe por esconder pornografia. Não há outra opção.

Passei dias sem autossatisfação ou qualquer tipo de sexo de Lo, tentando desesperadamente voltar a ter boa fé com ele. Tudo isso será desperdiçado em um momento se ele pensar que são revistas sujas. E estou tão cansada de mentir.

— Não é pornô — Confesso.

Connor se levanta e tira a almofada. Ele olha para os papéis, o exame final com um nome aleatório (Jeremy Gore) e uma nota (A-).

Ele balança a cabeça. — Eu sabia — diz com bastante calma, juntando todas as peças com tanta facilidade. Deve ser uma característica de pessoa inteligente. Aposto que Sherlock Holmes era um gênio certificado.

Sebastian revira os olhos e pega o telefone, como se tudo isso fosse muito chato para ele, mas imagino que Connor o esteja fazendo tremer internamente, faltando mais alguns movimentos para destroná-lo na vida de Rose.

Recolho os testes antes que Connor tente jogá-los fora. Ainda tenho exames finais para fazer. — Eu posso explicar — digo enquanto endireito os papéis no meu colo.

Ele devolve a almofada ao seu estado original e, antes que eu possa dar uma explicação, a porta da frente se abre.

— Só porque a moto pode chegar a duzentos e quarenta, não significa que você deva ir tão rápido. Você quase bateu num carro atrás de você.

— Você está exagerando — diz Daisy.

— Ele buzinou para você.

— Ou ele buzinou para você. Você estava em cima das minhas luzes de freio.

— Eu estava a três metros atrás de você e, da próxima vez, vou levá-la a uma pista de corrida.

— Verdade? — Consigo ouvir o sorriso por trás da palavra.

— Sim, se você quiser se matar, pelo menos não vai causar um engavetamento de cinco carros enquanto estiver fazendo isso.

Quando eles entram na sala, Daisy está sorrindo de orelha a orelha. Ambos carregam capacetes de moto debaixo do braço, lembrando-me que Ryke concordou com a oferta de Daisy. Cerca de uma semana atrás, ele disse a ela que ficaria com a *Ducati* preta em troca de ensiná-la a andar *com segurança*, o que deve ser um trabalho difícil com Daisy como aluna.

— Você deveria ser tutor dela — Connor diz a Sebastian, raiva real fervendo em seus olhos. É meio assustador.

Ryke e Daisy ficam quietos na escada, percebendo que entraram em uma... situação.

Sebastian guarda o telefone no bolso do *blazer*. — Você e eu sabemos que é uma causa perdida. Fiz um favor a ela.

— Ela não precisa de outra esmola. — Ele invade o espaço de Sebastian novamente. — Você é um idiota preguiçoso e hipócrita que lucra com bebês apáticos. Os alunos que precisam desses exames são os que não podem pagar. Você conscientemente perpetua um ciclo repugnante. — Ele olha para ele como se fosse merda na sola do sapato. — Você mantém as crianças ricas estúpidas e as crianças, pobres.

— O que está acontecendo? — A voz de Rose congela toda a sala.

Ninguém se mexe. Ela fica perto de Daisy e Ryke, que devem ter deixado a porta da frente aberta. Ninguém a ouviu entrar.

Sebastian escapa do bloqueio de Connor. — Peguei seu namorado fumando isso. — Ele aponta para o cigarro apagado na xícara de café. — E então ele me acusou de ajudar Lily a colar.

Connor parece que poderia chutar a bunda de Sebastian. E esse rosto – de puro veneno – não aparece com frequência. Ou, pelo menos, raramente o vejo desde que somos amigos.

Rose olha para Ryke e Daisy para verificação.

— Acabamos de chegar — diz Daisy.

Ryke também não vai responder por Connor. Eles não são os melhores amigos, pois suas personalidades se chocam mais do que se complementam.

Rose nem me pergunta se Sebastian me ajudou a colar ou se Connor fumou todos aqueles cigarros. Acho que ela não vai confiar na minha resposta, de qualquer maneira, mesmo se der a resposta certa.

Mas tenho que tentar. — Eu coleí — digo a ela em voz alta.

Ela me ignora. Tanto para a honestidade.

Minha irmã se aproxima dos dois rapazes e coloca as mãos nos quadris, olhando entre eles. Connor a encara com tanta intensidade, basicamente falando através de seus olhos cheios de alma.

Rose se envolve com ele, incapaz de se afastar.

Sebastian entra em pânico e coloca a mão no ombro dela. — Rose, ele está manipulando você. É o que ele faz.

Rose se encolhe.

— Não duvide de si mesma — Connor diz a ela. — Não para esse cara, não para ninguém.

Rose vacila.

— Pense nisso — diz Connor. — Você me disse que ele lucrou com a venda de testes antigos antes.

— Os cigarros...

— Você me conhece há quase dez anos. Eu segurei você em meus braços. Eu te beijei. Você já sentiu cheiro de fumaça em mim antes?

Sebastian interrompe: — Rose, ele convenceu Brad a abrir mão de sua presidência da *Lambda Kai* para que outra pessoa pudesse assumir o cargo. Ele pode fazer as pessoas fazerem coisas que nunca fariam.

Connor olha para ela. — Jamais iria manipular você. — Mas ele não nega que já fez isso antes, que usa todo o poder que tem para conseguir o que quer. Eu sempre soube que Connor fazia coisas para seu benefício, não pela bondade de seu coração, mas ouvindo isso de outra pessoa, bem, isso torna tudo real.

Sebastian diz: — Ele namorou Hayley Jacobs apenas para que o pai dela escrevesse uma recomendação para Wharton. Ele está com você por causa do seu nome. Quantas vezes já te disse isso?

Os olhos de Rose se estreitam para Connor. — Meu pai escreveu uma recomendação para você?

— Ele ofereceu, sim.

— E você aceitou?

Ele não diz nada.

— Inacreditável. — Seu rosto se contorce como se ele tivesse pisado em seu coração. Eu me levanto, prestes a ir para o lado dela. Mas hesito quando ela aponta o dedo para Connor. — Você veio comigo aos almoços de domingo de meus pais porque estava tentando se infiltrar nas boas graças de meu pai.

— Não, eu fui com você porque você é minha namorada — diz ele, aproximando-se dela.

Ela levanta o queixo, que começa a tremer apesar de sua força. — Confiei em você. E todo esse tempo...

— Nunca menti para você — diz ele. — Você sabe mais sobre a minha vida do que qualquer outra pessoa. Não compartilho as coisas de bom grado, você sabe disso sobre mim. Por que eu deixaria você entrar?

Rose sussurra: — Você está brincando com a minha cabeça.

— Não — Ele diz novamente, com força para que ela entenda. — Ele está.

Os dedos de Sebastian cavam mais fundo em seu ombro. — Você me conhece desde que éramos crianças. Só tenho o seu melhor interesse, Rose.

Mas seus olhos permanecem grudados em Connor.

— Rose — Connor diz com tanta empatia, olhando para ela com uma paixão que quase faz meu coração parar. — Você me conhece.

Ela respira fundo. — Só isso, Connor, acho que não o conheço. Não acho que alguém realmente conheça.

Sebastian começa a sorrir, e Connor parece pronto para gritar.

Rose acrescenta: — Quero que você vá embora.

Não sei dizer a quem ela dirige até que o sorriso de Sebastian desapareça completamente. — Rose, você não ouviu ...

— Eu ouvi você — diz ela. — Ouvi dizer que você fala mal sobre Connor toda vez que estou com você e, embora concorde que ele não é o ser humano mais próximo quando se trata de sua vida pessoal, ainda é meu namorado. *Jamais* permitiria que Lily colasse. *Odeio* o fato de você fumar. E *não* vou aceitar sua sugestão para parar a Calloway Couture. Vou desfazer meu escritório. Vou lutar pela minha empresa. Vou fazer o que for preciso, e vou parar de ouvir você me dizer que *não posso* superar essas probabilidades.

Isso aí, Rose. Eu acho que estamos todos sorrindo. Exceto Sebastian.

Ele balança a cabeça para ela. — Ligo para você amanhã quando você não

estiver sendo tão mal-humorada.

— Não — diz ela. — Vou bloquear seu número. Você não vai me ver ou falar comigo. Nunca mais quero ouvir nada de você.

Sua boca cai. — Você ouviria ele? Rose, eu te conheço há mais tempo.

— Ele me conhece melhor.

Sebastian continua balançando a cabeça.

Rose olha para Connor, os ombros tensos com força. — Você pode tirá-lo de casa? Preciso ir... — Seus olhos voam para longe, procurando o quarto dela como se tivesse desaparecido.

— Claro — Ele diz facilmente. A mão dele cai para as costas dela, e ele sussurra algo em seu ouvido antes de beijá-la profundamente. Ela retorna o carinho, mas há tristeza nos olhos que não existia antes – o estresse de *tudo* pesando nela. E tenho a sensação de que Sebastian ajudou a aumentar todos os dias.

Quando eles se separam, Rose se vira para mim. Fico em guarda. Oh, não. Ela vai gritar comigo por colar. Abro minha boca, prestes a soltar uma série de desculpas sinceras, mas seus braços se arremessaram em volta dos meus ombros e ela me puxa para um grande abraço de irmã. Um que ela raramente dá, mesmo quando está de bom humor.

— Sinto muito — Ela sussurra no meu ouvido. — Te amo. — Eu sinto suas lágrimas no meu ombro. — Estou aqui se você precisar de mim agora. Eu prometo.

Acho que não mereço isso. Arruinei a empresa dela, mas, ao mesmo tempo, estou impressionada por ter o apoio da minha irmã novamente. Ela é minha maior e melhor líder de torcida.

Então a abraço de volta. Quero perguntar se ela ficará bem com todas as coisas de Connor e Sebastian, mas ela coloca um beijo na minha bochecha e gira em direção ao quarto principal.

Connor a observa cuidadosamente, e Rose encontra seu olhar por um único segundo, enxugando as lágrimas do rosto. Acho que eles podem ler a mente um do outro ou algo assim porque ele acena para ela e ela acena de volta e desaparece.

Connor guia Sebastian em direção à saída.

Os olhos de Sebastian piscam para os exames no meu colo.

— Você não vai recuperá-los — Connor diz a ele.

— Sabe — diz Sebastian —, espero que você parta o coração dela. Ela merece o que está vindo.

— Você também — diz Connor, batendo a porta na cara de Sebastian.

Quando a tensão começa a diminuir na sala de estar, Ryke diz: — Bem, aprendi uma merda hoje. — Seus lábios se erguem. — Connor tem coragem.

Connor respira fundo e qualquer ansiedade ou raiva desaparece como o vento, indetectável pelo olho humano comum. — Fico feliz por poder entretê-lo. — Seus olhos piscam entre o corredor onde Rose desapareceu e eu.

Ele vem para perto de mim, o que só aumenta meu frio na barriga. Ele fica na frente do sofá, com as mãos escorregando em sua calça.

— Você realmente me vê como um bebê apático do fundo fiduciário? — Pergunto, lembrando de alguns dos insultos que inadvertidamente voaram em minha direção. Tenho sido preguiçosa e indiferente em relação à faculdade. Deveria ter tentado mais.

— Tecnicamente, você não tem mais um fundo fiduciário — Connor me diz. Suas palavras não levantam meu ânimo e não mereço um dia melhor. Sou a culpada aqui. — Você deveria ter me dito que estava colando quando perguntei.

— Não vou conseguir passar sem os antigos exames — Defendo rapidamente.

— Você consegue — Retruca Connor. — Já te dei aulas particulares e sei que, se você estudar, consegue passar.

— Não posso correr esse risco. Me afundei nos dois primeiros testes. Já estou um semestre atrasada e, se for reprovada nessas matérias, estarei atrasada um ano inteiro. — Seguro os testes no meu peito, não querendo deixá-los passar por cima da bússola moral de Connor. — Não é traição. Estou vencendo o sistema. Todo mundo faz isso.

— Você já venceu o sistema por estar em Princeton. Por estar na Penn. Se você não tivesse seu sobrenome, estaria em uma faculdade comunitária. Onde você deveria estar, Lily. Quantas vezes você vai bater no sistema até que ele te bata até a morte? — Suas palavras são pesadas e têm mais significados duplos do que posso processar. — Você não precisa de um A. Você vai ficar bem se se formar com uma média baixa no final. Faça um favor a si mesma. Jogue fora esses testes e eu a ajudarei a fazer as provas finais. Vou garantir que você aprenda o material para passar. Eu prometo.

— Tenho que entregá-los hoje às seis horas — digo. — Isso não é possível, Connor.

— São testes para levar para casa — Ele me lembra. — Você tem permissão para usar suas anotações e seu livro. Apenas não exames antigos. Nós podemos fazer isso acontecer.

— Todos nós podemos ajudar — Daisy exclama com um sorriso. — Tenho a receita dos brownies de estudo perfeito.

Ryke dá uma olhada para ela.

— Não esse tipo de brownie.

O empreendimento parece maior do que eu, mas tenho apoio. — Você deveria ir falar com Rose — digo a ele. Não quero afastá-lo dela mais do que já fiz.

— Ela vai querer ficar sozinha agora — diz ele. Não tenho tanta certeza disso, mas ele acrescenta: — Confie em mim. — E por alguma razão, confio. Talvez Sebastian esteja certo. Talvez Connor tenha poder em suas palavras.

Uma hora depois, terminei uma prova final de Ciência Política e fui para Estatística. Uma bandeja de brownies quentes e pegajosos emite um aroma doce de chocolate na minha frente. Estou basicamente comendo o prato inteiro. Daisy folheia sua revista de motocicletas, sem tocar em nenhum.

Ryke saiu há trinta minutos, antes que os brownies fossem retirados do forno. E suspeito que se ele estivesse aqui, teria cutucado Daisy até que ela pelo menos provasse um pedaço.

Eu deveria estar cem por cento focada no meu teste, mas Lo subiu as escadas não faz muito tempo. Ele nunca disse uma palavra sobre seu telefonema ou meus testes. Ele simplesmente desapareceu.

Apresso-me com a prova de Estatística, lembrando-me inconscientemente de algumas das respostas de quando as debati com Sebastian. Termino nos próximos quinze minutos, chutando as duas últimas. O livro foi útil, mas as anotações de Connor foram melhores. Ele se sentou ao meu lado e rabiscou exemplos que tornavam as questões mais difíceis muito mais fáceis.

Não consigo parar de pensar em Lo. Lá em cima. Ele só se isola quando está bebendo e, como está sóbrio, não tenho certeza do que realmente significa um tempo sozinho para Loren Hale. Eu me preocupo do mesmo jeito.

— Posso fazer uma pausa de cinco minutos? — Pergunto a Connor ao meu lado. — Preciso ir falar com Lo.

Ele verifica o relógio, calculando quanto tempo vou levar para terminar a tempo de entregar as provas. — Você tem dez minutos antes de eu ir buscá-la. Então, por favor, não me deixe pegar você e Lo fornicando.

Fornicando. Sorrio. É uma palavra tão chique para foder. — Não vamos.

Subo as escadas correndo para o meu quarto, parando na porta por um segundo. Hesito em entrar. Talvez ele queira ficar sozinho, realmente sozinho. O pensamento me esfaqueia, e tiro minha mão da maçaneta. Ele está lentamente se afastando de mim? É isso?

Meus ombros se erguem.

Não vou deixá-lo ir tão facilmente.

Abro a porta e me preparo para o que está por vir.

Lo está sentado à escrivaninha, navegando por diferentes *sites* no computador. De costas para mim, vejo-o analisando um *site* comercial. Quando fecho a porta, ele gira na cadeira e nota que sou só eu antes de voltar ao laptop.

A rejeição casual arde.

Antes da nossa briga, ele teria me pedido ajuda. Ele teria jorrado sobre todas as suas ideias. Sou amiga dele em tudo há anos e, de repente, me tornei tão útil quanto a poeira no parapeito de uma janela.

— Você não deveria estar fazendo as provas finais? — Pergunta.

— Estou no intervalo — digo, afundando na cama.

Ele se concentra na tela do computador.

Ele está crescendo sem mim? Meu pior medo pode estar começando a se tornar realidade. Ele está forte, comprometido e sóbrio. Não sou saudável e estou lutando contra meu vício. Minha fraqueza é demais para ele. Estou puxando-o para baixo. Sou um peso.

E o estou perdendo. Assim como perdi todo o resto.

— Lo — Tento manter minha voz firme.

Ele me encara desta vez, a preocupação marcando sua testa.

Abro a boca, uma dor no coração. — Você quer terminar comigo?

— O quê? — Ele tropeça.

— É só... nunca brigamos por tanto tempo antes, e não consigo mais dizer o que você está pensando. — Minhas inseguranças jorram como uma piñata quebrada, e eu desejo desesperadamente juntar todos os doces e colocá-los de volta dentro.

— Lil — Ele respira, de pé. Vem até mim e pega meu rosto em suas mãos, olhando para baixo. — Nunca mais me pergunte isso. — Sua voz é suave, mas ainda afiada.

— Eu não culparia você — digo, torcendo sua camiseta na minha mão. — Quero dizer, tentaria impedi-lo, mas entenderia. Você é forte e eu sou... — *Uma bagunça.*

Ele enxuga minhas lágrimas caídas, com o polegar. — Estive na reabilitação — Ele me lembra. — Tive muita ajuda, Lil. Seu vício é muito diferente e há menos apoio no seu caso. Eu sabia que seria forte e você estaria lutando. É do jeito que é. Estou preparado para isso. Não vou embora. Nunca vou embora, porra.

Estou prestes a dar um abraço e ele se retira. — Mas isso não lhe dá o direito de cair em seus velhos hábitos. OK?

— Eu sei. Eu sei. — Brinco com meus dedos. — Ainda estamos brigados? Quer dizer, eu entendo se você ainda quer ficar chateado. Mas sinto muito. Sinto muito mesmo por ter decepcionado você. — Isso não está totalmente certo. Acho que depois de hoje, especialmente da minha conversa com Connor, sei quem estou decepcionando mais. — Sinto muito por ter decepcionado.

Seus lábios se erguem um pouco. — Aceito esse pedido de desculpas.

Ele me abraça e prometo a mim mesma que vou me esforçar mais. Mesmo que tudo comece a se desviar de novo, vou me lembrar desse momento, quanto tempo demorei para consertar o que fiz de errado. Não quero começar esse ciclo vicioso novamente. Quero quebrá-lo. Quero vencer meu vício para sempre, não importa se forças externas me puxem para baixo.

Posso fazer isso desta vez.

Por favor, deixe-me ter sucesso.

CAPÍTULO 41

Loren Hale



Gostaria de poder dar a Lily os passos claros para sua recuperação, as dicas na reabilitação, todas as pessoas compartilhando suas histórias por horas a fio – tudo o que eu tinha, as coisas que às vezes considero certas. Mas a recuperação do vício em sexo é tão subjetiva e pessoal. Nunca será o mesmo. Tudo o que posso fazer é tentar estar aqui para ela da melhor maneira possível, especialmente depois do vazamento.

Destruí todos os brinquedos dela, até o vibrador que Ryke encontrou na banheira. Ela fica nervosa sem eles, mas eles são um cobertor de segurança que não estou mais disposto a deixá-la usar.

Lily geme e cai na cama, com as mãos na barriga. — Estou cheia.

Sorrio. Pedi três tipos diferentes de macarrão e pizza de um restaurante italiano local e praticamente a alimentei com pão de alho. Comemoramos o fim do semestre. Ela entregou suas provas finais esta noite com apenas alguns minutos de sobra. Falou o que aconteceu com Sebastian e Connor, e estou orgulhoso dela por tomar a decisão certa.

— Muito cheia para fazer sexo? — Pergunto. Eu levanto minha camisa sobre minha cabeça e a jogo de lado.

Ela apoia o corpo nos cotovelos, com os olhos arregalados. — V-você quer fazer sexo comigo? — Pergunta como se de repente fosse contagiosa. Esta não é a reação que eu esperava. Achei que ela fosse me abraçar e partir para o ataque, tentando tocar meu pau antes que eu pudesse me proteger.

Mas ela permanece na cama, com as pernas dobradas debaixo dela. Ela já vestiu a camisa do pijama, que é a minha camisa, e a vi colocar uma calcinha. Ela geralmente sobe na cama sem eles, pensando que a entrada fácil vai me atrair para transar com ela. Eu conheço os jogos dela.

Hoje à noite, pretendo fazer sexo com ela. Por um lado, estou com tesão e realmente gostaria de foder minha namorada. Em segundo lugar, finalmente aceitei seu pedido de desculpas. Terceiro, ela tem que ver seu novo psiquiatra amanhã e estou preocupado que esse cara vá lançar alguma abstinência nela.

Eu a estudo da cabeça aos pés e decido que quero provocá-la um pouco. Ceder é muito fácil. — Você está certa, talvez não devêssemos. Você tem se comportado mal. — Agora, de cueca boxer, subo na cama, onde ela fica imóvel.

— Mau bom ou mau ruim? — Ela pergunta.

— Isso não faz sentido — digo com um sorriso. Eu alcanço a mesa de cabeceira e paro. Este seria o momento em que eu pegaria meu *whiskey*. Mas neste momento, só quero uma coisa. E não é bebida.

Abro a gaveta e procuro uma camisinha. Assim que Lily vê o pequeno pacote, ela rasteja até mim e estende as duas mãos como se estivesse tentando pegar chuva. É além de adorável.

— Fui mau boa naquela hora — Ela me diz.

— Você foi muito ruim — Refuto, não dando a ela a camisinha ainda. — O que você aprendeu esta semana?

Ela deixa cair as mãos. — Autossatisfação não é para mim... mesmo em bolhas. As pessoas em Princeton odeiam Yale e meu namorado é muito sexy quando defende minha honra.

— As pessoas em Princeton odeiam Yale? — Pergunto, surpreso.

— Sim, também não entendi.

Meus olhos vão no seu anel. Na banheira, eu sabia que ela estava mentindo sobre querer ver se o diamante poderia ser tingido de rosa, mas me pergunto se ela realmente não gosta dele. Eu só a vi olhar para ele com desdém.

— Você sabe — digo, pegando sua mão esquerda e esfregando meu polegar sobre o diamante. Ela endurece um pouco. —, se você odiar, sempre posso comprar um novo para você. Esta proposta pode ter sido besteira, mas o noivado é real.

Ela retrai a mão e balança a cabeça. — Não, está bem. As meninas

morreriam por um anel como este.

— Só porque outras garotas gostariam desse anel não significa que você tem que mantê-lo.

— Pode não ser o anel dos meus sonhos — Ela admite —, mas quero mantê-lo. — Ela aponta para a minha outra mão, aquela com a camisinha. — Vamos voltar ao que é importante aqui.

Não dou o pacote para ela. Em vez disso, pressiono meus lábios nos dela, segurando sua nuca para trazê-la para mais perto de mim. Ela retribui instantaneamente e passa os braços em volta do meu pescoço. Minha boca se funde com a de Lily, nossas línguas se roçam e eu chupo seu lábio inferior. Ela aprofunda o beijo, suas mãos subindo e agarrando meu cabelo. Ela beija avidamente, como se fosse a porra de sua força vital.

Eu tenho que me separar só para tomar ar.

Sua boca trilha meu pescoço e sua mão se move sobre minha cueca boxer, esfregando meu pau. É bom demais para exigir que ela pare. Minhas mãos deslizam por baixo de sua camisa folgada e encontram seus seios, agarrando-os e amassando-os até senti-la ofegar contra meu pescoço.

Seus movimentos começam a se intensificar e ela puxa minha cueca boxer, meu pau saltando para fora. *Droga*. Rapidamente, pego suas mãos nas minhas e a puxo para longe do meu pau. É preciso todo o meu controle para não a deixar me dar prazer imediatamente.

Ela continua de joelhos, mas eles se separaram consideravelmente e eu dou uma olhada no ponto entre suas pernas. Já posso ver a umidade escorrendo por sua calcinha de algodão. Quando eu olho para cima, seus olhos não se moveram dos meus.

— Você pode me ensinar como ser o bom ou o mau?

Cristo. *Eu quero dentro de você.*

— Não é fácil — digo a ela.

— Por favor.

Ela nunca desistiu de seu controle durante o sexo. Assim não. E acho que é o momento perfeito para fazer algo que ela estava esperando.

O mais rápido que posso, abaixo minha cueca e a jogo no chão. Ainda encostada na cabeceira da cama, pego a camisinha no meio dos lençóis e a abro com os dentes. Ela estende as mãos novamente daquele jeito bonitinho. Não tenho força de vontade agora para deixá-la colocar em mim sem tomá-la

forte e rápido. Então ignoro seus pedidos e deslizo a camisinha ao longo do meu eixo em dois movimentos rápidos.

Ela não diz nada, mas se afasta e se deita, esperando que eu a possua, como se eu fosse ficar por cima. Deus, adoro o fato de que vou dar-lhe uma grande surpresa.

— Não — digo e agarro a mão dela, deslizando-a de volta para mim. Pego sua perna esquerda e seu quadril, colocando-a no meu colo com facilidade. Ela monta em mim e se apoia com as mãos no meu peito. Seus olhos se arregalam em choque.

— Eu vou... nós vamos...

Eu não consigo parar de sorrir.

Sua cabeça cai lentamente até que ela está olhando para o meu pau que está bem contra sua boceta, esperando (impacientemente) para estar dentro. Ela olha de volta para mim. — Isso não está na lista proibida?

— Não, amor.

Ela franze a testa. — Você acha que, como a Dra. Banning não é mais minha terapeuta, posso ver essa lista?

— Mesmo que ela não seja sua terapeuta, ainda vamos obedecer a essa lista — digo. Não tenho intenção de foder com todo o progresso que ela fez. E quem sabe quanto tempo durará seu novo psiquiatra? — Então, não quero que você veja. — Ainda não, pelo menos.

Ela balança a cabeça e fica de joelhos, agindo como se fosse colocar meu pau dentro dela. Seguro sua cintura, parando-a. Ela parece confusa, e a parte excitada em mim também. Por que diabos estou arrastando isso?

— Se você vai ficar por cima, temos que ter regras — digo a ela.

— Oh.

— Você disse que queria ser boa e má.

— Quero. — Ela toca meu peito nu com as mãos e seus olhos caem para o meu abdômen. Ela se distrai com muita facilidade.

Inclino seu queixo para cima, seus olhos pousando nos meus novamente. — Não se mova.

— O quê?

Antes que eu possa responder, a levanto pelos quadris e a coloco suavemente sobre meu pau. Sua calcinha ainda está com ela, mas puxo o tecido para o lado e tiro do meu caminho enquanto a abaixo. Ela agarra meu

pescoço e solta uma respiração irregular que rapidamente se transforma em um gemido.

— É isso — digo a ela, colocando-a sobre mim. Fecho meus olhos por um segundo, me aquecendo no aperto, finalmente dentro dela... Quando a preencho completamente, ela empurra seus quadris, começando a balançar contra mim.

Agarro sua cintura novamente. — Não se mova.

Ela estremece com minhas palavras. — Então você se move — Implora.

— Estou levando a porra do meu tempo — Respondo, passando a mão por baixo de sua camisa, massageando seu seio mais uma vez.

Ela solta um longo gemido e pressiona a testa no meu ombro, mas não move os quadris dessa vez. — Como você não está morrendo?

Estou. Mas quero que dure demais para ceder aos meus impulsos.

— Lo, preciso gozar.

— Você quer gozar — Refuto. — Você não precisa fazer isso. — Meus lábios encontram sua orelha e chupo suavemente no local sensível. Outra respiração escalonada ressoa através dela.

— Não é assim que parece.

Levanto sua camisa passando por sua barriga, mas ela se recusa a se desvencilhar de meus ombros para permitir que o tecido saia de seus braços e sobre sua cabeça. — E quero você nua, mas aparentemente nem todos nós conseguimos o que queremos.

Ela se mexe um pouco, fazendo com que seus olhos vibrem, mas seus braços voam fracamente para o ar. Tiro a camisa e meus olhos caem em seus mamilos intumescidos, implorando por minha atenção. Minha língua desliza sobre os pequenos botões, e ela começa a girar contra o meu pau. Todo o meu corpo se inflama, aquecendo com um prazer inegável. Sou eu quem geme desta vez, mas consigo detê-la novamente. Minhas mãos plantam decisivamente em seus quadris, fazendo-a parar. Aproveito a oportunidade para deixá-las deslizar para sua bunda e apertar.

— Se você se mexer de novo — digo a ela. — Vou enfiar dentro de você duas vezes e gozar e então teremos terminado por esta noite. — Sua boca forma um ‘O’ perfeito e ela continua balançando a cabeça como se eu tivesse anunciado o apocalipse. — Agora, seja uma boa garota má e fique quieta enquanto eu fodo você.

Sua cabeça inverte o curso e começa a balançar para cima e para baixo.

Não mencionei que também não consigo ficar parado por muito mais tempo. É tudo uma questão de percepção, e ela precisa pensar que eu poderia esperar a eternidade com meu pau aninhado firmemente dentro dela.

Depois de beijar seus lábios uma última vez, agarro sua bunda o mais forte que posso e levanto meus quadris para cima. Ela solta o barulho mais bonito, como se eu tivesse atingido mil nervos. Faço isso de novo, pulsando meu pau para cima e para baixo, para cima e para baixo. Rápido e lento. Para cima e para baixo. Enfio meu pau tão fundo que ela se agarra a mim, tentando se segurar. Eu libero uma das minhas mãos de seus quadris para colocá-la em sua cabeça, trazendo sua boca para a minha. Nós nos beijamos e fodemos e quando ela está à beira, tenho que diminuir a velocidade para que ela não goze.

Ela choraminga contra o meu corpo, e minha respiração fica irregular enquanto tento fazer isso durar o máximo que posso. Depois de um tempo, ela pressiona os lábios no meu pescoço, não tendo energia suficiente para percorrer a distância até minha boca. — Por favor — Implora, sua voz cheia de puro desejo. — Por favor, por favor, por favor. — Ela beija minha clavícula e acabou.

Pego seus quadris em minhas mãos e começo a enfiar com tanta força e rapidez que ela começa a gritar. Suas ondas de prazer colidem com ela e fluem para mim. Ela agarra a parte de trás do meu cabelo, minha cintura, meus braços, minhas coxas, qualquer coisa para mantê-la ereta enquanto seu orgasmo a atinge.

Ela afunda em meu corpo, e saio dela lentamente. A exaustão toma conta de mim, e sei que essa é a parte mais difícil. Quero que ela fique saciada; quero que uma longa e dura transa seja suficiente. Um dia, sei que chegaremos lá. Mas hoje não é esse dia.

Ela já está deslizando para fora do meu corpo e se ajoelhando ao lado da minha cintura. Olho para o relógio e avalio quanto tempo nos resta, e então eu a sinto pegar meu pau em suas mãos.

Com uma das mãos tiro o cabelo dela do rosto, e ela afunda a boca em volta do meu pau. Minha respiração se equilibra enquanto observo sua língua lambar a cabeça e lambar todo o caminho para baixo. Está quente como o inferno. Eu fecho meus olhos e relaxo contra seus movimentos. Ela toca meu

pau com a força perfeita, conhecendo todos os lugares para chupar. E não demora muito para eu ficar duro como pedra de novo. Seus movimentos se tornam mais rápidos e determinados. Eu até mantenho sua cabeça firme quando ela envolve seus lábios em volta do meu longo eixo. Seus olhos voam até os meus como olhos de corça... e ela tem todo o meu pau em sua boca. Isso, bem aqui, é o que mais me excita.

Ela começa a mover a boca para frente e para trás novamente, e tenho que tuxá-la para fora. — Mas quero que você goze na minha boca — diz.

Pelo amor de Deus. Ela não torna isso fácil.

— Bem, quero gozar na sua boceta — Retruco. — Vejo que temos uma situação difícil. Devemos pular essa parte?

— Não!

Sorriso. — Achei que não. — Eu a coloco de costas e minha mão desliza entre suas pernas, sentindo o quão encharcada ela está. Sei que ela está tomando pílula, então não me preocupo em pegar outra camisinha. Quero enchê-la com minha porra, me deixar dentro dela a semana toda.

Paira sobre seu corpo, meus olhos nos dela. Ela olha para mim como se eu fosse o único homem no mundo, como se ela pudesse ficar aqui nesta cama para sempre. Temos mais dez minutos e é isso, mas acho que ela não está contando. Se seu novo psiquiatra a obrigar a ficar abstinente e esta for a última vez que podemos foder, vou fazer valer a pena. Vou fazê-la lembrar de cada movimento e detalhe.

Vou tornar este inesquecível.

CAPÍTULO 42

Loren Hale



Muita coisa pode acontecer em um mês.

Lily passou milagrosamente nas provas finais e em todas as aulas, o que significa que ela irá para Princeton no ano que vem como aluna do último ano. Apenas um semestre atrasada. As aulas particulares de emergência de Connor provavelmente contribuíram para o sucesso dela.

O verão ficou mais intenso e agora, no final de junho, estamos todos rezando silenciosamente por chuva.

O tempo é a única coisa que posso prever mais. Achei que quatro semanas seriam suficientes para dissuadir a mídia e nos levar de volta às nossas vidas seminormais. A imprensa pode estar um pouco menos voraz, mas os carros ainda ficam do lado de fora dos portões da casa, tirando fotos sempre que saímos.

Terças e quintas são as piores.

Sentamo-nos em um escritório de canto de um arranha-céu da cidade de Nova York, e o Dr. Oliver Evans me dá uma de suas carrancas patenteadas de você-não-deveria-estar-aqui. Eu não confiava em Lily para ver um novo terapeuta *masculino* para seu vício em sexo, então, naturalmente, eu a acompanhei em seu primeiro encontro.

As teorias de Oliver sobre o vício em sexo são uma volta de cento e oitenta das de Allison, e nosso encontro inicial não foi tão bom. Quase bati no cara e saí andando. Mas Lily é inflexível em apaziguar seus pais e consertar as coisas com sua família. Ela queria voltar a esses compromissos semanais, e a única

maneira de dormir à noite é se acompanhá-la.

Então, Oliver me encara como se eu estivesse irritando seu último nervo psiquiátrico. Ele tem quarenta e poucos anos com cabelo castanho-escuro e óculos retangular que o faz parecer mais tímido do que inteligente.

— Já se passaram quatro semanas — Lembro-o. — Achei que já seríamos amigos, Oliver.

Ele percebe meu sarcasmo e rabisca algo em seu caderno. Isso não é terapia de casal. É para ser apenas para Lily, mas muitas vezes ele começa a escrever sempre que começo a falar. Ele acha que isso me irrita, mas só espero que ele tenha uma câibra na mão.

— Lily, como você está se abstendo de sexo? Um mês é um marco para um viciado em sexo. Você deveria estar orgulhosa.

Ela cruza as mãos no colo. — Tem sido bom.

Foi bom. Nas primeiras semanas, realmente acreditei que poderíamos fazer uma regra de proibição de sexo funcionar. Mas na terceira semana, ela estava arisca como o inferno. Ela não me deixava dormir ao lado dela e se encolhia sempre que alguém a tocava – não apenas eu. O que antes era abster-se de sexo transformou-se em abster-se de tocar. Eu a senti se afastando de mim e de todos ao seu redor. Ela não saía de casa, não fazia coisas normais. Então, cortei o cordão naquele experimento, e não foi porque eu também estava com tesão.

Sabia que estava perdendo minha melhor amiga.

Expressei minhas preocupações para Oliver quando ela se afastou da minha mão. Eu estava apenas tentando entrelaçar seus dedos com os meus, e ela se encolheu como se eu fosse um monstro debaixo de sua cama. Ele me disse que era natural. Que ela estava voltando ao normal. Não sei em que tipo de *normal* esse cara vive, mas pessoas comuns não hesitam quando estão de mãos dadas. Não é como se eu estivesse pedindo a ela para bater uma para mim.

Então, fiz um acordo com Lily. Ela quer apaziguar os pais, tudo bem. Mas não vamos ouvir o conselho desse idiota.

— É normal para uma pessoa anormal como você sentir falta do sexo.

Ele a chama muito de anormal. Isso me irrita, e vou passar os próximos vinte minutos após esta reunião contando a ela todos os motivos pelos quais ela não é.

— Eu sinto falta — Lily mente. — Sinto falta de como isso me faz sentir.
— Ela sentiu muito bem ontem à noite. Ela gozou com tanta força que acabou tendo um ataque de riso depois. Tentamos a parte da abstinência. Não funcionou e não temos mais *e se*. Finalmente estamos encontrando nosso ritmo na intimidade, e a única coisa que está em nosso caminho é esse cara.

— Não podemos permitir que você perca, Lily — Ele diz a ela. — Quanto mais você vive em suas fantasias anormais, mais você volta aos seus caminhos anormais. Você é apenas uma prostituta agora, mas se deixar esse ciclo continuar, pode se tornar algo pior. Uma pedófila. Uma criminosa sexual.

A cabeça de Lily vira na minha direção, e ela agarra minha mão, implorando silenciosamente para eu não atacar. Esta não é a primeira vez que ele basicamente a chama de futura pedófila.

— Dê-me um minuto enquanto reúno as ferramentas. — Ele se levanta e vasculha o armário do escritório.

Merda.

É por isso que não quero que ela fique aqui. Devo usar um olhar suplicante porque ela diz: — Estou bem. Não podemos sair.

— Nós podemos, na verdade — Refuto. — Ali está a porta. Foda-se o fundo fiduciário.

— Não é sobre o fundo fiduciário. — *Eu sei*.

Ela está tentando consertar todo o dano que ela criou. Ela está até reconstruindo um relacionamento com o pai. Ainda não comparecemos aos almoços de domingo, mas ele liga para ela depois que terminam para colocar o papo em dia.

Sua mãe é uma história diferente.

Lily aperta minha mão, e olho para a forma como seus dedos se entrelaçam com os meus. Na semana passada, não teríamos conseguido fazer isso. Na semana passada, ela teria começado a chorar antes que eu a tocasse.

— Apenas confie em mim. É como um jogo — diz ela.

Estreito meus olhos. — Um jogo em que você leva choque por diversão?
— Eu zombo baixo. — Você gosta da parte *S&M* do *BDSM* e não me contou?

Ela dá um soco no meu braço e agarro seu pulso, puxando-a para um beijo. Ela vai precisar.

CAPÍTULO 43

Lily Calloway



— O que eu disse sobre beijar e tocar durante nossas sessões? — Dr. Evans diz com raiva.

Tento conter meu sorriso enquanto me afasto de Lo. — Desculpe. — Eu não me sinto tão apologética. Estou aqui apenas pelos meus pais. Não acredito mais nos métodos do Dr. Evan e tento ao máximo não levar suas palavras a sério.

Mas a armadura que estou construindo ainda tem algumas falhas.

Como agora mesmo. Dr. Evans segura uma pequena caixa elétrica, e eu tenho uma vontade repentina de vomitar em seu tapete feio. Ele coloca dois eletrodos na parte interna do meu pulso e me passa a caixa. Coloco-a no colo e giro o botão para o nível de choque mais baixo.

— Acho que você pode ir mais alto do que isso hoje.

— Ela não quer — Interpõe Lo.

— Não se engane, Loren, este é o meu escritório. Posso escoltá-lo para fora se achar que está atrapalhando o tratamento da minha paciente.

— Está tudo bem — digo rapidamente e giro o botão alguns pontos. Pena que não tenho o controle remoto. Esse dispositivo repousa na palma suada do Dr. Evans, o comandante desta tortura.

— Vou deixar você escolher o que quer experimentar hoje. Fantasias ou pornografia.

— Pornô. — Ter que transmitir minhas fantasias em voz alta é incrivelmente embaraçoso, e ele me choca ainda mais quando começo a

descrever posições e partes do corpo.

— Na verdade, que tal fazermos os dois. — Ele enfia a mão na mesa, tira uma revista e a desliza para mim. Eu coloco a revista no apoio de braço entre Lo e eu, e então a abro, já sabendo o que fazer. Mulheres nuas não me excitam, mas as fotos com os casais sim. Assim que olho para uma foto — *Buzzzzzz!* — o choque percorre meu pulso e sobe pelo meu braço.

Solto um suspiro curto e aperto minha mão. Lo esfrega minhas costas e outro choque atinge meu pulso. Minha mão estremece.

— Que diabos?! — Lo grita.

Dr. Evans ignora Lo no momento. — Olhe para as fotos, Lily, e descreva uma fantasia que você poderia ter se estivesse olhando para elas sozinha.

Eu instintivamente olho para Lo, considerando que ele estaria na minha fantasia, o que é a reação errada. O choque pulsa em minha mão novamente, e tento manter meu braço imóvel para que Lo não perceba. Mas ele está respirando pesadamente ao meu lado, forçando-se no assento, e não na garganta do Dr. Evans.

— Loren, por favor, vá para a outra cadeira. — O Dr. Evans aponta para uma almofada no *canto*, o mais longe possível de mim.

Lo abre a boca e tenho que interrompê-lo. Da última vez, ele disse ao Dr. Evans para chupar o pau dele, e não tenho certeza se isso vai acabar bem uma segunda vez.

— Ele está bem. Eu nem o vejo — digo rapidamente, voltando meu foco para as fotos.

Buzzzzz! Eu estremeço. O que eu fiz?

Estou começando a achar que o Dr. Evans só gosta de apertar aquele botãozinho.

— Encontre uma imagem que seja particularmente excitante para você.

Folheio a revista, ignorando todos os grandes peitos e vaginas, mas sem sorte. Eles realmente não fazem isso para as mulheres. — Qualquer coisa? A internet simplesmente tem uma seleção melhor — Admito, ainda folheando sem rumo.

— Use isso então. — Ele segura um tablet eletrônico. Não entro na internet desde que Lo proibiu a navegação na web, e a falta de tentação tem sido boa. Meus dias são mais fáceis sem ele.

Troco a revista pelo tablet e entro no *Tumblr*. Isso parece diferente de

navegar pela revista. Talvez porque isso tenha sido básico na minha rotina. Não leio revistas desde o colégio.

Ter o Dr. Evans me observando fazer isso é um pouco pessoal.

— Encontre uma fotografia e descreva sua fantasia.

Não quero, mas me lembro de que meus pais têm lidado com coisas mais difíceis do que isso. *Acalme-se, Lily.*

Eu facilmente paro em um que me faz mudar de posição na cadeira. Uma picada aperta meu pulso. Porra. Eu me encolho, e Lo estica o pescoço para olhar o tablet.

— Fala — Insiste o Dr. Evans.

É um *gif* de uma garota sem calça (ou nua embaixo) e um cara totalmente vestido. Só podemos ver a metade inferior do casal, mas o cara passa a mão para frente e para trás entre as pernas dela. — Minha fantasia? — Pergunto, querendo evitar esta parte.

— Sim, o que você visualiza quando olha para a foto.

— Lo — digo — fazendo isso comigo, e talvez ele realmente colocasse os dedos... em... — *Buzz! Buzzzz! Buzzzzz!* — Filho da puta — Xingo baixinho e fecho meus olhos com força.

— Calma, Oliver — Lo zomba.

— Encontre outra, Lily.

Eu percorro o tablet e chego a uma fotografia da bunda oleosa de uma garota, mas grandes mãos masculinas massageiam sua bunda e chegam cada vez mais perto de seu clitóris. Puta merda. *Buzz!*

O choque não me dissuade de imaginar Lo me massageando dessa maneira. Talvez ele tire algumas ideias desta sessão. Talvez valha a pena a dor.

Mas quando o Dr. Evans me dá outro choque, todos os meus pensamentos se transformam em vergonha. Acho que não deveria gostar disso. O Dr. Evans aumenta meus medos quando diz: — Você está tentando não ser mais anormal. Isto é mau. — Ele me dá outro choque e estremeço. — Entenda que estamos tentando relacionar essas imagens a um estímulo negativo. Você deve chegar ao ponto em que essas imagens não a excitam mais. Nós vamos te dar um choque, de uma forma ou de outra.

Dou outra olhada para Lo, mas seu lábio se curvou em desgosto e ele agarra o apoio de braço com os nós dos dedos brancos.

O relógio bate languidamente.

Temos mais uma hora.

Minha parte favorita da terapia é a volta para casa. Mesmo que eu sinta que estou um milhão de léguas abaixo do mar, Lo nunca para de falar. Ele me traz de volta à superfície.

Pressiono minha testa na janela embaçada, a chuva batendo no vidro. Depois de quatro semanas de seca, a chuva quase parece um sonho. Ele liga os limpadores de para-brisa e segue pela estrada. — Na próxima sessão vou chamá-lo de prostituto — Lo me diz. — Dê a ele um gostinho de seu próprio remédio fodido. — Seus olhos continuam voando para mim com preocupação.

— Você vai nos tirar da estrada.

— Você está quieta. — Ele entra na rodovia.

— Só estou pensando.

— Sobre a falta de revistas pornográficas para mulheres do Dr. Oliver Evans? Que porra ele estava fazendo dando a você uma revista masculina?

Embora isso estivesse longe de minha mente, ficarei feliz em morder a isca da distração. Eu sorrio e giro totalmente em meu assento para encarar Lo. — Você se lembra da oitava série quando costumava comprar revistas para mim e rasgar todas as páginas com apenas partes femininas?

Ele ri. — Não foi tudo altruísta. Achei que quanto mais você se masturbasse, menos faria sexo com caras de verdade.

— Huh... — Acho que isso faz sentido. — Você sabia que eu costumava despejar suas garrafas de *Everclear*? — Admito com um sorriso. A bebida era tão forte que ele me assustava sempre que tirava uma garrafa do armário. Acho que estava com muito medo de dissolver nosso sistema para realmente contar isso a ele, então, fiz a próxima melhor coisa.

— Sempre pensei que não me lembrava de tê-las bebido.

É bom saber que protegemos um ao outro, mesmo que pareça que não nos importamos. — Eu nunca disse a você — digo baixinho —, mas sempre me preocupei com sua saúde. Seu fígado... — Não costumamos falar sobre os riscos, pelo menos nunca falamos antes. Mas, de alguma forma, nos unindo para enfrentar o malvado Dr. Terapia de Choque nos aproximou de uma maneira diferente.

Ele solta um longo suspiro. — Eu sei que você estava, Lil. E é uma das razões pelas quais não posso beber de novo.

Franzo a testa. — O que você quer dizer?

— Temos que fazer todos esses tipos de exames médicos na reabilitação, e os médicos basicamente me disseram que, se eu continuasse no caminho em que estava, causaria danos sérios e irreparáveis ao meu fígado.

Meus olhos de repente começam a queimar, lágrimas silenciosas se acumulando. — Por que você não me contou antes?

— Porque eu sabia que você ficaria chateada e provavelmente se culparia — diz ele —, e não é sua culpa. — Ele olha para mim e depois de volta para a estrada. — Lil, por favor, não chore. Realmente não é sua culpa, e estou bem. Não há nada de errado comigo.

— Mas pode haver. — Limpo meus olhos e balanço minha cabeça. — E como isso pode não ser minha culpa, Lo? Eu habilitei você todas as nossas vidas. Eu deveria ter...

— O quê? — Ele diz rudemente. — O que você poderia ter feito? Me falar para parar? Eu não pararia. Retirar fisicamente as garrafas? Eu teria odiado você. Falar para o meu pai? Ele não daria a mínima. A única pessoa que poderia ter me parado era eu.

— Eu poderia ter feito *alguma coisa*. — Não posso sentar aqui e agir como se não tivesse culpa alguma. Às vezes eu fornecia bebida para ele. Eu facilitava seu vício.

— Você fez alguma coisa. Você estava lá para mim quando ninguém mais estava. — Ele dirige por outra rua e acende as luzes enquanto o sol se põe. — E Lil... — Seus olhos encontram os meus por um breve momento. — Se você vai se culpar por facilitar pra mim, então tenho que assumir a culpa por você.

— Não é o mesmo. Seu vício pode te matar.

— E aqueles homens com quem você dormiu não poderiam ter batido em você? Você não poderia ter contraído uma DST ou HIV? Deixei você correr esses riscos e você me deixou correr os meus. — Ele vira à esquerda e me apoio contra a porta. — Que tal ficarmos quites? E fazermos um pacto para nunca mais fazer isso.

— OK — digo. — Podemos apertar as mãos?

Seus lábios se erguem maliciosamente. — Podemos fazer melhor do que isso.

Ele está pensando o que eu estou pensando? — Como...

Ele ri. — Bem, vi você olhando fixamente para aquela foto da massagem.

Ohhhh. Sim. Não. Espere. — Não deveríamos.

Suas sobrancelhas se franzem em uma linha dura, mas ele mantém o olhar na estrada enquanto a chuva cai mais forte. — Por que não? E você pode querer escolher sua resposta com cuidado. Se começar ou terminar com o nome Oliver Evans, vou ejetar meu assento...

— É anormal.

Lo solta um longo gemido. — Por favor, pelo amor de Deus, nunca diga essa palavra novamente.

— Bem, é.

— A única coisa anormal é o que aquele psiquiatra está fazendo você passar. Você não deveria ficar levando choque por ficar excitada com essas fotos. Eu fico meio duro olhando para elas.

Franzo a testa. — Você fica?

— Sim! — Ele diz, meio rindo. — Qualquer humano ficaria, Lil. Mesmo que eu achasse a terapia de aversão ética, o que não acho, só a recomendaria para pessoas que olham para essas fotos com pensamentos violentos. Como estupro ou abuso sexual infantil. Você não é uma pedófila. O fato de ele tratar você como uma me mata.

Observo a chuva bater na minha janela enquanto penso nisso. Não é estranho ficar excitada com elas, mas é errado abusar *compulsivamente* da pornografia. Isso parece certo.

— Ei — Lo diz, querendo minha atenção novamente. Eu me viro para ele, e ele me dá um olhar duro, seus olhos piscando entre a estrada e eu. — Se os métodos de terapia dele estão fodendo com sua cabeça, então, você vai parar.

— Estou bem, de verdade. Conversar com você ajuda.

Ele pega minha mão e beija minha palma.

— Então, fomos para nossas respectivas coletivas de imprensa, terminamos de nos desculpar publicamente — Listo. — Estou vendo meu novo psiquiatra. Tudo o que nos resta é o casamento e, depois disso, receberei meu fundo fiduciário. Meus pais devem me perdoar totalmente e tudo voltará ao normal, ou o mais normal possível. — Uma vez por semana, meu pai realmente me liga para conversar. Ele até me disse que estava orgulhoso por eu estar consultando esse psiquiatra. Depois de tudo o que fiz à empresa dele

– a reação negativa que ele passou – ele me dizer que está orgulhoso foi o suficiente para causar lágrimas de felicidade. Eu não posso ferrar com isso.

Minha mãe vai precisar de mais sutileza para conquistar, e sei que ela não ficará completamente satisfeita até o casamento. Não posso mais tropeçar.

— E se eles não o fizerem? — Lo diz suavemente.

— O quê?

— Você já pensou que talvez, mesmo depois de fazer tudo isso, sua mãe ainda não te perdoe?

Balanço a cabeça, não querendo acreditar que ela possa ser tão cruel. — Ela tem.

Mas a maneira como Lo olha para a estrada, como se visse um futuro mais frio do que o calor que planejei, me preocupa.

CAPÍTULO 44

Loren Hale



Alguns dias são mais difíceis do que outros. Há dias em que nem penso em álcool e, em seguida, dias em que meu cérebro gira em torno de beber e nada mais.

Hoje só consigo pensar na minha mãe. Minha verdadeira mãe. *Emily Moore*. Depois que meu pai me deu o endereço dela, muitas vezes imagino a casa dela, como ela é, a vida dela sem mim.

O que sei com certeza é que ela é professora substituta em Maine. Casada. Dois filhos. Quando eu era pequeno, ensaiei o mesmo confronto na minha cabeça. Eu ficaria na varanda da casa da minha mãe biológica. Perguntava a ela por que ela não me quis, por que ela nunca ligou ou deixou um bilhete. Mas, na minha cabeça, estava pensando em Sara Hale – não nessa Emily Moore.

O nome mudou, mas minhas perguntas não. Só tenho que descobrir quando ir e quem levar comigo. Talvez Ryke ou Lily, mas nenhum dos dois sabe que venho planejando uma viagem para Maine. Ryke desaprovava, pensando que me incorporarei ainda mais ao mundo de meu pai. Então, estou inclinado para uma viagem com Lily.

Mas não posso encontrar Emily hoje, mesmo que queira.

Ryke quer me ensinar a escalar. Não em uma academia. Tipo, em uma montanha de verdade. Tive que perguntar se íamos usar cordas e cintos – considerando que o cara escala livre (ele é estúpido o suficiente para escalar uma montanha com nada além de suas mãos, pernas e um pouco de giz).

Estamos planejando escalar da maneira normal e sã. Ele pode fazer toda a rotina do Homem-Aranha quando não estou assistindo.

Não posso sair até terminar de filtrar o correio da manhã com Rose.

A mesa da cozinha transborda de cartas, envelopes pardos e pequenos pacotes.

Paparazzi venderam fotos de Lily comprando absorventes internos no supermercado. É ridículo. E sua correspondência de ‘fã’ se acumula a cada nova manchete na capa de uma revista de fofocas. A maioria das cartas é de velhos que acham que ela vai responder ou encontrá-los em algum lugar para fazer sexo. É o que tem acontecido ultimamente. As pessoas são gananciosas como o inferno. Eu pensei que o cara no corredor de Princeton era apenas um acaso, mas muitos homens acham que Lily quer todo sexo, mesmo deles, apenas por causa de seu vício. E eles tentam tirar isso dela.

É como se ela tivesse um sinal de vinte e quatro por sete ‘aberto’ colado em seu corpo agora. E não há como ela girar para ‘fechado’, o que sei que ela quer. Graças a Deus ela tem um guarda-costas.

Rasgo algumas cartas e quase vomito ao ver a foto das bolas de um cara.

— Destrua esta duas vezes — digo a Rose, jogando a foto em sua pilha. O triturador ronca a seus pés enquanto ela alimenta a máquina com mais e mais correspondência.

Ela olha para a fotografia, vira-a e solta um bufo. — *Estarei pensando em você enquanto você se toca* — Ela lê. — Seus sentimentos não são compartilhados, Sr. Gordon.

— Esse cara está morando na Penitenciária Estadual. Isso me faz sentir fantástico. — Jogo outra carta para ela e abro os pacotes com uma faca.

Gostaria muito que não tivéssemos que passar por esta correspondência. Prefiro queimá-la sem abrir, mas algumas pessoas realmente enviam dinheiro. Às vezes como uma piada, outras vezes eu acho que eles acreditam honestamente que Lily vai foder com eles por dinheiro. Rose, Lily e eu concordamos em arrecadar o dinheiro e doá-lo a um abrigo para mulheres na cidade. Pelo menos alguém lucra com isso.

Então, Rose e eu passamos a manhã toda rasgando, cortando e triturando. Lily se juntaria a nós, mas Rose e eu especificamente tentamos censurá-la da companhia das bolas do Sr. Gordon. Um dia, Lily acidentalmente abriu uma carta com fotos anexadas e seus olhos se arregalaram de horror, como se a

pessoa estivesse a um passo de invadir nossa casa para estuprá-la. Também pensei nessa possibilidade, por isso instalei um sistema de segurança melhor.

Lil não admite, mas Rose e eu vemos que ela tem medo de sair de casa. Ela raramente sai e, quando sai, geralmente é depois de muitas súplicas.

Lily aceitou minha rotina de triagem de correspondência com Rose, também chamando de nosso ‘tempo de união’. Não sou o fã número um de Rose, nem mesmo depois que a mídia desapareceu. Mas o que antes era um relacionamento congelado, surpreendentemente o gelo começou a derreter.

— Já que agora tenho que ir a reuniões de negócios — digo a ela —, vou precisar de alguns ternos do dia a dia. Você ainda tem aqueles pretos da sua linha masculina, certo?

Ela fica imóvel e o triturador para de rosnar. — Você não precisa me ajudar, Loren. Não preciso da sua caridade. — Em um mês, Rose quase perdeu todos os investidores que tinha para a Calloway Couture. Apenas *um* permaneceu a bordo por pura lealdade.

Reviro os olhos. — Não é caridade. Preciso de ternos. Agora que você demitiu uma certa pessoa, os seus não são mais xadrez e feios. — Não posso dizer o nome de Sebastian, a menos que queira ser atacado pela raiva.

— Ele tinha um gosto horrível — diz ela, com os lábios franzidos. Assim que Rose arrancou o cara de sua vida, ele tirou uma foto de si mesmo para o *Rich Kids* do *Instagram* e a chamou de vadia. Se você pronunciar o nome dele, ela parece pronta para pegar a tesoura e cortar suas bolas.

Rose avalia meu guarda-roupa atual. Uma camisa em decote V preta e jeans *Diesel* desbotado. — Você vai para o escritório assim — Ela me lembra. — Por que você precisaria de ternos?

— Tenho reuniões semanais com meu pai. Se aparecer nisso, ele nunca mais vai parar de falar.

Dirigir minha própria empresa me apavora. Não quero derramar meu coração e alma nisso e depois destruir tudo. O que Rose está passando é uma merda. Talvez por isso tenha preferido a apatia todos esses anos. Você não pode se machucar quando não tem nada a perder.

Ela pondera sobre minha proposta e começa a encher o triturador novamente. Ele ruge para a vida. — Tudo bem, mas você tem que pagar o preço total.

Rio. — Sem descontos para familiares? Vou ser seu cunhado.

— De má vontade — diz ela com olhos frios. Jesus Cristo. Eu nunca vou me livrar dessa fama.

Culpo Connor.

Ele de alguma forma me coagiu a revelar meus verdadeiros sentimentos sobre este casamento. Admiti que não queria me casar com Lily, não assim, pelo menos. Quero fazer isso em nossos próprios termos. E de alguma forma Rose transformou isso em *não quero me casar com ela*. Se pudesse, ficaria noivo por mais cinco anos. Ela seria minha noiva e nós nos casaríamos quando estivéssemos saudáveis e apaixonados. Mas esse não é um futuro que se tornará realidade, então, paro de tentar imaginar.

Sufoco essa conversa abrindo um pequeno pacote. Ontem cometi o erro de enfiar a mão cegamente em uma caixa. Eu nunca, *já* quero tocar o gozo de outro homem. Rose não conseguia parar de rir enquanto eu molhava minhas mãos em desinfetante por trinta minutos.

Despejo o conteúdo na mesa forrada de plástico. Um pau rosa neon me encara de volta. Sem tocá-lo, coloco o vibrador em um saco de lixo.

A próxima caixa tem o que parece ser um vibrador caro, novinho em folha, em sua embalagem original. Deixo-o sobre a mesa enquanto leio o cartão.

E então um guincho animado ressoa da escada. Lily desce correndo as escadas, seus olhos cheios de alegria fixados no vibrador.

Eu a agarro pela cintura antes que ela possa agarrá-la. Ela aponta para o pacote. — Esse é novo!

— Eu estou ciente — digo. — Você ainda não pode tê-lo.

Ela estica o pescoço. — É um *Zell500*. Isso é uma marca de luxo. Você não pode simplesmente jogar no lixo. — Seus olhos ficam grandes. — Isso é um sacrilégio.

Estou tentado a ler o cartão para ela: *Um lindo brinquedo para sua linda boceta, minha adorável Lily*. É assustador pra caralho, e eu sei que vai dissuadi-la. Mas também não quero assustá-la. É isso que estamos tentando evitar com tudo isso.

— É um vibrador, Lily — Rose retruca —, não o Santo Graal.

Dou um sorriso para Rose. — Então você não quer?

Ela olha como se estivesse pronta para me colocar no triturador.

Sufoco um sorriso maior e me viro para Lily. — Desculpa, amor. Está indo para o lixo.

Ela se rende com bastante facilidade. Solto meus braços dela e deslizo o vibrador para o lixo com os outros.

A porta da frente se abre e Ryke entra na cozinha, carregando dois grandes vasos, lírios brancos cutucando seu rosto. Assim que Lily vê as flores, ela desliza pelas minhas costas e agarra minha camisa, como se quem tivesse enviado os arranjos florais estivesse prestes a pular do vaso e crescer em tamanho natural.

— Estas estavam perto do portão — diz Ryke. — Eu os teria deixado, mas os paparazzi estavam tentando tirar fotos dos cartões. — Abro o saco de lixo e Rose de repente tem um ataque.

— Eles vão quebrar! — Ela grita comigo. — E então o vidro rasgará a bolsa, cortará alguém e o sangue estará por toda parte. Não consigo limpar o sangue da madeira.

Estreito meus olhos. — Só para esclarecermos, *sou* mais importante.

— É cereja brasileira — diz ela como se isso fizesse toda a diferença. Ela se vira para Ryke. — Jogue os vasos nas lixeiras da garagem.

Ele vira os vasos de cabeça para baixo, apenas as flores e cartões caindo no meu saco de lixo. Lily ainda não largou a minha camisa. Pego suas mãos e entrelaço seus dedos nos meus. — Ei, o que há de errado?

Seus olhos se fixam atordoados no saco de lixo, e não tenho certeza de onde ela realmente foi. Mas ela não está em uma fantasia. Ela está em algum lugar mais triste e sombrio.

Muito suavemente, ela diz: — Não quero lírios no casamento.

Ela nunca se referiu a isso como *meu* ou *nosso* casamento. É sempre o casamento. O casamento deveria ser feliz para sempre, mas para ela parece um meio para um fim.

— Você não precisa pensar nisso — Rose diz a ela. — Falta um ano. Nem o vamos planejar tão cedo.

Ryke acena para mim. — Você está pronto para ir?

— Sim, só preciso trocar meu jeans.

— Você pode se trocar no carro — Ele me diz. — Tenho shorts e outras coisas lá. — Ele verifica o relógio. — Eu só quero chegar antes de uma tempestade que está chegando.

Certo, porque vamos estar lá fora. Escalar uma montanha. *Só não me mate, Deus. Seria cruel pra caralho me matar agora.*

Antes de sair, beijo Lily levemente. — O que você vai fazer hoje? — Pergunto, preocupado que ela passe a tarde e a noite se alimentando de desenhos antigos, isolada na sala. Ela afirma que é uma preguiça normal de verão, mas eu a conheço bem.

Ela não pode ter medo do mundo para sempre.

— Estava pensando em ir ao seu escritório. Talvez fazer algum trabalho — Ela diz. Meus pulmões se enchem de alívio. Adoro ter escolhido um negócio que ela pode ter prazer, algo que pode ser nosso um dia. Quero que ela se forme na faculdade primeiro, realize o que eu não consegui.

— Ligue para Garth — digo.

Ela torce o nariz. — Ele cheira a queijo velho.

Sorrio. Escolhi o guarda-costas perfeito. — Não saia desta casa sem ele.

— Não caia de uma rocha gigante.

— Vou devolvê-lo vivo para você — Ryke diz a ela.

— É melhor devolver. — Lily aponta um dedo não ameaçador para ele.

Ele sorri timidamente, como se planejasse foder com as cordas ou o cinto para me assustar, apenas para retaliar a pegadinha do mankini em Cancun. Estou um pouco nervoso, mas depois de escalar na academia com ele, a montanha não deve ser muito difícil, mesmo que ele me dê uma folga extra. Posso lidar com o desafio.

Nem conseguimos sair de Nova Jersey antes que meu telefone vibre no console do meio. A palavra *PAI* piscando em grandes letras em negrito.

— Não responda — diz Ryke.

Estou dirigindo. E desobedeço a suas ordens, atendendo o telefone e mantendo uma das mãos no volante. Sinto o olhar quente de Ryke sem tirar os olhos da estrada.

— *Loren.* — A voz do meu pai soa pelo receptor. — *Preciso que você venha em casa em algum momento hoje.* — O tom dele é bem casual, então acho que o assunto gira em torno da minha nova empresa. Mal está de pé, mas adora dar sua opinião.

— Estou saindo da cidade, então não estarei perto de Filadélfia.

— *Então reajuste sua programação.*

— Não é tão fácil...

— *Não estou pedindo.*

Ryke balança a cabeça repetidamente ao meu lado, provavelmente observando meus olhos começarem a ficar sombrios quanto mais eu falo com nosso pai. — Você deveria ter rejeitado o acordo para o seu fundo fiduciário — diz ele baixinho.

Afasto o alto-falante da boca para falar com Ryke. — Eu ouvi você pela centésima vez que disse isso.

— Você é a vadia dele — Ryke reformula, como se isso fosse me fazer entender.

Cerro os dentes, as placas da estrada zunindo no alto. Preciso sair na próxima saída se quiser ver meu pai.

Pressiono o telefone de volta no meu ouvido. — Sobre o que é? — Pergunto.

— *O vazamento.*

Quase jogo o carro para a outra pista, um *Trailblazer* ao nosso lado.

— Lo! — Ryke grita, segurando a porta. Ele aperta o cinto de segurança.

Merda. — Desculpe. — Começo a mudar de faixa, desta vez corretamente, indo em direção à saída.

— Espere, onde você está indo? — Ryke pergunta com raiva. Ele sabe que estou indo para a Filadélfia. Ele só não sabe por quê.

Coloquei o telefone no viva-voz, percebendo que Ryke teria um acesso de raiva a menos que ouvisse a verdade de meu pai. Coloquei o celular no meu colo. — Você sabe quem é que vazou? — Pergunto em voz alta, meu coração martelando. Depois de um mês sem saber, estava resignado com o fato de que simplesmente não importava. Principalmente porque eu não tinha energia para caçar Mason ou Aaron e cuidar de Lily. Escolhi a opção certa, estar lá para a minha melhor amiga. Mas quero a informação que nos escapou por tanto tempo. E a parte ressentida, escura e amarga de mim quer a cabeça desse filho da puta em uma estaca.

— *Sim* — diz. — *Encontrei quem vazou.*

— Como?

— *O tabloide que primeiro divulgou a notícia finalmente quebrou e nos deu sua fonte. Foram necessários cinco milhões para abrir a boca e descobrir essa merda.* — Ele não acrescenta *você me deve cada centavo*. Mesmo assim, sinto que sim.

— Quem é? — Pergunto, minhas mãos segurando o volante com tanta força.

Ele não diz nada.

— Pai?! — Grito. Um carro buzina, e eu percebo que desviei em sua pista e cortei uma caminhonete.

— Fique de olho na porra da estrada — Berra Ryke. — Ou encosta e eu dirijo. — Não, ele nos levará em outra direção. E agora, estou muito pilhado para escalar uma montanha

— *Ryke está com você?* — Meu pai pergunta aproximadamente.

— Estamos a caminho — digo a ele, ignorando como Ryke está dando um olhar mortal no telefone.

— Não, nós não vamos — Ryke refuta.

— *Vocês dois devem vir* — Ele nos diz. — *É importante, e não quero discutir isso por telefone.* — Ele desliga.

Acendo o pisca e dirijo ao longo de uma rua lateral, na estrada.

— Que porra você está fazendo? — Ryke pergunta.

— Ele sabe quem vazou — digo que ele é um idiota. — Que porra *você* está fazendo? Passamos meses tentando rastrear esse idiota.

Ryke olha para a estrada com um olhar duro. — Talvez você deva me deixar em algum lugar.

Franzo a testa. — O quê? Onde? — O que há de errado com ele?

— Como em qualquer lugar, exceto lá.

E então percebo que Ryke não entra em contato com meu pai desde a festa de gala de caridade de Natal. Antes da reabilitação. Antes de tudo.

Um brutal silêncio toma conta do carro. E então digo suavemente: — Você tem medo dele?

— Não suporto olhar para o rosto dele.

— O que ele fez pessoalmente com você?

— Eu o odiava porque minha mãe odiava — diz Ryke brevemente, mas posso dizer que sua mente está cambaleando, então não estou surpreso quando ele divulga mais. — Quando mais velho, tentei olhar para ele de maneira diferente, mas ela pintou um retrato de um monstro. Então, quando olho para o rosto dele, é tudo o que vejo.

Suas palavras afundam, e eu não tenho nada a dizer. Não posso mudar a maneira como ele vê Jonathan Hale. Esse dano é muito profundo.

— Eu tentei esquecê-lo — diz Ryke, olhando pela janela. — Eu tentei agir como se simplesmente não tivesse um pai. E então... — Ele balança a cabeça.

— O quê? — Insisto.

— Então eu te conheci. E todo esse ódio voltou dez vezes mais forte do que antes.

Eu hesito antes de perguntar. Temo a resposta dele. — Por quê? — É aqui que ele dirá que sou como meu pai. Eu sou o monstro da história. A coisa a ser odiada.

— Você o defende — Ryke me diz. — Ele diz algumas coisas horríveis pra caralho na sua cara, e você fica lá e pega ou se afasta. E então, no dia seguinte, você falará sobre Jonathan como se ele fosse um maldito salvador. — Não sinto uma grande explosão de alívio quando ele não me compara a ele. Eu apenas me sinto um merda.

Rango meus dentes. — O que eu deveria fazer? Dar um soco nele? Eu não estava na tragédia crescente de *deixe-me dar uma surra no meu pai*. Desculpe.

— Você está certo — diz Ryke, me surpreendendo. — Você estava preso naquela casa, com aquele idiota. Mas agora, você tem a opção de deixá-lo. E você está voltando.

— Ele não é de todo ruim.

— E lá vai você, defendendo-o novamente.

— Ele é *meu* pai.

— Ele é *nosso* pai — Ryke replica.

Bato no volante com a mão, nervoso e irritado e tão cheio agora. — Não posso cortá-lo da minha vida! — Não por causa do dinheiro. Não por causa do fundo fiduciário ou das informações de que preciso dele. Não posso deixar Jonathan Hale porque ele é minha família. Ele é meu pai, e antes de Ryke e Lily, ele é tudo o que eu tinha.

— Pare por um segundo.

— Não vou voltar.

— Apenas pare.

Dirijo em um posto de gasolina e estaciono o carro à beira da bomba. Eu enfrento Ryke, e meu peito sobe com a empatia em seus olhos. Ele está prestes a largar uma bomba em mim, mas sabe que posso aceitar.

— Ninguém vai lhe dizer isso — diz Ryke. — Todo mundo diz isso pelas

suas costas, mas você vai ouvir isso de mim agora.

Olho por um longo momento, já ouvindo suas palavras antes que ele as diga. Eu acho que sei. Sempre soube.

— Nosso pai abusa de você — diz Ryke, seus olhos avermelhando-se. — Ele é verbalmente abusivo e está fodendo com sua cabeça.

Deixei isso afundar, mas estou tão entorpecido com a resposta. Eu apenas assinto. — Sim, eu sei.

Ryke também assente algumas vezes, me observando, tentando avaliar meu estado mental. E talvez ele esteja revivendo o fato de ser o irmão mais velho, aquele que recebeu o melhor acordo de dois realmente merda, não precisando ser criado por ele, não tendo que suportar o ataque de *porra cresce! Eu não o criei para ser um idiota! Por que você está chorando? Para com a porra do choro.*

— Não se culpe por isso — digo a Ryke. Eu não sinto nada. Deveria estar vendo vermelho como ele, mas simplesmente não posso. — Sei o que estou fazendo.

— Sim — diz Ryke, assentindo novamente, mas ele está mais chateado do que antes. — O fato de você acreditar que pode ter um relacionamento real com ele me aterroriza, Lo. É isso que me mata. E é por isso que não quero ir lá e vê-lo tentar manipulá-lo emocionalmente.

Eu quebro o olhar dele e olho ao volante. — Não estou pedindo que você venha comigo. — Minha voz está afiada, mas consideravelmente baixa. — Posso te deixar em sua casa.

Sentamo-nos em silêncio desconfortável novamente. Por talvez cinco minutos, nós dois apenas pensando.

E então Ryke diz: — Se eu for, você acha que ele desiste de você?

— Isso é uma pergunta?

Ryke assente. — Tudo bem. Vamos.

— Tem certeza? — Ele faria isso? Ele iria suportar uma ou duas horas inteiras com nosso pai, apenas para que os ataques verbais sejam redirecionados para o seu caminho?

— Sim. Tenho certeza.

Não sei o que estou sentindo. Meus pulmões parecem sair do meu peito, e eu sei que palavra eu quero dizer. Eu sei que palavra eu não posso.

Obrigado.

Neste momento, eu realmente sinto que tenho um irmão. Um que provavelmente é bom demais para mim.

CAPÍTULO 45

Loren Hale



— Você não bebe? — Meu pai está preocupado com este fato sobre Ryke. Ventiladores suspensos circulam o ar fresco no pátio, e eu me sento entre Ryke e meu pai como alguém prestes a arbitrar uma queda de braço.

— Não desde o colegial — diz Ryke. — Eu exagerei. — Ele não menciona como bateu o carro em uma caixa de correio.

— E é por isso que você iludiu Loren fazendo-o pensar que ele é um alcoólatra, porque você não conseguia lidar com sua bebida?

Os músculos da mandíbula de Ryke se contraem. — Vá direto ao ponto, Jonathan. Quem vazou?

Meu pai se recosta na cadeira de ferro, segurando seu copo de *whiskey*. — Vou chegar à porra do ponto quando quiser. Talvez eu queira almoçar com meus dois filhos primeiro. — Ele aperta um botão em seu telefone. — Carter, faça três hambúrgueres para nós.

— *Alguma preferência, Sr. Hale?*

— O de sempre.

— *Logo estarão prontos.* — A linha clica.

— Não sou seu filho — diz Ryke, embora, ocasionalmente, chame Jonathan de pai quando ele está tentando fazer uma observação. Como no carro. — Minha mãe assumiu minha custódia total, caso você tenha esquecido.

— Quantos anos você tem? — Meu pai pergunta zombeteiramente. — Oh, espere, você tem vinte e dois anos. Aos olhos do sistema judicial americano,

você é um adulto. E como adulto, você não é propriedade da sua mãe como aquela *Ferrari* que ela comprou com o meu dinheiro, na porra da garagem dela.

Ryke esfrega a mandíbula em agitação e olha ao redor do pátio como se estivesse tentando encontrar alguma desculpa para sair, mas então seu olhar se volta para mim e ele para de procurar por aquela fuga.

Não podemos ir até descobrirmos quem vazou. E se isso significa comer um hambúrguer com o diabo, que assim seja.

Meu pai abaixa seu *whiskey* e se concentra em mim. — Você já conheceu sua mãe?

Merda. Posso sentir a confusão de Ryke e o calor lívido permeando o ar.

— Ainda não, na verdade estou esperando Lily... se ajustar.

— Você vai conhecer sua mãe? — Ryke pergunta, acusação envolvendo as palavras.

Meu pai não interrompe, o que significa que está curioso sobre nosso relacionamento, imaginando o quão próximos nos tornamos nos últimos meses.

— Sim — digo.

Ryke balança a cabeça. — Há quanto tempo você tem o nome dela? Como você a encontrou? — E então a compreensão inunda seu rosto, olhando entre nosso pai e eu. — Vocês dois têm se falado esse tempo todo... — Mas seu ódio é redirecionado para Jonathan. — Você não pode deixá-lo sozinho por um minuto?

— Ele queria saber quem era sua mãe. Não cabe a você ou a mim tomar essa decisão por ele. — Ele bebe seu *whiskey* casualmente, irritando Ryke ainda mais.

— Eu não me importo com isso. Eu me importo que você tenha usado essa informação para atraí-lo de volta. Me importo que você o empurre para beber.

— Ryke... — Eu começo e então paro, não querendo defender meu pai. Agora não. — Eu ia te contar que comecei a falar com ele.

— Quando? Quando eu te encontrar no hospital sangrando no estômago porque você bebeu?

Meu pai geme. — Você não está mais tomando aquela pílula ridícula.

Ryke se volta contra ele. — Não é uma piada de merda.

— É. — diz meu pai. — Você está deixando-o fraco.

— Sim, você se certificou de que ele estava bem pra caralho, não?

— Parem, vocês dois — digo friamente. — Não quero falar sobre álcool ou Emily.

— Tudo bem — diz meu pai e se levanta para reabastecer seu copo. — O que você faz, Ryke? Ou você é como sua mãe, devorando todo o meu dinheiro em móveis e roupas?

— Que tal deixarmos minha mãe, a mulher que você traiu, fora da conversa também.

— Perdoe-me se não gosto da cadela — diz. — Sempre quis que vocês dois se conhecessem, e porque eu queria, ela mal podia tolerar a ideia. E aqui está você, mais perto do que nunca. É como se sempre fosse para ser. — Ele sorri, como se pusesse o destino em movimento.

— Não foi obra sua — Ryke refuta. — Não conheci Lo por causa de você. Eu o conheci porque quis.

Meu pai revira os olhos dramaticamente. — Eu nunca posso ganhar com você. Desde que você me fez uma maldita pergunta idiota e não gostou da resposta.

— Eu tinha *quinze anos* — Ryke zomba. — Tinha acabado de descobrir que tenho um irmão. Eu me senti enganado e traído. Precisava da sua compaixão e você cuspiu na minha cara. Mas acho que deveria ter pensado melhor.

— Você não precisava de compaixão. — Meu pai faz uma careta ao ouvir a palavra. — Você precisava da verdade, e eu a dei a você. Não é minha culpa que você foi fraco demais para lidar com isso.

— O que vocês estão falando? — Pergunto, hesitando. Talvez eu não devesse saber. Mas odeio ficar no escuro.

Meu pai é rápido em responder. — Ryke me fez uma pergunta simples naquele dia. Você gostaria de contar a ele, Ryke?

— Vai se foder — Ryke zomba.

— Suponho que não. — Ele toma um pequeno gole de sua bebida, estalando os lábios antes de continuar. — Ele me perguntou se eu poderia voltar atrás no dia em que comi sua mãe, deixar de conceber *você* — poderia?

Minha garganta fica seca, não esperava isso. Acho que sei a resposta dele. Porque mesmo em seu ódio, fanatismo e vileza, há um fato que meu pai nunca me deixou questionar.

Ele me ama.

E é um amor fodido. Ryke está certo. Isso mexe com a minha cabeça. E é algo de que tenho muita dificuldade em me afastar. Às vezes eu não quero. Outras vezes, é tudo o que eu sonho.

Os olhos de meu pai mantêm essa clareza desenfreada, inabalável nos meus, a névoa de sua bebida transformada em honestidade. — Eu disse a Ryke que faria tudo de novo. Não tenho arrependimentos, nesta vida ou na próxima.

Zero arrependimentos.

Isso é o que eu escolho. *Zero arrependimentos*. Nem mesmo quando ele me agarrou pelo pescoço, nem quando ele me chamou de merda aos dez anos de idade. Não quando ele me fez sentir como se eu nunca fosse bom o suficiente para ser seu filho. *Zero arrependimentos*.

Certo.

Ninguém diz mais nada, a princípio. Ryke provavelmente está preocupado que eu me ressinta dele. Ele desejou que eu não estivesse vivo. Mas a verdade é que eu meio que também. Até que olhei para Lily. Até que conversei com ela. Eu não acho que poderia ter sobrevivido a esta vida sem aquela garota.

Redireciono a conversa para Hale Co., que meu pai só gosta de discutir em pequenas quantidades. A empresa sofreu um pequeno golpe em comparação com Fizzle, mas ele ainda está trabalhando no lançamento de um novo produto para bebês. Algo sobre berços. É irônico que o pior pai do mundo tenha uma fortuna com coisas de bebê, mas como era o negócio do meu avô antes, isso torna a ironia menos válida. A menos que ele fosse um idiota alcoólatra também.

Os hambúrgueres chegam quando ele diz: — Este casamento ajuda Fizzle, mas você sabe o que realmente beneficiaria a Hale Co.?

Ryke congela, a alface caindo de seu pão.

Devo ser mais lento porque não entendo. — O quê?

Meu pai corta seu hambúrguer com uma faca, o caldo escorrendo. Seus olhos encontram os meus. — É uma empresa de produtos para bebês. Bebês ajudariam. — Não consigo respirar. — Pequenos bebês Hale em pequenos macacões Hale. Seria um grande maldito marketing. — Ele dá uma mordida em seu hambúrguer. — Você não pode superar isso.

— Não — digo instantaneamente. Meu sangue parece que está pegando

fogo. Fui coagido a me casar com Lily. Não vou ter filhos porque meu pai mandou. Tem que haver uma ligação em algum lugar.

— Você nem pensou nisso.

— Eu disse não. Agora não. Nem em um maldito ano. Nunca.

Meu pai larga os talheres e enxuga a boca com um guardanapo. — Isso é um novo requisito?

— Não.

— Algo está errado? — Ele franze a testa. — Você é estéril?

— Pelo amor de Deus — Solto. Não acho que teria que discutir isso com ele. — Eu não quero filhos. Não é porque eu não posso tê-los. Não os quero. — *Não quero que eles acabem como você. Ou eu.*

Ryke fica quieto, mas posso dizer que ele está processando. A única pessoa a quem contei foi Lily. Essa é a única que importa.

— Você vai mudar de ideia — Meu pai diz como se ele me conhecesse tão bem. Ele pega sua faca novamente. — E tudo bem se não for tão cedo. A Hale Co. pode esperar.

Terminamos de comer e depois de todas as conversas tensas, é difícil lembrar por que estávamos aqui, em primeiro lugar. Um dos garçons limpa o último prato e eu faço a pergunta. — Quem vazou?

— Isso, eu não posso te dizer — diz ele.

— Você só pode estar de sacanagem — Ryke rosna, dizendo exatamente o que estou pensando.

Meu pai ignora Ryke. — A boa notícia é que tenho tudo sob controle e está sendo tratado discretamente. Se contar a vocês dois, tenho certeza de que vocês vão fazer uma bagunça que não vou conseguir limpar.

Não concordo com ele. Não posso. — Preciso saber — Refuto. — Este não é um cara que me fez mal ou me fodeu de alguma forma.

— Você não vai me fazer mudar de ideia, Loren.

— Por que você me disse para vir aqui então?! — Grito, pego de surpresa por tudo isso. Nós nos sentamos aqui para *nada*.

— Para almoçar com você e dizer que você precisa largar isso. Deixar pra lá.

Eu pulo da mesa como se minhas solas estivessem pegando fogo. — Deixar pra lá?!

Meu pai fica furioso. — Loren, você está exagerando.

— Lo — Ryke diz, levantando-se e descansando a mão no meu ombro.

— Exagerando? — Solto uma risada maníaca. — Tenho uma namorada que tem medo de sair de casa sem ser agredida. E eu estou exagerando? Levou um mês para ela parar de se mexer e virar à noite. — Agarro a cadeira. — Ela tem homens enviando seus malditos pênis de plástico da prisão e supostos vídeos de sexo sendo divulgados todos os dias. Esse bastardo brincou com ela por semanas, mandando mensagens com coisas vis antes de finalmente vazar. E você tem a porra do nome dele!

Meu pai está de pé. — E o que diabos você vai fazer? Gritar? Esbravejar? Bater os pezinhos e fazer barulho? — Seus olhos ficam sombrios. — Não há nada que você possa fazer que eu já não tenha feito. Acabou. Deixe. Isso. Ir. Por favor. — Sua voz suavizou consideravelmente, e eu empalideço.

Por favor. Ele não usa essa palavra, e sei o que tenho que fazer.

Eu tenho que confiar nele.

Mas não sei quem ele está protegendo – a mim ou a si mesmo.

CAPÍTULO 46

Lily Calloway



Garth deve ter sido ex-CIA ou dublê de carros de Hollywood antes de se tornar um guarda-costas pessoal. Ele despistou os paparazzi que nos perseguiam em dois minutos. Geralmente levo uma hora inteira dirigindo em círculos sem rumo, e fico tão entediada que faço paradas no *The Donut Man* para comer doces recheados com geleia. Agora que penso nisso, talvez os donuts sejam a razão de eu demorar tanto.

Lo tentou esconder da imprensa a localização de seu escritório. Por enquanto, é o único lugar sem câmeras espiando pelas janelas ou portões. Estar aqui me faz sentir normal novamente.

Eu relaxo à sua mesa e me inclino para trás na bela cadeira de couro. Garth tem ombros largos, seu cabelo grisalho recuado e sua testa oleosa. Ele se senta no sofá, atualmente paralisado por seu mini-tablet. Não conversamos muito além de discutir para onde quero ir, o que está bom para mim. Falar pode ser superestimado.

O escritório da Lo tem mais personalidade que o nosso quarto. Pôsteres de seus filmes favoritos de ficção científica e super-heróis revestem as paredes: *Battlestar Gallactica*, *Guerra nas Estrelas*, *X-Men* (é claro), *Homem-Aranha* (a versão de *Andrew Garfield*) e *Kick-Ass – Quebrando Tudo*.

Passamos o dia inteiro apenas estocando as estantes com todos os seus quadrinhos, organizando-os por edição. Quando disse ao pai que queria abrir uma editora de quadrinhos, provavelmente esperava que Jonathan risse na cara dele, dissesse para ele crescer e encontrar um emprego sério. Mas não,

seu pai assinou um cheque e queria um plano de negócios formal no dia seguinte.

Folheio um dos manuscritos da grande pilha. Lo tem que ler os quadrinhos originais (nem todos bons) e escolher quais deseja publicar para a *Halway Comics*. Ele me deixa lê-los se estiver em dúvida, mas quando eu me formar em Princeton, não vou ajudá-lo com esse lado do negócio.

Eu me concentro no quadrinho em mãos. A arte é surrealista com um toque satírico. Algumas pessoas até têm cabeça de cachorro. E alguns dos humanos são desenhados com pés de animais. Lo pode encontrar o significado por trás da maioria dos quadrinhos, mas meu cérebro só vê um homem-cachorro com uma bunda grande.

Os quadrinhos pelos quais gravitei são mais realistas e clássicos, como aqueles em que os super-heróis podem surgir da página e se encaixar em nosso mundo. Lo tentará tudo e qualquer coisa, até painéis que contenham pontos pretos e nenhuma palavra. Adoro super-heróis sensuais, mas esses são difíceis de encontrar na publicação de quadrinhos independentes. O máximo que vi são personagens vestidos de forma sexy que parecem que vão me matar em meus sonhos.

Vasculho sua pilha e encontro uma história em quadrinhos mais realista. Não são super-heróis, mas é uma tira *noir* com um detetive como protagonista. Folheio as páginas para ver a arte bonita.

Ahhh! Jogo o manuscrito no chão e cubro os olhos com as mãos.

Há nudez naquela história em quadrinhos! E jurei ficar sem pornografia.

— Tudo bem, Lily? — Garth pergunta.

— Sim — Resmungo. — Eu só vou... descer. — Contorno o gibi sujo no chão e saio da sala. Desço a escada em caracol até o nível principal.

O primeiro andar.

Meu sonho.

Entro na loja pela entrada dos fundos (somente para funcionários) e entro no espaço mal-iluminado. Cabines de linóleo vermelho abraçam as paredes e janelas, com filme plástico cobrindo suas almofadas. Os eletrodomésticos e móveis estão todos escondidos atrás de plásticos, e ainda posso sentir o cheiro da camada fresca de tinta cinza quente nas paredes. Vermelho e cinza e um pouco de azul. Eu escolhi o esquema de cores, mesmo depois que Lo me avisou que a paleta se encaixava no *Capitão América*. Somos anti-Cap desde

que ele jogou *Wolverine* para fora de um avião.

Eu ainda amo isso.

Fileiras de prateleiras baixas criam corredores e lembram uma locadora de vídeo, mas estarão cheias de histórias em quadrinhos quando as remessas chegarem. A zona frontal é seccionada com uma pequena quitinete para pastelaria e café. Nem tudo está aqui na loja ainda. E levará meses até que o local esteja pronto para ser aberto ao público.

Lo lançou *Superheroes & Scones* para seu pai como uma estratégia de marketing para a *Halway Comics*. Mas sei que a ideia não tem nada a ver com a empresa dele. O que ele fez foi comprar algo meu, algo que eu poderia esperar depois da faculdade. Ele me encontrou a felicidade, e acho que vale mais do que qualquer anel de noivado bobo.

Uma loja que vende café, scones e gibis.

É perfeito.

E, pela primeira vez, estamos fazendo algo de bom com nossa herança, em vez de desperdiçá-la. Para duas pessoas que não querem deixar ninguém entrar, compartilhar essa parte íntima de nossas vidas – a nostálgica felicidade dos quadrinhos – deve significar algo.

Enquanto estamos em construção, posso me esconder em uma das cabines embrulhadas em plástico com uma história em quadrinhos, como minha própria fuga secreta.

Alguém bate na porta e eu pulo para fora da minha pele. Não consigo ver a figura porque o vidro está envolto em pôsteres EM BREVE. Nem mesmo diz o que está por vir, e o prédio parece igualmente fechado e deserto com mais anúncios por todo o tijolo. Pelo que todos sabem, esta pode ser uma futura loja de pornografia. Oh, caramba. Agora não consigo parar de pensar em *pornografia*.

As batidas no vidro continuam, e dou um passo hesitante em direção ao barulho. A figura é sombria e indistinguível. Mas a forma parece alta o suficiente para ser um cara.

E se for a imprensa? Ou pior.

Um perseguidor que me seguiu aqui.

A batida é mais alta e mais persistente. Acabo correndo para debaixo da cabine mais próxima antes que meu coração abandone meu peito. Talvez ele não tenha me visto. Talvez ele simplesmente vá embora.

Se for alguém que eu conheço, eles vão me ligar, certo? Eu apalpo meus bolsos para o meu telefone. Oh, não. Deixei meu celular na mesa de Lo, junto com Garth. Bem, Garth não está na mesa de Lo (pelo menos espero que não), mas ele está definitivamente lá em cima, consumido por seu mini-tablet.

Bang. Bang. Bang. Essas batidas soam raivosas.

Corro para debaixo da mesa, dobrando meus joelhos no meu peito. Imagino o vidro quebrando, o homem abrindo caminho. Devo gritar por Garth ou apenas fingir que não estou aqui?

Garth toma a decisão por mim. Suas botas pesadas atravessam a loja, e a fechadura estala, a porta bate, e o perseguidor se depara com meu intimidador guarda-costas. Isso deve dissuadi-lo.

— Onde está Lily? Estou tentando ligar para ela. — A voz é calma, suave, familiar e muito, *muito* pouco ameaçadora.

— Eu estou bem aqui! — Rastejo para fora da cabine e limpo as teias de aranha dos meus joelhos. Connor ergue as sobrancelhas, como se soubesse exatamente o que eu estava fazendo ali.

Garth deve estar confuso porque ele (verdadeiramente) diz: — O que você estava fazendo aí embaixo?

— Eu pensei ter visto um... rato — digo rapidamente — Eu estava inspecionando a área para colocar algumas armadilhas mais tarde. — Antes que eles possam frustrar minha mentira, eu me viro para Connor. — O que te traz ao S&S? — Eu realmente não deveria tentar encurtar o nome porque toda vez que o digo, imediatamente penso em S&M. Minha mente tem estradas secundárias perigosas.

— Lo quer que eu examine um contrato. Ele disse que o deixou em seu escritório. — Ele olha para mim com um pouco mais de preocupação do que eu aprecio em Connor Cobalt. Eu gosto muito mais de sua autossatisfação.

— OK, vou te levar até lá. — E acrescento a Garth — Você pode ficar aqui? Vigiando porta? — Tento abafar a preocupação em minha voz, mas temo não estar fazendo um bom trabalho.

— Claro.

No escritório de Lo, acendo as luzes e Connor aponta para a pasta de arquivos na mesa. Encontro meu minúsculo telefone flip e percorro todas as chamadas perdidas de Connor.

— Então, quem você pensou que eu era? — Connor pergunta enquanto

abre o arquivo e afunda na cadeira de couro.

— O quê?

— Este é um prédio novo. Acho que os ratos ainda não se mudaram. Obviamente você estava se escondendo de quem você achava que estava na porta. — Ele é astuto demais para seu próprio bem e tenho certeza de que já sabe a resposta para sua própria pergunta.

Pego um boneco da *Viúva Negra* na estante de Lo. — Eu gostaria de ser Rose — digo suavemente.

— Por quê?

Ela não ficaria tão assustada.

— Ela lidaria com isso melhor do que eu. Ela nem tem guarda-costas. Eu quero esse tipo de confiança, mas não acho que seja algo que uma jovem de vinte anos possa aprender. Estou atrasada.

— Há uma diferença entre coragem e orgulho. Acredite em mim, eu dormiria melhor à noite sabendo que ela tem um guarda-costas.

— Ela fica muito sozinha — digo. Como ela pode não ser corajosa? Ela está disposta a enfrentar o enxame de paparazzi e a imprensa faminta de mídia sozinha todos os dias.

— Sim, mas aquela garota prefere carregar seu próprio *Taser* do que deixar alguém defendê-la, tudo para provar um ponto. Então, quando ela enfrentar um adversário com o dobro do seu tamanho e em uma quantidade muito maior, ela vai perceber que algumas batalhas são melhores travadas com um companheiro.

— Oh — digo, finalmente entendendo, graças a sua analogia de super-herói. Minha irmã não é uma jogadora de equipe. Ela prefere fazer as coisas sozinha.

— Embora meus talentos sejam imensuráveis, não tenho o poder de salvá-la do outro lado da cidade — diz Connor. — E nosso relacionamento é um pouco diferente do seu.

— Isso é um eufemismo, eu acho.

Ele sorri. — É sim. — Ele fecha a pasta. — O que quero dizer é que estou tentando não ter medo por ela. Desde que éramos adolescentes, ela sempre me procurou em busca de segurança, mesmo que não admitisse. Eu sou a... rocha dela. — Ele olha fixamente enquanto encontra as palavras certas. — A... coisa inabalável. Confiante, equilibrado, implacável e irritantemente persuasivo. Se

ela vir que estou com medo, vai se gabar por fora, como se eu tivesse perdido uma partida de xadrez, mas por dentro vai começar a se questionar. E não gosto particularmente quando Rose perde a confiança e fica menos segura de si. Ela é mais vulnerável e isso parte meu coração.

Esta é uma honestidade totalmente nova para Connor Cobalt, sem insultos escondidos sob as palavras. É apenas... a verdade, da alma. Eu meio que gosto disso.

— Você a ama? — Pergunto, devolvendo a figura de ação e me sentando no sofá.

Ele abre a pasta e lê o contrato com seu jeito rápido e sobre-humano, virando a página mais rápido do que eu consigo ler uma revista no banheiro. — O amor é algo distante para alguns. — Ele se esquia da minha pergunta com uma resposta estranha. Enquanto se concentra no contrato, ele começa a fechar a porta em sua breve abertura.

Eu olho para ele quando percebo outra coisa. — Como é que você não diz mais a palavra *perverso*?

Ele brevemente tira os olhos dos papéis. — O que você está falando?

— Você costumava dizer 'perversamente inteligente' e 'perversamente legal'. Era minha coisa favorita sobre você. — Sua linguagem mudou desde que o conheci. Não completamente. Quero dizer, quando encontramos alguém que ele conhece, às vezes ele lança um 'ei, mano'.

Seus lábios se erguem. — Eu costumo me emburrecer perto dos deficientes intelectuais para não parecer um completo idiota. — Acho que ele acabou de me chamar de idiota. — Mas eu vejo você como uma amiga de verdade, então, desisti de algumas das pretensões. A maioria das pessoas não seria capaz de suportar tudo de mim.

— Rose pode? — Pergunto, ainda tentando processar tudo o que ele está dizendo.

Seus lábios apenas levantam-se mais. De repente, chego à conclusão de que nunca saberei como Connor Cobalt realmente soa em sua cabeça – quais palavras ele acha repugnantes, o que ele pensa de certas situações, suas reações *realmente* honestas que não são meio insultos e meio algo um pouco mais legal. Talvez Rose já o conheça. Ou talvez ela seja tão ignorante quanto o resto de nós.

Eu me atenho a um assunto seguro. — Portanto, no próximo semestre,

você estará na Wharton e Rose estará em Nova York. — Ambos se formaram na faculdade em maio (junto com Ryke), e fizemos uma pequena comemoração para todos eles algumas semanas atrás.

O sonho de Connor tornou-se realidade — uma aceitação na prestigiosa *Wharton School of Business* da Penn para seu MBA. Rose sempre zombava na pós-graduação. Ela acha que é apenas um pedaço de papel para se gabar, pelo menos para alguém que é herdeiro de uma fortuna. Então, ela passará seu tempo no escritório da Calloway Couture na cidade de Nova York, viajando de Princeton, Nova Jersey.

— Esse é o plano — diz Connor.

Estou preocupada com eles e sei que nem Rose nem Connor apreciariam minha preocupação. Mas relacionamentos de longa distância são difíceis, e posso ver que todas as idas e vindas não valem a pena — especialmente se Rose continuar lutando com seus problemas de intimidade. Ela conquistou dormir na mesma cama que Connor durante Cancun, mas ainda não deu o salto para o sexo.

Quero que ela encontre o amor e os fogos de artifício, mas nada que eu faça ou diga mudará seus problemas. Sou apenas sua irmãzinha, e uma problemática em seus olhos.

O olhar de Connor cai para o chão onde uma história em quadrinhos está espalhada — a página aberta para um par de seios nus gigantes e um pênis ereto.

— Lily.

— Eu não estava olhando para isso! — Defendo. — Quero dizer, estava, mas depois não estava. — Faça uma careta. Como falar pode ser tão difícil? Respiro fundo e realinho meus pensamentos. — Estava folheando e então, me deparei com... — Franzo a testa. — órgãos genitais. Queimou meus olhos e magicamente arremessou de minhas mãos.

— Vou te perdoar pelas hipérboles se você estiver dizendo a verdade.

— Estou! Juro. — Começo a desenhar cruzeiros no coração com o dedo, mas fico confusa. — Devo desenhar cruzeiros de Jesus ou Xs?

— Às vezes me pergunto se falamos a mesma língua.

— Xs — digo com um aceno de cabeça, ignorando seu desdém. — Definitivamente Xs.

Ele volta ao contrato e eu me aproximo da janela, espiando pelas persianas

para verificar se há paparazzi ou homens suspeitos à espreita na rua lateral.

Não sei como vencer esse medo. Tenho um desejo irresistível de me esconder no banheiro e masturbar minha ansiedade. Mas quero me sentir como em Cancun. Segura e não tão louca compulsiva. Eu anseio por essa estase novamente.

Meu novo terapeuta não parece preparado para me ajudar, e posso imaginar seus métodos para combater esse medo, uma máquina de choque do tamanho de um monstro em mãos. Então, me recuso a compartilhar minhas ansiedades com ele.

Mas também não vou me afogar em autossatisfação. Vou tentar algo novo e apenas mergulhar no meu desconforto até descobrir como lidar com o escrutínio minucioso e a mídia de maneira adequada. Até eu descobrir como respirar novamente.

CAPÍTULO 47

Loren Hale



Eu me sinto como um verme.

Sentado no meu carro alugado por uma hora e olhando para a mesma casa de tijolos de quatro andares. O gramado foi cortado recentemente, com uma placa saindo da grama: *McAdams Middle Honor Student*.

Maine carrega uma brisa que atrai as pessoas para fora, mas ainda estou enraizado no assento, minhas juntas congeladas. Meu maior medo é ficar neste maldito *sedan*, chegar até aqui e não ter coragem de subir a entrada.

Posso quebrar uma garrafa de bebida na porta de outro cara, mas não posso colocar um pé na frente do outro para dizer oi para uma mulher. Há ironia em algum lugar nisso. E talvez, se eu não estivesse morrendo de medo, eu riria.

Esfrego meu pescoço que se acumula com o calor nervoso. Eu deveria ter trazido Ryke e Lily como planejei originalmente. Quando contei a Lily que estava pensando em conhecer minha mãe, ela só me apoiou. Ambos queriam vir.

Mas acabei comprando apenas uma passagem de avião.

Tenho que fazer isso sozinho.

Ninguém entrou ou saiu da casa. Do lado de fora, lembra uma casa familiar normal de classe média. É o que eu poderia ter. Normal.

Solto um longo suspiro e passo as mãos pelo cabelo. *Apenas vá. Apenas acabe com isso, seu filho da puta.*

Antes que possa processar o que estou fazendo, saio do carro e alcanço a

caixa de correio. Respiro como se estivesse no meio de uma corrida de oito quilômetros. Inale. Expire. Um, dois, três. Mas não estou correndo. Eu não estou maratonando. Eu mal estou andando.

Meus tênis gastos pousam na varanda da frente. Minhas pernas pesam. Meus sapatos, por mais feios que sejam, estão cheios de chumbo.

Levanto meu punho para a porta, vacilo e deixo cair minha mão ao meu lado. *Vamos. Faça isso.* Repassei as conversas na minha cabeça, pensando neste momento durante anos. *Vamos, Loren. Caralho, cresce.*

Inale. Expire.

Um, dois...

Toco a campainha.

A porta se abre. E minha mente fica em branco.

Uma mulher olha para mim com uma expressão idêntica, atordoada e surpresa. Nunca liguei para ela, nunca a avisei sobre esse encontro. Eu estava com muito medo de que ela me fechasse. Eu só queria ver seu rosto, ouvir sua voz, tudo ao mesmo tempo.

Ela é jovem, não tem nem quarenta anos. Eu procuro suas características: nariz fino, lábios finos e cabelos castanhos brilhantes. De repente, percebo que estou procurando por mim nela.

— Eu sou...

— Sei quem você é. — Sua voz é aveludada, do tipo que você pode fechar os olhos e adormecer. Aposto que ela lê histórias de ninar para os filhos. O pensamento dá um nó no meu estômago. — Eu vi você no noticiário.

Espero que ela me convide para entrar, mas ela segura a maçaneta como se estivesse prestes a fechar a porta na minha cara.

— O que você está fazendo aqui? — Ela pergunta.

Não tenho certeza de qual reação eu esperava. Meu pai – ele me disse que ela não me queria. Achei que talvez ele estivesse mentindo. Ainda me agarro àquela esperança fútil de que ela cuidou de mim como uma mãe cuidaria de um filho.

Inale. — Eu só queria conversar. — Minha voz parece grosseira em comparação com a dela. Como um animal para um anjo. É uma merda. E não consigo parar de encará-la, como se ela estivesse a momentos de ser arrancada da minha memória.

— Não há nada para falar. — Seus olhos carregam desculpas, mesmo que

suas palavras não.

— Certo — digo e assinto para mim mesmo. Eu poderia ir embora. Poderia deixar isso assim. Eu a vi. O que mais eu preciso? Que porra eu estou procurando? — Você é minha mãe. — Eu quero retomar as palavras assim que as digo.

Ela se encolhe, a porta quase se fecha, mas fica ao lado dela, presa entre a moldura. E ela olha para mim como se eu fosse um erro, uma mancha em seu currículo que ela está tentando limpar. Ela não diz isso, mas posso ver a frase em todo o rosto dela. *Você não é meu filho*, na verdade não.

Ela não me criou. Eu era uma parte ruim da vida dela que ela está tentando esquecer.

Ela limpa a garganta, desconfortável. — Jonathan te disse alguma coisa?

— Não muito.

— Bem... o que você quer saber?

A pergunta aberta me surpreende por um segundo. O que eu quero saber? *Tudo*. Eu quero todas as respostas que foram mantidas de mim. — O que aconteceu?

— Eu era adolescente... — Ela olha por cima do ombro por um minuto e depois diz: — Eu era jovem e fui facilmente atraída por um cara como Jonathan. Dormimos juntos uma vez. É isso. E eu fui descuidada, e é por isso que você está aqui.

Algo desagradável fica na ponta da minha língua, mas eu engoli a resposta mais maldosa. Eu suco pela minha camisa, tão quente. Eu limpo minha testa e digo: — Então é isso que sou para você?

Seus olhos passam pelo meu corpo. Um vizinho do outro lado da rua olha com força em sua caixa de correio, e me pergunto se ele está tentando se lembrar – figurando de onde ele me reconhece.

— Você pode me convidar para entrar — Ofereço.

Ela balança a cabeça e limpa a garganta novamente. — Não. É melhor se você ficar do lado de fora.

— Certo. — É tudo o que posso dizer sem gritar, sem gritar tudo o que pesa no meu peito. *Por que você não voltou para mim? Por que você não se importou? Eu sou seu maldito filho!* Passei anos sem mãe, sem essa figura materna. O máximo que eu tive foram as pessoas que desfilaram dentro e fora da minha casa de manhã. Mulheres de maquiagem e meio vestidas que não

tenham palavras de sabedoria para mim, sem respostas para meus problemas, sem voz doce e estimulante para me aliviar a dormir.

— Você tem que entender... — Seus olhos caem no chão. — Eu não queria você.

— Sim, entendo — digo bruscamente. Meu pai estava certo. Eu não a deveria ter procurado.

— Eu estava no Ensino Médio — diz ela. — Era apenas uma garota e planejava ir para a faculdade, ter namorados e uma vida. Você ia tirar tudo isso de mim.

Você ia tirar tudo isso de mim. As palavras ressoam no fundo dos meus ouvidos.

Fico olhando para o céu brilhante, apenas olhando, apenas procurando por algo que nunca se revelará para mim.

Que diabos estou fazendo aqui? Não só aqui, nesta casa. Sinto que nasci para destruir a vida das pessoas. Eu fiz isso antes mesmo de vir ao mundo. E eu fiz isso depois. *Você ia tirar tudo isso de mim.*

— Por respeito a Jonathan, eu disse a ele que estava indo para uma clínica de aborto.

Fecho os olhos e uma lágrima quente escorre pelo meu rosto. Eu limpo. Expire. — Gostaria que você tivesse feito isso — digo de repente. Porque assim eu não teria que suportar essa dor. Meu rosto não iria torcer dessa maneira. Lily não teria passado a infância na minha casa destruída. Sua mãe a teria amado tanto quanto amava suas irmãs. Ryke teria crescido com dois pais em vez de um. Minha existência arruinou tantas pessoas, tantas coisas. A vida teria sido mais fácil sem mim.

— O quê? — Sua voz aveludada aumenta.

— Você me ouviu — digo, não mais agradável. — Eu gostaria que você tivesse me matado.

Ela empalidece. — Você não quis dizer isso.

— Por que não?

Ela toca os lábios por um momento, apenas olhando para mim. — Porque... seu pai, ele te deu tudo.

Você tem tudo, Loren. Não seja um merdinha tão ingrato, Loren.

— Sim — Assinto. — Ele me deu tudo. — Antes que ela possa falar, pergunto: — Então, o que te impediu? Seus pais? Alguma crença religiosa?

Medo?

— Jonathan me parou — diz ela. — Ele estava furioso com a ideia de perder o filho. Chegamos a um acordo. Eu teria você, e então você seria inteiramente dele. Eu teria a vida que planejei e você cresceria no luxo, algo que eu não seria capaz de lhe dar sozinha. Achei que você ficaria feliz.

— Sim, ainda estou trabalhando na parte da felicidade.

Espero o lampejo de arrependimento encher seus olhos, mas ele nunca vem. Eu sou o herdeiro podre e mimado, aquele que bebe até cair. Aquele que foi para a reabilitação como se fosse um golpe publicitário. E tenho uma namorada viciada em sexo.

Emily fica quieta enquanto um ônibus escolar para no meio-fio. As portas se abrem e crianças do Ensino Médio saem correndo. Uma garota com meu cabelo castanho-claro e meu nariz, ajeita a mochila, caminhando em direção a casa.

Emily força um sorriso para a filha. — Oi, querida, você pode entrar, por favor?

Sua filha semicerra os olhos para mim, ajeitando o grande óculos redondo no nariz. — Você não é Loren Hale?

Odeio que uma garota do Ensino Médio me conheça. Meu rosto está em todos os tabloides. Ontem, eles dissecaram uma fotografia minha saindo de um restaurante de mãos dadas com Lily.

E então isso me atinge totalmente.

Ela é minha meia-irmã.

— Sim, sou eu.

— E você está na minha casa...? Você conhece minha mãe?

Emily espera impacientemente por sua filha, prestes a interpor, mas faço um favor a ela e encerro sua investigação.

— Na verdade não — digo. — Ela é amiga do meu pai.

— Mãe — Ela sussurra. —, você conhece pessoas famosas?

Emily encolhe os ombros, rígidos.

E então meus olhos encontram um broche na alça da mochila jeans da garota. *Mutante e orgulhoso*. Quais são as hipóteses? — Você gosta de *X-Men*?

— Os desenhos animados — diz ela. — *X-Men: Evolução*.

— Minha namorada também gosta disso.

— Você quer dizer sua noiva? Acabei de ler no *Celebrity Crush* que você vai se casar. — Ela balança os pés e empurra o óculos mais para cima do nariz enquanto ele desliza para baixo. — É verdade?

— Sim, é verdade.

Seus olhos brilham como se ela tivesse algo bom para contar às amigas amanhã na hora do almoço.

Emily alarga a porta para a filha passar. — Willow, por favor, entre.

Willow me examina com um olhar inquisitivo antes de ceder aos apelos de sua mãe. Ela desliza para dentro e para fora de vista.

— Você deu à sua filha o nome de um personagem de Buffy? — Talvez gostemos das mesmas coisas, penso estupidamente. Provavelmente porque Willow estranhamente gosta.

Ela franze a testa. — O quê?

— O programa de televisão, *Buffy, a Caça-Vampiros*? — Ela ainda está confusa. — Deixa pra lá.

— O que você quer, Loren? — Ela finalmente pergunta. — O que você achou que aconteceria vindo aqui? — Sua voz fica mais baixa e a porta começa a se fechar, então, não consigo ver além de seu corpo e dentro de sua casa. Não consigo ver a vida que nunca teria tido. — Você tem vinte e um anos. É um adulto.

— Você não é minha mãe. Acho que entendi — digo asperamente. Eu odeio que eu não a odeie. Nem um pouco. Dou um passo para trás, meus olhos passam rapidamente pela casa, por algo que não quero destruir. Eu estrago tudo que toco.

E não vou atrapalhar a vida dela. Mesmo que a minha esteja toda fodida. Bem quando estou prestes a deixar tudo isso para trás, outra coisa me chama a atenção na janela.

Uma garota. Uma criança. Não mais do que dois ou três. Ela espia pelo vidro, segurando um dinossauro de pelúcia. Eu me vejo. Crescendo e sendo enganado. Nunca saber sobre meu irmão e encontrar as respostas da maneira mais chocante e horrível. Os segredos. A traição.

Eu encaro Emily novamente. Ela parece em paz com sua decisão e sua vida, mas está repetindo o mesmo erro de meu pai. Como Sara Hale. Ela não vê isso agora, mas as mentiras que ela tece vão corroer sua família de dentro para fora.

— Você deveria saber — digo — que embora eu não seja seu filho, ainda sou o irmão deles.

Seus lábios pressionam em uma linha.

Mas continuo falando. — E talvez você não veja assim, mas acredite em alguém que já passou por essa situação antes – eles vão. — Eu penso em Ryke. — Não estou dizendo que você tem que contar a eles sobre mim agora ou em breve, mas eles descobrirão eventualmente. Se não da imprensa, de algum estranho, e eles devem saber de você.

— Vou manter isso em mente — diz ela brevemente. — Algo mais?

Vai se foder. Eu não posso dizer isso, no entanto. Eu realmente não sinto isso. Mais como, *eu que me foda. Por ser tão estúpido. Por pensar que você se importaria.*

Balanço minha cabeça, tudo drenando de mim como se eu tivesse sido aberto na calçada. Dou mais alguns passos para fora da varanda, olho para a casa de tijolos de três andares. Família de classe média. Feliz. Normal.

Eu me viro e nunca olho para trás.

CAPÍTULO 48

Lily Calloway



Com Lo em Maine, ele queria que eu faltasse à minha sessão de terapia com o Dr. Evans hoje, mas o terapeuta me ligou e disse que se eu faltasse, ele entraria em contato com meus pais e contaria como meu progresso estava ruim. Então, sento-me sozinha no escritório do Dr. Evans, constantemente checando meu telefone. Lo disse que ligaria depois de ver Emily. Se o encontro não correr bem, temo que ele opte por fugir com álcool. Eu queria muito ir, mas a pedido dele, fiquei aqui.

O Dr. Evans aplica os eletrodos no meu pulso e me entrega a pequena caixa preta com todos os fios saindo. Ele se aninha atrás de sua mesa em seu assento, com um olhar presunçoso. Ele adora o fato de Lo não estar aqui para interromper a sessão.

— Então, vamos ver revistas de novo? — Eu me remexo no meu lugar, um pouco nervosa por estar fazendo isso apenas com o Dr. Evans na sala. Quando Lo está aqui, parece menos estranho.

— Acho que devemos passar para outra compulsão hoje.

Eu tento quebrar meu cérebro. O que mais eu poderia conquistar com a terapia de aversão além de fantasias e pornografia?

Seus olhos caem para minhas coxas. — Teria sido mais fácil se você usasse um vestido ou saia, mas acho que você consegue.

Meu coração bate contra minha caixa torácica. Talvez eu tenha ouvido errado.

— Eu quero que você se masturbe. Você ficará chocada até que seu

cérebro responda aos estímulos negativos.

Oh, meu Deus.

Minha cabeça se move por conta própria, balançando ferozmente de um lado para o outro. — Não — Deixo escapar. — Sem chance. — Não vou me masturbar na frente dele!

— Lily, seus pais me contrataram especificamente — Explica ele. — Isso é o que funciona. Você precisa condicionar sua mente para reconhecer a masturbação como um mau impulso.

Meus pais são minha fraqueza. Eu vocalizei que faria *qualquer* coisa para consertar o que fiz. Mas até onde estou disposto a ir?

— Existe mais alguma coisa que eu possa fazer hoje?

Ele pondera sobre isso, os dedos em sua têmpora em pensamento. — Acho que podemos tentar outra coisa — diz ele para meu alívio.

Dr. Evans se levanta e caminha até a frente de sua mesa, ele inclina sua bunda na borda, o controle remoto ainda em uma mão. A outra cai para o zíper. *Oh, caralho.* Esta não é a *outra coisa* que eu tinha em mente!

— O que você está fazendo? — Resmungo, congelada na minha cadeira.

— Prostitutas como você são obcecadas pela genitália masculina. Você vai olhar para ele, tocá-lo, chupá-lo e eu vou dar um choque em você até que você fique legal e normal.

— Não.

Rose encontrou minha terapeuta *perfeita*, Dra. Banning, depois de se encontrar com alguns horríveis. E eu me pergunto se ela teve que aguentar situações como essa por mim, só para eu evitar. Sei que teve. Eu sei porque me lembro do olhar que Connor e ela trocaram quando estavam discutindo sobre os terapeutas que visitaram juntos.

Dr. Evans já está abrindo seu zíper prateado, e seu pau emerge de sua calça cáqui. Minhas mãos dispararam para os meus olhos enquanto o *buzz* familiar pulsa na minha pele.

Eu não estou olhando. Não estou olhando. Não estou aqui. Não mesmo.

A sala fica em silêncio, e acho que talvez tenha vencido.

E então eu sinto isso. Na minha perna.

Eu pulo como se todo o meu corpo tivesse sido eletrocutado desta vez. A caixa de choque cai no chão, arrancando os fios que se conectam aos eletrodos no meu braço. Eu tropeço para trás, meus olhos esbugalhados. Dr. Evans

diminui a distância entre nós, bem na minha frente. Eu me recuso a deixar meu olhar cair para seu pênis pendurado.

— Afaste-se de mim — digo. Não vou cair de joelhos com a língua para fora da boca. Eu não sou a mesma garota que foderia tudo por uma rápida gozada. Eu sou mais forte. Mesmo sem Lo. Eu sei disso agora.

Dr. Evans enxota minhas ameaças, e ele agarra meus pulsos. Sua boca encontra meu ouvido. — Você vai se sentar e obedecer, ou vou dizer a seus pais o quanto você realmente é uma prostituta.

Diga a eles, é o meu primeiro pensamento. Não vou sacrificar meu próprio orgulho, minha própria dignidade por eles. Nada no mundo vale a vergonha que sentirei com isso. Nada.

Eu encaro de volta e todo o meu ódio e ressentimento em relação a todos que me caluniaram como uma vagabunda ou prostituta ressoam em duas palavras. — Foda-se.

Seu aperto aumenta e percebo o quão pequena eu sou comparada a ele, comparada a qualquer homem. Eu poderia muito bem ser um saco de ossos. Eu respiro fundo e grito: — GARTH!

Dr. Evans pressiona a mão sobre minha boca e sua outra mão começa a descer para o meu short. — Se você não fizer isso sozinha, terei que fazer isso por você.

Eu luto contra seu aperto, tentando morder e chutar, mas ele acaba me prendendo de volta no assento. Sua mão descansa entre minhas pernas, pressionando o local sobre minha calça. Não consigo parar de gritar contra a palma da mão dele.

A porta se abre e antes que ele possa fazer qualquer outra coisa, meu guarda-costas se aproxima e o joga contra a mesa. Tremo como uma folha trêmula, mas estou de pé e inteira. Garth empurra o Dr. Evans como um boneco de pelúcia. Ele parece pronto para aniquilar o homem, então fico surpresa quando ele solta o braço. — Você vai ouvir dos advogados de Greg Calloway. Aconselho você a arrumar seu escritório hoje.

Garth se vira para mim e me dá um olhar simpático, quase apologético. Estou feliz por ele estar aqui. Lo estava certo sobre o guarda-costas.

Ele me conduz para fora da sala, e olho para trás em busca de uma última imagem do meu terapeuta maligno. Meu coração ainda não desacelera. Acho... acho que estou um pouco em choque. Não consigo fechar os olhos

nem piscar.

Dr. Evans cai no chão e olha atordoado para os fios da caixa de choque.

— Você está bem? — Garth pergunta no saguão.

— Acho que sim. — Estou tentando dispersar minhas emoções. Sinto-me menos como uma flor murcha, mas principalmente não consigo parar de respirar tão rápido. Eu esfrego meu pulso. Sim, estou em choque.

— De volta para casa? — Ele acha.

— Podemos fazer uma parada primeiro?

Ele acena com a cabeça e nós dirigimos alguns quarteirões até outro arranha-céu. Minhas mãos ainda tremem, mas também parecem um pouco desconectadas do resto do meu corpo. Quando chegamos ao escritório, bato na porta, minha respiração desce lentamente.

A porta se abre, revelando uma mulher com cabelo preto e sorriso caloroso. Não a vejo há quase dois meses. Não percebo o quanto senti falta dela até que seus braços estão em volta dos meus ombros e os meus estão em volta dos dela. Lágrimas picam meus olhos.

— Oh, Lily — Ela diz — Temos muito o que conversar.

Sim, temos. Sei como é uma boa orientação agora e nunca vou deixá-la.

Enxugo meus olhos, prestes a dizer a ela que quero restabelecer nossas sessões. Mas algo mais sai da minha boca. — Você acha que posso chamá-la de Allison?

— Gostaria muito disso.

CAPÍTULO 49

Loren Hale



O avião pousa em Nova York. Não vou para casa. Acabo no estacionamento de um bar local. Frio. Sozinho. Preso com meus próprios pensamentos. É um jogo perigoso.

Seguro o volante, a dor cortando através de mim como facas afiadas. Não consigo parar de ver o rosto contorcido de Emily, cheio de inquietação – desconfortável, desejando que eu simplesmente fosse embora. Perdi minha mãe de novo, mas esse é um pensamento estúpido. Não posso perder algo que nunca tive.

Belisco meus olhos e grito, minha garganta queimando. Eu preciso correr. Preciso afastar esses sentimentos. Ouço meu pai na parte de trás da minha cabeça. Eu ouço Emily. Ouço a imprensa, a mídia. *Você tem tudo, Loren. Por que diabos você está chorando? Olhe ao seu redor, por que você poderia estar triste?*

Nada. Não posso ficar chateado, sentir nada além de gratidão. Eu sou privilegiado. Sou rico. Meus olhos percorrem o bar, o sinal de ABERTO piscando em azul-neon. Eu sou um novo adulto rebelde, precisando de atenção. Certo? Isso é o que é. O álcool atrairá todos os olhares para mim, fará com que as pessoas tenham pena de mim. Fazê-los sentir pena.

Não é isso, penso. O álcool afogará meus pensamentos conflitantes. O álcool vai calar todas as vozes na minha cabeça.

Também vai foder com todo o resto.

Não sei o que fazer. Estou perdendo a cabeça. Bato a palma da mão no

volante, outro grito se forma em minha garganta, e as lágrimas que sufoco de repente escorrem pelo meu rosto. Não consegui dizer não ao meu pai, não consegui parar quem estava vazando e minha mãe nunca me quis realmente — nem mesmo agora. Eu sempre falho. Sempre.

Minhas mãos tremem quando pego meu celular e disco um número rapidamente. Eu só quero ouvir a voz dela. Eu pressiono minha testa contra o volante, sem mais energia para manter minha cabeça erguida.

— *Onde você está?* — Lily pergunta com preocupação. — *Você deveria ter ligado horas atrás. Seu voo pousou, certo?*

— Sim, estou indo para casa — Minto.

— *Você ainda está em Nova York? Podemos nos encontrar para jantar* — Ela oferece, provavelmente não acreditando na minha mentira.

— Por que você me ama, Lil?

— *Lo, realmente, onde você está?* — A preocupação aumenta em sua voz.

— Apenas me responda. — Deixei escapar um longo suspiro. — *Por favor.* Por que você me ama? — Agarro o telefone com mais força, as lágrimas nublando minha visão.

— *Quando tínhamos onze anos, estávamos na sua casa, lendo gibis* — diz ela, e por algum motivo sei exatamente qual memória ela está tentando desenhar para mim. Estávamos na minha cama, cercados por vários quadrinhos dos *X-Men* abertos e esparramados, e líamos o mesmo ao mesmo tempo. Ela esperava pacientemente que eu me apressasse, seus olhos deslizando rapidamente pelos quadrinhos enquanto eu absorvia cada linha, cada mancha de cor. — *Você se lembra?* — Ela pergunta depois de uma longa pausa.

— Sim — digo, minha voz tremendo.

— *Nós dois sabíamos que você era mais parecido com Satânico. Você faz as escolhas erradas, mesmo quando sabe onde estão as certas.*

Eu assinto para mim mesmo, com lágrimas caindo. Tento respirar fundo, mas a dor me sufoca.

— *Mas naquele dia, você disse que aspirava ser Ciclope. Scott Summers era forte. Ele cuidava de todos diante da crise. Ele era um homem que as pessoas queriam ao seu lado.* — Sua voz também treme, como se ela estivesse quase chorando. — *Lo, você conseguiu. Você é meu Scott Summers, e sem você, eu não estaria aqui.*

Fecho os olhos e deixo que isso penetre. Ela não precisa dizer, *eu te amo* porque... O sentimento está ligado a cada palavra. Ela me ama porque acredita que sou forte. Ela me ama porque ela é uma parte de mim.

Ela me ama porque me tornei um homem melhor com tudo isso.

— *Lo* — Ela continua. — *Seja o que for que Emily disse, preciso que você saiba que não vou a lugar nenhum. Estarei sempre aqui quando você voltar para casa. Sempre haverá um nós.*

— Um Lo e Lily — Suspiro.

— *Ou Lily e Lo.*

Eu sorrio. — Obrigado.

Ela faz uma pausa. — *Preciso dizer o resto?*

— Não, mas você pode, se quiser.

— *Não beba, Loren Hale* — Ela diz severamente, mas sai mais fofo do que rígido. Funciona do mesmo jeito.

— Eu te amo, Lili. — Eu me endireito e enxugo os olhos com as costas do braço.

— *Você está voltando para casa, então?*

— Tenho que fazer uma parada primeiro.

Ela suga uma respiração preocupada. — *Lo.*

— Confie em mim — digo.

— *Eu também te amo* — Ela me diz.

Ligo a ignição e deixo essas palavras me levarem.

Não me lembro de o escritório estar tão frio ou escuro, mas entro com um propósito. Não estou mais arrependido ou triste. Sou alimentado por outra coisa, algo mais sombrio e forte que começa a corroer meu âmago. É um demônio que meu pai carrega, aquele onde a raiva se transforma em palavras vis. Aquele em que paramos de ser patéticos e começamos a ser maus. Achei que ficar sóbrio me mudaria. Faria essa parte de mim desaparecer. Mas percebo que não é apenas o álcool que alimenta meu ódio. Está programado dentro de mim por anos e anos sendo criado por alguém como ele.

— Você finalmente voltou — diz Brian, descansando atrás da mesa com

essa indiferença que sempre cavou sob minha pele. — Você se cansou de ignorar minhas ligações?

— Você não foi nada, se não persistente — Retruco secamente, caindo na cadeira. Conheci Brian na reabilitação e discutimos minha vida em detalhes. Ele deveria ser meu terapeuta ambulatorial, e acho que estraguei tudo quando parei de ir às nossas sessões. Ainda mais quando parei de atender suas ligações.

— Então por que você está aqui, Lo? — Ele se inclina ainda mais para trás na cadeira.

— Como você não me odeia, porra? — Pergunto em confusão.

— Suponho que você teve um motivo válido para faltar à sessão — Brian diz calmamente — e se não, então é por sua conta.

— Não estou falando de faltar às sessões — Retruco. — Como você pode sentar aí e ouvir meus problemas e não revirar os olhos a cada dois segundos?

— Por que eu faria isso? — Ele não vacila, não parece confuso ou chateado. Brian é uma lousa em branco que devolve minhas palavras para mim. Todo esse tempo, eu pensei que ele me encarava como se eu fosse um babaca real – que eu era um perdedor que ele tinha que engolir. Mas sei que estava projetando. Eu queria que ele me odiasse. Estava implorando por isso porque não sou digno da compaixão de ninguém.

— Tenho mais dinheiro do que você jamais terá na vida. Você tem que sentar aí e me ouvir *reclamar* sobre merdas estúpidas por horas a fio, e então eu volto para minha bela casa com meu belo carro.

— Você acha que eu deveria te odiar porque você tem dinheiro e porque eu tenho que ouvir seus problemas? É por isso que você parou de vir?

— Não, parei de vir porque não aguentei mais olhar para a sua cara feia.

Ele realmente sorri com isso. É genuíno, o que me faz sentir como um alguém superior. Ele coloca a caneta na mesa e se senta. — Conheço você, Lo — Ele me lembra. — Conversamos por meses, sei que ninguém, especialmente seu pai, jamais lhe disse isso.

— Se esta é a sua sabedoria do biscoito da sorte, pode guardar para você.

— Ter dinheiro não faz de você um autômato insensível. Você é humano. Você ainda pode ter problemas. A diferença é que você tem a capacidade de corrigi-los. Você só tem que querer. Nem todo mundo pode receber a mesma ajuda que você ou pagar a clínica de reabilitação que você frequentou. —

Minha barriga estremece com a verdade. — Mas isso não significa que sua recuperação não possa ser difícil. Isso não significa que o que as pessoas dizem na TV ou nos tabloides não doa tanto. Você ainda sangra como o resto de nós. Você pode chorar. Você pode ficar chateado. Esse direito não foi tirado de você.

Eu olho atordoado para o chão.

— E, Lo — Continua ele. —, não costumo dar minha opinião pessoal aos meus pacientes, mas vou abrir uma exceção com você.

— Que gentil.

Ele não sorri desta vez. — Por baixo desse exterior áspero, eu-me-odeio-e-todos-ao-meu-redor está um cara legal. E acho que você tem a capacidade de realizar grandes coisas se começar a se perdoar.

— Com que objetivo?

— Eu acho que você sabe qual.

— Bem, você está tão interessado em dar opiniões pessoais, por que não me diz? — Retruco.

Ele não diz. Em vez disso, pega a caneta, recosta-se na cadeira e clica algumas vezes. — Às vezes, a pessoa que pensamos que nos tornaremos é a pessoa que já somos, e a pessoa que realmente nos tornamos é a pessoa que menos esperamos. — Ele clica a caneta novamente e aponta para mim. — Aí está a sua sabedoria do biscoito da sorte.

Acho que ele está me dizendo que tenho uma chance. Que a vida que imaginei – na qual me tornei o homem que se odeia atrás de uma mesa, onde me tornei meu pai – não precisa ser aquela destinada a mim. Quero dar o salto enquanto minha mente está clara, enquanto posso ver um futuro alternativo que não pareça tão sombrio. Eu quero Lily. Uma casa. O tipo de felicidade da cerca branca. Nunca pensei que merecia isso, mas talvez, um dia, eu possa me tornar o tipo de pessoa que merece.

Eu me mexo no meu assento, mas não quebro seu olhar. — Fui ver minha mãe. Minha verdadeira mãe — digo a ele.

Sua cabeça se inclina, mas seu rosto fica branco novamente. Desta vez, não estou com vontade de socá-lo por sua falta de reação. Eu apenas falo.

Derrama de mim como se eu tivesse aberto meu estômago. Cada palavra me deixa mais leve e livre.

Não paro.

CAPÍTULO 50

Lily Calloway



Na manhã seguinte, Lo e eu vamos para o escritório dele. Ele compartilha todos os detalhes sobre sua mãe e me deixa abraçá-lo sempre que estendo a mão. Embora eu não possa me relacionar fisicamente com um pai me abandonando, entendo como é querer que sua mãe o ame e não receber o mesmo carinho em troca.

Ele afunda em sua cadeira de couro, e eu hesito em mencionar o que aconteceu com o Dr. Evans logo após sua reconexão emocional com Emily. É por isso que não mencionei isso no telefone ontem à noite. A última coisa que eu queria era instilar culpa e fazê-lo quebrar sua sobriedade. (Ele admitiu estar sentado no estacionamento de um bar – eu sabia disso.)

Eu folheio os gibis em sua prateleira enquanto ele trabalha em alguns contratos. Um cara que dirige outra editora independente tem dado conselhos a Lo, então, a cada semana Lo fica mais confiante sobre o trabalho. Ele até fala em contratar um sócio para ajudar em todas as áreas em que é fraco. E essa ideia, de pedir ajuda a alguém, não o faz hesitar em detestar.

Eu deveria estar desempacotando as caixas lá embaixo na *Superheroes & Scones*, então minha presença persistente deve chamar a atenção de Lo. — Você está bem, Lil?

Pego um quadrinho da *She-Hulk* na prateleira e me concentro na capa enquanto falo. — Na verdade, decidi voltar para Allison para terapia. E meu pai está bem com isso. Ele diz que isso não vai quebrar o acordo. Ele também me disse que entrará com um processo contra o Dr. Evans. Com sorte, ajudei

alguma outra garota que poderia ter sido assediada.

— Caralho — Ele amaldiçoa. — Esqueci de perguntar sobre sua última sessão com... — Ele para, e eu encontro seus olhos que cresceram tão grandes quanto pires.

— Estou feliz por ter ido — digo a ele. — Nunca o teria demitido de outra forma.

— Que porra ele fez?

Abraço o quadrinho contra o peito como um travesseiro, deixando que ele me dê algum tipo de força. — Ele queria que eu me masturbasse enquanto ele me dava choque — digo muito rapidamente.

Lo agarra a mesa, seus olhos se transformando em pura fúria.

— Mas eu disse não! Então ele não gostou disso, abriu o zíper da calça.

Lo pula de pé. Eu largo o quadrinho e corro para impedi-lo de sair da sala.

Minhas mãos pressionam seu peito. — Eu disse que não, Lo — digo com orgulho. — Gritei, e então chamei por Garth. Correu tudo bem.

— Nem tudo está *bem* — Lo me diz, a dor acariciando seus olhos cor de âmbar. — Tudo bem se você nunca tivesse que lidar com aquele filho da puta doentio.

— Acabou — digo. — Meu pai está cuidando disso. Não quero ficar pensando em cada coisa ruim que acontece conosco. Quero seguir em frente. Não é? Estou pronta para começar o mais novo capítulo de nossas vidas. Aquele em que não somos agredidos por nossos vícios. Aquele em que somos felizes.

Seus ombros relaxam e suas mãos sobem para minhas bochechas. — Você está bem? — Pergunta, procurando a verdade em meus olhos.

— Eu me sinto forte — digo. — Sei que isso provavelmente é estranho.

Ele balança a cabeça e seus olhos parecem dizer *não, de jeito nenhum*.

— Há algo mais — Começo. A preocupação cobre seu rosto. — Não assim. É uma coisa boa, acho. — Eu respiro fundo e suas mãos caem nas minhas. — Decidi que não quero ver a lista sinistra do que não posso fazer... sexualmente, quero dizer. — Faça uma careta. *Sério, Lili?*

Rugas marcam sua testa. — Por quê?

— Percebi que não importa o que eu não posso fazer com você. Estamos juntos... de verdade desta vez. Nenhum pedaço de papel ou lista pode me dizer o que estou perdendo. Eu tenho tudo que eu poderia querer.

Mal consigo piscar antes de seus lábios estarem nos meus, antes de seus braços me puxarem para seu corpo. Estou camuflada em Loren Hale. Ele passa a mão na minha nuca antes de terminar o beijo, mas não se retrai totalmente. Ainda estou de verdade em seus braços.

E, então, ele me levanta com as duas mãos firmemente plantadas na minha bunda. Minhas pernas envolvem sua cintura instantaneamente. Obviamente, meus membros estão processando o que está acontecendo mais rápido do que meu cérebro.

Seus olhos derretem nos meus enquanto ele lentamente me leva para trás e me coloca em sua mesa. Meu coração bate como um tambor nisso – uma fantasia que eu imaginei desde que estava no Ensino Médio. Mesas. Sexo nelas. Sexo sobre elas. Sexo perto delas. Claro que posso transformar móveis em algo estimulante.

Isso está realmente acontecendo ou está tudo em minha mente suja?

Os cantos de seus lábios se erguem em minha confusão e antecipação. Sua diversão apenas se levanta aos meus desejos, mas eu tento empurrá-los de volta, não querendo se transformar em um monstro compulsivo.

Suas mãos correm pelas minhas coxas, minhas pernas ainda apertadas na cintura dele. — Quantas vezes você imaginou isso?

— Nesta mesa específica?

Ele sorri e me beija novamente. Eu o aproximo e seguro atrás do cabelo, segurando com força. Ele geme um pouco enquanto se afasta e depois puxa meu short com facilidade. Estou prestes a puxar minhas pernas de volta na cintura dele, mas eu me paro. Surpreendentemente, eu até o paro, plantando duas mãos firmes em seus peitos. Oh, esses são legais.

— Lil?

Certo, foco. Encontro seu olhar perplexo. — Eu não sou estúpida — digo.

Sua carranca se transforma em mágoa. — Nunca disse que você era.

Balanço a cabeça. Tudo isso está saindo errado. — O que eu quero dizer é — Começo de novo — depois de todos aqueles momentos em que você me negou sexo na praia, no carro, basicamente em qualquer lugar, exceto nosso quarto e banheiro, descobri que o sexo público tem que estar nessa lista.

Ele dá um passo para trás e a distância dói mais do que eu pensava. Estendo a mão e pego na mão dele para algum tipo de conexão. Ele me deixa segurar com força. — Você disse que não importa o que está nela — Lembra

Lo.

— Não. Não, eu juro. Eu simplesmente não quero ultrapassá-la.

Minhas palavras o agradam o suficiente para voltar para mim, para tirar a mão da minha para que ele possa colocar as duas nas bochechas. — Não vou deixar você quebrar nenhuma dessas regras. Essa é a minha promessa para você.

— Mas...

— É o *meu* escritório — diz ele com um sorriso humorado. — É meu lugar *particular*.

Ohhhhh. SIM! Eu mordo meu lábio inferior para tentar esconder meu sorriso.

— Então você está toda sorrisos agora? — Ele pergunta. — Você sabe o que eu penso sobre sorrisos?

Balanço a cabeça, ainda sorrindo enquanto suas mãos descem. Seus dedos deslizam provocadamente logo abaixo da bainha da minha calcinha.

Seus lábios escovam meus ouvidos. — Eles não são tão sexies assim. — Ele desliza os dedos dentro de mim e pressiona contra um ponto macio. Meu rosto instantaneamente se contorce em um puro prazer, minha boca se abrindo e meus olhos flutuando. Um barulho escapa da minha garganta.

Ele parece muito satisfeito. — Quem está sorrindo agora, amor?

Definitivamente você. Eu agarro no ombro dele enquanto ele substitui os dedos por seu pau duro. Tenho vontade de balançar contra ele, mas fico parada como posso. Eu quero mostrar a ele que tenho controle. Que estou tentando.

Ele entra e sai, e me agarro nas suas costas, seus braços, qualquer coisa para me manter composta. Sua mão passa meu pescoço, e ele se inclina para a frente para um beijo, mas tenho problemas para ficar parada. Mover meus lábios parece um feito difícil. Ele não parece se importar. Pressiona a boca contra a minha e pede a abertura. Quando não respondo, ele suga meu lábio inferior. Ruídos borbulham da minha garganta, ruídos que eu nem tinha certeza de que poderia fazer.

Agora, ele está sorrindo.

Ele bombeia mais rápido e mais forte e eu o solto, quase caindo para trás na mesa. Ele me pega e me coloca lentamente contra alguns papéis soltos.

— Olhos em mim, amor — Ele pede, a respiração rouca. Sei que estou

olhando para o pau dele. Olho para cima para encontrar seu olhar. É inebriante, intenso e me enche mais do que qualquer outra parte do corpo. Eu não desvio.

Agora não. Nunca.

CAPÍTULO 51

Lily Calloway



— Oh, meu Deus! Encontrei seu pornô! — Eu saio de perto de Ryke com uma caixa de sapatos. Só posso imaginar que contém evidências incriminatórias, verificando que não sou a única amante de pornografia dentre nossos amigos. Minha alegria é muito aparente.

Lo e Ryke erguem os olhos do chão, cobertos com plástico-bolha e caixas. Estamos empacotando algumas coisas de seu antigo quarto na casa de sua mãe. Ele está se mudando de seu apartamento na Filadélfia para um novo apartamento na mesma cidade, apenas um lugar com mais quartos de hóspedes e menos paparazzi à espreita do lado de fora.

Em vez de comprar coisas novas para o espaço extra, ele está tentando aproveitar o que tem aqui. Ryke planejou a festa de embalagem durante o clube do livro de Sara Hale, então, ela não está em casa. Lo realmente não quer conhecê-la cara a cara, considerando que ele é o resultado de seu casamento fracassado.

— Abra — Ryke me diz, apontando para a caixa de sapatos em minhas mãos.

Viro a tampa e meu ânimo evapora. Cartões de *baseball*. Centenas deles. Um dos caras parece meio bonito... talvez...

Mostro um cartão com o jovem jogador gostoso. — Você se masturbou totalmente com isso.

Lo sorri, mesmo enquanto luta para embrulhar uma lâmpada de formato estranho.

Ryke me dá uma olhada. — *Você* o faria — Ele refuta. — E talvez eu também o fizesse se me sentisse atraído por homens. Mas não, troquei com crianças da escola primária, não gozei com eles. — Ele se vira para Lo. — Ela faz isso com você?

— O quê? — Ele pergunta divertido. — Tentar encontrar minha pornografia?

Eu congelo, olhos arregalados. — Você tem pornografia? — Oh, meu Deus, pode haver pornografia em nossa casa. Agora mesmo. Eu suspiro. — Onde?

— Na casa do meu pai — Explica ele. — Da minha adolescência. — Oh. Isso faz sentido. Ele não manteria pornografia perto de mim – mesmo que eu tenha me saído muito bem nas últimas semanas.

— Então sou o único que você gosta de envergonhar? — Ryke me pergunta.

— Você não pode ficar envergonhado — Lembro-o —, e você me disse para ficar confortável falando sobre sexo, então a culpa é sua. — É verdade que me abri com Ryke e acho que podemos até nos chamar de amigos agora.

— Fantástico pra caralho. — Ele pega um rolo de fita e tenta enrolá-la sobre uma caixa, mas o dispensador grita em revolta. Ele resmunga alguns palavrões e o joga no chão. — Lily, você pode encontrar outro rolo de fita para mim? Deve haver um no armário da cozinha.

— Já vejo nisso. — Saio do quarto e viajo pela casa grande que tem mais quartos do que necessário. Procuro a cozinha e começo a abrir o máximo de armários que consigo, evitando as louças e panelas. Algumas gavetas depois, encontro a área de miscelânea. Agacho-me e descubro fita adesiva atrás de um tubo de lâmpadas.

Sucesso.

Eu me viro, prestes a voltar para o quarto de Ryke, mas algo me impede. Algo situado no carrinho de chá ao lado da mesa do café da manhã. Uma pequena caixa está enfiada em uma cesta transbordante de correspondência.

É marrom, como qualquer pacote normal, mas esta é diferente. Meu coração salta para a minha garganta. Engolindo um caroço, aproximo-me da caixa, confirmando minha suspeita. Minúsculos Xs são digitados em toda a embalagem.

Minhas mãos tremem enquanto coloco a fita no carrinho e inspeciono a

etiqueta.

De: Kinkyme.net

É o mesmo *site* que me enviou o vibrador, mas presumi que o chantagista apenas enviou o pacote diretamente para a casa dos meus pais. Espere. Isso não está certo. Um bilhete acompanhava o brinquedo sexual, então o chantagista teve que enviar a caixa primeiro para a casa deles, colocar a mensagem dentro e *depois* enviá-la para mim.

Esta é a casa de Ryke. Nós nunca viemos aqui. Ele sabe disso. Ele sabe mais sobre nós do que quase qualquer um. Nós o deixamos entrar.

Lo estava certo desde o começo, não estava?

Lágrimas se formam. Ryke fez essa trama elaborada, infiltrando-se em nossas vidas, apenas para causar mais dor a Lo – para arruinar sua vida porque ele destruiu a dele simplesmente por existir.

Por que as pessoas que você ama são as que mais te machucam?

Continuo lendo a caixa.

Para: William Crane

Um nome falso para cobrir seus rastros. Agarro a caixa, odiando tudo e depois nada. Uma dor horrível rasga meu peito. Lo não ficará apenas magoado com a notícia. Ele ficará arrasado. Como ele pode lidar com outra decepção, outra traição? Até imaginar a reação dele traz uma enxurrada de lágrimas, escorrendo pelo meu rosto.

Sinto uma vontade repentina de abrir a caixa e ver o que tem dentro. Antes de eu procurar uma faca, o barulho de sapatos ecoa, o som crescendo em minha direção. E então o barulho silencia na porta – a porta da *cozinha*.

Sara Hale coloca sua bolsa e o livro de capa dura no balcão. Seu cabelo castanho-dourado complementa seu vestido de verão florido. Assim que ela faz contato visual comigo, seu rosto brilhante se contrai. E então seu olhar cai para a caixa em minhas mãos.

— O que você está fazendo aqui? — Ela pergunta, sem tirar os olhos da caixa. — O que é isso? — Seus lábios têm espasmos. — Você precisa sair agora.

Cada vez que ela fala, mal consigo registrar as palavras. Elas entram por um ouvido e saem pelo outro.

— Você não me ouviu? — Seus olhos queimam com ódio. Eu não sei de onde está vindo. Não sei o que fiz com ela. — Saia da minha casa!

— Mãe, que diabos? — Ryke desce correndo as escadas e entra na cozinha, Lo logo atrás dele. Estou muito atordoada para fazer qualquer coisa.

— Você a trouxe aqui! — Sara grita, e então seus olhos pousam em Lo, que corre para o meu lado. — E *ele*?

Lo toca meu ombro e olha para a caixa em minhas mãos. — Lo — digo suavemente. Eu não sei mais nada. Estou tão confusa.

Ryke segue meu olhar, e antes que Lo ou eu possamos fazer algo, seus olhos castanhos brilham com fogo. Ele enfrenta sua mãe. — Que porra você fez? — Sua voz é cortante e fria.

— Tire-os daqui, Ryke — Ela retruca, apontando para a porta da frente.

— Que porra você fez?! — Ele grita, com as mãos na cabeça. Seu peito sobe e desce.

— Querido, vamos conversar sobre isso mais tarde. — Ela estende a mão para tocar o braço dele, mas Ryke recua, jogando as mãos para o alto.

— Que porra está acontecendo? — Ele diz. — Que porra você fez? — Ele balança a cabeça repetidamente, e é então que eu sei com certeza quem realmente vazou.

Ryke não teve nada a ver com o escândalo. O irmão de Lo é tão inocente quanto o resto de nós.

— Não quero falar na frente deles — diz Sara.

— Você disse à imprensa que Lily é uma viciada em sexo? — Ryke pergunta, seus olhos ficando vermelhos enquanto ele suprime emoções mais voláteis. Ele está prestes a explodir.

Sempre quis ver Ryke Meadows vacilar, mas não de algo assim.

— Ryke...

— Você disse a eles?! — Ele grita, segurando o balcão de granito.

— Sim — Ela diz de repente, tocando seu peito como se um peso tivesse sido tirado. Todo esse tempo, presumimos que o chantagista era um homem. No entanto, aqui está ela.

Lo está rígido ao meu lado, e se o culpado fosse qualquer outra pessoa, ele provavelmente estaria mandando a pessoa para o inferno com suas palavras. Acho que nós dois estamos mais preocupados com Ryke neste momento.

O silêncio doloroso se estende. Ryke fica parado, imóvel, e suas lágrimas se juntam e ameaçam cair.

— Ryke, querido — Sara diz —, você tem que entender que Jonathan...

— Para — Ryke diz, sua voz quebrando. — Entendo por que você fez isso. Você arruinou a vida de uma garota porque queria se livrar dele. Você queria que as pessoas soubessem que você foi traída. Você não podia dizer uma palavra sobre sua infidelidade por causa do contrato de divórcio. Mas se a mídia descobrisse inadvertidamente, você ainda ficaria com o dinheiro de Jonathan e todos saberiam sobre a verdadeira mãe de Loren. Diga-me que estou errado.

Ela não diz nada.

Ryke balança a cabeça novamente, sua voz tremendo ainda mais. — Então você *atortentou* Lily para machucar Loren, para retaliar contra o maldito Jonathan Hale, afetando o filho dele, e eu acho que você implicou com Lily por um tempo porque Jonathan estava se contorcendo. Você gostou disso. Você sentiu prazer com o estresse dele. E então, quando você vazou a notícia para a imprensa, seus amigos do clube do livro e todos os outros perceberam que você foi traída. Certo? Afinal, você não era a interesseira. Isso é ótimo, mãe. Parabéns. Você conseguiu.

— Ryke...

— Sabe o que mais você fez? — Ele pisca e as lágrimas caem. — Você perdeu seu único filho. — Ele vai se virar e Sara agarra seu braço.

— Espere, querido...

Ryke se desvencilha de seu aperto, mas para e a encara novamente. — O quê? O que você poderia dizer que justificaria aterrorizar uma garota por meses?

— Você nunca deveria conhecê-lo — Ela diz baixinho, suas bochechas molhadas com suas próprias lágrimas. Ela aponta para Lo. — Ele não é sua família.

— Ele é meu irmão! — Ryke grita. — Ele nunca me machucaria do jeito que você acabou de fazer. — Ele respira fundo, puxa a camisa e segura um grito. — Você não entendeu o que fez, mãe. Você ao menos sabe o que fez comigo? Você entendeu, porra?

O queixo de Sara treme enquanto ela chora. — Por favor, pare. Não vá. — Ela toca o braço dele.

— Você me fez escolher entre você e o papai durante toda a porra da minha vida. Você não pode me impedir de ter um relacionamento com Lo. Você não pode tomar essa decisão por mim.

— Eu sou sua mãe.

— E você mentiu para mim! — Ryke grita, dor envolvendo seu rosto. — Você arruinou a vida de alguém por causa de uma porra de briga, e estava disposta a *me* sacrificar fazendo isso.

— Não — diz ela, balançando a cabeça. — Se eu soubesse que você reagiria assim, eu nunca teria...

— Eu não acredito em você — diz ele categoricamente. — Se você me conhecesse, perceberia que eu te odiaria pelo que você fez. Eu posso te perdoar por muitas coisas. Mas isso... — Ele solta uma risada fraca como se estivesse preso dentro de um pesadelo. — Que porra é essa, mãe? — Ele respira fundo. — Vou embora em uma hora. Tenho mais algumas caixas.

Ela não consegue parar de chorar. Sara segura o balcão, esperando que Ryke venha para seus braços, para confortá-la e dizer que está tudo bem.

Mas ele mal consegue olhar para ela sem perder o fôlego.

— Apenas me responda uma coisa — diz Ryke. — Como você descobriu que ela era viciada em sexo? Eu nunca te disse isso. — Ele não disse? Eu pensei que talvez fosse assim que ela ficou sabendo.

Sara funga e gesticula para o bolso dele. — Seu celular... suas mensagens...

Oh, Deus.

Ryke aperta os olhos.

Ela leu suas mensagens. Tenho certeza de que muitas mencionam meu vício ou insinuam sobre ele. Ryke sempre perguntava como estava a terapia. Ele foi a primeira pessoa a dizer a Lo e a mim que a terapia de aversão é sádica e para parar de ver o Dr. Evans. E antes disso, ele provavelmente trocou mensagens com Lo sobre meu progresso com Allison.

Lo beija minha mão algumas vezes e enxuga minhas lágrimas com o polegar. Solto a palma da mão dele porque acho que nós dois sabemos que não sou eu quem está desmoronando agora. Eu nem preciso cutucar Lo. Ele está ao lado de seu irmão no segundo.

— Então você encontrou os números deles no meu celular? — Ryke pergunta, tentando suprimir mais lágrimas, seus olhos vermelhos.

— Eu só... — Ela chora em sua mão.

— Você o quê? — diz Ryke. — Você queria que eu parasse de sair com Lo? Você queria que o filho de Jonathan sofresse porque Lo me tirou de você?

Isso é... fodido, mãe. Isso é muito fodido.

— Por favor... parece pior do que é.

— Eu garanto a você, é tão ruim assim. — Ryke tenta respirar fundo, mas não consegue soltar o ar. — Bem, você conseguiu o que queria. Espero que esteja feliz com isso. — Ryke se vira para Lo. — Você pode me ajudar a terminar meu quarto? E então podemos sair daqui.

— Claro.

Deixamos sua mãe chorando no canto da cozinha. Quase me sinto mal. Quase. Mas quando vejo Ryke, essa pena dela se transforma em ódio novamente. Porque ela machucou o filho mais do que poderia me machucar. Isso era pessoal, e mesmo indo atrás de Jonathan, ela atingiu Ryke diretamente no coração.

A porta se fecha e Ryke se despedaça completamente.

Ele se agacha no meio do quarto, com as mãos na cabeça, incapaz de respirar fundo. — Que porra é essa? — Ele fica repetindo. — Que porra é essa? — Ele ri dolorosamente em um soluço quebrado.

Lo se inclina ao lado dele e coloca a mão em suas costas. — Ei, você está bem. Está tudo bem.

Ryke cobre o rosto com as mãos e grita, toda a raiva reprimida chegando. Ele de repente se levanta, seus olhos avermelhados pingando ao redor do cômodo, enlouquecido e coberto de lágrimas. Ele encontra um taco de *baseball*.

— Ei, ei — Lo diz, arrancando a arma da mão de Ryke.

— Preciso bater em alguma coisa — diz Ryke, inquieto.

— Apenas sente-se.

— Não posso! — Ryke grita. — Minha mãe arruinou sua vida! Nada disso teria acontecido se não fosse por...

E então Lo o puxa para o peito, para um abraço. Ryke hesita por um segundo, e me pergunto se ele vai liberar sua agressividade em Lo dando um soco nele. Em vez disso, ele agarra as costas da camisa de Lo, e eles ficam assim, com Ryke engasgando-se, com seu corpo vibrando em agonia e culpa, e Lo segurando com força, sem soltar.

— Não é sua culpa — diz Lo, segurando seu irmão mais velho.

Há muitos meses, os papéis se inverteram. Lo nunca teria sido forte o suficiente para apoiar outra pessoa, especialmente alguém que quase nunca

desiste.

Enxugo algumas lágrimas silenciosas. Eu conheço o tipo de remorso que coloca uma dor profunda em seu peito, do tipo que parece tão pesado quanto Atlas carregando o mundo. É esmagador.

— Me escuta — Lo diz baixo em seu ouvido. — Conhecer você foi a melhor coisa que já nos aconteceu. Estou sóbrio e Lily está em recuperação. Nada disso seria possível se não fosse por você. — Ele sacode Ryke e uma lágrima escorre dos olhos de Lo. — Você é a porra da razão de eu estar com a garota que amo; você é meu irmão, então, nunca se sinta culpado pelo que aconteceu agora. Isso não é culpa sua. — Ele levanta o rosto de Ryke para olhá-lo nos olhos. — Ei, você me ouviu?

Ryke assente várias vezes, tentando acreditar nas palavras. Depois de uma longa pausa, Ryke diz com uma voz tensa: — Nossos pais passaram tanto tempo se odiando que nem perceberam o que estavam fazendo conosco. — Ele balança a cabeça em transe.

Lo aperta seu ombro.

Fico quieto, não querendo incomodá-los, mas agradeço que, apesar de tudo isso, ambos tenham um ao outro. Mesmo que Sara e Jonathan repelisses seus filhos com suas brigas constantes, eles também inconscientemente atraíram seus filhos juntos.

Ryke olha para as caixas. — Nunca mais volto aqui.

— Tem certeza? — Lo pergunta.

— Sim — Ryke concorda. Ele dá um tapinha nas costas de Lo. — Sim, tenho certeza. — E através do silêncio, ouço as palavras que passam entre eles.

Você é minha família.

Acho que finalmente podemos seguir em frente.

CAPÍTULO 52

Loren Hale



Meu pai não me disse que Sara Hale era quem vazava para se proteger. Ou a mim.

Ele estava protegendo Ryke.

Embora a notícia tenha devastado Ryke, estou livre dessa dúvida. Eu posso parar de estar tão enraizado no ódio. Agora, posso tentar ser um homem melhor que meu pai. Posso respirar.

Meu punho bate em uma porta preta. Ninguém está ao meu lado. Ninguém está aqui para me apoiar. Estou sozinho com minha própria determinação e talvez meses atrás isso não fosse suficiente.

A porta se abre e quase bate de volta na minha cara. Seguro-a com uma mão.

— Me escuta — digo a ele.

Aaron Wells solta um suspiro exasperado, mas se rende ao meu apelo.

— O que você quer, Loren? Achei que já tínhamos conversado há quatro meses? Faz tanto tempo?

— Esta é uma conversa diferente.

Seus olhos escurecem e ele cruza os braços sobre o peito. — Você não vai entrar desta vez, e só para você saber, Julie não está em casa. Portanto, não tente gritar por ela também.

— Não quero falar com Julie.

— Então o que você quer? — *O que eu quero?* Por que as pessoas sempre me perguntam isso?

— Você me conheceu em um momento muito ruim da minha vida e estava apenas sendo legal ao me convidar para sua festa.

— E então você quebrou todas as garrafas de vinho da adega dos meus pais. Sim, eu me lembro — Ele diz. — Essa é sua maneira de se desculpar? Isso é como o Passo 7 no AA ou algo assim? Você tem que sair por aí e pedir perdão a todos com quem você fodeu?

Balanço minha cabeça. — Não é nada disso. Não estou pedindo que me perdoe e não posso perdoá-lo pelo que fez a Lily. Eu quero, mas talvez esse tipo de força esteja fora do meu controle.

Sua mandíbula trava, e eu sinto que ele está prestes a bater a porta na minha cara. — Mas — digo rapidamente —, um de nós deveria ter sido a pessoa mais madura e impedido antes que saísse do controle.

— Você quer dizer antes de você e seu pai garantirem que eu não seria aceito em uma Ivy League — Ele rosna. — Obrigado por isso.

— Olha, você não precisa ser meu amigo nem nada. Você pode me odiar o quanto quiser, mas vim aqui para lhe dizer que sinto muito. — As palavras são difíceis de produzir e não me sinto exatamente melhor ao dizê-las. Eu não estou procurando por esse alívio. Eu só sei que isso é certo. E é isso que eu tenho que fazer. — Acabou — digo. — Qualquer merda que tivemos no passado, é passado para mim. Você quer carregá-lo, tudo bem. Independentemente disso, quero que você fique com isso. — Tiro dois envelopes brancos do bolso de trás.

Seus olhos brilham sobre eles com curiosidade e então ele bufa. — Você está comprando meu perdão com ingressos para *Wrigley Field*?

— Você me disse que não poderia conseguir um emprego e competir com os graduados da Ivy — digo. — Isso deve ajudar a iniciar sua carreira. Greg Calloway e meu pai escreveram referências para você. Sei que há muita energia ruim com as empresas, mas a Fizzle e a Hale Co. ainda são mundialmente conhecidas. Ainda significam alguma coisa.

Aaron olha para as letras e balança a cabeça. — Não quero a porra da sua caridade, especialmente se você só está fazendo isso para se sentir melhor.

— Estou fazendo isso porque é certo — digo irritado. — Queime se quiser. E eu prometo, você nunca mais terá que me ver.

Viro-me e desço os degraus de pedra. Lily espera por mim no carro, batendo com as mãos no painel e cantando em voz alta qualquer música que

saía pelos alto-falantes. Eu sorrio imediatamente.

— Loren!

Olho para trás. O rosto de Aaron se suavizou em algo menos odioso. Quase como na primeira vez que o conheci, quando ele era apenas aquele garoto legal do lacrosse me convidando para sua festa. — Sinto muito também — diz ele.

Ouvir as palavras é quase tão difícil quanto dizê-las. Eu o vejo aterrorizando Lily por meses, encurralando-a nos corredores. Percebo como deve ter sido difícil me ouvir dizer a mesma coisa. Minha garganta se fecha antes que eu possa falar. Então, eu apenas aceno.

Olho para Lily novamente.

Ela é meu passado, meu presente, meu futuro. Então, quando abro a porta e deslizo para o banco do motorista, não fico surpreso ao sentir que estou voltando para casa.

Meus nervos disparam quanto mais perto chegamos de nossa casa em Princeton. Não consigo parar de me mexer, e Lily fica me olhando de um jeito estranho. Eu conto uma história sobre um novo cliente da *Halway Comics*.

Nosso apartamento parece abandonado quando entramos.

— Rose! — Lily chama. Ela não sabe que Rose está hospedada na casa de Connor esta noite, que eu desocupeí este lugar especificamente para nós.

— Ela deve estar trabalhando até tarde — digo.

— Ela trabalha demais. — Lily vai para a cozinha. — Talvez devêssemos preparar o jantar para ela... — Ela pensa sobre isso, provavelmente lembrando que não sabe cozinhar. — Ou pedir o jantar dela e levar para o escritório? Ela gostaria disso.

Ela gostaria. Se ela estivesse em seu escritório.

— Tenho certeza de que Connor já entregou o jantar para ela — digo, enganchando meus dedos nas presilhas de seu cinto.

— Verdade. Ele tem passado mais tempo com ela ultimamente, não é? Eu acho que ele está preocupado que outro Sebastian vá enganar a mente dela.

Estou surpreso por ela não estar se concentrando no fato de que a estou

puçando para o meu peito. Está ficando cada vez mais fácil tocar Lily sem que ela pule em meus ossos como um animal selvagem. A parte excitada e insana em mim provavelmente sentirá falta de seu impulso sexual louco. Mas a parte em mim que a ama, aquela que escolho ouvir, está tão orgulhosa dessa garota.

— Que tal encerrarmos a noite? — digo e deslizo minha mão na parte de trás de sua calça jeans.

Ela se engasga um pouco e agarra minha camiseta. — Esse é o código para a posição que vamos assumir? — Ela pergunta com um sorriso encantado.

— Eu não falo em código. Você saberá exatamente o que quero. — Eu aperto sua bunda. — Meu. Quarto. Agora. — Meus dentes pegam o lóbulo de sua orelha levemente, e sua respiração se aprofunda. Então eu pressiono beijos leves como plumas em seu pescoço. No quarto, ela se contorce de tanto rir.

— OK! OK! OK! — Ela joga as mãos para cima em sinal de rendição. — Não me faça cócegas com seus beijos! Isso é jogo sujo.

Não consigo parar de sorrir.

Ela gira sobre os calcanhares e eu a sigo escada acima. Ela para algumas vezes para verificar se estou bem atrás dela. Na terceira vez, dou uma olhada nela. — Você acha que eu vou desaparecer, amor?

— Talvez — Ela diz suavemente e corre o resto do caminho.

Ela pressiona as costas contra a porta, bloqueando nossa entrada. Tento manter a calma, mas sei o que está por trás daquelas portas. E ela, sem saber, prolonga esse processo.

— Acho que vou engordar com os scones — Ela me diz, saboreando o fato.

— Você deveria vender os scones, não os comer.

— Quem fez essas regras?

— Capitalistas.

Ela torce o nariz. — Eu gosto mais do meu jeito.

Eu aceno para a porta. — Você vai entrar?

— Estou tentando algo novo — Ela me diz. — Restrição.

Jesus Cristo. Ela tem que escolher *esta noite* para sua realização pessoal? — Devemos discutir rosquinhas a seguir? — digo brincando.

Ela parece estar levando isso em consideração seriamente, e eu desisto. Passo a mão por sua cintura e giro a maçaneta, abrindo a porta atrás de suas

costas.

Seus olhos ficam grandes, e ela ainda não se vira. — Você está me testando?

Coloco minhas mãos em seus ombros e a conduzo de costas, levando-a lentamente para o nosso quarto. Passo a passo. Seus olhos se fixam nos meus até que ela olha para baixo, obviamente sentindo algo macio sob seus pés descalços.

— O que...

Pétalas vermelhas decoram o chão do quarto enquanto velas queimam na cômoda e na mesa de cabeceira. É simples e perfeito. Eu caio de joelhos.

Suas mãos pressionam seus lábios, e vejo aquele anel berrante na mão dela brilhando de volta para mim. Representa coerção e engano, todas as razões erradas para um casamento que deve ser preenchido de amor. Vivemos mentiras por muito tempo. Estou pronto para que isso seja honesto, não outra farsa. Estou tão pronto para ela tirar isso. Seus olhos já cheios de lágrimas e eu ainda nem falei.

Puxo uma pequena caixa do meu bolso. Colorida e embrulhado em tiras de quadrinhos.

Todos os meus nervos se infiltram em mim. Estou cheio de outra coisa, algo quente e puro que me faz nunca querer deixar esse momento.

— Lily Calloway, você quer se casar comigo, de verdade desta vez?

Abro a caixa, e um rubi cortado em um coração brilha para ela. Diamantes circundam.

— Sim! — Ela pula um pouco, lágrimas escorrendo dos cantos dos olhos. Eu me levanto, com um beijo, a planto firmemente de volta à terra. Ela emaranha os dedos no meu cabelo e *me* deixa aprofundar o beijo.

Quando me separo dela, ela começa a puxar seu anel berrante. Ela fica de olhos arregalados. — Lo, não está saindo — Ela entra em pânico. — Não está saindo!

— Calma — Falo. Eu testo, mas está apertado em torno de seu dedo inchado. Talvez ela esteja ganhando algum peso. Eu beijo a testa dela e pego sua mão na minha, levando-a ao banheiro. Passamos alguns minutos encharcando o dedo no sabão antes que o anel se solte e fazer barulho no balcão.

E se meu anel não se encaixar nela?

Ela pega a caixa e eu a pego dela. — Me permita — digo.

Ela estende a mão. O anel desliza sem esforço, o sabonete restante no dedo provavelmente ajudando. Ela avalia o rubi e a banda por um longo momento. — Adorei, Lo. — Os olhos dela brilham quando encontram os meus. — Te amo mais.

Afinal, conseguimos. Anos e anos de erros, parece um sonho estar aqui neste momento. Agora mesmo. Sóbrio. Vivo. Com ela.

Eu a puxo para mim e me inclino para um beijo. Sua mão instintivamente se levanta e desliza pela parte de trás dos meus ombros. Quando nos separamos, descanso minha testa na dela. Nossas respirações se misturam e eu digo: — Tenho outra proposta. Ou ... mais como uma confissão.

— É ruim? — Ela sussurra.

— Terrível.

Ela não se afasta de nossa proximidade e seus olhos flutuam para os meus lábios. — Posso lidar com isso.

— Eu não sei.

Seus lábios se contorcem quando ela reconhece o tom da minha voz. Oh, como eu amo provocá-la.

Eu cutuco meu nariz com o dela antes que meus lábios encontrem sua orelha. Eu o mordisco suavemente antes de dizer: — Confesso que gostaria muito de fazer amor com você. — Meu coração faz uma dança nas últimas palavras. Nunca dizemos *fazer amor*. Nós fodemos. Nós damos uma. Nós batemos uma. Fazer amor é para os de coração gentil sem passado com revestimento de alcatrão. Lily afirma que não merece fazer amor, mas estou determinado a mudar sua atitude.

— É diferente de foder? — Ela me pergunta com olhos arregalados.

— Muito.

Caramba as linhas enrugam sua testa. — Como?

— Eu vou te mostrar.

Seus olhos iluminam com possibilidades, mas ela não insiste, não me pede nem me obriga mais. Ela espera por mim.

Assim como eu pedi.

A boa notícia é que a *Editora Bezz* está mais do que disposta a trazer as três séries que compõem a história das famílias. As duas gerações. Primeiro, as Calloway (dentro das séries *Addicted* e *Irmãs Calloway*), depois, os filhos destes (na série *Like us*).

... E SUA PARTICIPAÇÃO!

Para isso, contamos com a sua colaboração em fazer dessas séries um sucesso, assim como elas são lá fora, especialmente nas indicações literárias do *Tik Tok*. Adquirindo os livros oficiais e-books e/ou impressos (e não cópias piratas), deixando suas impressões/resenhas nos principais *sites* de venda, assim como em estantes virtuais (*Goodreads* e/ou *Skoob*), e em suas mídias sociais. Isso garantirá com que as séries não sejam descontinuadas, e possamos ter todos esses livros nas nossas estantes.

Adquiram. Indiquem. Comentem.

A lista de livros será atualizada abaixo a cada novo lançamento.

Série Addicted

Viciado em Você

Ricochete

Viciado por enquanto

Série Irmãs Calloway

Série Like us

Danificados

Apaixonados

SOBRE AS AUTORAS

Krista e Becca Ritchie são autoras *bestsellers* do *New York Times* e *USA Today*, e gêmeas idênticas – uma, nerd de ciências, a outra, geek de quadrinhos –, mas com a paixão compartilhada pela escrita. Elas combinaram seus poderes mentais quando crianças e nunca pararam de contar histórias. Elas amam super-heróis, personagens falhos e amor de almas gêmeas. As séries conectadas das três famílias – Hale, Cobalt e Meadows – são o carro-chefe que lhes trouxeram fama, e que chegam ao Brasil através da *Editora Bezz*.

CONECTE-SE COM ELAS

WWW.KBRITCHIE.COM

WWW.FACEBOOK.COM/KBRITCHIE

WWW.INSTAGRAM.COM/KBMRITCHIE

WWW.PINTEREST.COM/KBMRITCHIE

Notes

[←1]

[N. do T.] A título de manter a ironia do diálogo em inglês, a disciplina Estatística (*Statistics*, em inglês. *Stats*, no diminutivo) terá a grafia *Estats*, no diminutivo em português.

[←2]

Referência ao próprio nome, Lily – lírio, em inglês.

Temporada e Estação do ano são a mesma palavra em inglês, *Season*.

Referência ao personagem de Charles Dickens, em *A Christmas Carol* (*Um Cântico de Natal*, ou *Um Conto de Natal*), de 1843.